

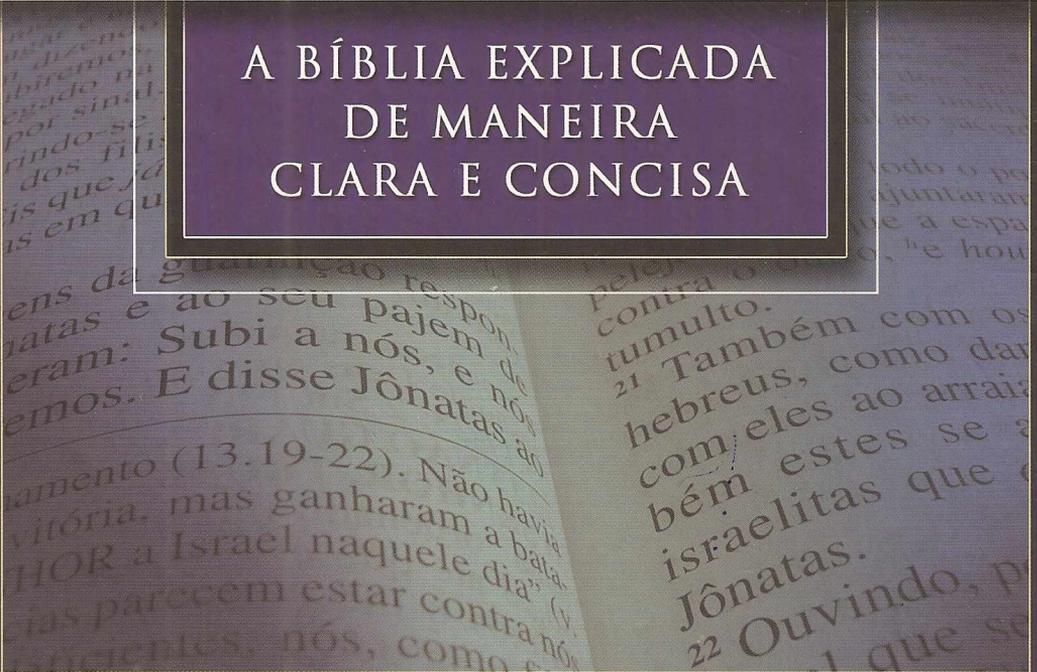
WARREN W. WIERSBE

COMENTÁRIO
BÍBLICO

WIERSBE

ANTIGO TESTAMENTO

A BÍBLIA EXPLICADA
DE MANEIRA
CLARA E CONCISA



Comentário Bíblico
Wiersbe

Antigo Testamento

Warren W. Wiersbe



REIS BOOK'S DIGITAL

Comentário Bíblico
Wiersbe

Volume I
Antigo Testamento

Warren W. Wiersbe

Traduzido por Regina Aranha

Geográfica
editora

Santo André, SP - Brasil
2008

Copyright© 1993 por Victor Books SP Publications, Inc.
Publicado originalmente por Cook Communications Ministries, Colorado, EUA.
Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por
Geográfica Editora Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Título original em inglês: *Wiersbe's Expository Outlines on the Old Testament*
Comentário Bíblico Wiersbe Antigo Testamento/Warren W. Wiersbe
Rio de Janeiro: 2009
688 páginas
ISBN: 978-85-89956-63-5
1. Comentário bíblico. Teologia/ Referência

Editor Responsável

Marcos Simas

Coordenação editorial

Aldo Menezes

Revisão Teológica

Jefferson Magno Costa

Tradução

Regina Aranha

Revisão de Tradução

Maria Helena Penteado

Revisão de provas

Josemar Pinto

Capa

Magno Paganeli

Diagramação

Pedro Simas

Impressão e acabamento

Geográfica Editora

1ª edição: Dezembro/2008

Os textos das referências bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

GEOGRÁFICA EDITORA LTDA
Av. Presidente Costa e Silva, 2151
Parque Capuava - Santo Andre – SP - Brasil
www.geograficaeditora.com.br

DEDICATÓRIA

Dedicado com grato apreço à memória do
dr. D. B. Eastep (1900-1962), pastor amoroso e fiel,
talentoso comentarista da Palavra, mentor devoto
para todos os pastores.

SUMÁRIO

Prefácio	9		
<i>Antigo Testamento:</i>			
<i>Notas introdutórias</i>	11	Provérbios.....	501
Gênesis.....	15	Eclesiastes.....	527
Êxodo	89	Cântico dos Cânticos	535
Levítico.....	149	Isaías.....	541
Números.....	179	Jeremias.....	565
Deuteronômio.....	205	Lamentações	577
Josué.....	223	Ezequiel.....	583
Juízes.....	249	Daniel	591
Rute.....	265	<i>Profetas menores:</i>	
		<i>Notas introdutórias</i>	625
<i>Livros históricos:</i>			
<i>Notas introdutórias</i>	273	Oséias	627
1 Samuel.....	273	Joel	631
2 Samuel.....	305	Amós	635
1 Reis.....	331	Obadias.....	639
2 Reis.....	359	Jonas.....	643
1—2 Crônicas.....	395	Miquéias.....	647
Esdras.....	411	Naum	651
Neemias.....	423	Habacuque.....	655
Ester.....	437	Sofonias.....	659
Jó.....	449	Ageu.....	663
Salmos.....	465	Zacarias.....	667
		Malaquias.....	675

Prefácio

O objetivo deste livro é guiá-lo por todo o Antigo Testamento e oferecer-lhe a oportunidade de estudar cada livro e seus capítulos estratégicos com a finalidade de aprender como eles se ajustam à revelação completa que Deus nos deu de Cristo e sua obra redentora. Os estudos são concisos, práticos e especificamente úteis às aulas de escola dominical ou aos grupos de estudos bíblicos que queiram examinar a Palavra de Deus de forma sistemática.

Esses estudos nasceram das aulas que preparei para a Calvary Baptist Church, em Convington, Kentucky, em que ministrei de 1961 a 1971. O dr. D. B. Eastep, meu piedoso predecessor, legou-nos o “Curso de Estudo Completo da Bíblia”, que guiava o estudante ao longo da Bíblia em sete anos: três no Antigo Testamento e quatro no Novo Testamento. Fazia cópias e distribuía as lições, semana a semana, aos alunos da Escola de Bíblia. No fim, quando começaram a chegar pedidos de outras igrejas que queriam seguir o mesmo cronogra-

ma de estudo, reuniram as lições em formato de cadernos. A Calvary Book Room, ministério de literatura da igreja, publicou-as. Milhares de cadernos com esses esboços foram distribuídos pelo mundo inteiro, e o Senhor abençoou-os de forma singular.

Quando decidi que já era tempo de publicar os estudos de forma mais permanente, contatei Mark Sweeney, da Victor Books, e ele ficou muito feliz em trabalhar comigo nesse projeto. Revisei e atualizei o material, acrescentando uma seção sobre 1—2 Crônicas, que não havia no estudo original; mas não houve mudança na posição teológica ou nas interpretações básicas.

Se você já usou qualquer dos volumes da minha coleção *Comentário Bíblico Expositivo*, reconhecerá uma abordagem semelhante nestes estudos. Entretanto, neste livro há material que não se encontra nessa coleção, e ele foca capítulos estratégicos, em vez de adotar a abordagem versículo por versículo. Mesmo se você tiver meu *Comentário Bíblico Expositivo*, achará este novo volume útil para seus estudos.

Gostaria de registrar meu profundo apreço à sra. D. B. Eastep, responsável muitos anos pela Calvary Book Room, por supervisionar a publicação e a distribuição do original deste livro. Ela e sua equipe aceitaram essa difícil tarefa como um mi-

nistério de amor, pelo qual o Senhor os recompensará grandemente.

Não posso nomear individualmente todas as pessoas queridas da Calvary Baptist Church que participaram da produção das lições originais e depois dos cadernos, mas elas sabem que fazem parte deste projeto, como também sabem que as amo e prezo o ministério de sacrifício delas. Algumas delas estão no céu e sabem, em primeira mão, como Deus usou, em todo o mundo, estes estudos simples, cujo objetivo era ganhar o perdido e edificar sua igreja.

Robert Hosack, meu editor na Victor Books, merece agradecimentos especiais por sua paciência e encorajamento, em especial quando eu lutava para que o programa do computador funcionasse de forma correta para que pudesse editar rapidamente o material.

Por fim, minha esposa, Betty, certamente merece uma coroa especial para premiá-la pelas horas que me deu para o estudo bíblico e a escrita enquanto preparava este material. Não seria fácil para o pastor de uma igreja grande e em crescimento, pai de quatro crianças ativas, encontrar tempo para escrever estas lições; mas Betty estava sempre lá para manter a casa funcionando de forma tranqüila, para cuidar das chamadas telefônicas e das interrupções e para me encorajar a praticar a filosofia de Paulo de “mas uma coisa faço” (Fp 3.13).

Oro para que o *Comentário bíblico Wiersbe* resulte em um ministério vasto e fecundo para a glória de Deus.

WARREN W. WIERSBE

Antigo Testamento

Notas introdutórias

I. Nome

A palavra “testamento” significa “aliança” e refere-se a um acordo entre os homens ou entre Deus e os homens. O Antigo Testamento, no que diz respeito à Bíblia, é o registro da antiga aliança, a aliança que Deus fez com os judeus no monte Sinai; e o Novo Testamento é o registro da nova aliança que Jesus fez por intermédio de seu sangue. Do ponto de vista literário, o Antigo Testamento inicia-se com Gênesis e termina com Malaquias, enquanto o Novo Testamento inicia-se com Mateus e termina com Apocalipse. Entretanto, do ponto de vista doutrinal e dispensacional, esse não é o caso, pois a antiga aliança inicia-se, de fato, em Êxodo 20 e é posta de lado na cruz (Cl 2:14). A nova aliança inicia-se com a morte de Cristo e continuará com o povo de Deus para sempre. Em sentido amplo, podemos dizer que o Antigo Testamento é o registro da conduta de Deus com seu povo terreno sob a Lei, e o Novo Testamento é o re-

gistro do comportamento de Deus com seu povo celestial (a igreja) sob a graça. A linha divisória entre eles é a cruz, não a página em branco entre Malaquias e Mateus!

II. Propósito

Muitos cristãos evitam o Antigo Testamento, pois pensam que não há mensagens para eles nele ou que é muito difícil de entender. No entanto, por favor, percebam que o Antigo Testamento era a única Bíblia que Cristo, os apóstolos e a igreja primitiva possuíam. Quando Paulo refere-se às “Escrituras”, ele fala dos livros do Antigo Testamento. Praticamente, os escritos do Novo Testamento referem-se a todos os livros do Antigo Testamento ou os citam. Considere o propósito quádruplo dos escritos do Antigo Testamento:

A. Fundação

Se não fosse pelos registros do Antigo Testamento, não teríamos nenhuma informação a respeito da origem do universo, da origem do homem, do início do pecado, do nascimento da nação hebraica ou dos propósitos de Deus para o mundo. Podemos traçar de volta à história do Antigo Testamento cada doutrina do Novo Testamento. Se quisermos interpretar de forma correta o Novo Testamento, precisamos compreender o registro do Antigo Testamento.

B. Preparação

O Antigo Testamento revela a preparação de Deus para a vinda de seu Filho ao mundo. Em Gênesis, vemos a necessidade de um Salvador e a promessa de que virá por intermédio da mulher, da nação judaica e da tribo de Judá. O resto do Antigo Testamento amplia esses fatos e mostra como Satanás tentou destruir a nação judaica a fim de evitar o nascimento de Cristo. Gênesis 3:15 indica que há duas "sementes" em conflito no mundo, a semente de Satanás e a de Cristo, e, a partir de Gênesis 4, vemos esse conflito.

C. Tipificação

O Antigo Testamento é a galeria de quadros de Deus que mostra sua verdade em tipos e símbolos. Cada doutrina do Novo Testamento tem uma tipificação no Antigo Testamento. O cordeiro pascal, de Êxodo 12, é um retrato de Cristo (Jo 1:29; 1 Co 5:7). O tabernáculo do Antigo Testamento tipifica a ressurreição; a unção com óleo retrata o Espírito Santo; etc. Quando estudar o Antigo Testamento, certifique-se de usar a luz do Novo Testamento para dissipar as sombras (Cl 1:17) e de procurar a pessoa e a obra de Cristo.

D. Demonstração

O Antigo Testamento é um livro prático que mostra os fracassos e os

sucessos do povo de Deus. Vemos Deus demonstrar seu poder na vida das pessoas, mas também vemos o que o pecado e a incredulidade fazem às pessoas. Deus registrou esses pecados e sucessos para nosso benefício (1 Co 10:11). Quando vemos homens como Abraão, Moisés e Davi superarem seus problemas por meio da fé, sentimo-nos encorajados e esperançosos (Rm 15:4). As orações de Salmos e os conselhos práticos de Provérbios ajudam-nos em nossa vida diária se confiarmos e obedecermos.

O dr. Griffith-Thomas, em seu excelente livro *Methods of Bible Study* [*Métodos de estudo bíblico*], afirma que o Antigo Testamento é um livro de: (1) profecias não cumpridas, (2) cerimônias não explicadas e (3) anseios não satisfeitos. No Novo Testamento, temos o cumprimento dessas profecias, a explicação dessas cerimônias e a satisfação desses anseios, e, é claro, a realização de tudo isso acontece por intermédio do nascimento, da vida, da morte e da ressurreição de Jesus Cristo.

III. Análise

Encontramos, em cada divisão da Bíblia, acontecimentos históricos, experiência pessoal e expectativa profética. O Antigo Testamento conta-nos a história do povo terreno de Deus, Israel, quando preparava o

caminho para o nascimento de Cristo, e o Novo Testamento conta-nos a história da igreja como o povo de Deus que vive para Cristo e aguarda com ansiedade o retorno dele. Você pode delinear as principais mensagens do Antigo Testamento como mostramos a seguir:

- *Fundação* (Gênesis—Deuteronômio): fundamento para o relato do restante da Bíblia.
- *Demonstração* (Josué—Ester): Deus em obra na vida dos indivíduos e das nações.
- *Aspiração* (Jó—Cântico dos Cânticos): o anseio do povo de Deus em busca de experiência pessoal com o Senhor.
- *Expectativa* (Isaías—Malaquias): profecias sobre o Cristo prometido e o justo reino de Deus.

IV. Princípios de estudo

A. *Revelação progressiva*

O Antigo Testamento revela gradualmente as verdades divinas, mas apenas atingimos a plena luz da verdade de Deus no Novo Testamento. Por isso, tome cuidado para não construir doutrinas fundamentadas em versículos isolados do Antigo Testamento, especialmente de Salmos e Eclesiastes, e ignorar os ensinamentos claros do Novo Testamento. Lembre-se do antigo adágio: “O Antigo esconde o Novo, e o Novo

revela o Antigo”. Os princípios de Deus não mudam, mas suas dispensações sim.

B. *Cristo*

Nosso Senhor Jesus Cristo é a chave para a Bíblia, e é impossível entender o Antigo Testamento sem o levarmos em consideração. Como Graham Scroggie habilmente observa: “Cristo é profetizado no Antigo Testamento, está presente nos Evangelhos, é proclamado em Atos, é mais bem compreendido nas Epístolas e predomina em Apocalipse”. No Antigo Testamento, as experiências da nação judaica são os elos na cadeia que leva ao nascimento dele, em Belém. Cada tipo ou cada símbolo é um retrato dele. Olhe para Cristo, e o Antigo Testamento torna-se um novo livro para você!

C. *Referências cruzadas*

Siga as referências cruzadas do Antigo Testamento no Novo Testamento. Há muitas Bíblias em português com excelentes referências cruzadas. Talvez você queira adquirir a obra clássica de R. A. Torrey, *The Treasury of Scripture Knowledge* [*O tesouro de conhecimento das Escrituras*], um livro com quinhentas mil referências cruzadas que cobrem quase todos os versículos da Bíblia. Certifique-se de estudar cada pessoa, evento ou doutrina do Antigo Testamento à luz da revelação do Novo Testamento. Isso

acrescentará toda uma nova dimensão ao seu estudo.

D. Obediência

Não basta estudar o Antigo Testamento e encontrar verdades maravilhosas sobre Cristo e sua salvação. Precisamos aprender as lições práticas e pô-las em operação em

nossa vida! “Toda a Escritura é [...] útil para o ensino [...], para a educação na justiça...” (2 Tm 3:16-17), e isso inclui o Antigo Testamento. É maravilhoso compreender a verdade histórica, doutrinal e dispensacional, mas nosso estudo é vão se não levar à verdade prática, ao viver devoto.

GÊNESIS

Esboço

- I. História da humanidade em geral (1—11)
 - A. Criação dos céus e da terra (1—2)
 - B. Adão e sua família (3—5)
 - Queda do homem (3)
 - C. Noé e sua família (6—11)
 - O dilúvio (6—10)
 - A rebelião de Babel (11)

- II. História de Israel em particular
 - A. Abraão — o pai que deu seu filho (12:1—25:18)
 - B. Isaque — o filho que recebeu uma noiva (25:19—26:35)
 - C. Jacó — a carne *versus* o Espírito (27:1—36:43)
 - D. José — a providência de Deus (37:1—50:26)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

“Gênesis” origina-se de uma palavra grega que significa “início” ou “geração”. Mateus 1:1 traduz a palavra “gênesis” por “geração”. Gênesis é o livro das gerações ou dos inícios. Há dez gerações citadas no livro: os céus e a terra (2:4); Adão (5:1); Noé (6:9); Sem (11:10); Tera (11:27); Ismael (25:12); Isaque (25:19); Esaú (36:1); e Jacó (37:2). Gênesis, o ponto de partida para toda a Bíblia, registra para nós o importante início do universo, da história humana, da civilização, do pecado, da salvação, do sacrifício, do casamento e da família.

II. Autor

Em geral, concorda-se que Moisés escreveu os primeiros cinco livros da Bíblia, chamados de “Pentateuco” (do grego *penta*, “cinco”, e *teuchos*, “o recipiente em que se guarda o livro”). É claro, Moisés não estava vivo quando ocorreram os eventos de Gênesis, mas o Espírito dirigiu sua escrita (2 Pe 1:20-21). Jesus considerava Moisés o autor desses cinco livros atribuídos a ele (veja Jo 5:45-47), e a autoridade de nosso Salvador é mais que suficiente para nós.

III. Propósito

Ao ler Gênesis, observe que os primeiros 11 capítulos são gerais e

sem muitos detalhes; ao passo que, a partir do capítulo 12, o restante do livro apresenta, com muitos detalhes, a vida de quatro homens: Abraão, Isaque, Jacó e José. Como você observará no esboço de Gênesis, a primeira seção (1—11) trata da humanidade em geral e explica a origem do homem e do pecado, enquanto a última seção (12—50) trata especificamente de Israel. Isso indica que o objetivo do livro é explicar a origem do homem e seu pecado e de Israel e o plano de salvação de Deus. Aliás, um dos temas-chave de Gênesis é a eleição divina.

Iniciamos com os “céus e a terra”, mas depois Deus escolhe lidar com a terra, não com os céus; a partir desse ponto, o tema é o plano de Deus na terra. Deus, ao escolher a terra, deixa de lado os anjos (até mesmo os anjos caídos) e os eleitos a fim de lidar com o homem. Deus escolhe Sete (4:25) entre os muitos filhos de Adão. Deus escolhe Noé (6:8) entre os muitos descendentes de Sete (Gn 5), e, da família de Noé, ele escolhe Sem (11:10), Tera (11:27) e, por fim, Abraão (12:1). Abraão tem muitos filhos; Isaque, porém, é a semente escolhida (21:12). Isaque tem dois filhos, Jacó e Esaú, e Deus escolhe Jacó para ser o recipiente de sua graça.

Tudo isso revela a eleição benevolente de Deus. Nenhuma dessas pessoas escolhidas era merecedora dessa honra; a eleição deles, como

a de todos os crentes, resultou totalmente da graça de Deus. Gênesis ilustra, em paralelo à graça eletiva de Deus, o maravilhoso poder e a magnífica providência de Deus. Os homens podiam desobedecer ao Senhor e duvidar dele, contudo ele governa e domina para alcançar seus propósitos. Se, em Gênesis, o plano dele fracassasse, séculos depois não nasceria o Messias em Belém.

IV. Gênesis e Apocalipse

Os inícios registrados em Gênesis tiveram seu cumprimento em Apocalipse. Deus criou o céu e a terra (Gn 1:1) e, um dia, criará um novo céu e uma nova terra (Ap 21:1). Satanás atacou primeiro o homem (Gn 3), contudo será derrotado em seu último ataque (Ap 20:7-10). Deus fez as trevas e a luz (Gn 1:5), mas um dia não haverá mais noite (Ap 21:23; 22:5), não haverá mais mares (Gn 1:10; Ap 21:1) e a maldição será retirada da criação (Gn 3:14-17; Ap 22:3). Deus expulsou o homem do jardim (Gn 3:24), mas o povo de Deus será bem-vindo no paraíso celestial (Ap 22:1ss), e a árvore da vida será restaurada para o homem (Ap 22:14). A Babilônia será destruída (Gn 10:8-10; Ap 17—19) e cumprir-se-á a promessa do julgamento de Satanás (Gn 3:15; Ap 20:10).

V. Cristo em Gênesis

De acordo com Lucas 24:27,44-45, encontramos Cristo em “todas as

Escrituras”. A seguir, apenas umas poucas referências a Cristo existentes em Gênesis.

1. A Palavra criativa — Gênesis 1:3; João 1:1-5; 2 Coríntios 4:3-7

2. O último Adão — Romanos 5; 1 Coríntios 15:45

3. A semente da mulher — Gênesis 3:15; Gálatas 3:19; 4:4

4. Abel — Gênesis 4; Hebreus 11:4; 12:24

5. Noé e o dilúvio — Gênesis 6—10; 1 Pedro 3:18-22

6. Melquisedeque — Gênesis 14; Hebreus 7—10

7. Isaque, o filho da promessa — Gênesis 17; Gálatas 4:21-31 (Isaque retrata Cristo em seu nascimento miraculoso, em sua disposição para morrer, em sua “ressurreição” [Hb 11:19] e ao tomar uma noiva. É claro, Jesus verdadeiramente morreu e levantou-se da morte. Em Isaque, esses eventos são apenas simbólicos.)

8. O Cordeiro — Gênesis 22:7-8; João 1:29

9. A escada de Jacó — Gênesis 28:12ss; João 1:51

10. José — Gênesis 37—50 (Rejeitado por seus irmãos, amado do Pai; sofreu injustamente; exaltado para reinar. Os irmãos de José não o reconhecem na primeira vez que o vêem, mas o reconhecem na segunda. Da mesma forma que Israel reconhecerá o Messias.)

GÊNESIS 1

Vamos nos restringir a algumas verdades principais que encontramos nessa importante passagem.

I. O Criador

Nenhum cientista ou historiador pode aperfeiçoar esta afirmação: "No princípio, criou Deus...". Essa simples afirmação refuta os ateístas, que dizem que Deus não existe; os agnósticos, que afirmam que não podemos conhecer Deus; os politéístas, que adoram muitos deuses; os panteístas, que dizem que toda a natureza é Deus; os materialistas, que declaram que a matéria é eterna, e não criada; e os fatalistas, que ensinam que não há um plano divino por trás da criação e da história. Vemos a personalidade de Deus nesse capítulo, pois ele fala, vê, nomeia e abençoa. O cientista pode afirmar que a matéria apenas "passou a existir", que a vida "aconteceu por acaso" e que todas as formas complexas de vida "evoluíram gradualmente" de formas inferiores, mas não pode provar isso. Admitimos que há mudanças em meio às espécies (como o desenvolvimento do cavalo e do gato doméstico), mas não aceitamos que haja transformação de um tipo de

criatura em outra espécie. Por que Deus criou o universo? Com certeza, não para acrescentar algo a si mesmo, já que ele não precisa de nada. Na verdade, a criação limita Deus, uma vez que agora o Eterno confina-se a trabalhar no tempo e na história humana. A Palavra deixa claro que Cristo é o Autor, o Sustentador e o Objetivo da criação (Cl 1:15-17; Ap 4:11). Cristo, a Palavra viva, revela Deus na Palavra escrita e no livro da natureza (Jo 1:1-5; veja também Sl 19).

O que a criação revela a respeito de Deus? A criação revela: (1) sua sabedoria e poder (Jó 28:23-27; Pv 3:19); (2) sua glória (Sl 19:1); (3) seu poder e divindade (Rm 1:18-21); (4) seu amor pelo insignificante homem (Sl 8:3-9); (5) seu cuidado providencial (Is 40:12ss). Nosso Senhor, quando estava na terra, viu a mão graciosa do Pai mesmo nas flores e nas aves (Mt 6:25ss).

Em Gênesis 1, em hebraico, o nome de Deus é *Elohim* — o nome de Deus que o liga a sua criação. A raiz básica do nome é *El*, que significa "poderoso", "forte", "proeminente". Em 2:4, temos "SENHOR Deus", que é *Yahweh Elohim*. *Jeová* é o nome de Deus na aliança e o liga ao seu povo. Este é o nome que ele deu quando falou com Moisés: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3:14-15). Isso significa que ele é o Deus auto-existente, imutável.

II. A criação

A existência dos anjos e a queda de Satanás são anteriores à criação, pois os anjos ("filhos de Deus") cantaram na criação (Jó 38:7). Na criação original, Lúcifer era o ser mais alto entre as criaturas criadas por Deus (veja Ez 28:11-19), mas ele quis usurpar o lugar de Deus (Is 14:12-17). Em Gênesis 3, já vemos Satanás em cena; portanto, sua queda aconteceu antes disso.

A terra era "sem forma", portanto Deus, nos três primeiros dias, formou o que queria. A terra estava "vazia", portanto Deus encheu-a com o que havia formado. Deus expandiu os céus ("firmamento") e encheu-os de estrelas e de planetas. Ele fez a terra e encheu-a de plantas e animais. Ele fez os mares e encheu-os de peixes e de mamíferos aquáticos. Ele criou a luz antes de iluminar os céus. Observe o princípio de separação ilustrado na criação, pois Deus separou a luz das trevas, e os mares da terra (veja 2 Co 6:14-18). Observe também que todas as coisas vivas devem se reproduzir "segundo a sua espécie"; não há qualquer sugestão de evolução gradual. Podemos criar tipos diferentes de gado, mas a partir de uma vaca não podemos criar uma rena!

O homem é a coroa da criação. Antes da criação do homem, houve uma "conferência divina" entre as pessoas da Trindade, o que não aconteceu em qualquer outro es-

tágio da criação. Alguns anjos já haviam se rebelado contra Deus, e, com certeza, ele sabia o que o homem faria. Contudo, ele, em sua graça e amor, modelou o primeiro homem à sua "imagem" no que se refere à personalidade do homem — mente, vontade, emoção, liberdade — mais que à aparência física. (Veja Ef 4:24; Cl 3:10.) Deu ao homem o domínio sobre a terra, a posição mais alta na criação. Isso explica o ataque de Satanás, pois ele (Lúcifer) já tivera essa posição e quisera outra mais alta ainda! Se Lúcifer não podia ter o lugar de Deus no universo, ele podia tentar pegar o lugar de Deus na vida do homem. E ele foi bem-sucedido! O homem perdeu o domínio sobre o pecado (Sl 8 e Hb 2:5-18); contudo, Cristo, o último Adão, reconquistou esse domínio para nós (veja Rm 5). Jesus, quando esteve na terra, provou que tinha domínio sobre os peixes (Lc 5; Mt 17:24ss), sobre as aves (Mt 26:74-75) e sobre os animais (Mt 21:1-7).

Originalmente, o homem era vegetariano, mas em Gênesis 9:3-4, isso muda. Foram dadas restrições alimentares aos judeus (Lv 11), mas hoje não há tais restrições (Mc 7:17-23; At 10:9-16; 1 Tm 4:1-5).

III. A nova criação

Em 2 Coríntios 4:3-6 e 5:17, se deixa claro que, em Cristo, Deus tem uma

nova criação. Paulo utiliza imagens do relato da criação de Gênesis para ilustrar essa nova criação. O homem foi criado perfeito, mas se arruinou por meio do pecado. Ele torna-se pecador, “sem forma e vazio”, sua vida é sem propósito, vazia e escura.

O Espírito Santo inicia seu movimento de persuasão no coração dos homens (Gn 1:2). Na verdade, a salvação sempre se inicia com o Senhor (Jn 2:9); qualquer pecador é salvo pela graça dele. O Espírito usa a Palavra para trazer luz (Sl 119:130), pois não há salvação sem a Palavra de Deus (Jo 5:24). E Hebreus 4:12 declara que a Palavra tem o poder de “separar”, trazendo à lembrança a ocasião anterior em que Deus separou a luz das trevas, e os mares da terra.

Os crentes, como os seres criados em Gênesis, têm a responsabilidade de ser férteis e multiplicarem-se “segundo a sua espécie”. Os crentes, em um paralelo à posição de domínio de Adão, fazem parte da realeza sob o governo de Deus e reinam “em vida” por meio de Cristo (Rm 5:17ss).

Exatamente como Adão era o cabeça da antiga criação, Cristo é o cabeça da nova criação; ele é o último Adão (1 Co 15:45-49). O Antigo Testamento “é o livro da genealogia de Adão” (Gn 5:1) e termina com uma fala sobre uma maldição (Ml 4:6). O Novo Testamento é o livro “da genealogia de Jesus Cristo” (Mt 1:1) e termina com esta afirmação: “Nunca mais haverá qualquer maldição” (Ap 22:3).

GÊNESIS 2

I. O primeiro sábado (*shabbath*) (2:1-3)

A palavra *shabbath* significa apenas “cessar”. Deus não “descansou” porque estava cansado, já que Deus não se cansa (Sl 121:4). Antes, ele cessou suas obras criativas, a tarefa estava terminada. Ele abençoou as criaturas (1:22) e o homem (1:28). Agora, ele abençoa o sétimo dia ao separá-lo como um dia especial. Aqui, não há uma ordem para que as pessoas observem o sábado. De fato, uma vez que Adão foi criado no sexto dia, na verdade o sétimo dia era o primeiro dia para ele.

O sábado não é mencionado de novo no Antigo Testamento até Êxodo 20:8-11, quando Deus dá o sábado a Israel como seu sinal especial da aliança (Êx 31:12-17). Nas Escrituras, não há evidência de que Deus tenha dito aos gentios que observassem o sábado; na verdade, Salmos 147:19-20 deixa claro que Deus deu apenas a Israel a Lei Mosaica do Antigo Testamento. Um dos motivos do cativeiro de Israel foi a profanação do sábado (Ne 13:15-22). Cristo, enquanto

esteve na terra, observou o sábado, já que viveu sob a dispensação da Lei. É claro que ele não seguia as regras dos fariseus, feitas pelos homens (Mc 2:23-28).

Nos primeiros anos da igreja, os cristãos encontravam-se na sinagoga no sábado, isso até que os judeus cristãos passaram a ser perseguidos e expulsos. Entretanto, o primeiro dia da semana (domingo, o dia do Senhor) era o dia especial deles para a comunhão e a adoração (At 20:7; 1 Co 16:1-3; Ap 1:10). O primeiro dia comemora a ressurreição de Cristo (Mt 28:1; Jo 20:1), a conclusão de sua obra, a nova criação. Veja 2 Coríntios 5:17. Esses dois dias especiais — o sábado e o dia do Senhor — comemoram coisas diferentes e não devem ser confundidos. O sábado relaciona-se à antiga criação e foi dado expressamente a Israel. O dia do Senhor relaciona-se à nova criação e pertence especialmente à igreja. O sábado fala da lei em que após seis dias de trabalho segue-se um dia de descanso, mas o dia do Senhor fala da graça, para que iniciemos a semana com o descanso que é seguido de trabalho.

Hebreus 4 indica que o sábado do Antigo Testamento é um tipo de descanso no reino futuro, bem como o descanso espiritual que temos por meio da fé em Cristo. Colossenses 2:13-17 deixa claro que o sábado pertence à “sombra” da Lei,

e não à luz plena da graça. Se as pessoas querem adorar no sábado, certamente elas podem fazer isso, mas não podem julgar nem condenar os cristãos que não se juntam a elas (Cl 2:16-17). Gálatas 4:9-11 indica que a legitimidade em guardar o sábado é um retorno à escravidão. Romanos 14:4-13 sugere que guardar o sábado pode ser uma marca da imaturidade do cristão que tem pouca consciência. Com certeza, vários grupos de cristãos confessos podem adorar no sábado, se assim preferirem, mas não devem condenar os que dão ênfase especial à adoração nos domingos, o dia da ressurreição.

II. O primeiro jardim (2:4-14)

Podemos resumir a história da Bíblia com quatro jardins: (1) Éden, onde entrou o pecado; (2) Getsêmani, onde Cristo entregou-se à morte; (3) Calvário, onde ele morreu e foi sepultado (veja Jo 19:41-42); e (4) o jardim celestial (Ap 21:1ss). Moisés descreve a moradia que Deus deu para o primeiro casal. O relato da criação no capítulo 1 não inclui os detalhes adicionais dados nessa passagem; esses detalhes são complementares, não contraditórios. O versículo 5 indica que Deus precisava do homem para cultivar a terra. O homem foi formado como o oleiro forma a argila (mesma palavra em Jr 18:1ss). O homem ti-

nhava a responsabilidade de cuidar do jardim (zelar) e de protegê-lo (guardá-lo, sugerindo a presença de um inimigo). Deus deu a Adão e Eva tudo que precisavam para viver e ser felizes, tudo que era bom e agradável, e permitiu que usufruissem de tudo em abundância.

As duas árvores são importantes. O texto de 3:22 sugere que a árvore da vida fornece vida para a humanidade (veja também Ap 22:2). Se Adão tivesse comido da árvore da vida depois de pecar, não teria morrido, e, assim, a morte não passaria para todos os homens (Rm 5:12ss), e Cristo não precisaria morrer para redimir os homens. A árvore do conhecimento simbolizava a autoridade de Deus; comer dessa árvore significava desobedecer a Deus e incorrer em pena de morte. Não sabemos que árvores eram essas, contudo é evidente que Adão e Eva compreendiam a importância delas.

III. A primeira lei (2:15-17)

Adão era uma criatura perfeita que nunca pecara, mas tinha capacidade para pecar. Deus fizera Adão um rei com domínio (1:26ss). Contudo, um governante só pode governar outras pessoas se conseguir governar a si mesmo; assim, era necessário que Adão fosse tentado. Deus sempre quis que suas criaturas o amassem e lhe obedecessem

de livre vontade, e não por coerção ou por recompensa.

Esse teste era perfeitamente legítimo e justo. No jardim, Adão e Eva desfrutavam de liberdade e de provisão em abundância e não precisavam do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

IV. O primeiro casamento (2:18-25)

Tudo na criação era “muito bom” (1:31), exceto a solidão de Adão. “Não é bom que o homem esteja só”, essa afirmação aponta o fundamento para o casamento: (1) fornecer companhia; (2) dar continuidade à raça; (3) ajudar um ao outro a trazer à tona o melhor de si mesmo. O verbo “auxiliar” (v. 18) refere-se à auxiliadora: alguém que satisfaça as necessidades dele. Em nenhuma parte da criação animal, encontra-se essa criatura, o que mostra o grande abismo existente entre as criaturas irracionais e os seres humanos feitos à imagem de Deus. Deus fez a primeira mulher com a carne e o osso do primeiro homem, e ele fechou “o lugar com carne” (v. 21). No versículo 22, na verdade, o verbo “fazer” seria “construir”, como construir um templo. O fato de Eva ser feita com o osso e a carne de Adão mostra a unidade da raça humana e a dignidade da mulher. Observe que Eva foi feita não a partir dos pés do homem para ser pisada por ele, ou da cabeça dele para que o governe,

mas de seu lado para estar perto do coração dele e ser amada por ele.

Adão deu nome a todos os animais que Deus trouxe até ele (v. 19), o que mostra que o primeiro homem tinha inteligência, vocabulário e fala. Agora ele dá o nome de “mulher” a sua noiva (*ishshah*, em hebraico, relaciona-se a *ish*, que significa “homem”). Por isso, homem e mulher se pertencem em nome e em essência. Como seria maravilhoso se todos os casamentos fossem realizados por Deus. Assim, todas as casas seriam paraíso na terra.

É claro que esse evento é uma bonita ilustração de Cristo e sua igreja (Ef 5:21-33). Cristo, o último Adão, dá vida à igreja quando morre na cruz, e os homens perfuram o lado de seu corpo (Jo 19:31-37). Ele compartilha nossa natureza humana a fim de que possamos compartilhar a natureza divina dele. Eva foi objeto do amor e do interesse de Adão, assim como a igreja recebe o amor e o ministério de Cristo. Em 1 Timóteo 2:11-15, observa-se que Adão comeu de boa vontade do fruto proibido, que ele não foi enganado como Eva. Ele quis transformar-se em pecador a fim de ficar com sua noiva, assim como Cristo quis fazer-se pecado a fim de que pudéssemos ficar com ele para sempre. Que amor e que graça! Observe também que Eva foi feita antes de o pecado entrar em cena,

exatamente como fomos escolhidos em Cristo “antes da fundação do mundo” (Ef 1:4).

Se observarmos de perto esses versículos, veremos neles três imagens da igreja iguais à descrição da

igreja fornecida em Efésios. Eva era a noiva (Ef 5:21-33); ela também era parte do corpo de Adão (Gn 2:23; Ef 5:29-30); e ela foi feita, ou “construída”, o que sugere a igreja como um templo de Deus (Ef 2:19-22).

Gênesis 3

I. Tentação (3:1-6)

A. O tentador

Deus não é o autor do pecado nem tenta as pessoas para que pequem; esse é o trabalho do demônio (Tg 1:13). Já vimos que Satanás caiu em pecado antes da obra de Gênesis 1:3ss. Originalmente, ele era um bonito anjo que se regozijava com a criação de Deus (Jó 38:4-7), mas ele pecou e foi julgado por Deus (Is 14:12-17; Ez 28:11-19). Observe que Satanás veio a Eva na pele de uma serpente, pois é mascarado e não aparece para as pessoas com seu caráter verdadeiro. Em Gênesis 3, Satanás é a serpente que engana (2 Co 11:3); em Gênesis 4, ele é o mentiroso homicida (Jo 8:44). Temos de ter cuidado para evitar os caminhos enganosos dele.

B. O alvo

Satanás mira a mente de Eva (2 Co 11:1-3; 1 Tm 2:9-15) e consegue enganá-la. A mente do homem é uma parte de seu ser que foi criada à imagem de Deus (Cl 3:9-10).

Assim, Satanás ataca Deus quando ataca a mente humana. Satanás usa mentiras. Ele é mentiroso, o pai da mentira (Jo 8:44).

C. A tática

Satanás não pode vencer se a mente se apegar à verdade de Deus; mas, se a mente duvida da Palavra de Deus, ela abre espaço para que as mentiras do demônio se instalem. Satanás questiona a Palavra de Deus (v. 1), nega a Palavra de Deus (v. 4) e, depois, a substitui por suas próprias mentiras (v. 5). Observe que Satanás tenta minar nossa fé na bondade de Deus — ele sugere a Eva que Deus resistia a eles ao mantê-los afastados da árvore do conhecimento do bem e do mal. Quando questionamos a bondade de Deus e duvidamos de seu amor, favorecemos diretamente Satanás. Este faz com que a tentação soe maravilhosa ao dizer: “Seréis como Deus” (ARC). O próprio Satanás quis ser “semelhante ao Altíssimo” (Is 14:14), e, séculos mais tarde, ele ofereceu a Cristo “todos os reinos do mundo”, se Cristo o adorasse (Mt 4:8).

D. A tragédia

Eva não devia ter dado “lugar ao diabo” (Ef 4:27); ela devia ter se apegado à Palavra de Deus e resistido ao diabo. Nós nos perguntamos onde estava Adão durante essa conversa. De qualquer forma, Eva

afastou-se da Palavra de Deus ao negligenciá-la livremente (v. 2); ela acrescentou “nem tocareis” à Palavra (v. 3); e ela mudou a Palavra de Deus de “certamente morrerás” para “para que não morrais” (v. 3). No versículo 6, vemos a trágica ação da cobiça da carne (“boa para se comer”), dos olhos (“agradável aos olhos”) e da vaidade (“desejável para dar entendimento”) — veja 1 João 2:15-17. É difícil pecar sozinho. Há algo em nós que nos faz querer compartilhar o pecado com os outros. Adão pecou deliberadamente e mergulhou o mundo em julgamento (1 Tm 2:14).

II. Condenação (3:7-19)

A. *Interna* (vv. 7-13)

De imediato, veio a perda da inocência e da glória e o sentimento de culpa. Eles tentaram cobrir a nudez com vestimentas feitas por eles mesmos, as quais Deus não aceitou (v. 21). Além disso, vemos a perda do desejo de ter amizade com Deus. Eles se escondem quando ouvem Deus se aproximando! A culpa, o temor e a vergonha quebram a amizade que usufruíam com Deus antes da desobediência. Observe que também cresce uma atitude de autodefesa: o homem culpa a mulher, a mulher culpa a serpente. Vemos aqui o trágico efeito interior do pecado.

B. *Externa* (vv. 14-19)

É provável que a serpente que Satanás usou não seja a criatura rastejante que conhecemos hoje. O nome sugere brilho e glória, mas a criatura foi julgada e condenada a uma vida vil na poeira, porque se rendeu a Satanás e tomou parte na tentação. O julgamento da mulher envolveu concepções múltiplas e dor no parto. Ela teve que se sujeitar a seu marido. Observe que Paulo sugere que as mulheres cristãs que casam com homens não-salvos correm perigo especial ao dar à luz crianças (1 Tm 2:8-15). O julgamento do homem envolveu seu trabalho: o deserto substituiu o paraíso, e o suor e a exaustão do trabalho pesado no campo substituíram a alegria de ministrar no jardim. Deus não puniu o trabalho, pois o trabalho não é pecaminoso (2:15). São o suor, a exaustão e os obstáculos da natureza que nos lembram a queda do homem. Toda a criação foi amaldiçoada e está em servidão por causa do pecado (Rm 8:15-25).

C. *Eterna* (v. 15) ✕

Esse foi o primeiro evangelho declarado na Bíblia: a boa-nova de que, no fim, a semente da mulher (Cristo) venceria Satanás e sua semente (Gl 4:4-5). O curso divide-se desse ponto em diante: Satanás e sua família (semente) opõem-se a Deus e sua família. Deus mesmo põe a inimiza-

de (hostilidade) entre eles, e a guerra chega a seu ápice quando Deus expulsa Satanás para o inferno (Ap 20:10). Reveja a parábola do joio, em Mateus 13, e observe que Satanás tem filhos, exatamente como Deus. Em Gênesis 4, Caim mata Abel, e 1 João 3:12 informa-nos que Caim “era do Maligno” — um filho do demônio. O Antigo Testamento é o relato das duas sementes em conflito; o Novo Testamento é o registro do nascimento de Cristo e de sua vitória sobre Satanás por intermédio da cruz.

III. Salvação (3:20-24)

O único evangelho que Adão conhecia era o que Deus disse em 3:15, contudo ele acreditou e foi salvo. Como sabemos que ele acreditou no que Deus disse? Porque deu o nome de Eva, que significa “vida”, ou “doadora de vida”, a sua mulher. Deus disse que Adão e Eva morreriam, e Adão morreu fisicamente depois de 930 anos. Contudo, ele também morreu espiritualmente, pois ficou separado de Deus por causa do pecado. Deus prometeu que o Salvador nasceria por intermédio da mulher, e Adão acreditou nessa promessa e se salvou. Deus não mudou as conseqüências físicas do pecado, mas ele cancelou a conseqüência espiritual — o inferno.

No versículo 21, a vestimenta de peles retrata a salvação que temos

em Cristo. É o derramar de sangue, a oferta de uma vida inocente por causa da culpa. Adão e Eva tentaram cobrir o pecado e a vergonha com folhas (3:7), mas Deus não aceitou essas boas obras. Ele também não aceita essas obras hoje!

A Bíblia, com freqüência, usa as vestimentas para retratar a salvação (veja Is 61:10 e Zc 3). O filho pródigo vestiu-se de novo quando veio para casa (Lc 15:22). À vista de Deus, as vestimentas de auto-retidão e as boas obras são trapos imundos (Is 64:6). Note que Deus quer que Adão e Eva se cubram, ele aprova esse sentimento de vergonha. A pessoa abolir isso e voltar à nudez é sempre um sinal de degeneração. O padrão de Deus é sempre a vestimenta modesta (1 Tm 2:9).

Os versículos 22-24 mostram uma ação singular da graça de Deus: ele expulsou o homem e a mulher do jardim! Eles perderam o direito à árvore da vida ao desobedecer a Deus. Eles, se tivessem comido dessa árvore, viveriam para sempre em seu estado pecaminoso. Isso significaria que o Salvador, o segundo Adão, não poderia vir para morrer a fim de salvar a humanidade do pecado. Por isso, Deus, ao expulsar Adão e Eva do paraíso, mostrou sua graça e misericórdia em relação a toda a raça humana. A espada que Deus pôs no jardim barrava a passagem. Pode-se traduzir essa “espa-

da flamejante" (NVI) por "fogo de Deus", uma referência à sua santidade (Hb 12:29).

O contraste entre o primeiro Adão e o último Adão, Cristo, é explicado em Romanos 5 e 1 Coríntios 15:42-49. Adão foi feito da terra, mas Cristo desceu do céu. Adão foi tentado em um jardim perfeito, e Cristo foi tentado em um deserto terrível. Adão desobedeceu deliberadamente e mergulhou a raça humana no pecado e na morte, mas Cristo obedeceu a Deus e trouxe

justiça. Adão, como um ladrão, foi expulso do paraíso. Jesus, ao falar com um ladrão, disse: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23:43).

Observe que em Romanos 5 temos muito mais afirmações (9, 15,17,20) indicando que a morte de Cristo não nos trouxe apenas de volta à posição em que Adão estava, mas ela também nos deu muito mais que Adão já teve. Somos reis e sacerdotes para Deus e reinaremos com Cristo para sempre!

GÊNESIS 4

Nesse capítulo, Caim é o personagem principal; seu caráter e sua conduta são revelados em quatro aspectos distintos.

I. O adorador (4:1-5)

Em 4:1, vemos tanto a promessa de Deus, de 3:15, quanto a fé de Adão, de 3:20. Eva trouxe uma nova vida ao mundo e pensou que o filho fosse a Semente prometida. Uma tradução possível é: “Tive um homem — o SENHOR!”. Caim significa “adquirir” — consideraram o menino uma dádiva de Deus. Abel significa “futilidade, vapor” — sugere a futilidade da vida afastada de Deus ou, talvez, o desapontamento de Eva por Caim não ser a Semente prometida. Desde bem do início, vemos uma divisão de trabalho: Caim identifica-se com a terra, Abel, com o rebanho. Deus já amaldiçoara a terra (3:17), portanto Caim identifica-se com a maldição.

Essa primeira família devia conhecer o local exato de adoração a fim de que os dois filhos levassem oferendas para o Senhor. Talvez a glória de Deus habitasse na árvore da vida, e os querubins guardavam o caminho (3:24). Hebreus 11:4 indica que Abel traz sua oferenda pela fé; e Romanos 10:17 ensina que “a

fé vem pela pregação”. Isso significa que provavelmente Deus ensinou Adão e sua família como abordá-lo, e 3:21 indica que envolve sacrifício de sangue. Hebreus 9:22 afirma que deve haver derramamento de sangue antes de haver remissão do pecado, contudo Caim traz uma oferenda sem sangue da terra amaldiçoada. Talvez a oferenda dele fosse sincera, mas não foi aceita. Ele não tinha fé na Palavra de Deus nem confiança no sacrifício substitutivo. Provavelmente, Deus respondeu com fogo (Lv 9:24) e consumiu a oferenda de Abel, mas a oferenda de Caim permaneceu no altar.

Caim tinha aparência de piedoso e de religiosidade, mas negava o poder (2 Tm 3:5). Primeira João 3.12 indica que Caim era filho do Maligno, e isso significa que ele praticava uma falsa retidão da carne, não a retidão de Deus, por meio da fé. Jesus chamou os fariseus que se consideravam retos de filhos do diabo e culpou o grupo deles pela morte de Abel (Lc 11:37-51). Judas 11 fala sobre “o caminho de Caim”, que é o caminho da religião sem sangue, a religião fundamentada nas boas obras religiosas e na auto-retidão. Hoje, há apenas dois tipos de religiões no mundo: (1) a de Abel, que depende do sangue de Cristo e de sua obra final na cruz; e (2) a de Caim, que depende das boas obras e da religião agradável

vel ao homem. Uma leva ao céu, a outra, ao inferno!

II. O assassino (4:6-8)

Tiago 1:15 adverte-nos de que o pecado se inicia de forma pequena, mas cresce e leva à morte. A mesma coisa aconteceu com Caim. Vemos desapontamento, raiva, ciúmes e, por fim, assassinato. O ódio de seu coração leva-o a assassinar com as próprias mãos (Mt 5:21-26). Deus viu o coração infiel e a fisionomia caída de Caim e advertiu-o de que o pecado rastejava como uma besta selvagem, esperando para destruí-lo. Deus disse: “O seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”. Bem, Caim alimentou a besta selvagem da tentação, depois abriu a porta e convidou-a a entrar! Ele convidou o irmão para conversar e matou-o a sangue frio. Caim, o filho do Maligno (1 Jo 3:12), como seu pai, era um mentiroso e um assassino (Jo 8:44). No capítulo 3, vemos o homem pecando contra Deus pela desobediência à Palavra do Senhor; no capítulo 4, vemos o homem pecando contra o homem.

III. O errante (4:9-16)

“Onde estás, [Adão]?” “Onde está Abel, teu irmão?” Como essas duas primeiras questões da Bíblia são relevantes! O pecado sempre nos desmascara, embora tentemos (como Caim) mentir a respeito de nosso

pecado. O sangue de Abel clama por vingança; o sangue de Cristo clama por paz e perdão (Hb 12:24). Deus amaldiçoara a serpente e a terra. Agora, ele amaldiçoa Caim. Uma tradução sugerida é: “És agora, pois, maldito por sobre a terra [...]” (v. 11). Em outras palavras, a terra não possibilitaria crescimento para Caim, e ele, para viver, vagaria de lugar em lugar. Ele seria um fugitivo, um errante.

Caim não se arrependeu de seu pecado; antes, demonstrou remorso e desespero. Ele, como seus pais, culpou Deus: “Eis que hoje me lanças da face da terra” (v. 14). Ele foi rejeitado pelo céu e recusado pela terra! Estava condenado ao desassossego que apenas a fé cura.

Observe também o temor e a desesperança de Caim: “Quem comigo se encontrar me matará” (v. 14). Deus, pela graça, promete proteger Caim e dar-lhe um sinal (marca) para comprovar sua promessa. (Não é provável que houvesse uma marca real em Caim; antes, Deus deu-lhe um sinal para encorajá-lo. Quanta graça!) Por que Deus libertou Caim? Por um motivo: Caim tornou-se um “sermão ambulante” da graça de Deus e das trágicas conseqüências do pecado. Que retrato da humanidade de hoje: desassossegada, desesperançada, errante, derrotada!

Caim passou o resto da vida errando? Não! Ele estabeleceu-se e edificou uma cidade! Aqui, temos a

origem da “civilização” — o substituto do homem para as dádivas de Deus.

IV. O edificador (4:17-26)

“Node” significa “vaguear, errar”, portanto a própria terra de Caim fala de seu vaguear afastado de Deus. Ele retirou-se da presença de Deus (4:16), não precisava de uma religião de sangue. Certamente, Caim casou-se com uma de suas irmãs, pois na época havia muitos descendentes de Adão (5:3 indica que se passaram 130 anos). Mais tarde, Abraão casou-se com sua meia-irmã; por que Caim não poderia se casar com sua irmã de pai e mãe, principalmente em uma época em que o pecado ainda não cobrara seu tributo em todo o corpo humano? O nome de seu filho “Enoque” significa “iniciação” e sugere um novo início, mas era um início sem Deus.

Os descendentes de Caim, em uma avaliação do ponto de vista humano, têm um destino admirável. Jabal (“errante”) fundou a ciência da agricultura (v. 20); Jubal fundou a “cultura” — a música; e Tubalcaim fundou a indústria de metais. Externamente, a “cidade” de Caim era um grande sucesso, mas Deus deixou claro que rejeitara a coisa toda. No versículo 25, Deus dá outra semente a Adão e Eva — Sete, que significa “o designado, o substituto” (tomou o lugar de Abel). Deus

não tentou mudar os caimitas. Ele rejeitou-os e, no fim, condenou-os no dilúvio. À medida que os caimitas se afastaram gradualmente da verdadeira adoração a Deus, os setitas retornavam a ele (v. 26) e estabeleceram de novo a adoração ao Senhor.

A civilização de hoje é caimita na origem. Ela tem elementos como agricultura, indústrias, artes, grandes cidades e religiões sem fé no sangue de Cristo. Ela também será destruída como a antiga civilização de Caim. Nós ainda nos gabamos de assassinos como Lameque e ainda temos pessoas (como Lameque) que violam os votos sagrados do casamento. “Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem” (Mt 24:37). Os homens ainda desprezam a revelação divina e ainda se fiam em seus próprios recursos. O verdadeiro cristão não pertence a esse “sistema mundano” que “passa” (1 Jo 2:15-17) e não deve se envolver com ele (Rm 12:1-2; 2 Co 6:14—7:1).

Devemos observar de forma especial a mensagem de Lameque (vv. 23-24). Essa passagem não é clara, e nem todos os estudiosos da Bíblia a interpretam da mesma maneira. Lameque, do lado de Caim, era o sétimo na descendência de Adão e desagradou a Deus, enquanto Enoque, do lado de Sete, era o sétimo na descendência de Adão (5:3-27)

e caminhou com Deus e o agradou (Hb 11:5). Note que a linhagem caimita até copiou os nomes dos crentes verdadeiros da linhagem de Sete (Enoque—Enos; Irade—Jarede; Meujael—Maalalel; Lameque—Lameque). Alguns estudiosos sugerem que Lameque foi ferido por um jovem, e matou-o, portanto, em legítima defesa. Com certeza, se Deus desagravara Caim, que era culpado de assassinato brutal, certamente defenderia Lameque, que matara

em legítima defesa. Outros sugerem que Tubalcaim inventara as primeiras armas de latão e ferro, e Lameque demonstrara-as com orgulho para suas esposas. Pode-se traduzir os verbos hebreus no tempo futuro: “Matarei um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou. Sete vezes se tomará vingança de Caim; de Lameque, porém, setenta vezes sete”. Sob essa luz, essa é a primeira expressão na Bíblia de desafio arrogante e de luta.

GÊNESIS 5-8

Esses capítulos falam do dilúvio e da fé de Noé. Já que aqui nos é impossível descobrir todos os tesouros espirituais, nos limitaremos a quatro aspectos desse importante evento da história bíblica.

I. O dilúvio sob o ponto de vista histórico

A. O fato do dilúvio

Os registros de Gênesis, como também de Cristo (Mt 24:37-39; Lc 17:26-27), dos profetas (Is 54:9) e dos apóstolos (1 Pe 3:20; 2 Pe 2:5; 3:6), comprovam que realmente houve o dilúvio. Muitos arqueólogos comprovam que muitas civilizações primitivas tinham tradições relacionadas ao dilúvio, cujos detalhes são paralelos ao relato de Gênesis. É provável que essas histórias (que envolvem os deuses e as deusas fantásticos deles) sejam adulterações da história original do dilúvio transmitidas de geração a geração.

B. A finalidade do dilúvio

Conforme 6:5-13 afirma, houve o dilúvio porque as pessoas se corromperam, e a terra estava cheia de violência. Deus enviou o dilúvio a fim de destruir a humanidade. Sempre deve haver julgamento e morte antes de um novo início.

Mais tarde, estudaremos os detalhes.

C. A seqüência dos eventos do dilúvio

Se contarmos o ano da criação de Adão como o ano 1, então Noé nasceu no ano 1056. Gênesis 6:3 indica que Deus deu 120 anos a Noé para construir a arca e pregar (1 Pe 3:20), o que significa que ele tinha 480 anos quando iniciou a construção da arca (7:11). Isso seria o ano de 1536. O dilúvio aconteceu quando Noé tinha 600 anos, em 1656 e 1657, e Noé e sua família, quando ele tinha 601 anos de vida, voltaram para a terra seca (8:13ss). Os eventos iniciaram-se no décimo dia do segundo mês (10/2) de 1656, quando Noé e sua família entraram na arca (7:1-9). O dilúvio veio em 17/2 (7:10-11); as chuvas cessaram em 26/3 (7:12); e a arca repousou no monte Ararate em 17/7 (8:1-4). Em 1/10, a família viu o cimo dos montes (8:5). Em 11/11, Noé enviou o corvo (8:6-9). Em 18/11, ele enviou a pomba, que trouxe de volta uma folha de oliveira (8:10-11). Uma semana depois de 25/11, Noé mandou de novo a pomba, e ela não retornou (8:12). No primeiro dia do primeiro mês do ano seguinte (1657), Noé removeu a cobertura da arca e olhou a terra (8:13). Em 27/2, todos deixaram a arca (8:14ss)

D. A arca

Não era um navio; antes, era uma “caixa flutuante” feita de madeira de cipreste e calafetada com betume. A arca media 183 metros de comprimento, 30 metros de largura e 18 metros de altura. Outra medida possível seria 137 metros x 23 metros x 14 metros. Nos dois casos, a arca era grande o suficiente para abrigar todos os animais, a comida necessária e os membros da família de Noé. Não sabemos quantas espécies de animais existiam na época. Observe que 6:20 indica que Deus trouxe os animais até Noé. Havia três pavimentos na arca, com uma janela ou no teto do andar superior ou à volta toda do andar superior (6:16) e uma porta.

E. O dilúvio

A chuva e a erupção de água brotando da terra provocaram o dilúvio (7:11). Podemos muito bem imaginar o tremendo efeito que isso causou à superfície da terra, como também ao clima. A essas erupções, seguiram-se ondas gigantescas. Gênesis 2:5-6 sugere que, na época de Noé, a chuva era algo novo na terra, o que torna a fé de Noé ainda mais maravilhosa.

II. O dilúvio considerado de forma tipológica

A arca é uma imagem luminosa de nossa salvação em Cristo (1 Pe 3:18-22). A salvação e a arca foram planejadas por Deus, não inventadas

pelo homem. Há apenas uma forma de salvação e apenas uma porta na arca. A arca era de madeira, o que diz respeito à humanidade de Cristo: ele tinha de nascer como homem a fim de nos salvar. Em 6:14, a palavra para “betume” é a mesma usada para “redenção” mais adiante no Antigo Testamento. Deus convidou Noé e sua família para entrar na arca (7:1). Depois, Deus, quando eles estavam lá, trancou-os na arca a fim de que ficassem seguros (7:16). A arca salvou não apenas a humanidade, mas também as criaturas que estavam nela, exatamente como, um dia, a morte de Cristo libertará a criação da escravidão do pecado (Rm 8:18-23). A arca salvou Noé e sua família do julgamento porque acreditaram na promessa de Deus (Hb 11:7); Cristo salva-nos do castigo vindouro quando cremos nele. Em 1 Pedro 3:18-22, a arca é relacionada à ressurreição de Cristo; as águas sepultaram o antigo mundo, mas promoveram uma nova vida para Noé. Noé foi fiel ao obedecer a tudo que Deus ordenou; Jesus disse: “Eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8:29). Noé permaneceu salvo em meio ao dilúvio; Cristo atravessou um dilúvio de sofrimento (Sl 42:7) e saiu vitorioso. Noé saiu da arca, o cabeça de uma nova criação com sua família; e Cristo saiu do sepulcro, o Cabeça de uma nova criação e o Pai de uma nova família.

Noé atravessou o julgamento e salvou-se, exatamente como o remanescente de judeus crentes atravessará a tribulação para estabelecer o reino na terra. Enoque foi arrebatado antes do julgamento (5:21-24; Hb 11:5), exatamente como a igreja será arrebatada antes da vingança de Deus espalhar-se pelo mundo. Veja 1 Tessalonicenses 1:10 e 5:9-10.

III. O dilúvio considerado de forma profética

Cristo ensina que os dias anteriores ao arrebatamento e à tribulação serão como os dias de Noé (Lc 17:26; Mt 24:37-39). Hoje, vivemos nos “dias de Noé”. Vemos alguns paralelos como a multiplicação de pessoas na “explosão populacional” (6:1); todo tipo de corrupção moral (6:5); violência (6:11,13); a expansão das artes e das indústrias (4:16-22); a falta de consciência, até para o assassinato (4:23-24); e o fato de os verdadeiros crentes serem uma minoria (6:8-10). Contudo, tenha em mente que os “dias de Noé” também foram dias de testemunho. Na verdade, Deus disse a Enoque que o julgamento estava a caminho, e ele advertiu as pessoas (Jd 14-15). Metusalém, filho de Enoque, nasceu no ano 687 e viveu 969 anos. Ele

morreu no ano 1656 — o ano em que houve o dilúvio! Em outras palavras, Deus deu 969 anos de graça ao mundo pecaminoso. E nos últimos 120 anos desse período, Noé esteve pregando e preparando a arca (Gn 6:3; 1 Pe 3:20). Hoje, Deus avisa que o julgamento está a caminho (2 Pe 3 — pelo fogo, não pela água), mas poucos escutam, e um número ainda menor crê nisso.

IV. O dilúvio considerado de forma prática

No mínimo, encontramos estas seis considerações práticas no relato do dilúvio: (1) Deus deve punir o pecado. O antigo deve morrer antes de ele estabelecer o novo. (2) Deus adverte, mas, no fim, sua paciência esgota-se e vem o julgamento. (3) Deus sempre salvou as pessoas da mesma forma: pela graça (6:8), pela fé (Hb 11:7). (4) A verdadeira fé leva à obediência (6:22; 7:5). (5) O testemunho verdadeiro exige afastar-se do pecado, e Noé e sua família mantiveram-se não maculados pelo mundo. (6) Em 6:1-4, quer “os filhos de Deus” fossem anjos quer fossem a família de Sete, vemos a mesma lição: Deus condena a concessão e a rebelião, mas recompensa os santos separados.

GÊNESIS 9-11

I. A aliança de Deus com Noé (9:1-17)

A palavra "aliança" significa "cortar", referindo-se ao corte dos sacrifícios que são parte decisiva quando se faz um acordo (veja Gn 15:9ss). Deus, por intermédio de Noé, fez um acordo com toda a humanidade, e os termos desse acordo ainda permanecem hoje. O fundamento dessa aliança era o derramamento de sangue do sacrifício (8:20-22), da mesma forma que o fundamento da nova aliança é o derramamento do sangue de Cristo.

Os termos da aliança são estes: (1) Deus não destruirá a humanidade com um dilúvio; (2) o homem pôde comer a carne animal, mas não o sangue (veja Lv 17:10ss); (3) há medo e terror entre o homem e a besta; (4) os seres humanos são responsáveis pelo governo humano, vemos isso no princípio da punição capital (veja Rm 13:1-5). Deus reservou o arco-íris como o símbolo e a garantia da aliança. Isso não quer dizer que o arco-íris apareceu pela primeira vez naquele momento, mas apenas que Deus

lhe deu um sentido especial quando fez essa aliança. O arco-íris é o resultado da luz do sol e da tempestade, e suas cores lembram-nos da "graça de Deus em suas múltiplas formas [multicolor]" (1 Pe 4:10, NVI). O arco-íris é a ponte entre o céu e a terra, lembrando-nos de que Deus, em Cristo, construiu a ponte sobre o abismo que separa o homem de Deus. Em Ezequiel 1:28 e Apocalipse 4:3, o arco-íris aparece de novo.

Devemos ter em mente que a aliança foi feita com a "semente" de Noé, que veio depois dele, e nos inclui hoje. Por essa razão, muitos cristãos apóiam a punição capital (9:5-6). Deus prometeu castigar Caim (4:15), mas o Senhor, nessa aliança com Noé, deu ao homem a responsabilidade de punir o assassino.

II. A maldição de Noé sobre Canaã (9:18-29)

A. O pecado

Foi um santo maduro de mais de 600 anos, não um jovem príndigo, que caiu nesse pecado e vergonha. O texto hebreu sugere que Noé deliberadamente se despiu de forma vergonhosa; com freqüência, a intemperança e a impureza caminham juntas. Alguns desculpam Noé ao sugerir que as condições atmosféricas da terra após o dilú-

vio levariam à fermentação do vinho e que ele não sabia realmente o que fazia. Contudo, a Bíblia não desculpa os pecados dos santos. Esse é o terceiro fracasso do homem. Ele desobedeceu no Éden, o que resultou em sua expulsão; ele corrompeu a terra, o que resultou no dilúvio; e agora ele torna-se um beberrão vergonhoso! Para piorar as coisas, Cam não respeita seu pai; em vez disso, ele delicia-se em contar o que Noé fizera.

B. A maldição

Noé soube o que Cam fizera e lança sua famosa maldição. (Essa é a terceira maldição em Gênesis. Veja 3:14-19 e 4:11.) O fato de ele amaldiçoar o filho de Cam, Canaã, sugere que este estava envolvido com seu pai no pecado e que Deus puniria os pecados do pai e do filho. Canaã e seus descendentes (as nações enumeradas em 10:15-20) seriam os servos mais humildes para seus irmãos. É fácil perceber isso, pois os judeus e os gentios os fizeram escravos. É claro, os semitas eram os judeus. As tribos deles estão enumeradas em 10:21-32 e 11:10-26, traçando a linhagem até Abraão. Os descendentes de Jafé são os gentios (10:1-5). Gênesis 15:13-21 e 10:15-20 mencionam a escravidão dos descendentes de Canaã. Não sabemos como surgem as distinções raciais, mas

Atos 17:26 ensina que Deus fez todos os homens “de um só”.

C. A bênção

Noé abençoou os judeus (Sem) e deu-lhes os cananeus como servos. Ele prometeu que os gentios (Jafé) seriam espalhados, mas que (espiritualmente falando) habitariam em tendas judias. Paulo explica isso em Romanos 9—11.

III. A confederação de Ninrode contra Deus (11:1-9)

A. O ditador (10:6-14)

Ninrode era neto de Cam por parte de Cuxe, e seu nome significa “rebelde”. Sob o ponto de vista de Deus, ele era um tirano poderoso, o primeiro ditador. A palavra “caçador” não se refere à caça de animais, mas à de homens. Ele foi o fundador do Império Babilônico e o organizador do empreendimento que levou à construção da torre de Babel. A história informa-nos que Ninrode e sua esposa inventaram uma nova religião fundamentada em torno da “mãe e do filho”. Para mais detalhes, leia o livro *The Two Babylons [As duas Babilônias]*, de Alexander Hislop (Londres: S. W. Partridge, 1956). Na Bíblia, “Babilônia” simboliza rebelião contra Deus e confusão na religião. Ao longo da Bíblia, vemos a Babilônia opondo-se ao povo de Deus e cul-

minando em “Babilônia, a Grande” de Apocalipse 17 e 18.

B. A rebelião

Deus ordenou que os homens repovoassem a terra (9:1,7,9), mas eles decidiram descer à planície de Sinar, onde ficava a Babilônia (10:8-10). Isso foi uma rebelião deliberada contra a Palavra de Deus. Eles caminharam “do Oriente”, o que sugere que deram as costas à luz. Eles decidiram se unir e construir uma cidade e uma torre. Eles tinham por objetivo (1) manter unidade na oposição a Deus e (2) tornar-se famosos. Toda essa operação é um vislumbre prévio da oposição final do homem (e de Satanás) contra Cristo, centrada na Babilônia de Apocalipse 17 e 18. Depois, os homens unir-se-ão em uma igreja e organização política mundanas; eles serão guiados pelo anticristo, o último ditador do mundo; e seus planos serão frustrados. É interessante observarmos que hoje o mundo, graças às Nações Unidas e outras alianças internacionais, caminha com rapidez em direção ao conceito de “um mundo”.

C. O julgamento

Deus conhecia os desígnios dos rebeldes e julgou-os. A divindade fez outra conferência (veja 1:26 e 3:22) e decidiu misturar as línguas dos trabalhadores, tornando, assim, impossível que trabalhassem juntos.

Isso foi tanto um ato de misericórdia quanto um julgamento, pois haveria um julgamento ainda mais terrível a seguir se persistissem em seu plano. O nome “Babel” origina-se de uma palavra hebraica que significa “portão de Deus”. Ela soa como a palavra *balal*, que significa “confusão”. A descrição da ação de Deus nesse episódio explica a origem das línguas da humanidade. Com frequência, tem-se apontado que Pentecostes é o reverso de Babel — havia verdadeira união espiritual entre o povo de Deus; eles falavam em outras línguas, mas compreendiam-se; e o trabalho deles glorificava a Deus, não ao homem.

IV. Deus chama Abraão (11:10-32)

Em 10:21-32, temos a genealogia de Sem, mas aqui o escritor repete a linhagem para mostrar como Abraão se encaixa no plano. Ele pega a linhagem até Tera, pai de Abraão (11:26). Aqui vemos outra evidência da eleição divina: Deus, em sua graça, escolhe Abraão! Ele ignora Cam e Jafé e escolhe Sem. Deus, dos cinco filhos de Sem (10:22), escolhe Arfaxade (11:10). E dos três filhos de Tera (11:26), ele escolhe Abraão. Esse é o início da nação hebraica.

Gênesis 12:1 indica que o Senhor disse (tempo passado) a Abraão: “Sai”. Contudo, 11:31-32 afirma que Abraão não obedeceu completamente. Em vez de deixar seu pai para trás,

ele levou-o junto; e a peregrinação detém-se em Harã, onde Tera morre. Com freqüência, nossa meia obediência tem um preço alto, em tempo e em valor. Abraão perde o tempo que poderia gastar no caminhar com Deus e também perde seu pai. No próximo estágio da jornada, Abraão leva Ló com ele, mas este também teve de ser afastado de Abraão (13:5-14).

Hebreus 11:8-19 é um resumo da fé de Abraão. Alguém disse que Abraão, quando ele não sabia para onde iria (Hb 11:8), quando não sabia como iria (11:11) e quando não

sabia a razão dessa jornada, acreditou em Deus (11:17-19).

Devemos enfatizar mais uma vez que Deus não chamou Abraão por seus méritos pessoais. Ele não tinha nenhum. Ele era cidadão de uma cidade idólatra, Ur dos caldeus. Abraão, se Deus não tivesse se revelado a ele, morreria incrédulo. Do ponto de vista do ser humano, Deus escolher Abraão e Sara — que não tinham filhos — foi uma tolice. Mas, em última instância, isso trouxe grande glória para Deus e grande bênção para o mundo.

GÊNESIS 12-13:4

Esse capítulo inicia-se com a caminhada de fé de Abraão. (É claro, seu nome original era Abrão, “pai da exaltação”, que foi mudado para Abraão, “pai de uma multidão”. Por conveniência, usaremos seu nome mais conhecido.) O dilúvio destruiu uma civilização corrompida, mas outra sociedade pecaminosa tomou o lugar desta. Deus chamou um homem para começar o cumprimento de sua promessa de Gênesis 3:15, o envio do Salvador ao mundo. Esse homem era da linhagem de Sem (11:10ss) e era o pai da nação judaica. Deus, por intermédio desse homem, abençoou o mundo inteiro!

I. A resposta de fé de Abraão (12:1-9)

A. A aliança (vv. 1-3)

Deus chamou Abraão em Ur dos caldeus (At 7:2-4), mas ele ficou em Harã até a morte de seu pai (11:27-32). Deus ordenou separação para si mesmo, nem que fosse preciso a morte para alcançar isso. Esse chamado deveu-se totalmente à graça de Deus, e as bênçãos da aliança derivaram-se completamente da bondade do Senhor. Deus prometeu dar a Abraão (1) uma terra; (2) um grande nome; (3) uma grande

nação; e (4) uma bênção que se espalharia por todo o mundo. Foi necessária muita fé por parte de Abraão para responder a essas promessas, pois ele não tinha filhos, e ele e a esposa eram idosos (11:30). Observe como Deus repete: “Farei”. Deus faria tudo isso apenas se Abraão acreditasse. Com certeza, Deus cumpriu suas promessas, pois Israel tem sua terra (e conseguirá mais); os judeus abençoaram todas as nações ao nos dar a Bíblia e Cristo; e os judeus, os mulçumanos, os cristãos e, até mesmo, os incrédulos reverenciam o nome de Abraão. Os homens de Babel queriam fazer um nome para si mesmos, mas fracassaram (11:4), Abraão, porém, confiou em Deus, e o Senhor deu-lhe um grande nome!

B. A concessão (vv. 4-6)

“Ló foi com ele” — esse foi o segundo erro. Harã, pai de Ló, morreu (11:28), portanto Abraão pôs o jovem sob sua proteção, apenas para que este lhe criasse sérios problemas. Mais tarde, Deus teve de separar Ló de Abraão, antes de poder prosseguir com seus planos para a vida do patriarca. Não há registro da longa jornada deles de Harã até Canaã, mas certamente foi necessário fé e paciência para completá-la. É fácil perceber que Abraão era um homem próspero, contudo essa prosperidade não foi uma barreira

ao seu caminhar com Deus. Os viajantes chegaram a Siquém, “o ombro”. Que coisa maravilhosa para o crente viver no “ombro”, de onde Deus, “por baixo de ti, estende os braços eternos” (Dt 33:27).

C. A confissão (vv. 7-9)

A obediência sempre leva à bênção. O Senhor, depois de Abraão chegar a Canaã, apareceu para Abraão a fim de encorajá-lo mais. Abraão não hesitou em confessar sua fé diante de uma terra pagã. Ele, onde quer que fosse, construía sua tenda e seu altar. (Veja 13:3-4,18.) A tenda fala do peregrino, a pessoa que confia em Deus, um dia de cada vez, e está sempre pronta para se mover. O altar fala do adorador que traz um sacrifício e o oferece a Deus. De forma interessante, a localização de Abraão, Betel (“a casa de Deus”), fica no ocidente, Ai (“um monte de ruínas”) fica no oriente, e ele viajava em direção à “casa de Deus”. Em 13:11, Ló virou as costas à casa de Deus e fez sua jornada em direção ao oriente, de volta ao mundo e com resultados desastrosos. Abraão, sempre que se afastou do desejo de Deus, perdeu a tenda e o altar.

II. O lapso de fé de Abraão (12:10-20)

A. O desapontamento (v. 10)

Havia fome no local a que Deus o conduzira! Os peregrinos devem ter

ficado muito desapontados com isso. Deus testava a fé deles a fim de saber se confiavam no Senhor ou na terra. Eles, em vez de permanecerem em Canaã e confiarem em Deus, desceram ao Egito, provavelmente por sugestão de Ló (veja 13:10). O Egito simboliza o mundo, a vida de autoconfiança; Canaã retrata a vida de fé e de vitória. O Egito era irrigado pelo lamacento rio Nilo; Canaã recebia as chuvas frescas de Deus (veja Dt 11:10-12). Abraão abandonou sua tenda e seu altar e confiou no mundo! Veja Isaías 31:1.

B. A decepção (vv. 11-13)

Um pecado leva a outro: primeiro Abraão confiou no Egito; agora ele acreditou na mentira que sua esposa disse para protegê-lo. Gênesis 20:13 deixa claro que Sara era tão culpada como Abraão, e 20:12 indica que, na verdade, a “mentira” era uma meia-verdade, pois ela era sua meia-irmã. Parece que Abraão estava mais preocupado com a própria segurança que com a de sua esposa — ou a segurança da semente prometida. Se Sara tivesse permanecido no harém, Deus não poderia cumprir sua promessa! Abraão, sem sua tenda e seu altar, agia como as pessoas do mundo (Sl 1:1-3).

C. A disciplina (vv. 14-20)

Que vergonha Abraão, homem de fé, ser repreendido por um rei in-

fiel. O faraó, até saber a verdade a respeito de Sara, “tratou bem” a Abraão, mas, assim que Deus interferiu e expôs a mentira, o faraó pediu-lhes que partissem. O cristão dá um testemunho pobre quando se mistura com o mundo e faz concessões. Alguém disse: “Fé é viver sem esquemas”. Abraão e todos seus descendentes precisavam aprender essa lição! Ló viveu com o mundo e perdeu seu testemunho (19:12-14); e Pedro permitiu o fogo inimigo e negou seu Senhor.

III. Abraão retorna à fé (13:1-4)

Os cristãos enredados no mundo não podem sentir-se felizes consigo mesmos. Eles têm de voltar ao exato lugar em que abandonaram o Senhor. Isso é arrependimento e confissão, sentir-se contrito pelo pecado e corrigir-se. Abraão não podia confessar seu pecado e permanecer no Egito! Não, ele tinha de voltar ao local de sua tenda e altar, voltar ao local em que podia rogar ao Senhor e receber bênção. Este é um bom princípio para os cristãos seguirem: não ir a lugar algum deste mundo em que têm de deixar seu testemunho para trás. Qualquer lugar em que não possamos construir o altar e montar a tenda está fora de nossos limites.

Parece que a restauração de Abraão desfaria toda sua desobediência, mas não era esse o caso.

Com certeza, Deus perdoou Abraão e restaurou-o à comunhão, mas Deus não podia invalidar as tristes conseqüências da viagem ao Egito.

A. Tempo perdido

As semanas que Abraão e sua família passaram afastados do Senhor estavam perdidas e não podiam ser recuperadas. Todos os crentes devem orar para evitar esses tipos de perdas: “Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio” (Sl 90:12).

B. Testemunho perdido

Abraão poderia testemunhar o verdadeiro Deus ao faraó depois de enganá-lo? Provavelmente não. Que tristeza sentiremos no julgamento final de Cristo quando encararmos Deus e descobirmos quantas almas foram para o inferno por causa do pobre testemunho dado por cristãos carnais!

C. O lugar de Agar na família

Agar, serva de Sara, veio do Egito (16:1ss) e trouxe um problema imenso para a família. É claro que a sugestão de ela ter um filho partiu de Sara, mas a presença de Agar ajudou a realizar o esquema carnal. Em última instância, tudo que trazemos conosco do Egito (o mundo infiel) causa-nos problemas. Devemos ser crucificados para o mundo e certificarmo-nos de que

o mundo está crucificado para nós (Gl 6:14).

D. Mais prosperidade

O aumento das riquezas ajudou a causar a disputa posterior entre os pastores de Abraão e de Ló. Mais tarde, Abraão recusou as riquezas terrenas (14:17-24).

E. A alegria de Ló com o Egito

Esse jovem desenvolveu um gos-

to pelo Egito (13:10), mas, embora Abraão tirasse Ló do Egito, ele não podia tirar o Egito de Ló! Sempre é uma tragédia quando um cristão maduro desvia um cristão mais jovem. Em 12:8, Ló compartilha a tenda e o altar de Abraão. Quando, porém, Ló deixa o Egito, tem apenas a tenda, mas não mais o altar (13:5). Não é de admirar que Ló gravitasse em direção a Sodoma e terminasse arruinado moral e espiritualmente.

GÊNESIS 13:5–14:24

Aqui, iniciamos o relato trágico da apostasia e do fracasso de Ló. Se não fosse pelo relato de 2 Pedro 2:7-8, poderíamos perguntar-nos se Ló foi mesmo salvo. Ele é o retrato do crente mundano que perde tudo no fogo do julgamento (1 Co 3:11-15). Contudo, ainda assim, é salvo pelo fogo!

I. O conflito (13:5-7)

Ló caminhava na carne, e Abraão caminhava no Espírito. Isso sempre leva ao conflito. A causa exterior era o aumento da riqueza; a causa real era a incredulidade e carnalidade de Ló. Cristo é um divisor de águas (Jo 7:43; 9:16; 10:19). A presença dele traz conflito entre pessoas da mesma família (Lc 12:49-53). O conflito com Ló deve ter sido um peso para Abraão e Sara, ao mesmo tempo que era um triste testemunho do paganismo que agora havia na terra.

II. A escolha (13:8-18)

As pessoas mostram o seu verdadeiro eu por intermédio das escolhas que fazem. Observe o que Ló revela aqui:

A. Orgulho (vv. 8-9)

O mais jovem deve submeter-se ao mais velho (1 Pe 5:5), contudo Ló

põe-se à frente de Abraão. Este era um homem benevolente. Ele ansiava por promover a paz (Sl 133). Enquanto Abraão preocupava-se em manter um bom testemunho, Ló preocupava-se apenas consigo mesmo. Contudo, “a soberba precede a ruína” (Pv 16:18), e Ló perderia tudo!

B. Incredulidade (v. 10a)

“Levantou Ló os olhos” — ele vivia pela visão, não pela fé. Se Ló consultasse Deus, descobriria que o Senhor planejava destruir Sodoma, mas, em vez disso, ele confiou na própria visão e escolheu a cidade rica e pecaminosa.

C. Mundanidade (v. 10b)

A terra que Ló viu era “como a terra do Egito” — isso foi tudo que teve importância para ele! Ló caminhava segundo a carne, vivia para as coisas do mundo. Para Ló, a região em volta de Sodoma parecia bem irrigada e fértil, mas para Deus ela era pecaminosa (v. 13). Os descrentes de hoje, como Ló, fundamentam suas esperanças neste mundo e riem da idéia de que, um dia, Deus destruirá o mundo por meio do fogo (2 Pe 3).

D. Egoísmo (v. 11)

Ló devia seu sucesso principalmente à bondade de Abraão, contudo o jovem deixou o tio generoso e tentou pegar “o melhor” para si mesmo. É claro, Deus queria separar Ló

e Abraão (12:1), mas, do ponto de vista humano, essa separação era difícil e penosa.

E. Negligência (v. 12)

Primeiro, Ló olhou em direção a Sodoma. Depois, ele se moveu em direção a Sodoma. Não muito tempo depois (14:12 e 19:1), ele passou a morar em Sodoma. O versículo 11 conta-nos a jornada de Ló em direção ao oriente; ele, em vez de caminhar na luz, foi em direção à escuridão (Pv 4:18).

Ao mesmo tempo que Ló se distanciava mais do Senhor, Abraão se aproximava mais dele! Ló tornava-se um amigo do mundo (Tg 4:4); Abraão se tornava amigo de Deus (Tg 2:23). Deus disse a Abraão que levantasse os olhos (veja v. 14-15) e observasse a terra inteira. As pessoas do mundo afirmam o que seus olhos podem ver; as pessoas de fé declaram o que os olhos de Deus vêem! Ló pegou uma parte da terra, mas a Abraão foi dada toda a terra. Deus sempre dá o melhor àqueles que deixam a escolha por conta dele (Mt 6:33). Deus prometeu abençoar a semente de Abraão, mas a família de Ló destruiu-se em Sodoma ou corrompeu-se na caverna (19:12-38). O versículo 17 deixa claro que o crente deve apressar-se em direção às promessas de Deus e afirmá-las pela fé (Js 1:3). Ló perdera seu altar e logo perderia sua tenda (19:30), mas Abraão ain-

da tinha sua tenda e seu altar. Vale a pena andar pela fé e confiar na Palavra de Deus!

III. O cativo (14:1-12)

Os arqueólogos confirmam a exatidão do relato bíblico dessa primeira guerra. Quando Ló entrou em Sodoma (v. 12), perdeu a proteção do “Juiz de toda a terra” (18:25) e sofreu as conseqüências disso. Ló seguiu a vereda da amizade com o mundo (Tg 4:4), depois a do amor do mundo (1 Jo 2:15-17), a seguir a da conformidade ao mundo (Rm 12:2) e, por fim, a do julgamento com o mundo (1 Co 11:32). Ló pensou que Sodoma fosse um lugar de paz e de proteção; entretanto, ela tornou-se um lugar de combate e de perigo!

Raramente, os santos são “cativados pelo mundo” de forma repentina. Eles entram nos locais de perigo aos poucos, em estágios. Com Ló, o processo iniciou-se quando adotou o Egito como padrão e começou a caminhar pela visão, em vez de pela fé. Ele preferiu as pessoas do mundo a seu tio piedoso, e as casas de Sodoma às tendas de Deus. O resultado disso: ele ficou cativo!

IV. A conquista (14:13-24)

O piedoso Abraão, embora vivesse em uma tenda, estava em local seguro. Abraão, ao saber da situação de Ló, fez algo generoso e foi resgatá-lo. Apenas o crente separado pode sal-

var o apóstata, e o apóstata volta-se para esse santo fiel quando está com problemas. Nesse capítulo, Abraão liberta Ló com sua espada. Ele, pela fé, domina o inimigo, percorrendo 193 quilômetros para fazer isso. Veja 1 João 5:1-4. Em 19:29, Abraão liberta Ló por meio da oração (18:23-33). O cristão mundano é realmente afortunado se tem um ente querido que ora por ele!

Abraão, depois da vitória, enfrenta grande tentação quando se encontra com o rei de Sodoma. Em geral, é verdade que Satanás tenta-nos logo após uma grande vitória espiritual. Satanás encontra Cristo no deserto depois de ele ser batizado. Elias foge com medo depois de seu grande trabalho de fé no monte Carmelo (1 Rs 19). O rei de Sodoma quer negociar com Abraão e fazer com que ele faça concessões e aceite as riquezas de Sodoma, mas Abraão recusa a oferta. Fora provado que a riqueza do Egito era uma cilada. A riqueza de Sodoma seria ainda pior. Se Abraão não estivesse em guarda, sucumbiria à sutil tentação e usurparia toda a glória de Deus. As pessoas diriam: "Abraão salvou Ló pelo que poderia ganhar com isso, não por causa de sua fé e de seu amor. Abraão recusou-se a viver em Sodoma com Ló, mas ele também gosta das posses de Sodoma". Abraão perderia seu testemunho.

Abraão ignorou o rei de Sodoma, mas honrou o rei de Salém.

Hebreus 5—7 deixa claro que Melquisedeque ("rei da retidão") é um tipo de Cristo, nosso Sumo Sacerdote divino. Cristo, como o rei de Salém ("paz"), dá-nos paz por meio de sua retidão, possibilitada por sua morte na cruz. É encorajador ver Melquisedeque encontrar Abraão exatamente quando o rei de Sodoma o tenta! Cristo, como Rei e Sacerdote, pode dar-nos "graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4:16). O pão e o vinho (v. 18) simbolizam o corpo e o derramamento do sangue de Cristo, pois é a cruz que torna possível o sacerdócio divino de Cristo. Melquisedeque encontrou Abraão, alimentou-o e abençoou-o. Que Salvador maravilhoso!

Abraão honrou Melquisedeque ao pagar-lhe o dízimo de tudo. Esse é o primeiro exemplo de dízimo na Bíblia, e isso ocorreu anos antes do recebimento da Lei Mosaica. Hebreus 7:4-10 indica que esses dízimos eram pagos (em espécie) a Cristo, o que sugere que os cristãos de hoje seguem o exemplo de Abraão ao pagarem dízimos ao Senhor. Abraão recusou as riquezas do mundo, mas compartilhou sua riqueza com o Senhor, e Deus abençoou-o muito.

Essa batalha e essa noite de perigo trouxeram Ló ao seu juízo? Infelizmente, não! Em 19:1, o vemos de volta a Sodoma. O coração de Ló estava em Sodoma, portanto era para onde seu corpo tinha de ir.

GÊNESIS 15-17

Nesses capítulos, temos uma rica mina de verdade espiritual que alcança o Novo Testamento, especialmente Romanos e Gálatas. Deus esboçou suas promessas em 12:1-3 e expandiu-as em 13:14-18, mas, nesse ponto, ele revela de forma mais completa as promessas da aliança. Essa aliança diz respeito ao filho de Abraão e à prometida semente por vir, Cristo. Esses capítulos também tratam da terra de Canaã e do programa maravilhoso que Deus tem para seu povo, Israel.

I. Os termos da aliança (15)

A. O cenário

Abraão acabara de derrotar os reis (cap. 14) e vencera a grande tentação do rei de Sodoma. Agora, Deus interfere a fim de encorajá-lo. Como é maravilhoso que Cristo venha até nós quando precisamos dele (14:18)! Deus é nossa proteção (escudo) e provisão (recompensa), jamais precisamos temer. Abraão não precisava da proteção do rei de Sodoma ou das riquezas que ele oferecia, pois ele tinha tudo que precisava em Deus.

B. A súplica

Abraão não queria um prêmio; ele queria um herdeiro. Agora, ele ti-

nha 85 anos, e havia dez anos esperava pelo filho prometido. Se ele não tivesse filho, toda a sua herança ficaria para Eliézer, seu servo. Em 12:2, Deus não prometera: “De ti farei uma grande nação”? Portanto, por que ele não cumpria sua promessa? Deus respondeu à súplica de Abraão levantando os olhos dele de si mesmo e de seu servo para os céus (v. 5). O versículo 6 é um versículo-chave da Bíblia que poderíamos traduzir da seguinte maneira: “E ele disse ‘AMÉM’ ao SENHOR, e o SENHOR creditou isso em sua conta de retidão” (veja Gl 3:6; Rm 4:3; Tg 2:23). Como Abraão foi salvo? Não por guardar a lei, pois a lei ainda não fora dada; não pela circuncisão, pois ela não foi instituída até que ele tivesse 99 anos. Ele foi salvo pela fé na Palavra de Deus.

C. O sacrifício

A salvação fundamenta-se em sacrifício, pois a aliança exige o derramamento de sangue. Naquela época, em um acordo, era costume que as partes contratantes andassem entre as partes de animais sacrificados; isso selava o acordo. No versículo 9, todos os sacrifícios falam de Cristo e da cruz. Abraão ofereceu sacrifícios e trabalhou para manter Satanás afastado (prefigurado pelas aves no v. 11; Mt 13:4,19). Contudo, nada aconteceu realmente até Abraão ir dormir. Abraão nunca caminhou

entre as partes. Deus sozinho (v. 17) caminhou entre as partes; a aliança toda era de graça e dependia apenas do Senhor. Abraão, como Adão (2:21), dormia profundamente e não podia fazer nada para ajudar Deus. Quando estamos desamparados, Deus faz grandes coisas para nós.

D. A garantia

Abraão queria saber com certeza o que Deus faria (v. 8), e Deus satisfez sua necessidade. A salvação fundamenta-se no sacrifício de Cristo e na graça de Deus; a garantia vem da Palavra de Deus. Deus deu uma previsão resumida dos eventos a Abraão: a curta permanência de Israel no Egito, o sofrimento deles no Egito, a libertação deles na quarta geração (veja Êx 6:16-26) e a posse da terra prometida. Observe que Deus diz: “Dei esta terra” (v.18), e não: “Darei”, como em 12:7. As promessas de Deus são tão boas quanto suas realizações!

Note que, nesse capítulo, aparecem pela primeira vez, pelo menos, sete palavras ou frases: “A palavra do SENHOR” (v. 1); “Não temas” (v. 1); “galardão” (v. 1); “herdeiro”; “herança” (vv. 3,7); “creu”; “imputado” e “justiça” (todas no v. 6). Esse capítulo mostra-nos que não pode haver herança sem filiação (Rm 8:16-17), não pode haver retidão sem fé (Rm 4:3ss), não pode haver garantia sem promessas e não pode

haver bênçãos sem sofrimento. Antes que Abraão veja as estrelas de Deus, é preciso que escureça!

II. O teste da aliança (16)

Deus fizera a aliança e a cumpriria. Tudo que Abraão e Sara precisavam fazer era esperar pela fé (Hb 6:12). Infelizmente, o espírito deseja isso, mas a carne é fraca! No capítulo anterior, Abraão escutou a Deus e exercitou a fé, mas aqui ele escutou sua esposa e revelou sua incredulidade. Ele deixou de caminhar no Espírito e começou a fazê-lo na carne. Vimos que “fé é viver sem esquemas”, mas, nesse momento, os dois tentaram ajudar Deus a cumprir seus planos. Isso explica por que Deus teve de esperar até que estivessem velhos para dar-lhes o filho. Eles tinham de morrer para si mesmos a fim de que ele pudesse trabalhar (Gl 5:16-26).

No versículo 2, Sara culpa Deus por sua esterilidade e sugere que ele não é bom para eles (veja 3:1-6). Ela vira-se para o mundo em busca de ajuda — para Agar, a egípcia —, mas todo o esquema fracassa. Agora, surgem as obras da carne (Gl 5:16-26).

Deus não reconhece o casamento. Ele chama Agar de “serva de Sara” (v. 8). Essa é a primeira menção ao Anjo do Senhor no Antigo Testamento, e ele não é ninguém mais além de Cristo. Deus cuida de Agar, a instrui para que se submeta

a Sara e promete que seu filho, Ismael, será um grande homem, mas “como um jumento selvagem”. “Ismael” significa “Deus ouvirá” (veja v. 11).

Quando Isaque, filho de Sara, entra na família, não há mais espaço para Ismael, e ele é expulso (21:9ss). No fim, Ismael teve doze filhos (25:13-15), e, durante séculos, seus descendentes são inimigos dos judeus. Gálatas 4:21-31 ensina que Sara representa a Nova Aliança, e Agar, a Antiga Aliança. Agar era escrava, e a Antiga Aliança escravizava as pessoas (At 15:10); Sara era uma mulher livre, e Cristo nos libertou (Gl 5:1ss). Ismael nascera da carne e não podia ser controlado. Da mesma forma, a Lei apela à carne, mas não pode mudá-la nem controlá-la. Isaque era filho do Espírito, o filho da promessa (Gl 4:23), que desfrutava de liberdade.

Não perca a lição prática dessa passagem: sempre há problema quando passamos à frente de Deus. A carne adora ajudar a Deus, mas demonstramos a verdadeira fé na paciência (Is 28:16). Não podemos misturar fé e carne, lei e graça, promessa e auto-realização.

III. O símbolo da aliança (17)

Há treze anos de silêncio entre os acontecimentos desse capítulo e o nascimento de Ismael. Deus teve de

esperar que Abraão e Sara morressem para si mesmos a fim de que seu poder de ressurreição se revelasse na vida deles. Deus revelou-se como o “Deus Todo-Poderoso” — *El Shaddai*, “o todo suficiente”. Nesse capítulo, observe a repetição da expressão “minha aliança”. O cumprimento dela repousa sobre Deus, não sobre o homem. Note também a repetição da afirmação: “Farei”.

A. Os nomes novos

“Abrão” significa “pai da exaltação”, Abraão, “pai de uma multidão”. Diz-se que “Sarai” significa “briguenta”, mas “Sara” significa “princesa”. Seus novos nomes eram a preparação para a bênção que estava para entrar na casa deles. Apenas a graça de Deus podia transformar dois adoradores de ídolos pagãos em reis e rainhas!

B. O novo sinal

Essa é a primeira menção à circuncisão na Bíblia. O Antigo Testamento não ensina em lugar nenhum que a circuncisão salva o homem. Contudo, ela é o símbolo exterior da aliança entre Deus e o homem. A finalidade era lembrá-los da circuncisão interior do coração que acompanha a verdadeira salvação (Dt 10:16 e 30:6; Jr 4:4; veja também Rm 4:11 e Gl 5:6). Devia-se realizar o ritual no oitavo dia (v. 12), e é relevante notar que oito é

o número da ressurreição. É triste dizer que os judeus dependiam do ritual carnal, não da realidade interior (At 15:5). Hoje, os crentes estão na Nova Aliança e são a verdadeira circuncisão (Fp 3:1-3), que se vivencia espiritualmente por intermédio da morte de Cristo (Cl 2:9-15). Despe-se todo o corpo de pecado

(a antiga natureza), e podemos viver no Espírito, não na carne.

No versículo 17, o riso de Abraão é de fé jubilosa; o de Sara foi de descrença (18:12). "Isaque" significa "riso". Deus rejeita Ismael e estabelece sua aliança com Isaque e sua semente; contudo, ele, pela graça, designa bênção especial para Ismael.

GÊNESIS 18-20

Esses capítulos registram três visitas, e cada uma delas traz uma lição espiritual.

I. A visita de Cristo a Abraão (18)

Os versículos 17-22 deixam claro que um dos visitantes celestiais era o Senhor Jesus Cristo; observe também as palavras de Abraão no versículo 3. O grande tema desse capítulo é a comunhão do crente com Cristo, pois Abraão era “amigo de Deus” (Tg 2:23). No capítulo 19, veremos Ló, o amigo do mundo.

A. A comunhão de Abraão com Cristo (vv. 1-8)

Esses versículos retratam a comunhão amorosa do crente com Cristo. Abraão está em Manre, que significa “vigor”. Ele desfruta a plenitude da bênção de Deus. A tenda fala de sua vida de peregrino; o “calor do dia” indica que ele caminha na luz (1 Jo 1). Sua pressa prova seu desejo amoroso de agradar ao Senhor. E ele não poupa sacrifícios para fazer com que Cristo sinta-se em casa. Em Efésios 3:17, Paulo ora: “Habite Cristo no vosso coração”, o que significa literalmente: “Cristo pode instalar-se e sentir-se em casa no

coração de vocês”. Ele anseia por comungar conosco.

B. A confissão de descrença de Sara (vv. 9-15)

Conecta-se o nascimento de Isaque a risos. De fato, o nome “Isaque” significa “riso”. Abraão riu em fé jubilosa quando ouviu a notícia de que Deus lhe daria um filho (17:15-18), mas aqui Sara parece rir graças à incredulidade carnal. Por que duvidamos das promessas de Deus? “Acaso, para o SENHOR há coisa demasiadamente difícil?” Observe, em Lucas 1:34, a fé de Maria quando pergunta: “Como será isto?”. Entretanto, Sara ri graças à alegria espiritual quando Isaque nasce (21:6-7).

C. A confiança de Cristo em Abraão (vv. 16-22)

Os anjos saíram e foram para Sodoma, mas Cristo ficou para trás a fim de visitar Abraão. Que cena! Cristo não esconde nada de seu amigo. Veja a passagem de João 15:14-15 em que Cristo promete revelar seus desejos para seus amigos. Leia também Salmos 25:9-14 e veja como Abraão satisfaz todas as condições dadas aí. Abraão sabia mais sobre Sodoma que Ló, e este vivia em Sodoma! Os cristãos obedientes, separados, sabem mais sobre este mundo que os filósofos ateístas!

D. A preocupação de Abraão com Ló (vv. 23-33)

Abraão amava muito Ló apesar da mundanidade e da incredulidade deste. Observe que Abraão não pede a graça de Deus, mas a justiça de Deus: como o Senhor poderia destruir o justo com o ímpio? (Deus, no Calvário, puniu o Justo, em vez do pecador.) Abraão, com persistência e ternura, intercedeu em favor de Sodoma. Deus disse que pouparia toda a cidade se fossem encontrados apenas dez crentes em Sodoma. O capítulo 19 indica que Ló tinha, pelo menos, duas filhas casadas (v. 14) e duas filhas solteiras (v. 30ss); portanto, com sua esposa e genros, havia oito membros em sua família. Se Ló conquistasse a própria família e mais dois vizinhos, Deus teria poupado toda uma cidade! Mas ele fracassou em satisfazer até mesmo essa condição.

II. A visita do anjo a Ló (19)

Cristo não acompanhou os anjos, ele não se sentiria “em casa” na moradia do apóstata mundano. Segunda Pedro 2:7-8 indica que Ló era um homem salvo. Ele tinha união com o Senhor, mas não comunhão; filiação, mas não amizade. Contudo, ele foi salvo “todavia, como que através do fogo” (1 Co 3:14-15). Note que Ló perdera sua tenda. Pois, nessa época, ele vivia em uma casa (v. 3), e não se menciona um altar. Era

noite quando os anjos chegaram, e a maior parte dos eventos acontece à noite. Ló não caminhava na luz. O Ló mundano não perdera apenas sua tenda, seu altar e sua amizade com Deus, mas perdera também seu padrão espiritual: ele ousou sugerir que sua filha solteira fosse à rua a fim de satisfazer a luxúria da multidão! Ele também perdera seu testemunho diante de toda a sua família (vv. 12-14). Quando tudo isso se iniciou? Quando ele “levantou [...] os olhos” (13:10) e escolheu sua terra. Ele começou a caminhar pela visão, não pela fé, vivendo para as coisas do mundo. Ele deve ter se casado com uma mulher mundana, pois o coração dela estava em Sodoma, e ela não conseguia deixar a cidade para trás.

Aquele dia amanheceu luminoso e bonito. As pessoas iniciaram suas tarefas diárias — e veio o julgamento! As cidades pecaminosas foram totalmente destruídas. Apenas Ló e suas duas filhas solteiras escaparam com vida. O destino de Sodoma retrata a ira por vir. A destruição virá quando os homens pensarem que há paz e segurança (1 Ts 5). Entrementes, a salvação de Ló é um retrato do arrebatamento da igreja antes do derramar da ira de Deus. O Senhor salvou Ló por causa de Abraão (19:29), e ele libertará a igreja da ira por vir por causa de Jesus (1 Ts 1:10; 5:9).

Os dias finais de Ló foram cheios de escuridão e de pecado quando ele cometeu incesto na caverna. Ele trocou a tenda por uma casa na cidade e acabou em uma caverna, e suas filhas o embebedaram! Os moabitas e os amonitas, filhos dessa cena horrível, foram inimigos dos judeus durante séculos, o que ilustra que a carne luta contra o Espírito. Certifiquemo-nos de seguir o desejo de Deus quando nos estabelecemos com nossa família. Ló escolheu o local errado e arruinou a si mesmo e a seus entes queridos.

É interessante contrastar as duas visitas dos capítulos 18 e 19. O próprio Cristo visitou Abraão, mas apenas os anjos foram a Sodoma visitar Ló. Cristo tinha uma mensagem de júbilo para Abraão e Sara, mas os anjos levaram uma mensagem de julgamento para Ló. A visita para Abraão ocorreu durante o dia, mas a de Ló aconteceu à noite. Abraão estava à porta da tenda; Ló, no portão da cidade. Abraão tinha força diante de Deus, mas Ló não tinha influência nem mesmo na própria família. Abraão viu a destruição de Sodoma e não perdeu nada, mas Ló perdeu tudo. Apenas sua vida foi poupada. Abraão trouxe bênção para o mundo, mas Ló, problemas (os amonitas e os moabitas).

III. A visita de Abraão em Gerar (20)

Ló ficou esquecido, porém a história de Abraão continua. “Aque-

le, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Infelizmente, esse capítulo registra a repetição de um pecado antigo — Abraão mente a respeito de sua esposa (veja 12:10-20). Mesmo o santo mais dedicado deve estar constantemente em guarda para que Satanás não o derrube.

Por que houve a repetição desse pecado? Porque Abraão não o julgou em sua vida. Com certeza, ele confessou-o ao Senhor e foi perdoado, mas confessar o pecado não é a mesma coisa que julgar o pecado. Julgar nossos pecados significa vê-los em sua verdadeira luz (como Deus os vê), odiá-los e expulsá-los de nossa vida. No versículo 13, Abraão admite que esse pecado estava com ele desde que saiu de Ur dos caldeus.

Há uma diferença entre o crente e o incrédulo, embora o crente possa pecar. Deus destruiu a corte pagã, mas protegeu Abraão. Deus disse ao governante: “Vais ser punido de morte” (v. 3), mas chamou Abraão de profeta (v. 7). Isso não quer dizer que os crentes tenham licença para pecar, mas mostra que Deus, embora sejamos incrédulos, é fiel (2 Tm 2:12-13). Certamente, Abraão sofreu vergonha e reprovação por seu pecado, mas Deus protege os seus. Na verdade, se Abimeleque tivesse ficado com Sara, isso alteraria o plano de Deus para

o nascimento de Isaque no ano seguinte. O egoísmo e a incredulidade de Abraão quase destruíram sua vida e o futuro da nação judaica.

É muito triste observar que, anos mais tarde, seu filho, Isaque, usou esse mesmo esquema (26:6ss) com o mesmo resultado amargo.

GÊNESIS 21-22

Esses dois capítulos registram três testes que acontecem na vida de **Abraão**. A verdadeira fé sempre é **testada**, pois apenas por intermédio do teste descobrimos o tipo de **fé** que temos. Os testes de fé são **oportunidades** de crescimento e de vitória.

I. O teste da família (21:1-21)

Com freqüência, é mais difícil viver para Cristo em família. Abraão já fora testado em família por seu pai (11:27-32), por seu sobrinho Ló (caps. 12—13) e por sua esposa (cap. 16). Vemos aqui conflito entre os dois filhos, Ismael (que de acordo com 16:16 estava no fim da adolescência) e Isaque (desamamentado, com cerca de 3 anos). De início, o nascimento de Isaque trouxe júbilo e riso (compare 21:6 com 17:17 e 18:12), pois o próprio nome “Isaque” significa “riso”. Contudo, logo houve conflito, já que Ismael perseguia constantemente seu irmão mais jovem. Há algumas lições valiosas aqui:

A. A carne versus o Espírito

Ismael era filho da carne (v. 16), e Isaque era filho da promessa, nascido de forma milagrosa. A presença de Isaque na casa não se devia à força de Abraão (pois o corpo de Abraão já estava amortecido, Rm

4:19-20), mas à promessa e ao poder de Deus. Sempre há conflito entre a carne e o Espírito, a antiga natureza e a nova natureza (Gl 5:16-24). A salvação não muda a antiga natureza, tampouco é possível melhorar ou disciplinar a antiga natureza (veja Rm 6—7). A única forma de dominar a antiga natureza é aceitar a avaliação que Deus faz dela e obedecer à Palavra de Deus. Abraão amava Ismael e ansiava por apoiá-lo (21:10-11; veja também 17:18), mas Deus disse-lhe: “Mande-o embora!”. Romanos 6 informa-nos que nossa única vitória sobre a carne é a crucificação — considerada a morte de nós mesmos. Os cristãos que alimentam a antiga natureza (Rm 13:14) sempre têm conflito e problemas.

B. A antiga aliança versus a nova aliança

Gálatas 4:21-31 explica que os eventos com Ismael e Isaque são uma alegoria que simboliza a antiga aliança de Deus com Israel e sua nova aliança com a igreja. Podemos resumir de forma breve as principais idéias da seguinte maneira: Agar simboliza a antiga aliança da lei, identificada com a Jerusalém terrena da época de Paulo. Sara simboliza a nova aliança da graça, identificada com a Jerusalém celestial. Ismael nasceu da carne e era filho de uma escrava. Isaque “nasceu do Espírito” e era filho de uma mulher livre. Por-

tanto, esses dois filhos retratam os judeus sob a escravidão da Lei e os verdadeiros cristãos sob a liberdade da graça. Paulo argumenta que Deus mandou Abraão expulsar Agar (a antiga aliança), porque sua bênção estava sobre Isaque. Tudo isso se ajusta ao argumento de Paulo, de Gálatas 3—4, de que os cristãos de hoje não estão sob a Lei.

C. A maneira do homem versus a maneira de Deus

A melhor maneira de resolver qualquer problema é a de Deus. Em 16:10, Agar esqueceu a promessa de Deus; de outra forma, ela não teria ficado desesperada. Deus sustentou-os e manteve sua Palavra. O Senhor, se obedecermos a ele, sempre abre o caminho e resolve o problema.

II. O teste dos vizinhos (21:22-34)

Os crentes devem ter cuidado ao relacionar-se com “os que são de fora” (Cl 4:5; 1 Ts 4:12; 1 Tm 3:7). Abraão deu um bom testemunho diante de seus vizinhos não-salvos, e o conflito em relação ao poço poderia ter arruinado isso para sempre. Observe que Abraão concordou em estabelecer o problema em forma de negócio: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Co 14:40). Abraão e seus vizinhos trocaram os presentes apropriados e fizeram os sacrifícios adequados para selar a aliança.

O local em que se deu a aliança chamava-se Berseba, “porque ali juraram eles ambos”, e tornou-se um local de comunhão e de oração para Abraão. É importante que os testes que enfrentamos com a vizinhança ou nos negócios sejam estabelecidos de forma cristã. Para mais esclarecimentos a respeito disso, veja Romanos 12:18.

III. O teste do Senhor (22:1-24)

Satanás tenta-nos para que exponhamos o pior de nós, mas Deus testa-nos a fim de nos ajudar a trazer à tona o melhor de nós. Veja Tiago 1:12-15. Os testes mais difíceis não vêm das pessoas, mas do Senhor, contudo sempre são acompanhados das bênçãos mais excelentes. Deus nunca testou Ló dessa forma. Ele viveu de um modo tão baixo que Sodoma e o mundo o testaram. Deus, para sua glória, faz os maiores testes com o santo que caminha mais próximo do Senhor.

A. A lição tipológica

Esse evento é um exemplo maravilhoso de Cristo: o único Filho que queria dar a vida para agradecer seu Pai. Isaque e Cristo eram filhos prometidos; os dois nasceram de forma milagrosa (claro que Cristo nasceu da virgem Maria e não tinha pecado); os dois trouxeram júbilo ao coração do pai; os dois nasceram no momento determinado por Deus. Os

dois foram perseguidos pelos irmãos e foram obedientes até a morte. Crucificaram Cristo entre dois ladrões, e dois jovens foram com Isaque (v. 3). Isaque questionou seu pai; Jesus perguntou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste” (Mt 27:46). É claro que, no fim, Cristo morreu, enquanto Isaque foi poupado. Entretanto, na visão de Deus, Isaque “morreu”. Hebreus 11:19 diz que “figuradamente” (isto é, simbolicamente) Isaque levantou da morte. O versículo 19 indica que Abraão retornou até os servos que esperavam, mas não diz nada a respeito de Isaque. Isso também é um exemplo: pois na próxima vez que vemos Isaque, ele está recebendo sua noiva (24:62ss). Da mesma forma, Cristo deu-se na cruz, voltou ao céu e, um dia, retornará para receber sua noiva, a igreja.

B. A lição prática

A fé verdadeira sempre é testada. É óbvio que Deus não queria a vida de Isaque; ele queria o coração de Abraão. Abraão amava Isaque, e Deus quis certificar-se de que ele não era um ídolo entre ele e Abraão. É possível que Abraão tenha feito aquilo porque achava que era Isaque quem cumpriria a promessa, e não por confiar em Deus. Como Abraão passou nesse teste? Graças ao fato de ele ter confiado nas promessas de Deus (Hb 11:17-

19). Deus prometera que Abraão teria muitos descendentes, e essa promessa não poderia ser cumprida, a menos que Isaque vivesse ou que Deus o ressuscitasse dos mortos. Abraão sabia que Deus não mentiria, portanto ele confiou em sua Palavra imutável. “Não duvide na escuridão do que Deus lhe disse a plena luz.” Abraão obedeceu sem demora. Se fizermos o que Deus nos ordena fazer, ele revelará o próximo estágio no momento certo. A resposta de Deus nunca chega com um segundo de atraso! Deus providenciou um carneiro no exato momento em que foi necessário. Por isso, Abraão chamou o local de “O SENHOR Proverá” — o Senhor proverá o que for preciso!

C. A lição profética

Esse evento se deu no monte Moriá (22:2), onde, no fim, se construiu o templo (2 Cr 3:1). Isaque perguntara: “Onde está o cordeiro?”, mas Deus providenciou um carneiro. A resposta à pergunta dele veio na pessoa de Cristo: “Eis o Cordeiro de Deus” (Jo 1:29). Abraão disse: “No monte do SENHOR se proverá” (v. 14); Cristo foi visto no templo e depois sacrificado no monte Calvário. Veja também João 8:56.

D. A lição doutrinária

Tiago 2:14-26 discute a relação entre fé e obras, e Tiago usa esse

evento para ilustrar seu ponto principal: prova-se sempre a verdadeira fé por meio da obediência. Observe a tradução exata de Tiago 2:21: "Não foi por obras que Abraão, o nosso pai, foi justificado, quando ofereceu sobre o altar o próprio filho, Isaque?". Abraão não foi salvo

quando ofereceu Isaque, mas anos antes quando confiou na promessa de Deus (Gn 15:6). Tiago não nos diz que somos salvos por meio de obras ou de sacrifícios, mas a prova de que possuímos a fé salvadora é uma vida de obediência (veja Rm 4:1-5 e Gl 3:6ss).

GÊNESIS 23-24

Esses dois capítulos contrastam um com o outro, pois em um deles temos um funeral, e no outro, um casamento. A terra de Canaã é “terra de montes e de vales” (Dt 11:11); a vida cristã tem mágoas e alegrias. Contudo, Abraão, nas duas situações, caminhou pela fé (Hb 11:13-17). O capítulo 23 mostra Abraão como um lamentador, como alguém que lamenta, contudo não “como os demais, que não têm esperança” (1 Ts 4:13ss). Que testemunho ele dava diante de seus vizinhos perdidos! Como o sepultamento de Sara foi diferente dos sepultamentos pagãos da época. Que estranho o fato de que o primeiro pedaço de terra que Abraão possuiu em Canaã fosse um túmulo! Gênesis 49:31-33 indica que, no fim, seis pessoas foram enterradas lá. Observe também com que cuidado Abraão lidava com seus assuntos de negócios, certificando-se de que tudo fosse feito “com decência e ordem”. É vergonhoso que crentes efetuem transações de negócios questionáveis, especialmente com aqueles que são perdidos.

Vamos nos concentrar no capítulo 24, que é rico em lições espirituais. Temos três exemplos maravilhosos em Abraão, em seu servo e em Rebeca.

I. O exemplo de dedicação de Abraão (24:1-9)

Nessa época, Abraão tinha 140 anos de idade (veja 25:20 e 21:5). Deus o abençoou espiritual e materialmen-

te, mas ele quer certificar-se de escolher a noiva certa para Isaque. É claro que aqui vemos uma imagem do Pai celestial escolhendo a noiva (a igreja) para seu Filho (Cristo). Como Abraão sabia que Deus providenciaria a mulher certa para seu filho? Ele confiava nas promessas de Deus! Isaque era posse de Deus. Anos antes, Abraão deitara-o no altar e sabia que Deus supriria o necessário. De outra forma, a semente prometida nunca nasceria.

A mulher deveria vir de uma família de Deus; ela não deveria ser pagã. Não há dúvida de que havia entre as filhas de Canaã muitas mulheres bonitas e talentosas que ficariam felizes em se casar com Isaque e compartilhar sua riqueza, mas não era essa a vontade de Deus. Nos versículos 6 e 8, Abraão enfatiza isso; e precisamos enfatizar isso hoje. Primeira aos Coríntios 7:39-40 admoesta: “Somente no Senhor” (veja também 2 Co 6:14-18). É uma tragédia quando os pais forçam seus filhos a se casarem “em sociedade” e fora da bênção do Senhor! Abraão preferiria que seu filho ficasse solteiro a voltar a Ur, em busca de uma esposa, ou a se casar com alguém da nação de Canaã.

I. O exemplo de devoção do servo (24:10-49)

Em um sentido espiritual, o servo é a imagem do Espírito Santo cujo trabalho é trazer o perdido a Cris-

to e, assim, suprir uma noiva para ele. O relato não fornece o nome do servo, pois o ministério do Espírito é apontar para Cristo e glorificá-lo. Observe a frequência com que o servo menciona seu senhor e o filho do seu senhor. Ele vivia para agradar seu senhor, pois encontramos a palavra "senhor" 22 vezes nesse capítulo. Enviou-se o Espírito para representar Cristo e para fazer a vontade do Salvador aqui na terra. O servo carrega consigo uma parte da riqueza de seu senhor (vv. 10,22,30,53), da mesma forma que hoje o Espírito Santo "é o penhor da nossa herança" (Ef 1:14), compartilhando conosco uma pequena porção da grande riqueza que um dia usufruiremos em glória.

Em acréscimo a isso, o servo é um exemplo para quando procuramos servir ao Senhor. Como já mencionamos, o servo pensa apenas em seu senhor e na vontade deste. Na verdade, ele estava tão ansioso para completar sua tarefa que não carregou nenhum alimento (v. 33; Jo 4:31-34). Muitas vezes, passamos as coisas físicas à frente das espirituais. O servo recebeu ordens de seu senhor e não as mudou nem um pouco. Ele acreditava na oração (Is 65:24) e sabia como esperar no Senhor. Não há espaço para impaciência apressada no serviço de Cristo.

O servo sabia como confiar na orientação do Senhor: "Quanto a

mim, estando no caminho, o SENHOR me guiou" (v. 27). Veja a afirmação de João 7:17. Uma vez que ele tomou conhecimento da vontade de Deus, não tardou, mas apressou-se em cumprir sua tarefa (v. 17). A hospitalidade da casa era agradável, mas ele tinha um trabalho a fazer para seu senhor e tudo o mais podia esperar. Observe também que o servo, quando voltou para casa, prestou contas ao seu senhor (v. 66), exatamente como devemos fazer quando vemos Cristo. É interessante conjecturar se o servo ensinou a noiva durante a jornada deles e se falou sobre o esposo para ela. Cristo, em relação ao Espírito Santo, disse: "Ele me glorificará" (Jo 16:14).

III. O exemplo de decisão de Rebeca (24:50-67)

Vemos, de novo, o retrato de Cristo e sua igreja. Rebeca era uma noiva virgem, exatamente como a igreja será quando acontecer o casamento no céu (Ap 19:7-8). Observe que Rebeca se identifica com o rebanho, da mesma forma que a igreja é ambos, a noiva de Cristo e o rebanho (Jo 10:7-18).

Rebeca tem de tomar uma decisão importante: ela ficaria em casa com a família e continuaria a ser uma serva, ou acreditaria, pela fé, nas palavras do servo e iria com ele para ficar com Isaque, um homem que nunca vira? Com certeza, havia

obstáculos no caminho: seu irmão queria que ela ficasse por pouco tempo (v. 55); a viagem seria longa e difícil; Isaque era um peregrino sem casa estabelecida; e ela teria de deixar os entes queridos.

Com frequência, o mundo aconselha o pecador a esperar, exatamente como Labão recomendou a sua irmã. (Entretanto, observe que Labão, quando se trata de conseguir coisas materiais, apressa-se [vv. 28-31]. Perguntamo-nos se ele convidou o servo para entrar na casa por cortesia ou por cobiça!) Em geral, os pecadores não têm pressa na salvação de sua alma. Até esse ponto, Rebeca fora apressada (vv. 18-20,28), mas agora eles querem que ela vá com calma. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar” (Is 55:6).

Não podemos deixar de admirar a decisão dela: “Irei”. Esse ato de fé (“A quem, não havendo visto, amais” [1 Pe 1:8]) mudou a vida dela. Ela mudou de serva para noiva, abandonou a solidão do mundo para a felicidade do amor e do companheirismo, deixou a pobreza dela para a riqueza de Isaque. Ela viu toda a riqueza de Isaque? É claro que não! Isso seria impossível!

Ela sabia tudo sobre ele? Não. Mas o que viu e ouviu convenceu-a de que devia ir. De forma semelhante, o Espírito fala e mostra aos pecadores perdidos de hoje as coisas de Cristo, o suficiente para que tomem a decisão certa.

Deixamos Isaque (até onde diz respeito ao relato) no monte Moriá, pois 22:19 menciona apenas Abraão. Isaque retrata o nosso Senhor que foi ao Calvário a fim de morrer por nós e depois retornou ao céu para esperar por sua noiva. No capítulo 24, o servo (o Espírito Santo) continuou a busca pela noiva. Depois, Isaque, quando a noiva se aproxima, apareceu para recebê-la. Que cena! Ela pode acontecer hoje! Eles se encontraram justo quando anoitecia, portanto será noite neste mundo quando Cristo retornar para sua noiva.

A fé de Rebeca foi recompensada. Registrou-se o nome dela na Palavra de Deus; ela compartilhou o amor e a riqueza de Isaque e tornou-se uma parte importante do plano de Deus. Ela seria uma mulher desconhecida se tivesse se recusado a ir. “Aquele [...] que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17).

GÊNESIS 25–27

Isaque era filho de um pai famoso (Abraão) e pai de um filho famoso (Jacó), e, às vezes, as pessoas o “perdem” quando estudam Gênesis. Ao mesmo tempo que viveu mais que qualquer outro patriarca, sua vida foi menos empolgante. Infelizmente, ele não parece ser tão forte em sua fé no fim de sua vida quanto o foi no início dela.

I. Isaque, o pai (25)

A. *Uma casa ilustre* (vv. 1-11)

O casamento de Abraão após a morte de Sara deu-lhe mais seis filhos e, pelo menos, sete netos e três bisnetos. Entretanto, observe que esses outros filhos de Abraão não têm o mesmo *status* de Isaque, pois ele (como Cristo) é o herdeiro de todas as coisas (Hb 1:2). A morte de Abraão mostra o que a fé pode fazer por um homem. Ele morreu em paz (veja 15:15); morreu “dito-so” (satisfeito), e morreu em fé (Hb 11:13ss). Essa foi a herança que Abraão deixou para seu filho: seu exemplo piedoso (18:19), a tenda e o altar (veja 26:25) e a promessa maravilhosa de Deus (26:2-5). Essas bênçãos espirituais representam muito mais para um filho que os bens materiais.

B. *Uma casa frustrada* (vv. 12-23)

O cumprimento da promessa da aliança de Deus exigia que Rebeca e Isaque tivessem um filho, contudo ela foi estéril nos primeiros vinte anos do casamento deles (vv. 20,26). É encantador ver como marido e mulher, com mente espiritual, levaram seu fardo ao Senhor. Com certeza, lembraram Deus de suas promessas, e o Senhor, certamente, agradeceu-se com as orações deles. A batalha com o filho não nascido desorientou Rebeca, portanto ela pediu sabedoria a Deus (Tg 1:5). Deus disse-lhe que nasceriam duas nações e, ao contrário do costume, a mais velha serviria à mais nova.

Essa é uma evidência clara da eleição soberana de Deus (Rm 9:10-16). A escolha dele não se fundamenta nas obras dos meninos, pois estes ainda não haviam nascido e, portanto, não tinham feito bem nem mal. Esaú, no que se refere ao caráter, era o mais aceitável dos dois — contudo, Jacó era o escolhido de Deus (Ef 2:8-10).

C. *Uma casa dividida* (vv. 24-34)

Os gêmeos eram o oposto um do outro em aparência e temperamento. O primeiro menino era cabeludo e chamava-se “Esaú” (Peludo); mais tarde, sua ligação com o enopado vermelho rendeu-lhe o apelido de “Edom”, que significa “vermelho” (v. 30). O fato de Jacó ter nasci-

do segurando o calcanhar de Esaú (como para apanhá-lo e derrubá-lo) rendeu-lhe o nome de “Jacó” — o “apertador de calcanhar” (suplanta-dor, maquinador, enganador). Jacó era um homem quieto que ficou em casa; Esaú era um homem do mundo, cheio de vigor e aventureiro. Infelizmente, Esaú não apreciava o espírito. Ele preferia alimentar seu corpo a usufruir das promessas de Deus. É claro, o esquema de Jacó para conseguir o direito de nascimento mostrou que ele duvidava do cumprimento da promessa de Deus em 25:23. “Fé é viver sem esquemas!” Esaú, apesar de seus privilégios espirituais como primogênito (veja Dt 21:17 e 1 Cr 5:1-2), escolheu a carne, não o Espírito. Não lemos nunca a respeito de Esaú ter uma tenda ou um altar, e 26:34-35 indica que ele ama as mulheres mundanas. Hebreus 12:16 descreve Esaú como “profano”, o que significa “do mundo, comum” (em latim, *profanus* — “fora do templo”). Esaú, como muitas pessoas de hoje, era um sucesso no mundo e um fracasso com Deus.

II. Isaque, o peregrino (26)

A. Ele enfrenta as tentações de seu pai (vv. 1-5)

Reveja 12:10ss, quando Isaque iniciou viagem em direção ao Egito, mas Deus, em sua graça, in-

terrompeu a jornada e parou-o. A natureza humana não melhora de geração para geração. Isaque vivia em Gerar, que ficava na fronteira (10:19). Da mesma forma, temos muitas “fronteiras cristãs” hoje. Lá, Isaque tinha bênçãos materiais, mas não as espirituais, que Deus lhe deu depois, quando ele deixou aquele local.

B. Ele repetiu o pecado do pai (vv. 6-11)

Veja 12:10-20 e 20:1-5. Isaque e Rebeca adotaram essa “meia-verdade” de que eram irmão e irmã com o mesmo resultado triste — perda da bênção, perda do testemunho e reprovação pública por um rei pagão.

C. Ele cava de novo os poços do pai (vv. 12-22)

Os poços de água falam dos recursos divinos de Deus para a vida espiritual (Jo 4:1-14). Abraão cavou esses poços, mas o inimigo roubou-os e bloqueou-os. Como isso é verdade hoje! O mundo tirou de nós os poços espirituais em que nossos pais bebiam. Precisamos voltar aos poços antigos (como a oração, a Bíblia, o altar familiar, a igreja). Isaque não apenas abriu-os de novo, mas chamou-os pelos mesmos nomes que Abraão chamava (v. 18). Depois, ele cavou alguns poços novos para satisfazer as necessidades do dia.

D. Ele confiou no Deus de seu pai (vv. 23-35)

Isaque, contanto que estivesse longe de Canaã, teria conflito, mas quando voltou para Berseba ("o poço do juramento"), Deus encontrou-se com ele e reconciliou "com eles os seus inimigos" (Pv 16:7).

III. Isaque, o abençoador (27)

É triste dizer que esse capítulo, no que diz respeito ao aspecto espiritual, descreve toda a família de forma ruim. Em 25:28, vimos a divisão da casa, e agora veremos os resultados pecaminosos dessa divisão carnal.

A. O pai decadente

Nesse ponto, Isaque tinha cerca de 137 anos, contudo agia como se fosse morrer logo. Na verdade, ele viveu 180 anos (35:28). A impaciência dele em abençoar Esaú sugere que seguia seus planos carnis, não a vontade de Deus. Ele esquecera a palavra de 25:23, ou tentava mudar os planos de Deus? Observe como agora ele depende de seus sentidos (tato, paladar, olfato). Note também que alimentar o corpo tem prioridade a fazer a vontade de Deus. Isaque, certa vez, deitara-se no altar e desejara morrer pelo Senhor. Que mudança!

B. A mãe duvidosa

Deus contou a Rebeca que Jacó receberia a bênção de Deus, contudo

ela planejou e tramou o recebimento da herança a fim de certificar-se de que Esaú seria deixado de lado. Ela, em vez de ir a Deus em oração como fizera anos antes, confiou em seus próprios planos, prática que caracterizaria Jacó em anos posteriores. Rebeca pagou caro por seu pecado: ela nunca mais viu seu filho (veja vv. 43-45). Esaú agiu deliberadamente para magoá-la, e o mau exemplo que deu a Jacó custou a ele vinte anos de provações.

C O filho enganador

Certamente, Jacó conhecia os planos de Deus para sua vida, contudo ele ouviu sua mãe, em vez de Deus. Como os dois apressaram-se para finalizar o plano! "Aquele que crer não foge" (Is 28:16). Rebeca era uma boa cozinheira para conseguir fazer com que carne de bode tivesse sabor de carne de caça. Jacó é o retrato perfeito do hipócrita: sua voz e mãos não concordam (o que ele diz é diferente do que faz), e ele engana os outros. Apenas no versículo 19, Jacó conta três mentiras para o pai: "Sou Esaú" (ele era Jacó); "Fiz" (a mãe fizera tudo); "come da minha caça" (era carne de bode). E, no versículo 27, o beijo que deu no pai era igualmente enganador. Jacó pagou por esse pecado? Sim, muitas vezes. Labão enganou-o em relação a suas esposas e, continuamente, mudava seu salário. Em acréscimo

a isso, um dia, os próprios filhos de **Jacó** matariam um cabrito (37:31) e poriam seu sangue no casaco de **José** para enganar o pai. “Sabei que **o** vosso pecado vos há de achar” (Nm 32:23).

D. O irmão desesperado

Hebreus 12:17 indica que Esaú procurou bênção com lágrimas, contudo não encontrou lugar para arrependimento verdadeiro por seus pecados. Remorso, sim, mas não arrependimento sincero. Ele arrependia-se pelo que perdera, mas não pelo que fizera. No versículo 33, Isaque estremeceu quando percebeu que Deus rejeitara seus planos. As lágrimas de Esaú não podiam mudar a mente de Isaque ou a bênção. Esaú vingou-se ao

planejar matar o irmão e, deliberadamente, magoou os pais ao incitar problemas por meio de seu casamento com mulheres pagãs. A graça de Deus não falhara, mas Esaú abandonou a graça de Deus.

O pecado em família sempre traz sofrimento e mal-entendido. Se Isaque e Rebeca não “tomassem partido” em relação a seus dois filhos; se continuassem a orar a respeito dos assuntos como faziam no início do casamento; se eles permitissem que Deus fizesse as coisas da sua maneira, os acontecimentos teriam sido diferentes. Da forma como as coisas foram feitas, todos eles sofreram por causa da incredulidade e da desobediência. Nunca estamos velhos demais para ser tentados — ou para fracassar!

GÊNESIS 28

I. A ventura (28:1-9)

Com correção, podemos dizer que o resto de Gênesis apresenta a vida de Jacó, mesmo suas provações com Labão (28—31), com Esaú (32—33) e com seus filhos (34ss). Na verdade, a história de José faz parte da história de Jacó.

O verdadeiro motivo por que Rebeca engendrou a partida de Jacó foi para evitar a ira de Esaú (27:41-46), mas sua desculpa para isso foi que queria que Jacó encontrasse uma esposa piedosa (veja 24:1-9). As esposas mundanas de Esaú causavam problemas na casa, como sempre acontece quando o povo de Deus casa em desacordo com a vontade de Deus. Na verdade, Rebeca planejava fazer com que Jacó voltasse quando fosse o momento certo (27:45), mas esse plano não deu certo. Jacó nunca mais viu sua mãe de novo. Mais uma vez, “fé é viver sem esquemas”. Todos precisamos prestar atenção a essa advertência de Tiago 4:13-17.

É maravilhoso quando o filho pode deixar a casa com a bênção

do pai! Contudo, Jacó não podia contar com a fé de seu pai. Ele precisava encontrar Deus e tomar algumas decisões por si mesmo. Infelizmente, Jacó pagou caro por sua incredulidade e rebelião e levou mais de 20 anos para chegar ao ponto de se entregar verdadeiramente! Os versículos 6-9 ilustram o conflito da carne e do Espírito. Esaú (a carne) desobedeceu deliberadamente ao Senhor e trouxe sofrimentos maiores para a família. Observe que Jacó não era um jovem quando iniciou essa aventura. Ele tinha, no mínimo, 77 anos. Gênesis 47:9 afirma que Jacó tinha 130 anos quando foi para o Egito. José tinha 17 anos quando foi vendido no Egito, e 30 anos quando foi apresentado ao faraó (41:46). Assim, some os 13 anos em que José foi servo aos 7 anos de abundância e aos 2 anos de escassez e verá que José tinha cerca de 39 anos quando Jacó foi para o Egito. Isso significa que Jacó tinha 91 anos quando José nasceu, e Gênesis 30:25 relata que Jacó já cumprira os 14 anos de serviço por suas esposas quando José nasceu. Isso indica que Jacó tinha cerca de 77 anos quando começou a caminhar “por si mesmo”.

II. A visão (28:10-12)

Jacó viajou cerca de 116 quilômetros de Berseba a Betel, jornada de três dias. Naquela noite, ele recostou-se em “uma das pedras” para dormir,

e Deus deu-lhe uma visão de uma escada que ia do céu à terra. No Novo Testamento, a passagem de João 1:43-51 é a explicação desse versículo. A escada simboliza Jesus Cristo. Jacó é o retrato perfeito da alma perdida — na escuridão, em fuga para proteger sua vida, longe da casa do pai, oprimido pelo pecado e desconhecedor do fato de que Deus está próximo dele e quer salvá-lo. A escada retrata Cristo como o único caminho da terra para o céu. Ele abre o céu para nós e traz bênçãos celestiais para nossa vida. E apenas ele pode levar-nos para o céu. Jacó pensava que estava solitário em um deserto e deu-se conta de que estava no próprio portão do céu! Ainda em relação a João 1:43-51, observamos que Jacó era um israelita cheio de fraude (logro), enquanto Natanael era um israelita sem fraude.

Essa é a primeira de pelo menos sete revelações de Deus para Jacó (veja 31:3,11-13; 32:1-2; 32:24-30; 35:1,9-13; 46:1-4). Os anjos na escada são uma indicação do cuidado e da atenção de Deus. Eles aparecem de novo a fim de proteger Jacó, quando ele está para enfrentar Esaú (32:1-2).

III. A voz (28:13-15)

As visões, quando separadas da Palavra de Deus, podem ser enganosas; assim, Deus falou a fim de inspirar-lhe confiança. Anjos ou visões não

salvam a pessoa, mas a fé na Palavra de Deus. Observe a promessa que Deus fez a Jacó:

A. A terra (v. 13)

Primeiro, ele fez essa promessa a Abraão (13:14ss) e reafirmou-a a Jacó (26:1-5). A terra santa pertence aos judeus, embora eles não possuam toda ela. Um dia, Israel possuirá “as suas herdades” (Ob 17).

B. A semente se multiplicaria (v. 14)

Isso assegurou a Jacó que Deus lhe daria uma esposa; de outra forma, ele não poderia ter descendentes (veja também 13:16 e 22:17). Hoje, há judeus em todos os pontos da terra.

C. A presença pessoal de Deus (v. 15)

Esse versículo sugere que Jacó perambulava, mas Deus prometeu estar com ele. Por quê? Porque Deus tinha um plano para a vida de Jacó e, assim, cuidaria para que seu plano se cumprisse (Fp 1:6; Rm 8:28-29). Embora Jacó, nos difíceis anos que tinha à frente, tivesse de colher as conseqüências de seus pecados, Deus ainda estava com ele para protegê-lo e abençoá-lo.

IV. O voto (28:16-22)

Jacó exclama: “É a Casa de Deus”, pois “Betel” significa “casa de

Deus". A experiência que teve naquela noite não apenas mudou-o, mas também mudou o nome do local em que dormiu. Jacó, para comemorar o acontecimento, erigiu uma coluna e transformou-a em altar, despejando uma oferenda líquida ao Senhor. Anos mais tarde, Jacó, quando voltou a Betel, repetiu esse ato de consagração (35:9-15). Esse ato de fé (embora causado pelo temor), era a forma de Jacó oferecer-se a Deus. (Veja Fp 2:17, em que "oferecer" é literalmente "libação".) É algo maravilhoso o fato de um crente, por meio da fé, transformar um "travesseiro" em uma "coluna"!

Sugerem-se duas interpretações para o voto de Jacó: (1) que ele faz um acordo com Deus ao dizer: "Se..."; (2) que ele demonstra fé em Deus, já que se pode traduzir a palavra hebraica por: "Já que...". Na verdade, esse é o primeiro voto registrado na Bíblia. É provável que ambas as interpretações sejam verdadeiras: Jacó acreditava na Palavra de Deus, mas ainda havia muito do "antigo homem" nele para que tentasse negociar com Deus, como fizera com Esaú e Isaque. Ele estava tão acostumado a "fazer esquemas" que tentou planejar a forma de receber a bênção de Deus! No fim, expôs-se isso e Jaboque lidou com isso (Gn 32). Jacó retornou em

paz para casa (Gn 35:27-29) e dizimou (v. 22). Ele percebeu que sua consagração a Deus queria dizer que seus bens materiais também estavam subordinados ao controle de Deus. Abraão praticara o dízimo (14:20), e, em ambos os casos, a lei ainda não fora dada. Os que dizem que o dízimo não é para essa era de graça esquecem o fato de que os santos primitivos praticavam o dízimo. Isso era a expressão da fé e da obediência deles ao Senhor que os guiava, os protegia e provia para eles.

Nos anos seguintes, Jacó nem sempre cumpriu esse voto. Ele "encontrou seu parceiro" em Labão, um homem de esquemas! Por vinte anos, os dois tentaram passar a perna um no outro, mas, no fim, Jacó disciplinou-se, e Deus manteve suas promessas. É bom que nós, os crentes, tenhamos um "Betel" em nossa vida, um local em que encontramos Deus de forma séria e em que assumimos alguns compromissos definitivos com ele. Se nos afastarmos do Senhor, sempre poderemos voltar "a Betel" (Gn 35:9-15) para renovar nossa entrega. Jacó retrata o conflito das duas naturezas, pois ele sempre estava em luta com a carne e tentava depender de suas habilidades e planos. Que bom saber que Deus zela por seus filhos teimosos!

GÊNESIS 29-31

Jacó, do topo da montanha espiritual de Betel (cap. 28), desceu para a vida diária de Harã, e aí “encontra seu parceiro” em esquemas, Labão, seu tio. Jacó passa cerca de vinte anos com Labão. Durante esse período, ele colhe os tristes resultados de seus pecados, mas, ao mesmo tempo, Deus disciplina-o e prepara-o para o serviço futuro.

I. O serviço de Jacó para as filhas de Labão (29:1—30:24)

A. Decisão (29:1-20)

Providencialmente, Deus guia Jacó à casa de Labão, mas observe que Jacó não pára para orar, como o servo de Abraão o fez quando estava em sua importante missão (24:12). Jacó encoraja os outros pastores a voltarem para o local onde o rebanho pastava (v. 7), porque queria saudar Raquel em particular. Ele ainda era o homem de esquemas. Observe como Raquel e Labão correm quando descobrem quem é Jacó (vv. 12-13). Jacó fez sua escolha: ele queria a bonita Raquel para esposa. Raquel significa “ovelha”, enquanto Lia significa “vaca selvagem”. Os olhos de Lia não tinham a cintilação profunda que, na cultura do Oriente Médio, é um sinal de beleza. Jacó concordou em servir Labão por sete anos, e, como sempre, onde há

amor, o tempo passa depressa. Observe que no versículo 15 vemos o primeiro “resultado” do disciplinamento de Jacó: ele torna-se um servo. Em 25:23, havia a promessa de que “o mais velho servirá ao mais moço”, mas agora o mais jovem era servo.

B. Engano (29:21-30)

Aqui temos a segunda fração de “disciplinamento” — o próprio enganador é enganado. Labão não queria perder as chances de casar sua filha mais velha; assim, obrigou Jacó a casar-se com ela. Jacó mentira a respeito da primogenitura (27:19); agora, mentiam para ele a respeito da primogenitura (29:26). “O caminho dos perversos é intransitável” (Pv 13:15). Ele cumpriu a semana de celebração de casamento com Lia, depois casou-se com Raquel e iniciou seu segundo período de serviço por mais sete anos. Labão teve o cuidado de fazer com que todos os homens da região testemunhassem o casamento com Lia (v. 22). Jacó, após consumir o casamento, não podia voltar atrás. Não há dúvida de que ele percebeu que Deus o disciplinava para seu próprio plano.

C. Divisão (29:31—30:24)

Em geral, há divisão e infelicidade na família quando um casamento se inicia com pecado. Primeiro, nenhuma das duas mulheres podia ter

filhos, mas era óbvio que Jacó amava mais Raquel e desprezava (v. 31) Lia. Portanto, Deus honrou Lia dando-lhe quatro filhos: Rúben (“Vejam, um filho!”), Simeão (“ouvinte”), Levi (“união”) e Judá (“louvor”). Essa foi a resposta às orações de Lia (veja 29:33 e 30:6,17,22). Raquel não podia evitar sentir inveja de sua irmã, e essa inveja criou raiva e desacordo entre ela e Jacó. Ele, em vez de perder a calma, deveria ter orado a respeito do problema, como seus pais fizeram anos antes (25:19-23). Jacó adotou uma solução humana, casou-se com Bila, que lhe deu Dã (“juízo”) e Naftali (“luta”). A seguir, Lia deu-lhe Zilpa, e teve Gade (“afortunado”) e Aser (“boa fortuna”). É óbvio que Jacó não tinha uma casa espiritual: suas esposas não se entendiam e o usavam como pivô em seus planos (30:14-16). Raquel tinha até interesse em ídolos (31:19). Lemos que não há altar na casa dele, e não é difícil perceber o triste resultado disso. Lia teve mais dois filhos: Issacar (“recompensa”) e Zebulom (“habitação”); e Raquel teve José (“o Senhor acrescenta”), o amado de Jacó. Mais tarde, ela deu à luz Benjamim (“filho da mão direita”) e depois morreu (35:16-20). Jacó também teve muitas filhas (30:21; 37:35; 46:7,15).

Esse relato abrange quatorze anos da vida de Jacó — anos de labuta, de provação e de teste. Deus

usou Labão e as circunstâncias difíceis da vida para disciplinar Jacó e prepará-lo para as tarefas que tinha à frente.

II. O esquema de Jacó para o rebanho de Labão (30:25-43)

Jacó serviu por quatorze anos e percebeu que devia seguir seu rumo e prover para sua grande família. Ele pediu que Labão o mandasse embora, entretanto o esperto sírio não queria perder um genro tão valioso. Jacó trabalhara quatorze anos por suas duas esposas; agora, ele poderia trabalhar pelo gado que precisaria para se estabelecer por conta própria. É claro, Labão encobriu o motivo maldoso de seu plano ao usar o nome do Senhor (v. 27) e ao pedir que Jacó escolhesse os termos do negócio. “Fixa o teu salário, que te pagarei.” Labão quis dar-lhe um presente, mas Jacó o recusou, pois a última vez em que recebera um “presente” de Labão fora enganado (29:19). Jacó ofereceu-se para trabalhar como pastor de Labão, se este lhe desse os animais “rejeitados” dos rebanhos e das manadas. As ovelhas orientais são brancas, e os bodes, marrons ou pretos. Aparentemente, Jacó, ao aceitar os animais listrados, manchados e salpicados, dava a melhor parte a Labão. Com certeza, isso foi um ato de fé da parte de Jacó.

No entanto, o homem de esquemas estava em obra. Jacó, em

vez de confiar em Deus para prover às suas necessidades (veja 31:9 e 28:15,20), usou seus planos pessoais. Provavelmente, o bordão especial e as varetas na gamela não influenciam o tipo de ovelha que nasce, pois Deus é quem determina que tipo de ovelha e de bode deve nascer. Entretanto, Jacó utilizou a “procriação seletiva” (vv. 40-43) para que apenas o gado mais forte concebesse. Em 31:7-8, vemos que Labão mudou diversas vezes os termos do contrato quando viu que o rebanho de Jacó aumentava, mas Deus prevaleceu sobre Labão e tornou Jacó um homem rico.

III. A fuga de Jacó da casa de Labão (31)

A. A conferência (vv. 1-16)

Três fatores fizeram com que Jacó decidisse partir: a mudança de atitude de Labão; a necessidade de estabelecer sua própria casa; e, acima de tudo, a orientação direta do Senhor.

Deus lembrou a Jacó seu voto feito em Belém. Agora, o pagão devia voltar e cumprir as promessas que fizera ao Senhor, que o abençoara. Raquel e Lia concordaram em ir, mas a decisão delas fundamentou-se em razões materiais, não na vontade do Senhor. Perguntamo-nos se as esposas, até esse momento, sabiam alguma coisa a respeito da experiência de Jacó em Betel.

B. A perseguição (vv. 17-35)

Jacó, em vez de confiar em Deus para protegê-lo, saiu às escondidas, com pressa, enquanto Labão pastoreava as ovelhas. Os crentes dão um pobre testemunho quando decidem agir às escondidas. Jacó já tinha três dias de jornada à frente de Labão (30:36), portanto eles não se encontraram por uma semana. Deus advertiu Labão antes mesmo que ficasse face a face com Jacó, portanto não havia motivo para Jacó ter medo (v. 31; veja também Pv 16:7). Labão tentou mostrar com seu semblante que estava ofendido, embora provavelmente estivesse feliz em livrar-se do homem que lhe passava a perna e enriquecia à sua custa. No versículo 30, surge a preocupação verdadeira dele — alguém roubara seus ídolos! O pecado escondido levou a mais pecado quando Raquel, a ladra, mentiu para o pai e para o marido, enquanto o raivoso Labão examinava tudo na caravana.

C. O conflito (vv. 36-42)

Agora, revelam-se os vinte anos de raiva reprimida, e Jacó “deu o troco de imediato” a seu sogro. Labão era idólatra, e Jacó pagão — como poderia haver qualquer acordo entre eles? A única coisa redentora na fala raivosa de Jacó foi dar a Deus a glória por seu sucesso (v. 42).

D. A aliança (vv. 43-55)

A chamada “Bênção de Mispa” que

encontramos em muitos hinários não é de todo escritural. Esses dois homens não confiam um no outro, portanto instalaram uma coluna para lembrá-los que Deus os vigiava. Essas pedras, em vez de testemunharem a amizade deles (como afirma a "Bênção de Mispa"), testemunharam a desconfiança mútua deles. Observe que, no versículo 47, os dois homens nem falam a mesma língua! (Os dois nomes significam "monte de testemunhas" ou "monte

de testemunho".) Realmente, é muito triste quando os membros de uma família não confiam uns nos outros. Seria muito melhor se tivessem perdoado um ao outro e entregue todas as questões a Deus. O versículo 52 indica que a coluna que Labão levantou também era uma fronteira além da qual Jacó não ousava ir.

Acabaram-se os vinte anos de servidão de Jacó, porém ele precisava voltar a Betel e acertar as coisas com Deus.

GÊNESIS 32–36

Esses capítulos registram várias experiências cruciais na vida de Jacó quando este fez sua jornada da casa de Labão para Betel. Eles nos dão três retratos vívidos desse homem que ilustram o conflito entre a carne e o espírito, a antiga vida e a nova.

I. Jacó, o lutador (32)

Esaú estava vindo, e Jacó estava para encontrar-se com seu passado esquecido. Esaú o perdoaria ou lutaria com ele? Jacó perderia tudo o que conseguira por meio de estratégias? É trágico quando o passado alcança o pecador. A geografia não podia apagar o passado de Jacó, nem vinte anos de história poderiam mudar isso. Contudo, Jacó teve três outros encontros antes de se encontrar com Esaú:

A. Ele encontra os anjos de Deus (vv. 1-20)

Primeiro, ele havia visto esses anjos em Betel (cap. 28), e eles deviam lembrá-lo que Deus, estava no controle. Ele deu o nome de “Maanaim” (seu próprio campo e o campo ou exército dos anjos), mas fracassou em confiar em Deus, que, anos antes, prometera protegê-lo. Os crentes de hoje afirmam Hebreus 1:14 e Salmos 91:11-13 quando caminham na vontade de Deus. Infelizmente, Jacó

começou a confiar em si mesmo e em seus esquemas de novo! Ele tentou apaziguar Esaú com presentes. Ele dividiu sua companhia em dois bandos (v. 7) e ignorou a proteção do exército de anjos. Assim, depois de dar esses passos em confiança carnal, ele pediu a ajuda de Deus! Ele esquecerá a forma como Deus o protegera de Labão (31:24)?

B. Ele encontra o Senhor (vv. 21-26)

Coisas boas começam a acontecer quando estamos sozinhos com Deus. Cristo veio para lutar com Jacó, e o combate durou a noite inteira. Tenha em mente que Jacó não lutava para conseguir a bênção de Deus; antes, ele defendia a si mesmo e recusava-se a capitular. O Senhor queria quebrar Jacó e levá-lo para a atitude em que poderia dizer honestamente: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo” (Gl 2:20). Durante toda a noite, Jacó defendeu-se e recusou render-se ou mesmo admitir que pecara. Assim, Deus enfraqueceu Jacó, e o lutador pôde apenas agarrar-se a ele! Agora, ele, em vez de armar esquemas para obter a bênção ou de negociar a bênção, pediu a bênção a Deus — e recebeu-a.

C. Ele encontra a si mesmo (vv. 27-32)

Nós não nos vemos verdadeiramente até que tenhamos visto o Senhor. “Qual é o teu nome?” (v. 27),

essa pergunta forçou Jacó a confessar seu verdadeiro eu — “Jacó, o usurpador”. Ele podia mudar, uma vez que encarara a si mesmo e confessara seu pecado. Deus deu-lhe um novo nome — “Israel, príncipe com Deus” ou “homem governado por Deus”. A forma de ter poder com Deus é ser quebrado por Deus. Deus também lhe deu um novo início e um novo poder quando ele começou a caminhar no Espírito, e não na carne. O novo caminhar de Jacó, pois agora ele mancava, ilustra isso. Deus quebrou-o, mas seu manquejar era um sinal de poder, não de fraqueza. O versículo 31 indica o alvorecer do novo dia, quando o sol se levanta, e Jacó manca ao encontro de Esaú — com a ajuda de Deus!

II. Jacó, o apóstata (33—34)

Seria maravilhoso se Jacó tivesse vivido para seu novo nome e sua nova posição com Deus, mas ele não fez isso. O capítulo inicia-se com “Jacó”, o nome antigo, não “Israel”, o novo nome, e o vemos levantar os olhos — caminhar pela visão, não pela fé. Veja o que Jacó perdeu por não afirmar seus privilégios espirituais:

A. O manquejar (33:3)

Ele inclina-se diante de Esaú, em vez de caminhar (mancar) e encarará-lo de homem para homem. Sempre é trágico quando um prín-

cipe com Deus encolhe-se diante de um homem do mundo! É melhor mancar pela fé que reverenciar pela autoconfiança.

B. O poder (33:1-2,8-11)

Mais uma vez, Jacó fazia esquemas, negociava com o inimigo. Deus não lhe assegurou seu poder? Deus não prometera auxiliá-lo?

C. O testemunho (33:12-17)

Jacó mentiu para Esaú a respeito dos rebanhos e viajou para a direção oposta. Os dois não se encontraram mais até o sepultamento do pai (35:29). Sem dúvida, Esaú, nesse encontro, perguntou a Jacó o que lhe acontecera depois que ele partira.

D. A tenda (33:17)

Jacó construiu uma casa e estabeleceu-se em Sucote.

E. A visão (33:19)

Ele mudou-se de novo e montou sua tenda próximo à cidade de Siquém, da mesma forma que Ló (13:12). Ele perdeu a visão da cidade de Deus (Hb 11:13-16).

F. A filha (34)

Jacó, como Ló, pôs sua família em um local de tentação, e sua filha, quando examinava a cidade, foi violada. É triste dizer que os filhos de Jacó eram mentirosos como o pai. Na verdade, eles usavam o rito

sagrado da circuncisão para realizar seus esquemas pecaminosos. Os versículos 30-31 sugerem que Jacó, de forma egoísta, estava mais preocupado com a própria segurança e bem-estar que com os pecados de sua família.

Quando tudo isso se iniciou? Quando Jacó fracassou em viver para sua nova posição com Deus. Por que os cristãos do Novo Testamento hoje fazem esquemas, e pecam, e fracassam? Porque fracassaram em viver na posição celestial deles em Cristo (Ef 4:1ss).

III. Jacó, o viajante (35—36)

Nesses capítulos, observe com que frequência Jacó faz “jornadas” (35:5,16,21). Deus chamara-o para voltar a Betel (v. 1), ao local da visão e do voto. Quando a pessoa se torna apóstata (como Jacó), não há nada mais a fazer além de retornar ao local em que se entregou e renovar os votos. Entretanto, Jacó tinha de “limpar a casa” antes que pudesse levar sua companhia de volta ao altar — tinha de queimar os bens estrangeiros e as jóias associados à adoração pagã. O único lugar para o pecado é a sepultura. Na verdade, há quatro sepulturas nesse capítulo: a sepultura dos ídolos (v. 4), a sepultura de Débora (v. 8), a sepultura de Raquel (v. 19) e a sepultura de Isaque (v. 29).

Jacó retornou a Betel e construiu um altar. Deus encontrou-o de uma maneira nova e lembrou-o de seu novo nome, Israel. O Senhor reafirmou as promessas que fez a Abraão e a Isaque, e Jacó, como fizera anos antes, respondeu levantando uma nova coluna e unguendo-a. Um crente apóstata não precisa de uma nova experiência para se acertar com Deus. Ele precisa apenas reafirmar a antiga experiência de uma forma nova.

É estranho Raquel morrer logo depois de Jacó restaurar a comunhão com Deus. As grandes experiências espirituais não são uma garantia contra os sofrimentos e as provações da vida. E, certamente, Jacó, agora que reconstruía seu altar, era mais capaz de suportar esse sofrimento. Ele, por ter encontrado Deus no altar, recebeu de volta tudo o que perdera antes.

Na família do crente dedicado não há apenas esses sofrimentos, mas também há pecados (v. 22). Rúben nasceu em meio a grande expectativa (29:32), e Jacó, anos mais tarde, disse que Rúben realizara muito (49:3). Contudo, Rúben era impetuoso, não tinha caráter piedoso (49:4) e, em conseqüência disso, perdeu o direito de nascimento que pertencia ao filho primogênito (1 Cr 5:1-2) e teve de dá-lo a Judá e a José. O pecado nunca traz bênção e sempre custa caro.

O ato final dessa jornada coube a Jacó e a Esaú, o sepultamento do pai deles. Jacó planejava rever a mãe, porém ela morreu antes de ele chegar em casa. O capítu-

lo 36 conta a história de Esaú, pois Deus o fez uma nação poderosa. Infelizmente, durante séculos, os edomitas foram inimigos do povo de Deus

GÊNESIS 37-40

Agora, iniciamos o estudo de uma das biografias mais empolgantes da Bíblia, a de José e seus irmãos. A história toda retrata a soberania de Deus e o cuidado providencial de Deus para com os seus. Embora José tenha seus defeitos, ele ainda se sobressaiu como um gigante espiritual em sua própria família.

I. José, o filho favorito (37)

A. O amor de Jacó (vv. 1-4)

É fácil perceber por que Jacó favorecia José em sua velhice, já que Raquel era a esposa preferida dele, e José foi o primogênito dela (30:22-24). Seguramente, esse tipo de parcialidade em uma família traz problema. José, aos 17 anos, ajudava com os rebanhos, mas Jacó logo o liberou dessa tarefa e o tornou um vigia ao dar-lhe uma "túnica talar". Jacó queria tornar José administrador antes que ele aprendesse a ser servo! O resultado disso — os irmãos de José odiavam-no (v. 4) e tinham inveja dele (v. 11).

B. Os sonhos de José (vv. 5-11)

Não há dúvida de que esses sonhos de José vinham de Deus, e, com certeza, a segurança de que um dia ele governaria ajudou-o a manter-se fiel durante os muitos anos de teste no Egito. Observe que o primeiro

sonho tem um cenário terreno, enquanto o segundo tem um cenário celestial. Isso é uma sugestão aos filhos terrenos de Abraão (os judeus) e a sua semente celestial (a igreja). Um dia, os irmãos de José se curvariam diante dele! Veja também 42:6; 43:26 e 44:14.

C. O esquema de Judá (vv. 12-28)

Não sabemos qual foi o primeiro irmão de José que sugeriu suprimi-lo. Provavelmente, foi Simeão que se ressentiu com a intrusão de José nos direitos de primogenitura (que, por fim, seria tirado de Rúben, 49:3-4). O capítulo 34 informou-nos que Simeão era astuto e cruel, e José, em 42:24, é mais áspero com Simeão. De qualquer forma, os irmãos voltaram à região de Siquém (onde se meteram em problema, cap. 34) e planejaram matar José. Deve-se creditar a Rúben a tentativa de poupar a vida de José, embora ele tenha usado um método errado para realizar uma obra nobre. Deus dominou o ódio dos homens, e José foi vendido como escravo, em vez de ser assassinado a sangue frio.

D. O sofrimento de Jacó (vv. 29-36)

Anos antes, Jacó sacrificara um cabrito para enganar seu pai (27:9ss); agora, seus filhos o enganavam da mesma forma. Nós colhemos o que plantamos. Jacó sofreu durante os vinte anos seguintes pensando

que José estava morto. Ele pensou que tudo trabalhava contra ele (Gn 42:36) quando, na verdade, tudo trabalhava a favor dele (Rm 8:28). Deus mandara José na frente para preparar o caminho para a preservação de Israel como nação.

II. José, o mordomo fiel (38-39)

O capítulo 38 apresenta um retrato sórdido de Judá rendendo-se às luxúrias da carne. É um contraste total com a pureza de José (39:7-13). Judá queria vender seu irmão como escravo, contudo ele mesmo era “escravo do pecado” (Jo 8:34). Ainda assim, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.20), pois vemos a inclusão de Tamar na linhagem de Cristo (Mt 1:3). Observe que Judá é mais severo com os outros que consigo mesmo (v. 24). Ele, como Davi, queria que o “pecador” fosse julgado — até descobrir que ele mesmo era pecador!

Jacó tentou proteger José das responsabilidades do trabalho, mas Deus sabia que José não podia ser governante antes de ser servo (Mt 25:21). Deus usou três lições na vida de José a fim de prepará-lo para ser o segundo governante do Egito:

A. A lição de serviço (39:1-6)

José trocou a “túnica talar” por uma vestimenta de servo, e Deus forçou-o a aprender a trabalhar. Dessa forma, ele aprendeu a humildade (1 Pe

5:5-6) e a importância de obedecer às ordens.

Como José era fiel nas pequenas coisas, Deus elevou-o a coisas maiores. Veja Provérbios 23:29 e 12:24.

B. A disciplina do autocontrole (39:7-18)

A mãe de José era uma mulher bonita, e, sem dúvida, ele herdou os traços dela (29:17). As egípcias eram conhecidas pela infidelidade, mas José não cedeu. Deus testava José, pois se José não pudesse controlar como servo não poderia controlar os outros quando fosse governante. Ele poderia argumentar: “Ninguém saberá!”, ou: “Todos fazem isso!”. Contudo, em vez disso, ele vivia para agradar a Deus, e isso foi fundamental para não dar espaço à carne (Rm 13:14). Paulo admoestou: “Foge, outrossim, das paixões da mocidade” (2 Tm 2:22), e José fez exatamente isso. Como o pregador puritano disse, José perdeu sua túnica, mas conservou seu caráter. Muitas pessoas fracassaram nessa lição, e Deus teve de encostá-las, pondo-as na prateleira (1 Co 9:24-27; Pv 16:32; 25:28).

C. A disciplina do sofrimento (39:19-23)

José não só era apenas capaz de controlar seus apetites, mas também de controlar sua língua, pois

ele não argumentou com os oficiais nem expôs a mentira que a esposa de Potifar espalhara a respeito dele. O controle da língua é um sinal de maturidade espiritual (Tg 3). É provável que Potifar fosse o capitão dos guardas incumbidos dos prisioneiros; ele até podia ser o chefe de execução. De qualquer modo, ele viu que José fora posto na prisão do rei (v. 20), e, mais uma vez, a fidelidade e a devoção de José renderam-lhe o favor dos oficiais. “O SENHOR era com José”, essa era a chave para o sucesso dele (39:2,5,21). José sofreu como prisioneiro por pelo menos dois anos, provavelmente por mais tempo. Salmos 105:17-20 explica que esse sofrimento pôs “ferros” em sua alma. Isso ajudou a transformá-lo em um homem. As pessoas que evitam o sofrimento têm dificuldade em desenvolver o caráter. Com certeza, José aprendeu perseverança com seu sofrimento (Tg 1:1-5), como também a ter fé mais profunda na Palavra de Deus (Hb 6:12). Esse sofrimento não era agradável, mas necessário, e, um dia, transformou-se em glória.

III. José, o servo esquecido (40)

Agora, José era um servo na prisão real (41:12). Ele fazia fielmente seu trabalho e esperava pelo dia em que seus sonhos proféticos se tornassem realidade. Um dia, trouxeram dois novos prisioneiros — o mordomo e

o padeiro-chefe do faraó. Não se esclarecem quais foram seus crimes, talvez uma coisa menor que desagradou o faraó. Entretanto, sabemos que Deus fez com que fossem presos por causa do plano que o Senhor tinha para José. Trataram José com injustiça, mas ele sabia que um dia Deus cumpriria sua Palavra.

Observe a humildade de José quando interpreta os dois sonhos (v. 8). Ele dá toda a glória ao Senhor: “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte” (1 Pe 5:6).

Os dois prisioneiros estavam em correntes por alguma coisa que fizeram, enquanto José era inocente. A interpretação que fez dos sonhos tornou-se realidade: o mordomo foi reintegrado, e o padeiro, enforcado. Contudo, deixaram José na prisão! Talvez nos perguntemos por que outros vivenciam as bênçãos de que precisamos tanto; contudo, Deus tem seu plano e seu tempo.

Entretanto, no versículo 14, o pedido de José revela uma ponta de desencorajamento e de descrença. José inclinava-se em direção aos braços da carne? Se esse for o caso, o braço da carne desapontou-o, pois o mordomo esqueceu completamente de José pelos dois anos seguintes. Essa foi uma boa lição para José nunca confiar nos homens. Em última instância, Deus usaria a má memória

do mordomo para libertar José, mas ainda não chegara o momento certo para isso. O mordomo esquecera-se de José, mas Deus não o esquecera!

José tinha 17 anos quando foi para o Egito e 30 anos quando saiu da prisão (41:46). Isso quer dizer que ele gastou treze anos como servo e como prisioneiro, anos de disciplina e de treino, anos de preparação para seu ministério de toda a vida, como segundo governante do Egito. Deus, se nos entregamos a ele, prepara-nos para o que já planejou para nós.

De muitas maneiras, José é um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo, embora em nenhuma passagem do Novo Testamento ele seja especificamente chamado como um tipo de

Cristo. José era um filho amado que foi odiado e rejeitado pelos irmãos. Eles o venderam como escravo e, um dia, encontraram-no como rei deles. Ele teve de sofrer antes de alcançar sua glória. Ele venceu a tentação e, no entanto, foi preso e tratado com injustiça. Era um servo fiel que ministrava aos outros. Por fim, elevaram-no ao trono, e ele foi responsável pela salvação das nações. Os irmãos dele, na primeira vez que o viram, não o reconheceram, mas ele se revelou a eles na segunda vez que vieram ao Egito. O mesmo aconteceria com Israel: eles não reconheceram Cristo quando veio pela primeira vez, mas eles o verão quando vier de novo e se curvarão diante dele.

GÊNESIS 41—45

Esta seção registra a ascensão de José de prisioneiro a segundo governante da terra. Deram-lhe um novo nome — Zafenate-Panéia, “o revelador de segredos” (41:45).

Observe os três segredos que José desvendou:

I. O mistério dos sonhos do faraó (41)

José esperava que o mordomo se lembrasse dele e intercedesse a seu favor (40:13-15), mas o homem não se lembrou de José até o dia em que o faraó ficou perturbado, porque não conseguia decifrar o significado de um sonho estranho que tivera. Os caminhos de Deus são insondáveis, mas o momento de Deus agir nunca é muito prematuro nem muito tardio. Observe a humildade de José quando fica diante do monarca mais poderoso da terra: “Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó” (v. 16). Ele explicou o sonho: haveria sete anos de abundância seguidos de sete anos de penúria. Depois, ele deu um conselho sábio: designe um homem sábio para administrar o suprimento de alimento. Deus direcionou o faraó para que designasse José. Assim, ele foi elevado ao trono! Veja também 1 Pedro 5:6.

O casamento de José com uma egípcia é um símbolo do casamento de Jesus com a igreja nesta era quan-

do seus irmãos de carne o rejeitam. “Manassés” significa “esquecer”, e isso sugere que José esquecerá suas provações passadas por causa de sua nova posição em Deus; e “Efraim” significa “duplamente frutífero”, sugerindo que, por fim, todas as suas provações levaram à fecundidade e à bênção. José, como a semente do trigo, “morreu”, para que ele não ficasse só (Jo 12:23-26). Deus manteve sua Palavra a José, e as predições de José tornaram-se realidade. A Palavra do Senhor permanece quando a sabedoria do homem fracassa (41:8).

Entretanto, tudo isso era parte de um plano maior, um plano para preservar Israel e preparar o nascimento de Cristo.

II. Os mistérios do coração de seus irmãos (42—44)

O plano foi posto em movimento, pois Jacó soube que havia cereais no Egito e envia seus filhos a fim de garantir mantimentos para eles. Reflita a respeito das duas visitas deles ao Egito.

A. A primeira visita (v. 42)

Dez dos filhos de Jacó desceram ao Egito, e José reconheceu-os, embora eles não o reconhecessem. Com certeza, em vinte anos a aparência dele mudara, e sua fala e vestimenta egípcias levaram-nos a acreditar que ele fosse um nativo. Observe

que os dez homens prostraram-se diante dele (42:6), mas os sonhos de José previam que onze se curvariam diante dele (37:9-10). Isso explica a razão pela qual José sabia que os homens voltariam com seu irmão Benjamim.

Por que José foi tão duro com seus irmãos? E por que ele esperou tanto tempo para revelar-se a eles? Porque queria certificar-se de que estavam arrependidos de seus pecados. Perdoar pessoas que não estão sinceramente arrependidas torna-as ainda piores pecadoras (veja Lc 17:3-4). Como José lidou com seus irmãos? Ele falou de forma ríspida com eles e acusou-os de serem espíões (vv. 7-14); aprisionou-os durante três dias (v. 17); depois, manteve Simeão como refém e algemou-o diante dos olhos dos outros irmãos (vv. 18-24). Seu ato culminante foi devolver o dinheiro deles (vv. 25-28). Esse tratamento áspero obteve o resultado almejado, pois os homens confessaram: "Somos culpados"! Veja os versículos 21-23. Essa afirmação mostrou a José que o coração deles estava se suavizando. Quando voltaram para casa, o relatório que fizeram a Jacó e a descoberta do dinheiro nos sacos apenas complicaram o problema deles. O que fariam? Se ficassem em casa, seriam ladrões, mas, se voltassem ao Egito, correriam risco se levassem Benjamim com eles. Perguntamo-nos se o

versículo 36 indica que Jacó sabia o que fizeram com José anos antes.

B. A segunda visita (caps. 43—44)

Deus deixou a família de Jacó faminta de novo, e esses homens, como o filho pródigo de Lucas 15, tinham de voltar ao Egito ou morrer de fome. Vemos aqui outra indicação da mudança do coração deles: a disposição de Judá de assegurar a volta do jovem Benjamim e de assumir a responsabilidade por ele; a disposição deles em devolver o dinheiro; e a confissão da verdade ao servo de José (43:19-22). No entanto, eles também cometem alguns erros — levar um presente para José e confessar seus pecados ao mordomo, em vez de ao próprio José. Nesse episódio, não podemos deixar de ver a forma como Deus lida com os pecadores perdidos. Deus controla as circunstâncias para trazer o pecador à consciência de si mesmo e ao fim de suas forças. Contudo, é triste admitir que muitos pecadores comprovados tentam ganhar a salvação oferecendo presentes, ou confessando a um servo humano, ou fazendo algum grande sacrifício (como Judá fez, ao oferecer a própria vida como garantia por Benjamim). A única forma de José perdoar os pecados deles seria por meio da confissão e do arrependimento honestos deles.

José usou dois artifícios para levá-los ao ponto de confessarem:

o banquete de alegria (43:26-34 — observe que nos versículos 26 e 28 todos os onze homens prostram-se diante de José) e a descoberta do copo de prata no saco de Benjamim. Em 44:14, os onze homens prostram-se diante de José em contrição verdadeira. Eles confessam: “Achou Deus a iniquidade de teus servos” (44:16). Não podemos deixar de admirar a fala de Judá em 44:18-34, não apenas pela humildade de sua confissão, mas também pelo amor que demonstra pelo pai e pelo irmão mais jovem. Ele queria assegurar que levaria a culpa, embora isso pudesse custar-lhe a vida.

Aqui, temos uma bonita lição espiritual. Judá pensa que, na verdade, José estava morto (44:20) e, por isso, ele mesmo era culpado de assassinato. Ele não percebia que José estava vivo — e era o salvador dele! O pecador perdido põe-se diante da corte de julgamento de Deus e confessa sua culpa, pensando que sua confissão certamente acarretaria castigo. Contudo, Jesus Cristo está vivo, e, por ele estar vivo, pode salvar total e plenamente. Cristo não espera que sejamos fiadores de nossos pecados ou dos pecados dos outros, pois ele mesmo é nossa garantia diante de Deus (Hb 7:22). Contanto que Cristo viva, Deus não pode nos condenar nunca. E ele viverá para sempre!

O que trouxe salvação para os irmãos de José não foi a confissão

de culpa, os sacrifícios que fizeram ou os presentes que deram. Foi o perdão gracioso de José que lhes trouxe salvação, o perdão adquirido com seu próprio sofrimento em favor deles. Que retrato de Jesus Cristo!

III. O mistério do propósito de Deus (45)

Chegou o momento de José revelar a si mesmo e o propósito de Deus ao enviá-lo. Atos 7:13 deixa claro que “na segunda vez” ele revelou-se, assim como foi na segunda vez que Israel aceitou Moisés depois de ter rejeitado sua liderança quarenta anos antes (At 7:35). Esse é o tema da fala de Estêvão registrada em Atos 7. O povo escolhido de Israel sempre rejeitou seus salvadores na primeira vez e recebeu-os na segunda vez; eles farão a mesma coisa com Jesus Cristo.

A revelação de José deixou seus irmãos aterrorizados, pois esperavam que os julgasse por seus pecados passados. Contudo, ele vira o arrependimento deles, pois eles se prostraram diante dele, e ele sabia que podia perdoá-los. Ele explicou-lhes que haveria mais cinco anos de penúria, mas que preparara um refúgio para eles e suas famílias no Egito. Deus o enviara antes para salvar a vida deles.

Ele prometeu sustentá-los (v. 11) e protegê-los. Ele “chorou sobre

eles”, beijou-os e enviou presentes para seu pai a fim de assegurá-lo das riquezas que havia no Egito. Ele convidou: “Vinde para mim” (45:18). Que mudança aconteceu em Jacó quando soube que José estava vivo — não muito diferente da

mudança que houve nos discípulos quando descobriram que Cristo estava vivo! Antes, Jacó dissera: “Todas estas coisas me sobrevêm” (42:36), mas agora ele podia dizer: “Todas as coisas operam para o bem!”.

GÊNESIS 46-50

Esses capítulos cobrem os últimos dias de Jacó. Nós o vemos desempenhando vários atos pela última vez. É um sério lembrete de que, um dia, todos enfrentaremos o fim.

I. A última jornada de Jacó (46-47)

Jacó, pela fé, deixou Hebron e iniciou sua viagem para o Egito, e Deus honrou sua fé ao revelar-se de novo e renovar suas promessas (46:2-4). Sem dúvida, Jacó lembrava que Abraão pecara em sua viagem para o Egito (12:10ss), e que Isaque fora proibido de ir para lá (26:2), portanto a Palavra de Deus tranqüilizou-o. O Egito poderia, em vez de ser um lugar de derrota, ser um lugar de bênção, pois a nação cresceria apesar do sofrimento. Toda a família foi com Jacó: os trinta e três descendentes de Lia (vv. 8-15); os dezesseis descendentes de Zilpa (vv. 16-18), os quatorze descendentes de Raquel (vv. 19-22) e os sete descendentes de Bila (vv. 23-25). Na verdade, sessenta e seis pessoas viajaram com Jacó e, quando acrescentamos Jacó, José e os dois filhos deste (v. 27), chegamos a um total de 70 pessoas. Veja Êxodo 1:5. Atos 7:14 diz que haviam 75 pessoas na família, mas esse número deve incluir os cinco filhos de Manassés e de Efraim, enumera-

dos em 1 Crônicas 7:14ss. Observe que agora Judá é o confiável, pois Jacó o manda à frente, como líder. Nesse meio tempo, José preparava o caminho com o faraó, achava um local para eles viverem e uma ocupação para eles enquanto estivessem no Egito. Já que o Egito é um retrato do sistema de mundo atual, não é de surpreender que o pastoreio seja uma abominação para o povo não-salvo. Nosso Senhor é o Bom Pastor, e o mundo não tem nada que ver com ele!

Jacó encontrou-se com o faraó, testemunhou a bondade de Deus durante sua longa vida e, depois, abençoou-o. A única bênção deste mundo veio de Deus por intermédio de seu povo, Israel (Jo 4:22).

Os versículos 13ss descrevem a forma como José administrava os assuntos do Egito, dando-nos uma imagem de dedicação: o povo deu-lhe seu dinheiro, suas terras, suas posses e seus corpos (Rm 12:1-2). Devemos nos dar todos a Cristo que nos salvou e cuida de nós diariamente.

II. A última bênção de Jacó (48)

Jacó passa os últimos 17 de seus 147 anos de vida com José no Egito; assim, ele teve seu filho predileto durante os primeiros 17 anos da vida de José e, agora, nos últimos 17 anos de sua vida. O patriarca idoso, sabendo que estava para morrer, cha-

ma José até sua cama (47:31) para que pudesse abençoar os dois filhos deste. Veja Hebreus 11:21. Os dois meninos estavam, pelo menos, no início de seus 20 anos (veja 41:50 e 47:28). Jacó afirmou os meninos como seus descendentes, equiparando-os em posição com seu primogênito, Rúben, e com Simeão. (Em 49:5-7, veremos que Simeão e Levi formam tribos separadas, portanto Efraim e Manassés tomam o lugar deles.) Como José sabia que *Manassés era o primogênito, ele o pôs à direita de Jacó, e Efraim, à esquerda. Jacó, porém, cruzou os braços e deu a bênção de primogenitura a Efraim. Isso desagradou a José, mas Jacó fora guiado por Deus, pois o Senhor daria a bênção mais excelente a Efraim. Esse é outro exemplo do princípio divino de pôr de lado o primeiro para estabelecer o segundo (Hb 10:9). Já vimos isso antes em relação a Sete e Caim, a Isaque e Ismael e a Jacó e Esaú. O fato de Jacó cruzar as mãos, apresenta a cruz na descrição desse fato. Deus crucifica a antiga natureza por intermédio da cruz e, agora, põe de lado o natural para estabelecer o espiritual. Deus, quando você nasce de novo, rearranja a "ordem de seu nascimento" espiritual.*

Jacó também abençoa José em nome do Deus que o "pastoreou" durante todos esses anos e dá a José um pedaço especial de terra (v. 22,

e veja Jo 4:5). Isso era um símbolo da herança toda que receberiam.

III. A última mensagem de Jacó (49)

Esse é um capítulo difícil, e não podemos entrar em todos os detalhes. Jacó, nessa última mensagem aos filhos, revela o caráter deles e prediz a história deles. Rúben era o primogênito e deveria herdar poder e glória; contudo, por causa de seu pecado perdeu as bênçãos do nascimento (Gn 35:22; 1 Cr 5:1-2). *Simeão e Levi eram filhos de Lia, e ambos eram cruéis e determinados, como vimos no assassinato dos homens de Siquém (Gn 34). Mais tarde, a tribo de Judá absorve os descendentes de Simeão (Js 19:1), e Levi torna-se a tribo sacerdotal (que graça!), e eles não recebem herança. Quando comparamos Números 1:23 (59.300) com Números 26:14 (22.200), vemos o declínio numérico de Simeão.*

Identifica-se Judá com o leão, a fera real; pois o legislador (Cristo) e também os reis justos de Israel viriam de Judá. Jesus é o Leão da tribo de Judá (Ap 5:5). O versículo 10 prediz que Siló (Cristo, "o Doador de descanso") não viria até que Judá perdesse seu governo, e, com certeza, isso era verdade quando Jesus nasceu. Os versículos 11-12 prometem grande bênção material para Judá. Zebulom se estenderia do mar da Galiléia até o mar Mediterrâneo, por

isso sua ligação com navios. Retrata-se Issacar como um servo humilde para os outros, desejoso de suportar os fardos deles para que possam desfrutar de descanso, em vez de resistir e ter liberdade. Liga-se Dã à serpente e à fraude. Não é de surpreender que Dã foi quem iniciou a idolatria em Israel. Gade significa "afortunado" (30:11) e é ligado à guerra. Conecta-se Aser às riquezas, especialmente do tipo que agradariam a um rei. Compara-se Naftali a uma bonita gazela solta e promete-se que ele saberá como usar a palavra de forma poderosa; em Juízes 4-5 (veja 4:6), vemos a vitória e a música de Baraque e de Débora.

A bênção de José é a mais longa. Ele é um ramo frutífero que foi atacado pelos irmãos, mas venceu no fim. Jacó dá uma variedade de bênçãos materiais e espirituais a José e assegura-lhe a vitória final por meio do Deus de Israel. José é "separado de entre os seus irmãos" (fim do v. 26, NVI). Compara-se Benjamim a um lobo que pega a presa e, depois, à tarde deleita-se com o despojo. O rei Saul veio dessa tribo e era um conquistador; Saulo de Tarso, que se tornou o apóstolo Paulo, também descende de Benjamim.

É difícil extrair todos os detalhes dessa profecia incrível. A história mostra que as palavras de Jacó tornaram-se realidade. Certamente, aqui há uma lição de responsabili-

dade pessoal, pois algumas tribos perderam as bênçãos por causa dos pecados de seus fundadores. José foi o que mais sofreu no início de sua vida, contudo foi o que recebeu a maior bênção.

IV. O último pedido de Jacó (50)

Em 49:29-33, o homem idoso pede para ser enterrado com sua família na caverna de Macpela. Abraão, Sara, Isaque, Rebeca e Lia já estavam na caverna, portanto Jacó seria o sexto corpo. Quando Jacó morreu, seus filhos o prantearam e deram-lhe um sepultamento honroso. Aparentemente, a terra inteira pranteou-o setenta dias, e os embalsamadores, durante quarenta dias desse período, prepararam o corpo dele. Esse é o primeiro caso, na Bíblia, de um corpo embalsamado e de um funeral elaborado. Por que Jacó (e José depois dele, 50:24-26) queria ser enterrado em Canaã? Deus dera essa terra a ele, ele não pertencia ao mundo (Egito). Talvez também tenhamos uma lição espiritual aqui: não apenas o espírito do crente vai para o céu quando ele morre, mas o corpo também será tirado deste mundo na ressurreição.

Infelizmente, os irmãos de José não acreditaram quando, anos antes, ele dissera que os perdoara! Na verdade, a descrença e o medo deles fizeram José chorar. Eles são um

retrato dos cristãos fracos de hoje que não aceitam a Palavra de Deus e, em conseqüência disso, vivem em medo e em dúvida. “Não temas”, essa é a Palavra de Jesus para nós, assim como foi a palavra de José para seus irmãos. Eles, em sua cegueira, quiseram trabalhar para obter o perdão dele (“Eis-nos aqui por teus servos”, [v. 18]), contudo

ele lhes deu perdão total por meio da graça.

Gênesis inicia com um jardim e termina com um caixão. Que comentário a respeito do pecado neste mundo! Contudo, a Bíblia termina com a descrição de uma bonita “cidade-jardim” (Ap 21—22), a casa de todos que põem sua confiança em Jesus Cristo.

ÊXODO

Esboço

- I. Redenção — o poder de Deus (1—17)
 - A. A escravidão do pecado (1—4)
 - B. A obstinação do faraó (5—11)
 - C. A salvação de Deus (12—17)
 - 1. Páscoa — Cristo, o Cordeiro do sacrifício (12—13)
 - 2. A travessia do mar — ressurreição (14—15)
 - 3. Maná — Cristo, o pão da vida (16)
 - 4. A rocha ferida — o Espírito (17:1-7)
 - 5. Amaleque — carne *versus* Espírito (17:8-16)

- II. Justiça — a santidade de Deus (18—24)
 - A. A preparação da nação (18—19)
 - B. A revelação da lei (20—23)
 - 1. Os mandamentos (de Deus) (20)
 - 2. Os julgamentos (dos homens) (21—23)
 - C. A confirmação da aliança (24)

- III. Restauração — a graça de Deus (25—40)
 - A. A descrição do tabernáculo (25—31)
 - B. A necessidade do tabernáculo — os pecados de Israel (32—34)
 - C. A construção do tabernáculo (35—40)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

Em grego, *exodus* significa “o caminho de partida”. (Veja Hb 11:22; “saída” [NTLH].) Esse livro descreve a escravidão de Israel no Egito e a maravilhosa libertação (ou “caminho de partida”) que Deus lhes deu. Em Êxodo, uma das palavras-chave é “redenção”, já que “redimir” significa “libertar”. O livro apresenta muitas imagens de nossa salvação por intermédio de Cristo. O Novo Testamento usa a palavra *exodus* em duas ocasiões: Lucas 9:31 (“partida”), em que o tema é a obra redentora de Cristo na cruz; e em 2 Pedro 1:15, em que “partida” significa a “morte” de um crente. Em outras palavras, na Bíblia há três experiências de êxodo — a libertação de Israel do Egito, a libertação do pecador feita por Cristo na cruz e a libertação do crente da escravidão deste mundo na morte.

II. Autor

Não há razão para duvidar de que Moisés escreveu esse livro. A unidade do livro (veja o esboço) sugere que houve apenas um autor, e os relatos de testemunhos oculares indicam que o autor estava presente nesses acontecimentos. Cristo afir-

mou a autoria mosaica do livro (Jo 7:19; 5:46-47).

III. Propósito

Gênesis é o livro dos inícios. Êxodo é o livro da redenção. Ele registra a libertação de Israel do Egito e apresenta os fatos históricos básicos a respeito da origem da nação hebréia e suas cerimônias religiosas. Esses relatos também são retratos de Cristo e da redenção que ele comprou na cruz. Em Êxodo, há muitos exemplos e símbolos de Cristo e do crente, especialmente nas guarnições e nas cerimônias do tabernáculo. Êxodo também registra a entrega da Lei. Seria impossível entender muitas doutrinas do Novo Testamento sem a compreensão dos acontecimentos e dos símbolos relatados em Êxodo.

IV. Tipos

Em Êxodo, há muitos tipos básicos: (1) o Egito é um tipo do sistema do mundo que se opõe ao povo de Deus e tenta mantê-lo em escravidão. (2) O faraó é um modelo de Satanás, “o deus deste século”, pois ele exige adoração, desafia Deus e quer escravizar o povo de Deus. (3) Israel é um modelo da igreja — libertada da escravidão do mundo, levada em jornada de peregrinação e protegida por Deus. (4) Moisés é um modelo de Cristo, o Profeta de Deus. (5) A travessia do mar Vermelho é o retrato da ressuscitação que

liberta o crente do mal presente neste mundo. (6) O maná retrata Cristo, o pão da vida (Jo 6). (7) A rocha ferida é um tipo de Cristo ferido, por meio da morte de quem nos é dado o Espírito Santo. (8) Amaleque é o retrato da carne, opondo-se ao crente em jornada de peregrinação. Em Êxodo, o modelo-chave é a Páscoa, que retrata a morte de Cristo, o uso de seu sangue para nossa salvação e a apropriação da vida dele (o cordeiro como alimento) para nosso fortalecimento diário.

V. Moisés e Cristo

Poderíamos enumerar várias comparações e o principal contraste entre os dois, já que Moisés é um retrato maravilhoso de Jesus Cristo. Em seus ofícios, Moisés foi profeta (At 3:22), sacerdote (Sl 99:6; Hb 7:24); servo (Sl 105:26; Mt 12:18), pastor (Êx 3:1; Jo 10:11-14), mediador (Êx 33:8-9; 1 Tm 2:5) e libertador (At 7:35; 1 Ts 1:10). Em seu caráter, Moisés era manso (Nm 12:3;

Mt 11:29), fiel (Hb 3:12), obediente e poderoso em palavras e obras (At 7:22; Mc 6:2). Em sua história, Moisés era um filho no Egito e corria o risco de ser morto (Mt 2:14ss), mas Deus providencialmente cuidou dele. Ele escolheu sofrer com os judeus a reinar no Egito (Hb 11:24-26; Fp 2:1-11). Da primeira vez, os irmãos de Moisés o rejeitaram, mas, na segunda vez, o receberam, e ele, enquanto era rejeitado, ganhou uma noiva gentia (um retrato de Cristo e da igreja). Moisés condenou o Egito, e Cristo condenou o mundo. Moisés libertou o povo de Deus por intermédio do sangue, da mesma forma que Cristo o fez na cruz (Lc 9:31). Moisés guiou o povo, alimentou-o e carregou o fardo dele. É claro que o contraste é que Moisés não fez Israel entrar na terra prometida; Josué teve de fazer isso. "Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1:17).

ÊXODO 1-2

I. A perseguição ao povo de Deus (1)

A. A nova geração (vv. 1-7)

Em Gênesis 15:13-16, profetiza-se a escravidão de Israel no Egito. Já que Abraão tinha 100 anos quando Isaque nasceu, a quarta geração equivalia a 400 anos. É claro, as gerações são mais curtas hoje. Deus também cumpriu a promessa de multiplicar as pessoas (Gn 46:3), e os 70 descendentes originais de Jacó transformaram-se em mais de 1 milhão! Eles aumentaram, apesar da perseguição e do sofrimento. Veja Atos 7:15-19.

B. O novo rei (vv. 8-14)

Atos 7:18 diz que havia "outro rei de um tipo diferente" (tradução literal do grego). Isto é, o novo rei era de um povo diferente. A história conta-nos a respeito do período em que os invasores "hicsos" dominaram o Egito. Eles eram semitas, provavelmente da Assíria (Is 52:4). O novo rei advertiu seu povo (não os egípcios) de que a presença de tantos judeus era uma ameaça ao governante

deles; portanto, eles decidiram agir de forma vigorosa com os filhos de Israel. Já que José foi o salvador do Egito, seria improvável que um rei egípcio não o conhecesse, mas esse novo rei era estrangeiro. Claro que, no entanto, a escravidão no Egito é um retrato da escravidão espiritual do pecador a este mundo. Os judeus desceram ao Egito e viveram no melhor da terra (Gn 47:6), mas, mais tarde, esse fausto transformou-se em provação e sofrimento. Assim como é hoje a vereda do pecador perdido; o pecado também promete prazer e liberdade, mas traz sofrimento e escravidão.

C. A nova estratégia (vv. 15-22)

Não fosse pela intervenção de Deus, o plano do rei de matar todos os bebês do sexo masculino teria muito sucesso. Ele usou as parteiras para confundir o rei, da mesma forma como depois usou o choro do bebê para alcançar o coração da filha do faraó. Deus usa as coisas fracas deste mundo para anular as poderosas. É claro, a estratégia do rei veio de Satanás, o assassino. Portanto, essa foi outra tentativa de Satanás de destruir os judeus e de impedir o nascimento do Messias. Posteriormente, Satanás usaria o rei Herodes para tentar assassinar o bebê Jesus. Era certo as mulheres desafiarem as ordens do rei? Sim, pois "antes, importa obedecer a Deus do que aos

homens" (At 5:29). O crente, quando as leis da terra definitivamente são contrárias aos mandamentos de Deus, tem o direito e o dever de pôr Deus em primeiro lugar. Ao mesmo tempo que Deus não aprova as desculpas dadas pelas parteiras ao faraó (embora as palavras delas pudessem ser verdadeiras), ele as abençoa por sua fé. Lembre-se, esse mesmo governante que queria suprimir o povo de Deus viu seu exército ser esmagado no mar Vermelho (Êx 15:4-5). Colhemos o que plantamos, embora a colheita possa demorar a chegar (Ec 8:11).

Nesse capítulo, também vemos a tentativa de Satanás de escravizar o povo de Deus. O versículo 1 chama os judeus de "filhos de Israel", e Israel significa "lutou [como príncipe] com Deus" (Gn 32:28) — o príncipe do mundo (Satanás) desafia o príncipe com Deus! O povo de Deus não é deste mundo e será libertado da escravidão de Satanás!

II. A preparação do profeta de Deus (2)

Parecia que Deus não estava fazendo nada. Os judeus oravam e clamavam por ajuda (2:23-25) e se perguntavam onde estava a libertação de Deus. Se eles se lembrassem das palavras de Gênesis 15, saberiam que deveriam passar 400 anos. Durante esse tempo, Deus preparava seu povo, mas ele também esperava

em misericórdia e dava tempo à pecaminosa nação de Canaã para se arrepender (Gn 15:16). Deus nunca tem pressa. Ele escolhera o líder dos hebreus e preparava-o para sua imensa tarefa. Observe os recursos que Deus usou a fim de preparar Moisés:

A. A casa piedosa (vv. 1-10)

Leia Atos 7:20-28 e Hebreus 11:23. Em Êxodo 6:20, aprendemos que os pais de Moisés são Anrão e Joquebede. Foi um ato de grande fé e amor que se casassem em uma época de tanta dificuldade, e Deus recompensou-os por isso. Eles, já que agiram movidos pela fé (Hb 11:23), devem ter tido uma comunicação de Deus a respeito do nascimento do filho, Moisés. Ele era uma "criança divina" (bonita aos olhos de Deus), e eles, por meio da fé, o deram a Deus. Os pais nunca sabem o que Deus vê em cada criança que nasce, e é importante que eduquem os filhos no temor do Senhor. Foi necessária muita fé para pôr a criança no rio, o local exato em que matavam os meninos! Observe como Deus usou as lágrimas de uma criança para tocar a princesa e como arranjou as coisas para que a própria mãe da criança a criasse. Leia Jó 5:13.

B. A educação especial (At 7:22)

Moisés, educado no palácio como filho adotivo da princesa, foi trei-

nado nas grandes escolas egípcias. Mesmo hoje, os estudiosos maravilharam-se com os ensinamentos egípcios, e Moisés, sem dúvida, era um dos melhores. Não há nada errado com a instrução. Com certeza, Moisés fez uso de seu treinamento. Mas não há substituto para a sabedoria de Deus que vem por meio do sofrimento, e da provação, e do caminhar pessoal com Deus.

C. O grande fracasso (vv. 11-5; Hb 11:24-26)

Moisés tinha 40 anos quando tomou a grande decisão de deixar o palácio e ser o libertador de Israel. Nós o admiramos pelo amor a seu povo e por sua coragem, mas temos de reconhecer que ele, da maneira como agiu, adiantou-se ao Senhor. O versículo 12 indica que ele caminhava pela visão, não pela fé, pois “olhou de um e de outro lado” antes de matar o egípcio que batia em um hebreu. Moisés, como Pedro no jardim de Getsêmani, dependia da espada que tinha nas mãos e da energia de seus braços. Mais tarde, ele troca essa espada por um bordão, e o poder vem das mãos de Deus, não mais das dele (veja 6:1). Ele enterrou o corpo, mas isso não quer dizer que o feito não fora visto. No dia seguinte, ele viu dois judeus lutando e tentou ajudá-los, apenas para descobrir que os amigos e os ini-

migos sabiam que matara um homem. (Nota: o texto de Atos 7:24 pode indicar que Moisés matou o homem em legítima defesa, mas mesmo assim ele era um criminoso aos olhos dos egípcios.) Seu único recurso era fugir da terra.

Ao mesmo tempo que, justificadamente, podemos criticar Moisés por seus delitos, temos de admirar sua coragem e convicção. Como o dr. Vance Havner disse (em um comentário sobre Hb 11:24-26): “Moisés viu o invisível, escolheu o impercível e fez o impossível!”. A fé tem suas recusas, e essas recusas trazem recompensas. Infelizmente, Moisés era muito precipitado em suas ações, e Deus tinha de pô-lo de lado para um treino adicional. As armas de nosso combate não são carnis, mas espirituais (2 Co 10:3-6).

D. A longa demora (vv. 16-25)

A vida de Moisés divide-se em três períodos iguais: 40 anos como príncipe no Egito, 40 anos como pastor em Midiã e 40 anos como líder de Israel. No início desse segundo período, Moisés ajudou as mulheres que tentavam dar água aos rebanhos, e essa gentileza levou-o a conhecer Jetro e a casar-se com a filha dele, Zípora. Observe que as moças identificaram Moisés como “um egípcio”. Isso sugere que ele se parecia mais com os egípcios que com os judeus. Moisés passou 40 anos

como servo fiel em Midiã, e aqui Deus preparava-o para as difíceis tarefas que tinha à frente. A rejeição por sua nação e a esposa gentia são um retrato de Cristo, que hoje toma uma noiva das nações para si mesmo. "Gérson" significa "estrangeiro" e sugere que Moisés sabia que seu lugar verdadeiro era ao lado do povo de Israel, no Egito.

Parecia que Deus não estava fazendo nada, contudo ele ouvia os gemidos de seu povo e esperava o

momento certo para agir. Sempre que Deus trabalha, ele escolhe o trabalhador certo, usa o plano certo e age no momento certo. Moisés cuidava de umas poucas ovelhas e logo estaria pastoreando uma nação inteira. Ele trocava o cajado de pastor pelo bordão de poder e seria usado por Deus para ajudar a criar uma nação poderosa. Deus, porque ele era fiel ao fazer seu humilde serviço de pastor, usou-o para realizar a tarefa maior, a de libertador, legislador e líder.

ÊXODO 3-4

Alvorecia um novo dia, e tudo mudaria para Moisés. Naquela manhã, quando ele saiu com suas ovelhas, não tinha idéia de que se encontraria com Deus. Vale a pena estar pronto, pois nunca sabemos o que Deus planeja para nós.

I. Deus aparece a Moisés (3:1-6)

A sarça ardente tem significado triplo. Primeiro, é um retrato de Deus (Dt 33:16), pois revela sua glória e poder, contudo não é consumida. Moisés devia ser lembrado da glória e do poder de Deus, pois estava para assumir uma tarefa impossível. Segundo, a sarça significa Israel atravessando o fogo da aflição, mas não se consumindo. Com frequência, as nações tentaram exterminar os judeus, mas fracassaram! Por fim, a sarça retrata Moisés — um humilde pastor que com a ajuda de Deus se tornaria um fogo que não pode ser extinto! Note que Moisés estava no local em que se inclinara diante de Deus e o adorara, cheio de admiração, pois esse é o verdadeiro início do culto cristão. Deus pode usar os servos que sabem tirar os sapatos com humildade para caminhar em poder. Mais tarde, vemos que Deus, antes de chamar Isaías, revelou-se em sua glória (Is 6). A lembrança da sarça ardente deve ter encorajado

Moisés durante os muitos quilômetros difíceis de deserto.

II. Deus chama Moisés (3:7-10)

“Vi [...], ouvi o seu clamor [...]. Conheço [...], desci.” Que mensagem de graça! Com frequência, Moisés se perguntava a respeito da condição de seu povo amado e, agora, tomava conhecimento de que Deus estivera zelando por eles todo o tempo. Podemos, facilmente, aplicar esses versículos à situação de quando Cristo nasceu: era um tempo de escravidão, provação e sofrimento, contudo Deus desceu na Pessoa de seu Filho para libertar os homens do pecado. Deus tem um plano definitivo para tirá-los e depois trazê-los à terra prometida. Ele termina o que inicia.

Moisés regozijou-se quando soube que Deus estava para libertar Israel; contudo, depois, escutou a notícia de que ele era o libertador! “Eu te enviarei.” Deus usa o homem para realizar sua obra na terra. Moisés teve 80 anos de preparação; agora, era hora de agir. Infelizmente, Moisés não respondeu: “Eis-me aqui, envia-me” (Is 6:8).

III. Deus responde a Moisés (3:11-4:17)

Moisés não concordou imediatamente com o plano de Deus de enviá-lo. Ele não era um fracasso? Ele não tinha família? Ele não era

muito velho? Talvez esses e outros argumentos tenham passado por sua mente, mas ele, quando argumentou com Deus sobre a vontade do Senhor para a vida dele, deu voz a pelo menos quatro objeções.

A. “Quem sou eu?” (3:11-12)

Admiramos Moisés por sua humildade, pois 40 anos antes ele poderia dizer a Deus quem ele era! Ele “foi educado [...] e era poderoso em palavras e obras” (At 7:22). Contudo, anos de comunhão e de disciplina no deserto tornaram Moisés humilde. A pessoa que age pela carne é impulsiva e não vê obstáculos, mas a pessoa humilde que caminha no Espírito sabe as batalhas que repousam à frente. Deus respondeu para afirmá-lo: “Eu serei contigo!”. Essa promessa sustentou-o por 40 anos, como também aconteceu depois com Josué (Js 1:5). Não é importante quem somos; o que importa é Deus estar conosco, pois sem ele não podemos fazer nada (Js 15:5).

B. “Qual é o seu nome? Que lhes direi?” (3:13-22)

Essa não era uma pergunta ambígua, pois os judeus queriam a confirmação de que o Senhor enviara Moisés nessa missão. Deus revelou seu nome, *Jeová* — “EU SOU O QUE SOU”, ou: “Eu fui, eu sou, e eu sempre serei!”. O Senhor Jesus utilizou esse nome no Evangelho de João,

no qual encontramos as sete grandes afirmações “Eu sou” (6:35; 8:12; 10:9 e 11; 11:25; 14:6; e 15:1-5). Se Deus é “Eu sou”, então ele sempre é o mesmo, e seus propósitos serão cumpridos. Deus prometeu a Moisés que ele libertaria seu povo, apesar da oposição do faraó.

C. “Mas eis que não creirão” (4:1-9)

Contudo, Deus acabara de dizer que acreditariam nele (3:18), portanto essa afirmação não era nada além de total descrença. Deus fez dois milagres para Moisés — o bordão transformou-se em serpente, e a mão dele ficou leprosa. Essas seriam suas credenciais diante do povo. Deus pega o que temos à mão e usa isso, se apenas confiarmos nele. O bordão, por si mesmo, não seria nada, mas nas mãos de Deus transformou-se em poder. A própria mão de Moisés matara um homem, mas, no segundo milagre, Deus mostrou a Moisés que pode curar a fraqueza da carne e usá-lo para sua glória. As mãos dele não eram nada, mas nas mãos de Deus podiam fazer maravilhas! Depois, Deus acrescentou um terceiro sinal — transformar a água em sangue. Esses sinais convenceriam o povo de Deus (4:29-31), mas eram apenas imitados pelos egípcios ímpios (7:10-25).

D. “Eu nunca fui eloqüente” (4:10-17)

Deus disse: “Eu Sou” — e tudo que Moisés dizia era: “Eu não sou!”. Ele olhava para si mesmo e para suas

fraquezas, em vez de olhar para Deus e seu poder. Nesse caso, Moisés argumentou que não era eloqüente. Contudo, o mesmo Deus que fizera sua boca podia usá-la. Deus não precisa de eloqüência nem de oratória; ele precisa apenas de um vaso puro que possa se encher com sua mensagem. No versículo 13, Moisés clama: "Envia aquele que hás de enviar, menos a mim". Essa atitude de descrença enraiveceu Deus, contudo ele designou Arão para ser ajudante de Moisés. Infelizmente, Arão, mais de uma vez, foi mais um obstáculo que uma ajuda! Ele levou a nação à idolatria (32:15-28) e murmurou contra Moisés (Nm 12). Era trágico que Moisés estivesse disposto a confiar em um homem fraco, de carne, em vez de no Deus vivo do céu. O versículo 14 ensina-nos que Deus, quando move seu povo, trabalha nas duas extremidades da linha. Ele trouxe os dois irmãos para ajudá-lo.

IV. Deus afirma Moisés (4:18-31)

Moisés tem a Palavra de Deus, os sinais milagrosos e o auxílio de seu irmão, Arão, contudo esses versículos deixam claro que ele ainda não estava pronto para caminhar pela fé. Ele não contou ao sogro a verdade a respeito de sua viagem ao Egito, pois Deus lhe contara que seus irmãos ainda estavam vivos.

Apreciamos o fato de que Moisés cuidou de suas tarefas terrenas de forma fiel antes de partir, mas ele não foi um testemunho muito bom para Jetro. Observe as garantias que Deus deu a Moisés, quando ele iniciou sua nova vida de serviço:

A. A Palavra do Senhor (vv. 19-23)

O povo que queria matar Moisés estava morto, e Deus queria que Moisés confiasse nele e não tivesse medo. Como Deus é paciente com os seus! Como suas promessas são encorajadoras!

B. A disciplina do Senhor (vv. 24-26)

A circuncisão era uma parte importante da fé judaica, contudo Moisés deixou de trazer o próprio filho para a aliança (Gn 17). Deus teve de disciplinar Moisés (talvez, pela doença) para lembrá-lo de sua obrigação. Como ele poderia guiar Israel se fracassava em guiar a própria família nas coisas espirituais? Mais tarde, Moisés manda sua família de volta para Midiã (veja 18:2).

C. A liderança do Senhor (vv. 27-28)

Deus prometera que Arão viria (v. 14) e, agora, cumpria sua promessa. Ao mesmo tempo que Moisés e Arão tinham suas fraquezas e que cada um deles fracassou mais de uma vez com Deus, era uma grande ajuda para Moisés ter o irmão a seu

lado. Eles encontraram-se no “monte de Deus”, local onde Moisés virou a sarça ardente (3:1).

D. A aceitação do povo (vv. 29-31)

Isso também é o cumprimento da Palavra de Deus (3:18). Infelizmente, esses mesmos judeus que rece-

beram Moisés e inclinaram a cabeça para Deus, depois o odiaram e o criticaram por causa do aumento de trabalho que tiveram (5:19-23). É sábio não pôr nossas esperanças na reação das pessoas, pois, com frequência, as pessoas deixam de cumprir seus compromissos.

ÊXODO 5-10

I. A ordem

Sete vezes nesse capítulo, Deus diz ao faraó: “Deixa ir o meu povo” (veja 5:1; 7:16; 8:1,20; 9:1,13; 10:3). Essa ordem revela que Israel estava na escravidão, mas Deus queria-o livre para servir-lhe. Essa é a condição de todo pecador perdido: escravização ao mundo, à carne e ao mal (Ef 2:1-3).

“Quem é o SENHOR para que lhouça eu a voz e deixe ir a Israel”, foi a resposta do faraó à ordem de Deus (5:2). O mundo não respeita a Palavra de Deus, pois para ele são “palavras mentirosas” (5:9). Moisés e Arão apresentam a ordem de Deus ao faraó, e o resultado foi mais escravidão para Israel! O pecador entrega-se à Palavra de Deus ou resiste a ela e endurece (veja 3:18-22 e 4:21-23). Em um sentido, Deus endureceu o coração do faraó ao apresentar-lhe suas reivindicações, mas o próprio faraó endureceu o coração ao resistir às reivindicações de Deus. O mesmo sol que derrete o gelo endurece o barro.

Infelizmente, o povo de Israel procurou o faraó em busca de ajuda, em vez de procurar o Senhor que prometera libertá-lo (5:15-19). Não é de admirar que os judeus não fossem capazes de concordar com Moisés (5:20-23) e o acusassem, em vez de encorajá-lo. Os crentes que não têm comunhão com Deus trazem pesar para seus líderes, em vez de ajuda. Com certeza, Moisés estava desencorajado, mas ele fez o que sempre é melhor — levou seu problema ao Senhor. No capítulo 6, Deus encorajou Moisés ao lembrá-lo de seu nome (6:1-3), de sua aliança (6:4), de sua preocupação pessoal (6:5) e de suas promessas fiéis (6:6-8). O “EU SOU” e “FAREI” de Deus são suficientes para derrotar o inimigo! O propósito de Deus ao permitir que o faraó oprimisse Israel era fazer com que o mundo conhecesse o poder e a glória do Senhor (6:7; 7:5, 17; 8:10, 22; veja Rm 9:17).

Montou-se o cenário: o faraó recusou a ordem de Deus, e, agora, o Senhor mandaria seu julgamento sobre o Egito. Ele cumpriria sua promessa de Gênesis 12:3 de julgar as nações que perseguissem os judeus. Ele revelaria seu poder (9:16), sua ira (Sl 78:43-51) e sua grandeza, mostrando que os deuses do Egito eram falsos deuses, e que Jeová é o único Deus verdadeiro (12:12; Nm 33:4).

II. O conflito

As dez pragas do Egito representavam muitas coisas: (1) eram um sinal para Israel que lhe assegurava o poder e o cuidado de Deus, 7:3; (2) eram pragas de julgamento para o Egito a fim de punir seu povo por perseguir Israel e de mostrar a inutilidade dos deuses dele, 9:14; e (3) eram profecias de julgamentos por vir, conforme Apocalipse revela.

Observe a seqüência das pragas. Elas dividem-se em três grupos, com três pragas em cada grupo. A décima praga (morte dos primogênitos) foi a última:

1. A água transforma-se em sangue, 7:14-25 (advertência em 7:16)
2. Rãs, 8:1-15 (advertência em 8:1)
3. Piolhos, 8:16-19 (sem advertência, e os magos não puderam copiar, 8:18-19)
4. Moscas, 8:20-24 (advertência em 8:20)
5. Peste no gado, 9:1-7 (advertência em 9:1)
6. Úlceras e tumores nas pessoas, 9:8-12 (sem advertência, os magos foram afligidos, 9:11)
7. Chuva de pedras, fogo, 9:13-35 (advertência em 9:13)
8. Gafanhotos, 10:1-20 (advertência em 10:3)
9. Trevas espessas, 10:21-23 (sem advertência, o faraó recusou-se a ver Moisés de novo, 10:27-29)

10. Morte dos primogênitos, 11-12 (o julgamento final).

Na verdade, as pragas eram uma declaração de guerra aos deuses do Egito (veja 12:12). Os egípcios adoravam o rio Nilo como um deus, porque esse rio era fonte de vida para eles (Dt 11:10-12), e Deus, quando Moisés transformou-o em sangue, mostrou seu poder sobre o rio. Retrata-se a deusa Heqet como rã, símbolo egípcio de ressurreição. Com certeza, a praga de rãs virou o povo contra Heqet! As moscas e os piolhos aviltaram o povo — um golpe terrível, pois os egípcios não podiam adorar seus deuses, a menos que tivessem o corpo imaculadamente limpo. A pestilência atacou o gado, que era sagrado para os egípcios, Hator era a “deusa vaca”, e Ápis era o touro sagrado. Os deuses e as deusas que controlavam a saúde e a segurança foram atacados com as pragas das úlceras e tumores, da chuva de pedras e dos gafanhotos. A praga das trevas espessas foi a mais séria, já que os egípcios adoram o deus sol, Rá, o principal deus deles. O bloqueio do sol por três dias significava que Deus conquistara Rá. A praga final (morte dos primogênitos) conquistou Meskhenet, a deusa do parto, e Hator, sua companheira, as duas que supostamente cuidavam dos

primogênitos. Todas essas pragas deixaram claro que Jeová era o verdadeiro Deus!

Traçamos essas mesmas pragas em Apocalipse, quando Deus descreve seu embate final com o deus deste mundo, Satanás: água transformada em sangue (Ap 8:8; 16:4-6); rãs (16:13); úlceras malignas e perniciosas (16:2); chuva de pedras e fogo (8:7), gafanhotos (9:1ss); e trevas (16:10).

Os magos egípcios conseguiram copiar alguns dos milagres de Moisés — transformar o bordão em serpente (7:8-13), e a água, em sangue (7:19-25), e fazer aparecer as rãs (8:5-7). Contudo, eles não conseguiram transformar o pó em pio-lho (8:16-19). Em 2 Timóteo 3:8-9, somos advertidos de que, nos últimos dias, falsos mestres se oporão a Deus ao imitar seus milagres. Veja 2 Tessalonicenses 2:9-10. Satanás é um falsificador que engana o mundo perdido ao imitar o que Deus faz (2 Co 11:1-4,13-15).

III. As concessões

O faraó é um tipo de Satanás: ele era o deus do Egito, tinha poder supremo (exceto no que era impedido por Deus), era mentiroso, assassino, mantinha as pessoas em escravidão, odiava a Palavra e o povo de Deus. O faraó não queria libertar os judeus, portanto fez quatro concessões tênues:

A. Adorar Deus em terra egípcia (8:25-27)

Deus exige separação total do mundo, a amizade com o mundo é inimidade com Deus (Tg 4:4). Os egípcios poderiam se ofender se vissem os judeus sacrificar seu gado a Jeová, já que adoravam vacas. Os crentes devem sair “do meio deles” e separar-se (2 Co 6:17, NVI).

B. Não se afastar muito (8:28)

O mundo diz: “Não seja fanático!”. “É bom ter religião, mas não leve isso a sério demais”. Aqui, temos a tentação de ser “crentes limítrofes”, os que tentam se manter próximos do mundo e de Deus ao mesmo tempo.

C. Apenas os homens podem ir (10:7-11)

Isso significa deixar as mulheres e as crianças no mundo. A fé envolve toda a família, não apenas os homens. É privilégio do marido e do pai liderar a família nas bênçãos do Senhor.

D. Manter as posses no Egito (10:24-26)

Satanás ama segurar nossas riquezas materiais para que não possamos usá-las para o Senhor. Tudo que temos pertence a Cristo. E Jesus disse-nos: “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6:21). Que tragédia

roubar a Deus ao deixar nossos "rebanhos e gados" para Satanás usar (Mt 3:8-10).

Moisés recusou fazer cada uma das concessões, pois não podia fazer concessões a Satanás e ao mundo e ainda agradar a Deus. Podemos pensar que vencemos ao pacificar

o mundo, mas estamos enganados. Deus exige obediência total, separação completa do mundo. Realizou-se isso com o sangue do cordeiro e a travessia do mar Vermelho, retratos da morte de Cristo na cruz e de nossa ressurreição com ele, libertando-nos "deste mundo perverso" (Gl 1:4).

ÊXODO 11-13

O ponto principal dessa seção é o cordeiro. A Páscoa marca o nascimento da nação de Israel e sua libertação da escravidão. Esse grande evento também retrata Cristo e sua obra na cruz (Jo 1:29; 1 Co 5:7-8; 1 Pe 1:18-20).

I. O cordeiro necessário (11)

“Mais uma praga!” Acabara-se a paciência de Deus e estava para acontecer seu julgamento final — a morte dos primogênitos. Observe que todos morreriam (11:5-6; 12:12-13), a menos que fossem protegidos pelo sangue do cordeiro. “Todos pecaram” (Rm 3:23), e “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23). Deus especifica que o “primogênito” morrerá, e isso expressa a rejeição de Deus ao nosso primeiro nascimento. Todas as pessoas que não “nasceram de novo” são “primogênitas”. “O que nasce da carne é carne [...]. É necessário que vocês nasçam de novo” (Jo 3:6-7, NVI). As pessoas não podem salvar a si mesmas da pena de morte; elas precisam de Cristo, o Cordeiro de Deus.

Durante anos, os judeus foram escravos dos egípcios sem receber pagamento; portanto, agora Deus permite que peçam seu salário de direito (não que “se apropriem” dele). Veja a promessa de Deus

em Gênesis 15:14, e Êxodo 3:21 e 12:35ss.

Do ponto de vista do homem, não há diferença entre o primogênito do Egito e o de Israel. A diferença está na aplicação do sangue (v. 7). Todos são pecadores, contudo os que confiam em Cristo estão “sob o sangue” e são salvos. Essa é a diferença mais importante no mundo!

II. O cordeiro escolhido (12:1-5)

Os judeus têm um calendário religioso e outro civil, e a Páscoa marca o início do ano religioso deles. A morte do cordeiro traz um novo início, assim como a morte de Cristo traz um novo início para o crente pecador.

A. Escolhido antes de ser morto

Separava-se o cordeiro no 10º dia e ele era morto na noite do 14º para o 15º dia. Portanto, Cristo era o Cordeiro predestinado antes da criação do mundo (1 Pe 1:20).

B. Imaculado

O cordeiro devia ser macho e sem defeitos, um retrato do perfeito Cordeiro de Deus, sem mácula e sem defeito (1 Pe 1:19).

C. Testado

As pessoas, do 10º ao 14º dia, vi-giavam os cordeiros a fim de certifi-carem-se de que eram satisfatórios; Cristo, da mesma forma, foi testado

e vigiado durante seu ministério terreno, principalmente na última semana antes de ser crucificado. Observe a evolução: “um cordeiro” (v. 3), “o cordeiro” (v. 4) e “cordeiro” (v. 5, NVI). Isso faz paralelo com “o Salvador” (Lc 2:11), “o Salvador” (Jo 4:42) e “meu Salvador” (Lc 1:47). Não é suficiente chamar Cristo de “Salvador” (um entre muitos) ou de “o Salvador” (para outra pessoa). Cada um de nós deve dizer: “Ele é meu Salvador!”.

III. O cordeiro morto (12:6-7)

Um cordeiro vivo é algo adorável, mas não pode salvar! Não somos salvos pelo exemplo de Cristo ou por sua vida; somos salvos pela morte dele. Leia Hebreus 9:22 e Levítico 17:11 para ver a importância do derramamento do sangue de Cristo. É claro que, para os doutos egípcios, parecia tolice matar um cordeiro, mas essa era a forma de salvação de Deus (1 Co 1:18-23).

Deviam marcar a porta das casas com o sangue do cordeiro (12:21-28). Em 12:22, a palavra “verga” pode significar “soleira”, portanto marcavam o espaço vazio na soleira da porta com o sangue do cordeiro. Depois, aplicava-se o sangue na verga de cima da porta e nos batentes laterais. Ninguém que saísse da casa pisaria sobre o sangue (veja Hb 10:29). Cristo foi morto no 14º dia do mês, no exato mo-

mento em que ofereciam o cordeiro da Páscoa. Observe que Deus fala que Israel o matou (o cordeiro), e não os matou (cordeiros), pois para Deus há apenas um Cordeiro — Jesus Cristo. Isaque perguntou: “Onde está o cordeiro?” (Gn 22:7), e, em João 1:29, João Batista respondeu: “Eis o Cordeiro de Deus”. Todos no céu dizem: “Digno é o Cordeiro” (Ap 5:12).

IV. O cordeiro deve ser comido (12:8-20,43-51)

Com freqüência, negligenciamos essa parte importante da Páscoa, a Festa dos Pães Asmos. Na Bíblia, levedura (fermento) retrata o pecado: ele trabalha em silêncio, ele corrompe e cresce e só pode ser removido com fogo. Na época da Páscoa, os judeus têm de tirar todo fermento de casa e não podem comer pão com fermento durante sete dias. Paulo aplica isso aos cristãos em 1 Coríntios 5; leia o capítulo com atenção.

O sangue do cordeiro é suficiente para salvar da morte, mas as pessoas devem se alimentar com o cordeiro a fim de se fortalecerem para a peregrinação. A salvação é apenas o início. Temos de nos alimentar de Cristo a fim de termos forças para segui-lo. Os cristãos são peregrinos (v. 11), sempre prontos a se mover quando o Senhor ordena. Eles deviam assar o cordeiro no fogo, o que fala do sofrimento de Cristo na

cruz. Não devem deixar nada para comer depois. As sobras não satisfazem o crente, pois precisamos do Cristo inteiro. Precisamos da obra completa da cruz. Além disso, as sobras estragam, e isso desonra o tipo, pois Cristo não vê corrupção (Sl 16:10). Infelizmente, muitas pessoas recebem o Cordeiro como salvação da morte, mas não se alimentam diariamente dele.

Os versículos 43-51 dão instruções adicionais a respeito da festa. Nenhum estrangeiro, ou servo assalariado, ou homem não-circuncidado pode participar da festa. Esse regulamento lembra-nos que a salvação é o nascimento na família de Deus — não há estrangeiros nela. Esse nascimento é pela graça, ninguém se torna merecedor dele. E isso acontece por intermédio da cruz — pois a circuncisão aponta para nossa verdadeira circuncisão espiritual em Cristo (Cl 2:11-12). Não se deve comer o banquete do lado exterior da casa (v. 46), pois o banquete não pode se separar do sangue derramado. Enganam a si mesmos os modernistas que querem se alimentar de Cristo à parte de seu sangue derramado.

V. O cordeiro da confiança (12:21-42)

Foi necessário ter fé para libertar-se naquela noite! Os egípcios pensavam que todas essas coisas eram tolices, mas a Palavra de Deus fa-

lou, e isso era suficiente para Moisés e seu povo. Por favor, lembre-se de que o povo foi salvo pelo sangue e garantido pela Palavra (v. 12). Sem dúvida, muitos judeus salvos pelo sangue não “se sentiam seguros”, exatamente como hoje temos santos que duvidam da Palavra de Deus e preocupam-se em perder a salvação. Deus fez exatamente o que dissera que faria. E os egípcios apressavam os judeus para que deixassem a terra, exatamente como Deus dissera que fariam (11:1-3). Deus não se atrasou nem um dia. Ele manteve sua Palavra.

VI. O cordeiro consagrado (13)

O cordeiro morrera pelo primogênito; agora, o primogênito pertencia a Deus. Os judeus eram um povo comprado, exatamente como nós somos o povo comprado de Deus (1 Co 6:18-20). A nação consagraria para sempre o Cordeiro ao dar o primogênito — o melhor — para o Senhor. Deveriam dar as mãos, os olhos e a boca para o serviço do Senhor (v. 9).

Deus guiou seu povo não pelo caminho mais próximo, mas pelo caminho que era melhor para ele (vv. 17-18), exatamente como faz hoje. A coluna de nuvem durante o dia e a coluna de fogo à noite. Deus sempre deixa sua vontade clara para os que querem segui-lo

(Jo 7:17). Ele salva-nos, alimenta-nos, guia-nos e protege-nos — e ainda fazemos tão pouco por ele!

José sabia em que acreditava e a que lugar pertencia. Seu túmulo

no Egito era um lembrete para os judeus de que Deus os libertaria um dia. A respeito dos ossos de José, veja Gênesis 50:24-26; Josué 24:32 e Hebreus 11:22.

ÊXODO 14-15

A Páscoa retrata a salvação cristã por meio do sangue do Cordeiro, mas há mais coisas para a vida cristã que ser salvo de julgamento. As experiências de Israel em sua jornada do Egito a Canaã são ilustrações das batalhas e das bênçãos da vida cristã. Deus quer Israel em Canaã, e Canaã é o retrato da vida cristã vitoriosa — a vida que clama nossa herança em Cristo (Ef 1:3). Infelizmente, muitos cristãos (como os judeus antigos) foram libertados do Egito, mas perderam-se no deserto da descrença! Sim, eles foram salvos pelo sangue, mas fracassaram em afirmar sua rica herança pela fé (Hb 3—5). Nesses dois capítulos, vemos quatro experiências distintas do povo de Deus em sua peregrinação.

I. Israel clama em temor (14:1-12)

De forma específica, Deus guiou Israel ao local de acampamento ao lado do mar Vermelho e disse a Moisés que os egípcios os perseguiriam. De forma semelhante, Deus, na sua Palavra, explica-nos a vida cristã, portanto sabemos o que esperar. Satanás não gosta quando o pecador se liberta de suas garras e, portanto, persegue o cristão para tentar escravizá-lo de novo. Deve-se alertar, em especial, os novos convertidos sobre a vinda de seu adversário!

Infelizmente, os judeus caminhavam pela visão, não pela fé; por isso, quando viram a chegada do exército egípcio, entraram em desespero e clamaram em temor. A fé e o temor não podem habitar o mesmo coração; se cremos em Deus, não precisamos ter medo. Como acontece com frequência, os filhos de Israel criticaram seu líder espiritual, em vez de orar e tentar encorajar uns aos outros. Na verdade, eles reclamavam de Deus, pois Moisés guiara-os ao local exato que Deus determinara. Eles, em vez de levantarem os olhos para Deus pela fé, olharam para o Egito e disseram: “Pois melhor nos fora servir aos egípcios”. Como a memória deles era fraca! Deus cativara o Egito com seus julgamentos e libertara Israel com grande poder, contudo eles ainda não acreditavam que ele poderia ajudá-los. Sem dúvida, o “misto de gente” que foi com eles (12:38) liderou o coro de reclamações, da mesma forma que liderou anos mais tarde (Nm 11:4). O “misto de gente” representa as pessoas não-convertidas e mundanas em meio aos filhos de Deus.

II. Israel caminha em fé (14:13-31)

Moisés sabia que o caminho da vitória era por meio da confiança no Senhor (Hb 11:29). Observe seus três comandos: “Não temais”, pois Deus está ao seu lado; “aquietai-

vos”, pois não podem vencer essa batalha com sua própria força; “vede o livramento do SENHOR”, pois ele lutará por vocês. É importante que nos aquietemos antes de marchar (v. 15), pois, a menos que permaneçamos na fé, nunca marcharemos pela fé. Moisés levanta seu bordão, e Deus começa a trabalhar.

Deus protege seu povo ao ficar entre Israel e o exército egípcio (vv. 19-20). A obra do Senhor traz escuridão para o mundo e luz para o povo de Deus. Durante toda a noite, Deus mantém o exército distante. Depois, Deus abriu o caminho à frente de Israel ao mandar um vento forte. Sem dúvida, os judeus sentiram medo quando ouviram o vento soprar, mas o próprio vento que os amedrontava era o meio utilizado para a salvação deles. Toda a nação atravessou o mar Vermelho sobre terra seca! Contudo, o mesmo mar que era a salvação para Israel era condenação para o Egito, pois Deus usou as águas para afogar os egípcios e separar definitivamente Israel do Egito. O faraó colheu o que plantou, pois ele afogara os meninos judeus, e agora seu exército foi afogado.

Devemos captar o sentido espiritual desse evento (1 Co 10:1-2). A travessia do mar Vermelho é um exemplo da união do crente com Cristo, na morte para a antiga vida e

na ressurreição para toda uma nova vida. Todos os israelitas foram “baptizados [...] com respeito a Moisés” (1 Co 10.2) (identificados com Moisés) ao atravessar as águas, e identificamo-nos com Cristo e, por isso, somos separados do mundo (Egito). Os egípcios não podiam atravessar o mar, porque nunca foram protegidos pelo sangue.

A Páscoa ilustra a morte de Cristo por nós, enquanto a travessia do mar Vermelho retrata sua ressurreição. O sangue libertou-nos da punição do pecado, e a ressurreição, do poder do pecado. A primeira experiência é de substituição, pois o cordeiro morre no lugar do primogênito. Veja Romanos 4—5. A segunda experiência é de identificação, pois nos identificamos com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição, e Romanos 6—8 explica isso. Em Josué 3—4, a travessia de Israel através do Jordão até Canaã é um exemplo do crente entrando na posse de sua herança espiritual pela fé e reivindicando-a para si. Em todos os casos, é por meio da fé que o cristão afirma sua vitória.

III. Israel louva em triunfo (15:1-21)

Esse é o primeiro registro de um cântico na Bíblia que, de forma relevante, vem depois da redenção da escravidão. Apenas os cristãos têm o direito de entoar cânticos de re-

denção (Sl 40:1-3). Êxodo inicia-se com gemidos (2:23), mas agora, por causa da redenção, vemos a nação entoar cânticos. Note que esse cântico exalta a Deus, pois esses 18 versículos referem-se, pelo menos, 45 vezes ao Senhor. Muitos cânticos exaltam os homens, em vez de a Pessoa, o santo caráter de Deus e sua maravilhosa obra de poder.

No versículo 2, observe o refrão central. Salmos 118:14 repete isso quando os judeus retornam do cativeiro e reconstróem o templo sob o comando de Esdras, como também em Isaías 12:2, referindo-se a um dia, no futuro, em que Deus devolverá à nação sua terra. Veja Isaías 11:15-16. Israel entoa esse cântico quando é libertado do Egito, quando é liderado por Moisés, o profeta, e quando é libertado da Babilônia por Esdras, um sacerdote. Ele ainda entoará cânticos quando for libertado das nações gentias, quando se voltar para Cristo, seu Rei.

Não nos estenderemos nos detalhes dessa canção. Observe que o povo louva Deus por sua redenção (vv. 1-10), sua orientação (vv. 11-13) e sua vitória (vv. 14-17). E o cântico termina com uma nota de glória, um olhar à frente, ao reino eterno de Deus (v. 18). Miriã lidera as mulheres (veja 1 Co 14:34; 1 Tm 2:11-12) em um coro separado, pois certamente as mulheres ti-

nam motivo para louvar o Senhor pela redenção que lhes dera em Cristo.

IV. Israel reclama em descrença (15:22-27)

Seria maravilhoso demorar-se à beira do mar e louvar o Senhor, mas o crente é peregrino e deve seguir a liderança de Deus. Como é estranho o fato de o Senhor os ter levado a um local onde não havia água. Contudo, Deus deve disciplinar seus filhos a fim de que descubram o próprio coração. Quando os judeus encontram água, descobrem que é amarga e imediatamente reclamam a Moisés e a Deus. Como o coração humano é perverso! Um dia, louvamos Deus por sua gloriosa salvação e, na primeira vez em que encontramos águas amargas, reclamamos a ele. Essa experiência ensinou algumas lições valiosas ao povo de Israel:

A. Sobre a vida

A vida é uma combinação de doçura e amargor, de triunfos e provações. No entanto, se seguirmos Deus, nunca precisamos temer o que surge em nosso caminho. Com freqüência, depois da provação há um "Elim" espiritual (v. 27), em que Deus nos conforta. Devemos aceitar as águas amargas junto com as doces, lembrando-nos de que Deus sabe o que é melhor para nós.

B. Sobre si mesmos

A vida é um grande laboratório, e cada experiência radiografa nosso coração e mostra quem realmente somos. As águas de Mara revelaram que os judeus eram mundanos, pensavam apenas na satisfação do corpo; eles caminhavam pela visão e esperavam ser satisfeitos pelo mundo, eram ingratos e reclamavam a

Deus quando surgiam provações em seu caminho.

C. Sobre o Senhor

Deus sabe o que é necessário, porque planejou o caminho. Ele usou a árvore (o que sugere a cruz, 1 Pe 2:24) para transformar as águas amargas em doce. Ele é Jeová-Rafá, “O SENHOR, que te sara”.

ÊXODO 16

Deve-se ler esse capítulo junto com João 6, pois o maná do céu é um símbolo de Cristo, o Pão da vida. Ele também se refere à Palavra de Deus escrita que, dia após dia, alimenta o povo peregrino de Deus (Mt 4:4).

I. O maná explica quem é Jesus

A palavra hebraica *manna* significa: “Que é isto?” (v. 15), a declaração dos judeus quando não conseguem explicar o alimento novo que Deus mandou. Em 1 Timóteo 3:16, Paulo escreve: “Grande é o mistério da piedade”. Observe como o maná retrata Jesus Cristo:

A. Sua humildade

Era pequeno (v. 14), o que nos lembra a humildade dele, pois ele se tornou um bebê e, até mesmo, um servo.

B. Sua natureza eterna

Era redondo (v. 14), o que nos lembra o círculo, símbolo da eternidade dele, pois Jesus Cristo é o Deus eterno (Jo 8:53-59).

C. Sua santidade

Era branco (v. 31), o que nos lembra a pureza e impecabilidade dele. Ele é o Filho santo de Deus.

D. Sua doçura

Era doce (v. 31). “Provai e vede que o SENHOR é bom” (Sl 34:8). Em Números 11:4-8, observe que o “misto de gente” que foi com os judeus não gosta do sabor do maná e pergunta a respeito “dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos” do Egito. Eles não se satisfiziam com o simples maná. Eles o colhiam, moíam e coziavam, mas o maná tinha sabor de “azeite”, não de mel. Aqui, há uma lição espiritual para nós: não podemos aperfeiçoar a Palavra de Deus (Sl 119:103).

E. Sua nutrição para nós

Por quase quarenta anos, foi satisfatório e fortalecedor para a nação alimentar-se do maná. Tudo que precisamos como alimento espiritual é Jesus Cristo, o Pão celestial enviado por Deus. Devemos banquetear-nos com o Pão que nunca nos deixará famintos.

II. O maná retrata a forma como Jesus veio

A. Ele veio do céu

Ele não foi importado do Egito nem feito no deserto, veio do céu; é dádiva da graça de Deus. Jesus Cristo desceu do céu (Jo 6:33), como uma dádiva do Pai para alimentar o pecador. Dizer que Cristo é “apenas homem como outro qualquer” é o mesmo que negar o ensinamento de

toda a Bíblia de que ele é o Filho de Deus enviado do céu.

B. Ele veio à noite

A cada início de manhã, as pessoas pegavam o maná, pois ele caía durante a noite. Isso sugere a escuridão do pecado que havia neste mundo quando Jesus veio. Era noite quando Jesus nasceu, pois ele veio para ser a luz do mundo (Jo 8:12). E ainda é noite no coração dos que o rejeitam (2 Co 4:1-4).

C. Ele veio sobre o orvalho (vv. 13-14)

O orvalho impedia que a terra maulasse o maná (veja Nm 11:9). Isso é um símbolo do Espírito Santo, pois Jesus veio à terra por intermédio do ministério miraculoso do Espírito (Lc 1:34-35). Se Jesus não tivesse nascido de uma virgem, nunca seria chamado "o Santo".

D. Ele caiu no deserto

Este mundo não é um paraíso. Ele é um lugar maravilhoso para o não-salvo, mas é um deserto para o cristão em sua peregrinação em direção à glória. Contudo, Cristo veio a este mundo por amor aos homens, para dar sua vida a nós. Que graça!

E. Ele veio para um povo rebelde (vv. 1-3)

Que memória fraca Israel tem! Apenas seis semanas, fora libertado da escravidão no Egito e já esqueceram as

muitas mercês de Deus. O povo murmura contra Moisés e contra Deus (veja 15:22-27) e anseia pela alimentação de carne da vida antiga; contudo, Deus, em sua misericórdia e graça, supre-os com pão. O versículo 4 faria bem se dissesse: "Farei chover fogo e enxofre sobre esses pecadores ingratos!". Mas não, Deus prova seu amor por eles ao fazer chover pão sobre eles. Veja Romanos 5:6-8. Alguém calculou que para suprir diariamente dois milhões de pessoas com menos de quatro litros aproximadamente de maná para cada uma, seriam necessários quatro trens de carga com sessenta vagões cada um. Como Deus é generoso conosco!

F. Ele caiu exatamente onde eles estavam

Como os judeus tinham acesso fácil ao maná! Eles não tiveram de escalar uma montanha nem atravessar um rio profundo. O maná caiu onde eles estavam (veja Rm 10:6-8). Jesus Cristo não está distante dos pecadores. A qualquer momento, eles podem ir a ele.

III. O maná mostra-nos o que devemos fazer com Jesus Cristo

A. Nós devemos perceber a necessidade

Temos uma fome espiritual que apenas Jesus pode satisfazer (Jo 6:35). O filho pródigo decidiu voltar para a casa do pai e pedir perdão quando

disse: “Morro de fome!” (Lc 15:17-18). Hoje, muito do desassossego e do pecado no mundo é resultado da fome espiritual não satisfeita. As pessoas vivem com substitutos e rejeitam a alimentação que Deus oferece livremente (Is 55:1-3).

B. Nós devemos inclinar-nos

O maná não caiu sobre mesas ou árvores, mas no chão, e o povo tinha de inclinar-se para pegá-lo. Muitos pecadores não se humilham. Eles não se curvam! Não se arrependem nem se voltam para o Salvador!

C. Nós devemos pegar por nós mesmos

Os judeus famintos não se alimentam ao olhar o maná, ao admirá-lo ou ao ver os outros comerem-no; eles têm de pegá-lo e comê-lo por si mesmos. Se o pecador quiser salvar-se, tem de receber Cristo no coração pela fé. Em João 6:51-58, foi isso que Jesus quis dizer com “comer a minha carne e beber o meu sangue”. João 6:63 deixa claro que Jesus não falava a respeito de carne e sangue literais, e João 6:68 diz-nos que ele se referia à sua Palavra. Quando recebemos a Palavra no coração, alimentamo-nos com Cristo, a Palavra viva.

D. Nós devemos fazer isso de manhã (v. 21)

Isaías 55:6 adverte: “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar”. O maná

desaparece quando o sol esquenta, e isso sugere que o dia do julgamento chegará quando for muito tarde para se voltar para Cristo (Ml 4). Isso também sugere que, como crentes, devemos nos alimentar com a Palavra no início do dia, meditando e orando a respeito dela.

E. Nós devemos continuar a nos alimentar dele

Uma vez que recebemos Cristo como Salvador, estamos salvos para sempre (Jo 10:27-29). No entanto, é importante que nos alimentemos em Cristo para ter forças para nossa peregrinação, assim como os judeus se alimentaram com o cordeiro da Páscoa (Êx 12:11ss). Como os crentes se alimentam de Cristo? Ao ler, meditar e estudar a Palavra dele. Deus convida-nos a levantar cedo e pegar o precioso maná que alimenta nossa alma com sua Palavra. Não podemos acumular as verdades de Deus para o dia seguinte (vv. 16-21); devemos pegar alimento fresco a cada novo dia. Muitos cristãos marcam suas Bíblias e enchem cadernos com esboços, contudo nunca se alimentam realmente de Cristo.

Observe que o maná espiritual (Cristo) realiza mais do que o maná físico que Deus manda para os judeus. O maná do Antigo Testamento sustenta a vida física, mas Cristo dá vida espiritual a todos os que o recebem. O maná do Antigo Testamento

era apenas para os judeus, mas Cristo oferece a si mesmo ao mundo todo (Jo 6:51). Não custou nada a Moisés assegurar o maná a Israel, mas Cristo teve de morrer na cruz para se tornar disponível para o mundo. Como é triste observar que a maioria das pessoas do mundo caminha sobre Cristo, como se ele fosse o maná não utilizado, deixado no chão, em vez de inclinar-se para recebê-lo a fim de poder viver.

Deus testava a obediência de Israel ao fazê-lo pegar o maná diariamente (v. 4), e isso ainda é um teste para o povo de Deus. Deus pode confiar e usar os cristãos que começam o dia buscando alimento espiritual na Bíblia. Infelizmente, muitos cristãos ainda anseiam pela alimentação carnal do mundo (v. 3)! E muitos esperam que o pastor ou o professor da escola dominical recolha o maná para eles e “alimente-os”. Este é o teste de nossa caminhada espiritual: eu tenho Cristo e sua Palavra em alto apreço, a pon-

to de iniciar meu dia recolhendo o maná?

Josué 5:10-12 conta-nos que o maná cessou quando os judeus entraram em Canaã por Gilgal, e que eles “comeram do fruto da terra”. O maná caía do céu, referindo-se à encarnação e à crucificação de Cristo. O “fruto da terra” crescia em um local de sepultamento e de morte e fala da ressurreição e do ministério celestial de Cristo. Entrar em Canaã significa entrar na posse de sua herança celestial em Cristo (Ef 1:3), e isso significa reter as bênçãos que recebemos na ressurreição, ascensão e no sacerdócio celestial de nosso Salvador. Muitos santos conhecem “Cristo segundo a carne” (2 Co 5:16) por meio da vida e do ministério terrenos dele, mas nunca chegam ao seu ministério sacerdotal celestial. Quando eles dão o passo nessa direção, comem “do fruto da terra” — alimentam-se do poder da ressurreição de Cristo.

ÊXODO 17-18

À medida que Israel seguia a liderança do Senhor, vivenciou testes e provações que o ajudaram a se compreender melhor e a ver, de forma mais completa, o poder e a graça de Deus. Nesses capítulos, há três dessas experiências.

I. A água brota da rocha (17:1-7)

A congregação tivera sede antes (15:22), e Deus satisfizera a necessidade dela; contudo, como as pessoas de hoje, ela esqueceu a misericórdia de Deus. Afinal de contas, estava no local para o qual Deus a levava, e o Senhor tinha a responsabilidade de cuidar dela. As pessoas criticaram Moisés e murmuraram contra Deus, um pecado a respeito do qual 1 Coríntios 10.1-12 adverte-nos. Na verdade, elas “tentaram ao SENHOR” com sua atitude, pois diziam que Deus não cuidava delas e não podia ajudá-las. Elas testavam a paciência de Deus com suas queixas contínuas.

Moisés retrata o que o cristão confiante faz nos momentos de provação: ele vira-se para o Senhor e pede orientação (Tg 1:5). O Senhor instruiu-o a pegar o bordão e ferir a rocha, e a água brotou da rocha. Essa rocha é Cristo (1 Co 10:4), e o ferir a rocha fala da morte de Cristo na cruz, em que ele sentiu o bordão da maldição da lei. (Lembre-se,

esse é o mesmo bordão que virou serpente [Êx 4:2-3] e que o ajudou a trazer pragas sobre o Egito.) Aqui, a ordem dos eventos é maravilhosa: no capítulo 16, temos o maná, retratando a vinda de Cristo à terra; no capítulo 17, vemos o ferir a rocha, que retrata sua morte na cruz. A água é um símbolo do Espírito Santo, dado depois da glorificação de Cristo (Jo 7:37-39).

Leia Números 20:1-13 para ver a segunda experiência com a rocha. Deus manda Moisés falar à rocha, mas Moisés, em seu livre-arbítrio, fere a rocha. Assim, ele é impedido de entrar em Canaã por causa de seu pecado. Moisés, ao ferir a rocha de novo, corrompe o símbolo — Cristo só pode morrer uma vez. Veja Romanos 6:9-10 e Hebreus 9:26-28. O Espírito é dado uma vez, mas o crente pode pedir suplementos adicionais a Deus.

Primeira aos Coríntios 10:4 afirma que Israel bebia “de uma pedra espiritual que os seguia”. Algumas pessoas interpretam que isso significa que a rocha ferida viajou com os judeus através do deserto, mas essa explicação é improvável. O pronome “os” não consta do texto grego original. A sentença diz que eles bebiam água da rocha, e que esse evento acompanhava o ato de dar o maná (cp. 1 Co 10:3 com Êx 16).

II. A peleja com o inimigo (17:8-16)

Às vezes, os novos cristãos surpreendem-se com o fato de que a vida cristã é de pelejas e de bênçãos. Até esse ponto, Israel não tivera de pelejar, pois Deus pelejara por ele (13:17). Contudo, agora, o Senhor escolheu pelejar por intermédio dele para vencer o inimigo. Amaleque era descendente de Esaú (Gn 36:12,16) e pode ilustrar a oposição da carne (Gn 25:29-34). Israel libertou-se da carne (Egito) de uma vez por todas ao atravessar o mar Vermelho, mas, até o retorno de Cristo, o povo de Deus sempre pelejará com a carne.

Observe que os amalequitas não aparecem até a água ser dada, pois a carne só começa a opor-se ao Espírito quando ele vem habitar em nós (Gl 5:17ss). Deuteronômio 25:17-19 conta-nos que os amalequitas fizeram um ataque furtivo, “na retaguarda”. Como cristãos, devemos sempre vigiar e orar.

Como Israel dominou o inimigo? Ele tinha um intercessor na montanha e um comandante no vale! O bordão de Moisés na montanha ilustra a obra de intercessão de Cristo, e Josué com sua espada retrata o Espírito de Deus usando a Palavra de Deus contra o inimigo (Hb 4:12 e Ef 6:17-18). É claro que Moisés é uma imagem imperfeita de Cristo e sua obra de intercessão, já que nosso Senhor nunca se cansa e não precisa de ajuda (Hb 4:16; 9:24).

Paulo diz que os crentes se “ajudam com as suas orações” (2 Co 1:11, NVI), e isso foi o que Arão e Hur fizeram. Moisés tinha o bordão de Deus nas mãos, o que fala do poder onipotente do Senhor. Moisés derrotou todos os inimigos no Egito, assim como Cristo subjuguou o mundo em vitória poderosa.

É importante que o povo de Deus coopere com ele na vitória sobre a carne. Romanos 6 diz-nos para avaliar e entregar, e, pela fé, matar as obras do corpo. Moisés sozinho no monte não podia vencer a batalha, nem Josué sozinho, no campo de batalha; eram necessários os dois para se obter vitória. Que maravilha que o Filho de Deus interceda por nós (Rm 8:34), e que o Espírito de Deus habite em nós (Rm 8:26), além de termos a Palavra inspirada de Deus em nosso coração!

Observe que Josué não destrói totalmente os amalequitas; ele os “desbarata” (v. 13). A carne nunca será destruída ou “erradicada” nesta vida. Cristo, quando retornar, nos dará um corpo novo (Fp 3:21). Em 1 Samuel 15, vemos o pecado de Saul em sua recusa de lidar completamente com os amalequitas; e 2 Samuel 1:6-10 informa-nos que Saul foi morto por um dos amalequitas que ele poupou! “Nada disponhais para a carne” (Rm 13:14).

Jeová-Nissi significa “o Senhor é nossa bandeira”. Somos vitoriosos

não pelo nosso esforço, mas apenas por intermédio de Cristo (Jo 16:33; 1 Jo 2:13-14; 5:4-5).

III. A sabedoria do mundo (18)

Os estudiosos da Bíblia discordam em relação à interpretação desse capítulo, se a advertência de Jetro a Moisés é do Senhor ou da carne. Alguns apontam para Números 11, em que Deus distribui o poder de seu Espírito entre os 70 anciãos, o que sugere que Moisés já tinha todo poder necessário para desempenhar a tarefa. Nos capítulos 3—4, Deus dissera a Moisés que apenas ele supriria a graça necessária para que se fizesse a tarefa. No versículo 11, Jetro diz que Jeová “é maior que todos os deuses”, mas isso é um longínquo clamor de uma confissão definitiva de fé no Deus verdadeiro. Além disso, no versículo 27, Jetro recusa-se a ficar com Israel e volta para o seu povo.

Com certeza, nosso Deus é um Deus de ordem, e não há nada de errado em ser organizado. No Novo Testamento, os apóstolos, quando o fardo do ministério torna-se muito pesado, acrescentam os diáconos para auxiliá-los (At 6). O povo de Deus pode aprender até com

os de fora (Lc 16:8), mas devemos testar tudo pela Palavra de Deus (Is 8:20). Perguntamo-nos se a “sabedoria mundana” de Jetro agradava a Deus, pois o próprio Jetro não tinha certeza disso (veja v. 23). Ele estava disposto a alegrar-se com tudo que o Senhor fizera (vv. 9-10), mas não estava disposto a acreditar que Deus podia ajudar Moisés com os fardos diários da vida. Moisés adotou o esquema de Jetro, e o povo concordou com isso (Dt 1:9-18), mas não temos garantia de que Deus aprovou o novo arranjo. Na verdade, em Números 11, a atitude de Deus sugere que aconteceu o contrário.

Os crentes enfrentam ataques diretos e abertos da carne, como os de Amaleque (17:8-16), mas também enfrentam idéias sutis da carne, como as de Jetro. Certamente, Moisés podia fazer qualquer trabalho que Deus o chamasse a fazer, pois Deus nos capacita para cumprir suas ordens. Como temos facilidade em sentir pena de nós mesmos, em sentir que ninguém cuida de nós, e em achar que Deus nos deu um fardo grande demais! Leia Isaías 40:31 para ver a solução de Deus para esse problema.

ÊXODO 19-20

I. Notas introdutórias: a importância da Lei

Nenhum tópico foi mais mal-entendido entre os cristãos que a Lei de Moisés e sua aplicação hoje aos crentes do Novo Testamento. Confundir as alianças de Deus é interpretar erroneamente a mente de Deus e perder as bênçãos dele; portanto, sábio é o crente que examina a Palavra a fim de estabelecer a posição e o propósito de todo o sistema mosaico.

II. Nome

As pessoas, iniciando com Êxodo 19 e continuando até a cruz de Cristo (Cl 2:14), estavam sob o sistema mosaico. Chama-se isso de “a Lei de Moisés”, “a Lei” e, às vezes, de “a Lei de Deus”. Com freqüência, a chamamos, por uma questão de conveniência, de “lei moral” (em relação aos Dez Mandamentos), de “a lei cerimonial” (em relação aos exemplos e aos símbolos que encontramos no sistema sacrificial) e de “a lei civil” (em relação

às leis diárias que regem a vida do povo). Na verdade, parece que a Bíblia não faz distinção entre as leis “moral” e “cerimonial”, já que definitivamente uma é parte da outra. Por exemplo, encontramos o quarto mandamento, que trata do dia de sábado, na lei moral, embora, com certeza, faça parte do sistema cerimonial e também dos dias santos judeus.

III. Propósitos

Para entender a Lei, precisamos nos lembrar que Deus já fizera uma aliança eterna com os judeus por intermédio de Abraão, o pai deles (Gn 15). Ele prometeu-lhes suas bênçãos e deu-lhes a possessão da terra de Canaã. Mais tarde, “acrescentou-se” a Lei Mosaica à aliança abraâmica, mas isso não a anula (Gl 3:13-18). A lei entrou lado a lado com a aliança anterior de Deus (Rm 5:20), contudo era uma medida provisória de Deus (Gl 3:19). O Senhor deu a Lei apenas a Israel para mostrar que eles eram o povo escolhido de Deus e sua nação santa (Êx 19:4-6; Sl 147:19-20). Deus não deu a Lei para salvar as pessoas, pois é impossível ser salvo por guardar a Lei (Gl 3:11; Rm 3:20). Ele deu a Lei a Israel pelas seguintes razões:

A. Revelar sua glória e santidade (Dt 5:22-28)

B. Revelar a pecaminosidade do homem (Rm 7:7,13; 1 Tm 1:9ss; Tg 1:22-25)

C. Marcar Israel como seu povo escolhido e para separá-lo das outras nações (Sl 147:19-20; Ef 2:11-17; At 15)

D. Dar a Israel um padrão do viver piedoso a fim de que pudessem habitar a terra e desfrutar das bênçãos dela (Dt 4:1ss; 5:29ss; Jz 2:19-21)

E. Preparar Israel para a vinda de Cristo (Gl 3:24)

O "aio" era um servo treinado e cuja tarefa era preparar as crianças para a vida adulta. Quando a criança amadurece e torna-se adulta, recebe sua herança e não precisa mais do aio. Israel, sob a Lei, estava em sua "infância espiritual", mas ela preparava esse povo para a vinda de Cristo (Gl 3:23—4:7).

F. Ilustrar o tipo e a cerimônia da pessoa e da obra de Cristo (Hb 8—10)

Compara-se a Lei a um espelho, porque ela revela nossos pecados (Tg 1:22-25); a um jugo, porque traz servidão (At 15:10; Gl 5:1; Rm 8:3); a um aio, porque prepara Israel para a vinda de Cristo (Gl 3:23—4:7); a letras escritas em tábuas de pedra (2 Co 3), em contraste com a lei do amor escrita em nosso coração pelo Espírito; e a uma sombra, em con-

traste à realidade e à realização que temos em Cristo (Hb 10:1; Cl 2:14-17).

IV. Deficiência

É importante notar o que a Lei não pode fazer. Ela não pode realizar estas coisas: (1) tornar tudo perfeito (Hb 7:11-19; 10:1-2); (2) justificar o pecado (At 13:38-39 e Rm 3:20-28); (3) dar justiça (Gl 2:21); (4) dar paz ao coração (Hb 9:9); e (5) dar vida (Gl 3:21).

V. Cristo e a Lei

"Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo" (Jo 1:17). Obviamente, há um contraste entre o sistema legalista de Moisés para Israel e a posição graciosa que o cristão tem no corpo de Cristo. Cristo nasceu sob a Lei (Gl 4:4-6) e cumpriu a Lei sob todos os aspectos (Mt 5:17). Vemos a pessoa e a obra dele na Lei (Lc 24:44-47). Ele é a finalidade da Lei para trazer justiça ao crente (Rm 10:1-13). Ele pagou a punição da Lei e sofreu a maldição da Lei na cruz (Gl 3:10-14; Cl 2:13-14). A Lei não separa mais judeus e gentios, pois, em Cristo, somos um na igreja (Ef 2:11-14).

VI. O cristão e a Lei

O Novo Testamento deixa muito claro que o cristão não está sob a Lei (Rm 6:14 e Gl 5:18), mas vive

na esfera da graça. Em Cristo, morreremos para a Lei (Rm 7:1-4) e libertamo-nos da Lei (Rm 7:5-6). Não podemos nos enredar de novo na escravidão da Lei (Gl 5:1-4), o que significaria sair da esfera da graça e viver como servo, não como filho.

Isso significa que o cristão pode agir sem a Lei e ignorar as exigências santas de Deus? É claro que não! Os inimigos de Paulo lançaram-lhe essa acusação, porque ele enfatizou a posição gloriosa do crente em Cristo (Rm 6:1). Em 2 Coríntios 3, deixa-se claro que a glória da graça do evangelho de Deus supera em muito a glória temporária da Lei do Antigo Testamento, e que nós, cristãos, caminhamos “de glória em glória” (3:18) quando crescemos em graça. Na verdade, o cristão do Novo Testamento está sob uma forma mais exigente de vida que estava o crente do Antigo Testamento, pois a Lei do Antigo Testamento lidava com atos exteriores, enquanto a lei do amor do Novo Testamento lida com atitudes interiores. Estar livre da Lei não significa estar livre do pecado — liberdade não é licença. Fomos chamados à liberdade e devemos usar essa liberdade para o bem dos outros e para a glória de Deus (leia Gl 5:13-26). Estamos sob a lei mais alta do amor, a lei de Cristo (Gl 6:2). Não tentamos obedecer a Deus na força da carne, porque isso é impossível (Rm 7:14); a carne é fraca e

pecaminosa e não pode se submeter à Lei. Mas nos consideramos mortos para o pecado (Rm 6) e entregues ao Espírito Santo (Rm 8). O Espírito cumpre a Lei em nós e por nosso intermédio (Rm 8:1-4).

Voltar à Lei é trocar realidade por sombras, e liberdade por escravidão. Significa perder o alto chamado da graça que temos. A Lei significa que temos de fazer algo para agradar a Deus; a graça significa que Deus opera em nós para cumprir sua vontade perfeita.

VII. Os Dez Mandamentos hoje

Toda a Lei do Antigo Testamento é uma ampliação e aplicação dos Dez Mandamentos. O Novo Testamento repete nove dos Dez Mandamentos para o crente de hoje:

A. Não ter outros deuses diante do Senhor (At 14:15; Jo 4:21-23; 1 Tm 2:5; Tg 2:19; 1 Co 8:6)

B. Não fazer ídolos ou imagens (At 17:29; Rm 1:22-23; 1 Jo 5:21; 1 Co 10:7,14)

C. Não tomar o nome de Deus em vão (Tg 5:12; Mt 5:33-37 e 6:5-9)

D. Lembrar o dia de sábado

Em nenhum lugar do Novo Testamento, repete-se esse mandamento para que a igreja lhe obedeça hoje. Mateus 12, Marcos 2, Lucas 6 e João 5

mencionam o guardar o sábado, mas todas as citações referem-se ao povo de Israel, não à igreja. Colossenses 2 e Romanos 14—15 ensinam que os crentes não devem julgar uns aos outros em relação aos dias santos ou aos sábados. Dizer que uma pessoa é perdida, ou que ela não é espiritual, por não guardar o sábado, é ir além dos limites das Escrituras.

E. Honrar pai e mãe (Ef 6:1-4)

F. Não matar (1 Jo 3:15; Mt 5:21-22)

G. Não cometer adultério (Mt 5:27-28; 1 Co 5:1-13; 6:9-20; Hb 13:4)

H. Não roubar (Ef 4:28; 2 Ts 3:10-12; Tg 5:1-4)

I. Não dar falso testemunho (Cl 3:9; Ef 4:25)

J. Não cobiçar (Ef 5:3; Lc 12:15-21)
Observe estes “resumos da Lei”

no Novo Testamento. Nenhum deles menciona o sábado: Mateus 19:16-20; Marcos 10:17-20; Lucas 18:18-21; Romanos 13:8-10. É claro que os “novos mandamentos” de amor são a motivação fundamental para o cristão de hoje (Jo 13:34-35; Rm 13:9-10). O Espírito derrama esse amor em abundância em nosso coração (Rm 5:5). Assim, amamos a Deus e aos outros e, dessa forma, não precisamos do controle externo de uma lei em nossa vida. A antiga natureza não conhecia a Lei, e a nova natureza não precisa da Lei. O sábado era o dia especial de Deus para os judeus que estavam sob a Antiga Aliança, mas, para a igreja, que está sob a Nova Aliança, o Dia do Senhor é o dia especial de Deus. O sábado simboliza a salvação por meio de obras: seis dias de trabalho e, depois, descanso; o Dia do Senhor simboliza a salvação por meio da graça: primeiro o descanso e, depois, o trabalho. O sábado, os sacrifícios, as leis alimentares, o sacerdócio e os cultos do tabernáculo acabaram todos em Cristo.

ÊXODO 21-23

Moisés, depois de dar a Israel a Lei de Deus, que está nos Dez Mandamentos, explicou e aplicou a Lei aos vários aspectos da vida do homem. Onde quer que haja lei, deve haver interpretação e aplicação; de outra forma, a lei não é praticada e não pode ser útil de forma alguma. No início, eram os sacerdotes que ensinavam e praticavam a Lei em Israel, mas, em anos posteriores, os rabinos e os escribas tornaram-se os professores oficiais da Lei. Infelizmente, a interpretação deles era tão autoritária quanto a Lei original, e foi esse erro que Jesus expôs por meio de seus ensinamentos, em especial no Sermão da Montanha (Mt 5—7). Para obter mais percepções a esse respeito, veja também Marcos 7:1-23.

I. Cuidados com os servos (21:1-11)

Os judeus podiam comprar e vender escravos, mas eram proibidos de tratá-los como escravos. Às vezes, as pessoas tinham de vender a si mesmas em troca de serviço por causa da pobreza (Lv 25:39; Dt 15:12), mas o serviço delas ficava limitado a apenas seis anos. Depois desse período, elas tinham de ser libertadas. Se um servo quisesse permanecer com o seu senhor, marcava-se sua orelha, e ele permanecia para sempre na casa. Veja Deuteronô-

mio 15:17 e Salmos 40:6. A Lei dava proteção especial às mulheres a fim de garantir que os amos não abusassem delas e não as privassem de seus direitos.

II. Compensação de injúrias pessoais (21:12-36)

Essas regulamentações tinham por objetivo garantir a equidade na indenização de injúrias pessoais. O "olho por olho, dente por dente" não é uma "lei da selva", mas a manifestação de que haja um pagamento justo pelas injúrias recebidas. Assim, os juízes não exigiriam nem mais nem menos do que fosse certo. Esse é o fundamento da lei hoje, embora nem sempre essa lei seja aplicada de forma justa. Em Mateus 5:38-42, as palavras de nosso Senhor têm que ver com vingança pessoal mais que com desobediência pública à Lei. Havia muitos crimes capitais em Israel: assassinar (vv. 12-15), raptar (v. 16), amaldiçoar os pais de alguém (v. 17), causar a morte de mulher grávida e/ou do feto (vv. 22-23), praticar feitiçaria (22:18) e praticar coito com animal (22:19). O fundamento para a punição capital é a aliança de Deus com Noé (Gn 9:1-6) e o fato de o homem ter sido criado à imagem de o Deus. Deus deu a vida e apenas ele tem o direito de tirá-la ou de autorizar que seja tirada (Rm 13).

Deus faz distinção entre assassinato deliberado e morte acidental ou homicídio culposo (vv. 12-13).

As cidades de refúgio existiam para proteger pessoas que mataram por acidente (Nm 35:6ss). Naquela época, não havia polícia, e a família da pessoa morta via-se obrigada a vingar a morte do ente querido. Por isso, era necessário proteger o inocente até que o caso fosse investigado pelos anciãos.

Observe que Deus considera o proprietário de um animal responsável pelo que o animal faz a outros (vv. 28-36) quando já se sabe que o animal é perigoso. A lei certifica-se de que ninguém tire vantagem de uma situação como essa e lucre com ela.

Os versículos 22-23 são fundamentais em relação à posição pró-vida em relação ao aborto, pois indicam que o aborto de um feto equivale ao assassinato da criança. Punia-se a parte culpada com a morte ("vida por vida") se a mãe ou a criança não-nascida, ou ambas, morresse. Veja também Salmos 139:13-16.

III. Proteção à propriedade privada (22:1-15)

Aqui, Moisés lida com diversos tipos de furto e, mais uma vez, ele afirma que o ladrão deve compensar a pessoa prejudicada. Contudo, observe que Deus considera sagrada até mesmo a vida do ladrão que arromba uma casa! Se ele arromba a casa à noite e é morto, o mata-

dor não é acusado. Contudo, se o crime acontece à luz do dia, quando o proprietário pode pedir ajuda ou mesmo reconhecer o invasor e acusá-lo depois, então o matador é culpado de homicídio.

Moisés também lida com danos a propriedades causados por animais que se alimentam em outros campos que não os de seu dono (v. 5) ou por fogo incontrolado (v. 6) e a perda de propriedade entregue aos cuidados de outros (vv. 7-15). Os juízes, nessas circunstâncias específicas, podem investigar os princípios a fim de que estes os ajudem a decidir os casos, porém Moisés não explica isso em detalhes.

IV. Respeito à humanidade (22:16-31)

Essa série de leis variadas revela a preocupação de Deus com a humanidade, e seu desejo de que não se explore as pessoas. Isso inclui as virgens (vv. 16-17; veja Dt 22:23-24), os forasteiros (v. 21), as viúvas (vv. 22-24) e os pobres (vv. 25-27). Deus promete ouvir o clamor dos que foram prejudicados e defender os pobres e os oprimidos.

Não se permite que feiticeiras e feiticeiros vivam, porque eles têm ligação com os poderes demoníacos que atuam nas religiões ímpias das nações que rodeiam Israel. Veja Levítico 19:31; 20:27 e Deuteronômio 18:9-12. As práticas ocultistas modernas são um con-

vite para que Satanás trabalhe e destrua vidas.

Deus também proíbe o coito com animais (veja Lv 20:15-16; Dt 27:21). Essa prática fazia parte da adoração pagã de ídolos e avilta a sexualidade humana, um dom precioso de Deus.

O povo devia respeitar seus governantes e não amaldiçoá-los, como também respeitar Deus. De acordo com Romanos 13, as autoridades foram estabelecidas por Deus. Se amaldiçoarmos um líder, corremos o risco de amaldiçoar Deus, que estabeleceu a autoridade do governo.

Os versículos 29-31 vão ao cerne da obediência à Lei: pôr Deus em primeiro lugar em sua vida, e obedecer ao que ele diz com alegria. Essa é a versão do Antigo Testamento de Mateus 6:33.

V. A atribuição de justiça (23:1-9)

Em Israel, o sistema judicial, como nosso sistema de tribunais de hoje, dependia de leis justas, juízes honestos e testemunhas fidedignas. As leis de Deus eram justas, mas podiam ser mal interpretadas, de forma deliberada, por um juiz injusto, ou uma testemunha mentirosa podia dar falso testemunho. O julgamento não deve ser influenciado pela maioria (v. 2), pelo dinheiro (vv. 3,6,8), por sentimentos pessoais (vv. 4-5) ou por posição social (v. 9).

Deus, no que se refere à aplicação da lei, não quer que se justifique o ímpio (v. 7; 2 Cr 6:23). No entanto, no que se refere a salvar o pecador perdido, Deus, em sua graça, justifica o ímpio (Rm 4:5). Ele pode fazer isso porque o Filho de Deus propiciou a punição por nossos pecados na cruz.

VI. A celebração de momentos santos (23:10-19)

Há ligação entre a adoração de Deus e o trabalho da terra (que pertence a Deus). Em Israel, as festividades religiosas ligavam-se ao ano agrícola em uma série de "setes". Veja Levítico 23. O sétimo dia era sábado, ou *shabbath*, e o sétimo ano era o ano sabático. Depois da Páscoa, celebrava-se a Festa dos Pães Asmos durante sete dias. O sétimo mês iniciava-se com a Festa das Trombetas e incluía também o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos (Cabanas).

O sábado, ou *shabbath*, semanal não apenas lembra os judeus que pertencem a Deus, mas também mostra o cuidado de Deus com a saúde do homem, do animal e a "saúde" da terra. O ano sabático propicia uma oportunidade ainda maior de descanso e de restauração. Deus preocupa-se com a forma como usamos os recursos naturais que nos deu graciosamente. Se hoje as pessoas tivessem isso em mente,

haveria menos exploração dos recursos humanos e naturais.

A Páscoa fala da morte de Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus (Êx 12; Jo 1:29); a Festa das Primícias é um símbolo da ressurreição dele (1 Co 15:23); e a Festa dos Tabernáculos lembra-nos de sua nova vinda e do futuro reino de alegria e plenitude (Zc 14:16-21).

A enigmática afirmação a respeito de crianças e leite materno refere-se à prática pagã que fazia parte de um rito idólatra de fertilidade (veja 34:26 e Dt 14:21). Moisés conectou essa lei aos festivais de colheita porque era nessas ocasiões que se praticavam os rituais pagãos de fertilidade.

VII. A conquista da terra prometida (23:20-33)

Deus prometeu vitória ao seu povo porque seu anjo iria à frente dele e o ajudaria a vencer seus inimigos, se a nação obedecesse fielmente a seus mandamentos. O povo tinha a posse da terra apenas pela graça de Deus, mas o usufruto da terra dependia da fé e da fidelidade dele.

Uma vez em sua terra, o povo devia ter cuidado em não imitar as

práticas idólatras das outras nações. Deus prometeu saúde, prosperidade e segurança a seu povo se este lhe obedecesse, pois essas bênçãos faziam parte de sua aliança. Ele não garantiu essas mesmas bênçãos ao seu povo da Nova Aliança de hoje, mas prometeu suprir todas as nossas necessidades e capacitar-nos a fim de vencermos nossos inimigos espirituais. Muito da “pregação de prosperidade” de hoje fundamenta-se em uma interpretação errônea da Antiga Aliança que Deus fez com os judeus.

Israel conquistou a terra prometida e destruiu as cidades e os ídolos de seus habitantes ímpios. Mas o povo de Deus, de forma gradual, começou a promover a paz com os vizinhos e a aprender a adorar os falsos deuses e deusas deles. Isso levou disciplina à terra (livro de Juízes) e, por fim, levou à escravidão, quando foram levados para longe da terra. Entretanto, antes de julgarmos Israel de forma muito severa por isso, precisamos nos perguntar sobre a quantidade de concessões que, hoje, o povo de Deus faz aos deuses deste mundo, como o dinheiro, o prazer e o sucesso.

ÊXODO 24

Moisés recebe de Deus o padrão divino para o tabernáculo e o sacerdote. Deus, sempre que nos chama para fazer um trabalho, dá-nos os planos e espera que sigamos sua vontade. O ministério não se realiza por nossas tentativas de inventar formas de servir a Deus, mas pela busca da vontade dele e pela obediência a ela (Is 8:20).

I. A confirmação da aliança (24:1-8)

O povo devia estabelecer um relacionamento de aliança com Deus, antes que Moisés e os líderes da nação pudessem subir a montanha para se encontrar com Deus. Moisés compartilhou a Palavra de Deus com o povo, e este concordou em obedecer. Como eles entendiam pouco o próprio coração! Eles deviam ter dito: "Com a ajuda de Deus, obedeceremos à sua Lei". Depois de poucas semanas, a nação adorou um ídolo e violou a mesma Lei que prometera obedecer.

Confirmou-se a aliança com sacrifícios e com a aspersion do sangue sobre o Livro da Aliança e sobre as pessoas que concordaram em obedecer. As doze pedras do altar representam as doze tribos de Israel, indicando que cada tribo comprometera-se a obedecer à voz de Deus. O sangue sobre o altar repre-

senta o perdão gracioso de Deus de nosso pecado, e o sangue aspergido sobre as pessoas comprometia-as a ter uma vida de obediência. Hoje, asperge-se os crentes com o sangue de Cristo em um sentido espiritual, e eles comprometem-se a obedecer à vontade dele (1 Pe 1:2).

II. A visão do Senhor (24:9-18)

Setenta e cinco homens subiram a montanha: Moisés, Josué, Arão e seus dois filhos, Nabade e Abiú, e 70 dos anciãos de Israel. Na montanha, eles viram a glória de Deus e ali comeram e beberam na presença dele. Talvez você ache que o versículo 11 deveria declarar: "Eles viram Deus e abaixaram a face em temor". Contudo, ele declara que eles viram Deus "e comeram, e beberam". Eles podiam ter comunhão com Deus e uns com os outros por causa do sangue aspergido sobre o altar. Nós, embora não estejamos na montanha, podemos comer e beber a glória de Deus (1 Co 10:31) e viver todos os dias na presença do Senhor.

Deus pediu que Moisés subisse mais alto para que pudesse dar-lhe as instruções para a construção do tabernáculo e estabelecer o ministério sacerdotal. Ele deixou Arão e Hur com os anciãos e levou Josué à nuvem de glória com ele. Josué, mencionado pela primeira vez em Êxodo 17:9, por fim, torna-se o sucessor

de Moisés. Não sabemos quem era Hur, mas ele e Arão ajudam Moisés a orar pela vitória de Josué na batalha contra amalequitas (Êx 17:8-16). Arão deve ter descido da montanha, pois, no capítulo 32, nós o vemos ajudando as pessoas a fazer o bezerro de ouro. Quando abandonamos nosso local de ministério, não apenas pecamos, mas podemos levar outras pessoas a pecar. Veja João 21.

Na época do Antigo Testamento, Deus, com freqüência, revelava sua glória em uma nuvem (19:9,16). Ele guiou a nação com uma coluna de nuvem e de fogo (Êx 13:21-22). "O SENHOR, teu Deus, é fogo que consome" (Dt 4:24; Hb 12:29). Moisés não se atreveu a aproximar-se de Deus até que ele o chamasse, mas, quando Deus o chamou, Moisés obedeceu.

Pode-se crer em Deus, fazer parte da aliança dele e, contudo, não estar próximo de Deus. A nação estava na base da montanha; os 70 anciãos, Arão, Hur, Nabade e Abiú estavam mais acima na montanha; Moisés subiu mais alto com Josué,

seu servidor; depois, Moisés, quando entrou na nuvem e na presença do Senhor, deixou Josué para trás. Deus, sob a Lei, determina quanto as pessoas podem se aproximar dele. Contudo, sob a graça, somos nós que determinamos nossa proximidade com Deus. Deus convida-nos a comungar com ele. Os anciãos adoraram Deus "de longe" (v. 1), mas hoje somos convidados a nos aproximar dele (Hb 10:22; Tg 4:8). Que privilégio comungar com Deus, e que tragédia que fracássemos em passar tempo na presença dele com tanta freqüência.

Nabade e Abiú receberam o privilégio gracioso de ver a glória de Deus; no entanto, mais tarde, eles presunçosamente desobedeceram a Deus e foram mortos (Lv 10:1-5). É possível aproximar-se de Deus e, depois, afastar-se e pecar. É muito importante que o resultado de nossa adoração pessoal ao Senhor seja um coração puro e um espírito inabalável (Sl 51:10), pois eles trazem grandes privilégios e até responsabilidade mais excelente.

ÊXODO 25

Gênesis registra que Deus caminhou com seu povo (Gn 3:8; 5:22,24; 6:9; 17:1). Contudo, em Êxodo, Deus disse que queria habitar com seu povo (Êx 25:8; 29:46). O tabernáculo construído por Moisés foi a primeira de muitas habitações que Deus abençoou com sua presença gloriosa (Êx 40:34-38). Contudo, quando Israel pecou, a glória se foi (1 Sm 4:21-22). O templo de Salomão foi seu segundo local de habitação (1 Rs 8:10-11). O profeta Ezequiel viu a partida da glória (Ez 8:4; 9:3; 10:4,18; 11:23). A glória de Deus retornou à terra na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo (Jo 1:14, em que “habitar” significa “viver no tabernáculo”), e os homens o pregaram na cruz. Hoje, as pessoas de Deus são o templo dele, de forma universal (Ef 2:20-22), local (1 Co 3:16) e individual (1 Co 6:19-20). Em Ezequiel 40—46, promete-se o reinado do templo em que a glória de Deus habitará (Ez 43:1-5). Vemos também que a presença de Deus com seu povo será eterna na moradia celestial (Ap 21:22).

I. Ofertas para o santuário (25:1-9)

Deus deu a Moisés o padrão para a construção do tabernáculo (v. 9), mas pediu que as pessoas contribuíssem com o material necessário

para a construção (vv. 1-9). Essa era uma oferta única, que devia partir de um coração disposto (veja 35:4-29). Aqui, enumeram-se 14 tipos diferentes de materiais: de pedras preciosas e ouro a fios de várias cores. Posteriormente, Paulo usa a imagem de “ouro, prata, pedras preciosas” ao escrever a respeito da construção da igreja local (1 Co 3:10ss). É importante notar que as várias peças de mobiliário foram construídas e, portanto, podiam ser carregadas, pois o tabernáculo enfatiza que somos um povo peregrino. Mudou-se o desígnio para o templo de Salomão, pois o templo retrata a habitação permanente do povo de Deus no glorioso Reino de Deus.

Sem entrar em detalhes entediantes, analisaremos as várias peças de mobiliário do tabernáculo e as lições espirituais que transmitem.

II. A arca do Testemunho (25:10-22)

Deus iniciou a construção pela arca porque era a peça de mobília mais importante na tenda. Ela era o trono de Deus sobre o qual repousava sua glória (v. 22; Sl 80:1 e 99:1). Ela fala da humanidade (madeira) e deidade (ouro) de nosso Senhor Jesus Cristo.

Havia três itens especiais dentro da arca: as tábuas da Lei (v. 16), o bordão de Arão que florescera (Nm 16—17) e um vaso de maná

(Êx 16:32-34). O interessante é que cada um desses três itens está ligado à rebelião do povo de Deus: as tábuas da Lei à confecção do bezerro de ouro; o bordão de Arão à rebelião liderada por Corá; e o maná à murmuração de Israel no deserto.

Se não fosse pela tampa (NVI) misericordiosa sobre a arca, sobre o qual se espargia sangue todos os anos no Dia da Expição (Lv 16:14), esses três itens dentro da arca podiam trazer julgamento para Israel. O derramamento de sangue cobriu o pecado das pessoas, portanto Deus viu o sangue, e não a rebelião delas. A palavra “tampa” também significa “propiciatório”, e Jesus Cristo é a propiciação (tampa) para nós hoje (Rm 3:25; 1Jo 2:2). Vamos a Deus por intermédio dele e oferecemos nossos sacrifícios espirituais (1 Pe 2:5,9).

Às vezes, a expressão “sob suas asas” refere-se às asas do querubim mais que às asas da mãe. Estar “sob suas asas” significa habitar no Santo dos Santos em estreita comunhão com Deus. Veja Salmos 36:7-8 e 61:4.

III. A mesa dos pães da proposição (25:23-30)

No tabernáculo, as 12 tribos de Israel foram representadas de três formas: pelas duas pedras nas ombreiras da estola sacerdotal gravadas com os nomes delas (Êx 28:6-14); pelas 12

pedras do peitoral do juízo gravadas com os nomes delas (28:15-25) e pelos 12 pães sobre a mesa no Santo Lugar. Os pães são um lembrete de que as tribos estão constantemente na presença de Deus, e de que Deus vê tudo que fazem (veja Lv 24:5-9).

O pão também lembrava que Deus alimentou seu povo (“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” [Mt 6:11]), que seu povo devia continuar alimentando-se com a verdade de Deus (Mt 4:4), e que Israel devia “alimentar” os gentios e testemunhar para eles. Deus chamou Israel para ser uma bênção para os gentios, assim como o pão é alimento para a humanidade. Mas nem sempre o povo de Israel cumpriu seu chamado.

Toda semana, trocavam-se os pães, e apenas os sacerdotes podiam comer esse pão santo. Veja Levítico 22. Davi pôde comer o pão porque era o rei ungido de Deus, e o pão não estava mais sobre a mesa. Deus está mais preocupado em satisfazer as necessidades dos homens que em proteger rituais sagrados (Mt 12:3-4).

IV. O candelabro de ouro (25:31-40)

A palavra “castiçal” é um engano, pois essa peça era um candelabro cuja luz alimentava-se com azeite (veja Lv 24:2-4; Zc 4). O candelabro individual de ouro que dá a luz de Deus ao mundo imerso nas trevas

representa a igreja local (Ap 1:12-20). O candelabro no Santo Lugar fala de Jesus Cristo, a luz do mundo (Jo 8:12). O azeite das lâmpadas lembra-nos o Espírito Santo que nos unge (1 Jo 2:20). Alguns estudiosos vêem o candelabro de ouro como um retrato da Palavra de Deus que nos ilumina enquanto caminhamos por este mundo (Sl 119:105). Israel devia ser luz para os gentios (Is 42:6; 49:6), mas fracassou em sua missão. Hoje, cada crente é luz de Deus (Mt 5:14-16), e cada igreja local deve brilhar neste mundo escuro (Fp 2:12-16).

ÊXODO 26-27

I. As cortinas e as cobertas (26:1-14)

No interior do tabernáculo, visto apenas pelo sumo sacerdote, havia cortinas de linho colorido penduradas na estrutura de madeira. Deus construiu algo belo nas paredes internas e no teto do tabernáculo não apenas pela utilização de cores, mas também pelos querubins sobre as cortinas. O mandamento contra a confecção de imagens gravadas não impediu as pessoas de se envolverem no trabalho artístico e fazerem coisas bonitas, pois elas não pretendiam adorar essas coisas que fizeram para a glória de Deus.

Lembre-se de que o próprio tabernáculo era uma tenda localizada em um átrio com várias cobertas postas sobre a estrutura de madeira. Há quatro cobertas distintas: duas internas, tecidas, e duas exteriores, de pele de animais. A coberta mais interna foi confeccionada em linho, belamente colorido, coberto com tecido confeccionado com pêlos de cabra. Depois, temos as duas cobertas de proteção da tenda — uma de “peles de carneiro tintas de verme-

lho”, e outra de peles finas. Naquela época, era comum o uso desses materiais entre os povos nômades.

II. A estrutura (26:15-30)

A combinação de madeira coberta de ouro aponta para a humanidade e a deidade de nosso Senhor Jesus Cristo. O tabernáculo tinha muitas partes, mas o consideravam como uma estrutura única. E o que o destacava e tornava-o realmente especial era a glória de Deus que habitava nele.

As bases de prata eram necessárias para dar equilíbrio à estrutura, bem como para firmá-la sobre o chão do deserto. A prata dessas bases veio do “dinheiro das expiações” pago por todo homem com 20 anos ou mais (Êx 30:11-16). As tábuas do tabernáculo repousavam sobre as bases de prata, e as cortinas eram penduradas por colchetes de bronze. Hoje, o fundamento para nossa adoração é a redenção que temos em Cristo.

III. Os véus (26:31-37)

A cortina interna pende entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos, e o sumo sacerdote a atravessava apenas uma vez por ano, no Dia da Expição (Lv 16). Hebreus 10:19-20 ensina que esse véu representa o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos foi dado na cruz. Quando Jesus entregou seu espírito, o véu do

santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo, permitindo, assim, que qualquer pessoa entre a qualquer momento na presença de Deus (Mt 27:50-51).

O véu externo pendia de lado a lado das cinco colunas que formavam a entrada da tenda da congregação e era visível para os que vinham ao altar de bronze com seus sacrifícios. No entanto, esse véu impedia que, de fora, qualquer pessoa olhasse o Santo Lugar.

IV. O altar de bronze (27:1-8)

Havia dois altares ligados ao tabernáculo — um altar de bronze para os sacrifícios e um altar de ouro para a queima de incenso (Êx 30:1-10). O altar de bronze ficava no átrio do tabernáculo, logo na entrada. Havia uma entrada e um altar, exatamente como há apenas um caminho para a salvação do pecador perdido (At 4:12).

Na consagração do tabernáculo, Deus acendeu o fogo do altar, e o sacerdote era responsável por mantê-lo aceso (Lv 6:9-13). Dispunha de recipientes e de pás para limpar as cinzas, bacias para a manipulação do sangue e garfos para o sacerdote dividir a oferenda. Esse altar representa a morte sacrificial de nosso Senhor na cruz. Ele é retratado em todos os sacrifícios que Deus ordenou que Israel trouxesse (Lv 1—5; Hb 10:1-14). Ele atravessou

o fogo do julgamento por nós e deu-se como sacrifício pelos nossos pecados.

V. O átrio do tabernáculo (27:9-19)

O átrio era rodeado de cortinas de linho com uma bonita “entrada” tecida que abria para o local em que ficava o altar de bronze. Ao olhar a imagem completa, vemos que o tabernáculo tem três partes: o átrio externo, que todos podem ver; o Santo Lugar, no qual estão o candelabro, a mesa e o altar de incenso; e o Santo dos Santos, onde está a arca do Testemunho.

Essa divisão tripla indica a natureza tripla do ser humano — espírito, alma e corpo (1 Ts 5:23). Da mesma forma que o Santo Lugar e o Santo dos Santos são duas partes de uma estrutura, nossa alma e espírito encerram nosso “homem interior” (2 Co 4:16). Moisés podia baixar as cortinas do átrio externo, e isso não afetaria a tenda. Da mesma forma, nosso corpo, quando morremos, vai para o pó, mas nosso espírito e alma vão para junto de Deus e não são afetados pela mudança (2 Co 5:1-8; Tg 2:26).

VI. O azeite para o candelabro (27:20-21)

Zacarias 4:1-6 indica que o azeite para o candelabro é um símbolo do Espírito Santo de Deus. Um dos ministérios do Espírito é glorificar

o Senhor Jesus Cristo, da mesma forma que a luz brilha no bonito candelabro de ouro (Jo 16:14). Quando os sacerdotes ministram no Santo Lugar, eles caminham na luz fornecida por Deus (1 Jo 1:5-10). A lâmpada devia estar “acesa

continuamente” (27:20; Lv 24:2). Parece que apenas o sacerdote podia trocar o pavio e repor o azeite. Toda manhã e toda noite, quando o sumo sacerdote queimava incenso, também devia preparar as lâmpadas (Êx 30:7-8).

ÊXODO 28

Esse capítulo foca a vestimenta dos sacerdotes, enquanto o capítulo 29 trata principalmente da consagração dos sacerdotes. Lembre-se, quando estudar esses dois capítulos, que todo o povo de Deus era sacerdote (1 Pe 2:5,9). Além disso, o sacerdócio aarônico ensina-nos a respeito dos privilégios e das obrigações que temos como sacerdotes de Deus. (O sacerdócio de nosso Senhor vem da ordem de Melquisedeque, não da de Arão. Veja Hebreus 7—8.) Observe que os sacerdotes, acima de tudo, ministram ao Senhor, embora também ministrem ao povo do Senhor. Os sacerdotes representavam as pessoas diante de Deus e ministravam no altar, contudo a primeira obrigação deles era servir ao Senhor (vv. 1,3,4,41). Da mesma forma que servimos às pessoas de forma correta, também devemos servir ao Senhor de forma satisfatória. A vestimenta mais interna dos sacerdotes eram calções de linho (v. 42), cobertos por uma túnica de linho fino (vv. 39-41). O sumo sacerdote vestia por cima disso a estola sacerdotal de estofado azul da sobrepeliz (vv. 31-35) e vestia por cima do estofado a própria sobrepeliz e a estola sacerdotal (vv. 6-30). O sumo sacerdote também usava um turbante de linho (mitra) com uma lâmina de ouro com a seguinte frase gravada: "Santidade ao SENHOR" (vv. 36-38).

I. O estofado (28:6-14)

"Estola sacerdotal" é uma transliteração da palavra hebraica que descreve uma peça de vestuário específica — um casaco sem manga feito do mesmo material e com as mesmas cores dos reposteiros do tabernáculo. Ele era preso ao ombro por engastes especiais, e cada ombreira tinha uma pedra de ônix gravada com os nomes de seis tribos de Israel. O sumo sacerdote carregava seu povo nos ombros quando servia ao Senhor. O sumo sacerdote usava um bonito cinto em volta da estola sacerdotal como um lembrete de que era um servo.

II. O peitoral (28:15-30)

Era uma bonita "algibeira" de tecido que tinha doze pedras preciosas no lado externo e o Urim e o Tumim no bolso. Ele ficava sobre o coração do sumo sacerdote e era fechado com argolas de ouro e com fita azul. O sumo sacerdote carregava as doze tribos de Israel não apenas sobre os ombros, mas também sobre o coração. Jesus Cristo, nosso sumo sacerdote no céu, tem seu povo no coração e sobre seus ombros quando intercede por nós e capacita-nos para ministrar neste mundo.

Os nomes das tribos nas pedras sobre os dois ombros estavam posicionados de acordo com a ordem de nascimento delas (v. 10), enquanto, no peitoral, as tribos es-

tavam na ordem estabelecida pelo Senhor (Nm 10). Deus vê seu povo como jóias preciosas — cada uma é diferente da outra, mas todas são bonitas. Em hebraico, *Urim* e *Tumim* significam “luzes e perfeição”. Em geral, pensa-se que eram pedras usadas para determinar a vontade de Deus para seu povo (Nm 27:21; 1 Sm 30:7-8). No Oriente, é comum usar pedras brancas e pretas na tomada de decisões. A pedra branca significa “sim”, e a pedra preta, “não”. É insensato ser dogmático a respeito dessa interpretação porque não temos informação suficiente em que nos fundamentarmos. É suficiente dizer que Deus forneceu ao povo da Antiga Aliança uma forma de determinar a vontade dele, e hoje ele nos deu sua Palavra e seu Espírito Santo para nos orientar.

III. A túnica da estola sacerdotal (28:31-35)

Era uma peça azul sem costuras com uma abertura para passar a cabeça, com campainhas de ouro, e a orla decorada com romãs de estofado azul. As romãs de estofado azul impediam que as campainhas encostassem umas nas outras. Quando o sumo sacerdote ministrava no Santo Lugar, as campainhas tocavam permitindo que os de fora soubessem que ele ainda estava servindo a eles e ao Senhor. As campainhas indicam jú-

bilo ao servir ao Senhor, e as romãs, fecundidade.

Note que o sumo sacerdote deixava de lado essa vestimenta gloriosa quando ministra no Dia da Expição anual (Lv 16:4). Nesse dia, ele usa a vestimenta simples de linho dos sacerdotes, ou levitas, um retrato da humilhação de Cristo (Fp 2:1-11).

IV. A coroa sagrada (28:36-39)

O turbante (mitra) era um simples capelo de linho branco, talvez um capelo semelhante ao usado pelos chefes de cozinha modernos, apenas não tão alto. Havia uma lâmina de ouro sobre o turbante, presa com fita azul, em que estava escrito: “Santidade ao SENHOR”. Essa peça era chamada de “coroa sagrada” (29:6; 39:30; Lv 8:9) e enfatizava o fato de que Deus queria que seu povo fosse santo (Lv 11:44; 19:2; 20:7). A nação era aceita diante de Deus por causa do sumo sacerdote (v. 38), da mesma forma que o povo de Deus é aceito em Jesus Cristo (Ef 1:6). Hoje, o povo de Deus é um sacerdócio santo (1 Pe 2:5, NVI) e um sacerdócio real (1 Pe 2:9, NVI).

V. A vestimenta dos sacerdotes (28:40-43)

Os filhos de Arão servem como sacerdotes e têm de usar as vestimentas estabelecidas. O fino linho de todas as vestimentas lembra-nos a

retidão que deve caracterizar nosso caminhar e nosso serviço. Os sacerdotes corriam o risco de morrer se não usassem as vestimentas apropriadas. Às vezes, os sacerdotes de cultos pagãos conduzem seus rituais de forma impudica, mas os sacerdotes do Senhor tinham de cobrir sua nudez e praticar a modestia.

ÊXODO 29

A consagração de sacerdotes ensina-nos muito sobre nosso relacionamento com o Senhor.

I. A cerimônia (29:1-9)

Arão e seus filhos não escolheram o sacerdócio por si mesmos, mas foram escolhidos por Deus. Este foi um ato da graça de Deus. Não se permitia que nenhum forasteiro (alguém de fora) entrasse no sacerdócio (Nm 3:10), nem mesmo um rei (2 Cr 26:16-23).

O banho retrata a pureza que alcançamos por meio da fé em Jesus Cristo (1 Co 6:9-11; Ap 1:5; At 15:9), um banho único, de uma vez por todas, que não precisamos repetir nunca (Jo 13:1-10). O sacerdote precisava banhar-se diariamente no vaso, o que se refere à nossa purificação diária quando confessamos nossos pecados (1 Jo 1:9).

Nas Escrituras, com frequência, a vestimenta simboliza caráter e conduta. Diante de Deus, nossa justiça é como trapo de imundícia (Is 64:6), e não podemos nos vestir com obras boas como Adão e Eva tentaram fazer (Gn 3:7). Quando cremos em Cristo, vestimos a justiça dele (2 Co 5:21; Is 61:10). Devíamos tirar a “roupa de sepultamen-

to” e vestir a “roupa da graça” (Cl 3:1ss). A vestimenta diferenciada do sacerdote identifica-o como o servo santo de Deus, separado para o ministério do Senhor. Como observamos antes, o óleo santo da unção simboliza o Espírito de Deus, que sozinho pode capacitar-nos para o serviço (30:22-33).

II. Os sacrifícios (29:10-37)

De acordo com a lei do Antigo Testamento, há três agentes de purificação: a água, o sangue e o fogo. O sacerdote deve purificar-se por meio do sangue sacrificial (Lv 17:11). A cada dia, sacrificava-se um novilho como oferta pelo pecado por toda a semana de consagração (v. 36), oferecia-se o primeiro carneiro como oferta cozida, um símbolo de total dedicação a Deus. Aplicava-se o sangue do segundo carneiro à orelha direita, aos polegares da mão e do pé de Arão e de seus filhos, retratando a consagração deles para ouvir a Palavra de Deus, fazer o trabalho de Deus e seguir o caminho de Deus. Esse segundo carneiro torna-se uma oferta “movidá” e, depois, oferta queimada.

Guardavam-se partes do segundo novilho para uma refeição especial que apenas os sacerdotes comiam (Lv 7:28-38). Deus ordenou que certas partes de alguns sacrifícios pertenciam aos sacerdotes

como pagamento pelo ministério às pessoas.

III. A queima contínua de oferendas (29:38-46)

Agora o Senhor descreve as tarefas ministeriais dos sacerdotes, iniciando com a oferenda queimada a ser feita todos os dias pela manhã e ao entardecer. Todas as manhãs, a primeira obrigação dos sacerdotes era recolher as cinzas antigas do altar, manter o fogo aceso e, depois, oferecer o cordeiro ao Senhor, um símbolo da total devoção a Deus. Veja Levítico 6:8-13. Essa é uma bonita imagem de como deve ser

nossa “hora devocional” matinal. “Reavives o dom de Deus” (2 Tm 1:6) significa literalmente: “Atice o fervor ao máximo”. O fogo do altar de nosso coração diminui com facilidade (Ap 2:4); dessa maneira, tornamo-nos mornos (Ap 3:16) e até frios (Mt 24:12). O tabernáculo era consagrado (separado) pela glória de Deus (v. 43) quando a glória de Deus movia-se para o Santo dos Santos (Êx 40:34). Israel era a única nação que possuía “a glória” (Rm 9:4). O Espírito de Deus vive em nós, e, por isso, somos pessoas separadas que trazem glória a Deus (2 Co 6:14—7:1).

ÊXODO 30

Deus queria que seu povo fosse um “reino de sacerdotes” (19:6). Hoje, todas as pessoas de Deus são sacerdotes (1 Pe 2:5,9; Ap 1:6), mas, na época do Antigo Testamento, a nação de Israel tinha um sacerdote que a representava diante de Deus. Toda a nação devia ser o que o sacerdote era. Que tipo de pessoa cria um “reino de sacerdotes”?

I. A pessoa que ora (30:1-10,34-38)

Como vimos, há dois altares envolvidos nos cultos do tabernáculo — um altar de bronze para os sacrifícios de sangue e um de ouro para o incenso. O ouro que cobre a madeira representa a deidade e a humanidade do Salvador e lembra-nos que podemos orar ao Pai apenas por causa da obra de intercessão de seu Filho. Traze-mos nossos pedidos em nome de Jesus Cristo (Jo 14:12-15).

A queima de incenso retrata a oferta de nossas orações (Sl 141:2; Lc 1:10; Ap 5:8). O fogo que consome o incenso lembra-nos o Espírito Santo, pois sem ele não podemos orar com sinceridade (Rm 8:26-27; Jd 20). O altar de ouro fica antes do véu, fora do Santo dos Santos, mas temos o privilégio de ousadamente estar na presença de Deus e fazer pedidos a ele (Hb 4:14-16; 10:19-22). A queima de incenso

feita pelo sumo sacerdote toda manhã e todo entardecer, lembra-nos que devemos iniciar e encerrar o dia com oração e orar “sem cessar” durante o dia (1 Ts 5:17). O sacerdote conserva o aroma do incenso durante todo o dia.

Os versículos 34-38 dão a composição especial do incenso, e não se devia usar essa fórmula para propósitos comuns. Da mesma forma, a oração é algo especial, e Deus decretou os requerimentos necessários para a oração efetiva. Não deviam usar “incenso estranho” (v. 9) e “fogo estranho” (Lv 10:1) no altar de Deus. Não importa quão fervorosa seja a oração, não será respondida se não estiver de acordo com o desejo de Deus.

II. A pessoa agradecida (30:11-16)

A celebração anual da Páscoa devia lembrar o povo de que a nação fora redimida da escravidão, e esse “imposto de censo” anual era outro lembrete da redenção dele (veja 1 Pe 1:18-19). Originalmente, usava-se prata para os colchetes e as bases do tabernáculo (38:25-28). Anos mais tarde, isso ajudou a pagar a manutenção da casa de Deus (Mt 17:24-27). Quando Davi impetuosamente fez o censo sem receber o “dinheiro do resgate”, Deus mandou uma praga à nação (1 Cr 21:1-17). É perigoso usar “estatísticas religiosas” para louvar o ho-

mem, e não para a glória de Deus. Devemos agradecer a Deus a redenção que recebemos em Cristo e estar desejosos de dar a ele a glória que lhe é devida.

III. A pessoa purificada (30:17-21)

A bacia de bronze ficava entre o altar de bronze e a tenda, e usava-se a água que havia nela para o cerimonial de purificação das mãos e dos pés dos sacerdotes. Como não havia piso no tabernáculo, os pés deles ficavam sujos. Além disso, a manipulação dos sacrifícios maculava as mãos deles. Pode-se ser maculado mesmo enquanto servimos ao Senhor.

A bacia foi feita com o bronze dos espelhos (38:8). Já que o espelho retrata a Palavra de Deus (Tg 1:23-25), a bacia simbolizava o po-

der purificador de Deus (Jo 15:3; Ef 5:25-27; Sl 119:9). Somos “lavados completamente” de uma vez por todas quando confiamos em Jesus Cristo, mas precisamos confessar nossos pecados e “lavar nossas mãos e pés” se queremos desfrutar de comunhão com o Senhor (Jo 13:1-11; 1 Jo 1:9).

IV. A pessoa ungida (30:22-33)

O óleo para a unção dos sacerdotes, como o incenso para o altar de ouro, era um artigo especial; não podia ser copiado nem profanado em uso comum. Apenas podia-se despejá-lo sobre os sacerdotes, e as pessoas comuns não podiam usar esse unguento. É maravilhoso que hoje todo o povo de Deus seja ungido com o Espírito (1 Jo 2:20,27; 2 Co 1:21).

ÊXODO 31

I. A habilidade para o trabalho (31:1-11)

Deus, sempre que nos chama para fazer um trabalho para ele, dá-nos a capacitação necessária e os ajudantes que precisamos. Ele fez isso para Bezalel e Aoliabe. Bezalel significa "protegido por Deus"; já encontramos Hur, o pai dele (Êx 17:10-16; 24:14). Deus deu a esses homens a habilidade necessária para que seguissem o padrão celestial e fizessem as coisas necessárias para o tabernáculo. A sabedoria e a habilidade deles vieram do Senhor, e eles as usaram em obediência à ordem de Deus.

Podemos dedicar a Deus nossa habilidade artística e usá-la para a glória dele. Nem todos são chama-

dos para ser pregadores, professores ou missionários. Também há necessidade de cristãos escritores, artistas, músicos, arquitetos, médicos, jardineiros — na verdade, podemos servir ao Senhor por meio de toda vocação legítima (1 Co 10:31).

II. A responsabilidade de não trabalhar (31:12-18)

Há um tempo para trabalhar pelo Senhor e um tempo para descansar. Os dois são parte do plano dele para seu povo (Mc 6:31). Bezalel e Aoliabe estavam construindo o tabernáculo santo, mas receberam instrução para não violar o sábado (ou *shabbath*). O sábado foi dado apenas a Israel, não às nações gentias, como um sinal do relacionamento especial dele com o Senhor. Como já observamos antes, em lugar algum das Escrituras ordena-se o mandamento do sábado à igreja, pois a igreja honra o primeiro dia da semana, o Dia do Senhor, o dia da ressurreição dele. O sábado pertence à antiga criação (v. 17), e o Dia do Senhor pertence à nova criação.

ÊXODO 32-34

O povo, enquanto Moisés tinha uma experiência "no topo da montanha" com o Senhor, pecava no vale abaixo. Não há apenas bênçãos na liderança espiritual. Também há obrigações incômodas.

I. Moisés, o intercessor (32:1-35)

A. O povo de Deus peca (vv. 1-6)

Não importa como você veja esse pecado, ele foi uma grande ofensa a Deus. Os judeus eram o povo de Deus, escolhidos por meio da graça dele e redimidos do Egito pelo poder dele. Ele guiou-os, alimentou-os, protegeu-os do inimigo e os fez parte de sua aliança. Ele deu-lhes suas leis sagradas, e o povo concordou em obedecer a elas (19:8; 24:3-7). Aqui, no Sinai, o povo viu a espantosa demonstração da glória de Deus e tremeu sob o poder dele. Contudo, apesar de todas essas experiências maravilhosas, eles imprudentemente desobedeceu ao Senhor e caiu em idolatria e imoralidade.

Moisés concordou em que Deus lhe desse Arão como ajudante (4:10-17), mas agora Arão transformava-se em um líder que ajudava o povo a pecar. Quando Arão desceu da montanha? Por que ele não repreendeu o povo e pediu ajuda a Deus? Dizer que Arão fez o bezerro

como um símbolo de Jeová, um altar à fraqueza do povo, não o desculpa, pois Arão sabia o que o Senhor dissera a respeito de ídolos (20:1-6).

A causa básica desse pecado foi a descrença: o povo impacientou-se enquanto esperava por Moisés e, como não tinha fé verdadeira, decidiu que precisava de algo que pudesse ver. A impaciência e a descrença levam à idolatria, e a idolatria leva à imoralidade (veja Rm 1:18-32).

B. O servo de Deus intercede (vv. 7-14)

Claro que o Senhor sabia o que acontecia no acampamento de Israel. Veja Hebreus 4:13. Observe como Deus parece "culpar" Moisés pelo que aconteceu, contudo Moisés foi rápido em lembrá-lo de que Israel era o povo escolhido dele. Era a glória de Jeová que estava em jogo, não a reputação de Moisés. Assim, este lembrou o Senhor de suas promessas aos patriarcas.

As Escrituras usam a linguagem do homem para descrever a resposta divina quando dizem que o Senhor "se arrepende" (Nm 23:19; Jr 18:7-10; Am 7:1-6). Duas vezes, durante a vida de Moisés, Deus propôs destruir Israel e usar Moisés para achar uma nova nação (v. 10; Nm 14:12), mas ele se recusou a fazer isso. Os judeus nunca souberam o preço que Moisés pagou para ser

líder deles. Eles deviam muito a ele, contudo demonstraram muito pouca gratidão! Deus pretendia até matar Arão, mas Moisés intercedeu por ele (Dt 9:20).

C. A ira julgadora de Deus (vv. 15-35)

Deus, em sua graça, perdoou o pecado deles, mas, em seu governo, tinha de discipliná-los. Quantas lágrimas foram derramadas pelas conseqüências dolorosas de pecados perdoados! Moisés tinha o direito de estar irado e de humilhar Arão e o povo. Moisés, ao quebrar as duas tábuas da Lei escrita por Deus, mostrou dramaticamente ao povo a grandiosidade do pecado dele. Arão, em vez de confessar seu pecado, deu desculpas. Ele culpou o povo por aquela depravação (v. 22), Moisés pela demora (v. 23) e o fogo por ter produzido um bezerro! Moisés, depois de lidar com o povo, retornou ao Senhor na montanha e ofereceu-se para dar sua vida para que o povo fosse poupado. Veja Romanos 9:3. Quando uma pessoa morre, tira-se seu nome do livro da vida (Sl 69:28; Ez 13:9). Não devemos confundir o livro da vida (ou "dos vivos") com o Livro da Vida do Cordeiro, em que se registra o nome dos salvos (Ap 21:27; Lc 10:20).

II. Moisés, o mediador (33:1-17)

Moisés, como intercessor, permanecia entre a nação e os pecados passados

dela. Como mediador, ficava entre a nação e as bênçãos futuras que receberia. Moisés não se satisfazia com o fato de a nação ser perdoada; ele também queria certificar-se de que Deus seguiria com eles quando continuassem a marcha em direção à terra prometida. O povo, quando soube que Deus não iria com ele, humilhou-se e pranteou. Uma coisa é chorar em conseqüência da disciplina do Senhor por causa de nossos pecados, e outra, bem diferente, chorar por causa do afastamento de Deus como resultado de nosso orgulho. C. H. Macintosh escreveu: "A pessoa aflita é objeto de graça, mas a pessoa obstinada deve ser humilhada".

A tenda descrita nos versículos 7-11 não é o tabernáculo, pois ele ainda não fora construído. Essa tenda é onde Deus encontrava-se com Moisés e compartilhava seus planos com ele (Nm 12:6-8; Dt 34:10). Moisés moveu a tenda para fora do acampamento como um gesto simbólico para mostrar a Israel como este tinha sido perverso. Alguns foram encontrar-se com Deus, enquanto outros apenas olharam Moisés sair. Josué foi um dos que ficaram com Moisés em vigília na tenda do encontro. J. Oswald Sanders disse: "Cada um de nós fica tão próximo de Deus quanto escolhe ficar", e isso é verdade.

Moisés pediu a graça de Deus para abençoar o povo e que ele fos-

se com o povo, e o Senhor atendeu a seu pedido. Afinal de contas, era a presença gloriosa de Deus que diferenciava Israel de todas as outras nações. As outras nações tinham leis, sacerdotes e sacrifícios. Apenas Israel tinha a presença de Deus entre ele.

III. Moisés, o adorador (33:18—34:35)

A. A visão da glória (33:18—34:9)

Moisés sabia o que muitos hoje, na igreja, esqueceram — a atividade mais importante do povo do Senhor é adorar a Deus. O Senhor garantiu a Moisés que estaria com seu povo, mas isso não era suficiente; ele queria uma nova visão da glória de Deus. A “bondade” (33:19) de Deus significa seu caráter e atributos. A palavra “costas” (33:23) carrega a idéia de “o que sobra”, isto é, o arrebol da glória de Deus — o que “fica” depois da passagem do Senhor. Deus não tem um corpo como os seres humanos, pois ele é espírito. Essas são apenas representações humanas das verdades divinas a respeito de Deus.

Moisés retornou à montanha para mais 40 dias com Deus (34:28; Dt 9:18,25), e o Senhor deu-lhe as novas tábuas da Lei. Em 34:6-7, a proclamação do Senhor torna-se um padrão de “afirmação de fé” para os judeus (Nm 14:18; 2 Cr

30:9; Ne 9:17; Jn 4:2). A declaração anterior, em Êxodo 20:5, afirma que Deus envia julgamento “até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem”. Os filhos e os netos não são condenados pelos pecados de seus antepassados (veja Ez 18:1-4), mas podem sofrer por causa desses pecados. Moisés, mais uma vez, curvou-se e adorou enquanto comungava com o Senhor.

B. A proteção da glória (34:10-28)

Deus lembrou Moisés de que o povo de Israel deveria ser diferente do povo que vivia em Canaã e também o advertiu do pecado da idolatria. O que é idolatria? É trocar a glória do Deus incorruptível por uma imagem (Rm 1:23) e adorar a criatura e servir a ela, em vez de ao Criador (Rm 1:25). O Senhor deu sua Lei a Israel para que este pudesse levar uma vida piedosa e expressar a glória dele.

C. A reflexão da glória (34:29-35)

Talvez você queira ler 2 Coríntios 3 para obter uma lição espiritual para hoje. A glória da Lei do Antigo Testamento era temporária e, por fim, desvaneceu-se, mas a glória de graça da Nova Aliança resplandece mais e mais. Moisés apenas refletia a glória de Deus e tinha de usar um véu para que as pessoas não vissem a glória desaparecer, mas hoje o povo do Senhor irradia de seu interior a glória

de Deus quando vê Cristo na Palavra (o espelho) e torna-se mais parecido com ele (2 Co 3:18). Passamos constantemente pela experiência da “transfiguração” quando caminhamos com o Senhor (“renovação”, em Rm 12:2, e “transformados”, em 2 Co 3:18, ambas referem-se à palavra grega “transfiguração”, usada em Mt 17:2).

ÊXODO 35-40

I. O povo traz seus presentes (35:1-29)

Moisés já dissera ao povo que Deus queria que ele estivesse disposto a dar presentes para a construção do tabernáculo (25:1-8). Que graça a de Deus em aceitar presentes de um povo que lhe desobedeceu e fez sofrer seu coração. Esses presentes tinham de ser dados com boa-vontade, de coração (vv. 5,21,26,29), pois o Senhor "ama a quem dá com alegria" (2 Co 9:6-8). Provavelmente, a maior parte dessas riquezas vinha dos egípcios (12:35-36) — salários atrasados por todos os trabalhos que os judeus fizeram para os egípcios. Eram ofertas para o Senhor (vv. 22,24,29), e, por isso, eles queriam dar as melhores coisas que tinham. Na verdade, eles deram com tanta generosidade que Moisés impediu-os de trazer mais coisas (36:4-7). Perguntamo-nos se na igreja de hoje já houve esse tipo de problema!

II. O povo dotado presta serviço (35:30—39:43)

O Espírito Santo deu a Bezalel e a Aoliabe a sabedoria para saber o que

fazer e a habilidade para fazer. Da mesma forma, Deus deu dons a seu povo de hoje a fim de que a igreja pudesse crescer e se fortalecer (1 Co 12—14; Ef 4:1-17; Rm 12). Bezalel e Aoliabe não fizeram todo o trabalho sozinhos, mas ensinaram outras pessoas para ajudá-los.

Nos versículos seguintes, Moisés nomeia, uma a uma, as várias partes do tabernáculo, como também as vestimentas dos sacerdotes. Deus preocupa-se com todos os detalhes de nosso trabalho e não minimiza nenhum aspecto dele. O menor colchete para as cortinas era tão importante para ele como o altar de bronze. Se formos fiéis nas coisas menores, Deus confia a nós as coisas maiores (Lc 16:10).

Os estudiosos estimam que eles usaram perto de 1 tonelada de ouro, 3,25 toneladas de prata e 2,25 toneladas de bronze na construção do tabernáculo. Não era uma estrutura barata!

III. O Senhor dá sua glória (40:1-38)

Três meses depois do êxodo do Egito, Israel chegou ao Sinai (19:1), e agora era o primeiro dia do segundo ano de peregrinação dele (40:2); portanto, passaram-se nove meses entre o recebimento da Lei e a consagração do tabernáculo concluído. Cerca de três meses dessa data, Moisés esteve com Deus na montanha (24:18; 34:28).

Depois, vemos que a construção do tabernáculo levou cerca de seis meses.

Moisés, à medida que levantava o tabernáculo pela primeira vez, montou a tenda e, trabalhando do interior do Santo dos Santos para o exterior, pôs o mobiliário no lugar estabelecido. Ele, depois de fazer isso, iniciou o átrio externo. Quando tudo estava no lugar certo, Moisés ungiu a estrutura e seu conteúdo (vv. 9-11) e separou-os para o Senhor. O último ato de dedicação dele foi a consagração de Arão e dos sacerdotes (vv. 13-16), que foi seguida pela apresentação de sacrifícios que estes fizeram para o Senhor (Lv 8—9).

O auge do culto de dedicação foi a revelação da glória de Deus no fogo sobre o altar (Lv 9:24) e na nuvem que cobriu a tenda (Êx 40:34-38; veja também 1 Rs 8:10). Não importa quão caro fosse o tabernáculo, sem a presença do Senhor seria apenas mais uma tenda. A glória não apenas residiu no tabernáculo, mas também guiou os israelitas em sua peregrinação. Quando falamos de “*shekinah* [manifestação da] glória de Deus”, referimo-nos ao fato de que o Senhor habita o tabernáculo ou o templo. A palavra hebraica transliterada como *shekinah* significa “habitação de Deus”, cuja origem é a palavra hebraica *shakan*, que quer dizer “habitar” (Êx 29:45-46).

LEVÍTICO

Esboço

- I. A provisão de Deus para o pecado (1—10)
 - A. Os sacrifícios (1—7)
 - 1. Oferta queimada (1; 6:8-13)
 - 2. Oferta de manjares (2; 6:14-23)
 - 3. Oferta pacíficas (3; 7:11-34)
 - 4. Oferta pelo pecado (4; 6:24-30)
 - 5. Oferta pela culpa (5:1—6:7; 7:1-7)
 - B. O sacerdócio (8—10)

- II. O preceito de Deus para a separação (11—24)
 - A. A nação santa (11—20)
 - 1. O limpo e o imundo — leis de pureza (11—15)
 - 2. O Dia da Expição (16—17)
 - 3. Várias leis de separação (18—20)
 - B. O sacerdócio santo (21—22)
 - C. Os dias santos — as festas do Senhor (23—24)

- III. A promessa de Deus para o sucesso (25—27)
 - A. O sábado (ou *shabbath*) da terra (25)
 - B. A importância da obediência (26)
 - C. A seriedade dos votos (27)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

Levítico significa “pertencente aos levitas”. Os levitas eram membros da família de Arão que não foram ordenados sacerdotes, mas eram responsáveis por ajudar os sacerdotes no culto do tabernáculo (Nm 3:1-13). Esse livro contém as instruções divinas para os sacerdotes em relação aos vários sacrifícios, às festas e às leis de separação (entre limpo e imundo).

II. Tema

Gênesis apresenta o pecado e a condenação do homem, enquanto Êxodo é o livro da redenção. Levítico trata de separação e de comunhão. Em Êxodo, a nação foi tirada do Egito e levada ao Sinai, mas, em Levítico, o Senhor fala do tabernáculo (Lv 1:1) e explica como o homem pecador pode caminhar em comunhão com Deus. Nesse livro, na língua original, encontramos mais de 80 vezes as palavras “santo” ou “santidade”. A primeira seção do livro trata dos sacrifícios, pois não podemos nos aproximar de Deus sem o derramamento de sangue. Em Levítico, encontramos a palavra “sangue” 88 vezes. A segunda metade do livro cobre as leis de pureza e explica como as pessoas devem levar uma vida separada para agradar

ao Senhor. Deus livrou a nação da escravidão; agora, ele quer que ela ande em santidade e pureza para a glória dele. Como fomos salvos por intermédio do sangue do Cordeiro e libertados da escravidão deste mundo, também devemos caminhar em comunhão com nosso Senhor (1 Jo 1:5-10). Precisamos do sangue de Cristo, o Sacrifício Perfeito, para purificar-nos do pecado, como também precisamos obedecer à Palavra e andar em pureza e em santidade neste mundo mau. Levítico mostra-nos tudo isso por meio de tipos e de símbolos.

III. Sacrifício

Levítico é um livro de sacrifício e sangue, temas repulsivos para a mente moderna. Hoje, as pessoas querem uma “religião sem sangue” e salvação sem sacrifício, mas isso é impossível. Talvez Levítico 16 seja o capítulo-chave do livro, e o capítulo 17 deixa claro que é o derramamento de sangue que trata do problema do pecado (17:11). A palavra “expição” significa “cobrir”; usa-se essa palavra no livro cerca de 45 vezes. O sangue dos sacrifícios do Antigo Testamento não leva embora o pecado (Hb 10:1-18). Alcançou-se isso de uma vez por todas por meio do sacrifício de Cristo na cruz. O sangue dos sacrifícios do Antigo Testamento apenas cobria o pecado

e apontava para o Salvador, cuja morte consumaria a obra redentora. A oferta de sacrifícios, por si mesma, não salva o pecador. Tem de se crer na Palavra de Deus, pois é a fé que salva a alma. Davi sabia que apenas os sacrifícios não afastariam seus pecados (Sl 51:16-17); os profetas também deixaram isso claro (Is 1:11-24). No entanto, quando o pecador tem um coração contrito e crê na Palavra de Deus, então o Senhor aceita seu sacrifício (veja Caim e Abel, Gn 4:1-5).

Levítico apresenta muitas imagens de Cristo e sua obra redentora na cruz. Os cinco sacrifícios ilustram vários aspectos da pessoa e da obra dele, e o Dia da Expição é um belo retrato de sua morte na cruz. Não tente tirar todos os detalhes de cada exemplo. Algumas instruções referentes aos sacrifícios, por exemplo, têm propósitos práticos por trás delas e não precisam necessariamente trazer lições espirituais especiais.

IV. Lições práticas

Hoje não praticamos os sacrifícios

levíticos, mas esse livro ainda traz algumas lições práticas valiosas, e faríamos bem em meditar a respeito delas.

A. A atrocidade do pecado

A expiação do pecado requer o derramamento de sangue. O pecado não é uma coisa leve e sem importância; ele é odioso aos olhos de Deus. O pecado custa muito — todo sacrifício é caro para o adorador judeu.

B. A santidade de Deus

Nesse livro, Deus faz distinção entre o limpo e o imundo. Ele também adverte as pessoas: "Sereis santos, porque eu sou santo" (11:44).

C. A benevolência de Deus

Ele proporciona um caminho de perdão e de restauração! É claro, esse "Caminho" é Cristo, o "novo e vivo caminho" (Hb 10:19ss). Os sacrifícios do Antigo Testamento apontam para o Salvador por vir. Levítico costuma usar a frase "eles serão perdoados".

LEVÍTICO 1-7

Hebreus 10:1-14 deixa claro que em Cristo temos o cumprimento total de cada sacrifício do Antigo Testamento. Esses cinco sacrifícios especiais ilustram os vários aspectos da pessoa e da obra do Salvador.

I. Oferta queimada — a consagração completa de Cristo (1)

Para esse sacrifício, precisava-se de um macho perfeito de 1 ano, o melhor do rebanho. Levava-se o sacrifício para a porta do tabernáculo, pois havia apenas um local de sacrifício aceitável para Deus (veja Lv 17). O oferente punha as mãos sobre a cabeça do holocausto. Assim, identificava-se com o animal e transferia seu pecado e culpa para o animal inocente. Matava-se o animal, e o sacerdote aspergia o sangue em volta do altar de bronze, que ficava na entrada do tabernáculo. Depois, tirava-se a pele do animal (dava-se a pele para o sacerdote), cortavam-no em peças e queimavam-no completamente no altar. A frase-chave é: “Tudo isso sobre o altar” (v. 9): o animal inteiro que era queimado no fogo dava-se para Deus. Esse é um retrato da consagração total que nosso Senhor fez de si mesmo a Deus. “Eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade” (Hb 10:9). Veja também

João 10:17 e Romanos 5:19. Levítico 6:8-13 salienta que a primeira coisa que o sacerdote tinha de fazer todas as manhãs era uma oferta queimada. Assim, oferecia-se todos os outros sacrifícios durante o dia sobre o fundamento da oferta queimada. Romanos 12:1-2 instrui os cristãos a se darem como sacrifício vivo — como oferta queimada viva — totalmente consagrados a Deus. Da mesma forma que os sacerdotes deviam manter o fogo ardendo continuamente sobre o altar (6:12-13), nós devemos nos consagrar continuamente ao Senhor para a glória dele.

II. Oferta de manjares — a perfeição de Cristo (2)

O uso da palavra “manjares” implica que não há sangue envolvido nessa oferta. Podia ser farinha fina, manjares ou até espigas de milho secas. A farinha fina retrata o caráter e a vida perfeitos de Cristo — não há nada imperfeito ou maculado nele. O azeite simboliza o Espírito de Deus. E note que há dois usos para o azeite: (1) misturar (v.4), o que nos lembra que Deus nasceu do Espírito; e (2) despejar (v. 6), o que simboliza a unção de Cristo, pelo Espírito, para o ministério. O incenso limpo acrescenta um aroma agradável à oferta, o que retrata a beleza e o aroma da vida perfeita de Cristo aqui na terra. A oferta tem de ir ao fogo, assim

como Cristo sofreu o fogo do Calvário. A oferta sempre deve ter sal (v. 13), o que simboliza a pureza e a ausência de queda, pois não há perversão de qualquer espécie em Cristo. Entretanto, a oferta não podia ter fermento, pois este simboliza o pecado (1 Co 5:6-8; Mt 16:6; Mc 8:15), pois não havia pecado em Cristo. A oferta também não devia conter mel, que é a coisa mais doce que existe na natureza. Não há nada da “doçura humana natural” em Cristo: ele era amor divino em carne.

Como é maravilhosa a perfeição de Cristo! Que o Espírito de Deus possa operar em nós para que nos tornemos mais parecidos com ele — equilibrados, até perfumados, limpos.

III. Oferta pacífica — Cristo, nossa paz (3)

Esse procedimento é quase o mesmo da oferta queimada, exceto que o oferente recebia de volta algumas partes do animal e banquetear-se com elas. Primeiro, davam o animal para Deus (vv. 3-5), mas o oferente devia comer o resto de acordo com as regras estabelecidas em 7:11-21. O banquete devia ser alegre, mostrando que havia paz entre o oferente e o Senhor, que a barreira do pecado fora removida. Para a verdade do Novo Testamento, veja Efésios 2:14,17 e Colossenses 1:20.

Em Levítico 7:28-34, observe que os sacerdotes recebiam o peito e a coxa direita, lembrando-nos de que o povo de Deus tem de se alimentar de Cristo a fim de se fortalecer. Levítico 17:1-9 diz que toda vez que um israelita mata um animal deve tratar o ato como oferta pacífica. Não seria maravilhoso se víssemos cada refeição como uma oferta pacífica a Deus e fizéssemos de nosso tempo à mesa ocasião de comunhão com ele e uns com os outros?

Não pode haver paz longe de Cristo. É necessário o sangue da cruz para liquidar o problema do pecado de uma vez por todas.

IV. Oferta pela culpa — Cristo se fez pecado por nós (4)

Não há oferta pelo pecado cometido “atrevidamente” (Nm 15:30-31), mas há prescrição para pecados de ignorância. Observe que se deve aspergir o sangue diante do véu (v. 6) e pô-lo também nos chifres do altar de incenso (v. 7), o que mostra a seriedade do pecado. Os versículos 3-12 apresentam instruções para os pecados dos sacerdotes; os versículos 13-21 dão as instruções para os pecados de toda a congregação — observe que se requer o mesmo sacrifício para os dois casos! Os pecados do sacerdote (o ungido de Deus) igualam-se aos pecados de toda a nação! Nos versículos 22-26, temos as regulamen-

tações para os governantes, e nos versículos 27-35, para as pessoas comuns. Portanto, a oferta dependia da posição e da responsabilidade da pessoa que quebrou a Lei de Deus.

Veja que a oferta não é queimada no altar de bronze, mas levada para fora do acampamento e queimada em um local limpo. Isso lembra-nos Hebreus 13:11-13 e o fato de que Cristo foi crucificado "fora do arraial", rejeitado pela nação que veio salvar. No Novo Testamento, a passagem de 2 Coríntios 5:21, que diz que Cristo se fez pecado por nós, oferece o paralelo para esse pecado. Veja também 1 Pedro 2:24.

É maravilhoso ver que mesmo o mais pobre ofensor pode fornecer uma oferta pelo pecado, pois em 5:7 vemos que Deus também aceita rolas ou pombas. Maria e José ofereceram esse holocausto humilde (Lc 2:24), mostrando a pobreza da família de nosso Senhor.

V. Oferta pela culpa — Cristo pagou a dívida do pecado (5:1—6:7)

As ofertas pelos pecados e pela culpa são muito próximas. Na verdade, elas retratam dois aspectos da morte de Cristo em favor do pecador perdido. A oferta pelo pecado lida com o pecado como parte da natureza humana, com o fato de que todas as pessoas são pecadoras, enquanto a pela culpa enfatiza os atos pecami-

nosos de forma individual. Observe que, na oferta pela culpa, o ofensor tem de restituir pelo que fez (5:16; 6:4-5). Portanto, essa oferta lembra-nos de que o pecado é caro e que, quando há arrependimento sincero, há restituição e reembolso. Levítico 5:14-19 enfatiza que transgredimos contra Deus, enquanto 6:1-7 destaca a culpa em relação a outra pessoa. Nos dois casos, vê-se o pecado como uma dívida a ser paga, e, claro, Cristo pagou total e completamente essa dívida.

É interessante notar a ordem em que a Bíblia registra esses sacrifícios. Deus inicia com a oferta queimada, a completa consagração de seu Filho à obra redentora, pois o plano de salvação inicia-se na eternidade passada. Contudo, do ponto de vista do homem, a ordem é inversa. Primeiro, vemos que cometemos vários tipos de pecados e, depois, percebemos que estamos em dívida com Deus e com o homem. Isso é a oferta pela culpa. Contudo, à medida que o trabalho de condenação continua, percebemos que somos pecadores — nossa verdadeira natureza é pecaminosa! Isso é oferta pelo pecado. Depois, o Espírito revela-nos Cristo, aquele que fez paz por intermédio do sangue de sua cruz, e descobrimos a oferta pacífica. Quando crescemos em graça, entendemos a perfeição de nosso Senhor e que ele "nos

concedeu gratuitamente no Amado"; essa é a oferta de manjares. O **resultado** disso tudo deve ser nossa **consagração total ao Senhor** — a **oferta queimada**.

Não precisamos de quaisquer sacrifícios hoje. "Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados" (Hb 10:14). Aleluia! Que Salvador!

LEVÍTICO 10

No capítulo anterior, Moisés e Arão levantaram o tabernáculo e consagraram-no ao Senhor, o fogo do Senhor caiu sobre o altar, e a glória de Deus encheu o santuário. Foi uma experiência sublime e santa para os sacerdotes e para a nação de Israel. Entretanto, dois filhos de Arão, Nabade e Abiú (Êx 6:23; 28:1), pecaram maliciosamente contra o Senhor e foram julgados por ele. O fogo de Deus que consumia o sacrifício posto sobre o altar (9:24) trouxe morte súbita para eles. “Nosso Deus é fogo consumidor” (Hb 12:29).

O versículo 3 estabelece o tema central do capítulo: “Mostrarei a minha santidade naqueles que se cheguem a mim e serei glorificado diante de todo o povo”. A frase “naqueles que se cheguem a mim” refere-se aos sacerdotes, que tinham o privilégio de ministrar no tabernáculo em que Deus habitava no Santo dos Santos. Veja Ezequiel 42:13 e Êxodo 19:22. Privilégio sempre acarreta responsabilidade, contudo Nabade e Abiú provaram ser irresponsáveis.

Ser servo do Senhor é um privilégio. Deus exorta seus servos a honrá-lo e a glorificá-lo em três áreas especiais da vida.

I. Honrar a Deus (10)

A. No servir (vv. 1-5)

Nabade e Abiú estiveram na montanha com Moisés e Arão, pai deles (Êx 24:1-2,10), portanto eram uma dupla privilegiada. Eles ouviram as palavras da Lei e sabiam o que Deus exigia de seus sacerdotes, portanto não pecaram por ignorância.

Qual foi o pecado deles? O texto diz que eles ofereceram “fogo estranho” ao Senhor. A palavra “estranho” significa “não autorizado pela Palavra de Deus” (veja Êx 30:9). Eles eram entusiastas, contudo o que fizeram não estava de acordo com as Escrituras. Mencionou-se que eles falharam no uso do fogo do altar (9:24), portanto Deus não podia aceitar a adoração deles. Mas há muito mais coisa envolvida nisso.

Uma vez por ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote tinha o privilégio de entrar no Santo dos Santos com incenso (Lv 16:12). No resto do ano, queimava-se incenso pela manhã e, ao entardecer, no altar de ouro que ficava diante do véu (Êx 30:1-10,34-38). Os dois filhos de Arão imaginaram uma nova cerimônia para adorar Jeová, e ele não podia aceitar isso. Eles não eram sumo sacerdotes, não era o Dia da Expição, e eles não queimaram o incenso sobre o altar de ouro.

Por que eles pecaram? Talvez tenham sido levados por um entu-

siasmo momentâneo quando viram a glória de Deus encher o santuário e o fogo do Senhor descer do céu. O que eles fizeram foi um exemplo de “devoção voluntária” (Cl 2:23) e é uma advertência para todos os que lideram o povo de Deus no culto de adoração. O entusiasmo carnal não pode substituir a plenitude do Espírito, e um dos aspectos do fruto do Espírito é o autocontrole (Gl 5:23). Temos de adorar a Deus “em espírito e em verdade” (Jo 4:24). O Espírito de Deus jamais levará o crente a fazer nada que seja contrário à Palavra de Deus, não importa quão alegre e entusiasmado ele se sinta.

O julgamento inicia-se na casa do Senhor (1 Pe 4:17; veja também Ez 9:6). Esse foi o início de um novo período na história de Israel, e Deus usou esse julgamento como uma advertência para seu povo. Vemos julgamentos semelhantes quando Israel entra na terra prometida (Js 7), quando Davi tenta levar a arca para Jerusalém (2 Sm 6), e durante os primeiros dias da igreja (At 5). De uma forma ou de outra, sempre há julgamento quando homens e mulheres pegam para si mesmos a glória que pertence apenas a Deus. O Senhor não dá sua glória a outros (Is 48:8; 48:11; 52:11).

B. No pranto (vv. 6-7)

Moisés advertiu Arão e seus dois filhos remanescentes de que não

pranteassem a morte de Nabade e Abiú da forma que as pessoas comuns pranteariam (veja 21:1-12 e Ez 24:16-17). Eles deviam permanecer nos arredores do tabernáculo na hora da dedicação (8:33). Se eles desobedecessem, o castigo cairia sobre todas as pessoas, não apenas sobre os sacerdotes. Eles, ao ficarem em seus postos, honravam a Deus e mostravam às pessoas a importância de obedecer à Palavra, independentemente do custo.

Claro que hoje essa ordem não se aplica às pessoas de Deus, que também são seus sacerdotes (1 Pe 2:5,9). Pranteamos a morte dos entes queridos, mas não devemos prantear a morte dos “que não têm esperança” (1 Ts 4:13-18). Lamentar de forma piedosa é testemunhar ao mundo perdido que temos esperança em Jesus Cristo e não nos desesperamos.

C. No comer e no beber (vv. 8-20)

Essas admoestações referem-se às tarefas diárias dos sacerdotes, mas têm aplicações práticas para os crentes de hoje.

(1) *Bebida forte (vv. 8-11)*. Em Levítico, essa é a única ocasião em que Deus fala diretamente a Arão, portanto deve tratar-se de uma ordem importante. Não era permitido aos judeus beber vinho ou bebida forte, mas foram advertidos da bebedice e do pecado que, com freqüência, a

acompanha (Pv 20:1; 23:20,29-31; Is 5:11; Hc 2:15). Os que servem ao Senhor têm de ser um exemplo para os outros e estar cheios do Espírito, não de vinho (Ef 5:18). Eles devem evidenciar a diferença entre o santo e o profano por meio dos ensinamentos e do exemplo (veja Ez 22:26; 42:20; 44:23; 48:14-15). O Novo Testamento segue essa mesma abordagem (Rm 14:14-23).

(2) *Os sacrifícios (vv. 12-20).*

Davam-se certas porções dos sacrifícios aos sacerdotes, que deviam comê-las no tabernáculo. Elas eram santas e não deviam ser tratadas como a comida comum. O capítulo 9 relata a cerimônia de consagração em que foram feitas oferta de manjares, oferta pelo pecado, oferta queimada e oferta pacífica, e os sacerdotes deviam comer suas porções como parte do culto. Outro lembrete para eles e para o povo de que os sacrifícios eram santos aos olhos do Senhor. Para mais detalhes, veja Levítico 6:14-30 e 7:11-38.

Havia dois tipos de ofertas para o pecado: uma em que se aspergia o sangue no Santo Lugar, e outra em que se aspergia o sangue sobre o altar de ofertas queimadas. Naquele dia, a oferta pelo pecado era a do segundo tipo (9:9; 10:18), portanto Arão e os sacerdotes deviam comê-las, mas não fizeram isso. O fato de Nabade e Abiú fazerem o que não deveriam ter feito e trazido jul-

gamento já era bastante ruim, mas agora os sacerdotes não faziam o que deviam fazer e chamavam mais julgamento!

Moisés repreendeu os dois filhos de Arão, mas Arão falou em defesa deles. Não foi permitido à família lamentar a morte de Nabade e Abiú; portanto, em vez disso, eles jejuaram e não comeram a carne da oferta pelo pecado. Se tivessem comido o sacrifício, seria apenas uma rotina mecânica, e não uma refeição santa, pois o coração deles não participaria do ato. Deus queria esse tipo de culto? Ele quer obediência, não sacrifício (1 Sm 15:22), e corações que estejam verdadeiramente com ele.

Esse capítulo é uma advertência severa contra a adoração e o culto que vão além dos limites estabelecidos pela Palavra de Deus. É também um aviso contra o entusiasmo carnal que imita a obra do Espírito. A adoração simulada ofende o Espírito de Deus, que quer nos guiar em experiências de adoração fundamentadas nas Escrituras, as que glorifiquem o Senhor. Nossa adoração deve proclamar as virtudes de Deus (1 Pe 2:9) e ser agradável ao Senhor (1 Pe 2:5). A adoração que exalta homens e mulheres e não glorifica a Deus não é aceitável aos olhos dele.

“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Co 10:31).

LEVÍTICO 11

Da ênfase à *expição*, nos capítulos 1—10, Moisés volta-se agora para o tema da *impureza*. Nos capítulos 11—15 e 17—22, ele ensina ao povo a diferença entre limpo e imundo no que se refere ao alimento, ao nascimento, à morte, às doenças e aos relacionamentos pessoais. Os capítulos 21—22 instruem os sacerdotes em relação à responsabilidade que têm de manter-se separados do pecado e devotados ao Senhor.

I. Diretrizes para o povo de Deus (11)

A. A dieta do povo de Deus (vv. 1-23)

Não sabemos quando o povo de Deus recebeu a lei sobre alimentos limpos e imundos, mas sabemos que foi na época de Noé (Gn 7:1-10). Talvez isso fizesse parte dos ensinamentos que Deus deu a Adão e Eva no jardim do Éden. Havia, no mínimo, duas razões para essa lei alimentar: (1) a saúde do povo de Deus e (2) a diferenciação de Israel, o povo separado. Muitos alimentos proibidos eram potencialmente perigosos para a saúde do povo em uma época em que não havia refrigeração nem recursos adequados para o cozimento dos alimentos. Veja Êxodo 15:26 e Deuteronômio 7:15. No

entanto, o principal motivo para as restrições alimentares era lembrar os judeus diariamente, a cada refeição, de que eles eram um povo separado e não deviam viver como as nações gentias que os rodeavam. Para mais informações, veja Deuteronômio 14:1-20.

Essas leis alimentares foram dadas apenas aos judeus e foram abolidas com o cumprimento da Lei Mosaica em Jesus Cristo (Cl 2:11-17). Jesus deixou claro que essas leis eram temporárias e não determinavam a condição do coração (Mc 7:1-23). A igreja primitiva dividiu-se a respeito dessas leis (Rm 14:1—15:7). Aparentemente, Pedro, mesmo depois do Calvário e do Pentecostes, manteve a “casa *kosher*” (At 10:9-16). Logo, porém, ele aprendeu que Deus fizera mudanças drásticas. (*Kosher* vem da palavra hebraica que significa “certo, adequado”. As pessoas em uma casa judia *kosher* comem apenas alimentos que Deus disse que eram certos e adequados.) Hoje, a igreja não considera a dieta alimentar um meio de salvação ou de santidade (Cl 2:20-31; 1 Tm 4:1-5); e os cristãos não devem julgar uns aos outros em relação a esses assuntos. Ao mesmo tempo que alguns alimentos não são bons sob o aspecto físico para algumas pessoas, não se deve transformar em prova de espiritualidade o que os cristãos comem ou bebem.

Primeiro, Moisés lidou com as *criaturas da terra* (vv. 1-8) e afirmou que apenas podiam comer os animais que tivessem o casco dividido e que ruminassem. As *criaturas da água* (vv. 9-12) tinham de ter barbatana e escamas. Isso eliminava as criaturas que chafurdavam na lama, onde podiam pegar todo tipo de parasitas. O peixe que nadava livremente era seguro para comer. (Claro, isso foi muito antes da poluição dos sistemas de água da terra.) Depois vinham as *criaturas voadoras* (vv. 13-23), em que se proibia comer as aves selvagens (vv. 13-19) e os insetos (vv. 20-23). Aqui, o Senhor nomeou as criaturas específicas e não deu qualquer padrão geral a ser seguido, como fez com as criaturas da terra e da água. A quarta categoria refere-se às *coisas rastejantes* (vv. 29-31a,41-43). De novo, ele fornece os nomes de criaturas específicas, as consideradas impuras para os judeus.

Alguns estudiosos bem-intencionados tentam “espiritualizar” essas leis a fim de achar alguma verdade mais profunda nelas, mas os resultados são contraditórios e questionáveis. Fazer do “ruminar” uma referência a meditar sobre as Escrituras, ou do “casco dividido” um retrato do caminhar dividido em Cristo, é torcer as Escrituras e roubar-lhe o verdadeiro significado.

Hoje, os cristãos são livres para comer o que quiserem, mas devem ter em mente 1 Coríntios 10:31.

B. A impureza do povo de Deus (vv. 24-40)

Moisés avisou os judeus não apenas para terem cuidado com o que comiam, mas também no que tocavam, pois a carcaça dos animais era impura para eles. Se um judeu tocasse uma carcaça, ficaria imundo até a tarde, o início de um novo dia. Depois, ele tinha de lavar a roupa e o corpo e, assim, poderia entrar no acampamento.

Nos versículos 24-28, a lei trata das *peessoas* que ficam imundas por causa de animais mortos, e os versículos 31b-38 lidam com a impureza de *coisas*, especialmente as coisas da casa. As coisas impuras podiam deixar impuros vasos, vestimentas, mobílias, alimento e água. Se a pessoa e a casa tinham por objetivo agradar ao Senhor, então tinham de lidar com seriedade com esse “ritual de impureza”. Nos versículos 39-40, Moisés trata da impureza dos animais limpos usados como alimento. Os judeus não comiam muita carne, pois era muito caro perder um animal que era útil para a procriação e para dar lã e leite. Eles tinham de prestar atenção para não matar seus animais de forma descuidada, pois isso era contra a

lei de não comer sangue (Lv 3:17; 7:26-27; 17:14).

C. A consagração do povo de Deus (vv. 44-47)

Aqui, Moisés dá três motivos para a nação judaica ser pura. Ela podia sentir-se tentada a seguir os costumes imundos dos vizinhos pagãos, mas essas verdades podiam motivá-la a obedecer ao Senhor e mantê-la longe da profanação.

(1) *O Senhor é um Deus santo* (v. 44). A frase "Sereis santos, porque eu sou santo" repete-se, de várias formas, nove vezes em Levítico (11:44; 19:2; 20:7,26; 21:8,15; 22:9,16,32). Também 1 Pedro 1:15-16 cita-a para ser aplicada hoje ao cristão do Novo Testamento. Se somos o povo do Senhor, e ele é um Deus santo, então é lógico que levemos uma vida santa. As leis alimentares lembravam os judeus de que eram um povo separado, um povo santo (Êx 19:5-8; veja 1 Pe 2:9).

(2) *Deus nos redimiu para si mesmo* (v. 45). Com freqüência, o Senhor lembra os judeus de que eles são um povo redimido, e que ele os libertou por meio de sua graça e poder (19:36; 22:33,43; 25:38,42,55; 26:13,45). Eles ainda seriam escravos no Egito, se ele não os tivesse libertado. É claro que Êxodo retrata a redenção que temos em Jesus Cristo, pois ele é o Cordeiro da Páscoa sacrificado por nós (Jo 1:29;

1 Co 5:7; 1 Pe 1:18-19). Se somos um povo redimido, temos de levar uma vida santa a fim de agradar ao Deus que nos libertou.

(3) *Deus quer que seu povo seja diferente* (vv. 46-47). Essas leis ensinam aos judeus que eles são um povo especial para o Senhor, e que deveriam ser diferentes das nações que os rodeavam. Veja Levítico 10:10 e 20:22-26, como também Ezequiel 22:26; 42:20; 44:23 e 48:14-15. Os judeus esqueceram sua dívida com o Senhor e, em consequência disso, começaram a misturar-se com as nações gentias e a aprender os caminhos ímpios delas. Eles deixaram de diferenciar entre o santo e o ímpio, o limpo e o imundo, e isso trouxe punição e cativeiro para eles. Claro, hoje "não há distinção" entre judeus e gentios em relação à condenação (Rm 3:22-23) ou à salvação (Rm 10:12-13). Acredita-se que judeus e gentios são "um em Cristo Jesus" (Gl 3:26-29).

É relevante o fato de que o Senhor Jesus estabeleceu um regulamento para sua igreja no que se refere ao comer e ao beber (1 Co 11:23-34). Cada vez que compartilhamos o pão e o cálice, fazemos isso em memória dele e do que ele fez por nós na cruz. A observação da ceia do Senhor (a Eucaristia) encoraja-nos a ser um povo santo, um povo grato e um povo diferente das pessoas do mundo.

LEVÍTICO 13-14

Nosso Senhor, em seu ministério terreno, curou leprosos (Mt 10:8; 11:5; Mc 1:40-45; Lc 17:11-19). Chamava-se isso de purificação, já que a lepra era considerada como impureza e doença. Separava-se o leproso da sociedade normal, e ele não podia ir ao templo. Esses dois capítulos de Levítico tratam da lepra como um símbolo do pecado e ilustram o que Cristo fez para purificar os pecadores. (A palavra hebraica traduzida por "lepra" aplica-se a várias doenças de pele.)

I. As características do pecado (13)

As pessoas que achavam que tinham lepra precisavam ir ao sacerdote para ser examinadas. Observe as características da lepra, e como elas retratam o pecado:

A. A lepra é mais profunda que a pele (v. 3)

A lepra não é apenas uma erupção superficial, é mais profunda que a pele. Como o pecado! O problema não é a superfície. O problema, mais profundo que a pele, repousa na natureza pecaminosa do ser humano. A Bíblia não tem nada de bom a dizer em relação à carne (a antiga natureza), porque nossa natureza pecaminosa é a fonte de

muitos de nossos problemas. Os pecadores não mudam com remédios superficiais; eles precisam mudar o coração. Veja Jeremias 17:9; Romanos 7:18; Salmos 51:5 e Jó 14:4.

B. A lepra se espalha (v. 7)

A lepra não é uma chaga isolada em uma parte do corpo. Ela se espalha e polui o corpo todo. O pecado também se espalha: ele começa com um pensamento; a seguir, vem o desejo; depois, o ato; e, então, os resultados terríveis (Tg 1:13-15). Veja 2 Samuel 11 e observe como o pecado espalha-se na vida de Davi. Davi deixa seu exército, quando devia lutar; ele permite que seus olhos se lancem em direção à esposa do vizinho; ele entrega-se à luxúria; ele comete adultério; ele mente; ele faz Urias, o vizinho, beber; e, por fim, ele assassina esse homem.

C. A lepra deixa a pessoa impura (vv. 44-46)

Isso, obviamente, significa impureza cerimonial; não se permitia que os leprosos participassem dos cultos religiosos. Os leprosos eram forçados a se marcar e a clamar: "Imundo! Imundo!", a fim de alertar as pessoas a sua volta. Qualquer pessoa que tocasse um leproso também ficava imunda. Essa é a tragédia do pecado: ele macula a mente, o coração, o corpo e todos que o

tocam. Um pecador pode macular toda uma família; lembre-se de Acã (Js 7). Nenhuma pessoa ficou mais pura por causa do pecado, pois o pecado é o grande maculador da raça humana.

D. A lepra isola (v. 46)

"Habitará só!" Que palavras tristes. "Fora do arraial", o único lugar reservado ao leproso era o de rejeição. O pecado sempre isola as pessoas. Ele as separa da família, dos amigos e, por fim, de Deus. Jesus, quando se fez pecado por nós, clamou: "Por que me desamparaste?". O pecado afasta as pessoas de Deus — o inferno é isso.

E. A lepra destina coisas para o fogo (v. 52)

Queimava-se qualquer vestimenta que tivesse se tornado impura pela lepra. Há apenas um lugar para o pecado: o fogo do julgamento. Jesus descreveu o inferno como um lugar em que o fogo nunca se extingue (Mc 9:43-48). É triste pensar em milhões de "leprosos espirituais" entregues ao fogo eterno do julgamento, porque nunca confiaram em Jesus como Salvador. Como é importante que contemos ao mundo a boa-nova do evangelho!

As pessoas podem rir do pecado, desculpá-lo ou tentar justificá-lo, mas o pecado é uma coisa séria para Deus. Em Isaías 1:4ss, observe

como o profeta usa a lepra como uma imagem do pecado.

II. A purificação do pecador (14)

Esse capítulo explica o cerimonial de purificação dos leprosos para que pudessem conviver em sociedade de novo.

A. O sacerdote vai até o leproso (v. 3)

Claro, o leproso não podia entrar no acampamento, portanto o sacerdote saía "do arraial" para encontrá-lo. Que imagem de Cristo, que veio a nós e morreu "fora da porta" a fim de que fôssemos salvos (Hb 13:10-13). Nós não o buscamos; ele veio em busca do perdido e salvou-o (Lc 19:10).

B. O sacerdote oferece os sacrifícios (vv. 4-7)

A cerimônia é uma bela imagem da obra de Cristo. O sacerdote pega uma das aves, põe-na em um vaso de barro e, depois, mata-a. É claro, as aves não foram criadas para viver em um vaso, mas para voar nos céus. Cristo, de boa vontade, deixou o céu e tomou um corpo para si mesmo, como se fosse um vaso terreno, para que pudesse morrer por nós. Observe que o sacerdote mata a ave sob água corrente, um retrato do Espírito Santo. Depois, ele molha a ave viva no sangue da ave morta e solta-a. Eis uma

imagem vívida da ressurreição de Cristo. Cristo morreu por nossos pecados e levantou-se de novo, ele levou o sangue (falando de forma espiritual) de volta ao céu para que fôssemos purificados do pecado. Por fim, o sacerdote asperge um pouco do sangue sobre o leproso, pois "sem derramamento de sangue, não há remissão" (Hb 9:22).

C. O leproso lava-se e espera (vv. 8-9)

O sacerdote já pronunciou a purificação dele, e o leproso, no que toca ao Senhor, foi aceito; contudo, agora ele tem de se tornar ritualmente aceito. Esse banho simboliza o crente purificando-se das impurezas da carne e do espírito (2 Co 7:1). É nossa responsabilidade, depois de salvos, manter nossa vida santa e livre de falta por causa dele. Observe que o leproso espera até o oitavo dia, pois oito é o número da ressurreição, do novo início.

D. O leproso oferece os sacrifícios (vv. 10-13)

Agora, ele volta do campo e chega à porta do tabernáculo. Ele faz uma oferta pela culpa, uma pelo pecado e uma queimada. A oferta pelo pecado cuida de sua profanação; a queimada representa a renovação de sua consagração a Deus. Por que ele faz a oferta pela culpa? Porque enquanto o homem esteve profana-

do, não pôde servir ao Senhor como deveria e tem uma grande dívida para com Deus. A oferta pela culpa é a única forma de consertar o dano causado por esse período de quebra em sua vida. Todo pecador perdido rouba de Deus a honra devida ao seu nome, e a cada dia a dívida aumenta.

E. O sacerdote aplica o sangue e o óleo (vv. 14-20)

Essa é uma parte tocante do ritual. O sacerdote aplica o sangue na orelha direita, no polegar direito do pé e da mão do homem, simbolizando que agora todo o seu corpo foi comprado e pertence a Deus. Ele deve escutar a Palavra de Deus, trabalhar para a glória dele e seguir os caminhos do Senhor. Depois, o sacerdote aplica o azeite sobre o sangue, simbolizando o poder do Espírito de Deus para fazer a vontade dele. Não se podia pôr o sangue sobre o azeite; tinha-se de pôr o azeite sobre o sangue. Pois onde se aplica o sangue, o Espírito de Deus pode operar. Aspergia-se o restante do azeite sobre a cabeça do homem, e, assim, ele estava ungido para sua nova vida. Em Levítico 8:22-24, vemos que havia uma cerimônia semelhante para a consagração dos sacerdotes. Em outras palavras, Deus trata o leproso como se fosse um sacerdote.

É claro que hoje cumprimos tudo isso por meio da fé em Jesus

Cristo. Ele saiu "do arraial" para nos encontrar. Ele morreu e ascendeu de novo para nos salvar. Ele, quando cremos nele, aplica o sangue e o azeite em nossa vida e restabelece-nos na comunhão com

Deus. Um dia, um leproso disse a Cristo: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me". Ele respondeu: "Quero, fica limpo!". Veja Marcos 1:40-45. Cristo quer salvar e pode fazer isso.

LEVÍTICO 16-17

O Dia da Expição era o feriado religioso mais importante de Israel, pois, nesse dia, Deus lidava com todos os pecados que não haviam sido cobertos durante o ano. Hebreus 10:1ss é o comentário do Novo Testamento a respeito desse capítulo.

I. A preparação do sacerdote (16:1-14)

A. Ele tem de ficar sozinho

(vv. 1-2; 16:17)

Nenhum levita podia assistir a esse importante ritual. O sumo sacerdote tinha de oficiá-lo sozinho. Da mesma forma que nosso Senhor, sozinho, pagou o preço pelo pecado. Sua nação rejeitou-o, seus discípulos o abandonaram e fugiram, e o Pai afastou-se dele quando morreu na cruz. Nosso Senhor, sozinho, decidiu a questão do pecado de uma vez por todas.

B. Ele põe de lado suas vestimentas magníficas (v. 4)

Que imagem de nosso Senhor vindo à terra como homem. Ele põe de lado sua vestimenta de glória e põe sobre si a de servo. Veja também Filipenses 2:1-11.

C. Ele se banha (v. 4)

Para o sacerdote, isso significa livrar-se de qualquer impureza ceri-

monial. Isso, como uma imagem de Cristo, retrata-o santificando-se por nossa causa (Jo 17:19). Ele consagrou-se de boa vontade à tarefa de dar sua vida para resgatar muitos.

D. Ele faz uma oferta pelo pecado (vv. 6-11)

Nosso Senhor não tinha de oferecer quaisquer sacrifícios por si mesmo. Leia com atenção Hebreus 7:23-28.

E. Ele entra no Santo dos Santos (vv. 12-13)

Na verdade, o sumo sacerdote entra três vezes no Santo dos Santos: primeiro, com o incenso, que simboliza a glória de Deus; depois, com o sangue do sacrifício ofertado a favor de si mesmo; e, por fim, com o sangue derramado pelas pessoas. O incenso precede o sangue, porque o propósito da salvação é a glória de Deus (Ef 1:6,12,14). Jesus não morreu apenas para salvar o pecador perdido e dar-lhe vida, mas para a glória de Deus (Jo 17:1-5).

Tudo isso era preparação para a principal tarefa do Dia da Expição, a oferta pelo pecado em favor da nação.

II. A apresentação dos bodes (16:15-34)

Observe que os dois bodes são considerados como uma oferta pelo pecado (v. 5). Eles simbolizam dois aspectos da obra da cruz. O sumo

sacerdote, depois de retornar da aspersão do sangue de sua oferta pelo pecado, mata o bode designado para morrer como uma oferta pelo pecado de toda a nação. Depois, ele entra pela terceira vez no Santo dos Santos, dessa vez com o sangue do bode. Ele asperge o sangue sobre o propiciatório diante dele e, assim, cobre os pecados da nação. Observe que o versículo 20 indica que o sangue da oferta pelo pecado reconcilia o povo e o tabernáculo com Deus (veja Hb 9:23-24).

O sumo sacerdote, depois de aspergir o sangue, pega o bode vivo, põe as mãos sobre a cabeça dele e confessa os pecados do povo, transferindo simbolicamente, dessa forma, a culpa do povo para o animal inocente. O termo "bode expiatório" origina-se de uma palavra hebraica que significa "remover". O bode é enviado para o deserto a fim de que nunca mais seja visto, e isso simboliza a remoção dos pecados da nação (Sl 103:12). É claro que esses rituais não removem o pecado, já que têm de repetir essas cerimônias ano após ano. Contudo, eles ilustram o que Cristo fez quando morreu uma vez pelos pecados do mundo. O crente israelita salvava-se por meio de sua fé, exatamente da mesma forma que as pessoas sempre têm sido salvas. Apenas depois de terminada a oferta pelo peca-

do, e afastada (simbolicamente) a iniquidade da nação, o sumo sacerdote põe de lado suas humildes vestimentas de linho e veste suas vestimentas de glória. Isso simboliza a ressurreição e ascensão de Cristo. Ele, depois de terminar sua obra na cruz, voltou em glória ao Pai, à direita do qual está sentado hoje. O Dia da Expição era um dia sério para os judeus, e eles não faziam nenhum trabalho nesse dia. Não se alcança a salvação por meio de obras, mas totalmente pela graça de Deus.

III. A proibição em relação ao sangue (17)

Levítico 17:11 é um versículo-chave da Bíblia, pois afirma enfaticamente que a única forma de expiação é por meio do sangue. Muito antes de a ciência descobrir a maravilha do sangue, a Bíblia ensinava que a vida está no sangue. Os médicos tentavam tirar o sangue para fazer as pessoas ficarem bem; hoje eles fazem transfusões de sangue!

Esse capítulo proíbe os judeus de abater seus animais de forma descuidada. Eles devem fazer com que cada animal seja uma oferta pacífica ao Senhor, ao trazê-lo à porta do tabernáculo para que o sacerdote o ofereça. É claro que o perigo era que ficassem tentados a sacrificar a ídolos ou demônios (v. 7), prática que aprenderam no Egi-

to; ou que não tirassem o sangue do animal, e, assim, as pessoas pecassem ao comer sangue. O sangue era algo especial, não podia ser tratado como alimento comum.

Todo esse capítulo enfatiza que há apenas um local de sacrifício. Deus aceitaria apenas um preço — o sangue —; e havia apenas um local em que ele aceitaria isso — a porta do tabernáculo. Da mesma forma que hoje. Deus aceita apenas um preço pelo pecado — o sangue de seu Filho. E derramou-se esse sangue no lugar designado pelo Senhor — a cruz do Calvário. Deus rejeita qualquer outro sacrifício em qualquer outro local.

A vida, tanto a física como a espiritual, está no sangue. Nossa vida espiritual depende do derramamento do sangue de Cristo (veja 1 Jo 1:7; Ef 1:7; Cl 1:14; Hb 9:22).

Vivemos em uma época em que os teólogos liberais rejeitam a doutrina do sangue de Cristo. Eles a chamam de “religião de matadouro”. Precisa-se deixar claro que a Bíblia é um livro de sangue, de Gênesis (em que Deus matou animais para vestir Adão e Eva) a Apocalipse (em que João vê Jesus como o “Cordeiro que foi morto”). Não é Cristo, o Exemplo, ou Cristo, o Mestre, que nos salva, mas Cristo, o Cordeiro de Deus, crucificado pelos pecados do mundo.

LEVÍTICO 21–22

Os sacerdotes, em geral, e o sumo sacerdote, em particular, deviam manter os mais altos padrões de caráter e conduta, e não podiam oferecer sacrifícios abaixo do padrão. Sob esses aspectos, eles retratam nosso Senhor Jesus Cristo, o perfeito Sumo Sacerdote e o sacrifício perfeito (Hb 7:26-28; 10:1-14). Eles também desafiam o povo de Deus a dar, como sacerdotes (1 Pe 2:5,9) e como sacrifício (Rm 12:1), o melhor dele mesmo ao Senhor.

Observe a repetição das palavras “contaminação”, “impureza”, “defeito”, “imundo”, “santo” e “santificado”. O tema refere-se ao caráter e à conduta santos dos servos de Deus quando ministram ao Senhor e a seu povo. Deus adverte-nos de, quando lhe servirmos, não profanar a nós mesmos (21:5), o nome dele (21:6; 22:2), o santuário do Senhor (21:12), os nossos filhos (21:15) ou as coisas santas que manuseamos no ministério (22:15).

Ao longo da história de Israel, uma das tragédias que ocorreu foi a profanação do sacerdócio, o que, no fim, levou à profanação da nação. Se o pecado máximo é a corrupção do bem máximo, então os sacerdotes judeus cometeram o pecado máximo, pois corromperam o sacerdócio por causa de seu caráter irreligioso, de sua má conduta e de seu ministério descui-

dado em relação às coisas santas de Deus (veja Mt 1:6—2:9). Infelizmente, a igreja de hoje transformou o ministério em negócio e em zombaria; e a igreja precisa desesperadamente de uma revivificação espiritual.

I. Sacerdotes perfeitos (21:1—22:16)

Essas leis referem-se à conduta do sacerdote em relação ao prantear o morto, ao casamento e ao relacionamento familiar.

A. A conduta dos sacerdotes (21:1-9)

No acampamento de Israel, a pessoa contaminava-se se tocasse um corpo morto ou mesmo entrasse em uma casa em que houvesse um morto (Nm 19:11-22). O sacerdote comum podia contaminar-se por causa de algum membro próximo da família, mas não por outros parentes ou amigos. Nenhum judeu devia seguir as práticas de luto dos pagãos (19:27-28; Dt 14:1). Os versículos 6 e 8 dão os motivos para essas leis: os sacerdotes oferecem os sacrifícios de Deus e foram separados pelo Senhor (veja 21:15,23; 22:9,16,32). Nenhum sacerdote podia casar com prostituta ou repudiada, pois isso poderia trazer para o clã sacerdotal crianças nascidas de homens que não fossem da tribo de Levi (veja v. 15). A filha de um sacerdote que se envolvesse em imo-

ralidade devia morrer (veja 20:14 e Gn 38:24).

B. A conduta do sumo sacerdote (21:10-15)

Esperava-se que o sumo sacerdote, por causa de sua posição diante de Deus e por ser ungido por ele, fosse até mais exemplar que os sacerdotes comuns. Deus sempre espera mais dos líderes. Ele não podia nem mesmo contaminar-se por causa de seu pai e de sua mãe nem exhibir os sinais normais de luto. O versículo 11 não ensina que o sumo sacerdote vivia no tabernáculo, pois Números 3:38 conta-nos que montavam a tenda no lado leste do tabernáculo. Esse versículo instrui o sumo sacerdote a estar sempre em serviço e a não deixar os arredores do tabernáculo nem mesmo para um funeral. Ele tem de se casar com uma virgem a fim de assegurar à nação que o próximo sumo sacerdote é mesmo seu filho.

C. As características dos sacerdotes (21:16-24)

Tanto os sacerdotes no altar como os sacrifícios sobre o altar (22:17-25) não deviam ter defeito. Ao mesmo tempo que não temos certeza sobre a quais defeitos alguns desses termos se referem, fica claro que Deus queria que seus ministros fossem perfeitos fisicamente. De novo, isso exalta a perfeição de nosso

Sumo Sacerdote, Jesus Cristo. Com certeza, hoje o Senhor não inclui a perfeição física como um requisito para o ministério (1 Tm 3); a ênfase está na moral e na maturidade espiritual. Paulo tinha um espinho na carne, o que o tornava ainda mais qualificado para servir!

D. Os contatos dos sacerdotes (22:1-16)

Os sacerdotes não “profanarão as coisas sagradas” de Deus mantendo-se separados de impurezas. Seria trágico se o servo santo de Deus tornasse tudo que toca imundo por causa de sua própria impureza (veja Mt 23:25-28). Moisés repete algumas das causas da impureza que já explicou em capítulos anteriores: lepra (caps. 13—14), úlceras (cap. 15). O sacerdote que, presunçosamente, ministrar quando estiver imundo corre perigo de morte (vv. 3,9).

Os sacerdotes, além de evitar as coisas impuras, devem ser cuidadosos em como preparar as coisas santas. Apenas os sacerdotes podem comer as porções tiradas das ofertas de manjares, das ofertas pelo pecado e das ofertas pela culpa, contudo os membros da família do sacerdote podem comer as outras ofertas. A pessoa tem de ser membro oficial da família pelo nascimento ou pela compra. A filha casada com alguém que não seja sacerdote não pode comer as porções de oferta. Qualquer

pessoa que coma alimento sagrado inadvertidamente tem de ser punida.

II. Sacrifícios perfeitos (22:17-33)

Deus sempre merece o mais excelente, e que não ousemos trazer-lhe algo com defeito (Ml 1:6—2:9). O sangue de um sacrifício com defeito nunca agrada a Deus nem expia o pecado. Além disso, esses sacrifícios eram símbolos do Senhor Jesus Cristo e de seu sacrifício perfeito (Hb 9:14; Ef 5:27). Oferecer sacrifícios com defeito a Deus significava profanar o nome dele.

As leis relacionadas ao imolar os sacrifícios mostram a ternura de Deus em relação aos animais (vv. 27-28). Ele não tira o filhote da mãe muito depressa. O Senhor também se preocupa com as aves (Dt 22:6-7) e as árvores (Dt 20:19-20).

O capítulo encerra-se com Deus lembrando as razões que devem motivar seu povo quando oferece sacrifícios: ele é o Senhor que o separou como seu povo. Ele o libertou do cativeiro no Egito, e essas são as ordens dele.

Hoje, os crentes não trazem sacrifícios de animais a Deus porque esse sistema todo acabou na cruz. Contudo, apresentamos nosso corpo a ele (Rm 12:1-2), as pessoas que ganhamos para Cristo (Rm 15:16), nosso louvor (Hb 13:15), a prática do bem (Hb 13:16), o coração quebrantado (Sl 51:17) e nossas orações (Sl 141:2). Devemos oferecer nossos sacrifícios por intermédio de Cristo para que sejam aceitáveis a Deus, já que nada que oferecemos a ele é perfeito (1 Pe 2:5).

LEVÍTICO 23

As sete festas do Senhor são cheias de manjares santos magníficos e merecem um estudo cuidadoso. Já estudamos algumas dessas festas, portanto não as trataremos em detalhes, mas algumas são novas em nosso estudo. É importante notar a ordem dessas sete festas, pois isso nos oferece um “calendário profético” de Israel e da igreja. O ano religioso inicia-se com a Páscoa, que retrata a morte de Cristo. No dia seguinte ao sábado (ou *shabbath*) de Páscoa (o domingo), os israelitas celebravam a Festa das Primícias (Festa dos Primeiros Frutos, NVI), que simboliza a ressurreição de nosso Senhor. Devotavam a semana seguinte à Páscoa à Festa dos Pães Asmos, período em que tiravam todo fermento das casas. Essa festa retrata a santificação dos crentes, em que tiram o pecado de sua vida. Tudo isso acontece no primeiro mês do ano. O Pentecostes do Novo Testamento, a vinda do Espírito Santo para a igreja, acontece 50 dias depois da Festa das Primícias. No sétimo mês do ano, celebravam-se três festas. A Festa das Trombetas abria o mês e lembra-nos a reunião do povo de Deus quando o Senhor retornar. O décimo dia do mês era o Dia da Expiação, que ilustra a purificação

do povo de Deus; e do 15^o ao 21^o dia, os judeus celebravam jubilosamente a Festa dos Tabernáculos, que retrata as bênçãos do Reino futuro. O povo de Deus é um povo disperso que precisa ser reunido; é um povo pecador que precisa ser purificado; e é um povo sofredor que precisa receber alegria. O longo período (cerca de três meses) entre o Pentecostes e a Festa das Trombetas fala da era atual da igreja, quando o Senhor deixa Israel de lado, porque este rejeitou o Messias.

I. Páscoa (23:4-5)

Já vimos essa festa, portanto recorra às observações sobre Êxodo 11—13. Tudo depende do sangue do cordeiro: não haveria outras festas se não houvesse a Páscoa. Hoje, as pessoas que querem abolir o sangue solapam o próprio fundamento do plano de Deus para todas as eras!

II. Festa dos Pães Asmos (23:6-8)

Também já falamos a respeito dessa festa. Ela retrata o povo de Deus tirando o pecado de sua vida (2 Co 7:1) e alimentando-se do Cordeiro que o fortalece para a jornada. Não inverta essas duas festas. Ninguém se salva deixando de lado o fermento (pecado), e ninguém quer deixar o pecado de lado antes de ser salvo pelo sangue! Essa é a diferença entre

reforma religiosa e regeneração espiritual, que significa nascer de novo por intermédio do Espírito de Deus.

III. Festa das Primícias (23:9-14)

O Senhor reservou essa festa para a terra de Canaã, em que o povo tinha campos e colheitas. Seria impossível celebrar essa festa no deserto. No dia seguinte ao sábado (ou *shabbath*) de Páscoa (um domingo, o primeiro dia da semana), o sacerdote devia mover o molho, ou feixe, dos primeiros grãos diante do altar como um sinal de que toda a colheita pertencia ao Senhor. Isso é uma imagem da ressurreição de nosso Senhor, já que 1 Coríntios 15:20-21 definitivamente chama-o de "as primícias". A adoração no Dia do Senhor não é invenção da igreja, como algumas pessoas ensinam. Há séculos, Deus determinou isso em seu calendário! Toda a "colheita" da ressurreição pertence a Deus, porque Cristo, as Primícias, está vivo! Ninguém será esquecido. A promessa é clara: "Porque eu vivo, vós também vivereis" (Jo 14:19).

IV. Pentecostes (23:15-22)

"Pentecostes" significa "cinquenta", e 50 dias após a ressurreição de Cristo, o Espírito Santo veio aos crentes (At 2). Durante 40 dias, Cristo ministrou aos seus discípulos (At 1:3), e eles, nos outros dez dias, oraram e esperaram a chegada do Pente-

costes. A "nova oferta de manjares" (v. 16) compunha-se de dois pães, simbolizando o batizado, por intermédio do Espírito Santo, de judeus e de gentios em um corpo, a Igreja (1 Co 12:13). A permissão de que o pão tivesse fermento ilustra que há pecado na igreja hoje. Pela graça de Deus, virá o dia em que não haverá fermento em meio ao seu povo! Observe também que os sacerdotes apresentam os pães, e não molhos, ou feixes, de grãos, pois agora os crentes unem-se em Cristo por meio do Espírito Santo. Depois do Pentecostes temos um longo intervalo em que não há festas. Há três festas no primeiro mês e três no sétimo e, entre estas, o Pentecostes. Esse longo intervalo fala da presente era, a era da igreja. Israel rejeitou seu Cordeiro e não pode receber o Espírito até que aceite seu Messias; e Israel espalhou-se pelo mundo. Agora, não há templo, nem sacerdócio, nem sacrifício, nem rei. Que futuro espera Israel? Veremos isso nas próximas três festas.

V. Festa das Trombetas (23:23-25)

Israel, como nação, recebeu instruções por meio de sinais dos sacerdotes tocando trombetas (Nm 10). A Festa das Trombetas ilustra a reunião de Israel, quando Deus soa a trombeta, chama-o dos confins da terra. Leia Isaias 27:12-13 e as palavras de Cristo em Mateus 24:29-31.

É claro que aqui há uma aplicação para a igreja, pois nós esperamos o soar das trombetas no ar para anunciar o retorno de nosso Senhor (1 Co 15:52ss; 1 Ts 4:13-18). Os judeus soaram as trombetas para reunir a assembléia, e nosso Senhor fará isso quando for reunir seus filhos. Os judeus também soavam as trombetas para a guerra, e, de novo, Cristo, quando tirar seus filhos da terra, declarará guerra às nações.

VI. Dia da Expição (23:26-32)

Já falamos desse dia nas observações a respeito de Levítico 16—17. No fim, quando Deus reunir os judeus, revelará Cristo para eles, e “Eles verão aquele a quem traspassaram”. Zacarias 12:10—13:1 descreve o futuro Dia da Expição de Israel. Leia esses versículos com atenção. Será um dia de pesar pelo pecado, de purificação por meio do sangue do Cordeiro. Algumas pessoas justapõem o Dia da Expição ao tribunal de Cristo, em que os santos de Deus prestarão contas das obras que fizeram no corpo. Entretanto, ele aplica-se principalmente à nação de Israel. Com certeza, no tribunal de Cristo,

a igreja será purificada de toda contaminação e embelezada para o casamento do Cordeiro.

VII. Festa dos Tabernáculos (23:33-44)

Durante sete dias, os judeus deviam viver em tendas a fim de lembrar-se da provisão e da proteção de Deus quando estavam no deserto. Contudo, também há uma Festa dos Tabernáculos por vir para Israel que acontecerá quando o Rei for recebido, e a nação restaurada. Para mais detalhes, leia Zacarias 14:16-21. Portanto, essa festa fala do futuro Reino milenar que Deus prometeu aos judeus. Essa festa acontece depois da colheita (v. 39), o que nos mostra que Deus reunirá toda a sua colheita antes de Cristo estabelecer seu reino terreno. Essa era uma festa de regozijo, não de pesar; e certamente os céus e a terra se regozijarão quando Cristo reinar de Jerusalém. Esse capítulo é a “agenda profética” de Deus, e nós não sabemos quando as trombetas soarão. É muito importante que estejamos prontos para o soar das trombetas e a vinda do Senhor!

LEVÍTICO 25

O sistema econômico de Israel baseava-se em três princípios fundamentais: (1) a terra pertencia a Deus, e ele tinha o direito de controlá-la (v. 23); (2) o povo pertencia a Deus, porque ele o libertara da escravidão do Egito (vv. 38,42,55); e (3) os judeus eram uma família (“teu irmão”) e deviam cuidar uns dos outros (vv. 25,35-36,39,49). Josué e o exército judeu conquistaram a terra de Canaã, mas Deus determinou a herança deles (Js 13—21). O povo habitaria na terra e desfrutaria de seus frutos, mas Deus era dono dela e determinava como seria usada.

Esse capítulo foca estes três tópicos relacionados à economia da nação.

I. O ano sabático (25:1-7,18-22)

O calendário judeu do Antigo Testamento funcionava em uma série de “setes”. O sétimo dia da semana era o sábado (ou *shabbath*). Sete semanas depois da Páscoa era Pentecostes, e o sétimo mês do ano traz a Festa das Trombetas, o Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos. A cada sete anos, acontecia o “ano sabático”, e depois de sete anos sabáticos acontecia o Ano do Jubileu.

O ano sabático foi a forma de Deus permitir que a terra descansas-

se e restaurasse sua produtividade. Nesse ano, o povo não podia ter a colheita regular, mas qualquer pessoa podia comer os frutos dos campos e dos pomares. Deus prometeu fornecer uma safra abundante no sexto ano, portanto observar o Ano Sabático era realmente um teste de fé para as pessoas. Era também uma expressão do amor do Senhor pelos pobres da terra (Êx 23:10-12). De acordo com Deuteronômio 15:1-11, deviam-se cancelar todas as dívidas ao final do sétimo ano. Os servos judeus deviam servir apenas por seis anos (Êx 21:2), e encorajava-se o povo judeu a ser especialmente generoso com o pobre.

O ano sabático era um período de descanso para a terra, para o povo e para os animais que trabalhavam na terra. Para os que estavam em dificuldades financeiras, era uma oportunidade de terem um novo início. Infelizmente, não há evidências de que a nação sempre obedeceu fielmente a essa lei (2 Cr 36:21). Com frequência, os profetas condenavam os líderes judeus e os ricos pelo tratamento desumano que dispensavam aos pobres. Se tivessem observado a lei do ano sabático, o pobre não perderia suas terras, e o rico não acumularia tantas posses. A economia poderia não ser perfeita, mas seria muito mais equilibrada.

A cada ano sabático, durante a Festa dos Tabernáculos, os sacer-

dotes deviam ler e explicar o livro de Deuteronômio para o povo (Dt 31:9-13). Era algo como uma semana de conferência bíblica em que o povo era lembrado do que Deus fizera por ele e do que ele queria em troca. Precisa-se ensinar a Palavra de Deus a seu povo, pois toda geração nova ainda não a aprendeu, e as gerações antigas precisam lembrar-se dela.

II. O Ano do Jubileu (25:8-17,23-24)

A palavra "jubileu" deriva-se da palavra hebraica *yobel*, que significa "chifre de carneiro". Anunciava-se esse ano especial com o soar de trombetas no Dia da Expição. Assim, o ano iniciava-se com jejum e arrependimento, pois nesse dia a nação confessava seus pecados ao Senhor (Lv 16).

Durante esse ano, a pessoa recuperava a terra que fora vendida. Assim, a terra não saía da família, ou clã. Em qualquer compra de propriedade judaica, calculava-se o preço até o próximo Ano do Jubileu, quando a terra voltaria para o proprietário original. Nesse cálculo, o fator principal era quanto alimento ela poderia produzir nesse período. A terra, como no ano sabático, deveria descansar no Ano do Jubileu. As pessoas tinham de confiar na provisão de Deus para o ano sabático (o 49º), para o Ano do Jubileu (50º) e para o 51º ano, quando po-

deriam semear de novo. Não haveria colheita até o ano seguinte.

A terra não era propriedade das pessoas, portanto elas não podiam vendê-la em caráter permanente. Deus dera-lhes a terra (Gn 12:1-3; 15:7; 17:8; Dt 5:16) e permitira-lhes usá-la, mas ele sempre teria o controle dela. As pessoas deviam andar em temor a Deus e não deviam usar a riqueza para oprimir umas às outras.

Nesse ano especial, libertavam-se os escravos, e, assim, eles reintegravam-se a suas famílias. O "Sino da Liberdade", na Filadélfia, tem uma gravação com a frase "Proclamareis liberdade na terra a todos os seus moradores" (v. 10).

O Ano do Jubileu relaciona-se à era do Reino em que Jesus Cristo reinará em glória e cumprirá as promessas feitas ao povo judeu. Leia Isaías 61 e veja o que Deus planejou para a nação de Israel. Em um sentido espiritual, o Ano do Jubileu também retrata nossa vida cristã (Lc 4:16-21, que é uma citação de Is 61:1-2). Aquele sábado (ou *shabbath*), na sinagoga de Nazaré, Jesus terminou sua leitura do Antigo Testamento com "o ano aceitável do Senhor" (Lc 4:19), que se refere ao Ano do Jubileu. Ele não leu "o dia da vingança do nosso Deus" (Is 61:2), pois esse dia não chegará até que Deus termine seu programa atual de "constituir [...] um povo para o seu nome" (Lc 15:14).

III. O cuidado com o pobre (25:25-55)

Aplicava-se essa lei independentemente de ser ano sabático ou Ano do Jubileu. Os versículos 25-28 estabelecem os princípios gerais e, depois, apresentam-nos sua aplicação a situações específicas. A pessoa que vende a propriedade por causa de dificuldade financeira pode readquiri-la a qualquer momento ou um irmão pode fazer isso por ela. Contudo, estabelece-se o preço conforme o número de anos que faltam para o Ano do Jubileu.

A. A casa na cidade (vv. 29-34)

Essa era uma propriedade muito valiosa por causa da segurança que a cidade murada fornecia. Por essa razão, o vendedor tinha apenas o prazo de um ano para comprá-la de volta. Depois desse período, o proprietário poderia ficar com a propriedade pelo tempo que quisesse; e ela não voltaria para o proprietário original no Ano do Jubileu. Entretanto, essa regra não se aplicava às casas dos levitas. Pois o levita dava sua propriedade ao Senhor. Veja Atos 4:34-37.

B. O irmão pobre (vv. 35-46)

Os judeus não deviam oprimir nem tirar vantagem uns dos outros em assuntos financeiros. Se emprestavam dinheiro, não deviam cobrar juros; se vendiam alimento, não deviam ter lucro exorbitante. Veja

Neemias 5. O judeu não devia tratar como escravo o irmão judeu que trabalhava para ele como servo a fim de pagar uma dívida, e no Ano do Jubileu esse servo deveria ser libertado.

C. O parente redentor (vv. 47-55)

Em Rute, encontramos a melhor ilustração dessa lei, quando Boaz resgata Rute, Noemi e a propriedade delas. O redentor resgatava os parentes ao pagar a dívida deles e ao recuperar a terra para eles. O "redentor" tinha de ser um parente próximo que pudesse resgatar e quisesse fazer isso. O parente pobre ficava livre da servidão e da dívida. O parente redentor é um retrato de nosso Senhor Jesus Cristo, que se tornou nosso "parente próximo" ao vir como homem (Fp 2:1-11; Hb 2:9-18) e pagar o preço da nossa redenção ao morrer na cruz. Ele era tanto capaz de salvar como estava disposto a isso.

Devemos mencionar que o sistema econômico de Israel não era uma forma de comunismo. As pessoas tinham propriedades particulares que podiam comprar e vender, mas a terra pertencia a Deus, e ele não permitia que fosse vendida em caráter permanente. O ano sabático e o Ano do Jubileu, se fossem obedecidos, impediriam que o rico se tornasse mais rico, e, dessa forma, o pobre se tornasse mais pobre. Contudo, os

judeus não obedeceram a essas leis, e o resultado foi trágico. Eles também aprovaram leis que favoreciam o rico e tiranizavam o pobre, e Deus julgou-os por isso. Veja Isaías 3:12-15 e 10:1-3; Amós 2:6-7 e 5:11.

Por fim, essas leis especiais mostram a preocupação de Deus com a terra. A terra restaurava sua produtividade e aumentava de valor

porque descansava a cada sete anos e dois anos seguidos no Jubileu. Claro que é necessário ter fé para fazer isso; no entanto, Deus prometera suprir as necessidades deles. Afinal de contas, o alimento que ingerimos vem da mão de Deus, não do supermercado; e todos nós precisamos orar: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" (Mt 6:11).

NÚMEROS

Esboço

- I. A antiga geração posta de lado (1—20)
 - A. Recenseamento (1—4)
 - B. Diretrizes (5—10)
 - C. Castigos (11—12)
 - D. Condenação (13—20)

- II. A nova geração separada (21—36)
 - A. Jornada (21—25,33)
 - B. Recenseamento (26—27)
 - C. Ofertas (28—30)
 - D. Divisão da herança (31—36)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

O livro recebeu esse nome por causa dos dois recenseamentos de homens de combate nos capítulos 1—4 e 26—27. Fizeram o primeiro censo no segundo ano após a nação deixar o Egito, e o segundo, 38 anos depois, quando a nova geração estava para entrar em Canaã. Esses recenseamentos não se referem à nação toda, mas apenas aos homens capazes de combater. O primeiro censo revelou que havia 603.550 homens disponíveis, e o segundo, que havia 601.730.

II. Tema

No Antigo Testamento, Números é o livro do deserto. Ele descreve o fracasso da nação em Cades-Barnéia e seu andar errante pelo deserto até que a antiga geração incrédula morresse. Alguém descreveu o errar de Israel pelo deserto como “a mais longa marcha fúnebre da história”. Deus, da antiga geração, permitiu a entrada em Canaã apenas de Calebe e Josué, porque confiaram no Senhor e se opuseram à decisão da nação de voltar para Cades-Barnéia. Até mesmo Moisés foi proibido de entrar na terra prometida por causa de seu pecado, quando feriu a pedra, em vez de falar a ela.

III. Lição espiritual

Como Hebreus 3—4 e 1 Coríntios 10:1-15 explicam, o livro de Números tem uma importante lição espiritual para os cristãos de hoje. Deus honra a fé e pune a incredulidade: os israelitas não confiaram na Palavra de Deus. Em Cades-Barnéia, duvidaram da Palavra de Deus e perderam o direito à herança. Eles, em vez de tomar posse de Canaã por meio da fé, andaram errantes pelo deserto em descrença. Hoje, muitos cristãos estão “a meio caminho” em sua vida espiritual. O sangue do Cordeiro libertou-os do Egito, mas ainda não tomaram posse de sua herança em Cristo. Canaã não é um retrato do céu. Antes, é uma imagem de nossa herança espiritual em Cristo (Ef 1:3), uma herança que devemos reclamar por meio da fé. Canaã era uma terra de lutas e de bênçãos, como é a vida cristã hoje. Infelizmente, muitos cristãos vão ao local da decisão (o Cades-Barnéia deles) e não conseguem tomar posse de sua herança por meio da fé! Eles, em vez de ser conquistadores (como descrito em Josué), tornam-se errantes (como descrito em Números). Sim, eles são salvos, mas fracassam em cumprir o propósito de Deus para a vida deles. Eles não confiam em Deus para vencer os gigantes, para derrubar os muros e para dar-lhes a herança que ele lhes prometera. Eles não atravessam o rio Jordão (um retrato da morte do

“eu”) e não dão o passo de fé a fim de reivindicar o que Cristo lhes prometera.

É interessante observar que a nação não cresceu enquanto foi errante no deserto. Na verdade, o segundo censo mostra que havia 1.820 homens de combate a menos. A nação desperdiçou 38 anos, padeceu aflições desnecessárias, não cresceu e não honrou a Deus duran-

te todo o tempo em que esteve em sua “marcha fúnebre”. Isso é o que a descrença faz com os cristãos. Ela desperdiça tempo, esforço, energia e não traz bênção verdadeira. Como é triste quando as igrejas não aceleram o passo de fé e, em consequência disso, começam a degenerar espiritual, numérica e materialmente. Que Deus possa ajudar-nos a crer em sua Palavra!

NÚMEROS 9–12

Esses capítulos descrevem algumas experiências que a nação de Israel teve no deserto, e nelas vemos as experiências dos cristãos de hoje.

I. Deus guia seu povo (9—10)

A. Ele dá sabedoria para resolver problemas (9:1-14).

Esse é o segundo ano depois da maravilhosa libertação de Israel do Egito, e a nação devia celebrar a Páscoa. Essa festa é um lembrete constante de que os israelitas deviam sua libertação ao sangue do cordeiro e ao poder de Deus. Todas as bênçãos que recebiam vinham por meio do sangue, da mesma forma que acontece com a igreja hoje (Ef 1:3ss). Entretanto, alguns homens estavam cerimonialmente imundos por terem tocado um cadáver e precisavam conhecer a mente de Deus para saber se podiam participar da festa. Moisés, graciosamente, admitiu que não sabia a resposta, mas que perguntaria ao Senhor. Veja Tiago 1:5. O Senhor permitiu que esses homens celebrassem a festa depois, no segundo mês, o que mostra que mesmo na rígida Lei de Moisés havia liberdade quando as circunstâncias assim o exigiam (veja 2 Cr 30:13-15). É interessante lembrar

que quando, na Páscoa, Nicodemos e José descem o corpo de Jesus da cruz, eles macularam-se e não puderam participar da festa (Jo 19:38-42). Entretanto, eles encontraram salvação em Cristo, o verdadeiro Cordeiro de Deus.

B. Ele orienta nosso caminhar diário (9:15-23)

Antes, em Êxodo 13:21-22, vimos a nuvem que guiava o povo do Senhor. É encorajador saber que o mesmo Deus que nos salva e nos guarda também nos guia em nossa jornada. Deus queria guiar a nação ao local da sua bênção, mas a descrença deles impediu-o de fazer isso. É provável que a coluna de nuvem e de fogo simbolize a Palavra de Deus, que é nossa conselheira e guia na vida presente. O Espírito, ao usar a Palavra, guia-nos: “sempre [...] de dia [...] e de noite” (v. 16). Seria tolice, na verdade bem perigoso, que o acampamento ou qualquer parte dele se movesse sem a orientação de Deus. Os judeus eram um povo peregrino que vivia em tendas e tinha de estar pronto para mover-se a qualquer momento. O versículo 22 deixa claro que a orientação de Deus está além da previsão humana: às vezes, a nuvem tardava alguns dias; às vezes, um mês; e, às vezes, um ano. Algumas vezes, Deus os levava durante o dia e, outras vezes, à noite (v. 21).

Contudo, isso não fazia diferença, já que Deus os orientava.

C. Ele adverte-nos quando precisamos (10:1-10)

As duas trombetas são feitas de prata (metal que simboliza redenção) e eram usadas para a convocação da assembléia e para a partida do acampamento. Os sacerdotes e os levitas viviam muito próximos do tabernáculo e eram os primeiros a ver a nuvem se movendo. Era responsabilidade deles avisar o acampamento. Ao ler esses versículos, vemos que usavam as trombetas para vários outros objetivos: para reunir o acampamento à porta do tabernáculo (vv. 3,7); para convocar os líderes das tribos (v. 4); para alertar tanto em relação à guerra quanto à partida do acampamento (vv. 6,9); e para anunciar os dias especiais, a mudança de lua, etc. (v. 10). É interessante que associem a trombeta a Israel e à igreja. Ao som da trombeta se dará o arrebatamento da igreja, quando Deus chamará seu povo celestial (1 Co 15:51-53, 1 Ts 4:16-17; veja também Ap 4:1). Ele também usará a trombeta para reunir o Israel espalhado pelo mundo (Mt 24:31; e veja a Festa das Trombetas em Lv 23:23-25).

D. Ele guia seu povo de forma ordenada (10:11-28)

Cada tribo acampava em lugar es-

pecífico à volta do tabernáculo, e cada seção movia-se ao comando da trombeta.

E. Ele não precisa da sabedoria mundana (10:29-36)

Hobabe era cunhado de Moisés; Reuel era sogro de Moisés, também chamado de Jetro (veja Êx 2:18-21 e 3:1). Deus prometera guiar seu povo, mas Moisés queria apoiar-se em braço de carne.

II. Deus castiga seu povo (11—12)

Depois das evidências incríveis do amor de Deus apresentadas nos capítulos 9—10, é surpreendente vermos que o povo se queixa. Embora faça parte da natureza humana, fracassamos em agradecer o que Deus faz por nós.

A. O povo se queixa, e Deus manda fogo para castigá-lo (11:1-3)

O mesmo povo que se queixa, implora por ajuda a Moisés, e este é benevolente o bastante para orar por ele. Taberá significa “queima”. É uma coisa séria queixar-se contra Deus.

B. O povo tem desejo, e Deus fornece carne a ele (11:4-35)

Um “misto de gente” viajava com Israel, mas o coração dele, como o dos membros mundanos da igreja de hoje, ainda estava no Egito. Em vez de as pessoas lembrarem-se da

bondade de Deus, lembravam-se das coisas carnis do Egito! E se queixavam do maná celestial, que Deus lhes dava todos os dias. O versículo 8 indica que as pessoas faziam o que podiam para melhorar o maná, pois o moíam, o amassavam e o cozinhavam. Elas não podiam fazer com que o pão de Deus tivesse o sabor do alimento do Egito, mas o problema estava no apetite delas, não no pão de Deus. Êxodo 16:31 diz que o maná tinha sabor de mel, mas o versículo 8 afirma que, quando os judeus tentaram "melhorar" o maná, ele ficou com sabor de azeite!

O desencorajamento dos líderes foi um dos tristes resultados da carnalidade do povo de Deus (v. 10ss). Agora, o próprio Moisés queixa-se a Deus! Observe com que freqüência ele usa as palavras "eu", "meu" e "mim" em suas orações, pois a preocupação dele era com ele mesmo, não com a glória do Senhor. Moisés deveria saber que o mesmo Deus que os libertara, os guiara e provera para eles lhes daria carne no deserto; mas, como acontece com freqüência, a oração autocentrada matou sua fé. Por fim, Moisés estava quase desistindo: "Eu sozinho não posso levar todo este povo, pois me é pesado demais" (v. 14). Veja, em Êxodo 18:18, o que seu sogro lhe disse a respeito disso. É claro, Moisés, por si mesmo, não era capaz de conduzir Israel, mas, com a

orientação de Deus, ele podia fazer o impossível. Contudo, Moisés estava tão desencorajado que até pediu para morrer!

Deus atendeu às duas necessidades: deu a Moisés 70 anciãos para ajudá-lo em seu trabalho e deu aos judeus a carne pela qual suspiravam. Entretanto, observe que, nos dois casos, a resposta de Deus teve um custo alto. Deus pegou o mesmo Espírito que capacitara Moisés e deu-o aos 70 anciãos que o ajudariam, mas o Espírito não poderia dar a Moisés todo o poder de que necessitava para seu trabalho? E as pessoas que comeram a carne morreram de uma grande praga no momento em que a comeram (Sl 78:25-32; 106:13-15). Às vezes, Deus responde às nossas orações, e achamos que a resposta não é de forma alguma uma bênção! Observe que, nos versículos 26-30, Moisés mostra que não tem ciúmes dos dois homens capacitados a profetizar pelo Espírito. Essa é a marca de um grande homem. Com certeza, Moisés teve seus dias de desencorajamento, mas ele era um homem de Deus, apesar de suas falhas.

No versículo 31, vemos que as codornizes vieram do mar e voaram a cerca de 1,32 metro acima da face da terra, perto o suficiente para que os judeus as pegassem. As pessoas gastaram dois dias e uma noite juntando as codornizes; con-

tudo, quantas delas foram fiéis em recolher o maná celestial? O nome "Quibrote-Hataavá" significa "sepultura de luxúria". "A mentalidade da carne é morte" (Rm 8:6, NVI).

C. Os líderes criticam, e Deus disciplina-os (cap. 12)

Arão, sumo sacerdote, e Miriã, profetisa (Êx 15:20-21), eram líderes em Israel junto com seu irmão Moisés. A causa aparente da discussão deles foi a esposa de Moisés, que era cuxita (etíope e, portanto, gentia). Contudo, a causa verdadeira foi o ciúme que sentiam por causa da liderança de Moisés (v. 2). Moisés, ao recusar-se a discutir com eles, provou sua mansidão (humildade) e deixou sua causa nas mãos de Deus. O Senhor prometera defender seus

servos (Is 54:17). Aparentemente, Miriã comandava a discussão, pois ela ficou leprosa, e seu pecado atrasou a marcha do acampamento em sete dias. Arão confessou sua culpa, e Moisés orou por sua irmã Miriã, uma evidência de amor e humildade verdadeiros. É muito sério quando um líder sente ciúmes de outro, pois seu pecado afeta toda a congregação.

Não sabemos se essa esposa é uma nova esposa ou Zípora, esposa de Moisés de anos anteriores. Moisés pode ter-se casado pela segunda vez, contudo não há evidência em nenhuma passagem de que Zípora tivesse morrido. No versículo 8, observe que a expressão "de vista" (ARC) significa "claramente"; Deus fala "boca a boca" com Moisés.

NÚMEROS 13-14

Hebreus 3-4 é o comentário do Novo Testamento desses capítulos. O pensamento-chave é que a descrença tira-nos a bênção. Repare nas evidências da descrença da nação e dos líderes.

I. O envio de espiões (13:1-27)

Leia Deuteronômio 1:20-23, em que Moisés deixa claro que o envio de espiões era desejo do povo, não uma ordem do Senhor. Deus permitiu esse plano a fim de mostrar aos israelitas como era realmente o coração deles. O Senhor já lhes contara muitas vezes como era a terra de Canaã, que nações havia lá e como ele eliminaria os inimigos deles e lhes daria a herança prometida; portanto, qual a necessidade de enviar homens para espiar a terra? É triste constatar que a natureza humana prefere caminhar pela visão, não pela fé.

Os espiões examinaram a terra e até trouxeram alguns de seus frutos maravilhosos, mas também trouxeram um relato ruim que desencorajou o coração das pessoas. Ninguém na nação, exceto Moisés, Calebe e Josué, acreditou que Deus cumpriria sua promessa! Os dez espiões descrentes representam muitos cristãos de hoje: eles “espionam” sua herança em Cristo e até experimentam alguns dos frutos da bênção dele, mas a descrença im-

pede-os de entrar na posse da herança por meio da fé.

É interessante notar a “promoção” de Josué. Números 11:28 citava-o como “servidor de Moisés”; no fim, ele tornou-se sucessor de Moisés (Js 1). Em Êxodo 17:8-16, o vemos como soldado; Êxodo 24:13 mostra-o com Moisés no monte Sinai; em Êxodo 33:11, ele é o responsável pela tenda de encontro; e em Números 13, ele é um dos espiões. Josué, por causa de sua fidelidade em qualquer tarefa que Deus lhe deu, progredia de uma responsabilidade a outra.

II. A recusa em entrar na terra (13:28-33)

Os dez espiões descreveram as glórias da terra e, depois, acrescentaram: “[...], porém”. Em geral, essa conjunção indica descrença. O povo era forte, as cidades eram fortificadas, e havia gigantes na terra. Os israelitas viram os gigantes e, a si mesmos, viram como gafanhotos —, mas não viram Deus. Eles tinham os olhos voltados para os obstáculos, não para o Senhor que os guiara até lá. Calebe mostrou verdadeira fé quando disse: “Prevaleceremos”. Os dez espiões, em vez de relatar as bênçãos da terra, enfatizaram as dificuldades e fizeram um “relato ruim” da terra santa de Deus. A descrença sempre vê os obstáculos; a fé sempre vê as oportunidades.

A recusa em entrar na terra simboliza a recusa dos crentes em tomar posse da herança em Cristo (Hb 3-4). Os cristãos que duvidam vêem problemas e obstáculos e perambulam desassossegados, cegos para bênçãos que recebem, em vez de repousarem totalmente em Cristo e confiarem nele para todas as suas necessidades.

III. A rebelião contra seus líderes (14:1-39)

Em Êxodo 15, vemos Israel cantando grande vitória, mas aqui ele chora de frustração! Ele esquecera seu cântico? Veja Êxodo 15:14-18. Será que os israelitas tinham esquecido tudo que Deus fizera por eles nesses dois últimos anos? Eles viram a glória e o poder dele, contudo agora o punham à prova com sua atitude de rebelião e descrença (vv. 22-23).

Deus esperou até o povo expressar o desejo de substituir Moisés e voltar ao Egito. Depois ele começou a agir. Calebe e Josué perceberam que a reação da nação não era nada além de rebeldia (v. 9). De repente, a glória de Deus surge, e ele fala com Moisés.

A. A oferta de Deus (vv. 11-12)

Deus desejava destruir a nação toda e fazer uma nova nação a partir da família de Moisés, contudo Moisés recusou essa oferta. Que humildade e amor! Tenha certeza, Moisés

sabia que seus descendentes não seriam nem um pouco diferentes da nação que ele liderava agora, pois “toda carne é como a erva”. Veja Êxodo 32:10, em que Deus faz uma oferta semelhante.

B. A intercessão de Moisés (vv. 13-19)

Moisés, pouco tempo antes, reclamava porque o povo era um fardo e agora ele suplicava em favor dele. Ele tinha o coração de um verdadeiro pastor — amava seu povo e orava por ele. Observe que Moisés lembra o Senhor de suas promessas e realizações: era a glória de Deus que estava em jogo! Moisés também lembra o Senhor de sua misericórdia e perdão (veja Êx 33:18-23 e 34:5-9). Nessa cena, Moisés é um retrato de Cristo, o qual se dispôs a desistir da própria vida para salvar-nos.

C. O julgamento de Deus (vv. 20-39)

Deus, em sua graça, perdoou o pecado do povo, mas ele, em seu governo, tinha de permitir que o pecado produzisse seu fruto amargo (veja 2 Sm 12:13-15). Primeiro, o Senhor atendeu ao pedido do povo ao anunciar que este morreria no deserto (vv. 2,28-30). Apenas Calebe e Josué foram excluídos desse julgamento por causa da fé e da fidelidade deles. O povo afligia-se com seus pequeninos, contudo seriam as próprias crianças que viveriam e entrariam na terra. Como os homens

espionaram a terra durante 40 dias, Deus determinou que os judeus errariam durante 40 anos no deserto enquanto morriam um a um. Que contraste com a igreja hoje: quando o último judeu descrente morresse, a nação entraria em Canaã; contudo, quando o último pecador descrente entrar no corpo de Cristo, a igreja deixará este mundo e tomará posse de sua herança! Por fim, os dez espiões que trouxeram o relato ruim morreram de imediato por causa de uma praga (v. 37).

Não há perigo de incorrerem em exagero quando enfatizamos que Deus honra a fé e julga a descrença. A fé leva à obediência e glorifica o Senhor; a descrença leva à rebelião e à morte. Temos a Palavra de Deus cheia de suas promessas e garantias. Não há motivo para que qualquer um de nós erre em descrença quando podemos caminhar em vitória, desfrutando as riquezas espirituais que temos em Cristo.

IV. A tentativa de combater sem Deus (14:40-45)

Como a natureza humana é inconstante! Um dia, a nação chorava por causa de sua condição; no dia seguinte, tentava temerariamente realizar a obra de Deus distante da vontade e da bênção dele. Os israelitas, como tinham confessado o pecado,

pensavam que Deus poderia mudar sua mente e dar-lhes vitória. Moisés advertiu-os, mas eles ignoraram sua advertência, o que provava que não caminhavam pela fé no poder do Espírito. Como Pedro esclareceu, a carne sempre é autoconfiante e auto-suficiente (Lc 22:31-54).

Os homens avançaram até o topo do monte, e o inimigo derrotou-os. A aventura toda foi “presunção” da parte deles, pois eles estavam vivendo de acordo com as probabilidades, não pela fé. O Senhor não estava com eles, apesar do aparente arrependimento e fervor deles. Nunca fazemos nada pela fé se isso contraria a Palavra de Deus. Hoje, muitos cristãos constataam suas faltas e tentam compensá-las com atividades carnis que levam apenas ao desencorajamento e à derrota. Os israelitas podiam apenas aceitar o julgamento de Deus e entregar-se à vontade dele. Seria muito melhor errar pelo deserto de acordo com a vontade do Senhor que lutar uma batalha perdida em desacordo com a vontade dele.

Esses dois capítulos enfatizam, mais uma vez, a importância da fé. A fé não é cega, ela fundamenta-se em todas as promessas e garantias da Palavra de Deus. “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração” (veja Hb 3:7-8).

NÚMEROS 16-17

Judas 11 menciona a “revolta [falar contra] de Corá” como uma das marcas dos falsos mestres no fim dos tempos; e hoje, com certeza, vemos uma rebelião combinada contra a autoridade de Moisés e o sacerdócio de Arão (a forma da salvação de Deus pelo sangue). Fica evidente que Corá é primo de Moisés (Êx 6:21), o que torna a rebelião ainda mais séria.

I. Corá desafia Moisés e Arão (16:1-18)

Corá era um levita que estava insatisfeito em ajudar no tabernáculo; ele também queria servir como sacerdote (v. 10). Essa atitude era uma rebelião direta contra a Palavra de Deus transmitida por Moisés, já que o Senhor fizera as nomeações para o tabernáculo. Corá, não contente em rebelar-se sozinho, reuniu 250 príncipes de Israel, homens muito conhecidos (provavelmente a maioria deles era levita), como também três homens da tribo de Rúben, o primogênito de Jacó. Os rebeldes, em nome, em número, em unidade e em atitude, pareciam ter um caso forte contra Arão e Moisés. Parece que Corá e seus seguidores desafiaram Arão, enquanto Datã, Abirão e Om (como descendentes de Rúben, o primogênito) questionaram a autoridade de Moisés. No entanto, eles estavam unidos nessa conspiração.

Raramente, os rebeldes fornecem as razões verdadeiras para seu ataque; no versículo 3, os homens argumentam que toda a nação era um “reino de sacerdotes” (Êx 19:6), e, portanto, Moisés e Arão não tinham o direito de assumir a liderança. É claro que essa rebelião baseava-se em aspiração egoísta e inveja. Esses homens queriam exaltar a si mesmos diante da congregação. Com certeza, toda a nação era santa para Deus, mas ele, conforme sua vontade, pôs algumas pessoas em posição de liderança. Isso também é verdade para a igreja hoje. Todos os santos são amados por Deus, mas ele deu a alguns dons e posição espirituais para o trabalho de ministro (Ef 4:15-16; 1 Co 12:14-18). Somos encorajados a procurar “os dons espirituais” (1 Co 14:1), mas não a cobiçar a posição espiritual de outra pessoa. Se um crente quiser um lugar de liderança espiritual, deixe-o provar-se merecedor disso por seu caráter e conduta (1 Tm 3:1ss). A igreja deve prestar atenção à advertência que Paulo faz em Atos 20:28-31.

Moisés e Arão não se defenderam; eles deixaram Deus defendê-los. Moisés instruiu Corá e seus seguidores a levar os incensários (vasos para a queima de incenso) ao tabernáculo, onde Deus mostraria quem tinha razão na disputa. Moisés chamou Datã e Abirão para

que comparecessem, mas eles desafiaram sua autoridade e não obedeceram. No versículo 25, Moisés vai a eles, mas sua visita significou condenação, não bênção. Observe como os homens culpam Moisés por não conseguirem entrar na terra prometida (vv. 13-14), quando a descrença deles mesmos trouxe essa derrota. Rebelar-se contra Moisés significava rejeitar a Palavra de Deus, pois ele era profeta do Senhor; e rebelar-se contra Arão, a rejeição da obra de Deus no altar, a salvação pelo sangue.

II. Deus defende a autoridade de Moisés (16:19-35)

No dia seguinte, Deus entrou e julgou os rebeldes. O fogo procedente do Senhor matou os seguidores de Corá, Datã e Abirão (v. 35), e a terra abriu-se e tragou estes líderes e as posses deles. Números 26:11 conta-nos que a família de Corá não foi destruída. Isso explica por que vemos, na Bíblia, salmos intitulados "Salmo dos filhos de Corá" (Sl 84; 85; 87; 88). Aparentemente, os descendentes de Corá estavam satisfeitos em ser humildes ministros, e não sacerdotes, pois escreveram em Salmos 84:10: "Prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade". Leia a respeito de "tendas da perversidade" em Números 16:26. É trágico quando o pecado de algumas pessoas

causa a morte de muitas outras. Antes do término dessa rebelião, cerca de 15 mil pessoas morreram (veja v. 49). Leia 2 Pedro 2:10-22 para ver a avaliação de Deus em relação às pessoas que "menosprezam qualquer governo" e rebelam-se contra a verdade dele.

III. Deus defende a autoridade de Arão (16:36—17:13)

A. Ao dar o incensário dos rebeldes a Arão (16:36-40)

Moisés disse a Eleazar, filho de Arão, que juntasse os incensários dos rebeldes queimados e os transformasse em lâminas para cobrir o altar de bronze. Quando os adoradores viessem ao altar, veriam as lâminas e lembrar-se-iam de que Deus julga com severidade o pecado da rebelião. Por que esses incensários eram "santos" (santificados)? Porque Deus os usara de uma forma especial para dar uma lição a Israel. Permitir que tratassem os incensários como "lixo" ou utensílios comuns diminuiria o impacto do julgamento.

B. Ao permitir que Arão interceda (16:41-50)

Pensaríamos que a morte de todas essas pessoas espalharia terror e respeito no coração da nação, mas isso não aconteceu. No próprio dia posterior ao ocorrido, toda a congregação rebelou-se de novo! Ape-

nas a graça de Deus pode mudar o coração do ser humano. Nenhuma lei ou julgamento jamais deu um novo coração às pessoas. A congregação reuniu-se contra Moisés e Arão e acusou-os de assassinato, mas Deus defendeu seus servos. Se Moisés tivesse um espírito amargo, permitiria que a praga destruísse o povo. Em vez disso, ele ordenou que seu irmão Arão entrasse em meio à praga com seu incensório para parar o julgamento. Quão pouco as pessoas percebiam o amor e o sacrifício de Moisés por elas. Arão tornou-se literalmente o salvador — ele pôs-se em pé entre os vivos e os mortos e parou a praga. O incensório dele sozinho realizou mais que os 250 incensórios dos rebeldes! Em certo sentido, Arão ilustra a obra de nosso Salvador, pois Cristo deixou o lugar seguro e pôs-se entre os vivos e os mortos e salvou os pecadores da morte.

C. Ao fazer com que o bordão de Arão florescesse (17:1-13)

Agora, Deus estava para declarar de uma vez por todas a autoridade do sacerdócio aarônico. O povo não aprendera a lição, portanto Moisés instruiu cada tribo a trazer um bordão — um galho morto — para ser posto diante da arca do tabernácu-

lo. Deus anunciara que o bordão que florisse indicaria a pessoa que ele escolhera para o sacerdócio. O versículo 8 conta-nos que o bordão de Arão não apenas germinou, mas floresceu e deu fruto! Os outros bordões continuaram mortos, e cada um dos príncipes levou de volta seu bordão morto; o bordão de Arão foi posto no tabernáculo como testemunho da rebelião da nação e da nomeação de Arão como o sumo sacerdote escolhido por Deus.

A germinação do bordão é um belo retrato da ressurreição de Cristo. Deus, por meio da ressurreição, declarou que Cristo é seu Filho e o único Sacerdote que ele aceita. Deus rejeitou todos os outros sacerdócios. Há um Sumo Sacerdote, um sacrifício e apenas um caminho aberto para o céu; leia Hebreus 10. Hoje, temos muitas pessoas como Corá que ousam assumir o sacerdócio, mas não têm autorização celestial.

Nos versículos 12-13, observe que as pessoas ficaram amedrontadas depois dessa demonstração do poder de Deus. O que a morte de quase 15.000 pessoas não pôde fazer, o florescimento silencioso de um galho morto realizou! “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito” (Zc 4:6).

NÚMEROS 20-21

Nesses dois capítulos, temos dois retratos magníficos de Cristo.

I. Cristo, a rocha ferida (20:1-13)

Êxodo 17:1-7 já nos apresentou essa imagem. Em muitas passagens das Escrituras, retrata-se Deus como a Rocha; e 1 Coríntios 10:4 deixa claro que a Rocha de Êxodo e de Números é um retrato de Cristo. As pessoas não vivem sem água, como hoje também não vivemos sem a água da vida (Jo 4:13-14; 7:37-39). Na Bíblia, a água de beber é um símbolo do Espírito Santo que satisfaz nossa sede espiritual. A água de banho retrata a Palavra de Deus que tem poder purificador (Jo 15:3; Ef 5:26).

Nessa passagem, os eventos contrastam com os de Êxodo 17. No relato de Êxodo, Deus disse a Moisés que ferisse a rocha, simbolizando a morte de nosso Senhor na cruz. Mas aqui, ele diz-lhe que fale à rocha, pois Jesus Cristo morreu apenas uma vez. E, agora, tudo que precisamos fazer é pedir, e ele dará seu Espírito Santo (Jo 7:37-39). Moisés não usa seu bordão quando fere a rocha, mas o de Arão. Esse é o bordão sacerdotal da vida (Êx

17:1ss). Eis a explicação de por que Moisés devia falar à rocha, não ferila: Cristo, nossa Rocha, ressuscitou da morte, ele é nosso Sumo Sacerdote vivo e dá-nos as bênçãos espirituais que precisamos quando pedimos a ele. A pessoa não tem de ser salva várias vezes, bem como não é necessário repetir a dádiva do Espírito Santo. Recebemos o Espírito uma vez, quando aceitamos Cristo, e ficamos cheios do Espírito diversas vezes, quando pedimos a Cristo.

No entanto, a principal razão por que Deus julgou Moisés e manteve-o fora da terra prometida é esta: ele exaltou a si mesmo e deixou de glorificar a Deus. Moisés, ao chamar as pessoas de “rebeldes” e ao dizer: “Faremos [Arão e eu] sair água desta rocha?” (v. 10), não dava a Deus a glória devida a seu Nome. Isso foi uma evidência de orgulho e de descrença (v. 12). O ponto mais forte de Moisés era sua mansidão (12:3), contudo foi nisso que ele fracassou. Não há dúvida de que Pedro foi um homem valente, contudo ele fracassou exatamente nesse ponto quando negou o Senhor. A menos que glorifiquemos a Deus em tudo que fazemos, ele lidará conosco, e perderemos a bênção que ele planejou para nós.

II. Cristo, a serpente de bronze elevada (21:1-9)

João 3:14 dá-nos a autoridade para

esse símbolo de Cristo. Observe **como** essa passagem retrata a **salvação** que temos em Cristo.

A. A necessidade

As pessoas pecaram de duas formas: **murmuraram** contra Deus e **contra** Moisés. Por isso, elas estavam **morrendo**. “O salário do pecado **é** a morte” (Rm 6:23). Temos aqui **os** dois aspectos da Lei de Deus: o **comportamento** em relação a Deus e em relação uns aos outros. A **morte** está no mundo, e todos são **condenados** por causa do pecado (Jo 3:16-18). Todas as pessoas nascidas neste mundo foram picadas pela **serpente** causticante do pecado e estão destinadas à morte.

B. A graça de Deus

Deus poderia ignorar a situação de seu povo, pois este merecia morrer, mas ele, em seu amor e graça, providenciou um remédio. No versículo 7, a intercessão de Moisés lembra-nos a oração de Cristo: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34).

C. A outra serpente

Como é estranho que Moisés faça outra serpente, quando foram as serpentes que causaram todos os problemas iniciais! Será que já não havia serpentes suficientes no acampamento? Contudo, a serpente de bronze retrata Cristo, que se

fez pecado por nós (2 Co 5:21). O bronze é o metal que se refere ao julgamento, e Cristo, na **cruz**, sofreu julgamento por nós. Observe que a serpente não era eficaz nas mãos de Moisés ou sobre uma prateleira. Ela tinha de estar levantada — Cristo teve de ser crucificado. Veja João 3:14; 8:28 e 12:30-33.

D. Por meio da fé

O povo orou: “Tire de nós as serpentes”. Contudo, o método de Deus era vencer a picada da morte por meio da fé. A resposta era: “Olhe e viva!”. As pessoas atormentadas não se salvavam ao ignorar as picadas, ao bater nas serpentes, ao usar medicamentos ou ao tentar fugir. A salvação dava-se por meio de olhar com fé para a serpente posta na haste no centro do acampamento (cf. Is 45:22). Note que, de maneira alguma, liga-se para a serpente ao tabernáculo. Nenhum sacrifício poderia salvar as pessoas da morte.

E. A acessibilidade

Não levantaram a serpente em algum canto escondido do acampamento. Penduraram-na no centro do acampamento, onde todos podiam vê-la e, assim, viver. Cristo está acessível hoje; ele não está longe de nós. Para uma instrução mais completa, veja Romanos 10:6-13. O remédio está acessível a todos: “quem quiser receba” (Ap 22:17).

F. A gratuidade

Não custava nada para que os pecadores, que estavam à beira da morte, olhassem e vivessem. Talvez eles não tenham entendido como isso tudo aconteceu e a razão daquilo (e quem entende a salvação?), contudo podiam crer e viver!

G. A suficiência

Uma serpente levantada era suficiente para todo o acampamento. Cristo sozinho é suficiente para nossa salvação; não precisamos de mais nada. Os moribundos não eram salvos ao olhar a serpente e, depois, manter a Lei, ou ao olhá-la e oferecer um sacrifício, ou ao olhá-la e prometer ser melhor. Eles eram salvos apenas pela fé. Cristo é suficiente para cuidar de todas as nossas necessidades agora e para sempre.

H. A cura imediata

A salvação não é um processo; é um milagre imediato que acontece quando o pecador olha para Cristo por meio da fé. Cristo, em sua morte e ressurreição, não nos salva “um pouco de cada vez”. Ele salva de forma instantânea, imediata e completa.

I. O remédio para todos

As pessoas imprudentes dizem: “Como há muitos caminhos que levam a Roma, há muitas estradas para o céu, muitas formas de ser

salvo!”. No acampamento de Israel, havia apenas uma forma de ser salvo, e hoje também há apenas uma forma de ser salvo. Leia João 14:6 e Atos 4:12. A menos que o pecador veja Cristo por meio da fé, ele estará perdido para sempre.

J. A segurança dupla

Como os moribundos sabiam que o remédio funcionaria? Primeiro, eles tinham a garantia da Palavra de Deus. O Senhor prometera que qualquer um que olhasse, viveria. Segundo, eles viam o que acontecia na vida dos outros. Deus não faria uma revelação especial, não mandaria um sentimento especial; o pecador dependia da promessa de Deus.

Tudo isso parece tão tolo para as pessoas do mundo (1 Co 1:18-31). Imagine, olhar para a serpente levantada e ser salvo da morte! Hoje, as pessoas zombam da cruz enquanto tentam matar as serpentes e fabricar novos remédios contra serpentes. Contudo, todos os remédios inventados pelo homem fracassaram em seu intento! Reforma, educação, melhores leis, religião — tudo teve sua vez. E as pessoas ainda morrem em pecado. A única resposta é a cruz de Jesus Cristo, o Salvador levantado.

Em 2 Reis 18:4, relata-se que os judeus preservaram essa serpente de bronze e a transformaram em ídolo.

Isso faz parte da natureza humana, ver a coisa material e ignorar o Deus que merece nossa confiança. Não era a serpente que curava as pessoas, mas o Deus que mandou fazer a serpente. É idolatria adorar e servir “a criatura em lugar do Criador” (Rm 1:25). Ezequias que-

brou a serpente-ídolo em pedaços e chamou-a Neustã — que significa um pedaço de bronze. Perguntamos o que Deus pensa dos milhões de ídolos espalhados pelo mundo, pedaços de madeira ou metal que roubam a fé e a glória que pertencem a ele.

NÚMEROS 22-25

Na Bíblia, poucos homens provocam tantos problemas quanto Balaão. Aparentemente, ele era de uma nação pagã, contudo conhecia o Deus verdadeiro. Ele era um adivinhador e conseguiu predizer o futuro de Israel. Ele escutou a Palavra de Deus e proclamou-a fielmente, contudo torceu-a e levou Israel ao pecado e ao julgamento. Ele era um enigma!

I. Balaão recebe a visita de Balaque (22)

A. A primeira visita (vv. 1-14)

Balaque era rei de Moabe e, aparentemente, aliado, de alguma forma, dos midianitas. Ele vira as conquistas de Israel (Nm 20—21) e temia que seu povo também fosse conquistado. Ele percebeu que a força física nunca venceria os judeus, portanto recorreu ao malogro espiritual ao pagar Balaão para amaldiçoar Israel. Ele ofereceu um bom preço para que Balaão fizesse o serviço, mas o profeta (depois de consultar ao Senhor) recusou-se a fazer isso. Os mensageiros de Balaque voltaram para casa e relataram o fracasso.

B. A segunda visita (vv. 15-41)

Balaque não era de desistir com facilidade. Ele enviou príncipes mais honrados que os primeiros, prome-

teu muita riqueza e honra a Balaão e propôs que o profeta reconsiderasse o assunto. Com freqüência, Satanás faz isso quando tomamos a decisão definitiva de obedecer à Palavra de Deus. Balaão, no fundo de seu coração, queria ir com os mensageiros porque cobiçava o ganho financeiro que teria. Usar a religião como uma forma de adquirir riqueza é o “caminho de Balaão” (2 Pe 2:15-16). Deus permitiu que Balaão fosse com os príncipes, mas ele fez isso apenas para testá-lo (vv. 20-22). Aqui acontece o conhecido episódio do anjo e da jumenta. O anjo põe-se no caminho de Balaão, mas o profeta não o vê! A jumenta o vê e age de forma tão estranha que Balaão a espanca. O comportamento da jumenta devia advertir Balaão, mas ele estava muito atento a sua missão egoísta e não estava sensível à vontade de Deus. Balaão, ao abrir os olhos, vê o anjo e percebe seu erro. Deus diz claramente: “Teu caminho é perverso” (v. 32), portanto não havia motivo para Balaão dizer: “Se parece mal aos teus olhos, voltarei” (v. 34). Balaão brincava com a vontade de Deus a fim de ver até onde podia ir. Deus permitiu que Balaão se encontrasse com Balaque, que lhe deu uma grande festa (no v. 40, “sacrificou” significa “matou, como para uma festa”) e levou-o para ver Israel.

A grande lição aqui é que devemos descobrir a vontade de Deus e

obedecer a ela, independentemente dos desejos pessoais ou das circunstâncias subseqüentes.

II. A visão que Balaão tem de Israel (23—24)

Balaque queria que Balaão amaldiçoasse Israel para, dessa forma, proteger Midiã e Moabe, mas, cada vez que Balaão abria a boca, abençoava Israel, em vez de amaldiçoar.

A. A primeira visão — o chamado de Israel (23:1-12)

Balaão deixa claro que não pode amaldiçoar Israel, porque Deus abençoou esse povo. Ele vê a nação como um povo especial, chamado pelo Senhor e separado das outras nações (Dt 26:18-19; 32:8-9; Lv 20:26). Ele vê o crescimento de Israel (como o pó) e expressa seu desejo de morrer como um judeu reto morreria, na bênção e no favor de Deus. É claro que essa visão desagrada Balaque, que leva Balaão “a outro lugar” em que terá uma vista diferente.

B. A segunda visão — a aceitação de Israel (23:13-30)

Dessa vez, Balaão deixa claro que Deus fala e cumpre sua Palavra. Ele não é como os homens que mudam de idéia e não cumprem suas promessas. Ele anuncia o fato surpreendente de que Deus não vê iniquidade em Israel. Certamente, os judeus

pecavam com freqüência, mas eles, no que dizia respeito à posição de Deus, foram aceitos. Eles libertaram-se do Egito pelo sangue do Cordeiro e eram possessão adquirida pelo Senhor (Êx 19:1-6). Do ponto de vista humano, eles eram falhos, mas, do ponto de vista divino, eram o povo de Deus para sempre. Nessa altura, Balaque estava furioso, mas levou Balaão para olhar Israel de outro lugar.

C. A terceira visão — Israel e Canaã (24:1-9)

Dessa vez, Balaão não usou nenhum de seus encantamentos; em vez disso, o Espírito de Deus veio sobre ele e abriu-lhe os olhos. Essa visão descreve Israel desfrutando suas bênçãos na terra prometida, depois de derrotar as outras nações. Nessa visão, observe a ênfase sobre a água, um item precioso no deserto. Essa visão era mais do que Balaque podia suportar. Ele ameaça Balaão e afirma que “o SENHOR” o impediria de receber riquezas e honra (vv. 10-11). Então, o profeta tem uma quarta visão.

D. A quarta visão — a glória futura de Israel (24:10-25)

Provavelmente, há duas formas de vermos essa mensagem simbólica. Com certeza, o rei Davi ajusta-se à descrição, já que derrotou os moabitas, os edomitas e outros po-

vos (veja 2 Sm 8:2,14). Contudo, o cumprimento máximo está em Cristo, o Messias, a Estrela de Jacó e o Cetro de Israel. Israel dominará quando Cristo retornar e estabelecer o Reino milenar. Os vários inimigos de Israel serão vencidos. Veja Lucas 1:68-79.

Em suas quatro visões, Balaão apresenta uma bonita história de Israel, todo o caminho desde a eleição dele como nação até a exaltação dele no Reino. Claro que podemos transferir essas verdades para os crentes do Novo Testamento: escolhidos por Deus, justificados (para que sejamos aceitos no amado), os quais receberam uma herança magnífica em Cristo e a quem lhes foi prometida a glória futura.

III. A vitória de Balaão sobre Israel (25)

Balaão teria se salvado se tivesse ficado nas visões de Deus, mas ele queria o dinheiro e a honra que Balaque prometera. Assim, ele disse ao rei como vencer Israel. Seu plano era simples: convidar os judeus para participarem das festas sacrificiais pagãs e corrompê-los com idolatria e luxúria. As cerimônias envolvidas na adoração a Baal eram muito pecaminosas, e Balaão sabia que os judeus sentir-se-iam tentados a juntarem-se às mulheres moabitas. Foi exatamente isso que aconteceu. Na verdade, um israelita teve coragem

suficiente para trazer uma mulher pagã para casa, bem à vista de Moisés (v. 6). As mulheres de Moabe e de Midiã conseguiram o que os exércitos de outras nações não puderam fazer. Se Satanás não consegue conquistar o povo de Deus como um leão (1 Pe 5:8), então ele vem como serpente. Acautele-se contra a amizade dos inimigos de Deus! O sorriso deles é uma armadilha.

Finéias, neto de Arão, assumiu uma posição definitiva em favor do Senhor e opôs-se a essa concessão do povo de Deus aos pagãos (2 Co 6:14-18). A praga do Senhor já começara. Quando Finéias matou o homem e a mulher culpados, a praga cessou, mas não antes de 24 mil pessoas morrerem. Veja Números 31:16. Precisamos de mais homens corajosos como Finéias, que se candidatem à separação e à santidade nesta era em que as pessoas dizem aos cristãos que se tornem amigos de seus inimigos espirituais.

É claro que Balaão pensou que os pecados de Israel destruiriam a nação. Esse foi o erro de Balaão mencionado em Judas 11. Hoje, as pessoas olham a igreja e condenam-na por sua desonra, seus enganos e suas máculas, contudo Deus vê sua igreja de um ponto de vista distinto. É verdade, ele pune nossos pecados e disciplina-nos quando desobedecemos, mas ele nunca nos deixará

nem abrirá mão de nós. Balaão não **entendia** esse ato abençoado de **graça**. Apocalipse 2:14 menciona a **doutrina** de Balaão. Ele aconselhou **Balaque** a convidar os judeus a **misturarem-se** com os gentios, a **casarem-se** com as moabitas e a **participarem** de suas festas pecaminosas. **Esse** tipo de "doutrina" nada mais é **que** concessão. É interessante que **a** advertência do Novo Testamento **conste** da carta à igreja de Pérgamo,

pois "Pérgamo" significa "casado". Este é o grande perigo de hoje: os cristãos, individualmente, e a igreja (e as denominações), coletivamente, esquecem seu chamado para ser separados e juntam-se ao mundo. Isso só pode trazer julgamento.

Para outras referências a Balaão, veja Deuteronômio 23:4-5; Josué 24:9-10; Neemias 13:2; Miquéias 6:5; 2 Pedro 2:15-16; Judas 11 e Apocalipse 2:14.

NÚMEROS 33-36

Esses capítulos tratam da determinação da herança das tribos, com os olhos voltados para o momento em que a nação tomaria posse de Canaã. Designam-se as partes das tribos, os levitas e suas cidades especiais e, mais importante, define-se as cidades de refúgio. Estudaremos essas seis cidades de três pontos de vista. (Para conhecer fatos adicionais, leia Deuteronômio 19 e Josué 20.)

I. O sentido prático

A nação não tinha polícia, e os anciãos de cada cidade constituíam a “corte” que julgava os crimes capitais. Se uma pessoa matasse outra por acidente, precisava de algum tipo de proteção, pois se considerava legal que um membro da família da pessoa morta vingasse o sangue do parente morto. Gênesis 9:6 estabelece o princípio da punição capital, que Moisés afirmou em Êxodo 21:12-14. (Entretanto, observe no versículo 13 a sugestão de cidades de refúgio.) Em outras palavras, a pessoa que matasse outra correria risco de vida, porque o “vingador do sangue” (o parente) poderia matá-la antes que o assassino tivesse chance de provar sua inocência.

Números 35:16-23 deixa claro que Deus considera o assassinato (com intenção deliberada) e o ho-

micídio culposo (por acidente) duas coisas distintas. Nas leis modernas, seguimos essa distinção. Quando o assassino tem intenção deliberada de matar, ele tem uma história de ódio com a vítima. Contudo, a pessoa que mata outra por acidente não tem intenção assassina. Ela merece o direito de apresentar seu caso e de salvar sua vida. Esse era o objetivo das cidades de refúgio. O homicida tinha de fugir para a cidade de refúgio mais próxima, em que os anciãos poderiam encontrá-lo, ouvir seu caso e presidir o julgamento. Se eles decidissem que a pessoa era culpada, enviavam-na à autoridade adequada e, depois, matavam-na (Dt 19:11-13). Se ficasse claro que a morte fora acidental, então se autorizava a pessoa a viver na cidade sob a proteção deles, e o “vingador do sangue” não podia tocá-la. Entretanto, se a pessoa deixasse a cidade, poderia ser morta. A pessoa podia voltar a salvo para sua cidade, quando o sumo sacerdote morria.

Observe que o objetivo dessa lei era evitar a profanação da terra (Nm 35:29-34). O assassinato maculava a terra, e o assassino não condenado trazia grande pecado para a terra. Essa lei visava à proteção do inocente e à condenação do culpado. Era uma lei justa. Infelizmente, com frequência, nossas leis hoje são mal aplicadas, e torna-se fácil

para o culpado que saia livre. Não é de espantar que nossa nação esteja manchada de sangue e haja pouco respeito pela lei e pela ordem.

II. O sentido do tipo

Essas seis cidades de refúgio são um belo símbolo de Cristo, em quem “nos refugiamos [...] para tomar posse da esperança a nós proposta” (Hb 6:18, NVI).

A. As cidades eram designadas por Deus

Era um ato de graça, pois todos os homens são pecadores e merecem morrer. Moisés não escolheu as cidades, pois a Lei não pode salvar qualquer um. Essas cidades não eram designadas por sacerdotes terrenos, embora fossem cidades sacerdotais. O coração amoroso de Deus designava as cidades e enviava o Messias. “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3:16).

B. As cidades eram anunciadas na Palavra

Josué 20:7-8 cita o nome das seis cidades, e elas não podiam ser mudadas. O assassino, sob a autoridade da Palavra de Deus, podia entrar na cidade, e ninguém podia impedi-lo de fazer isso! Da mesma forma que acontece com nossa salvação: ela nos é prometida na Palavra, e isso não pode ser mudado. Havia cida-

des maiores e mais proeminentes em Israel, mas nenhuma delas podia abrigar o pecador. Hoje, existem muitas “religiões”, mas há apenas um caminho para a salvação conforme anunciado pela Palavra de Deus — a fé em Jesus Cristo (At 4:12).

C. As cidades eram acessíveis a todos

Se você consultar um mapa da terra santa, verá que as seis cidades estão arranjas de forma que nenhuma das tribos ficasse muito distante do lugar de segurança. Ao norte do lado ocidental do Jordão, ficava Quedes; na área central, Si-quém; e Hebrom, no sul. Do lado oriental do rio (em que Rúben, Gade e Manassés escolheram se estabelecer), estava Golã ao norte, Ramote na parte central e Bezer ao sul. Essas cidades eram acessíveis. Algumas delas estavam localizadas em montes, para que ficassem até mais proeminentes. A tradição diz que os sacerdotes cuidavam para que as estradas de acesso a essas seis cidades estivessem sempre em bom estado, como também eles punham sinalizadores para guiar os fugitivos. Os rabis também dizem que nunca se fechavam os portões dessas cidades. Que imagem de Cristo! Com certeza, o caminho para a cidade é iluminado! Ninguém precisa perguntar-se quem é o Salvador ou como chegar a ele,

pois vamos a ele por meio da fé. Ele nunca rejeitará nenhum pecador (Jo 6:37). Há um ponto de contraste entre as cidades e Cristo: o assassino era admitido na cidade, mas também era investigado. Para nós, não há julgamento, pois já fomos condenados! Veja também João 3:18. Os anciãos da cidade acolhiam a pessoa que não tivesse cometido assassinato, mas Cristo recebe pecadores culpados. Que graça!

D. As cidades eram adequadas para satisfazer o necessitado

Enquanto o assassino permanecesse na cidade, estava seguro. Ele era libertado quando o sumo sacerdote morria. Isso não indica que podemos “deixar Cristo” e perder nossa salvação, pois não construímos nossa doutrina a partir de tipos; antes, interpretamos os tipos com base nas doutrinas. O verdadeiro cristão não perece nunca, mas, quando deixa de “permanecer em Cristo”, ele abre a porta para o perigo espiritual e físico. Nosso Sumo Sacerdote não morrerá nunca, e, porque ele vive, nós também vivemos.

Pondere sobre os nomes das cidades a fim de ver a suficiência de Jesus Cristo para satisfazer todas as nossas necessidades. Quedes significa “retidão”, e essa é nossa primeira necessidade. Quando vamos a Cristo, ele nos dá sua retidão e perdoa todos os nossos pecados

(2 Co 5:21; Cl 2:13). Siquém significa “ombro” e indica que encontramos um local de repouso em Cristo, um amigo a quem podemos entregar nossos fardos. O novo convertido sempre pergunta: “Será que eu consigo agüentar?”. A resposta é: “Ele o segurará!”. Hebrôm significa “comunhão”, indicando nossa comunhão com Deus em Cristo e também com outros crentes. Bezer significa “fortaleza”, o que aponta para a proteção que encontramos em Cristo e a vitória que temos nele. O lugar mais seguro do mundo é a vontade de Deus. Ramote significa “alturas” e lembra-nos que os crentes estão sentados “nos lugares celestiais em Cristo Jesus” (Ef 2:4-10). O pecado sempre leva a pessoa para baixo, mas Cristo levanta-nos, e, um dia, seremos levantados nas nuvens para encontrar o Senhor nos ares! Por último, Golã significa “círculo” ou “completo” e indica que estamos completos em Cristo (Cl 2:9-10). Algumas pessoas dizem que Golã significa “felicidade”, e, com certeza, o cristão é uma pessoa feliz, apesar das provocações e dos problemas da vida.

Observe que se diz ao assassino que fuja para a cidade. A pessoa não pode se dar ao luxo de demorar! E hoje, também, o pecador perdido não pode dar-se ao luxo de demorar a fugir para o único refúgio que existe, Jesus Cristo.

III. O sentido dispensacional

Alguns estudiosos vêem nessas cidades um retrato de Israel e sua rejeição a Cristo. Israel matou Cristo por ignorância e cegueira (At 3:14-17; 1 Co 2:8). Jesus orou: “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23:34). Isso significa que se trata Israel como homicida involuntário, e não como assassino, e que há perdão e segurança para Israel. Entretanto, agora, Israel está “em exílio”, como também estava

o homicida involuntário na cidade de refúgio. Em outras palavras, Deus protege Israel e, um dia, quando esse povo vir seu Messias, o Senhor o apresentará com perdão e bênção (Zc 12:10—13:1).

Pode-se aplicar essa mesma noção a Paulo, culpado de matar outras pessoas (veja 1 Tm 1:12-16). Ele é um “tipo” para os judeus que serão salvos no futuro, pois verão Cristo em glória, da mesma forma que Paulo o viu (At 9).

DEUTERONÔMIO

Esboço

- I. Disposições históricas: Moisés relembra (1—4)
 - A. A tragédia da descrença (1)
 - B. Jornadas e vitórias (2—3)
 - C. Exortação final que eles obedecem (4)

- II. Disposições práticas: Moisés olha o íntimo (5—26)
 - A. Testemunhos (5—11)
 - 1. A proclamação da Lei (5)
 - 2. A prática da Lei (6)
 - 3. A preservação da Lei (7—10)
 - a. Perigos dos de fora (7)
 - b. Perigos dos de dentro (8—10)
 - 4. A exortação final (11)
 - B. Estatutos (12—18)
 - C. Julgamentos (19—26)

- III. Disposições proféticas: Moisés olha à frente (27—30)
 - A. Bênçãos e maldições (27—28)
 - B. Arrependimento e retorno (29—30)

- IV. Disposições pessoais: Moisés olha para o alto (31—34)
 - A. O novo líder (31)
 - B. O novo cântico (32)
 - C. A nova bênção (33)
 - D. A nova moradia (34)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

"Deuteronômio", em grego, significa "segunda lei". O nome desse livro originou-se em Deuteronômio 17:18 e também do fato de que Moisés reafirmava a Lei para a nova geração. Esse livro não contém uma nova Lei; ele é a segunda proclamação da Lei original.

II. Propósito

Moisés reafirmou a Lei nas fronteiras de Canaã por várias razões.

A. Nova geração

A antiga geração (com exceção de Calebe e Josué) morreram no deserto, e a nova geração precisava ouvir a Lei de novo. Todos temos memória curta, e essas pessoas tinham 20 anos, ou menos, quando a nação, décadas antes, enfrentara o fracasso em Cades-Barnéia.

Era importante que elas conhecessem a Palavra de Deus mais uma vez e percebessem como era imprescindível obedecer a Deus.

B. Novo desafio

Até agora, a vida da nação fora instável. Ela era peregrina. Contudo, agora os israelitas estavam para entrar na terra prometida e tornar-se uma nação assentada. Eles pode-

riam ter batalhas pela frente e precisavam estar preparados. A melhor forma de preparar-se para o futuro é entender o passado. Um filósofo famoso declarou: "Aqueles que não lembram o passado estão condenados a repeti-lo". Moisés queria que a nação se lembrasse do que Deus fizera por ela.

C. Novo líder

Moisés estava para morrer, e Josué assumiria a liderança da nação. Moisés sabia que, independentemente de quem fosse o líder humano, o sucesso da nação dependia da obediência a Deus. Se ela crescesse na Palavra e amasse ao Senhor, seguiria Josué e venceria.

D. Novas tentações

Um povo assentado na terra enfrentaria problemas distintos dos de peregrinos no deserto. Moisés queria que os israelitas não apenas possuíssem a terra, mas também mantivessem essa possessão. Assim, ele os advertiu em relação aos perigos e lhes transmitiu a forma de serem bem-sucedidos.

Em Deuteronômio 1:1-3, muitos cristãos, em um sentido espiritual, comportam-se como Israel. Eles foram libertados do Egito, mas ainda não haviam tomado posse de sua herança espiritual. Ficaram "desse lado do Jordão", em vez de na terra prometida de bênçãos. Eles

precisavam ouvir a Palavra de Deus e apressarem-se em tomar posse, por meio da fé, de sua herança em Cristo.

E. Mensagem mais profunda

Ao ler Deuteronômio, não podemos deixar de nos impressionar com a mensagem mais profunda que Moisés transmite em relação à vida espiritual de seu povo. No texto hebraico desse livro, repete-se, pelo menos, 20 vezes a palavra "amor", ênfase que não encontramos de Gênesis a Números. Em Deuteronômio, o novo tema é: "O amor a Deus e o amor de Deus por seu povo" (4:37; 6:4-6; 7:6-13; 10:12; 11:1; 30:6,16,20). Deuteronômio, embora o livro anterior certamente fale de amor e prove o amor de Deus por Israel, enfatiza esse tema como nunca foi feito antes. A palavra "coração" também é importante: a Palavra precisa estar no coração dos israelitas (5:29; 6:6); o pecado começa no coração (7:17ss e 8:11-20); e eles devem amar a Deus de coração (10:12). Em outras palavras, Moisés deixa claro que as bênçãos vêm quando o coração está alinhado com os propósitos de Deus. O coração deles devia estar cheio de amor a Deus e à sua Palavra a fim

de que possuíssem a terra e desfrutassem dela.

F. Livro para todos

Os livros de Êxodo, Levítico e Números eram "técnicos" e pertenciam, de forma especial, aos sacerdotes e aos levitas, mas Deuteronômio foi escrito para todos. Ao mesmo tempo que apresenta muitas das leis encontradas nos livros anteriores, ele oferece um sentido novo e mais profundo dessas leis e mostra o que elas representam na vida diária das pessoas. Hoje, todos nós podemos aprender muito em Deuteronômio a respeito do amor a Deus e da obediência à vontade dele.

Enumeramos as várias palavras-chave desse livro e o número de vezes que as encontramos na versão Almeida Revista e Atualizada: terra (196); herança (25); possuir (19); ouvir, ouviu, ouve, ouvi (25); coração (43); amor, amar, ama, amai (9). Ao alinhar essas palavras, uma ao lado da outra, vemos rapidamente qual é a ênfase desse livro: você entrará na terra e a possuirá se ouvir a Palavra de Deus, amá-lo e ouvi-lo (obedecer). Se escutarmos a Deus, obedecemos a ele; e se obedecemos ao Senhor, ele nos abençoa.

DEUTERONÔMIO 1-6

Moisés revê a história passada da nação quando inicia essa série de discursos para a nova geração de israelitas. É pecado viver no passado, mas, se ignorarmos o passado, não poderemos entender o presente nem preparar-nos para o futuro.

I. Ele lembra-os da orientação de Deus (1—3)

A nação reuniu-se nas planícies de Moabe “dalém do Jordão”. Os israelitas levaram 40 anos para chegar lá, contudo o versículo 2 afirma que essa jornada levava 11 dias! Esta é a tragédia da descrença: ela desperdiça tempo, força e energia e rouba de Deus a glória devida ao seu nome. Moisés começa a “proclamar” (NVI) a Lei de Deus, e a palavra “proclamar” significa “gravar”. Ele quer deixá-la clara, escrevê-la no coração deles.

A. Do Sinai a Cades-Barnéia (1:1-46)

Do terceiro mês do primeiro ano (Êx 19:1) ao segundo mês do segundo ano posterior ao êxodo do Egito (Nm 10:11), a nação acampou em Horebe. Durante esse período, Moisés recebeu a Lei e construiu o tabernáculo. É interessante que Moisés reveja seu próprio fracasso (vv. 9-18), como também o fracasso da nação (vv. 19-46). Com certeza, a nova geração sabia por que a nação

estava organizada dessa forma e por que não tomou posse de sua herança antes. Moisés deixou claro que o pecado deles em Cades-Barnéia foi a rebelião (v. 26), fundamentada na descrença. Para rever esses eventos, veja as notas a respeito de Números 9—14.

B. As nações que eles evitaram (2:1-23)

Moisés, em uma sentença, passa por cima de anos dessa jornada em que eram errantes no deserto (1:46) e segue para a jornada deles até os limites de Canaã. Eles evitaram três nações: Edom (descendentes de Esaú, irmão de Jacó), Moabe e Amom (descendentes de Ló, sobrinho de Abraão). Uma vez que essas nações tinham laços de sangue com Israel, Deus não permitiu que os judeus lutassem com elas. E Deus protegeu Israel quando passou pelas fronteiras dessas grandes nações.

C. As nações que eles derrotaram (2:24—3:29)

Houve dois motivos para que Deus permitisse que Israel lutasse e conquistasse essas nações: (1) como advertência às nações de Canaã (v. 25) e (2) tornar a terra acessível para as duas e meia tribos que se assentariam ao oriente do Jordão (3:12-17). Os judeus foram gentis com essas nações quando chegaram, oferecendo-lhes passagem pacífica. Entretanto,

to, quando as nações os atacaram, Deus conquistou-as. A nova geração conquistou as grandes cidades fortificadas que tinham assustado a antiga geração (3:5). Com certeza, isso os encorajou quando se preparavam para entrar em Canaã. Moisés orou para que fosse permitida a entrada na terra; no entanto, Deus não lhe permitiu que assim fizesse.

No passado, Deus guiou e protegeu Israel e, certamente, estaria com ele no futuro.

II. Ele os lembra da glória e da grandeza de Deus (4—5)

Nessa seção, Moisés leva a nação de volta ao Sinai, onde se revelara a glória e a grandeza do Senhor, e onde a nação estremeceu com a Lei de Deus. O povo corria o risco de esquecer a glória e a grandeza de Deus (veja 4:9,23,31). Moisés salientou três perigos:

A. Esquecer a Palavra (4:1-13)

Que outra nação fora abençoada com a Palavra de Deus? A Palavra do Senhor era a sabedoria e o poder de Israel. Se os israelitas obedecessem à sua Palavra, ele os abençoaria, e eles possuiriam a terra. Se eles mudassem sua Palavra (v. 2) ou desobedecessem a ela, ele os disciplinaria, e eles perderiam o gozo da terra deles. Quando a Palavra de Deus, a qualquer tempo, torna-se lugar-comum para os filhos do Se-

nhor, e estes não a respeitam mais, então eles caminham em direção a problemas sérios.

B. Voltar-se para os ídolos (4:14-49)

Nos versículos 4:9,15,23, Moisés adverte os israelitas: "Guarda-te". Ele os fez lembrar de que não viram imagens de Deus no Sinai e advertiu-os de que não fizessem nenhuma imagem (vv. 15-19; veja Rm 1:21-23). Deus provou ser maior que todos os deuses do Egito; portanto, por que adorar os outros deuses? Deus, em amor, chamou a nação para si. Se eles se voltassem para os ídolos, isso seria adultério espiritual. Nos versículos 25-31, Moisés resume o futuro de Israel: ele se voltaria para os ídolos, seria expulso da terra e espalhado e, em escravidão, serviria a outros deuses. Israel, no cativeiro, aprenderia sua lição e abandonaria os ídolos de uma vez por todas.

C. Negligenciar sua Lei (5:1-33)

Aqui, Moisés repete os Dez Mandamentos, o fundamento da Lei Moral de Deus. Na verdade, o resto de Deuteronômio é a ampliação e a aplicação desses mandamentos. Israel devia ouvir, aprender, guardar e cumprir essas leis (v. 1), pois na obediência à Lei honrava Deus e abria o caminho para a vitória e a bênção. Uma frase importante desse livro é: "Ouvi, ó Israel!" (veja 5:1;

6:3-4; 9:1; 20:3). Deus deu essa Lei para revelar o pecado (Rm 3:20); para preparar a nação para a vinda de Cristo (Gl 3:19-24); e para torná-la a nação separada na terra (Dt 4:5-8). Observe que Moisés lembra os israelitas de que a responsabilidade deles fundamentava-se na redenção de Deus, pois o Senhor libertara-os do Egito (vv. 6 e 15; cf. 6:12; 8:14; 13:5,10). "Não sois de vós mesmos [...] porque fostes comprados por preço. Agora [...]" (1 Co 6:19-20). O versículo 10 introduz o amor de Deus; compare-o com 4:37. O versículo 29 deixa claro que devem ter a Lei no coração ou não há obediência verdadeira. Veja também Hebreus 8:8-12; Jeremias 32:39-40 e 31:31-34. Segunda aos Coríntios 3 ensina que o Espírito de Deus escreveu a Lei no coração dos crentes do Novo Testamento; e Romanos 8:1-4 explica que obedecemos à Lei pelo poder do Espírito.

III. Ele lembra-os da bondade de Deus (6)

Os versículos 10-12 ilustram a fraqueza fundamental da natureza humana: achamos que as bênçãos de Deus estão garantidas. "Guarda-te, para que não esqueças o SENHOR". Como somos propensos a pensar que nossa sabedoria e força deram-nos tudo que temos. Veja 8:17-18. Deus, em seu amor, escolheu Israel;

em sua graça, suportou os pecados dele; ele guiou-o e protegeu-o e, depois, deu-lhe uma terra maravilhosa. Seria uma ingratidão se Israel, de forma deliberada (ou negligente) ignorasse Deus e não obedecesse a ele. Com muita freqüência, nós queremos usufruir das bênçãos, mas não queremos obedecer àquele que nos deu as bênçãos!

"Teu Deus, é Deus zeloso" (v. 15). Isso leva-nos de volta ao Sinai (Êx 20:5), onde Deus estabeleceu o relacionamento da aliança com Israel. Da mesma forma que um marido tem o direito de ser zeloso com sua esposa, Deus tem o direito de ser zeloso com seu povo. Veja Josué 24:19 e Tiago 4:5. A idolatria é adultério espiritual, e, com freqüência, Israel foi culpado desse pecado.

Os pais deviam lembrar os filhos do que Deus fizera pela nação, exatamente como Moisés, naquele dia, lembrou Israel do cuidado de Deus (vv. 20-25). Os versículos 6-9 deixam claro que a Palavra devia ser parte da casa, o centro da conversa e o recurso para a instrução dos filhos no amor e na obediência ao Senhor. Infelizmente, os judeus apreenderam as palavras dessa lei, mas não o espírito, e acabaram por fazer filactérios (Mt 23:5), pequenas caixas que contêm passagens da Lei. Eles usavam essas caixas sobre os braços e a cabeça, o que não

quer dizer que tivessem a Palavra no coração.

É necessário fazer todas essas advertências também aos crentes do Novo Testamento. Somos muito propensos a esquecer a orientação de Deus e a reclamar quando as circunstâncias tornam-se desconfortáveis. Ele ajudou-nos em dias pas-

sados e não nos abandonará agora. Precisamos lembrar-nos da glória e da grandeza de Deus, pois os ídolos têm facilidade em se insinuarem em nossa vida. E precisamos lembrar-nos da bondade do Senhor. Se amarmos a ele e à sua Palavra de todo o coração, então ele nos abençoa, e nós seremos bênçãos para os outros.

DEUTERONÔMIO 7-11

Agora, Moisés, depois de lembrar os eventos passados ao povo (caps. 1—6), adverte-o em relação aos riscos futuros. Durante séculos, Israel foi uma nação escrava, e um povo peregrino por quarenta anos. Agora o povo estava para se estabelecer em sua terra e precisava ter cuidado com os perigos que viriam do novo ambiente. Observe pelo menos cinco perigos que o povo tinha de reconhecer e evitar.

I. Concessão ao inimigo (7:1-16)

O propósito de Deus era expulsar as nações pagãs e estabelecer Israel em Canaã. Contudo, ele tinha de advertir Israel para que destruísse totalmente essas nações e não fizesse qualquer concessão a elas. Havia duas razões para essa destruição total: (1) as nações eram ruins e estavam prontas para o julgamento (Gn 15:16; cf. Dt 9:4-5); (2) se as nações fossem deixadas na terra, levariam Israel ao pecado. As pessoas que não entendem o julgamento de Deus e a atrocidade do pecado argumentam que Deus foi “mau” por destruir essas nações. Esses críticos ficariam agradecidos por Israel ter eliminado essas nações se compreendessem a pecaminosidade dessas religiões pagãs e como essas nações resistiram a Deus. Israel, uma nação corrompi-

da, nunca poderia dar ao mundo a Palavra e o Filho de Deus.

Nessa passagem, o argumento de Moisés é simples: Israel é a nação especial de Deus, o povo escolhido, separado de todas as outras nações. Deus escolheu-o porque o ama, e ele provou seu amor ao tirá-lo do Egito e cuidar fielmente dele no deserto. Ao longo da Bíblia, surge o princípio de separação, Deus separou a luz das trevas (Gn 1:4), e as águas, do firmamento (Gn 1:7). Ele ordenou a separação de Israel das outras nações (Êx 23:20-23; 34:11-16). Ele ordenou que a igreja se separasse do mundo (2 Co 6:14—7:1; veja Ap 18:4). Deus, quando chamou Abraão para fundar a nação judia, separou-o dos pagãos em volta dele. Deus promete abençoar quando seu povo está separado do pecado (Dt 7:12-16).

Vivemos em uma época em que a igreja e o mundo estão tão entrelaçados que temos dificuldade em saber quem realmente pertence a Cristo. Somos chamados a nos separar do mundo a fim de que possamos ser testemunho para o mundo (Jo 15:16-27). Os cristãos mundanos impedem a obra de Deus.

II. Temor ao inimigo (7:17-26)

Em geral, o temor leva à concessão; temos de “capitular” em relação à necessidade de nos defendermos. Moisés adverte o povo para não temer o inimigo, pois Deus estará com

Israel a fim de que este obtenha vitória. Ele não o libertou do Egito e dos reis no deserto? Portanto, o Senhor podia dar-lhe vitória em Canaã! A vitória seria em estágios (v. 23; Jz 2:20-23) para que os israelitas pudessem possuir a terra com segurança. Deus faria a libertação, mas eles tinham de fazer a destruição (vv. 23-26) — eliminar os reis pagãos, os ídolos e os altares. Nada que ficasse poderia ser uma armadilha para eles, levando-os ao pecado. Leia 2 Coríntios 7:1 e Romanos 13:14.

III. Prosperidade e auto-satisfação (8)

Os “ardis” do demônio são mais perigosos que seus exércitos! Nessa seção, Moisés adverte os israelitas sobre os riscos da prosperidade. Eles esqueceriam os 40 anos em que Deus cuidou deles, em que apenas o Senhor lhes forneceu alimento e vestimenta em abundância. Eles esqueceriam até a mão disciplinadora de Deus quando pecaram. E esse esquecimento levá-los-ia ao pecado: eles, na prosperidade e na bênção da “terra que mana leite e mel”, tornarse-iam satisfeitos consigo mesmos e pensariam que alcançaram todas essas coisas com a própria força.

Hoje, também não cometemos esse pecado? Com frequência, lembramos de Deus e obedecemos a ele quando passamos por momentos difíceis e dependemos dele para nossas

necessidades diárias. Contudo, somos auto-suficientes e esquecemos de Deus quando “as coisas vão bem” e temos mais do que precisamos. Todos nós precisamos nos lembrar da declaração “É ele o que te dá força para adquirires riquezas” (v. 18). Às vezes, Deus tem de nos disciplinar para lembrar-nos quem controla as riquezas deste mundo.

IV. Orgulho (9:1—10:11)

Os israelitas, depois de conquistar as nações pagãs de Canaã, poderiam ser tentados a sentir-se orgulhosos e pensar que Deus lhes dera vitória por causa da retidão deles. Moisés lembra-os de que todas as vitórias que alcançassem seriam concedidas pela graça de Deus. Antes de tudo, Deus deu-lhes a terra em cumprimento à promessa feita aos pais deles (Gn 15), promessa que fez por sua graça. Os judeus não mereciam a terra. Deus deu-lhes a terra porque os amava. Além disso, ele expulsou as nações pagãs porque eram pecadoras, não por causa da bondade de Israel. Moisés lembrou os judeus de que tinham uma história de rebelião, não de retidão! Eles provocaram Deus no deserto, fizeram ídolo no monte Sinai e rebelaram-se em descrença em Cades-Barnéia. Deus, se não fosse pela intercessão de Moisés, teria destruído toda a nação.

A alusão é verdadeira para os cristãos de hoje. Não ousemos es-

quecer a graça de Deus! Somos salvos pela graça (Ef 2:8-10), e qualquer obra que façamos para ele é pela graça (1 Co 15:10; Rm 12:6). Temos bênçãos materiais e espirituais por causa da graça dele, não por nossa bondade. Essas bênçãos devem tornar-nos humildes, não orgulhosos, e deveríamos querer usar o que temos para a glória dele ao ganhar almas para ele. Da mesma forma que Moisés intercedeu pela nação e salvou-a, Cristo morreu por nós e sempre intercede por nós. Hoje, temos tão excelentes bênçãos apenas por causa dele.

Talvez o pior tipo de orgulho seja o "orgulho espiritual", como o que vemos nos fariseus. A pessoa espiritual não pode ser orgulhosa. A ostentação de dons espirituais ou graças é um convite para a mão disciplinadora de Deus.

V. Desobediência deliberada (10:12 — 11:32)

Nessa seção, Moisés faz sua exortação final antes de iniciar a revisão e a aplicação das várias leis que regerão a vida deles na terra prometida (12:1ss). Moisés diz: "Agora, pois, ó Israel, que é que o SENHOR requer de ti? Não é que temas o SENHOR, teu Deus, e andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma, para guardares os mandamentos do

SENHOR e os seus estatutos que hoje te ordeno, para o teu bem?" (v. 12). A circuncisão era a marca da aliança (Gn 17), mas Israel ignorou esse rito durante o período em que errava pelo deserto (Js 5). No entanto, o importante não era a circuncisão física, mas a espiritual — a entrega do coração a Deus (v. 16).

No capítulo 11, Moisés deixa claro que a verdadeira questão é o coração: se eles realmente amassem a Deus, obedeceriam à Palavra dele (Jo 14:21). Sim, eles deviam temer a Deus, pois viram seus milagres e seus julgamentos, mas esse temor devia ser uma reverência amorosa ao Deus que os escolheu acima de todas as outras nações. Deus não podia abençoá-los se recusassem obedecer à sua Palavra.

Talvez alguns judeus dissessem: "Depois de entrarmos na terra, poderemos viver como quisermos e, mesmo assim, usufruir de suas riquezas". Mas não era bem assim, pois a terra prometida não era como o Egito (vv. 10-17). No Egito, o povo dependia do rio Nilo, bem lamacento, para irrigar as plantações, mas, em Canaã, a chuva viria do céu, duas vezes por ano, a fim de garantir as colheitas necessárias. A produtividade da terra prometida dependia da chuva do céu, da mesma forma que hoje dependemos da "chuva de bênçãos" a fim de que nossa vida seja frutífera para Deus. O Senhor

não mandaria chuva, se Israel **desobedecesse**, o que aconteceu muitas **vezes** na história da nação.

Chegara o momento de **decisão** (vv. 26-32). Eles tinham de **escolher** entre a **bênção** e a **maldição**. Esse princípio fundamental nunca

mudou: se obedecemos à Palavra de Deus de coração, ele abençoa a nós e ao nosso trabalho, mas, se **desobedecemos** ao Senhor, ele **envia-nos** uma maldição e nos disciplina. A **obediência** é a chave para a **felicidade**.

DEUTERONÔMIO 27-30

Essa seção é profética e dá-nos quatro imagens de Israel em comunhão com a terra.

I. Israel entra na terra (27)

Em Josué 8:30-35, vemos o cumprimento dessa profecia. Deuteronômio 27:3 ensina que a conquista da terra pela nação depende da obediência a esse conjunto de instruções. O vale entre os montes Ebal e Gerizim é um lugar bonito, onde se localiza a cidade de Siquém. A área forma um anfiteatro natural, com cerca de 3,2 mil metros de largura, o que facilitava para que as pessoas ouvissem a leitura da Lei.

Os anciãos das tribos deviam levantar as “pedras” do monte Ebal e escrever nelas os Dez Mandamentos. No sopé do monte, deviam erguer um altar sobre o qual sacrificariam ofertas queimadas e ofertas pacíficas. A Lei traz condenação (2 Co 3:7-9), mas o altar satisfaz a necessidade do pecador condenado. A oferta queimada retrata o sacrifício completo de Cristo em nosso favor, e a oferta pacífica lembra-nos que ele nos reconciliou com Deus, apesar de termos quebrado a Lei (Rm 5:1). Seis tribos deviam ficar no monte Gerizim, o monte de

bênção; e observe que todas elas são originárias de Lia e Raquel. Rúben e Zebulom eram filhos de Lia, mas deviam ficar com os outros que estavam no monte da maldição (v. 13). Rúben perdeu seus direitos de primogenitura quando pecou contra seu pai (Gn 49:4). Os levitas, com a arca, deviam ficar no vale entre os dois montes e proclamar a Lei. Note que não deviam recitar nenhuma bênção, pois a Lei trazia maldição, não bênção (Gl 3:10).

Essa cerimônia toda era um lembrete incrível para Israel de que era a nação da aliança (v. 9) e estava obrigada a obedecer à Lei de Deus. Leia 2 Coríntios 3 para ver o contraste entre o ministério da Lei e o glorioso ministério da graça.

II. Israel possui a terra e usufrui dela (28:1-14)

O tema da Palavra de Deus é: a obediência traz bênção (vv. 1-2). Efésios 1:3 declara que o crente do Novo Testamento já tem todas as bênçãos espirituais em Cristo e desfruta-as quando crê em Deus e obedece a ele. É claro que encontramos o princípio da obediência em todos os períodos da história da salvação, pois Deus não abençoa aqueles que se rebelam contra ele.

Observe que Deus prometeu bênçãos materiais a Israel em todas as áreas — na cidade, no campo, no fruto, no gado, na chegada, na saída.

Ele prometeu derrotar os inimigos de Israel e estabelecê-lo como povo santo na terra. O versículo 10 indica que a nação devia espalhar pelo mundo o testemunho da graça do Senhor. Infelizmente, os israelitas se tornaram o testemunho da disciplina e do castigo de Deus (vv. 45-46). O Senhor prometeu-lhes chuva nas épocas propícias. Ele afirmou que faria de Israel a nação líder (v. 13), seu instrumento de bênção no mundo.

Lembre-se de que Israel possuía a terra por causa da aliança de Deus com Abraão, mas o povo apenas possuiria a terra e usufruiria dela se, como nação santa, obedecesse à aliança de Deus. Hoje, temos em Cristo todas as bênçãos de que necessitamos por causa da graça dele, mas só usufruímos dessas bênçãos quando cremos nele e obedecemos à sua voz.

III. Israel arrancado da terra (28:15—29:29)

Aqui encontramos a profecia do castigo, do cativo e da diáspora para Israel, como também seu retorno futuro em bênção. “Espiritualizar” essas bênçãos e maldições e aplicá-las à igreja é o mesmo que torcer as Escrituras e deixar de “dividir corretamente a Palavra da verdade”. Essas maldições são literais e depois caíram sobre Israel, porque ele quebrou a aliança com Deus ao adorar ídolos e ao desobedecer à sua Lei.

As maldições de 28:15-19 fazem paralelo com as bênçãos de 28:3-6. Deus advertiu-os de que as mesmas doenças e pestes, que viram entre os inimigos, os visitaria, até as pragas que o Senhor lançara sobre o Egito (28:27). Uma evidência da fúria de Deus é a retenção das chuvas do início e do fim do ano (28:23-24; veja 11:10-17; 2 Cr 7:13-14; 1 Rs 17:1ss; Jr 14:1ss). Os inimigos os venceriam; eles seriam espalhados como servos cegos por toda a face da terra. Deuteronômio 28:36 dá a entender que Israel pediria um rei (veja 1 Sm 8). A rica terra que manava leite e mel viraria um deserto. E Israel, em vez de ser a primeira nação da terra, seria a “cauda” (28:44).

No versículo 45, a palavra “destruído” não significa aniquilado, pois Deus não podia desonrar sua aliança e destruir totalmente a nação de Israel. Ela significa “subjugado” pelas provações e castigos terríveis que cairiam sobre Israel por causa da desobediência. A nação seria um sinal e uma maravilha para o mundo, como ainda é hoje.

Em 28:46-68, há a profecia dos cativos de Israel e da remoção da nação da terra prometida. O versículo 49 refere-se, de imediato, a Babilônia e, remotamente, a Roma (observe a referência à águia e ao jugo de ferro; veja Jr 5:15ss). Aqui, retrata-se o terrível cerco a Jerusalém (veja

Lm 2:20-22; 4:10; Mt 24:19). Os versículos 63-65 deixam claro que a continuação da desobediência resultaria no desarraigamento de Israel da terra e sua dispersão entre as nações, onde não haveria repouso, um retrato perfeito dos judeus no mundo de hoje. Que outra nação sofreu mais que Israel? O versículo 68 prevê que alguns judeus seriam levados para o Egito, e isso aconteceu quando Tito conquistou Israel, em 70 d.C., e depois enviou um bom número de judeus para o Egito.

O capítulo 29 resume os acontecimentos básicos da aliança: Deus redimiu-os, e eles tinham obrigação de obedecer a ele; se obedecessem, ele os abençoaria; se desobedecessem, ele os julgaria. Moisés advertiu-os de que mesmo uma pessoa podia destruir a nação inteira (29:18-19). Por fim, há alguns segredos que Deus não revelou, mas temos a obrigação de obedecer ao que ele revela (29:29).

IV. Israel reintegrado à terra (30)

Por pelo menos mil anos, Israel usufruiu das bênçãos. Por volta de 1400 a.C., ele entrou em Canã, e Babilônia conquistou Israel em cerca de 587 a.C. Além disso, durante esse período, Israel desobedeceu ao Senhor diversas vezes e foi castigado.

Esse capítulo promete que Deus “mudará [a] sorte” de Israel e reintegrará a nação à terra se retornar ao Senhor e obedecer à sua voz. É claro que um remanescente retornou à terra em 536 a.C., contudo não foi um grande retorno nacional. Aqui, Moisés prediz o retorno *final* dos judeus à terra deles (veja Is 11:10—12:6). Contudo, eles retornam à terra em descrença, embora tenham voltado de novo à Lei de Deus. Mesmo hoje, vemos judeus voltarem para a Palestina e seguirem os “velhos caminhos” de seus pais. Mais uma vez, Deus começa a abençoar a terra com as chuvas do início e do final do ano, e o deserto começa a florir como uma roseira. A nação, quando vir seu Messias trespassado, se arrependerá e será purificada de todos os seus pecados (Zc 12:9—13:1).

Em Romanos 10:6-8, Paulo cita 30:11-14 e aplica-o a Cristo. Cristo não está distante de seu povo. Se eles o chamarem, ele os salvará!

Deuteronômio 30:15-20 apresenta a grande conclusão do discurso de Moisés. A nação tem de escolher entre a vida e a morte, entre a bênção e a maldição. Como sempre, essa escolha é uma questão de coração (v. 17). A mera obediência exterior não vale nada; ela deve vir do interior.

DEUTERONÔMIO 31-34

Todos da antiga geração, com exceção de Calebe, Josué e Moisés, morreram, e agora Moisés estava para sair de cena. Esses capítulos são de transição, quando Moisés diz suas palavras finais ao povo que amou e guiou durante 40 anos. É incrível que Moisés tenha permanecido tão leal ao seu povo, pois ele o criticara, rebelara-se contra ele e mentira a respeito dele. Moisés sabia que ele mesmo não entraria em Canaã, contudo fez tudo que podia para capacitar Israel a entrar! Moisés era fiel ao Senhor (Hb 3:1-6) e, por isso, era tão fiel a Israel.

I. O novo Líder (31)

Primeiro, Moisés anunciou o novo líder para o povo (vv. 1-6) e explicou que não poderia liderá-lo por muito tempo mais por causa do julgamento de Deus. No versículo 6, Moisés conta ao povo a maravilhosa promessa da presença vitoriosa do Senhor. No versículo 8 e em Josué 1:9 (o próprio Deus), repete-se essa promessa a Josué. Ela também nos é feita hoje (Hb 13:5).

Depois, Moisés chamou Josué e comissionou-o (vv. 7-13), repoustando as mãos sobre ele e, por meio disso, outorgando-lhe o poder espiritual de que precisaria para sua grande tarefa (34:9). “Deus muda seus trabalhadores, mas continua

sua obra.” Moisés deu uma cópia de Deuteronômio aos sacerdotes para que pusessem na arca e para que lessem na Festa dos Tabernáculos. Ele sabia que apenas a Palavra de Deus transformaria o povo no tipo de nação que o Senhor queria que fosse.

Por fim, Deus convocou Moisés e Josué ao tabernáculo (vv. 14-30), onde lhes disse que a nação se rebelaria e se afastaria da Lei. Ele incumbiu os dois de escreverem um “cântico” (veja 32:44) que deviam ensinar ao povo. O cântico poderia ser um testemunho contra eles (v. 19), como também a Lei guardada na arca o era (v. 26). Mais uma vez, ele encorajou Josué (v. 23), e, depois, Moisés reuniu os anciãos para ensinar-lhes o cântico, registrado no capítulo 32.

Moisés não recebeu permissão para guiar Israel em sua entrada em Canaã por dois motivos: (1) ele pecara contra Deus, em Meribá (Nm 20:7-13; Dt 3:23-29); (2) Canaã é um símbolo do “descanso” que temos em Cristo, e Moisés, o legislador, não poderia nunca descansar. Apenas Josué, o retrato de Cristo, o conquistador, poderia descansar (Hb 4; e observe que em Hb 4:8, no texto grego, Josué é chamado de “Jesus”).

II. O novo cântico (32)

Israel entoou o “Cântico de Moisés”

no mar Vermelho (Êx 15) para celebrar a vitória deles e o poder de Deus, contudo esse novo cântico lamenta a apostasia de Israel e a disciplina do Senhor sobre seu povo. Em 31:19-30, Deus deixa claro que o cântico é um testemunho para lembrar o povo de seus pecados. O nome-chave de Deus nesse cântico é "a Rocha" (vv. 4,15,18,30-31). Dessa forma, Moisés lembra os israelitas da água que verteu da rocha (Êx 17; Nm 20) e da bondade de Deus com a nação. O versículo 6 retrata Deus como o Pai, o Redentor que comprou o povo. Mas os versículos 5-6 descrevem a nação como corrupta, "perversa e deformada".

Nos versículos 7-14, Moisés lembra-os das bênçãos de Deus: ele achou-os no deserto; amou-os e abrigou-os; alçou-os aos "altos" da vitória; e deu-lhes as mais ricas bênçãos da terra. Contudo, o que Israel fez? A nação rebelou-se. Os versículos 15-18 descrevem a apostasia e a idolatria de Israel, como abandonou a Rocha e esqueceu o amor dele. Como Deus responde ao pecado deles? Nos versículos 19-25 temos o julgamento de Deus: ele esconde sua face; provoca Israel ao voltar-se para os gentios (v. 21, veja Rm 10:19); e despeja sua ira sobre eles ao espalhá-los pelo mundo. Contudo, Deus esconde Israel de seus inimigos (v. 27) a fim de que não tirem vantagem de seu julga-

mento e despejem seu ódio sobre os judeus. Em eras passadas, Deus usara as nações gentias para disciplinar Israel, contudo o Senhor, quando essas nações ultrapassaram os limites impostos por ele e despejaram seu ódio sobre Israel, interferiu e julgou essas nações (vv. 35-43). Chegará o dia em que ele vingará a nação de Israel e a reintegrará ao lugar em que as nações se regozijarão com ela (v. 43).

Infelizmente, Israel não era muito cuidadosa com sua Rocha, portanto não se lembra desse cântico nem aceita essa advertência. Contudo, um dia, essas palavras falarão à nação de Israel, e ela se voltará para sua Rocha e descobrirá que ela é Jesus Cristo, a quem crucificou!

III. A nova bênção (33)

Não podemos estudar esses versículos de forma detalhada, a não ser observar como Moisés não nomeia qualquer pecado das tribos, como Jacó faz em sua bênção (Gn 49). O coração de Moisés está cheio de amor por seu povo e, nesse capítulo, dá sua bênção de despedida quando pede que Deus abençoe as diversas tribos. Observe que ele inicia com os filhos de Lia, mas deixa de fora Simeão. No fim, a tribo de Judá absorveu essa tribo, portanto Simeão compartilha da bênção de Judá.

A tribo de Rúben dividiu-se na

rebelião relatada em Números 16, mas Moisés ora para que a tribo viva e cresça. Judá é a tribo real. Provavelmente, Moisés refira-se ao Messias, o Legislador prometido em Gênesis 49:10, quando pede a Deus: "Introduze-o no seu povo" (v. 7). Levi era a tribo de Moisés, e ele ora para que o Senhor abençoe o ministério dela para o povo. Observe a bênção especial para José (vv. 13-17), cumprida na riqueza de Efraim e de Manassés.

É interessante notar a atitude espiritual do povo de Deus descrita nesse capítulo: nas mãos de Deus e aos seus pés (v. 3); debaixo da sua proteção (v. 12, BLH); e sustentado por seus braços eternos (v. 27). "Como os teus dias, durará a tua paz", é uma boa promessa para nós hoje (v. 25). "Quem é como tu? Povo salvo pelo SENHOR" (v. 29). Que privilégio ser filho de Deus!

IV. A nova moradia (34)

Moisés orou para que Deus se arrependesse e permitisse que ele entrasse na terra prometida, mas Deus recusou atender ao seu pedido (Dt 3:23-29). O Senhor sabia que Josué ("Jeová é salvação") guiaria o povo ao seu descanso terreno, da mesma forma que o Josué celestial, Jesus Cristo, conduziria seu povo ao descanso espiritual. Isso é algo que a Lei (Moisés) jamais poderia fazer. Contudo, Moisés visitou com Elias a terra

prometida, no monte da transfiguração, e discutiram com Jesus sobre o êxodo (falecimento), que ele cumpriria em Jerusalém (Lc 9:27-31).

Deus permitiu que Moisés visse a terra, que é tudo que a Lei pode fazer no que diz respeito ao viver santo. A Lei anuncia o padrão divino, mas não pode nos ajudar a alcançá-lo. Sem a morte de Cristo e o dom do Espírito (Rm 8:1-4), não podemos cumprir a retidão da Lei em nossa vida. Podemos ver a terra, mas não entramos nela. Os que seguem Moisés (legalistas) jamais entrarão na terra da bênção.

Apenas Deus estava presente quando Moisés morreu, e ele sepultou-o. Se o povo soubesse a localização de sua sepultura, sem dúvida o transformaria em um santuário de idolatria. Judas 9 afirma que Satanás queria o corpo de Moisés, talvez sob a alegação de que Moisés era assassino (Êx 2:11-12), além de ter pecado em Meribá ao ferir a rocha.

O povo, por 30 dias, pranteou Moisés. Com frequência, as pessoas apreciam mais um líder após sua morte que durante sua vida. O livro encerra-se com um lembrete para nós do caráter único do ministério de Moisés — ele foi um homem com quem Deus falou face a face.

Agora, o povo estava pronto para entrar na terra e reivindicá-la, e estudaremos isso em Josué.

JOSUÉ

Esboço

- **A travessia do rio (1—5)**
 - A. O comissionamento de Josué (1)
 - B. A aliança com Raabe (2)
 - C. A travessia do Jordão (3—4)
 - D. A circuncisão em Gilgal (5)

- **A conquista do inimigo (6—12)**
 - A. A campanha central: Jericó, Ai, Gibeão (6—9)
 - B. Os campos do sul (10)
 - C. Os campos do norte (11)
 - D. Os reis derrotados (12)

- **A posse da herança (13—24)**
 - A. A designação do território tribal (13—19)
 - 1. Canaã Oriental (13—14)
 - 2. Canaã Ocidental (15—19)
 - B. O estabelecimento das cidades especiais (20—21)
 - 1. As cidades de refúgio (20)
 - 2. As cidades sacerdotais (21)
 - C. A indicação das tribos fronteiriças (22)
 - D. A admoestação à nação inteira (23—24)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Tema

Anteriormente, mencionamos que Canaã simboliza a herança cristã em Cristo. Canaã não é um retrato do céu, pois o crente não precisa lutar para ganhar sua moradia celestial. Canaã representa a herança de Deus dada ao crente e da qual ele toma posse por meio da fé. A vida cristã vitoriosa é uma vida de lutas e bênçãos, mas também é uma vida de repouso. Em Hebreus 4—5, vemos que a entrada da nação em Canaã retrata a entrada do crente em uma vida de repouso e de vitória por meio da fé em Cristo. Muitos cristãos encontram-se “a meio caminho” em sua vida espiritual — entre o Egito e Canaã. Eles foram libertados da escravidão do pecado, mas não têm fé para tomar posse da herança de repouso e de vitória. O tema de Josué é como entrar e tomar posse dessa herança.

II. Josué, o homem

Josué nasceu na escravidão egípcia. Ele é filho de Num, da tribo de Efraim (1 Cr 7:20-27), mas não sabemos nada sobre sua mãe. Originalmente, seu nome era Oséias, que significa “salvação”, mas Moisés mudou para Josué, que significa “Jeová é salvação” (Nm 13:16). Ele era esca-

vo no Egito e serviu como ministro de Moisés durante a jornada da nação (Êx 24:13). Ele também liderou o exército durante a batalha contra Amaleque (Êx 17) e era um dos dois espíões que tiveram fé para entrar em Canaã, quando a nação rebelou-se em descrença (Nm 14:6ss). Ele (e Calebe), como resultado de sua fé, pôde entrar na terra prometida. A tradição judaica diz que Josué tinha 85 anos quando substituiu Moisés na liderança da nação. Josué 1—12 (a conquista da terra) são capítulos que cobrem aproximadamente os sete anos seguintes: ele passou o restante de sua vida dividindo a herança e governando a nação. Ele morreu aos 110 anos de idade (Js 24:29). O Novo Testamento deixa claro que Josué representa Cristo. Em grego, o nome “Jesus” equivale a “Josué”. Os dois significam “Deus é salvação” ou “Jeová é salvação”. Da mesma forma que Josué venceu seus inimigos terrenos, Cristo derrotou todos os inimigos por meio de sua morte e ressurreição. Foi Josué, não Moisés (representante da Lei), quem entrou com Israel em Canaã, e Jesus é quem nos leva ao repouso e à vitória espirituais. Como Josué apontou para as tribos sua herança, Cristo dá-nos nossa herança (Ef 1:3ss).

III. As nações derrotadas

Aqueles que se opõem à inspiração da Bíblia divertem-se atacando as

passagens de Josué que descrevem **as** guerras e as matanças (por exemplo, 6:21). Eles perguntam: “Como **um** Deus de amor ordena tal derramamento de sangue?”. Lembre-se **de** que Deus deu centenas de anos **para** que essas nações se arrependessem (Gn 15:16-21), contudo elas **recusaram-se** a deixar seus caminhos **corruptos**. Leia Levítico 18 se quiser **saber** como era a “conduta de Canaã” e lembre-se de que essas práticas imorais faziam parte da adoração

religiosa pagã! Qualquer pecador da nação (tal como Raabe, Js 2 e 6:22-27) poderia salvar-se por meio da fé, e eles foram advertidos previamente de forma adequada (leia Jo 2:8-13). Às vezes, Deus usa a guerra para castigar e até destruir nações que se esquecem dele. Deus destruiu essas nações perversas para puni-las por seus pecados e proteger seu povo dos caminhos perversos delas, como um médico que desinfeta os instrumentos para matar os germes.

JOSUÉ 1-2

Deus enterra seus trabalhadores, mas sua obra continua. Israel terminou seu pranto por Moisés, e agora Deus fala com Josué a respeito de suas responsabilidades como novo líder da nação.

I. O comissionamento de Josué (1)

A. Deus fala com Josué (vv. 1-9)

Deus, desde a batalha com Amaleque, escolhera Josué para ser o sucessor de Moisés (Êx 17:8-16; observe v. 14). O Senhor disse a Moisés que escrevesse isso em seu livro e lembrasse a Josué que Amaleque seria exterminado. Em Números 27:15ss, Deus instruiu Moisés a ordenar Josué, e, em Deuteronômio 31:7ss, Moisés dá uma palavra final de encorajamento e de bênção a seu sucessor. Saber que fora chamado por Deus deve ter fortalecido muito Josué, pois ele tinha uma tarefa colossal pela frente.

Observe que Deus dá todo encorajamento a Josué: (1) a promessa da terra (vv. 2-4); (2) a promessa da presença dele (v. 5); (3) a garantia de que o Senhor manteria sua palavra (vv. 6-9). É interessante estudar os verbos que Deus usa: “à terra que eu dou [...]” (v. 2); “[...] tenho dado” (v. 3); “[...] tu farás este povo [...]” (v. 6). Ele já dera a terra a eles; tudo que eles tinham de fazer era andar

em fé e tomar posse da terra! Deus já nos deu “toda sorte de bênção espiritual” em Cristo (Ef 1:3). Tudo que precisamos fazer é andar pela fé e desfrutar de nossas posses.

Da mesma forma que Deus estava com Moisés, ele estaria com Josué: “Não te deixarei, nem te desampararei” (v. 5). Essa promessa foi feita a Salomão (1 Cr 28:20) e a nós, em Hebreus 13:5-6. Os líderes e as épocas mudam, mas Deus não. Observe a coragem que a vida cristã requer (vv. 6-7,9), mas a Palavra do Senhor supre-nos com essa coragem (v. 8). Moisés escreveu o “Livro da Lei” (Êx 17:14; 24:4-7; Nm 33:2; Dt 31:9-13), e agora esse Livro é dado a Josué. Ele devia ler o Livro, meditar sobre ele dia e noite e fazer tudo segundo o Livro. Veja Salmos 1:1-3 e 119:15. Se Josué, de posse apenas dos primeiros cinco livros da Bíblia, foi capaz de conquistar Canaã, devemos conquistar muito mais agora que temos a Bíblia completa!

B. Josué fala com o povo (vv. 10-15)

Temos aqui uma “cadeia de comando espiritual”. O Senhor comandava Josué (v. 9); Josué comandava os líderes (v. 10); os líderes deviam comandar o povo (v. 11). Isso é liderança espiritual sob o comando de Deus, e esse mesmo padrão deve prevalecer na igreja do Novo Testamento. Josué contou aos líderes

o que o Senhor lhe dissera, e eles rapidamente transmitiram a mensagem para o povo deles. Dentro de três dias, eles atravessariam o Jordão e entrariam na terra prometida e tinham de se preparar para o evento. “Três dias” é uma referência à ressurreição — a nação estava para ter um novo início em uma nova terra. As três tribos escolhidas escolheram viver do lado oriental do Jordão (veja Nm 32:16-24), mas haviam prometido ajudar a conquistar a terra antes de tomar posse de sua herança. Josué lembrou-os de sua obrigação.

C. O povo fala com Josué (vv. 16-18)

Como é maravilhoso quando o povo de Deus honra o Senhor ao respeitar e seguir seus líderes espirituais. Veja Deuteronômio 34:9. Eles, ao contrário dos cristãos carnais de Corinto (1 Co 1:11-17), não se dividiram em grupos, com os seguidores de Moisés, já morto, opondo-se aos seguidores de Josué. Todos eles seguiram o Senhor! No versículo 17, observe a oração que fazem por Josué e, no versículo 18, como o encorajam. Anos antes, Josué vira a divisão e ouvira a murmuração deles. Como ele devia estar grato por esse espírito de harmonia!

II. A aliança com Raabe (2)

Os arqueólogos fizeram muita pesquisa em Jericó. Eles dizem que a cidade ocupava uma área com cer-

ca de 3,2 hectares e era rodeada por muros internos e externos. O muro interno tinha 3,6 metros de espessura, e o externo, 1,8 metro de espessura, e havia casas em cima dos muros (v. 15). Os muros tinham cerca de 9,1 metros de altura, e as escavações mostram que esses muros foram “violentamente destruídos”. Das muitas pessoas que viviam em Jericó, sabemos o nome de apenas uma — Raabe, a meretriz (veja Hb 11:31; Tg 2:25). Ela retrata a história espiritual do crente em Jesus Cristo:

A. Ela era uma pecadora

Nesse caso, o pecado era impureza moral, mas “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:23). Naquela época, não era incomum que meretrizes administrassem hospedarias.

B. Ela estava sob a condenação

Deus já condenara a cidade de Raabe; era só uma questão de tempo executar a sentença de morte. Tudo na cidade, bem como todas as pessoas que ali habitavam, seriam destruídos (6:21), tanto as pessoas condenadas como as não condenadas! Jericó é um retrato do mundo condenado de hoje. As pessoas não podem sentir confiança e paz, pois a morte está a caminho.

C. Ela recebeu um período de graça

Durante muitos anos, a cidade fora

posta de lado para julgamento (Dt 7:1-5,23-24; 12:2-3). Gênesis 15:13-16 lembra-nos que Deus esperou 400 anos antes de permitir que o julgamento caísse sobre a terra! Raabe e todos os outros moradores de Jericó ouviram sobre o êxodo do Egito (Js 2:10), que acontecera havia 40 anos. Josué 4:19 e 5:10 acrescentam outros dias de espera, o que leva em consideração a semana adicional em que Israel marchou em volta da cidade (6:14). Como Deus é paciente!

D. Ela ouviu a Palavra de Deus

Raabe ouvira uma mensagem de julgamento que, por fim, apresentou-lhe a verdade de Deus. Observe como ela chama Deus em sua fala: "o SENHOR".

E. Ela creu na Palavra

"A fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Hb 10:17). É a fé que salva o pecador, mesmo o mais ímpio (Rm 4:5). Hebreus 11:31 relata-nos que a fé salvou Raabe. Observe que a segurança dela vem da Palavra: "Bem sei que o SENHOR vos deu esta terra" (v. 9).

F. Ela provou sua fé por meio de obras

O fato de ela arriscar a vida ao receber, esconder e proteger os espiões prova que Raabe confiava em Deus. Ela identificava-se com o povo do

Senhor, não com os pagãos que a rodeavam. Veja Tiago 2:25.

G. Ela tentou ganhar outras pessoas

Pense no risco que Raabe corria ao compartilhar a Palavra com sua família! Quando as pessoas crêem em Cristo, seu primeiro desejo é compartilhá-lo com os outros, em especial com a própria família (Jo 1:35-42; Mc 5:18-20).

H. Ela foi salva do julgamento

Havia um duplo julgamento sobre a cidade: primeiro, o abalo que destruiu a cidade; depois, o fogo que destruiu tudo que havia na cidade. A casa de Raabe ficava sobre o muro (2:15), mas, aparentemente, essa parte do muro não caiu! Depois de Raabe e seus entes queridos serem tirados da casa dela, Josué ordenou que o resto da cidade fosse destruído com fogo. Talvez Raabe e sua família tenham se inquietado quando as coisas começaram a tremer, mas eles estavam em perfeita segurança nas mãos de Deus (6:22-25). Hoje, os cristãos vêem todo o mundo ao seu redor tremer, mas não têm certeza se Deus os resgatará antes de enviar seu julgamento pelo fogo sobre o mundo (1 Ts 1:10; 5:9).

I. Ela foi a um casamento

Em Mateus 1:5, vemos Raabe incluída pelo casamento na nação judaica e citada como ancestral do

Messias! Raabe e sua família desfrutaram de uma festa de casamento, enquanto o povo de Jericó sofreu a morte! Veja Apocalipse 19:7-9 e 17-19. Raabe salvou-se pela fé, não por causa do caráter dela ou de sua obra religiosa. Essa é a única forma de Deus salvar as pessoas (Ef 2:8-9). Você crê em Jesus como Raabe creu em Josué?

JOSUÉ 3-5

I. O milagre da travessia (3)

A. O povo santificado (vv. 1-5)

Josué, como nosso Jesus do Novo Testamento (Mc 1:35), levantou-se de madrugada para meditar sobre a Palavra (1:8; 3:1) e preparar-se para as tarefas do dia. Não coubera a Josué inventar um método para atravessar o transbordante Jordão, pois Deus dera-lhe todas as instruções necessárias. Nesse capítulo, a palavra-chave é *arca*, usada 25 vezes. A arca simbolizava a presença de Deus. A arca ia à frente do povo a fim de guiá-lo, mas ela foi mantida no meio do rio até que toda a nação o atravessasse. Cristo sempre vai adiante de seu povo e abre o caminho, mas o povo deve santificar-se (veja 2 Co 7:1) e estar pronto para a liderança de Deus. O Senhor estava para levar os judeus por um novo caminho (v. 4), e eles tinham de estar prontos para isso.

B. Josué engrandecido (vv. 6-8)

Claro, deve-se toda a glória a Deus, mas ele acha apropriado engran-

decer seus servos a fim de que as pessoas os honrem (1 Cr 29:25; 2 Cr 1:1; veja Js 4:14). Era Josué quem comandava os sacerdotes e dava orientação aos líderes em relação ao povo. O povo de Deus deve engrandecer Cristo (Fp 1:20-21), mas o Senhor também se alegra em engrandecer seu povo quando este obedece a ele (At 5:12-13).

C. O Senhor glorificado (vv. 9-13)

Em Êxodo, Deus provou ser o Senhor e o verdadeiro Deus, e, ao lado dele, os deuses do Egito não passavam de ídolos inofensivos. Agora Deus prova ser o “o Senhor de toda a terra” (vv. 11,13; veja Sl 97:5; Mq 4:13). Todos os deuses das nações pagãs cairiam diante dele! O Senhor prova seu poder ao reter as águas do transbordante Jordão e permitir que seu povo atravessasse em terra seca.

D. A Palavra cumprida (vv. 14-17)

Aconteceu exatamente como Deus dissera que seria! Os sacerdotes foram na frente, carregando a arca, e, quando molharam os pés na água, o Senhor represou a correnteza! (Às vezes, o povo de Deus tem de “molhar os pés” pela fé antes de o Senhor operar! Veja Js 1:2-3.) Os sacerdotes pararam no meio do rio e permaneceram lá, enquanto todo o Israel atravessava para o outro lado. Depois, eles mesmos foram para o

outro lado. Que imagem perfeita de Cristo! Ele vai à nossa frente para abrir o caminho, ele permanece conosco até atravessarmos e segue atrás a fim de nos proteger! Deus cumpre sua Palavra quando seu povo crê nele e lhe obedece.

É instrutivo comparar a travessia do mar Vermelho (Êx 14—15) com a do rio Jordão. A primeira travessia representa a separação do passado (Egito, o mundo), e a segunda retrata a tomada de posse pela fé de nossa herança espiritual em Cristo. O inimigo foi vencido de uma vez por todas quando o exército egípcio foi coberto pelo mar Vermelho, mas os judeus tinham de vencer, vez após vez, depois de atravessar o Jordão e entrar em Canaã. Jesus, na cruz, derrotou nossos inimigos, mas, se quisermos vencer todos os dias, temos de caminhar e lutar pela fé. Nós “atravessamos o Jordão” quando vivenciamos em fé a experiência de vitória de Romanos 6—8.

II. O memorial da travessia (4)

Houve a construção de duas colunas de pedras: uma feita com as pedras retiradas do leito do rio pelos doze homens escolhidos (3:12; 4:1-8), e outra feita por Josué no meio do rio (4:9-10). Elas são memoriais da travessia e nos transmitem verdades espirituais maravilhosas.

As doze pedras sobre o leito do Jordão foram tiradas do meio

do rio (v. 8), uma evidência de que Deus partira as águas para que o povo atravessasse em segurança. Apenas o Senhor pode ver as doze pedras escondidas no meio do rio, mas elas também falam da maravilhosa travessia de Israel. As duas colunas de pedras representam a morte e o sepultamento (as pedras escondidas) e a ressurreição (as pedras do leito do rio) de Cristo. Elas ilustram, ao mesmo tempo, a união espiritual do crente com Cristo: quando ele morreu, morremos com ele; fomos sepultados com ele; ressuscitamos em vitória com ele! Veja Efésios 2:1-10; Gálatas 2:20; Colossenses 2:13; Romanos 6:4-5. Hoje, a igreja tem dois memoriais dessa grande verdade: (1) o batismo lembra-nos que o Espírito de Deus batiza-nos em Cristo (1 Co 12:13); (2) a ceia do Senhor aponta para sua morte e para seu retorno.

Os judeus não podiam ter vitória em Canaã e conquistar os inimigos sem primeiro atravessar o Jordão. Hoje, os cristãos também não podem conquistar seus inimigos espirituais, a menos que matem seu “eu”, considerem-se crucificados com Cristo e permitam que o Espírito lhes dê o poder de ressurreição. Reveja Romanos 5—8, no *Comentário bíblico expositivo*, para a explicação do Novo Testamento a respeito dessa verdade.

III. A marca da aliança (5)

Não fazia muito que os judeus estavam seguros do outro lado do rio quando Deus lhes ordenou que recebessem a marca da aliança, a circuncisão (Gn 17). Em conjunto, como nação, eles passaram pela experiência "mortal" de atravessar o rio. Agora, eles, individualmente, deviam praticar a "morte do eu".

Ao longo da Bíblia, a circuncisão sempre retrata a verdade espiritual. Infelizmente, os judeus tornaram o rito físico mais importante que a verdade espiritual que ele ensina (veja Rm 2:25-29). A circuncisão simboliza tirar o que é pecaminoso e, no Novo Testamento, retrata despojar-se do "antigo homem" carnal (Cl 3:1ss; Rm 8:13). Não é suficiente dizer: "Morri com Cristo"; devo também praticar essa verdade em minha vida diária por meio da "morte" das obras da carne. Contudo, os judeus do Antigo Testamento tiravam uma pequena porção de sua carne. Entretanto, os cristãos do Novo Testamento, por intermédio de Cristo, despojam-se "do corpo da carne" (Cl 2:9-13). Assim, essa operação no Gilgal ilustra a verdade de que cada crente deve viver "crucificado com Cristo" (Gl 2:19).

Os homens judeus, durante os anos em que erraram pelo deserto, não receberam essa marca da aliança, mas por uma boa razão:

a descrença deles suspendeu temporariamente o relacionamento que tinham com Deus por meio da aliança (Nm 14:32-34). Quando se recusaram a entrar em Canaã por causa de sua descrença, Deus "os entregou" para que erassem no deserto, até que a antiga geração morresse. Agora, a nova geração estava para receber a marca da aliança. É provável que "o opróbrio do Egito" signifique o opróbrio que os egípcios (e outras nações) lançaram sobre os judeus enquanto erravam pelo deserto (veja Êx 32:12ss; Dt 9:24-29). A descrença deles não glorificou Deus, e as nações pagãs disseram: "O Deus deles não é forte o suficiente para levá-los para Canaã!". Agora, Deus levou-os à terra prometida, e o opróbrio acabara.

A nova geração atravessou o Jordão, mas não atacou Jericó de imediato. Muitos cristãos de hoje teriam se apressado direto para a batalha! Mas Deus sabia que seu povo precisava estar preparado espiritualmente para a batalha que tinham à frente, portanto ele o fez esperar e descansar. O povo comemorou a Páscoa enquanto esperava. Passaram-se 40 anos da libertação da nação do Egito até essa primeira noite de Páscoa.

Deus deu-lhe novo alimento — o "fruto" (cereal antigo) da terra. O maná foi o alimento da nação en-

quanto era peregrina, mas agora ela se instalaria na terra. Veja Deuteronômio 6:10-11 e 8:3. O cereal fala **da** ressurreição abençoada de **Cristo**, pois a semente tem de ser **enterrada** antes de frutificar (Jo 12:24). A **ordem** dos eventos lembra-nos, de **novo**, de sua morte, sepultamento e ressurreição — os filhos de Israel celebraram a Páscoa (a morte de

Cristo) e comeram o fruto da terra (ressurreição).

A principal lição desses capítulos é bem clara: não há conquista sem a morte do "eu" (travessia do Jordão) e a identificação com a ressurreição de Cristo (os dois memoriais de pedra). Os judeus, antes de vencerem os inimigos, tinham de vencer o pecado e o "eu".

JOSUÉ 6

A conquista dessa poderosa cidade por Israel ilustra diversas verdades espirituais práticas: (1) é a fé que vence os obstáculos (Hb 11:30 e 1 Jo 5:4); (2) usamos armas espirituais (2 Co 10:4); (3) Cristo é o vencedor, e podemos confiar totalmente nele (Jo 16:33). Os cristãos enfrentam muitos “Jericós” na vida diária e, com frequência, têm a tentação de desistir, como os espiões fizeram em Cades (Nm 13:28ss). Contudo, nenhum muro é muito alto ou muito forte para o Senhor. Nós vencemos e tomamos posse da herança por meio da fé!

I. O príncipe do exército do Senhor (5:13—6:5)

Jericó era uma cidade fechada. Josué estava ao pé da cidade e lá viu um homem com “uma espada nua” na mão. Destemidamente, Josué pediu ao homem que dissesse quem era e descobriu que aquele Homem era o Senhor dos Exércitos! Esse é o título de “guerra” do Senhor e fala de seu comando supremo das multidões (exércitos) de Israel e do céu. Veja Salmos 24:10 e 46:7,11; 1 Reis 18:15; Isaías 8:11-14; Ageu 2:4; Tiago 5:4. Jesus Cristo descera para dirigir a batalha, e Josué foi rápido em reconhecer a liderança dele. O primeiro passo em

direção à vitória é reconhecer que você é o segundo comandante.

Não pode haver vitória pública para o Senhor, a menos que o adoremos em particular. Josué prostrou-se com o rosto abaixado em adoração; ele tirou as sandálias em humildade; e entregou todos os seus planos a seu Comandante quando disse: “Que diz meu senhor ao seu servo?”. Como soldados cristãos (2 Tm 2:3; Ef 6:10ss), temos de nos submeter a Cristo e ouvir suas ordens na Palavra. Cristo deu a Josué as ordens exatas para conquistar a cidade (6:2-5), e tudo que ele tinha de fazer era obedecer pela fé. Cristo disse-lhe: “Entreguei na tua mão Jericó”. Contudo, as pessoas tinham de andar pela fé e declarar a vitória.

Os homens armados deviam liderar a procissão (vv. 3,7), seguidos por sete sacerdotes com trombetas (v. 4). A arca devia vir atrás dos sacerdotes (vv. 4,7) e, depois, o resto das pessoas (“a retaguarda”) encerrava a procissão (v. 9). A procissão devia marchar em volta de Jericó uma vez por dia, durante seis dias, em silêncio absoluto, exceto pelo soar das trombetas (v. 10). No sétimo dia, eles deviam marchar sete vezes em volta da cidade (perfazendo o total de 13 marchas), e, nesse dia, na sétima marcha, deviam soar as trombetas e gritar. Que plano de guerra es-

tranho! Contudo, os caminhos de Deus não são os nossos caminhos; **ele** usa o que o mundo considera “loucura” para confundir os fortes (1 Co 1:26-31).

Deus, em sua Palavra, delineou **tudo** que precisamos saber sobre **difundir** o evangelho e conquistar **o** inimigo. É triste dizer que muitos **cristãos** (e igrejas) inventam seus **próprios** planos, utilizam esquemas **do** mundo feitos pelo homem, e, **por** fim, o esforço deles fracassa. Se **ouvirmos** as ordens de nosso Príncipe e obedecermos a elas, ele nos **dará** a vitória.

II. A conquista da cidade (6:6-25)

É fácil ver por que os israelitas venceram o inimigo:

A. *Eles obedeceram a seus líderes (vv. 6-9)*

Em Josué 1, vimos a “cadeia de comando espiritual” de Deus, e aqui a vemos em funcionamento. O povo ouviu, com respeito, a Palavra de Deus transmitida por seus líderes e obedeceu ao comando do Senhor. Ele demonstrou unidade, cooperação e sinceridade de mente nas fileiras, e Deus deu-lhe vitória.

B. *Eles tiveram paciência e fé (vv. 10-14)*

Deus poderia livrar a cidade no primeiro dia para Josué? É óbvio

que sim! Contudo, a exigência de marcharem seis dias (durante os quais não podiam conversar) era uma ótima forma de disciplinar a nação. A fé e a paciência andam juntas (Hb 6:11-15). Também foi necessário disciplina para ficar em silêncio e esperar pelo momento determinado por Deus. Tiago 3:1-2 ensina-nos que as pessoas que conseguem controlar a fala são maduras em sua fé; veja também Provérbios 16:32.

C. *Eles creram em Deus para fazer o impossível (vv. 15-16)*

Quem já ouviu falar em conquistar uma cidade com armas com gritos e com trombetas? Contudo, a arca (que representa a presença de Cristo) estava com eles, e isso queria dizer que Deus faria o trabalho. Com o Senhor, todas as coisas são possíveis. Veja Jeremias 33:3.

D. *Eles obedeceram ao Senhor em todos os detalhes (vv. 17-25)*

As coisas da cidade deviam ser “devotadas a Deus” (condenadas, consagradas); os animais e os cidadãos deviam ser mortos; Raabe e sua família seriam salvas. Às vezes, obedecemos ao Senhor antes da batalha, mas (como Acã, cap. 7) desobedecemos depois da vitória. Deus deu vitória total aos judeus sobre Jericó porque creram em sua Palavra. Observe que tiraram Raabe

e a família da cidade antes de incendiarem-na. Veja 1 Tessalonicenses 1:10; 5:9.

Em Atos dos Apóstolos, vemos como o “exército espiritual” de Deus conquista uma cidade após outra por meio da fé. Mesmo a poderosa cidade de Roma caiu diante do poder do evangelho! Hoje, o povo de Deus precisa aprender de novo como capturar cidades, e esse capítulo diz-nos como fazer isso.

III. A maldição do Senhor (6:26-27)

No versículo 26, provavelmente a palavra “povo” refere-se às pessoas que foram salvas vivas, pois poderiam ter a tentação de reconstruir sua cidade. Da mesma forma que alguns judeus quiseram voltar ao Egito, também alguns membros da família de Raabe poderiam querer voltar para Jericó. Por essa razão, Deus lançou uma maldição especial sobre a cidade e sobre qualquer homem que a reconstruísse. Veja Deuteronômio 13:15-18.

Em 1 Reis 16:34, cumpre-se essa maldição. Durante o reinado do malvado rei Asa, um homem chamado Hiel, o betelita, reconstruiu Jericó. Quando ele lançou os fundamentos da cidade, perdeu seu filho primogênito, e quando pôs as portas, perdeu o filho mais moço. Que sacrifício por uma cidade! Como as pessoas são tolas em desafiar a Pa-

lavra de Deus e rebelar-se contra a vontade dele!

Em diversas passagens do Novo Testamento, salienta-se a cidade de Jericó. O homem da parábola do bom samaritano ia de Jerusalém para Jericó (Lc 10). Zaqueu era de Jericó (Lc 19:1-10), e, em Jericó, Cristo curou a cegueira de Bartimeu (Mc 10:46-52). A Jericó do Novo Testamento não ficava no mesmo local da cidade do Antigo Testamento, mas era uma cidade totalmente nova e conhecida por sua beleza.

Eis alguns pontos práticos sobre os quais devemos meditar quando enfrentamos nossos “Jericós”:

A. O soldado que quer lutar melhor tem de se prostrar o mais baixo possível antes da batalha (5:13-15)

Vencemos nossas batalhas sobre nossos joelhos e sobre nossa face curvada diante do Senhor.

B. Ninguém conquista uma cidade sozinho

Josué teve a cooperação leal dos sacerdotes e do povo, e juntos conquistaram o inimigo.

C. Quando seguimos os métodos de Deus, ele vence a batalha e recebe a glória por isso

Por isso, ele usa “métodos loucos”. Quando usamos nossos esquemas e sistemas, podemos conseguir a

glória, mas a vitória nunca é duradoura.

D. A descrença vê os muros e os gigantes (Nm 13:28ss), mas a fé confia no Senhor

“Obstáculos são aquelas pequenas coisas desagradáveis que vemos quando tiramos os olhos do objetivo”. E, devemos acrescentar, quando afastamos nossos olhos do Senhor. Os mandamen-

tos de Deus são capacitações do Senhor.

E. Mesmo no julgamento, vemos a graça de Deus em operação, pois Raabe e a família foram salvas por meio da fé

Há aqui uma sugestão de que, no fim, quando o julgamento de Deus cair sobre este mundo, “serão poucos os salvos” (NVI)?

JOSUÉ 7-9

A estratégia militar de Josué era atravessar Canaã e dividir a terra, iniciando com Jericó e continuando com Ai, Betel e Gibeão. Depois, ele conquistaria as cidades do sul e completaria sua conquista ao derrotar as cidades do norte. Entretanto, ele sofreu um revés em Ai e foi enganado pelos líderes de Gibeão.

I. A desobediência de Acã (7)

A. Derrota (vv. 1-5)

Deus deixara claro que as coisas de Jericó deviam ser “consagradas”, ou dedicadas, a ele e ir para seu tesouro (6:18-19), mas Acã desobedeceu a essa lei. É possível que Josué tenha sido tão apressado em seu ataque a Ai que não esperou pela orientação do Senhor. Além disso, ele agiu de acordo com a sugestão dos espiões, em vez de com a Palavra de Deus. Posteriormente, o Senhor rejeita o plano dos espiões (compare 7:3 com 8:1). Esses versículos sugerem uma confiança excessiva: Jericó fora arruinada por Israel, e este estava confiante de que conquistar a cidade menor de Ai seria uma “moleza”. A autoconfiança, a confiança na sabedoria humana, a impaciência, a falta de oração e o pecado secreto estavam por trás da derrota de Israel em Ai.

B. Desencorajamento (vv. 6-9)

O coração dos judeus derreteu-se (v. 5), em vez de isso acontecer com o coração dos inimigos (Js 2:11). Josué e os anciãos passaram todo o dia em oração diante da arca, e Josué até queria “voltar” e acomodar-se com a herança do outro lado do Jordão! Entretanto, observe que Josué estava mais preocupado com a glória de Deus e com o testemunho de Israel diante das nações pagãs que com o desencorajamento da derrota. Demonstra-se a marca da verdadeira espiritualidade quando é a glória de Deus que motiva a vida do servo.

C. Descoberta (vv. 10-18)

Deus falou com severidade a seu servo: “Levanta-te! [...] Israel pecou”. É claro, apenas um homem pecara, mas isso envolvia toda a nação (v. 1-2; 1 Co 12:12ss). É uma verdade solene que a desobediência de uma pessoa pode causar dor e abatimento a toda uma nação, família ou igreja. Acã achou que poderia esconder seu pecado, mas Deus viu o que ele fez. E Deus, porque “coisas condenadas” estavam no acampamento, não podia estar com seu povo. Isso causou a derrota deles em Ai. Talvez Josué e o sumo sacerdote usaram o Urim e o Tumim para determinar o culpado (Êx 28:30) ou lançaram a sorte. “Sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32.23). Acã foi descoberto, e seu pecado, exposto.

D. Destruição (vv. 19-26)

Acã confessou: “Verdadeiramente, pequei”, e explicou: “quando vi [...] uma boa capa babilônica [...] tomei” as coisas de Jericó (veja Gn 3:6). Sem dúvida, a família dele sabia sobre o roubo e compartilhava seu pecado. Todos eles tinham de ser julgados por seu pecado; portanto, o povo levou-os ao vale e os apedrejou. Chamou-se o local de “vale de Acor” (problema) como lembrança do problema que Acã trouxe para o povo. Oséias 2:15 promete que Deus fará do vale de Acor a “porta de esperança” para os judeus. Com certeza, Israel tem estado no “vale de problema”, porque rejeitou Cristo, mas um dia se voltará para ele e terá esperança.

II. A destruição de Ai (8:1-29)

Agora que a nação foi santificada (7:13) e seu pecado julgado, Deus poderia de novo levar seu povo a vencer. Observe como Deus usa a derrota para tirar vantagem, pois o povo de Ai estava confiante de que poderia dominar Israel de novo. Note também que Deus permitiu que o povo pegasse os despojos de Ai. Se Acã tivesse esperado alguns dias, poderia pegar todas as riquezas que pudesse carregar! Leia Mateus 6:33.

O plano era simples. À noite, Josué envia 30 mil homens a Ai (v. 3) e pôs 5 mil homens entre Betel e

Ai (v. 12). Alguns dos guerreiros atacaram Ai e atraíram os homens para fora da cidade. Nesse ponto, Josué sinalizou para os homens que estavam em emboscada, e eles entraram na cidade e a capturaram. A vitória foi total! No versículo 26, Josué, segurando sua lança, lembra-nos de Moisés levantando a mão enquanto Josué lutava com Amaleque (Êx 17:8ss). Ai ficou tão destruída que até hoje os arqueólogos não têm certeza de sua localização.

III. A proclamação da Lei (8:30-35)

Josué interrompeu sua campanha militar para levar a nação a 48 quilômetros dali, a Siquém, local em que cumpriu a ordem de Deuterônimo 27:4-6. É-nos dito que esse lugar é um anfiteatro natural com ótima acústica, e ali Josué pôs as tribos de Rúben, Gade, Aser, Zebulom, Dã e Naftali no monte Ebal (o monte das maldições); e as de Simeão, Levi, Judá, Issacar, Efraim, Manassés e Benjamim no monte Gerizim (o monte das bênçãos). Josué sabia muito bem que a vitória de Israel e a posse da terra dependiam da obediência dele à Palavra de Deus. Era mais importante para a nação ouvir a Palavra do Senhor que lutar qualquer outra batalha. Observe que ele também construiu um altar (vv. 30-31), pois, separados do sangue de Cristo, não temos justiça diante de Deus. A Lei poderia condená-los e

matá-los se negligenciassem os sacrifícios. Devemos admirar e imitar o respeito de Josué pela Palavra de Deus (veja 1:8; 24:26-27; também 23:14).

IV. A decepção dos gibeonitas (9)

As tribos pagãs de Canaã estavam divididas em muitas “nações” (cidades-Estados) pequenas, e algumas cidades-chave eram o centro delas. Em geral, elas lutavam umas com as outras, mas, quando o povo de Deus chegou, esses reis menores uniram-se a fim de opor-se a Israel. É impressionante como os inimigos unem-se contra Deus! Entretanto, o povo de Gibeão, a próxima cidade a ser tomada, decidira valer-se de estratégia, em vez da força. (Satanás é tanto um leão como uma serpente.) Os gibeonitas fingiram-se de embaixadores (como homens que estavam em uma longa jornada), com sacos velhos, sandálias remendadas e com comida embolorada, e o plano deles funcionou. Deus ordenara que Israel não fizesse aliança com as nações de Canaã (Dt 7), mas os gibeonitas sabiam que, se Israel fizesse uma aliança, a manteria. Eles mentiram quando disseram que vinham de uma terra distante. Observe também que eles não disseram nada a respeito das vitórias de Israel em Jericó e em Ai.

Josué e seus anciãos não buscaram o conselho de Deus a res-

peito do assunto. Em vez disso, julgaram pelas aparências. A história dos gibeonitas soou razoável, pois certamente a comida e as roupas pareciam velhas e usadas, e tudo parecia estar em ordem. Em consequência disso, Josué fez uma aliança com os homens e depois descobriu que eram de Gibeão! Três dias depois, Israel chegou a Gibeão e a suas cidades aliadas (v. 17), mas não podia feri-los por causa da aliança. Isso provocou murmuração entre o povo, que, provavelmente, queria mais despojos. Contudo, o povo de Deus não podia voltar atrás em seu juramento. Tudo que Israel podia fazer era tornar os gibeonitas servos — e ele os pôs para trabalhar rachando lenha e tirando água para o tabernáculo. Pelo menos, Israel reverteu o erro que cometera em benefício para ele!

O que Jericó não conseguiu com seus muros, e Ai com suas armas, os gibeonitas conseguiram com estratégia. Satanás tenta um engodo atrás do outro para derrotar o povo de Deus, e precisamos estar constantemente em guarda. Note que, em geral, é depois de uma grande vitória que Satanás inicia seus ataques ardilosos. Foi depois da vitória sobre Jericó que Ai derrotou Israel, e foi depois de Israel derrotar Ai que Gibeão enganou Josué. Devemos ter cuidado com o julgar “segundo a carne” (Jo 8:15)

e com o depender de nossa sabedoria (Pv 3:5-6). Tiago 1:5 promete que Deus nos dará sabedoria se pedirmos a ele. Os cristãos têm de tomar cuidado com as associações mundanas (2 Co 6:14-18). No capítulo 10, vemos que Josué é obri-

gado a defender seus inimigos por causa da aliança precipitada que fez. Em Deuteronômio 7, Moisés advertiu Israel de que a amizade com as nações pagãs apenas o levaria ao pecado, e isso era o que estava acontecendo.

JOSUÉ 14—15

Na Bíblia, Calebe sobressai-se como um grande herói da fé. Somos informados seis vezes de que ele perseverou “em seguir ao SENHOR” (Nm 14:24; 32:12; Dt 1:36; Js 14:8-9,14). Calebe foi um vencedor (1 Jo 2:13-14 e 5:4), um homem que se entregou totalmente ao Senhor e obedeceu completamente à sua Palavra. Podemos traçar sua história espiritual em quatro estágios.

I. Calebe, o sofredor

Calebe deve ter nascido no Egito, na época em que os judeus passavam por grande sofrimento (Êx 1—2), já que tinha 40 anos em Cades-Barnéia. Ele nasceu escravo, contudo morreu herói! Josué 14:13-14 apresenta a ascendência dele. Alguns acham que Calebe (cujo nome significa “cachorro”) tinha ascendência mista, sendo seu pai quenezeu, e sua mãe da tribo de Judá (Js 15:13). Se isso for verdade, sua fé torna-se algo ainda mais espantoso! Entretanto, 1 Crônicas 2:18 apresenta-o como filho de Hezrom, descendente de Perez (1 Cr 2:5); e isso o põe na linhagem de Cristo (Mt 1:3). Em todo caso, Calebe foi redimido pelo sangue do cordeiro da Páscoa, libertado do Egito e ganhou a perspectiva de uma grande herança em Canaã. Ele poderia não ter herança sob Josué,

se não tivesse primeiro vivenciado redenção sob Moisés.

II. Calebe, o defensor (Nm 13—14)

Em estudos anteriores, já discutimos a rebelião de Israel em Cades-Barnéia. A nação, quando chegou à entrada de Canaã, saíra do Egito havia cerca de dois anos. Eles, em vez de crerem na Palavra de Deus e tomar posse imediatamente de sua herança, pediram um relatório dos 12 espiões (Dt 1:21ss). Calebe e Josué estavam entre os espiões, o que mostra a posição de confiança que desfrutavam em meio à nação. Quando se fez o relatório desses espiões, apenas Calebe e Josué defenderam Moisés e encorajaram a nação a entrar em Canaã. Os dez espiões infamaram a terra (14:36), enquanto Calebe e Josué encantaram-se com a terra. A nação queria voltar; os dois homens de fé queriam seguir adiante. A maioria caminha pela visão; a minoria, pela fé. A nação rebelde viu apenas os obstáculos, os problemas; o líderes crentes viram as oportunidades, as perspectivas. Qual foi o resultado disso? Os dez espiões e a geração incrédula morreram no deserto! Contudo, Calebe e Josué viveram para entrar na terra prometida e usufruir dela. “O pensador da carne dá para a morte” (Rm 8:6). Calebe precisou ter coragem para permanecer contra toda a nação, mas Deus honrou-o por isso.

III. Calebe, o errante

Calebe não morreu no deserto, mas **teve** de sofrer com a nação **incrédula** durante os quase 40 anos em **que** erraram pelo deserto. Imagine **o** que esse crente piedoso teve de **sofrer!** Todos os dias, ele viu **pe-**soas morrerem e perderem sua **he-**rança. Ele ouviu a murmuração e as **queixas** do povo. Esse homem de fé **teve** de suportar a descrença dos **irmãos** israelitas. Ele amava Moisés, **mas** teve de ouvir os judeus **critica-**rem o líder e oporem-se a ele.

Como Calebe conseguiu man-ter sua vida espiritual rodeado de **tanta** carnalidade e descrença? O **coração** dele estava em Canaã! Deus dera-lhe uma herança mara-**vilhosa** (leia Js 14:9-12), e, embora seu corpo estivesse no deserto, sua **mente** e seu coração estavam em Canaã! Ele é uma imagem perfeita de Colossenses 3:1-4. Ele tinha o **que** Romanos 8:6 cita como “pen-**dor** do Espírito”. Calebe resistia às **provações** do deserto, porque sabia **que** não precisava temer a morte, **que** tinha a herança, e que Deus **não** o abandonaria. Como nós **temos** muito mais em Cristo! Con-**tudo**, desistimos com muita facili-**dade** e, logo, abandonamos nossa **peregrinação**.

IV. Calebe, o vencedor

Isso nos leva ao nosso estudo de Jo-**sué** 14—15. Josué estava dando a

cada tribo sua herança especial, e **Calebe** pediu a sua parte. Ele lem-**bra** Josué da promessa do Senhor (14:6-9), pois, apenas fundamenta-**dos** na Palavra de Deus, podemos **tomar** posse de nossas bênçãos. **Observe** o testemunho glorioso de **força** que Calebe dá (14:10-11). A **pessoa** de fé é aquela que tem força. **Quarenta** e cinco anos depois do fra-**casso** da nação em Cades-Barnéia, **Calebe** já tem 85 anos, contudo ele **está** ansioso em tomar posse de sua **herança** para a glória de Deus. É **triste** quando os crentes permitem **que** a “idade avançada” os torne **queixosos**, quando deveriam (como **Calebe**) ser conquistadores.

“Dá-me este monte” (14:12). **Calebe** era um homem de visão es-**piritual**, como também tinha vitali-**dade** espiritual, e essas duas quali-**dades** levaram-no à vitória espiritua-**l**. Deus prometera-lhe a herança, e **Calebe** tinha fé de que ele cumpriria **sua** promessa (veja Rm 4:20-21). **Calebe** estava capacitado para ex-**pulsar** os habitantes de sua herança (Js 15:13-14), os próprios “gigantes” **de** quem os dez espíões descrentes **tiveram** medo (Nm 13:28,33). A **des-**crença vê os gigantes; a fé vê Deus. **A** descrença depende do “senso **co-**mun” do homem; a fé repousa to-**talmente** na Palavra de Deus.

Otniel, sobrinho de Calebe, **ajudou-o** em uma de suas conquis-

tas (Js 15:15-17) e recebeu a filha de Calebe por esposa. Mais tarde, esse homem torna-se o primeiro juiz de Israel (Jz 3:9ss) e, dessa maneira, exerce a liderança da família. A filha de Calebe retrata uma verdade espiritual maravilhosa. Ela, depois de seu casamento com Otniel, retorna a seu pai para pedir mais uma bênção (15:18-19). Calebe dera-lhe uma terra, mas ela também queria fontes de água para nutrir a terra. O cristão deve continuar, com alegria, a pedir ao Pai as bênçãos mais excelentes, especialmente as “fontes espirituais” que irrigam a vida produtiva. A terra que Deus nos dá nunca frutificará sem as fontes de água (Jo 7:37-39).

Que diferença faz para a vida do crente perseverar “em seguir ao SENHOR” e em exercitar a fé na Palavra. A dedicação e a fé de Calebe salvaram-lhe a vida, deram-lhe uma herança, venceram o inimigo e possibilitaram que enriquecesse a família pelos anos por vir. Com certeza, o Senhor espera que os cristãos de hoje sejam vencedores; na verdade, Paulo afirma que “somos mais que vencedores” (Rm

8:37). Josué e Calebe venceram com armas físicas e tomaram posse de uma herança material, mas nós vencemos com armas espirituais (2 Co 10:3-5) e tomamos posse de nossa herança espiritual em Cristo (Ef 1:3). Os cristãos devem vencer por meio da fé em Cristo (1 Jo 5:4). Temos de vencer o mundo (1 Jo 5:5), as falsas doutrinas (1 Jo 4:1-4) e o Maligno (1 Jo 2:13-14). Cristo já venceu Satanás (Lc 11:21-22) e o mundo (Jo 16:33, portanto apenas precisamos afirmar a vitória dele por meio da fé. Observe, nas cartas às sete igrejas (Ap 2—3), as muitas promessas àqueles que vencem: “O vencedor herdará estas coisas” (Ap 21:7).

Da mesma forma que Calebe, nós vencemos o inimigo e tomamos posse da herança: (1) devemos entregar-nos totalmente ao Senhor; (2) devemos conhecer as promessas dele e crer nelas; (3) devemos manter o coração e a mente fixos na herança; (4) devemos depender de Deus para conseguir vitória. “Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Co 15:57).

JOSUÉ 23-24

Normalmente, pensamos em Josué como um grande soldado, e ele era, mas aqui o vemos como um grande pastor que demonstra preocupação amorosa para com seu povo. Ele serviu fielmente ao Senhor e à nação. Agora, ele receia que o povo se afaste de Deus e perca sua herança. Pedro também se preocupou com a mesma coisa antes de morrer (1 Pe 1:12-15), como também o apóstolo Paulo (At 20:13ss). É trágico quando uma geração se sacrifica para obter as bênçãos de Deus, e uma nova geração vem e perde tudo.

I. O discurso de Josué para os líderes (23)

Josué chamou os líderes de todas as tribos. Provavelmente, isso aconteceu em Siló (18:1). Ele queria instilar em seus líderes a devoção sincera ao Senhor. Ele morreria, mas eles deveriam continuar o trabalho. Josué quer que sejam fiéis a Deus.

A. A revisão do passado (vv. 3-4)

Esses homens, da travessia do Jordão àquele dia, viram os prodígios do Senhor. Perceba como Josué dá a Deus toda a glória pelo que foi realizado: o Senhor lutou as batalhas. Tudo que Josué fez foi dividir a terra! É bom que nos lembremos do que Deus fez por nós.

B. A promessa para o futuro (v. 5)

Os trabalhadores de Deus mudam, mas sua Palavra permanece a mesma. Josué garante-lhes que Deus continuará a lutar por eles e a dar-lhes vitória sobre os inimigos deles.

C. A responsabilidade pelo presente (vv. 6-16)

Com frequência, o que Deus faz por seu povo depende do que o povo faz por ele. Josué lembra-os de sua responsabilidade como povo de Deus, e suas palavras levam-nos às advertências de Moisés, em Deuteronômio 7—11. Aqui, a palavra-chave é *nações*, usada seis vezes nos versículos 3 a 13. Israel deve ter cuidado com as nações pagãs da terra. A única forma de Israel ter esperança de ganhar a terra e tomar posse de sua herança é pela obediência à Lei de Deus (veja Js 1:7-8). Ele precisava de coragem para crer na Palavra e opor-se aos inimigos, mas Deus o capacitaria para isso.

A principal preocupação de Josué era Israel ser um povo separado e que não se misturasse com as nações pagãs. O versículo 7 apresenta o negativo (“Não vos mistureis com estas nações que restaram entre vós”), e o versículo 8, o positivo (“Mas ao SENHOR, VOSSO DEUS, vos apegareis”). Que loucura seria adorar os deuses de um inimigo derrotado! Como Israel era a nação separada pelo Senhor, Deus capacitaria um homem para fa-

zer o trabalho de mil (v. 10)! Os israelitas tinham de apegar-se ao Senhor ou às nações pagãs (vv. 11-12); mas, caso se misturassem com os pagãos, Deus tiraria deles suas bênçãos. O princípio do versículo 13 aplica-se a todos os crentes: quaisquer pecados que permitamos permanecer em nossa vida tornam-se redes e espinhos para nós.

Não podemos deixar de observar a ênfase de Josué na Palavra de Deus (vv. 6,14). “Nem uma só palavra falhou de todas as suas boas promessas” (veja 1 Rs 8:56). Obedecer à sua Palavra significa vitória e bênção; desobedecer a ela significa derrota e provação. Veja João 1:8.

II. O apelo de Josué ao povo (24:1-28)

Josué, depois de exortar os líderes, chamou todo o povo em Siquém, um lugar caro ao coração de Israel, já que foi ali que Deus prometeu a terra a Abraão pela primeira vez (Gn 12:6-7). Também nesse local, Jacó construiu um altar (Gn 33:20) e exortou a família a lançar fora seus ídolos (Gn 35:1-4). Ao mesmo tempo em que não há “lugares santos” na terra, há locais que despertam lembranças sagradas nos crentes.

Josué preocupava-se que o povo caísse em idolatria por causa da influência das nações pagãs que viviam entre ele. Israel era propenso à adoração de ídolos, e Josué

sabia que a idolatria faria com que perdesse sua herança. Portanto, ele usou diversos argumentos a fim de encorajá-lo a devotar-se totalmente ao Senhor.

A. A bondade de Deus no passado (vv. 2-13)

Josué fez todo o caminho de volta ao nascimento da nação no chamado de Abraão. Abraão e seu pai eram idólatras até que Deus, em sua graça, os chamasse. O chamado de Abraão não se deveu a sua bondade, pois era pagão, mas à graça e ao amor de Deus. O Senhor deu a terra a Abraão, Isaque e Jacó. O Senhor protegeu os judeus no Egito e, depois, libertou-os com sua mão poderosa. Ele guiou-os e proveu para eles no deserto. Ele derrotou nações por causa deles. Ele os fez passar o Jordão, trouxe-os à terra prometida e expulsou os inimigos que tinham diante deles. O que mais Deus poderia ter feito por seu povo? Agora, eles tomavam posse de sua herança e desfrutavam das bênçãos da terra. Como eles deviam amar e servir ao Senhor!

B. O exemplo do próprio Josué (vv. 14-15)

Israel tinha de servir a algum deus — os deuses dos pagãos ou o verdadeiro Deus, Jeová. Josué disse: “Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR”. Não é apenas encorajador, mas es-

sencial, que líderes piedosos dêem o bom exemplo na própria casa.

C. O perigo da disciplina (vv. 16-21)

Por três vezes, o povo garante a Josué que servirá ao Senhor (vv. 16,21,24). Ele sabia que o que os israelitas diziam com os lábios nem sempre era verdade no coração. Ele adverte: “Não podereis servir ao SENHOR, porquanto é Deus santo, Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados. Se deixardes o SENHOR e servirdes a deuses estranhos”. Ele advertiu-os de que a idolatria traria punição e disciplina e a perda da terra.

D. A aliança com Deus (vv. 22-28)

No Sinai, Deus fez uma aliança com Israel (veja Êx 20), e, em Deuterônimo, a nova geração, sob a liderança de Moisés, renovou essa aliança. Contudo, cada geração tinha de reafirmar sua fidelidade a Deus, portanto Josué renovou a aliança com o povo. Ele escreveu as palavras no Livro da Lei e, depois, as pôs sobre uma pedra para lembrá-los de sua promessa. Isso traz à mente as pedras assentadas quando Israel atravessou o Jordão (cap. 4). Somos tão propensos ao esquecimento que Deus precisa usar lembretes (como a ceia do Senhor) a fim de manter seu povo no caminho da obediência. Nos anos seguintes, os judeus, mesmo com os lembretes,

não mantiveram sua aliança com o Senhor. Para o relato dessa tristeza, leia Juízes 21:25.

III. As realizações de Josué para o Senhor (24:29-33)

O versículo 31 é um grande testemunho desse homem de Deus — por causa de sua liderança, a nação serviu ao Senhor e continuou servindo-lhe mesmo depois de sua morte. Deus usou Josué para fazer muitas coisas por Israel. Ele guiou os israelitas na travessia do Jordão, levou-os de uma vitória a outra na terra, deu-lhes sua herança. Com certeza, para Israel, o túmulo de Josué era outro lembrete do poder e da misericórdia do Senhor. O povo de Deus age com acerto quando se lembra de guias piedosos e imita a fé que tiveram (Hb 13:7-8).

Esses versículos registram três sepultamentos: o de Josué, o de José e o de Eleazar. Os irmãos de José tinham prometido sepultar seus restos em Canã (Gn 50:25), portanto os judeus levaram seus ossos do Egito (Êx 13:19). Isso é um retrato de nossa futura ressurreição, pois, como o corpo de José foi redimido do Egito, também nosso corpo, um dia, não apenas descansará em sua moradia de direito, como também se transformará para ser igual ao corpo de Jesus Cristo (Fp 3:20-21). É fácil acreditar que também a sepultura de

José era um lembrete para o povo da fidelidade de Deus. O Senhor usara José para manter o povo vivo durante a fome, e ele foi-lhe fiel mesmo na terra pagã do Egito.

Lembremo-nos, ao terminar esse livro, que Cristo é nosso Salvador e que ele luta nossas batalhas por nós e ajuda-nos a tomar posse de nossa herança.

JUÍZES

Esboço

I. Apatia (1—2)

- A. Primeiras vitórias (1:1-26)
- B. Derrotas consecutivas (1:27-36)
- C. Castigo divino (2:1-5)
- D. Serviço a outros deuses (2:6-23) (resumo do livro todo)

II. Apostasia (3—16)

- A. Otniel (3:1-11 — Mesopotâmia)
- B. Éude e Sangar (3:12-31 — Moabe)
- C. Débora e Baraque (4—5 — cananeus)
- D. Gideão (6—8 — midianitas)
- E. Abimeleque, Tola e Jair (9:1—10:5 — homens de Siquém)
- F. Jefté (10:6—12:15 — Amom)
- G. Sansão (13—16 — filisteus)

III. Anarquia (17—21)

- A. Idolatria (17—18)
- B. Imoralidade (19)
- C. Guerra civil (20—21)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Tema

O livro de Juízes, da mesma forma que o de Josué, continua a história de Israel após a morte de Moisés (Js 1:1) e apresenta a história de Israel após a morte de Josué (Jz 1:1). Esse, conforme vemos em seu versículo-chave, é um livro de derrota e de desgraça: “Cada qual fazia o que achava mais reto” (17:6). O Senhor já não era mais “rei em Israel” — as tribos dividiram-se; o povo misturou-se com as nações pagãs; e Deus precisava castigar seu povo. Em 2:10-19, temos um resumo do livro todo — bênção, desobediência, castigo, arrependimento, libertação. Juízes é o livro da vitória incompleta, é o livro do fracasso do povo de Deus em crer em sua Palavra e afirmar o poder dele.

II. Lição espiritual

Recordaremos as três divisões de Josué: a travessia do rio, a conquista do inimigo e a posse da herança. Josué relata como Israel atravessou o rio e iniciou a conquista do inimigo, mas o livro termina com “ainda muitíssima terra ficou para se possuir” (Js 13:1 e 23:1-11). A “travessia do rio” significa a morte do “eu” e a separação do pecado, significa tomar posse de nossa herança espiritual por meio da fé (Ef 1:3). Con-

tudo, desanimamos com facilidade ou fazemos concessões ao inimigo depois de dar esse passo de fé. Israel entrou em sua terra, mas não tomou posse de toda a sua herança. Primeiro, a nação tolerou o inimigo, depois recolheu tributos (taxas) dele e misturou-se com ele e, por fim, entregou-se a ele. Os israelitas conseguiram vencer apenas por intermédio dos libertadores (juízes) de Deus. Os cristãos têm facilidade para “acomodar-se ao pecado” e perder as bênçãos da dedicação completa e da vitória total.

III. A terra

A terra prometida tinha muitas nações e muitos “reis menores” que governavam territórios menores. Josué liderou a nação, em conjunto, e obteve grandes vitórias sobre os principais inimigos; assim, pavimentou-se o caminho para que cada tribo tomasse posse, pela fé, da herança que lhe fora destinada. Josué é um registro do esforço conjunto, mas Juízes registra uma nação dividida, não mais devotada ao Senhor, esquecida da aliança que fizera no Sinai.

IV. Os juízes

Esse livro enumera 12 juízes escolhidos por Deus a fim de derrotar um inimigo específico em um território particular e dar descanso ao povo. Esses juízes não eram líderes

nacionais; antes, eram líderes locais que livravam o povo de várias opressões. É possível que houvesse sobreposição de alguns períodos de opressão e de descanso. Nem todas as tribos participaram de toda batalha, e, com frequência, havia rivalidade entre as tribos. Que o Senhor chamasse essas “pessoas comuns” de juízes e usasse-as de forma tão poderosa, é outra evidência de sua graça e poder (1 Co 1:26-31). O Espírito de Deus revestiu esses líderes para um serviço específico (6:34; 11:29; 13:25), embora a vida pessoal deles não fosse exemplar em todos os sentidos. Os muitos anos sob o governo dos juízes prepararam Israel para pedir um rei (1 Sm 8).

V. As nações que sobraram

Deus, por várias razões, permitiu que as nações pagãs ficassem na terra: (1) para punir Israel (2:3,20-21); (2) para pôr Israel à prova

(2:22 e 3:4); (3) para fornecer experiência de guerra a Israel (3:2); e (4) para impedir que a terra se tornasse um deserto (Dt 7:20-24). Se Israel quisesse viver com essa situação de “segunda classe”, Deus faria a vontade dele. Assim, ele usou essas nações para seus próprios propósitos. Os judeus podiam usufruir vitória total, mas eles enveredaram para a concessão. Os capítulos 3—16 retratam as experiências de “altos e baixos” de algumas pessoas do povo de Deus. Infelizmente, a nação não se entregou ao Senhor nem obedeceu a ele; em vez disso, voltou-se para os ajudadores humanos. Muitos cristãos têm seus “altos e baixos” e correm para o pastor, ou um amigo, em busca de ajuda, em vez de primeiro ficar a sós com Deus, a fim de permitir-lhe examinar o coração deles e dar-lhes a ajuda de que precisam.

JUÍZES 1–5

I. O fracasso dos israelitas (1—2)

A. Eles não conquistam a terra (1:1-36)

Os versículos 1-8 registram as vitórias anteriores de Judá e Simeão, enquanto o resto do capítulo é o registro de inúmeras derrotas. Essas duas tribos conseguiram tomar Bezeque (v. 4), Jerusalém (v. 8), Hebrom (v. 10), Debir (v. 11), Zefate (v. 17), Gaza, Asquelom e Erom (v. 18). A casa de José toma Betel (v. 22), mas o resto das tribos não conseguiu expulsar o inimigo. O que se iniciou como uma série de vitórias, lideradas pelo Senhor, terminou como uma série de concessões. Judá não conseguiu expulsar os moradores do vale (v. 19; e veja 4:13ss); Benjamim não expulsou os jebuseus (v. 21), e, da mesma forma, as outras tribos “estabeleceram-se” com as nações pagãs (vv. 27-36). Eles conseguiram racionalizar o fracasso ao tornar os povos pagãos servos, mas isso trouxe apenas problemas adicionais. Em Josué 23—24, Josué advertira-os de não fazerem concessões ao inimigo, mas agora eles caíam na própria rede.

B. Eles não obedecem à Lei (2:1-10)

É claro que essa foi a razão para os contínuos fracassos e derrotas deles. Deus prometera a Josué vitória constante, se a nação honrasse e obedecesse à Palavra (Js 1:7-8), e Josué repetiu essa promessa aos líderes (Js 23:5-11). Gilgal foi cenário de grande vitória de Israel, mas agora o Senhor moveu-se de Gilgal para Boquim, “o local de choro”, enfatizando o trágico declínio de Israel de vencedor a pranteador! (Para ver a importância de Gilgal, cf. Js 5:1-9; 9:6; 10:6. Gilgal era o centro das operações militares de Israel, o campo de Josué. Agora, ele fora abandonado.)

Deus lembrou o povo de que desobedecera à Lei ao fazer aliança com as nações pagãs e ao unir-se aos deuses delas. Leia Deuteronômio 7 com atenção para ver as instruções do Senhor sobre esse assunto de separação. Durante os anos de Josué e dos líderes que vieram depois dele, a nação seguiu a Lei; contudo, após a morte deles, apostatou. “E outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR” (veja v. 10). Eles não tinham nem mesmo trazido os próprios filhos para o Senhor! Em Deuteronômio 6:1-15, Deus instruiu-os a ensinar a Lei aos filhos, e eles não fizeram isso. Isso acontece com muita frequência em nações, igrejas e famílias. É muito fácil a

“geração mais jovem” afastar-se do Senhor, se a “geração mais velha” não é fiel em ensiná-la e em dar o melhor exemplo de obediência para ela.

C. Eles não se achegam ao Senhor (2:11-23)

Eles deixaram o Senhor e seguiram outros deuses. A religião dos cananeus era horrivelmente perversa, com práticas obscenas demais para serem discutidas. A adoração a Baal e a Astarote (deidades masculina e feminina, v. 13) infestou Israel ao longo de sua história. Quando isso entra na vida dele, fica difícil de exterminar. Quando o povo abandonou ao Senhor, ele também o abandonou. Vez após vez, ele “o entregou” nas mãos de seus inimigos. Durante centenas de anos, a nação, em vez de usufruir o “descanso” que Deus prometera, entrou e saiu da escravidão, com apenas períodos ocasionais em que usufruía do “descanso” do Senhor. O julgamento, todas as vezes, era tão severo que, no fim, a nação gemia para Deus. O Senhor poderia enviar um libertador, mas note que o Senhor estava com a pessoa do juiz, não com a nação toda. É muito triste que as pessoas se voltem para o Senhor apenas quando estão com problemas; quando o juiz morria, a nação reincidia no pecado.

Hoje, vemos esses fracassos em cristãos confessos. Às vezes, nós,

em vez de derrotarmos o inimigo, fazemos concessões e deixamos o inimigo levar-nos para baixo. Com frequência, desobedecemos deliberadamente à Palavra de Deus e, muitas vezes, fracassamos em amar ao Senhor e em achegarmo-nos a ele por meio da fé. Deus, quando isso acontece, tem de castigar-nos, e o único remédio para nós é arrependê-nos e voltar-nos para ele.

II. As vitórias dos juízes (3—5)

Em Josué, havia um líder, e Deus estava com toda a nação; mas, em Juízes, há muitos líderes, e Deus está apenas com esses líderes, não com toda a nação (2:18). Aqui, o livro enumera vários juízes menores que podemos apenas estudar de forma breve.

A. Otniel (3:1-11)

Durante oito anos, o povo da Mesopotâmia escravizou Israel; depois, Deus suscitou Otniel, genro de Calebe, para libertar a nação. Otniel significa “Deus é força”, e ele viveu de acordo com seu nome. Veja Juízes 1:9-15 e João 15:16-19. É provável que tenha agradado à família de Calebe ter um homem tão corajoso em suas fileiras. Ele libertou a nação, e os israelitas tiveram descanso durante 40 anos.

B. Eúde (3:12-30)

Dessa vez, o Senhor usou os moa-

bitas para castigar Israel, junto com Amom e os amalequitas, inimigos antigos dos judeus! Durante 18 anos, os israelitas serviram como escravos, até que Eúde libertou-os e deu-lhes descanso por 80 anos. Deus usou o fato de ele ser canhoto para derrotar o inimigo, pois o rei não tinha como saber que Eúde tiraria o punhal do lado direito de sua vestimenta (3:21). Ao que tudo indica, os benjamitas eram pródigos em canhotos (Jz 20:16; 1 Cr 12:2). Eúde, depois de matar o rei inimigo, pôde reunir seu exército e expulsar os invasores.

C. Sangar (3:31)

Provavelmente, Sangar liderou o povo em uma vitória local contra os filisteus. Ele não é chamado de juiz, embora seja citado com eles. Deus é capaz de usar as armas mais loucas, mesmo “uma aguilhada de bois”.

D. Débora e Baraque (caps. 4-5)

A nação caíra tão baixo que agora uma mulher a julgava, o que era humilhante para os homens naquela sociedade predominantemente masculina (veja Is 3:12). Durante 20 anos, Israel oprimiu os cananeus, e Deus suscitou essa profetisa a fim de liderá-lo no caminho para a vitória. Primeiro, ela chamou Baraque para libertar a nação (4:1-7) e até deu-lhe o plano de batalha que

recebeu do Senhor. Em geral, o rio Quisom ficava seco, mas Deus estava mandando uma grande tempestade que inundaria o leito do rio, e os carros de ferro ficariam presos (veja 4:3 e 5:20-22). Embora Hebreus 11:32 cite Baraque como um homem de fé, aqui o vemos como um homem que depende de Débora para vencer. Na verdade, Deus usou duas mulheres para libertar os judeus — Débora, a profetisa, e Jael (vv. 18-24). É interessante comparar Baraque e Sansão. Ambos estavam associados a mulheres, mas em um caso esse fato leva à vitória, e no outro, à derrota. Baraque liderou 10 mil homens no monte Tabor, crendo na promessa de Deus transmitida por sua serva, Débora. O Senhor, quaisquer que tenham sido as fraquezas de Baraque, ainda honrou-o por sua fé. Débora, em seu cântico de vitória (cap. 5), bendiz ao Senhor pela disposição do povo em lutar na batalha (vv. 2,9). Entretanto, ela também cita o nome de algumas tribos que foram muito covardes para lutar (5:16-17). A batalha aconteceu “junto às águas de Megido”, onde o rio Quisom desliza do monte Tabor. Sísera e seu exército pensaram que os carros de ferro os fariam vencer, mas foram os carros que os levaram à derrota! Deus mandou uma grande tempestade (5:4-5 e 20-22) que transformou a planície em um charco, e o inimigo não pôde atacar.

Nesse dia, Israel obteve uma grande vitória, liderada por Baraque e planejada por Débora.

Contudo, não é Baraque que mata o general Sísera. Essa tarefa cabe a outra mulher, Jael. Os que-neus eram amigáveis com Israel (Jz 1:16) por causa da ligação deles com a família de Moisés (Jz 4:11), mas eles também eram amigáveis com Jabim, o rei cananeu. Em geral, na cultura oriental, um homem não entra na tenda de uma mulher, mas Jael persuadiu Jabim, o fez sentir-se confortável e, depois, matou-o. A "estaca" provavelmente era uma estaca de madeira usada nas tendas. Sua obra é bendita no cântico de Débora (5:24-27), embora algumas pessoas achem

difícil entender essa obra. Com certeza, quando as tropas de Baraque pegassem Sísera, elas o matariam, pois ele era inimigo do Senhor (5:31), não inimigo pessoal de Jael. Ela estava ajudando Israel a lutar as batalhas do Senhor. Duas mulheres regozijam-se em vitória (Débora e Jael), porém uma (a mãe de Sísera) clama em sofrimento (5:28-30).

Em 5:6-8, observe a descrição do estado lamentável da sociedade de Israel nessa época. O povo estava tão temeroso que se mudava das aldeias para as cidades fortificadas, e era perigoso viajar pelas estradas principais. O declínio na vida social e moral da nação era uma consequência inevitável do declínio espiritual dela.

JUÍZES 6-8

Hebreus 11:32 põe Gideão no topo da lista de juízes. Embora, às vezes, ele vacilasse em sua fé, ainda era um “homem de fé” que ousara crer na Palavra de Deus. Vemos como sua fé é maravilhosa ao perceber que ele era um fazendeiro, não um guerreiro treinado! Nessa passagem, traçaremos a carreira de Gideão.

I. Gideão, o covarde (6:1-24)

Sete anos de escravidão sob o comando dos midianitas levou Israel ao seu estado de mais debilidade. Em vez de “cavalgar sobre os altos da terra” (Dt 32:13), eles cavalgavam nos antros! Não permitiam nem mesmo que os israelitas colhessem seus grãos, o que explica o fato de Gideão estar amassando no lagar. O profeta de Deus (vv. 7-10) lembra o povo de sua descrença e pecado; depois, o Anjo do Senhor — o próprio Cristo — visitou Gideão a fim de prepará-lo para a sua vitória. Lembre-se de que Deus abandonara seu povo temporariamente; ele agora trabalhava por intermédio de pessoas escolhidas (2:18).

Pareceu zombaria quando o Anjo chamou Gideão de “homem valente” (v. 12), contudo Deus apenas antecipava o que Gideão se tornaria por meio da fé. Isso nos lembra das palavras de Cristo a Pedro:

“Tu és [...] tu serás...” (Jo 1:42). Contudo, veja a descrença de Gideão, a causa de sua covardia, quando questiona Deus: “Se [...] por que [...] e que é feito [...] porém...?”. A seguir, ele pede que Deus lhe dê um sinal! Com certeza, essa não é a linguagem da fé. Gideão confessou que Deus castigara seu povo justamente (v. 13), mas ele não podia entender como o Senhor usaria um pobre fazendeiro como ele para libertar a nação. Deus satisfaz a descrença dele com uma série de promessas: “O SENHOR é contigo”; “Livre Israel [...] não te enviei eu?”; “Já que eu estou contigo” (vv. 12,14). A fé vem ao ouvir a Palavra de Deus (Rm 10:17). Gideão pediu um sinal, e Deus graciosamente deu-lhe um sinal (vv. 19-24). Entretanto, esse não é um bom exemplo a ser seguido por nós. “Jeová *Shalom*” significa “O SENHOR é nossa paz” (vv. 23-24).

II. Gideão, o contendor (6:25-32)

Uma coisa é encontrar Deus na discrição do lagar, mas outra bem distinta é tomar publicamente o partido do Senhor. Naquela mesma noite, Deus testou a dedicação de Gideão ao pedir-lhe que derrubasse o altar de Baal que pertencia ao pai dele e construísse um altar ao SENHOR. Além disso, ele devia sacrificar o segundo boi de propriedade do pai (provavelmente reservado a Baal) sobre o novo altar. O testemu-

nho cristão deve começar em casa. **Gideão** obedeceu ao Senhor, porém **mostrou** descrença ao fazer a obra **à** noite (v. 27) e ao pedir que dez **homens** o ajudassem. Pode-se **imaginar** o furor da vizinhança quando, na manhã seguinte, descobriu o **altar** destruído! Ele matou Gideão? **Não!** Antes, Gideão tornou-se um **líder** com capacidade para reunir um **exército** a fim de prepará-lo para **lutar**. Deus nunca usará "santos **segredos**" para vencer grandes batalhas. **Temos** de sair em campo aberto e **assumir** nosso lugar, independentemente do custo.

III. Gideão, o conquistador (6:33—8:3)

A. Ele dominou seus temores (6:33—7:14)

Um exército de 32 mil homens ajuntou-se ao seu lado, mas ele ainda tinha dúvidas em relação a vencer. Como Deus é gracioso em ministrar a seus santos frágeis! Por duas vezes, Gideão pôs "uma porção de lã na eira", e Deus respondeu nas duas vezes. No entanto, é muito ruim quando o povo de Deus confia nas circunstâncias para guiá-lo, em vez de crer na clara Palavra do Senhor. Gideão não era o único que tinha medo; 22 mil soldados também estavam temerosos e voltaram para casa (7:1-3; e veja Dt 20:8). Entretanto, Deus não precisava dos

10 mil homens restantes. Assim, ele testou-os e mandou a maioria para casa. Os 300 homens que beberam água na mão (v. 6) tinham mais condição de enfrentar o inimigo em um ataque-surpresa.

Na noite da batalha, Deus viu que ainda havia temor no coração de Gideão (vv. 9-14) e deu-lhe graciosamente um sinal especial assegurando-lhe que venceria a batalha. O pão de cevada representava Gideão, pois a cevada era o alimento mais pobre que existia. Contudo, o Senhor usaria esse fazendeiro comum para conquistar uma grande vitória!

B. Ele conquistou seus inimigos (7:15-25)

Observe como Gideão transmite ao povo a promessa de vitória feita por Deus (v. 15; note o v. 9). Ele creu totalmente na Palavra do Senhor. Alcançaram essa vitória pelo poder de Deus, pois suas armas eram inúteis na batalha. Agora, o Espírito de Deus usava Gideão (6:34); veja Zacarias 4:6 e 1 Coríntios 1:26-31. Os cântaros escondiam a luz das tochas e também fariam muito barulho quando fossem quebrados; e, certamente, esse barulho, acrescido dos gritos e do soar das trombetas, afugentaria o inimigo. O cântaro, a tocha e a trombeta também têm relevância espiritual. Temos de nos purificar, ser vasos entregues para

o uso de Deus (2 Tm 2:21), deixar nossa luz brilhar (Mt 5:16) para que soe um testemunho claro de Cristo (1 Ts 1:8).

É fácil traçar os passos da vitória de Gideão: ele tem uma promessa na qual pode crer (6:12,14,16; 7:7-9), um altar para construir (6:25-26), um cântaro para quebrar, uma tocha para acender e uma trombeta para soar. E Deus deu vitória a ele!

C. Ele controlou seus sentimentos (8:1-3)

O exército original não incluía Efraim (6:35), contudo Manassés, a tribo irmã, foi convocada para a batalha. Mais tarde, Gideão chamou a tribo de Efraim para capturar dois príncipes famosos, e essa tribo fez o que ele lhe pedira. Mas ela fora provocada! Como é fácil a carne agir mesmo quando Deus dá uma grande vitória. Gideão poderia “repreendê-la”, mas, em vez de fazer isso, praticou Provérbios 15:1: “A resposta branda desvia o furor”. É melhor dominar nossos sentimentos que conquistar uma cidade (Pv 16:32), e se Gideão ofendesse seus irmãos nunca mais poderia tê-los de volta (Pv 18:19). Líderes piedosos devem saber controlar os próprios sentimentos.

D. Gideão, o concessor (8:4-35)

Gideão e seus 300 homens perseguem os dois reis midianitas, mas

os homens de Sucote e Penuel não os ajudam. A atitude deles provocou Gideão, que prometeu se vingar. Parece que esse é o início de sua apostasia, pois certamente Deus lidaria com esses homens rebeldes da sua maneira (Rm 12:19). O exército pegou os midianitas de surpresa quando os reis sentiam-se confiantes (8:11), e Gideão, em sua marcha de regresso, puniu os homens de Sucote e Penuel com espinhos do deserto e abrolhos (8:16-17). Depois, ele matou os dois reis que haviam matado seus irmãos.

Devemos sempre prestar atenção à tentação do pecado após conseguir uma grande vitória, pois Satanás ataca-nos sutilmente quando menos esperamos. A nação pediu que Gideão se tornasse seu rei e estabelecesse uma dinastia, mas ele se recusou a fazer isso. “O SENHOR vos dominará.” No entanto, Gideão aproveitou a oportunidade para pedir uma coisa menor — todas as argolas deles. Esse parecia um presente adequado para um grande libertador; contudo, tenha em mente que essas jóias de ouro se associavam à adoração de ídolos. Na verdade, o versículo 21 descreve ornamentos em forma de meia-lua, que estão ligados à adoração da lua. Leia Gênesis 35:1-4 para ver a associação entre brincos e idolatria.

Gideão fez uma “estola sacerdotal” (ou imagem) idólatra com os

31,7 quilos de ouro que arrecadou. Satanás, com as argolas, conseguiu o que os midianitas não conseguiram com a espada. É triste ver o homem que destruiu o altar de Baal instituir um ídolo próprio. Infelizmente, toda a nação afastou-se de Deus e adorou o novo deus (v. 27). Quando Gideão morreu, a nação voltou imediatamente à adoração de Baal (v. 33).

A história subsequente da família de Gideão não é encorajadora.

Ele teve muitos filhos e filhas com suas "muitas mulheres" (v. 30), mas todos eles foram mortos (com exceção de Jotão) pelo filho da concubina de Gideão, cujo nome era Abimeleque (v. 31; Jz 9:1-6). Além disso, a nação não tratava a família de Gideão, antes que todos seus membros fossem mortos, com benevolência (v. 35). O coração pecador esquece com rapidez do Senhor (v. 34) e das pessoas que lhe serviram fielmente.

JUÍZES 13-16

Na Bíblia, há poucos relatos tão trágicos como esse. Eis um homem a quem Deus deu um tempo de 20 anos para começar a conquistar o inimigo; contudo, no fim desse tempo, ele mesmo fora conquistado pelo inimigo. A história de Sansão é uma ilustração da advertência de Paulo, em 1 Coríntios 9:27, pois Sansão era um desqualificado. Hebreus 11:32 cita-o por sua fé na Palavra de Deus; contudo, afora isso, pode-se dizer muito pouco a favor dele. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Observe o caminho que levou Sansão ao pecado e a um trágico fim.

I. Ele despreza sua herança (13)

Sansão nasceu em uma casa piedosa, de pais que criam na oração. Ele era uma dádiva especial de Deus para seus pais e para a nação. Ele teve um pai que orou: “Nos ensine o que devemos fazer ao menino que há de nascer” (v. 8; e veja v. 12). Os pais tinham temor a Deus e tentaram instilar esse temor no filho. Eles trouxeram ofertas para o Senhor e não rezearam em crer nas maravilhosas promessas dele.

Deus deu a Sansão uma investidura especial do Espírito Santo que o tornou um conquistador. O Senhor chamou Sansão para ser um nazireu

(“separado”), totalmente entregue a ele. De acordo com Números 6, o nazireu nunca podia tomar bebida forte nem tocar um cadáver; e o sinal de sua dedicação era o cabelo, “sobre cuja cabeça não passará navalha”.

O Sansão adulto desprezou toda essa herança maravilhosa! Ele, em vez de pôr-se nas mãos de Deus a fim de cumprir a tarefa que lhe foi dada pelo Senhor, escolheu viver para agradar a si mesmo. Como é trágico quando Deus dá ao jovem uma herança maravilhosa, uma grande oportunidade, e ele a trata de forma leviana.

II. Ele afronta os pais (14:1-4)

A forma como nos damos com nossos entes queridos pode ser uma evidência de declínio espiritual. “Desceu Sansão [...]” (14:1) é uma verdade tanto sob o aspecto espiritual como geográfico. Ele, em vez de ficar nos limites de Israel, foi ao território inimigo e apaixonou-se por uma mulher pagã. Ele conhecia as leis de separação que Deus deu aos judeus, mas escolheu ignorá-las (veja Êx 34:16; Dt 7:3 e 2 Co 6:14-18; e também Gn 24:1-4). Observe que ele *declarou* aos pais, ele não *pediu* a eles. E quando eles o lembraram da lei de Deus, ele afrontou-os. Ele insistiu: “Toma-me esta, porque só desta me agrado”. O fato de sua vontade desagradar aos pais

não incomodou Sansão. Observe **que**, nesse exemplo, Deus, misericordiosamente, desconsidera o **pe**ccado dele e usa-o para enfraquecer **os** filisteus (v. 4). Os jovens cristãos **precisam** parar e meditar com **cuidado** quando afrontam pais **pie**dosos que conhecem a Palavra de Deus.

III. Ele contamina seu corpo (14:5-20)

Naquela época, os pais faziam os **arranjos** para o casamento, e, entre o noivado e o casamento, havia um **período de tempo** cuja duração era **de** diversos meses. Apesar de Sansão não caminhar totalmente na **vontade** de Deus, o Senhor dá-lhe **poder** para dominar o leão quando **se** encontra com este. Meses mais **tarde**, Sansão, quando volta para completar o casamento, encontra **mel** na carcaça do leão. Números 6:6-9 conta-nos que o nazireu não deve jamais tocar um cadáver, **mas** ele contamina-se deliberadamente por causa do mel! Quantos cristãos de hoje contaminam-se apenas para desfrutar de um pouco de mel da carcaça do leão — talvez seja um livro popular, um filme ou uma amizade questionável. É triste dizer que Sansão passou o **pecado** para os pais e, depois, fez uma brincadeira com isso a fim de entreter seus amigos! Ele, como nazireu e judeu, não tinha o direito de tomar por esposa “uma das fi-

lhas dos filisteus”, de realizar um casamento mundano. O casamento nunca se concretizou, mas a semente do pecado já fora semeada no coração dele.

IV. Ele desconsidera a advertência de Deus (15)

Esse é um capítulo de vitórias aparentes, contudo termina com o “homem forte” absolutamente exaurido pela falta de água. Ele queimou os campos dos filisteus, mas estes sobem e queimam a casa da mulher **que ele amava** (15:6 paralelo a 14:15). Sansão vinga a morte deles, mas, seu próprio povo vira-se contra ele e entrega-o ao inimigo (vv. 11-13). Deus liberta-o, mas o Senhor adverte-o ao mostrar-lhe como era fraco. Há apenas duas orações feitas por Sansão: aqui, por água (vv. 18-20) e, em 16:20, por força para destruir os filisteus. Seus pais eram devotos, porém Sansão não seguiu o exemplo deles. Aqui, Deus adverte-o, mas ele não presta atenção à advertência.

V. Ele brinca deliberadamente com o pecado (16)

Sansão já tivera problema com uma mulher, mas agora ele tenta de novo e, dessa vez, penetra no território inimigo de Gaza. Deus, mais uma vez, adverte-o ao permitir que os inimigos quase o peguem, mas Sansão ainda se recusa a arrepender-se.

Nesse momento, Dalila entra em sua vida e leva-o à ruína. O vale de Soreque ficava próximo à casa dele, contudo o coração de Sansão já estava longe do Senhor.

É chocante ver esse nazireu dormir sobre os joelhos de uma mulher perversa, mas é isso que acontece quando as pessoas escolhem desprezar os conselhos dos entes queridos e do Senhor. Três vezes, Dalila instiga Sansão, e, três vezes, ele mente para ela. A cada vez, o inimigo atacou-o, portanto ele deveria perceber que estava em perigo. No entanto, leia Provérbios 7:21-27 para saber por que Sansão cedia. Ele dormia quando devia estar acordado! Lembre-se da advertência de Cristo a Pedro, em Mateus 26:40-41. Observe que, na verdade, a cada mentira que Sansão conta, ele aproxima-se mais da verdade. Como é perigoso brincar com o pecado.

O resto da história mostra o trágico fim do crente que não deixa Deus traçar seu caminho e sua vida. A partir do versículo 20, Sansão não faz nada mais além de perder. Ele perde o cabelo, o símbolo nazireu de sua consagração, pois abandonara havia muito sua consagração. Assim, ele perde sua força, mas ignora o fato até ser dominado. Como é vã a tentativa do servo de Deus de servir-lhe em desacordo com a vontade do Senhor. A seguir, Sansão perde a luz,

pois os filisteus vazaram seus olhos. Ele perde a liberdade, pois o amarraram com duas cadeias de bronze. Ele perde sua utilidade para o Senhor, pois termina moendo grãos, em vez de lutando as batalhas de Deus. Alguém disse que o versículo 21 retrata a cegueira, a prisão e a opressão resultantes do pecado. E tudo isso tem início quando Sansão despreza suas bênçãos e afronta os pais!

Sansão também perdeu seu testemunho, pois era motivo de diversão para os filisteus. Deram toda a glória a Dagom, o deus deles, não ao Deus de Israel. Aparentemente, Sansão arrependeu-se de seu pecado, pois o Senhor deu-lhe mais uma chance para agir pela fé. O cabelo dele começara a crescer de novo, e Sansão pede que o Senhor lhe dê força para que possa obter mais uma vitória sobre o inimigo. Deus responde ao pedido dele, contudo Sansão, para destruir os inimigos, tira a própria vida. Sansão, como Saul, era um desqualificado, pois pecara até a morte, e Deus tinha de tirá-lo de cena (veja 1 Co 11:30-31; 1 Jo 5:16-17). Seus pais pediram seu corpo e sepultaram-no “entre Zorá e Estaol” — o mesmo local em que iniciara seu ministério (13:25).

Sansão retrata as pessoas que têm poder para dominar os outros, mas não conseguem dominar a si mesmas. Ele pôs fogo nos campos dos filisteus, mas não conseguiu controlar

o fogo da própria luxúria. Ele matou um leão, mas não pôde matar as paixões da carne. Ele quebrou com facilidade as correntes com que os homens o prenderam, mas os grillhões do pecado, gradualmente, prenderam com mais força sua alma. Ele preferiu trabalhar sozinho, em vez de liderar a nação, e, como resultado disso, não deixou uma vitória permanente em seu rastro. Ele é lembrado pelo que destruiu, não pelo que construiu.

Faltaram-lhe a disciplina e a direção, sem as quais sua força pouca coisa poderia realizar. Ele fracassou em examinar os impulsos que se manifestaram logo no início de sua carreira, os quais o mataram.

A tarefa de finalmente derrotar os filisteus ficou para Samuel e Davi, em anos posteriores. Samuel, com uma oração, realizou mais que Sansão em 20 anos de luta (veja 1 Sm 7:9-14).

RUTE

Esboço

I. O pesar de Rute (1)

- A. A decisão errada de Noemi (1:1-5)
- B. O conselho errado de Noemi (1:6-18)
- C. A atitude errada de Noemi (1:19-22)

II. O serviço de Rute (2)

- A. Deus guia Rute (2:1-3)
- B. Boaz demonstra bondade para com Rute (2:4-16)
- C. Noemi encoraja Rute (2:17-23)

III. A entrega de Rute (3)

- A. Ela segue o conselho de Noemi (3:1-5)
- B. Ela submete-se a Boaz (3:6-13)
- C. Ela espera Boaz tomar a decisão (3:14-18)

IV. A gratificação de Rute (4)

- A. Boaz resgata Rute (4:1-12)
- B. Boaz casa-se com Rute (4:13)
- C. Boaz e Rute têm um filho (4:14-21)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Histórico

É difícil crer que os eventos desse livro aconteceram na mesma época de Juízes, ocasião em que Israel era uma nação dividida e derrotada. Contudo, nos piores momentos, Deus revela seu amor e ainda opera a favor daqueles que o temem e crêem nele. Hoje, vivemos em uma época em que não há “rei em Israel” (Jz 17:6; 18:1; 19:1; 21:25), pois os judeus rejeitaram seu rei, contudo acontece uma bonita história de amor neste mundo: Deus está tomando uma Noiva para seu Filho. O livro de Rute é uma história de colheita, quando o “Senhor da seara” junta seus feixes (Jo 4:31-38).

Não temos certeza sobre em que ponto do relato de Juízes encaixa-se a história de Rute. É possível que a devastação provocada por um dos exércitos invasores, que Deus usou para disciplinar seu povo, tenha causado a fome. Devia haver paz entre Judá e Moabe, ou Elimeleque e sua família não conseguiriam mudar para lá. Durante o período de Juízes, é possível que houvesse paz em uma parte da terra enquanto havia problema em outra parte.

II. Teologia

Ao mesmo tempo que o objetivo desse pequeno livro é traçar a ascendência do rei Davi, encontramos muitas verdades espirituais nessa história. Rute era de Moabe, e os moabitas foram expulsos da nação de Israel (Dt 23:3). No entanto, ela foi aceita porque cria no Deus de Israel, um retrato da graça de Deus em relação aos gentios (Ef 2:11-22). Boaz, o parente resgatador, é um símbolo de nosso Senhor Jesus Cristo que pagou o preço da nossa redenção e tomou-nos como sua noiva. O parente próximo desconhecido estava relutante em arriscar sua herança por causa de Rute, contudo Boaz amava tanto Rute que a tomou para que fizesse parte de sua herança! A graça e a orientação providencial de Deus são os temas centrais dessa história.

Rute torna-se uma ancestral do Messias (Mt 1:5) e de Davi, por meio de cuja linhagem o Messias foi prometido (2 Sm 7). Rute, como Raabe (Js 2; 6; Hb 11:31), era uma gentia que se casou com um judeu e tornou-se parte da “história da salvação” (Mt 1:5). Esse livro é pequeno, mas a história que conta faz parte da maior história já contada.

III. Lições práticas

Podemos aprender muitas lições com esse magnífico livro:

(1) Não importa quão difícil **seja** a situação, se entregarmos-nos **ao** Senhor e lhe obedecermos, ele **nos** ajudará.

(2) Ninguém está fora do **alcance** da graça de Deus de forma **que** não possa ser salvo. Rute **tinha** tudo contra ela, mas o Senhor **salvou-a!**

(3) Deus guia de forma **providencial** as pessoas que lhe **obedecem** e servem aos outros. Por causa **da** preocupação de Rute para com **Noemi**, Deus guiou-a e deu-lhe **uma** vida de felicidade.

(4) Não há benefício em ficar **com** raiva de Deus e culpá-lo por

nossos erros. Deus usou Rute para acabar com o desespero de Noemi e introduzi-la em sua bênção.

(5) Para Deus, não há “decisões pequenas”. A decisão de Rute de apanhar espigas no campo levou-a a se tornar ancestral do rei Davi e do Messias. Leia Salmos 37:3-7 e veja como isso se cumpre na experiência de Rute.

(6) É sábio esperar no Senhor e deixá-lo operar seus propósitos amorosos. “Aquele que crer não foge” (Is 28:16). Depois de fazermos tudo que pudermos, devemos confiar no Senhor para fazer o resto, e ele nunca nos faltará.

RUTE 1-4

Esse é o oitavo livro do Antigo Testamento, e oito é o número do novo início. Os eventos de Rute acontecem na época de Juízes, mas que diferença há entre esses dois livros! Em Rute, encontramos bondade, amor e sacrifício, em vez de violência e desobediência à Lei. É bom saber que mesmo em épocas ruins ainda há pessoas boas, e que Deus continua a operar nos “quatro cantos da terra”, embora a violência ocupe os noticiários. Rute e Ester são os únicos livros do Antigo Testamento que recebem nome de mulheres. Rute era uma gentia que se casou com um judeu. Ester era uma judia que se casou com um gentio. Contudo, Deus usou as duas para salvar a nação. O livro de Rute localiza-se entre Juízes e Samuel por um motivo claro. Juízes apresenta o declínio da nação judaica; Samuel, o estabelecimento do reino judaico; e Rute retrata Cristo e sua noiva. Na presente era, em que Israel é posta de lado, Cristo chama sua noiva dentre os gentios e os judeus. Como veremos, esse livro conciso tem um sentido simbólico magnífico. É uma história de amor e de colheita, e é isso que Deus faz em nosso mundo hoje.

I. O pesar de Rute (1)

A. A decisão errada (vv. 1-5)

Não sabemos por que havia fome em Belém (“casa de pão”). Provavelmente isso acontecia por causa dos pecados do povo. Elimeleque (“Deus é Rei”) e Noemi (“agradável”) levaram os dois filhos para a terra de Moabe, em vez de confiar em Deus na terra deles mesmos. Abraão cometeu um erro semelhante quando foi para o Egito (Gn 12:10ss). É melhor passar fome em conformidade com a vontade de Deus que comer o pão do inimigo! Eles planejavam “habitar” por pouco tempo em Moabe, mas “ficaram” até morrerem o pai e os dois filhos. O nome dos filhos reflete a provação da estada deles em Moabe: Malom significa “doentio”, e Quiliom significa “desperdício”. “O pendor da carne dá para a morte” (Rm 8:6). Os judeus não deviam se misturar com os moabitas (Dt 23:3). Assim, a decisão errada deles trouxe-lhes a disciplina de Deus.

B. A orientação errada (vv. 6-18)

A apóstata Noemi deseja voltar para Judá, mas não é sábia em convidar suas noras para acompanhá-la! Tome cuidado com a advertência sobre os cristãos carnais. Imagine, Noemi manda essas mulheres de volta a seus ídolos pagãos! Ela pensava que os únicos interesses delas (como os

que ela mesma nutria) eram carnis, mas Rute tinha anseios mais altos que pão e casamento. Orfa retornou a sua vida antiga, mas Rute “se apegou a ela”. Ela queria seguir o Deus verdadeiro, Jeová, e abandonar a antiga vida pagã. Ela tomou uma decisão firme: “Aonde quer que fores, irei eu”, apesar da orientação mais materialista, não espiritual, de Noemi.

C. O estado de espírito errado (vv. 19-22)

O retorno delas comoveu a cidade, pois Noemi mudara muito. Notamos aqui um espírito amargo em relação ao Senhor? Ela culpa Deus por suas provações? Com certeza, esses versículos advertem o apóstata do alto custo que acarreta contrariar a vontade de Deus. “Chamai-me Mara” — “amargura”! Veremos que Deus usa Rute para mudar as atitudes de sua sogra em relação à vida e a Deus.

II. O serviço de Rute (2)

A colheita da cevada era em abril, e Rute entra na colheita como uma apanhadora pobre; veja Deuteronômio 24:19-22 e Levítico 19:9ss. Observe a dedicação e a determinação dela: “Deixa-me ir ao campo” (v. 2); “Deixa-me rebuscar espigas e ajuntá-las” (v. 7); “Tu me favoreces” (v. 13). Deus orienta-a na escolha do campo a fim de que ela fique face

a face com o homem que o Senhor escolheu para resgatá-la e casar-se com ela! “Estando no caminho, o SENHOR me guiou” (Gn 24:27). Deus não abençoa nem orienta pessoas preguiçosas. Os que fazem a tarefa que têm à mão encontram sua orientação. Boaz protege Rute e provê para ela muito antes de casar-se com essa moabita, um retrato perfeito de nosso Senhor. Tudo isso vem da graça de Deus (v. 2): favorecimento (v. 13) e benevolência (v. 20). É bom ver Noemi perder sua amargura. Deus estava usando a gentia Rute para restituir Noemi a sua bênção de novo, da mesma forma que ele está salvando os gentios hoje e, um dia, restituirá Israel a seu lugar de bênção.

III. A entrega de Rute (3)

Em Moabe, Noemi dissera a Rute que ela encontraria felicidade em meio ao seu povo (1:9), mas agora Noemi percebe que há felicidade apenas em meio ao povo de Deus e na vontade dele. Chega o momento de Rute apresentar suas reivindicações a Boaz e dar-lhe a oportunidade de ser seu resgatador. A Lei do Antigo Testamento permite que um parente próximo compre de volta uma propriedade que fora perdida em virtude da pobreza (Lv 25:23-55). Isso mantém a posse da terra com o próprio povo. É claro que o parente próximo tem de estar

disposto e ter disponibilidade para resgatar. Rute seguiu o costume da época e apresentou seu caso a Boaz: se ele resgatasse a propriedade de seu marido morto também deveria casar-se com Rute, a viúva. Com freqüência, os homens dormiam na eira para proteger o cereal. "Estende a tua capa sobre a tua serva" (v. 9), essa era a declaração legal de Rute para Boaz, em que lhe pedia que fosse seu resgatador e a reivindicasse como esposa. Com certeza, ela precisou de fé e de coragem para dar esse passo. Boaz alegrou-se por essa jovem não o rejeitar por causa de sua idade e prometeu que, no dia seguinte, cumpriria a obrigação de resgatador. Observe que ele não a manda embora de mãos vazias!

Vemos nos atos de Rute uma bela imagem do relacionamento do crente com Cristo. Certamente, se queremos ter um relacionamento com Cristo, precisamos ser lavados, ungidos (o Espírito Santo) e vestidos (v. 3). O lugar adequado para nós é aos pés dele. É "noite" agora, contudo comungamos com ele até que a manhã venha (v. 13), e ele requeira a noiva para si mesmo! Como resultado de nossa comunhão com ele, temos alimento para compartilhar com os outros (vv. 15-17).

IV. A gratificação de Rute (4)

Havia outro homem em Belém que tinha prioridade; na reivindicação

da propriedade; portanto, no dia seguinte, Boaz abordou-o. O homem estava ansioso por reivindicar a terra, porém ele não queria Rute! "Nesse caso não poderei resgatá-la, pois poria em risco a minha propriedade" (NVI). Que coisa magnífica que Cristo estivesse disposto a tornar-nos parte de sua herança e a requerer-nos como sua noiva! Como seu amor por nós é abnegado! O resgatador desconhecido sabia que qualquer filho que Rute tivesse teria o nome de seu primeiro marido, não o seu (v. 5), e, dessa forma, ele perderia a propriedade que o filho herdaria. Do ponto de vista dele, esse era "um acordo de negócio ruim"; com certeza, ele não amava Rute. Boaz estava disposto a pagar qualquer preço para resgatar a mulher e sua propriedade simplesmente porque a amava. Que bela imagem de Cristo e de seu amor pela igreja!

Agora, descobrimos a relevância desse livro: Rute torna-se uma ancestral de Davi. Deuteronômio 23:3 expulsa um moabita da congregação de Israel até a "décima geração", contudo a graça de Deus aceita Rute, a moabita, como membro da família terrena que deu Cristo ao mundo (Mt 1:3-6; e note a menção a Tamar e Bate-Seba, uma prova adicional da graça de Deus).

Esse livro inicia-se com um sepultamento e termina com um

casamento. Abre com fome e encerra com abundância! O amor de Rute pela sogra e sua disposição em obedecer à Palavra trazem-lhe alegria e bênção. A decisão que tomou no capítulo 1 foi determinante em seu futuro. Não ouviríamos falar dela se ela tivesse retornado à antiga vida pagã. No encerramento do livro, observe algumas lições especiais:

A. Profética

O capítulo 1 apresenta Israel distante da vontade de Deus e sofrendo o castigo dele. Contudo, o Senhor começa a lidar com uma gentia (Rute), da mesma forma que hoje ele chama, dentre os gentios, um povo para seu nome (At 15:14). A bênção de Noemi vem antes do casamento de Rute, da mesma forma que Israel será restaurado e abençoado antes da união de Cristo e sua igreja.

B. Típica

Com certeza, Boaz retrata Cristo, nosso Resgatador. Cristo tomou sobre si nossa carne (sem pecado, é claro) a fim de poder resgatar-nos. Ele pagou o preço e o fez porque nos ama. Ele, o "Senhor da seara", como Boaz, supre nossas necessidades, resgata a herança para nós e dá-nos descanso.

C. Prática

A apostasia é um assunto sério; ela custou o marido e os filhos a Noemi. Não importa quão difíceis sejam as circunstâncias, o único lugar para o povo de Deus é na vontade dele. Pagamos um preço alto quando procuramos nossa satisfação no mundo. Entretanto, Deus está disposto a perdoar os apóstatas e restituí-los à sua proteção. Noemi não poderia jamais reaver o tempo perdido fora da vontade de Deus, mas pôde reaver sua alegria e testemunho.

LIVROS HISTÓRICOS

Notas introdutórias

I. Tema

Samuel, Reis e Crônicas são livros históricos que registram o estabelecimento da monarquia, seus anos de vitória e de derrota e o fim de um reino dividido. Quando lemos esses livros, destaca-se uma lição: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34). Sempre que a nação exalta a Deus, o Senhor exalta a nação; contudo, quando os governantes, os profetas e o povo afastam-se da Lei, Deus remove sua bênção.

Vemos essa verdade não apenas na história da nação em conjunto, mas na vida pessoal dos líderes. Davi e Salomão desobedeceram a Deus e pagaram caro em sua família e vida pessoal.

II. Os profetas

Em um período de declínio espiritual, Deus enviou seus profetas para despertar o povo. Nesses livros, há diversos “profetas anônimos”, como também servos de Deus famosos como Elias, Eliseu, Isaías, Joel, Amós, Jonas e Mica. Certifique-se de estudar seu dicionário, ou manual, bíblico para ver os paralelos entre a vida dos profetas e a história da nação.

III. Os livros de Samuel

Esses livros registram a transição do período dos juízes para a época de estabelecimento da monarquia. Samuel foi o último juiz e o primeiro profeta nacional. Ele ungiu Saul, o primeiro rei, e depois Davi, sucessor de Saul. Pode-se fazer um esboço dos dois livros juntos como mostramos a seguir:

A. Samuel (1 Sm 1—7)

1. Nascimento e infância (1–3)
2. Início do ministério (4–7)

B. Saul (1 Sm 8–15)

1. Torna-se rei (8–10)
2. Vitórias anteriores (11–12)
3. Pecados e rejeição (13–15)

C. Davi (1 Sm 16–2 Sm 24)

1. O pastor (1 Sm 16–17)
2. O servo (1 Sm 18–19)
3. O exílio (1 Sm 20–31)
4. O rei (2 Sm 1–24)
 - a. Seus triunfos (2 Sm 1–12)
 - b. Suas provações (2 Sm 13–24)
 - i. Pecado pessoal (11–12)
 - ii. Pecado de Amnom (13)
 - iii. Pecado de Absalão (14–18)
 - iv. Inquietação nacional (19–24)

IV. Os livros de Reis

Como o nome indica, esses livros lidam com os reis da nação. Iniciam-se com o glorioso reinado de

Salomão e terminam com a trágica escravização de Judá pela Babilônia. Podemos esboçar esses livros conforme mostramos a seguir:

- A. O reino unido (1 Rs 1—11)
 - 1. A riqueza e a sabedoria de Salomão (1—4)
 - 2. O templo de Salomão (5—9)
 - 3. Os pecados de Salomão (10—11)
- B. O reino dividido (1 Rs 12—22)
 - 1. Reboão e Jeroboão (12—14)
 - 2. Uma série de reis bons e maus (15—16)
 - 3. Elias e o rei Acabe (17—22)
- C. O reino cativo (2 Rs 1—25)
 - 1. O cativeiro de Israel (1—17)
 - 2. O cativeiro de Judá (18—25)

V. Os livros de Crônicas

Primeiro e Segundo Reis foram escritos antes do cativeiro de Judá e parecem enfatizar o ponto de vista de um profeta, enquanto 1 e 2 Crônicas foram escritos depois do cativeiro (1 Cr 6:15) e parecem apresentar o ponto de vista de um sacerdote. Esses livros lembram-nos de que “a justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34). O pecado tinha um tratamento especial para os judeus, porque eles eram o povo de Deus, e o Senhor chamou-os graciosamente para uma vida de santidade (Êx 19—

20). Deus, não fosse por sua aliança com Davi e sua promessa de manter os descendentes de Davi no trono de Jerusalém, teria destruído a nação há muito tempo. Jesus Cristo, o “Filho de Davi” (Mt 1:1), que estabelecerá o trono de Davi (Lc 1:26-33) e o governo de Jerusalém, é o cumprimento supremo dessa promessa.

No esboço de 1 e 2 Samuel e de 1 e 2 Reis, cobrimos muito da história de Saul, de Davi, de Salomão e dos reis importantes. Em 1 e 2 Crônicas, focaremos o material encontrado exclusivamente nesses livros. Os novos eventos apresentados nesses dois livros são paralelos a Samuel e a Reis e os complementam. Por essa razão, focaremos o material exclusivo de 1 e 2 Crônicas.

- I. Genealogia de Adão ao rei Saul (1 Cr 1—9)
- II. O reinado do rei Davi (1 Cr 10—29)
 - A. A morte do rei Saul (10)
 - B. Davi consolida seu reinado (11—16)
 - C. A aliança de Deus com Davi (17)
 - D. Davi expande o reino (18—20)
 - E. Davi faz o censo (21)
 - F. Davi prepara a construção do templo (22—29) (A morte de Davi)
- III. O reinado de Salomão (2 Cr 1—9)

-
- | | |
|--|---|
| A. Salomão recebe a bênção de Deus (1) | C. O reinado de Josafá (17—20) |
| B. Salomão constrói e consagra o templo (2—7) | D. De Jeorão a Amazias (21—25) |
| C. A fama e o esplendor de Salomão (8—9) | E. O reinado de Uzias (26) |
| IV. O reino dividido (Os reis de Judá)
(10—36) | F. Os reinados de Jotão e Acaz (27—28) |
| A. O reinado de Reboão (10—12) | G. O reinado de Ezequias (29—32) |
| B. De Abias a Asa (13—16) | H. Os reinados de Manassés e Amom (33) |
| | I. O reinado de Josias (34—35) |
| | J. Os últimos reis e a queda de Judá (36) |
-

1 SAMUEL 1-3

Nesses capítulos iniciais do livro, os eventos centram-se em três pessoas.

I. Ana — uma mãe piedosa (1:1—2:11)

A. Sua dor (1:1-10)

Embora, desde o início, o padrão perfeito de Deus para a família fosse um marido e uma esposa, “por causa da dureza do [...] coração” (Mt 19:8) dos homens, Deus permitiu a poligamia. Veja Deuteronômio 21:15-17. Elcana era um homem piedoso, porém tinha uma casa dividida, e sua esposa favorita, Ana (“graça”), carregava um fardo constante de dor por causa de sua esterilidade e da perseguição da outra esposa de Elcana.

B. Sua súplica (1:11-19)

Ana era uma mulher de oração, portanto não é de surpreender que seu filho, Samuel, fosse um grande homem de oração. O coração de Ana estava tão triste que ela deixou a festa sem comer e foi orar no tabernáculo. (Em 1:9, a palavra “templo” significa apenas um “grande edifício público”, e não se refere ao templo de Salomão, que ainda não fora construído.) Ana não “negociou” com o Senhor; antes, ela

provou sua espiritualidade ao oferecer de boa vontade a Deus o que tinha de melhor — seu primogênito. O versículo 21 sugere que seu marido concordou com o voto; veja também Números 30:6-16. Números 6 fornece a regulamentação sobre o nazireado. Com certeza, Eli, o sumo sacerdote, julgou Ana com severidade (Mt 7:1-5), principalmente porque seus filhos eram “filhos de Belial [Satanás]” (veja 2:12).

C. Sua entrega (1:20-28)

Deus respondeu às orações de Ana e enviou-lhe um filho. Assim, ela deu-lhe o nome de Samuel, “do SENHOR o pedi”. As mulheres judias desmamavam seus filhos quando tinham cerca de 3 anos; nessa data, Ana levou Samuel para Eli e cumpriu o voto que fez ao Senhor. Provavelmente, o novilho, a farinha e o vinho eram para a oferta pelo pecado, a oferta queimada e a oferta especial para o voto de nazireu; veja Números 15:8. “Por este menino orava eu.” Que testemunho de uma mãe piedosa! Veja 2 Timóteo 1:5. Se tivéssemos mais pais como Elcana e Ana, teríamos mais pessoas piedosas como Samuel. “Devolvido” significa “dado”; Samuel pertencia ao Senhor pelo resto de sua vida.

D. Seu filho (2:1-11)

Enquanto Elcana adorava (1:28), sua esposa orava e louvava a Deus.

Compare essa passagem com o cântico de Maria, em Lucas 1:46-55. Nos dois casos, as mulheres louvam a Deus pela vitória dele e por honrar as orações dos humildes. Em 2:10, observe os dois nomes de Cristo — “seu rei” e “seu ungido” (Messias, Cristo) —, pois o fardo de Ana era para a glória do Senhor entre seu povo. Com certeza, Ana exemplifica a mãe piedosa, pois ela põe Cristo em primeiro lugar; e como ela acreditava na oração, guarda seus votos e dá a Deus toda a glória.

II. Eli — um pai negligente (2:12-36)

A. Os filhos pecadores (vv. 12-21)

É trágico quando um servo do Senhor (nesse caso, um sumo sacerdote) não consegue trazer os próprios filhos em sujeição a Deus! Os filhos de Eli eram egoístas, pois punham os próprios desejos antes da Palavra do Senhor e das necessidades das pessoas; eles eram dominadores e concupiscentes (2:22). Filipenses 3:17-19 descreve com perfeição os sacerdotes ímpios. E, nesse texto do Novo Testamento, observe a repetição da palavra *carne*. Em 1 Samuel 18, note também o contraste entre os filhos de Eli e o jovem Samuel: “Porém Samuel [...]” (ARC). Não há dúvida de que os filhos de Eli riam do jovem Samuel e o ridicularizavam por causa de seu ministério fiel, mas logo

Deus interferiria e acabaria com aquela zombaria.

B. A desobediência egoísta (vv. 22-26)

Eli recusava-se a enfrentar os fatos com honestidade e a obedecer à Palavra de Deus; veja Deuterônimo 21:18-21 e 17:12. Em 3:13, Deus afirma com clareza que Eli se recusou a repreender os filhos e, em vez disso, acostumou-os mal. No versículo 2:23-25, a admoestação amena que faz aos filhos não substitui, com certeza, a disciplina efetiva. Compare 2:26 com Lucas 2:52.

C. O julgamento severo (vv. 27-36)

Deus, em sua graça, envia, por intermédio de um homem do Senhor desconhecido, uma mensagem severa a Eli, advertindo-o de que sua família sofreria por causa dos pecados de seus filhos e da negligência do próprio Eli. Ele honrava os filhos mais que ao Senhor (v. 29), e isso era idolatria. Eli não fora zeloso para a glória do Senhor, portanto Deus tinha de removê-lo. Em anos posteriores, Saul matou muitos descendentes de Eli (1 Sm 22:17-20), e, depois, Salomão substituiu a família de Eli pela de Zadoque (1 Rs 2:26-27,35). Obviamente, o versículo 35, quando cita o “sacerdote fiel”, refere-se diretamente a Samuel, mas, em última instância, a Cristo. O versículo 34 prevê a morte de dois filhos de Eli; para constatar o cumprimento da previsão, veja 4:17-18.

III. Samuel — um filho devotado (3)

A. O chamado do Senhor (vv. 1-10)

A tradição afirma que, nessa época, Samuel tinha cerca de 12 anos. Ele cresceu na presença do Senhor e aprendeu a servir em seu tabernáculo, contudo não tivera uma experiência pessoal com o Senhor (v. 7). É importante que as pessoas que crescem em casas cristãs tomem a decisão de seguir a Cristo no âmbito pessoal. Samuel encheu de óleo o lampião. O dia estava para romper, e a lâmpada quase se apagando. Samuel dormia, e Deus chamou-o. De início, ele pensou que o cego Eli precisava de sua ajuda, de modo que correu até ele. (Veja como esse menino era rápido em obedecer quando era chamado.) O versículo 10 registra a conversa de Samuel: "Fala, porque o teu servo ouve". Posteriormente, Deus poderia até dizer a Samuel: "Fala servo, pois seu Senhor ouve!". Pois Samuel tornou-se um grande homem de oração.

B. A mensagem do Senhor (vv. 11-14)

A pessoa que se entrega ao Senhor e está disposta a ouvir, sempre aprende a vontade de Deus. Eli desobedeceu a Deus e pôs a família em primeiro lugar, portanto Deus não podia falar diretamente com ele. A mensagem era o julgamento da casa de Eli e deve ter pesado muito ao

coração de Samuel. Ele amava Eli e aprendera muito com ele, mas Samuel sabia que tinha de ser verdadeiro em relação ao Senhor, apesar de seus desejos pessoais.

C. A mensagem para Eli (vv. 15-21)

Essa tremenda experiência não impediu Samuel de cumprir suas tarefas diárias na manhã seguinte. Ele não "desfilou" diante do povo; não, ele caminhava em grande humildade, carregando em seu coração o encargo do Senhor. Da mesma forma que disse ao Senhor: "Eis-me aqui!", ele respondeu: "Eis-me aqui!", quando Eli o chamou. Os que honram ao Senhor, também honram aos anciãos. Samuel preferia guardar a triste mensagem em seu coração, mas Eli pediu-lhe que lhe contasse tudo, e ele fez isso. Ao mesmo tempo que não admiramos o fracasso de Eli com a família, temos de admirar sua resignação à vontade de Deus, embora isso representasse a morte para ele e seus filhos.

Esse acontecimento foi um ponto de virada na história. Até aquele momento, Deus não falava com as pessoas por meio de visões freqüentes ou "claras" (v. 1), mas agora todos sabiam que Samuel era um profeta de Deus, e que o Senhor estava com ele. Agora, o Senhor podia aparecer de novo, pois sabia que havia um servo em quem podia confiar. Com certeza,

mesmo hoje, o Senhor faria mais por seu povo se encontrasse cren-tes devotos dispostos a serem ser-vos dele.

Nesses capítulos, há diversas lições práticas:

1. Nunca subestime o poder do pecado em uma família. Os filhos de Eli precisavam de disciplina, mas ele, em vez de fazer isso, acostu-mou-os mal. Essa atitude custou-lhe a vida, e, por fim, custou o sacerdo-cio à família.

2. Nunca subestime o poder da oração em uma família. Ana e Elca-na eram pessoas de oração, e Deus

respondeu às orações deles. Hoje, somos abençoados pela dedicação de Ana, pois, por intermédio dela, o Senhor deu Samuel ao mundo, o último juiz e o primeiro profeta nacional.

3. Deus fala com crianças e jovens, e os adultos devem tornar mais fácil para eles o ouvir à voz do Senhor e o responder pela fé. Como Eli foi sábio em saber que o Senhor chamava o jovem Sa-muel! O treinamento das crianças em coisas espirituais é uma grande responsabilidade, e não devemos negligenciá-la.

1 SAMUEL 4-7

Esses capítulos relatam três grandes eventos da história de Israel.

I. A glória de Deus se ausenta (4)

A. O grande pecado (vv. 1-5)

Na primeira batalha, Israel perdeu 4 mil homens, e isso, para ele, devia evidenciar o desgosto de Deus. Os israelitas arrependem-se e voltaram-se para o Senhor em oração e confissão? Não! Em vez disso, recorreram à superstição e trouxeram a arca da aliança para o campo de batalha. Eles não podiam pegar a arca pela fé, pois Deus não ordenara isso a eles por meio da sua Palavra. Eles agiam de forma casual, não pela fé. Eles acharam que a presença da arca garantia-lhes vitória sobre os filisteus, porque a arca fora à frente da nação no deserto e marchara em vitória em volta de Jericó. Em vez de reverenciarem a arca como o símbolo da presença de Deus, eles transformaram-na em uma relíquia religiosa! Veja Números 10:35ss.

B. O grande massacre (vv. 6-10)

De início, os filisteus ficaram com medo; depois, determinados. Embora o Deus de Israel estivesse no cam-

po de batalha, eles se comportariam como soldados fortes e varonis! Os filisteus venceram com facilidade, já que Deus abandonara seu povo. Salmos 78:56ss é uma descrição vívida dessa tragédia. Israel devia saber que a presença do Senhor com ele dependia da obediência à sua Palavra. Hofni e Finéias eram sacerdotes ímpios. A presença deles trazia julgamento, não bênção.

C. O grande pesar (vv. 11-22)

Eli, o sacerdote cego de 98 anos, estava sentado “em uma cadeira ao pé do caminho”, quando o mensageiro chegou a Siló com as tristes novas, mas o mensageiro passou direto por ele e anunciou sua mensagem à cidade. O barulho na cidade despertou a curiosidade de Eli, pois, sem dúvida, ele esperava o cumprimento da profecia de Samuel (3:11-14; 2:34-35). Observe como o mensageiro transmite as quatro partes das más novas por ordem de importância: Israel fugiu; houve grande morticínio; os dois filhos de Eli foram mortos; e os inimigos levaram a arca. O versículo 13 diz-nos que a maior preocupação de Eli era com a segurança da arca. Agora vemos pesar sobre pesar: Eli, em estado de choque, cai, quebra o pescoço e morre; da mesma forma, sua nora morre ao dar à luz um filho. O nome “Icabô” significa “Sem glória” ou “Onde está a glória?”. Veja Êxo-

do 40:34ss. No versículo 21, podemos traduzir “foi-se” por “ir para o desterro”. A história de Israel é um relato sobre o receber e o perder a glória de Deus.

II. A defesa do nome de Deus (5—6)

A. Diante do pagão (cap. 5)

Deus não revela seu poder em favor de seu povo pecador, mas não permite que zombem de sua glória ou que seu nome seja corrompido por um inimigo malicioso. Os príncipes dos filisteus puseram a arca junto com as outras relíquias religiosas deles em seu templo pagão, ou seja, puseram Jeová no mesmo patamar de Dagom. É claro que Deus permanece no alto, acima de todos os outros deuses! Não é de admirar que o ídolo pagão tenha caído com a face sobre a terra diante da arca! Veja Isaías 19:1. Os homens puseram Dagom de volta em seu lugar, pois ele não tinha poder para se ajudar; mas, no dia seguinte, eles encontraram seu ídolo amado sem as mãos e a cabeça! Jeová provou que Dagom era um falso deus, ele vindicou seu nome. Dagom perdeu as mãos, mas a mão do Senhor foi dura no julgamento de Asdobe (v. 6). Deus mandou “tumores” (inchaços) e “ratos” (6:4) para ferir o povo. Os ratos destruíam os cereais e infectavam o povo. Depois, levaram a arca para Ecrom, mas o povo implorou que a

tirassem de lá! Mais uma vez, Deus defendeu seu nome.

B. Diante dos israelitas (cap. 6)

Os filisteus decidiram levar a arca de volta a Israel, mas ninguém tinha coragem para encarregar-se da tarefa. Por fim, eles decidiram colocar a arca sobre um carro novo e deixar que as vacas seguissem pela estrada por conta própria. Seria natural que as vacas procurassem seus bezeros (v. 10), mas, se elas fossem direto para Bete-Semes, ficaria evidente que Deus as guiava, e, além disso, que fora ele quem enviara as pragas. Os filisteus também incluíram uma oferta pelo pecado: cinco imagens dos tumores e cinco imagens dos ratos. Deus guiou as vacas, e elas levaram o carro para o campo de Josué, habitante de Bete-Semes. Os israelitas que faziam a sega do trigo alegraram-se com o retorno da arca. Entretanto, ficaram curiosos e olharam dentro da arca (vv. 19-20), e Deus julgou-os. No versículo 19, o número de feridos passou a representar um problema, pois não havia 50 mil pessoas naquele pequeno vilarejo. Em hebraico, as letras representam números, e é fácil um escriba copiar, ou ler, errado uma letra. Provavelmente, setenta homens foram julgados no mesmo momento, com certeza um “grande morticínio” para um vilarejo tão pequeno. Esse problema referente ao número

de feridos não afeta nada crucial. O importante é que saibamos que Deus julgou o pecado deles. O número de mortos não é um assunto de vital importância.

Hofni e Finéias pensavam que podiam vencer ao confiar na arca, mas levavam uma vida pecaminosa, e Deus matou-os. Eli morreu porque não disciplinara os filhos que estavam desonrando ao Senhor. Os filisteus morreram porque trataram Jeová como um de seus deuses. Os homens de Bete-Semes morreram porque, presunçosamente, olharam dentro da arca. Não vale a pena brincar com Deus.

III. A libertação do povo de Deus (7)

A arca não retornou a Siló; ela ficou na casa de Abinadabe durante 20 anos. O que o Senhor fez durante esse tempo? Ele preparava seu servo Samuel para derrotar o inimigo e estabelecer o reino. Sem dúvida, Samuel ia de lugar em lugar ministrando ao povo e dando-lhe a Palavra de Deus. O versículo 3 indica que Samuel chamou o povo ao arrependimento e a retornar ao Senhor. Isso significava deixar de lado os deuses pagãos e preparar o coração para servir ao Senhor. Que trágico a grande nação de Israel cair em dissipação e em descrédito por causa de seus pecados! Essa dissipação jamais ocorreria se Eli fosse um pai piedoso, e seus filhos, sacerdotes

piedosos. Baalins e astarotes eram deidades masculinas e femininas. A adoração delas era celebrada com cerimônias abomináveis, repletas de depravações.

Samuel convocou a nação a Mispa para um encontro de oração! Associa-se sempre Samuel à oração; veja 12:23. Ele nasceu em resposta à oração de sua mãe (cap. 1); ele orou por sua nação e derrotou o inimigo (7:13); ele orou quando Israel desafiou o Senhor e pediu um rei (8:6); e ele orou pelo rei Saul (15:11), mesmo depois de Deus tê-lo rejeitado. Alguém chamou Samuel de "homem das emergências de Deus", e realmente o título se ajusta a ele. Samuel entrou em cena quando o sacerdócio estava em declínio, quando a nação estava dissipada, e quando a glória de Deus se ausentara. Com certeza, Ana percebera como Deus usaria de forma magnífica seu filho; veja o cântico (e predição) dela em 2:9-10.

Foram estes os acontecimentos em Mispa: (1) Samuel derramou água diante do Senhor, como símbolo do arrependimento da nação, e o coração dos israelitas despejou-se em pesar por seus pecados; (2) ele ofereceu uma oferta queimada, um holocausto, para indicar a total dedicação de Israel a Deus; (3) ele orou pela nação enquanto esta temia a chegada dos filisteus; Deus deu uma grande vitória ao exérci-

to de Israel. Que dia! Samuel, com uma oração, conseguiu uma vitória que Sansão não pôde conseguir em seus 20 anos de liderança! Desse dia em diante (até a grande vitória de Davi sobre os filisteus), o inimigo manteve-se a distância. Esse é o poder da vida consagrada, o poder da oração (Tg 5:16).

Samuel ministrou como profeta e como juiz, ele viajou de cidade em cidade a fim de ministrar ao povo e para resolver as disputas dele. Ele foi o último juiz e o primeiro profeta nacional. (O trabalho profético de Moisés era de natureza

distinta.) É triste constatar que os filhos de Samuel não seguiram o caminho piedoso do pai (8:5). Talvez ele estivesse muito ocupado com os assuntos da nação para treiná-los. Eli cometeu um erro semelhante.

Esses acontecimentos mostram-nos a importância de uma família piedosa. A nação caiu em pecado e em dissipação, porque Eli negligenciou sua família, mas Deus salvou a nação por causa das orações de uma mãe piedosa (Ana) e de seu filho, que lhe foi dado por Deus. A nação caminha de acordo com as famílias.

1 SAMUEL 8–15

Esses capítulos cobrem a vida anterior de Saul e registram os pecados que o levaram a ser rejeitado pelo Senhor.

I. O pedido por um rei (8—10)

Desde o início, Jeová era o Rei de Israel e cuidava da nação, mas agora os anciãos queriam um rei para liderá-los. Diversos fatores motivaram esse pedido: (1) os filhos de Samuel não eram piedosos, e os anciãos temiam que eles levassem a nação a se desviar quando Samuel morresse; (2) durante a época dos juízes, a nação tivera uma série de líderes temporários, e os anciãos queriam um governante mais permanente; e (3) Israel queria ser como as outras nações e ter um rei a quem honrar. As nações poderosas que havia ao redor de Israel eram uma ameaça constante, e os anciãos sentiam que um rei traria mais segurança. A reação de Samuel ao pedido deles demonstra que ele compreendeu integralmente a descrença e a rebelião deles: eles estavam rejeitando Jeová. A nação, ao escolher Saul, rejeitou o Pai; muito tempo depois, ao escolher Barrabás, rejeitou o Filho; e quando escolheu os próprios líderes, em vez do testemunho dos apóstolos, rejeitou o Espírito Santo (At 7:51).

Essa é uma imagem da tolerância de Deus: ele concedeu-lhe o pedido, mas advertiu-a a respeito do custo disso. Veja Deuteronômio 17:14-20, para verificar a profecia de Moisés a respeito desse acontecimento. A nação escutou Samuel e, mesmo assim, pediu um rei! O povo queria ser como as outras nações, embora Deus o tivesse chamado para ser separado dessas outras nações. O capítulo 9 explica como Saul chegou a Samuel e, em particular, foi ungido para o reinado. Em 9:21, observe a humildade dele, e também em 10:22, quando ele hesita em ficar de pé diante do povo. Deus deu três sinais especiais a Saul para certifi-cá-lo de que fora o escolhido (10:1-7). Samuel também instruiu Saul a permanecer em Gilgal e esperar pela chegada dele (10:8). Pode-se traduzir o versículo 8 da seguinte forma: “Quando você for adiante de mim a Gilgal” — isto é, em alguma data futura, quando o rei Saul estivesse com o exército pronto para a batalha. Esse evento aconteceu alguns anos mais tarde; veja o capítulo 13.

Saul tinha tudo a seu favor: (1) um corpo forte (10:23); (2) uma mente humilde (9:21); (3) um novo coração (10:9); (4) poder espiritual (10:10); (5) amigos leais (10:26); e, acima de tudo, (6) a orientação e as orações de Samuel. Contudo, ele, a despeito dessas vantagens, fracas-

sou miseravelmente. Por quê? Porque não permitiu que Deus fosse o Senhor de sua vida.

II. A renovação do reino (11—12)

Saul retornou para casa e, na verdade, hesitava em falar de sua grande experiência. Lembre-se de que era o início do reinado, quando tudo era novidade. Samuel ainda era o líder espiritual da terra, e ele e Saul esperavam a orientação de Deus a respeito do futuro da nação. Samuel e Saul, sem meios de transporte nem os de comunicação modernos, levavam meses para reunir o povo. A primeira oportunidade de Saul surgiu quando Naás ameaçou a nação. Certamente, essa vitória nacional investiu Saul diante do povo e estabeleceu sua autoridade. Alguns dos companheiros de Saul queriam que ele matasse os israelitas que se opuseram ao seu reinado (10:27), mas Saul demonstrou humildade e moderação ao dar toda glória ao Senhor e recusar vingar-se dessas pessoas.

Essa vitória foi motivo de renovação do reino e de nova consagração da nação. Samuel reviu o próprio ministério e lembrou o povo de que vinha sendo fiel à nação e ao Senhor. Depois, ele reviu a história da nação e mostrou ao povo o grande pecado que cometera contra o Senhor ao pedir um rei. Ele pediu por chuva a fim de mostrar

ao povo a própria fé e o poder de Deus, e a tempestade inesperada na sega (um evento incomum nessa época do ano) trouxe temor ao povo. Os israelitas confessaram o pecado, e Samuel reafirmou-lhes a graça de Deus. Eles precisavam saber que seu rei não os salvaria, mas que apenas a fidelidade e a obediência ao Senhor lhes garantiria as bênçãos de Deus. Eles cometeram um erro, mas o Senhor desconsideraria isso se obedecessem.

III. A rejeição do rei (13—15)

Esses três capítulos relatam três pecados do rei Saul, pecados esses que, por fim, custaram-lhe o reinado.

A. Impaciência (cap. 13)

Como Samuel e Saul haviam combinado meses atrás, chegara o momento de Israel reunir-se em Gilgal (10:8). Observe como Saul assume o crédito pela vitória de seu filho em Gibeá a fim de impressionar o povo e convencê-lo a segui-lo. Grandes multidões de filisteus começaram a reunir-se, e quanto mais Saul esperava, mais perigosa se tornava sua situação. Se ele atacasse de imediato, poderia derrotar o inimigo, mas sua demora apenas dava-lhes a oportunidade de tornarem-se mais fortes. A impaciência (e descrença) de Saul levou-o a ir em frente, sem Samuel, e, quando ele terminava a oferta, o profeta apareceu.

Os versículos 11-12 apresentam as desculpas de Saul, ao tentar culpar Samuel e o povo por seus erros. Ele disse a Samuel que fora “forçado pelas circunstâncias”, mas o profeta sabia a verdade. Esse foi o começo do seu fim: se Deus não podia confiar nele em relação a esse pequeno detalhe, como confiaria em relação ao reino? A impaciência de Saul custou-lhe o reinado.

B. Orgulho (cap. 14)

Era evidente que Jônatas, filho de Saul, era um homem piedoso, pois o Senhor deu a ele e ao seu escudeiro vitória sobre os filisteus. Saul foi apenas um espectador (vv. 16-18), mas depois ele reuniu suas tropas e compartilhou a vitória. Entretanto, Saul, para sua infelicidade, preferiu o tolo voto de que, naquele dia, os soldados estavam proibidos de ingerir qualquer alimento. Que tolice pensar que um voto sacrificial lhe daria vitória quando seu coração não era reto para com Deus! Ele tardava em aprender “que o obedecer é melhor do que o sacrificar”. Jônatas não sabia nada a respeito da conjuração de seu pai, portanto ele foi em frente e comeu um pouco de mel e fortaleceu-se (v. 27), e seu exemplo de sabedoria prática encorajou o exército a comer depois da vitória (vv. 31-32). Infelizmente, os judeus estavam tão famintos que comeram a carne

com o sangue (Lv 17:10-14), o que era muito pior que quebrar o voto. Saul tentou consertar isso oferecendo os despojos como sacrifício ao Senhor. Enquanto o exército seguia para seu próximo embate, procurou a orientação de Deus, mas não obteve resposta. Isso levou Saul a descobrir a desobediência de Jônatas, e o rei, tolamente, pretendia matar o próprio filho! Como é fácil ser condenado pelos pecados de outra pessoa! O povo salvou Jônatas, mas as ações de Saul revelaram as trevas de seu coração. Logo haveria problema. Seu orgulho levou-o à derrocada.

C. Desobediência (cap. 15)

Deus daria mais uma chance a Saul para testar a si mesmo, dessa vez ao destruir totalmente os antigos inimigos de Israel, os amalequitas (Dt 25:17-19; Êx 17:16). Contudo, Saul não obedeceu ao Senhor; ele reservou a melhor parte dos despojos para si mesmo e não matou Agague, o rei dos amalequitas. O Senhor disse a Samuel que Saul estava acabado, e o profeta, contristado, orou a noite toda. Quando Samuel abordou Saul, o rei mentiu-lhe e disse que obedecera à Palavra de Deus. Quase no mesmo momento em que Saul falou, seus pecados foram descobertos, pois os animais começaram a fazer barulho. Mais uma vez, Saul recorreu às desculpas: “O povo

poupou o melhor das ovelhas e dos bois, para os sacrificar ao SENHOR, teu Deus; o resto, porém, [ele e os líderes] destruimos totalmente". Assim, Samuel transmitiu a mensagem do Senhor para o rei rejeitado: Saul perdeu sua humildade terrena (9:21) e tornou-se orgulhoso e desobediente; ele rebelou-se contra a Palavra do Senhor e tentou consertar sua desobediência com sacrifícios (vv. 21-23). Saul substituiu o dizer pelo fazer (15:13); desculpas por confissão (15:15 e 21); e o sacrifício pela obediência (v. 22). Ele era rápido em criticar e culpar os outros, mas não estava disposto a encarar os próprios pecados.

Saul, quando Samuel estava para deixá-lo, confessou seus pecados, mas sua confissão não impressionou o profeta (vv. 24-27). A confissão verdadeira envolve mais que apenas dizer: "Pequei";

significa arrependimento e verdadeiro pesar pelo pecado. Quando Samuel virou-se, Saul segurou seu manto, e este se rasgou, e Samuel interpretou isso como uma profecia de que o reino seria tirado de Saul e dado a outro homem (Davi). O versículo 30 revela que Saul estava mais preocupado com o que o povo pensava do que com o que Deus pensava. Ele queria ter boa reputação, mas não caráter verdadeiro. Samuel adorou com Saul e depois matou Agague como o Senhor ordenara, mas essa foi a última vez que Samuel caminhou com Saul. Este perdeu seu melhor amigo, perdeu a bênção do Senhor, perdeu o reinado. Desse ponto em diante, Saul segue por um caminho obscuro e tortuoso, em que, por fim, acaba por ser rejeitado e morto por um dos próprios amalequitas que não quis destruir (2 Sm 1:13).

1 SAMUEL 16-17

Agora entramos no estudo da vida de Davi, “um homem segundo o [...] coração [de Deus]” (NVI). Da mesma forma que Saul é um retrato da vida carnal, Davi é a imagem da vida espiritual do crente que caminha pela fé no Senhor. É verdade que Davi pecou. Entretanto, Davi, diferentemente de Saul, confessou seus pecados e tentou restaurar seu relacionamento com Deus. Nesses capítulos, vemos três cenas da vida anterior de Davi.

I. O filho obediente (16:1-13)

Que afirmação solene: “Eu o [Saul] rejeitei” (NVI). O povo ainda não sabia dessa rejeição, e Saul ainda “fingia ser” o rei da terra. Deus pode rejeitar a pessoa, e os homens ainda o aceitam, mas, por fim, o julgamento do Senhor cai sobre a pessoa. Saul era tão perigoso que Samuel delineou um plano para escapar da fúria dele quando visitasse Belém. Veja 22:17-19 para ter uma amostra da fúria ciumenta de Saul.

Quando Samuel, sob orientação de Deus, chegou à casa de Jessé a fim de convidá-lo para o sacrifício, Davi nem mesmo estava lá! Ele estava nos campos cuidando das ovelhas. Não podemos deixar de nos impressionar com a obediência e a humildade de Davi. Ele,

como “o mais moço” da família, tinha uma posição muito baixa, mas era fiel a seu pai e ao Senhor. A vida de Davi ilustra Mateus 25:21 — ele inicia como servo e termina como governante; ele foi fiel com umas poucas ovelhas e, depois, herdou uma nação inteira; ele sabia como trabalhar, portanto Deus lhe deu o regozijo. Compare com a trajetória do filho pródigo, em Lucas 15, em que ele começa como chefe e termina como servo; no início possui muitas coisas e termina pobre; e começou com prazer e terminou em escravidão. Mateus 25:21 delinea a fórmula de sucesso que Deus adota, e vemos a prova disso na vida de Davi.

Samuel estava prestes a cometer o erro de avaliar os homens por seus atributos físicos (veja 10:24), quando Deus o lembrou de que o importante é o coração. Leia Provérbios 4:23. Chamaram Davi no campo, e, quando ele chegou, o Senhor disse a Samuel: “Este é ele!” Davi tinha pele clara e cabelos ruivos. Sua boa aparência e sua entrega de coração eram uma combinação magnífica. Ele era o oitavo filho, e oito é o número do novo início. A unção com azeite trouxe-lhe uma unção especial do Espírito de Deus, e, a partir desse momento, ele foi um homem de Deus. É pouco provável que, naquele dia, Davi e sua família tenham entendido a importância da

unção. Com certeza, no momento oportuno, Samuel explicaria isso a Davi.

II. O servo humilde (16:14-23)

Que contraste trágico: o Espírito vem sobre Davi, mas sai de Saul! Deus permite que um espírito maligno atormente Saul e, às vezes, ele age como louco. Veja 18:10 e 19:9. Seu comportamento estranho faz com que seus servos sugiram que ele chame um músico habilidoso para acalmá-lo. É muito triste que os servos de Saul lidem com os sintomas, mas não com a causa do problema, pois a música nunca mudaria o coração pecador de Saul. É verdade, o rei "sentia alívio" com a música, mas podia ser uma falsa paz. Os servos deviam orar para que Saul fosse reto para com Deus!

Davi era exatamente o homem que Saul precisava, e um dos servos sugeriu-o a ele. Vemos o reconhecimento das habilidades de Davi, contudo ele não promove a si mesmo: Deus é quem faz isso. Leia com atenção Provérbios 22:29 e 1 Pedro 5:6. Hoje, muitos jovens tentam pôr-se em posição de proeminência sem primeiro testar-se nos assuntos de menor importância em casa. Davi veio para a corte e, de imediato, tornou-se o favorito do rei. É claro que se Saul soubesse que Deus escolhera Davi para ser rei tentaria matar o rapaz na hora. Saul, quan-

do descobriu isso, começou a perseguir Davi e a caçá-lo nos desertos de Israel.

Davi não ficou em caráter permanente na corte; lemos em 17:15: "Davi, porém, ia a Saul e voltava, para apascentar as ovelhas de seu pai". Ele visitava a corte quando era necessário, mas não descuidava de suas responsabilidades em casa. Que humildade! Ele é um rapaz dotado, escolhido para ser rei, ungido de Deus, contudo ainda cuida das ovelhas e trabalha como servo! Não é de admirar que Deus usasse Davi.

III. O soldado vitorioso (17)

A história de Davi e Golias é bem conhecida e traz em si muitas lições práticas para a vida cristã. Todos nós enfrentamos gigantes de um tipo ou de outro, mas devemos dominá-los por meio do poder de Deus. Provavelmente, Golias tinha 3 metros de altura, e sua armadura pesava mais de 68 quilos. Ele era o "filisteu" (17:8), o grande campeão deles, e era tão aterrador que trouxe temor ao exército judeu (v. 11). Se Saul fosse um líder piedoso, ele clamaria Deuteronômio 20 e levaria seu exército à vitória, mas as pessoas, quando não estão em comunhão com Deus, só podem levar os outros à derrota.

Davi levou alimento para seus irmãos e interessou-se, de imedia-

to, pelo desafio do gigante. Observe que seu irmão acusou-o e tentou desencorajá-lo. Satanás sempre tem alguém para dizer-nos: "Isso não pode ser feito". Mesmo Saul tentou dissuadir Davi: "Você não tem condições" (v. 33, NVI). Bem, Davi, por si mesmo, não estava capacitado, mas, no poder do Senhor, podia dominar qualquer inimigo. (Veja Fp 4:13; Ef 3:20-21.) Saul tentou dar uma armadura para Davi, mas Davi, como nunca usara uma armadura, recusou-a. Imagine Saul dizendo a outra pessoa como deveria fazer para vencer! Davi vivenciara o poder de Deus, em particular, nos campos enquanto cuidava das ovelhas; agora, ele demonstraria esse poder em público para a glória do Senhor. Veja como em todo esse episódio Davi glorifica o Senhor.

Aqui, a lição prática é que Deus dá-nos vitória em resposta a nossa fé. Deus testara Davi, em particular, com um leão e um urso; agora o testava publicamente com um gigante. Se formos fiéis nas batalhas individuais, Deus nos auxilia nas provas públicas. Com frequência, o povo de Deus desanima nos menores testes que cruzam seu caminho, não percebe que os "pequenos testes" são uma preparação para as batalhas maiores que, com certeza, surgirão (Jr 12:5). Davi usava armas simples, humildes: uma funda e cinco pedras (veja 1 Co 1:27-28 e 2 Co

10:3-5). Davi sabia que Gideão vencera com armas inadequadas e que o Deus de Gideão não morreria. Nem a crítica do irmão nem a descrença de Saul impediram Davi de crer em Deus para conseguir vitória. A pedra atinge o alvo, o gigante cai, e Davi usa a espada do gigante para cortar sua cabeça! Essa vitória abriu o caminho para Israel atacar os filisteus e despojar seus acampamentos. "Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé" (1 Jo 5:4). "Somos mais que vencedores"!

Aqui também há uma lição típica: Davi é uma imagem de Jesus Cristo. O nome de Davi significa "amado", e Cristo é o Filho amado de Deus. Os dois nasceram em Belém. Os dois foram rejeitados pelos irmãos. (É claro que quando Davi se tornou rei, seus irmãos o receberam, da mesma forma que os judeus receberão Cristo quando ele voltar a reinar.) Davi foi ungido rei anos antes de ser-lhe permitido reinar, exatamente como Cristo é Rei agora, mas não reinará na terra até que Satanás seja desterrado. O rei Saul tipifica Satanás nesta era presente, pois Saul foi rejeitado e derrotado, contudo pôde reinar até que Davi subisse ao trono. Permite-se que Satanás persiga o povo de Deus até o dia em que será derrotado.

Da mesma forma como o pai de Davi enviou-o ao campo de batalha, o Pai enviou Cristo a este

mundo. Golias retrata o orgulho e o poder de Satanás. Leia com atenção Lucas 11:14-23. Satanás é o homem bem armado que guarda seus bens (as pessoas sob seu controle), e Cristo é o Homem "mais valente" que domina Satanás. Cristo invadiu o reino de Satanás, dominou seu poder, pegou sua armadura e agora divide os despojos ao salvar as almas perdidas e torná-las filhas de Deus. Naquele dia, Davi fez isso: ele dominou o homem forte e permitiu que Israel dividisse os despojos (vv. 52-54). Nós, cristãos, lutamos *por*

vitória, lutamos *de posse da* vitória, a vitória conseguida na cruz (Cl 2:15). Jesus disse: "Tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16:33).

Não fica claro por que Saul não reconhece Davi, seu escudeiro. É provável que ele tenha visto Davi quando estava sob influência do espírito maligno. Contudo, outro fator é que Davi era um dos muitos servos da corte e, talvez, não fosse incomum que Saul os confundisse. Com certeza, Saul perguntaria a respeito da família de Davi, já que prometera sua filha ao vencedor.

1 SAMUEL 18-21

Esses capítulos apresentam a transição entre o serviço de Davi, como servo na corte de Saul, e seu exílio, como fugitivo. Eles explicam como Davi passou de favorito de Saul a inimigo deste. A questão principal é a fé de Davi, e, nesses capítulos, vemos como esse homem de Deus, por causa das tribulações que surgiram em sua vida, perdeu tudo, exceto sua confiança no Senhor.

I. Davi crê no Senhor (18)

O maior teste de fé de Davi não foi quando enfrentou Golias, mas quando servia todos os dias na corte de Saul. Observe as diferentes formas como sua fé foi testada:

A. Pela popularidade (vv. 18:1-11)

Jônatas, filho de Saul, amava Davi, e isso, em si mesmo, era uma oportunidade de teste. Davi seria o próximo rei, mas, por direito, Jônatas herdaria a coroa. A amizade entre esses dois homens de Deus é um grande exemplo para nós. Com certeza, as honras concedidas a Davi não provocavam ciúmes em Jônatas. No entanto, em relação a Saul, o assunto era bem outro, pois Davi era benquisto pelo povo. É relevante o fato de as mulheres louvarem Davi, não o Deus de Davi. Davi era bastante sábio para não valorizar muito as

palavras delas. Contudo, o coração de Saul encheu-se de ciúmes quando ouviu que louvavam mais a Davi que a ele. “Como o crisol prova a prata, e o forno, o ouro, assim, o homem é provado pelos louvores que recebe” (Pv 27:21). O louvor é como uma fornalha quente: revela a matéria da qual a pessoa realmente é feita. O louvor que permitiu que Davi fosse humilde apenas trouxe à tona a impureza no coração de Saul e revelou seu orgulho e desejo de glória.

B. Pelo rebaixamento (vv 18:12-16)

O versículo 5 revela que Davi era o líder da guarda pessoal de Saul, mas foi rebaixado a um mero capitão com mil homens sob seu comando. Isso mudou Davi? Não! Sua fé estava no Senhor, e ele continuou a honrar e a servir a seu rei. Isso deixou Saul muito mais temeroso! O rei sabia que Deus o abandonara e abençoava Davi. É necessário ter fé verdadeira para enfrentar um rebaixamento e manter a humildade e o serviço.

C. Pelo desapontamento (vv. 17-30)

Saul prometera uma de suas filhas ao homem que derrotasse Golias (17:25) e agora cumpriria sua promessa. No versículo 18, observe a humildade de Davi diante do rei. Contudo, Saul cumpriu sua palavra? Não! Ele deu a filha a outro homem.

Depois, Saul tentou usar sua filha, Mical, como uma arma para escravizar Davi, pois o rei exigiu um dote impossível com a esperança de que matassem Davi enquanto tentava consegui-lo. Mas o Senhor estava com Davi, e ele completou a missão com sucesso. Infelizmente, pois a união deles nunca foi feliz, ele casou-se com Mical. Davi, enquanto estava no exílio, perdeu Mical para outro homem (25:44), mas recuperou-a quando começou a reinar em Hebrom (2 Sm 3:13-16). A atitude dela em relação a Davi levou à posterior separação total deles (2 Sm 6:20-23).

II. Davi confia nos homens (19)

O plano de Saul para assassinar Davi já não era segredo, pois o rei ordenou que seus servos o matassem. Contudo, Saul não conseguiu alcançar seu intento nas tentativas anteriores de matar Davi (18:11,25) e, agora, parecia que sua raiva se aplacaria, portanto Davi podia retornar à corte. Aqui, vemos a fé de Davi vacilar, pois, em vez de crer em Deus e buscar a vontade dele, ele confia nos seres humanos.

A. Ele confia em Jônatas (vv. 1-10)

Com certeza, o filho do rei intercedeu por Davi. Saul até jurou que protegeria Davi, mas nunca cumpriu a promessa. O antigo ciúme de Saul voltou não muito depois de Davi ob-

ter uma grande vitória no campo de batalha, e ele, de novo, tentou ferir Davi com sua lança. Davi cometeu um erro ao confiar em Jônatas para "endireitar a situação" para ele. O coração de Saul precisava mudar, antes de suas palavras serem dignas de confiança.

B. Ele confia em Mical (vv. 11-17)

Embora a esposa amasse Davi, nunca houve um forte laço espiritual entre os dois, como as ações posteriores dela comprovaram. Ela advertiu Davi de que Saul o vigiava. Assim, eles planejaram uma mentira. Esse foi o início de um problema sério para Davi, pois nunca é certo praticar o mal para se alcançar o bem (Rm 3:8). Observe que Mical usa um ídolo para dar a impressão de que Davi está de cama, doente! Agora, ela engana o próprio pai, o que apenas piora a situação. Para uma percepção adicional a respeito dessa situação, leia Salmos 59.

C. Ele confia em Samuel (vv. 18-24)

Talvez esse tenha sido o movimento mais sábio de Davi, pois esse homem de Deus podia orar por ele e aconselhá-lo. Veja que Samuel derrotou Saul não com mentiras ou armas, mas com o Espírito de Deus. Samuel, ao usar armas espirituais, retardou Saul e deu a Davi a oportunidade de escapar.

III. Davi confia em si mesmo (20-21)

Esses capítulos trazem uma imagem não muito bonita, pois neles vemos o homem de fé hesitar e fracassar em sua fé. Davi, em vez de buscar a vontade de Deus, foge em temor e tenta “resolver” seus problemas da sua maneira. Observe as mentiras que ele conta.

A. *Ele mente para Saul (20)*

Em 20:1, a fala de Davi a Jônatas sugere centralidade em si mesmo e impaciência. Esses dois amigos fariam muito melhor se tivessem orado juntos, em vez de incubar seus esquemas. Jônatas mentiu para o pai a respeito do paradeiro de Davi (vv. 6,28), mas teve de esperar alguns dias para ver como o assunto terminaria. Nesse meio tempo, ele e Davi fizeram uma aliança, e, de acordo com ela, Davi protegeria a família de Jônatas quando se tornasse rei, promessa que Davi cumpriu (2 Sm 9). Saul não acreditou na história de Jônatas (vv. 24-33), e sua reação de seu pai quase lhe custou a vida! Quando Deus abandona uma pessoa, e o demônio assume o controle, não há fim para a maldade que resulta disso. Jônatas deixou a mesa e, na manhã seguinte, encontrou-se com Davi. Eles choraram juntos e se despediram.

B. *Ele mente para Aimeleque (21:1-9)*

Davi fugiu de novo, dessa vez para Nobe, onde ficava o tabernáculo.

Davi sempre teve um grande amor pela casa do Senhor. Assim, talvez ele quisesse visitar o tabernáculo antes de buscar refúgio. No entanto, ele mentiu para o sacerdote ao dizer que cumpria uma missão para Saul (v. 2). O sacerdote, para que Davi e seus homens saciassem a fome, deu-lhes o “pão sagrado”, como também a espada de Golias para a proteção de Davi. O plano todo parecia ser um sucesso, a não ser por um espião de Saul, Doegue, que testemunhou os acontecimentos, o que, no final, resultou em traição e derramamento de sangue (22:9ss; veja Salmos 52 e observe o título).

C. *Ele mente para Aquis (21:10-15)*

As coisas iam de mal a pior, como sempre acontece quando confiamos em nós mesmos, em vez de na sabedoria de Deus. Agora, Davi fugiu para as mãos do inimigo! “Quem teme ao homem arma ciladas”, e Davi quase armou uma cilada para si mesmo em território inimigo! Certamente o rei não toleraria um herói judeu em sua terra. Assim, Davi fingiu-se de doido para conseguir escapar. “Oh, que teia confusa tecemos, quando praticamos o engano!” Isso poderia ser o fim da vida de Davi, mas Deus interferiu e tocou o coração do rei para que este libertasse Davi. Assim, ele fugiu para a caverna de Adulão e organizou seu bando de “fora-da-lei”. Veja Salmos 34 e 56.

É surpreendente como homens e mulheres de fé transformam-se gradualmente em homens e mulheres temerosos e descrentes. Se tivermos pressa e confiarmos nas pessoas e em nossos planos, logo tudo desmorona e nos vemos fora da bênção e da proteção do Senhor. Nos próximos capítulos, veremos que Davi aprendeu a espe-

rar no Senhor e a buscar a vontade dele.

A amizade entre Davi e Jônatas era algo raro, pois, na verdade, nenhum deles tinha algo a ganhar com ela. Jônatas perdeu a coroa, e Davi podia perder a vida. A abnegação e a constância deles, apesar das tribulações, são um bonito exemplo do amor de Cristo.

1 Samuel 22-24

Agora, Davi está completamente separado da corte de Saul e é considerado um rebelde fora-da-lei. O salmo 34 foi composto depois de sua difícil fuga de Aquis (1 Sm 21:10-15), e talvez seja a melhor expressão dos desafios e triunfos de Davi durante seu período de exílio. “Muitas são as aflições do justo, mas o SENHOR de todas o livra” (Sl 34:19). Deus estava com Davi e socorreu-o.

I. Deus guia os passos de Davi (22)

Na caverna de Adulão, Davi reuniu um bando de seguidores fiéis, 400 homens, número esse que, no fim, aumentou para 600 (23:13). Nos salmos 54 e 142, encontramos as experiências que teve na caverna. Davi queria proteger seus irmãos, já que Saul poderia querer matá-los também, além de Davi. Com certeza, essa “multidão heterogênea” ilustra o tipo de pessoa que procura refúgio em Cristo: pessoas que enfrentam aflições ou dívidas (por causa de seus pecados), pessoas amarguradas com a vida. O bando de Davi era pequeno e desdenhado, *mas a ele pertencia o reino!* Davi conseguiu proteção para sua família em Moabe, já que sua família (pelo lado de Rute) era de lá. Como Davi foi zeloso em cuidar de seus entes queridos; veja João 19:26-27.

Esse período de perseguição na vida de Davi fazia parte da preparação para o trono. Ele já era um grande soldado; agora, precisava sofrer no deserto para aprender a *não* confiar nos homens, mas no Senhor. Todos nós precisamos passar pelo “teste do deserto” para ficar mais próximos do Senhor e nos tornarmos mais bem preparados para servir-lhe. A perseguição de Saul a Davi retrata o conflito entre a carne e o Espírito. Ela também ilustra a perseguição de Satanás à igreja de hoje: Saul não era mais o rei, contudo reinava; Davi era o rei, no entanto ainda não estava no trono. Hoje, Satanás parece “reinar”, todavia Cristo é o Rei e, um dia, ele reclamará seu trono de direito.

O fato de Saul assassinar o sacerdote inocente, em Nobe, mostra até onde as pessoas são capazes de chegar, quando rejeitam o Senhor. Saul, como Satanás, era mentiroso e assassino (Jo 8:44). Doegue era edomita, descendente de Esaú (Gn 25:30), portanto o ódio dele por Davi e pelos sacerdotes é apenas outro estágio da batalha de Esaú e Jacó. A presença de Davi em Nobe trouxe morte para as pessoas de lá, portanto sua mentira resultou apenas em tragédia. Saul não estava disposto a matar os amalequitas (cap. 15), mas não tinha problema algum em matar sacerdotes inocentes. Essa matança era o cumprimento da pro-

fecia de Deus para Eli, de que a casa dele seria julgada; veja 2:30-36. Saul matou os sacerdotes, mas não pôde impedir Abiatar de fugir com a estola sacerdotal — o instrumento para a determinação da vontade de Deus —, para juntar-se a Davi. Que uso a estola sacerdotal teria para Saul? Ele estava determinado a fazer sua própria vontade! Mais tarde, Abiatar ajudou Davi; veja 23:9; 30:7.

II. Deus protegeu a vida de Davi (23)

Era importante que Davi vivesse, pois ele libertaria Israel, instituiria o reino em glória e se tornaria o pai de Cristo na carne (Rm 1:3). Satanás usou Saul para tentar matar Davi, mas o Senhor era forte demais para o inimigo. Contanto que Davi buscasse a mente do Senhor, Deus dava-lhe proteção e vitória.

A. Vitória em Queila (vv. 1-13)

Os filisteus eram inimigos de Davi e de Israel, portanto era certo ele lutar contra eles. Quando os filhos de Deus estão na vontade dele, podem esperar pela ajuda do Senhor. O ódio de Saul era tão intenso que ele não agradeceu ao Senhor a vitória de Davi; em vez disso, foi lutar com o próprio vencedor. E os homens de Queila não protegeram seus libertadores; tentaram entregá-los a Saul! Como é mau o coração humano que não foi tocado pela graça de Deus!

B. Vitória no deserto (vv. 14-18)

Davi teve de ser paciente para suportar diariamente o perigo e a perseguição! Ele era um mestre da estratégia e poderia usar de artimanhas para vencer Saul, mas preferiu esperar que o Senhor lhe desse a vitória. Como é comumente quando Jônatas o encontra no deserto (com risco de vida) a fim de tranquilizá-lo e encorajá-lo. Foi uma pena que Jônatas não pudesse reinar com Davi, pois morreu em uma batalha com seu pai. Com freqüência, o justo sofre por causa dos pecados dos outros.

C. Vitória sobre os sifeus (vv. 19-29)

Zife era em Judá, e seus habitantes deveriam ser leais a Davi, mas eles traíram seu rei justo em favor de Saul! Leia a oração que Davi fez ao Senhor pedindo libertação em Salmos 54. Havia um monte entre Davi e Saul (23:26), da mesma forma que a nuvem manteve-se entre Israel e os egípcios. Por fim, parecia que Saul capturaria seu homem, mas uma invasão dos filisteus obrigou Saul a retornar para casa. Com certeza, Deus está no comando das circunstâncias e livra os seus no momento certo.

III. Deus deu graça a Davi (24)

“Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (Pv 16:32). Deus deu a Davi a

graça necessária para mostrar benevolência com seus inimigos, e isso foi muito mais excelente que derrotar o gigante Golias. Os homens de Saul mentiam-lhe dizendo que Davi tentava matá-lo (24:9). Se o salmo 7 refere-se a esse acontecimento, como crêem muitos estudiosos, então Cuxe, o benjamita, era o chefe dos mentirosos. Essa experiência deu a Davi a chance de provar para Saul e para os líderes que não queria matar Saul, mas que honrava o rei, embora este não seguisse a vontade de Deus.

A. A tentação (vv. 1-7)

Saul entrou na caverna para aliviar-se e descansar. Provavelmente, tirou sua vestimenta quando entrou. A caverna era grande e escura, por isso ele não viu Davi e seus homens sentados ao fundo. Davi cortou a orla do manto de Saul sem ser visto. Com certeza, esse era o momento de matar seu inimigo! Na verdade, alguns dos homens de Davi insistiam em que Deus ajeitara a situação para que Davi pudesse agir (v. 4). É importante que sempre testemos as circunstâncias pela Palavra do Senhor. O coração de Davi estava tão sensível que ele se arrependeu abertamente do impulso que o fizera cortar o manto de Saul, pois não demonstrara o respeito adequado ao ungido do Senhor. Davi, um “homem segundo o [...] coração

[de Deus]” (NVI), estava disposto a cuidar de Saul por causa do Senhor (Rm 12:19-21).

B. A explicação (vv. 8-15)

Davi e seus homens estavam seguros na caverna, e os homens de Saul não ousariam atacá-los, contudo Davi, corajosamente, quando Saul já se afastara um pouco, saiu da caverna para falar com ele. Como Saul deve ter se chocado ao ouvir a voz do genro! Davi explicou-lhe que mentiam para ele (v. 9), e que poderia tê-lo matado na caverna se não fosse pela benevolência dele (vv. 10-11). O pedaço do manto era uma evidência mais que suficiente de que Davi falava a verdade. Davi disse: “A minha mão não está contra ti. [...] A quem persegue? A um cão morto? A uma pulga? Seja o SENHOR o meu juiz, e julgue entre mim e ti, e veja, e pleiteie a minha causa, e me faça justiça”. Que espírito cheio de graça o Senhor deu a Davi. Ah, se hoje tivéssemos a mesma atitude em relação aos nossos inimigos!

C. A súplica (vv. 16-22)

Imagine o lamentável Saul em pé diante daquele que é melhor que ele. O choro e a admissão de culpa de Saul eram superficiais, emoções passageiras, não vinham realmente do coração. Ele apenas ficou muito feliz ao tomar conhecimento da benevolência de Davi. Afinal, Davi

poupara sua vida! Saul preocupava-se principalmente com seus familiares, pois não queria que Davi os matasse quando se tornasse rei. O versículo 20 mostra a perversidade do coração de Saul: ele admite que Davi é o rei de direito, contudo ele continuava a se opor a Davi!

Davi manteve a promessa que fez a Saul e até defendeu a honra

de Saul após sua morte. Isso ilustra belamente as palavras de Cristo em Mateus 5:10-12. Pois Davi mostrar benevolência para com Saul e orar por ele era uma vitória muito maior que vencer os filisteus. Podemos ter certeza de que, se obedecemos ao Senhor, ele cuida de nossos inimigos por nós em seu tempo perfeito.

1 Samuel 26-31

Chegamos agora ao fim trágico da vida de Saul. O homem que “era o mais alto e sobressaía de todo o povo” (10:23) cai, agora, estendido na terra em casa de uma médium (28:20) e, depois, cai morto no campo de batalha (veja 2 Sm 1:19). Talvez, a melhor forma para estudar esses tristes acontecimentos seja por meio da observação do contraste óbvio que há entre Saul e Davi.

I. Amor e ódio (26)

É difícil entender por que Davi retornou ao deserto de Zife, onde já tivera problemas anteriormente (23:19ss). Talvez seja apenas um esclarecimento de que ele, como todos os homens de barro, cometem erros. Sugeriu-se que a poligamia de Davi (25:42-44) impedia-o de ter um relacionamento próximo com o Senhor, já que tais casamentos não eram da vontade de Deus. É claro que Saul foi atrás de Davi! A confissão chorosa de Saul, em 24:17-21, não durou muito tempo, pois não veio do coração.

Abisai era sobrinho de Davi (1 Cr 2:15-16) e um guerreiro valente (2 Sm 10:10). Mais tarde, Abisai salva Davi do gigante (2 Sm 21:17). Entretanto, Abisai envolveu-se no assassinato de Abner (2 Sm 3:30), um crime que afligiu Davi. Deus fez

tudo acampamento cair em sono profundo (v. 12). Assim, Davi e o sobrinho não estavam em perigo. No versículo 7, a lança fincada na terra indica uma barricada feita com bagagem e carros. Mais uma vez, Satanás usa os outros para fazer com que Davi tenha a tentação de matar Saul (v. 8; veja 24:4), mas Davi resiste à tentação. A vingança estava nas mãos do Senhor.

Na verdade, a mensagem de Davi para Saul era uma súplica no sentido de que este voltasse para o Senhor. Ele disse: “Por que persegue o meu senhor assim seu servo? Pois que fiz eu? E que maldade se acha nas minhas mãos? [...] Se é o SENHOR que te incita contra mim, aceite ele a oferta de manjares; porém, se são os filhos dos homens, malditos sejam perante o SENHOR”. No versículo 21, veja a confissão vazia de Saul: “Pequei. Eis que tenho procedido como louco”. Sim, ele reconheceu isso —, mas ainda não estava arrependido! Agimos como loucos quando corremos adiante do Senhor (13:8ss); quando não lhe obedecemos totalmente (cap. 15); quando voltamos as costas a nossos amigos piedosos (Davi e Samuel); quando procuramos a orientação do demônio (cap. 28); e quando insistimos em não nos arrepender mesmo quando sabemos que estamos errados. “Tenha certeza disto: seus pecados o alcançam!”

II. Luz e trevas (27—30)

Os capítulos 27, 29 e 30 tratam das vitórias de Davi quando este busca a mente do Senhor, e o capítulo 28 registra a terrível derrota de Saul quando procura auxílio na casa de uma médium. Davi nem sempre andou na vontade do Senhor, pois parece que sua fé lhe falta quando volta para Gate, a fim de viver sob a proteção do inimigo (cap. 27). Ele teve problemas em Gate anteriormente (21:10-15), mas agora liderava 600 homens e teve uma recepção muito melhor. Contudo, a jornada de Davi em território inimigo forçou-o a mentir para o rei (27:10-12), e Davi, quando os filisteus se ajuntaram (29:1), quase foi forçado a lutar contra seu próprio povo! Sempre temos problemas quando nos curvamos à sabedoria da carne. Apenas a graça de Deus impediu Davi de ter de matar seu próprio povo.

É notável o contraste entre os capítulos 28 e 30: Saul afastara-se do Senhor e, por isso, não tinha orientação divina (28:6), enquanto Davi olhava para o Senhor em busca de coragem e de orientação (30:6-9). "Buscai o SENHOR enquanto se pode achar" (Is 55:6), é uma advertência à qual Saul não prestou atenção. Deus capacitou Davi não apenas para reconquistar todas suas posses e seu povo, mas também para reunir o despojo colecionado pelo inimigo. Apreciamos o espírito gracioso dele

em compartilhar os despojos com todos os que permaneceram ao lado dos suprimentos, como também sua benevolência em enviar presentes aos anciãos de Judá. Provavelmente, suas ações posteriores também tiveram um cunho político.

O quadro é bastante distinto quando vemos Saul em sua visita noturna à casa da médium (cap. 28). Samuel morrera, mas Saul, mesmo enquanto aquele estava vivo, não gostava do ministério desse homem de Deus. É muito triste quando as pessoas descobrem tarde demais os verdadeiros amigos. Saul tão desnorreado estava que foi visitar uma médium, e isso era proibido pela Lei. É alarmante o ponto a que as pessoas chegam quando viram as costas ao Senhor. Têm havido vários debates em relação à possível aparição de Samuel no episódio da médium de En-Dor. Contudo, certamente, o espírito que se apresentou ali não era o de Samuel, pois Deus não agiria em desacordo com a sua própria Lei. A necromancia era uma prática expressamente proibida na Lei. Quem a infringisse era réu de morte (Lv 19:31;20:6,27). Quando ocorre a separação definitiva de Samuel e Saul (1Sm 15:35;16:1), vemos que o rei nunca mais se encontra com Samuel, porque Deus havia rejeitado Saul. Por isso não mais falara

com ele. Assim, em 1 Samuel 28.6, quando Saul consulta ao Senhor, Ele não lhe responde nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Logo, Deus também não lhe responderia enviando o espírito de Samuel. Não há nenhum caso na Bíblia em que o espírito de um morto volte para comunicar qualquer mensagem da parte do Senhor. Isso é claramente dito por Jesus em Lucas 16.19-31, na parábola sobre o rico e Lázaro.

É inimaginável que o rei Saul, um homem escolhido por Deus, sequer participasse em uma obra tão pecaminosa, contudo o registro está lá — “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). Saul caminhava nas trevas, não na luz; ele disfarçou-se (embora, na verdade, mostrasse seu verdadeiro caráter); permitiu que uma mulher quebrasse a Lei; trouxe vergonha e derrota para sua nação, seu exército, sua família e para si mesmo.

III. Vida e morte (31)

Enquanto Davi distribuía presentes a seus amigos, Saul e sua família eram dizimados no campo de batalha! “O pendor da carne dá para a morte” (Rm 8:6). Nos tempos de Débora (Jz 4—5) e de Gideão (Jz 7), Gilboa foi palco de algumas grandes vitórias, mas, nesse dia, foi o cenário de uma trágica derrota. Deus abandonou

Saul, e a única coisa que restou ao rei rebelde foi a morte. Que tristeza que seu inocente filho, Jônatas, tenha sofrido por causa dos pecados do pai.

Segundo Samuel 1:1-10 apresenta outro relato da morte de Saul. Não é difícil harmonizar os dois relatos. Saul viu que estava perdido e não queria cair vivo nas mãos do inimigo, pois ele o humilharia. Por isso, tentou tirar a própria vida ao cair sobre sua lança. No entanto, isso não o matou; ele ainda estava vivo, apoiado sobre sua lança (2 Sm 1:6), quando o amalequita chegou e terminou o serviço. (Entretanto, devemos citar que há pessoas que acreditam que, em 2 Samuel 1, o amalequita não disse a verdade, mas apenas contou essa história a Davi para explicar por que estava com a coroa real e o bracelete de Saul. Talvez ele pensasse que Davi o recompensaria por ter “feito um favor a Saul”, ao matá-lo.) Há uma lição importante na morte de Saul: por Saul ter se recusado a matar todos os amalequitas (15), no fim um deles o matou. O pecado do qual não tratamos, no final causa nossa queda. Saul perdeu sua coroa: “Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3:11).

O inimigo regozijou-se com a morte de Saul. Que triunfo isso trouxe para o templo de seus falsos deu-

ses! Saul não glorificou seu Deus, quer em vida, quer na morte (Fp 1:20-21). Foi louvável da parte dos homens heróicos de Jabes-Gileade resgatar os corpos profanados da família real e dar-lhes um sepultamento decente. Eles os queimaram, provavelmente para evitar qualquer insulto futuro. Um dia, Saul libertara esse povo (cap. 11), e essa era a forma como podiam recompensá-lo por isso. Mais tarde, Davi pôs os ossos em uma sepultura (2 Sm 21:12-14). Em Hebrom, quando se tornou rei, Davi mostrou sua gratidão a esses homens valentes de

Jabes-Gileade por terem honrado o último rei (2 Sm 2:5-7).

A vida trágica de Saul pode ensinar-nos muitas lições práticas: (1) com freqüência, os grandes pecados começam com “coisas pequenas” — impaciência, obediência incompleta, desculpas; (2) uma vez que o pecado se apossa da pessoa, ela vai de mal a pior; (3) se não somos retos com Deus, não nos damos bem com o povo de Deus; (4) as desculpas não substituem a confissão; (5) dons e habilidades naturais não significam nada sem o poder de Deus; e (6) não há substituto para a obediência.

2 SAMUEL 1-5

Esses capítulos descrevem os acontecimentos que culminaram na coroação de Davi como rei de Israel. Para relatos paralelos, leia 1 Crônicas 10:1-14; 11:1-19 e 14:1-8.

I. Davi pranteia a morte de Saul (1)

Um homem menos santo teria exultado com a morte do inimigo, mas Davi era um “homem segundo o coração de Deus” e sentiu de forma intensa o trágico pecado de Saul. Claro, Jônatas, o amado amigo de Davi, também morrera; o pecado de um pai desobediente trouxe julgamento sobre pessoas inocentes. No estudo de 1 Samuel, já vimos as lições em relação à morte de Saul, mas seria proveitoso examinar outros detalhes em relação ao assunto.

Observe que um amalequita deu a notícia e afirmou ser a pessoa que, finalmente, tirou a vida de Saul. Em 1 Samuel 15, se Saul tivesse obedecido ao Senhor e matado *todos* os amalequitas, isso não teria acontecido. O pecado que não matamos é o que nos mata. Veja Deuteronômio 25:17-19.

O lamento de Davi é tocante; veja Provérbios 24:17. O “Hino ao Arco” refere-se à habilidade de Jônatas usar o arco (1 Sm 20:20ss). Nesse hino, não há palavras indicadas em relação a Saul. A prin-

cipal preocupação de Davi é que o ungido do Senhor foi morto, e a glória do Senhor, ofuscada. Ele está ansioso para que o inimigo não se regozije com essa vitória. Seu tema é: “Como caíram os valentes!” (vv. 19,25,27). Embora Saul, em 1 Samuel 10:23, fosse “mais alto” que qualquer outro homem, agora caíra mais baixo que o inimigo!

II. Davi luta contra a família de Saul (2-4)

Agora iniciamos com as “intrigas políticas” que contaminaram toda a vida de Davi. Embora Davi procurasse a mente do Senhor, não conseguia evitar as intrigas e os planos dos outros e, como estava em débito com esses homens, tinha dificuldade em opor-se a eles. A marcha de Davi para o trono foi difícil.

A. O assassinato de Asael (cap. 2)

Joabe, Abisai e Asael eram filhos de Zerua, meia-irmã de Davi (1 Cr 2:16 e 2 Sm 17:25). Portanto, eram sobrinhos de Davi, como também homens valorosos de seu exército. De início, Davi reinou sobre Judá, sua tribo, e tinha seu quartel-general em Hebrom. No entanto, Abner, comandante do exército de Saul, declarou Isbosete, filho de Saul, rei sobre as outras tribos. Abner transferiu a capital para Maanaim, sobre o rio Jordão, para proteger a si mesmo e ao novo rei dos homens

de Davi. É claro que Abner tinha interesse pessoal na casa de Saul, já que era primo deste (1 Sm 14:50). Ele visava vantagens pessoais com o reinado de Isbosete, mas, ao coroá-lo, desobedeceu deliberadamente à Palavra de Deus. O Senhor deixara claro que apenas Davi governaria Israel. Talvez os cristãos de hoje sejam como os judeus daquela época: permitimos que nosso Rei governe apenas sobre uma parte de nossa vida, e o resultado disso é conflito e sofrimento. O assassinato de Asael, por Abner, foi o prelúdio da “longa guerra” entre os dois reis (3:1). Como veremos, para tristeza de Davi, os dois irmãos remanescentes vingaram a morte de Asael.

B. O assassinato de Abner (cap. 3)

As muitas esposas de Davi eram uma violação direta de Deuterônimo 17:15-17. Alguns estudiosos acreditam que isso expressa a lascívia de Davi e, no fim, causou os muitos problemas familiares que contaminaram seus dias posteriores. Amnom violou sua meia-irmã Tamar (cap. 13); Absalão rebelou-se contra Davi e tentou pegar a coroa (caps. 13—18); e Adonias tentou arrancar o reinado de Salomão (1 Rs 1:5ss). Abner também tinha problemas com a lascívia, pois tomou para si uma das concubinas de Saul, e o pretense rei ficou descontente com isso. Tal fato levou ao rompimento

entre Abner e Isbosete. Abner tentou fazer um acordo pacífico com Davi, mas os “filhos de Zeruia” conspiraram contra ele e o mataram (vv. 26-30). Na verdade, Joabe foi quem o matou, mas é provável que seus irmãos também tivessem participação no plano. As mãos de Joabe estavam manchadas de sangue antes da própria morte, pois ele não matou apenas Abner, mas também Absalão (2 Sm 18:14) e Amasa (2 Sm 20:10). Davi pediu que seu filho Salomão lidasse com Joabe, e ele fez isso (1 Rs 2:5-6,28-34). É difícil dizer como seria a história se Abner não tivesse morrido. Com certeza, Joabe tinha um poder incomum sobre Davi, em especial depois que ajudou o rei em seu complô assassino contra o inocente Urias (11:14ss). No entanto, repare na conduta piedosa de Davi em relação à morte de Abner.

C. O assassinato de Isbosete (cap. 4)

A morte de Isbosete foi o ponto de virada, o caminho estava aberto para que Davi reinasse sobre a nação inteira. Entretanto, Davi não aprovou o método usado pelos filhos de Rimom e mandou matar os assassinos por causa do crime que cometeram. Davi sabia que Deus era capaz de elevá-lo ao trono; ele não praticaria o mal para que dele viesse o bem (Rm 3:8). Esses três assassinatos são uma evidência de que o caminho de Davi para o trono foi sangrento. Que

contraste com o nosso Salvador, que derramou o próprio sangue, não o de outros, para ganhar seu trono! Para conhecer a avaliação de Deus sobre o caráter de Davi, veja 1 Crônicas 22:8.

III. Davi sucede a Saul (5)

Davi reinou 7 anos em Hebrom sobre a tribo de Judá e 33 anos sobre toda a nação, totalizando 40 anos de reinado. Essa era a terceira unção de Davi — Samuel o ungiu na casa de seu pai, em Belém, e os homens de Judá o ungiram em Hebrom (2:4). Salmos 18 apresenta o cântico de vitória de Davi depois que Deus derrotou todos os seus inimigos e deu-lhe paz. Esse é um bom salmo para ler quando estamos com problemas, pois mostra-nos como o Senhor nos tira das dificuldades e levamos para o lugar das mais excelentes bênçãos. Com certeza, Davi não se deleitava com suas muitas tribulações, mas ele podia olhar para trás e agradecer a Deus por elas.

Agora, o rei precisava de uma cidade para ser a capital e, portanto, escolheu Jerusalém. Essa fortaleza ainda não fora capturada (Js 15:63; Jz 1:21), e os jebuseus eram arrogantes e desafiavam Davi a atacá-los. Eles escarneciam: “Os cegos e os coxos te repelirão”, mas Davi e seus homens transformaram o escárnio deles em clamores de derrota. Primeiro Crônicas 11:5-8 relata

que Joabe foi o homem que Deus usou para abrir a cidade. Alguns estudiosos acham que os homens de Davi arrastaram-se, de surpresa, para dentro da cidade através do sistema de água, mas alguns arqueólogos afirmam que *o sistema de água não estava localizado naquele ponto*. Pelo texto, parece claro que Davi usou o túnel de água como meio para entrar na cidade, e que Joabe executou o plano mestre do rei.

Não muito tempo depois de Davi estabelecer-se em sua cidade, o antigo inimigo, os filisteus, retornaram. Como isso é verdade em nossa vida pessoal: Satanás espera pela “bonança depois da tempestade” para atacar-nos de novo. Davi sabia que o único caminho para a vitória era a vontade do Senhor. Assim, consultou-o imediatamente. Observe que o segundo ataque (vv. 22-25) foi diferente do primeiro, e que Davi foi bastante sábio para buscar mais uma vez a orientação de Deus. Deus guiou-o em um novo caminho. Devemos ter cuidado em não guardar “cópias de papel-carbono” da vontade do Senhor, mas procurá-lo a cada nova decisão.

Com certeza, a vontade de Deus era que Davi reinasse sobre a nação inteira, como também é sua vontade que Cristo seja Senhor sobre toda a nossa vida. Qualquer parte que fique fora da vontade dele se rebelará e trará problema. “Somos

sangue do teu sangue" (5:1, NVI) e "membros do seu corpo" (Ef 5:30) e devemos convidá-lo a reinar sobre nós. Apenas assim teremos paz e vitória completas.

O caminho de Davi para o trono levou muitos anos e trouxe muitas tribulações, mas, ao longo do ca-

minho, ele sempre pôs Deus em primeiro lugar e nunca buscou vingança nem retaliação contra Saul. Deus fez com que Davi fosse protegido e elevado de acordo com seu plano e no seu tempo. Se apenas cremos nele, ele fará o mesmo por nós.

2 SAMUEL 6

Ao estudar esse capítulo, leia 1 Crônicas 13, 15 e 16 a fim de ter mais informações a respeito desse importante acontecimento da vida de Davi. Salmos 132:16 narra o desejo intenso de Davi de levar a “arca do Testemunho” para seu lugar apropriado. Por quase 20 anos, a arca esteve em Quiriate-Jearim (Baalá de Judá; veja 1 Sm 6:21—7:2), portanto Davi preparou uma tenda especial para ela em Jersusalém (1 Cr 15:1) e preparou o retorno da arca sagrada para sua casa. Ele levou mais de três meses para concluir a tarefa (6:11).

I. Davi desagrada o Senhor (6:1-11)

Certamente, o desejo de Davi de levar a arca de volta a Jerusalém era nobre, mas é possível ser “zeloso, embora falte conhecimento”, e fazer um bom trabalho da forma errada. Para início de conversa, Davi não consultou o Senhor, mas sim seus líderes políticos (1 Cr 13:1-4; observe 2 Sm 5:19 e 23). Parece que sua principal motivação era unir a nação sob seu governo, não glorificar ao Senhor. Em 1 Crônicas 13:3, observe que Davi critica Saul por negligenciar a arca. Talvez esse comentário de Davi tenha que ver com o comportamento da filha de Saul, Mical, relatado em 6:20ss. Todos os líderes e toda a congregação

concordaram com o plano de Davi, mas isso não faz com que as ações subseqüentes sejam corretas.

O erro seguinte de Davi foi ignorar a Palavra de Deus. Em vez de pedir que os levitas carregassem a arca sobre os ombros (Nm 3:27-31; 4:15; 7:9; 10:21), ele seguiu o exemplo mundano dos filisteus e pôs a arca sobre um carro novo (1 Sm 6). Deus podia permitir que os filisteus usassem esse método, já que não eram o seu povo da aliança, instruído pela Palavra. Contudo, para os judeus, ignorar a ordem divina e imitar as nações pagãs era um convite ao desastre. Hoje, quantos cristãos e igrejas locais se amoldam “ao padrão deste mundo” (Rm 12:2, NVI), em vez de manter “o padrão” dado por Deus (Êx 25:40)? Todas as pessoas estavam entusiasmadas e alegres, mas isso não tornava seu método correto aos olhos de Deus. Israel queria ser como “todas as nações” (1 Sm 8:5), e isso levou à tragédia.

É natural que, no fim, o método do homem de fazer o trabalho de Deus fracasse: os bois tropeçaram, e a arca corria o risco de cair! Isso levou ao terceiro erro: um homem, que não era levita, tocou a arca (veja Nm 4:15). Deus teve de julgá-lo imediatamente, ou sacrificaria sua glória e permitiria que sua Palavra fosse violada. A reação de Davi a esse súbito julgamento mostrou

que o coração dele não estava totalmente certo com Deus nesse assunto, pois, primeiro, ele desgostou-se e, depois, sentiu temor. Davi, em vez de fazer uma pausa e procurar a vontade de Deus a fim de descobrir a causa do julgamento, parou a procissão e rapidamente livrou-se da arca. Primeiro Crônicas 26:1-4 indica que a família de Obede-Edom pertencia aos levitas e podia cuidar com segurança da arca.

Um erro leva ao outro! É muito importante determinar qual é a vontade de Deus e, depois, seguir o caminho dele na realização dessa vontade.

II. Davi demonstra seu zelo (6:11-19)

Sem dúvida, durante esse intervalo de três meses, Davi examinou seu coração e confessou seus pecados. Com certeza, ele procurou a Lei a fim de descobrir as instruções de Deus de como carregar a arca (1 Cr 15:1-2,12-13). Deus abençoou a casa de Obede-Edom, e Davi queria essa bênção para toda a nação. Dessa vez, ele preparou a tenda e também procurou os levitas que estavam adequadamente preparados para a tarefa.

Pensa-se que o salmo 24 foi composto para celebrar esse evento. Em 1 Crônicas 16:7ss, descobrimos que o salmo 105 também surgiu por causa desse feliz acontecimento. Deus usou Davi para ex-

pressar a alegria de seu coração, e seu cântico glorificou ao Senhor. O rei tirou suas vestimentas reais e seguiu a procissão com as vestimentas humildes dos levitas. Os levitas davam seis passos e faziam uma pausa a fim de esperar para ver se Deus os aceitaria; quando não havia julgamento, eles ofereciam sacrifícios e, depois, continuavam no caminho para Jerusalém.

É óbvio que a “dança” de Davi diante do Senhor era uma expressão espontânea de sua alegria porque a arca de Deus estava sendo devolvida ao povo. Era indigno que Davi agisse dessa forma? Claro que não! Embora as atitudes dele não sejam apresentadas como exemplos que devemos seguir, não ousemos ir para o extremo oposto e excluir todas as exteriorizações de alegria e de louvor em nossa adoração ao Senhor! Embora alguns crentes levem essa atividade a extremos, outros talvez sejam culpados de ofender o Espírito com uma falsa sobriedade. Por fim, a “dança” de Davi não é, de modo algum, uma desculpa para as “danças” modernas, pois seus atos aconteceram diante do Senhor com a finalidade de glorificá-lo.

Davi abençoou as pessoas e deu-lhes presentes para celebrar o retorno da arca. Anos antes, a “glória partira”, mas agora o Senhor dos Exércitos voltara para o meio de seu povo. Não é de admirar que Davi se alegre!

III. Davi disciplina sua esposa (6:20-23)

Observamos anteriormente que Mical, filha de Saul, nunca foi a esposa certa para Davi. Ela pertencia à família de Saul e, na verdade, nunca demonstrou fé alguma no Deus de Israel. Primeiro Samuel 19:13 indica que ela adorava ídolos. Davi não a tomou por esposa por causa da vontade do Senhor; ele “ganhou-a” ao matar Golias (1 Sm 17:25) e ao executar os assassinatos exigidos por Saul (1 Sm 18:17-27). Essa aliança para toda a vida com a família de Saul trouxe problemas desde o início, como todas as alianças ímpias o trazem (2 Co 6:14-18). O conflito entre Saul e Davi simboliza a batalha entre a carne e o Espírito, e a união de Davi com Mical representa a rendição dele à carne.

Não é preciso muita imaginação para perceber por que Mical desprezava o marido. Com certeza, sua atitude pecaminosa crescia em seu interior havia anos. Ela ressentia-se de ter casado com o escudeiro do pai como o “prêmio” pela vitória. Ela ressentia-se com o fato de Davi ter outras esposas (veja 3:2-5; 5:13-16), todas escolhidas após seu casamento com Davi. O pai dela morreu de forma vergonhosa, e agora seu inimigo reinava vitorioso sobre todo o Israel. É claro que embaixo de tudo isso repousa o motivo fundamental: ela era descrente e não acreditava nas coisas do Senhor nem gostava

delas (1 Co 2:14-16). Ela queria que Davi demonstrasse seu poder real com grande pompa e cerimônia; ele preferia ter seu lugar junto às pessoas comuns e glorificar ao Senhor.

As palavras ásperas que dirigiu a Davi depois de um magnífico momento de louvor devem tê-lo ferido profundamente. É verdade que Satanás sempre tem uma “Mical” para encontrar-nos quando nos regozijamos no Senhor e tentamos glorificá-lo. Suas palavras perversas revelam um coração perverso, e Davi sabia que devia lidar com isso. “Se tua mão te faz tropeçar, corta-a.” Ele percebeu que Mical nunca o ajudaria no trabalho do Senhor, por isso a pôs de lado e recusou dar-lhe os privilégios do casamento. Para a mulher judia morrer sem ter filhos era uma grande vergonha. Davi respondeu a essa mulher insensata de acordo com a estultícia dela (Pv 26:5).

Não devemos nos desencorajar quando os outros nos criticam e sabemos que nosso coração e motivos estão certos. Se Davi fosse como alguns santos, diria: “Está certo, não servirei mais ao Senhor! Nem minha esposa gosta disso!”. Como vemos no capítulo seguinte, Davi, ao contrário, planejava fazer até mais: construir um templo para o Senhor. Este é o espírito certo para o cristão: honrar ao Senhor sem levar em consideração os obstáculos que Satanás ponha no caminho.

2 SAMUEL 7

Nesse capítulo, encontramos duas expressões que resumem sua principal lição: “teu descendente” (v. 12) e “teu trono” (v. 16). Essa aliança davídica (também apresentada em 1 Cr 17) é importante para o programa de Deus, porque nela o Senhor promete dar, por intermédio de Davi, bênçãos especiais para a nação judia. Na aliança com Abraão (Gn 15), o Senhor prometeu uma descendência, uma terra e bênção para todas as nações por intermédio de Israel. Nessa aliança, Deus revela que o Messias prometido viria pela linhagem de Davi (Rm 13) e governaria sobre o reino messiânico prometido do trono de Davi.

I. Um propósito nobre (7:1-3)

Acabaram-se os dias de exílio e de perigo, e Davi desfrutava de descanso e de bênçãos em sua casa. O rei confraterniza com o profeta Natã, e eles conversam sobre as coisas do Senhor.

Davi sempre amou a Casa do Senhor (Sl 132) e desejava construir uma bela casa para o Senhor. Deus não permitiu isso (1 Cr 22:8), mas ele conhecia o amor de Davi, visto que esse desejo estava no coração de seu servo (1 Rs 8:18). Natã não conhecia a vontade expressa de Deus em relação ao assunto, portanto ele apenas aprovou Davi e encorajou-o

a fazer o que estava no coração dele. Os dois, Davi e Natã, tinham o coração aberto para a orientação do Senhor e, quando o Senhor falou, eles ouviram e obedeceram. Nós devemos sempre encorajar uns aos outros em assuntos espirituais e estimularmo-nos a fazer boas obras (Hb 10:24-25).

Davi realmente era “um homem segundo o coração de Deus”, pois a Palavra de Deus e a Casa do Senhor ocupavam o primeiro lugar em seu coração. Oh, se mais pessoas de Deus fossem como ele!

II. Uma promessa magnífica (7:4-17)

Provavelmente, “durante a noite” (Sl 119:55), Natã meditava sobre a Palavra de Deus, quando o Senhor falou com ele. Com que frequência o Senhor fala conosco quando ainda está escuro! Veja Gênesis 15. “De noite me visitas” (Sl 17:3). Deus transmitiu a Natã uma mensagem para o rei, e essa mensagem envolvia muitas coisas importantes.

A. A graça de Deus (vv. 5-10).

Como Deus é gracioso por ter, durante anos, “andado em tenda” desde que a nação saiu do Egito! Ele não pediu um templo primoroso como as casas dos deuses do Egito. Não, ele se humilhou e habitou no tabernáculo, peregrinou com seu povo e foi adiante dele para abrir caminho. João 1:14 declara: “E o Verbo [Cris-

to] se fez carne e *habitou* entre nós” (grifo do autor). Outra evidência da graça de Deus é o tratamento que ele dá a Davi. O Senhor chamou-o nas pastagens e o pôs no trono. O Senhor deu-lhe vitória sobre todos os inimigos. Ele trouxe Israel para um lugar de bênção, e este não deveria se mudar de novo (v. 10, em que os tempos verbais deveriam estar no passado: “*Preparei lugar*”).

B. O propósito de Deus (vv. 11-16)

Por favor, observe que a palavra “casa” tem um sentido duplo nessa passagem: (1) a casa física, o templo (v. 13) e (2) a casa humana, a família de Davi (vv. 11,16,19,25,27,29). É costume referir-se a uma família real como a “casa”; por exemplo, a “casa de Windsor”, na Inglaterra. Davi queria construir uma casa física para o Senhor, mas Deus construiria uma casa real para Davi, uma família que reinaria em seu trono.

Os termos dessa aliança são importantes porque envolvem o propósito de Deus de enviar Jesus Cristo ao mundo. Primeiro, observemos que algumas dessas promessas cumpriram-se em Salomão, sucessor de Davi ao trono; veja 1 Crônicas 22:6-16. Deus pôs Salomão no trono, apesar dos complôs perversos de outros membros da família, e o Senhor capacitou Salomão para construir um belo templo. Quando Salomão e seus descen-

dentos pecaram, o Senhor manteve sua promessa (v. 14) e castigou-os; veja Salmos 89:20-37. Deve-se notar também que alguns assuntos dessa aliança se aplicam apenas a Jesus Cristo. O Senhor afirma que estabelecerá o trono para sempre (v. 13), e que a casa e o trono de Davi serão firmados para sempre (v. 16). No entanto, hoje, Davi não tem um descendente em seu trono. Na verdade, não há trono em Jerusalém. Deus não cumpriu sua promessa? Em Salmos 89:33-37, o Senhor afirma que nunca quebrará sua aliança com Davi, embora talvez tenha de castigar os filhos de Davi.

O cumprimento último dessas promessas é em Jesus Cristo. Em Lucas 1:28-33, leia com atenção a mensagem do anjo a Maria e observe que Deus promete a Cristo o trono e o reino de Davi. Hoje, algumas pessoas “espiritualizam” esses versículos e os aplicam à igreja, mas, se devemos entender literalmente o restante da mensagem do anjo, que direito temos de espiritualizar o trono e o reino? Zacarias, inspirado pelo Espírito, afirma claramente que Cristo cumpriria as alianças feitas com os pais (Lc 1:68-75). É nossa convicção que Cristo cumprirá essa aliança davídica quando se sentar no trono de Davi e governar durante o Reino milenar (Ap 20:1-6). Nesse momento, cumprir-se-ão todas as promessas do grande Reino, confor-

me apresentadas pelos profetas do Antigo Testamento. Em Atos 15:13-18, os apóstolos entenderam que Deus reedificaria a casa de Davi (tabernáculo) *depois* de visitar os gentios e chamar um povo para o seu nome (a igreja).

III. Uma oração humilde (7:18-29)

Natã transmitiu a mensagem a Davi, e este orou e pediu que Deus cumprisse sua Palavra (vv. 28-29). Receberíamos muito mais das lições e das pregações se, depois, apenas gastássemos um tempo com Deus e “orássemos a mensagem que há nelas”.

O Senhor gosta de dar a seus filhos “infinidamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos”. Davi pediu permissão para construir um templo terreno. Deus respondeu prometendo-lhe um reino eterno! Esse incrível ato de graça fez com que Davi se humilhasse diante do

Senhor, e o rei, em sua oração, louva a grandiosidade de Deus. Ele se deu conta da posição privilegiada de Israel (vv. 22-24). Oh, que o povo de Deus de hoje entenda a grandeza de Deus e as coisas magníficas que tem feito pelos seus! Contudo, a preocupação de Davi não era para que seu nome fosse louvado, mas para que o nome do Senhor fosse engrandecido (v. 26; veja Fp 1:20-21). Davi orou: “Quanto a esta palavra que disseste [...] faze como falaste”. Davi, como Abraão, estava “plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4:21).

Davi estava decepcionado por que Deus não lhe permitira construir a casa do Senhor? Talvez. No entanto, para ele, não era importante quem construiria a Casa do Senhor, mas que a vontade de Deus se cumprisse e que o nome do Senhor fosse glorificado.

2 SAMUEL 9

Esse capítulo apresenta uma imagem comovente da salvação que temos em Cristo. Com certeza, o tratamento que Davi dispensa a Mefibosete é o de “um homem segundo o coração de Deus”.

I. Mefibosete — o pecador perdido

A. Ele nasceu em uma família rejeitada

Mefibosete, como filho de Jônatas, era membro de uma família rejeitada. Ele era filho de um príncipe, no entanto vivia longe da cidade de Jerusalém e dependia dos outros. Todos os pecadores perdidos nascem em pecado, nascem na família de Adão e, por isso, estão sob condenação (Rm 5:12ss; Ef 2:1-3).

B. Ele sofreu uma queda e não podia andar

Mefibosete era aleijado dos dois pés (vv. 3,13) e, por isso, não podia andar. Hoje, todas as pessoas são pecadoras por causa da queda de Adão (Rm 5:12) e não podem andar nem agradar a Deus. Os pecadores, em vez de andarem em obediência, andam “segundo o curso deste mundo” (Ef 2:2). Eles podem tentar caminhar para agradar a Deus, mas não há auto-esforço nem boas obras que os salvem.

C. Ele perdeu o melhor

Mefibosete vivia em Lo-Debar, cujo significado é “sem pastagem”. Essa é uma descrição adequada do mundo atual — sem pastagem, sem lugar para a satisfação da alma. Os pecadores estão famintos e sedentos, mas este mundo e seus prazeres não podem satisfazer essa fome e essa sede.

D. Ele morreria sem a ajuda de Davi

Se não fosse pela graciosa atitude de Davi em salvá-lo, nunca saberíamos da existência de Mefibosete. Deus escreveu o nome dele em sua Palavra, porque Davi encontrou-o e salvou-o.

O pecador perdido está em uma situação trágica. Ele caiu, não pode caminhar para agradar a Deus, está separado da família, está sob condenação e não pode ajudar a si mesmo.

II. Davi — o gracioso salvador

A. Davi fez o primeiro movimento

A salvação é do Senhor! Ele tem de dar o primeiro passo, porque o pecador perdido, por natureza, não busca a Deus (Rm 3:10-12). Davi manda buscar Mefibosete, assim como Deus enviou Cristo à terra para “buscar e salvar o perdido” (Lc 19:10).

B. Davi agiu por causa de Jônatas

A atitude de Davi nasceu da aliança de amor que ele e Jônatas fizeram anos antes (1 Sm 20:11-23). Davi

nunca vira Mefibosete, contudo amava-o por causa de Jônatas. Não somos salvos por nossos méritos, mas por causa de Cristo. Somos perdoados por causa dele (Ef 4:32). Somos aceitos “no Amado” (Ef 1:6). Isso faz parte daquela “eterna aliança” (Hb 13:20-21) que, por causa de Jesus, o Pai salvaria todos os que crêem no Salvador.

C. Davi praticou um ato de bondade

No versículo 3, Davi chama isso de “bondade de Deus”. Cristo demonstra-nos sua bondade ao salvar-nos (Ef 2:7; Tt 3:4-7). O trono de Davi era um trono de graça, não de justiça. Mefibosete não tinha nada a reivindicar para si perante Davi, ele absolutamente não tinha nenhum caso para apresentar. Se ele aparecesse diante do trono pedindo por justiça, poderia ser condenado.

D. Davi chamou-o pessoalmente, e ele veio

Davi enviou um servo para trazê-lo (v. 5), mas, depois, o servo saiu do caminho para dar espaço para o rei. Ninguém é salvo pelo pregador, ou pelo evangelista; tudo o que os servos podem fazer é acompanhar o pecador até a presença de Cristo. Observe como Mefibosete inclinasse em humildade diante de Davi, pois ele conhecia sua situação de homem condenado. Com que ternura Davi disse: “Mefibosete”.

E. Davi recebe-o em sua família

Mefibosete, como muitos pecadores de hoje, queria forçar seu caminho para o perdão (vv. 6,8), mas Davi o recebeu como a um filho (v. 11). O filho pródigo também queria ser servo, mas ninguém pode ganhar a salvação (Lc 15:18-19). “Amados, agora, somos filhos de Deus!” Veja 1 João 3:1-2 e João 1:11-13.

F. Davi falou em paz para ele

“Não temas!”, foram as palavras de graça de Davi ao trêmulo aleijado, e Cristo também diz a todos os crentes pecadores: “Não temas!”. “Agora, pois, já nenhuma condenação [...]” (Rm 8:1). Vivenciamos a paz por intermédio da Palavra do Senhor diante de nós e do Espírito de Deus em nós.

G. Davi supriu todas as necessidades dele

Mefibosete não viveria mais “sem pastagem”, pois agora comeria todos os dias à mesa do rei. Além disso, Ziba e seus filhos tornaram-se servos de Mefibosete. E Davi deu a Mefibosete toda a herança que lhe pertencia. Da mesma forma, Cristo satisfaz todas as necessidades espirituais e materiais de sua família. Ele deu-nos uma herança eterna (Ef 1:11,18; 1 Pe 1:4ss; Cl 1:12). Se ele desse a herança que merecemos por direito, iríamos para o inferno! Mas ele, em sua graça, escolheu-nos

para compartilhar sua herança com ele, pois somos “co-herdeiros com Cristo” (Rm 8:17).

H. Davi protegeu-o do julgamento

Segundo Samuel 21:1-11 relata que Deus enviou fome para castigar seu povo. Quando Davi consulta Deus, fica claro que a fome veio por causa da forma perversa com que Saul tratou os gibeonitas. A Bíblia não apresenta a forma exata como Saul tratou os gibeonitas, mas, já que Israel fez um pacto com esse povo (Js 9), os atos de Saul eram uma violação direta da verdade e um pecado contra o Senhor. Deus esperou muitos anos para revelar esse pecado e mandar julgamento: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar.” Veja Êxodo 21:23-25. Não nos cabe, nesta era da graça, julgar aquele povo por pedir o sacrifício de sete descendentes de Saul; basta para nós saber que Deus permitiu que isso acontecesse. Observe que Davi, deliberadamente, poupa Mefibosete (v. 7). Havia outro Mefibosete entre os descendentes de Saul (v. 8), contudo Davi conseguia distingui-los! Hoje, há muitas pessoas que professam ser filhos de Deus, mas nem sempre podemos distingui-los. Deus, porém, no Dia do Julgamento, revelará os que são realmente seus.

Obviamente, enquanto estudamos essa ilustração, devemos ter

em mente que a salvação que Cristo nos oferece supre “muito mais” que isso. Davi salvou Mefibosete do perigo físico e supriu suas necessidades físicas, mas Cristo salvou-nos do inferno eterno e satisfaz diariamente nossas necessidades físicas e espirituais. Não somos filhos de um rei terreno; somos os verdadeiros filhos de Deus.

Segundo Samuel 16:1-4 esclarece essa diferença. Quando Davi fugiu de Jerusalém durante a rebelião de seu filho Absalão, Ziba, o servo, encontrou-o e fez uma acusação contra Mefibosete. Davi acreditou na acusação e, na mesma hora, deu toda a terra de Mefibosete ao servo. Entretanto, quando Davi retornou a Jerusalém, encontrou-se com Mefibosete e soube toda a verdade (2 Sm 19:24-30). Ziba mentira. Ele prometera arrumar um jumento para Mefibosete usar na fuga com Davi, contudo não cumpriu a promessa. Ziba caluniou um homem inocente, e Davi acreditou na calúnia. É claro que isso nunca acontece entre um crente e Jesus Cristo. “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? [...] Quem os condenará?” (Rm 8:33-39). Satanás pode acusar-nos e caluniar-nos, mas o amor de Cristo por nós ou suas promessas para nós jamais mudam.

Vemos em Mefibosete a atitude que o crente deve ter em relação ao

“retorno do Rei”. Esse aleijado exilado viveu para o dia do retorno de seu rei! Ele não tinha pensamentos para o próprio conforto; antes, esperou

e orou pelo retorno daquele que o amara e o salvara da morte. Mefibosete estava tão enlevado com o retorno de Davi que abriu mão da terra.

2 SAMUEL 11-12

A Bíblia relata com honestidade os pecados do povo de Deus, mas nunca de uma forma que torne o pecado aceitável. De forma distinta de muitos livros de hoje que se dizem “verdades da vida”, a Bíblia apresenta os fatos e delinea as lições, mas não deixa nada em que a imaginação possa frutificar. Há algumas coisas que são “vergonha” apenas em se referir a elas (Ef 5:12), e devemos estudar os eventos desses capítulos com a mente e o coração guiados pelo Espírito. “[...] guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6:1).

I. Davi e Bate-Seba (11:1-4)

Não foi um jovem apaixonado que deliberadamente caiu nesse pecado, mas um homem de Deus que já alcançara a meia-idade. É fácil ver como Davi caiu nesse pecado: (1) ele estava autoconfiante depois de desfrutar de vitórias e de prosperidade; (2) ele desobedeceu, pois estava em casa quando devia estar no campo de batalha; (3) ele estava à toa, deitado na cama durante a tarde; (4) ele foi auto-indulgente, ao libertar seus desejos quando devia disciplinar-se; e (5) ele foi descuidado, ao permitir que seus olhos vagassem e se entregassem à “concupiscência da carne, [à] concupiscência dos olhos” (1 Jo 2:16). O

soldado cristão não deve tirar nunca sua armadura (Ef 6:10ss).

Tiago 1:13-15 descreve o caso de Davi com perfeição: (1) a visão ativou seu desejo, e ele fracassou em refreá-lo; (2) o desejo concebeu o pecado em sua mente; (3) sua vontade entregou-se, e isso levou ao pecado; (4) seus atos levaram à morte. Ele não vigiou, nem orou conforme Mateus 26:41 ordena e, tampouco, tratou de forma decisiva com seus “olhos errantes” (Mt 5:29 e 18:9).

Davi podia vencer a tentação (pois não é pecado ser tentado) ao lembrar-se da Palavra de Deus (Êx 20:14) ou ao pensar que Bate-Seba era filha e esposa de alguém (v. 3). Na verdade, ela era casada com um dos mais valentes soldados do exército de Davi (23:39), e também era neta de Aitofel, que mais tarde se rebelou contra Davi e tomou o partido de Absalão (23:34 e caps. 16—17). Davi já tinha muitas esposas, e Deus ainda lhe daria muito mais (12:8). Foi muito ruim que o registro desse homem piedoso fosse prejudicado para sempre pelo “caso de Urias, o heteu” (1 Rs 15:5). Claro, temos de admitir que a mulher também teve culpa, mas Davi, como rei, certamente é mais culpado.

II. Davi e Urias (11:5-27)

Tiago 1:15 adverte que “a cobiça, depois de haver concebido,

dá à luz o pecado". Como essas palavras são verdadeiras na experiência de Davi. Em vez de ir ao Senhor e confessar seu pecado, o rei despacha o marido e tenta enganá-lo a fim de que fosse para sua casa. Com certeza, isso cobriria o pecado. Contudo, Urias era um homem melhor que seu rei e recusou-se a ir para casa! Compare a auto-indulgência de Davi, nos versículos 1-2, com a disciplina de Urias, no versículo 11. Assim, Davi, quando falhou seu primeiro plano, tentou um novo esquema e embebedou o homem. Contudo, Urias, mesmo sob influência do vinho, era um homem mais disciplinado que Davi sóbrio!

O pecado ainda crescia: Davi decidiu assassinar o homem e, depois, pegar sua esposa. Joabe estava mais que disposto a colaborar, já que isso lhe daria a chance de mais tarde obter alguma vantagem com o rei. Aquele dia, Urias levou para o campo de batalha a ordem da própria morte. O plano de Davi funcionou, e o valente soldado foi morto em combate. Davi "fingiu sentir" sua morte e esperou passar a semana de luto; depois, casou-se com a viúva. Talvez algumas pessoas na corte tenham pensado de forma elogiosa sobre o fato de Davi confortar Bate-Seba dessa forma, mas o Senhor pensou de forma diversa.

III. Davi e o Senhor (12)

A. A confissão de Davi (vv. 1-14)

Davi escondeu seus pecados por, pelo menos, um ano. Leia os salmos 32 e 51 para ver a descrição dos sentimentos de Davi durante esse período difícil. Ele ficou fisicamente fraco e doente, perdeu a alegria, seu testemunho, seu poder. Deus deu muito tempo para que Davi corrigisse seus erros, mas ele insistiu em esconder os pecados. Se ele, por conta própria, tivesse ido até o Senhor, em sincero arrependimento, posteriormente as coisas poderiam ter tomado um rumo diferente. Por fim, Deus enviou Natã, não com uma mensagem de bênção, como no capítulo 7, mas com uma mensagem de condenação. Como é fácil condenar os pecados dos outros! Contudo, Natã, com destemor, disse a Davi: "Tu és o homem".

Temos de elogiar Davi por curvar-se à autoridade da Palavra de Deus e confessar seu pecado. Ele poderia matar Natã. (Observe que Davi até deu o nome de Natã a um filho, 1 Cr 3:5; Lc 3:31). Deus estava pronto para perdoar os pecados de Davi, mas ele não podia impedir que esses pecados gerassem "a morte" (Tg 1:15). A graça do Senhor perdoa, mas o governo dele tinha de permitir que os pecadores colhessem o que semearam. Veja Salmos 99:8. "Restituo quatro vezes mais! "Davi declarou a

punição para o homem da história de Natã. Assim, Deus aceitou a sentença que ele deu. A espada jamais se afastaria da casa de Davi: o bebê morreu; Absalão matou Amnom, que arruinara Tamar (cap. 13); depois, Joabe matou Absalão (18:9-17); e Benaia matou Adonias (1 Rs 2:24-25). Quatro vezes mais! Acrescente a isso as tribulações com a terrível desgraça de Tamar, o vergonhoso tratamento que Absalão deu às esposas de Davi (12:11; 16:20-23), mais a rebelião de Absalão, e verá que Davi pagou um preço alto por uns poucos momentos de prazer concupiscente. Ele semeou concupiscência e colheu a mesma coisa; ele semeou morte e colheu assassinos, pois “aquilo que o homem semear, isso também ceifarão” (Gl 6:7).

B. O arrependimento de Davi (vv. 15-25)

No momento em que a mão disciplinadora de Deus moveu-se, o bebê ficou doente. Natã disse que ele morreria (v. 14), contudo Davi jejuou e orou pela vida da criança. Ele não ouviu nem aos seus servos; no entanto, no fim da semana, a criança morreu. O jejum e as orações de Davi não podiam mudar a deliberação do Senhor. Ele cometera um pecado de morte, e é errado orar por esse pecado (1 Jo 5:14-16). No entanto, prezamos a preocupação de Davi com a criança e a mãe,

e sua fé na bondade do Senhor. Apreciamos também sua confiança na Palavra de Deus, pois ele sabia que a criança fora para o céu (v. 23). Embora abominemos o pecado de Davi e todos os problemas que ele acarretou, agradecemos ao Senhor esse magnífico versículo de promessa para pais pesarosos pela perda de um filho. (Como Vance Havner disse: “Quando você sabe onde alguma coisa está, você não a perdeu”.) “Onde abundou o pecado, superabundou a graça!” Note também que é errado orar pelos mortos. Davi parou de orar pela criança.

C. As conquistas de Davi (vv. 26-31)

Esse trágico episódio inicia-se com Davi regalando-se em casa, mas encerra-se com ele assumindo seu lugar de direito no campo de batalha e liderando a nação em uma importante vitória. É encorajador ver que Deus estava disposto a usar Davi de novo, apesar de seus pecados. Ele confessou seus pecados, o Senhor perdoou-o, e agora ele podia lutar de novo pelo Senhor. Pecar é ruim para os crentes, mas também é ruim que vivam no passado e sintam-se inúteis mesmo depois de confessarem seus pecados. Satanás ama prender o povo de Deus em lembranças de pecados que Deus já perdoou e esqueceu. Satanás é o acusador (Ap 12:10; Zc 3), mas Jesus é o Advogado (1 Jo 2:1-2).

Os versículos 24-25 irradiam a graça de Deus, pois ele escolheu Bate-Seba para ser a mãe do próximo rei! “Salomão” significa “pacífico”. “Jedias” significa “amado por Jeová”. Deus transformou a maldição em bênção, pois Salomão era o cumprimento da promessa feita a Davi em 1 Crônicas 22:9.

Que esse acontecimento da vida de Davi sirva de advertência para todos os cristãos a fim de que “veja[m] que não caia[m]” (1 Co 10:12). Primeira aos Coríntios 10:13 promete um cami-

nho de fuga para quando enfrentamos tentação. No entanto, não podemos, como no caso de Davi, superar a tentação se permitirmos que nosso desejo assumo o comando. Temos de prestar atenção ao início do pecado e manter nossa imaginação pura. O apóstolo Paulo ordena-nos: “façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena”, e a mortificarmos os membros do corpo que nos levam a pecar (Cl 3, NVI; Rm 6). Todos os crentes precisam vigiar e orar e não dar provisão para a carne (Rm 13:14).

2 SAMUEL 15-19

Davi continua a colher a triste ceifa de seus pecados; veja 2 Samuel 12:10-12. Ao mesmo tempo que nosso Senhor é gracioso em perdoar quando confessamos nossos pecados, ele não viola sua santidade interferindo com os trágicos resultados dos nossos pecados.

I. A rebelião do príncipe (15:1-12)

Leia os capítulos 13 e 14 para ver a história inteira. Tamar, a bonita irmã de Absalão, foi desonrada pelo meio-irmão Amnom, o filho mais velho de Davi (3:2). Davi comete adultério com Bate-Seba; agora o estupro invade sua casa! Absalão tem dois propósitos em mente quando descobre o que Amnom fez: ele, ao matar Amnom, quer vingar Tamar e, ao mesmo tempo, remover o herdeiro óbvio do trono. Isso parece indicar que Davi não tem influência disciplinadora sobre a própria família. Em 13:21, lemos a respeito da raiva de Davi, mas não há nada a respeito de sua atitude para corrigir as coisas. Talvez a lembrança dos próprios pecados o reprima. Absalão tomou a situação nas mãos e matou Amnom, depois fugiu para o território dos gentios para se esconder dos parentes de sua mãe (13:37 e 3:3). No capítulo 14, Joabe intercedeu por Absalão e enganou Davi

para que trouxesse seu filho apóstata de volta para casa.

Absalão precisa de pouco tempo para construir um grupo de seguidores leais. Ele critica abertamente a administração do pai e secretamente rouba o coração do povo. (Observe que algumas versões traduzem os “quatro anos” de 15:7 por “quarenta anos”. Se quarenta anos for o tempo correto, não sabemos a que evento do passado o escritor se refere.) Depois de um tempo, Absalão achou que seu movimento estava forte o suficiente para arriscar uma revolta declarada. Não é de admirar que Aitofel, conselheiro de Davi, tenha aderido aos rebeldes, pois Beta-Seba era sua neta (11:3 paralelo a 23:34). Parecia que Absalão teria sucesso em roubar a coroa do pai.

II. A reação do povo (15:13—16:23)

Os inimigos reais, enquanto Davi reinou com poder, não ousaram opor-se a ele, mas a revolta de Absalão deu-lhes o que pareceu uma ótima oportunidade para resistir ao rei e afastá-lo. Era tempo de separar o verdadeiro do falso.

A. Os amigos de Davi (15:13-37)

Deixar Jerusalém foi uma sábia decisão de Davi, pois não seria necessária muita força para prendê-lo no próprio palácio. Veja que os gentios de seu exército, liderados por Itai, o geteu, eram leais ao rei. Sem dú-

vida, esses homens estiveram com Davi em seus penosos anos de exílio. Os dois sacerdotes, Zadoque e Abiatar, também seguiram o rei, mas Davi mandou-os de volta para a cidade. Esse ato, em si, era um ato de fé, pois Davi confiava em Deus para lhe dar vitória e fazê-lo retornar ao trono. Davi não cometeu o erro dos filhos de Eli, quando estes se apressaram em trazer a arca para a batalha (1 Sm 4—5); ele mandou os sacerdotes e a arca de volta para Jerusalém. Claro que os sacerdotes podiam espionar para ele e enviar os filhos com informações para Davi. Ele também mandou Husai de volta a Jerusalém para passar-se por aliado de Absalão, e o conselho dele poderia mudar o que Aitofel dera. É uma imagem triste a de Davi e seu pequeno exército fugindo da cidade e atravessando o ribeiro Cedrom. Isso lembra quando nosso Senhor Jesus foi rejeitado em Jerusalém, deixou a cidade e atravessou o Cedrom para orar no jardim (Jo 18:1). No caso de Davi, o "Judas" foi seu antigo amigo Aitofel; talvez Davi tenha escrito o salmo 55:12-15 nessa época. Os salmos 3 e 4 foram escritos durante essa rebelião, e eles mostram onde estava a fé de Davi.

B. Os inimigos de Davi (cap. 16)

Os tempos de rebelião são reveladores. Vemos no que as pessoas realmente acreditam e de que lado

se posicionam. Ziba mentiu para Davi a respeito de Mefibosete (veja 19:24-30), e Davi foi rápido em julgar Mefibosete. Simei era aparentado com a família de Saul e mostrava abertamente seu ódio por Davi. Este teve paciência admirável durante essa provação; pois ele sabia que o Senhor o vingaria no momento certo. Abisai queria cortar a cabeça dos homens (veja Lc 9:54 e 1 Pe 2:23), mas Davi impediu-o. Davi não foi desonrado apenas no deserto, mas também em seu palácio. Pois Aitofel aconselhou Absalão a tomar as concubinas do pai para si mesmo e, desse modo, romper abertamente com o pai. Assim, cumpria-se a profecia de 12:11-12.

Hoje, os homens desprezam e rejeitam nosso Senhor Jesus, da mesma forma como fizeram com Davi durante a rebelião. Hoje, os homens e mulheres precisam de coragem para permanecer fiéis ao Rei, mas temos certeza de que Deus recompensará essa lealdade quando Jesus retornar.

III. A avaliação do Senhor (17—19)

Deus permitiu essa rebelião como parte do preço que Davi tinha de pagar pelo pecado que cometeu em relação a Urias e Bate-Seba. O Senhor também reverteu os eventos para purificar o reinado de Davi e separar o benigno do maligno. Finalmente, chegara o dia do ajuste

de contas. Às vezes, o julgamento de Deus cai prontamente, e, outras vezes, ele espera e age com vagar.

A. Aitofel morre (cap. 17)

Não há dúvida de que o plano de Aitofel era o melhor dos dois, mas Deus fez com que Absalão o rejeitasse. Observe a abordagem psicológica de Husai ao sugerir que o próprio Absalão liderasse o exército na batalha. Essa sugestão apelava para a vaidade do homem, mas, infelizmente, no fim, a vaidade leva apenas à morte. Aitofel, quando vê seu conselho rejeitado, tira a própria vida. Esse é outro paralelo com o que Cristo vivencia, pois Judas sai e se enforca.

B. Absalão morre (18:1 – 19:15)

O vaidoso príncipe segue o conselho de Husai e lidera seu exército no bosque de Efraim. Com certeza, ele não estava preparado para travar uma guerra, mas “a soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). Os longos cabelos de Absalão (14:25-26) ficaram presos em um ramo de carvalho, e ele não conseguiu soltar-se. (Veja Jó 20:1-7.) Joabe desobedeceu à ordem de Davi (18:5) e matou o rebelde. Depois, mandou a notícia ao rei, que, ao ouvi-la, chorou em profunda comoção. Davi era “um homem segundo o coração de Deus” e não tinha “prazer na morte

do perverso” (Ez 33:11). Entretanto, o pesar incomum de Davi quase lhe custou o reinado.

C. Simei é perdoado (19:16-23)

Muitos rebeldes tentaram “mudar de tom” quando o rei voltou! Davi tentava juntar os pedaços de seu reinado, portanto não podia se dar ao luxo de indispor-se com qualquer uma das tribos, mas, mais tarde, Salomão deu a Simei o que ele merecia (1 Rs 2:36-46).

D. Ziba e Mefibosete se reconciliam (19:24-30)

A chegada de Ziba em companhia de Simei não falava a favor daquele (vv. 16-17). Com certeza, Ziba mentira a respeito de seu senhor, e Davi tentou dar-lhe um julgamento justo. Infelizmente, sua decisão apressada anterior dificultou para ajeitar completamente as coisas, mas prezemos a atitude de Davi. Mefibosete dá-nos um bom exemplo de preocupação com o rei ausente.

E. Barzilai é recompensado (19:31-43)

Ele trouxe ajuda para a comitiva de Davi no momento de necessidade (17:27-29), e, sem dúvida, esse ato de bondade rendeu-lhe amigos, pois ele foi magnificamente recompensado quando o rei voltou! Barzilai não queria deixar sua casa e morrer longe dos entes queridos. Assim, ele sugeriu que as bênçãos fossem

dadas a Quimã (talvez um filho ou neto seu). Jeremias 41:17 informa que Davi deu a Quimã terra perto de Belém, e que a família deste viveu lá por muitos anos.

Com certeza, todo esse episódio da rejeição e do retorno de Davi ilustra a atitude que as pessoas hoje

têm em relação a Cristo. Há uma minoria leal que permanece ao lado do Rei ausente, e uma maioria egoísta que prefere se rebelar. Mas o que acontecerá quando o Rei retornar? E o que nós, seus seguidores, estamos fazendo para apressar seu retorno (2 Pe 3:12)?

2 Samuel 24

Leia também 1 Crônicas 21, o relato que faz paralelo com esse grande pecado de Davi. Eis outro exemplo de como, às vezes, Deus deixa Satanás trabalhar para que os propósitos do Senhor sejam cumpridos. Veja Lucas 22:31-34.

1. Pecado (24:1-9)

O que há por trás da decisão de Davi de fazer um censo nacional? Provavelmente, o orgulho: ele obtivera várias grandes vitórias (1 Cr 18—20) e, talvez, quisesse abrigar-se na glória do sucesso. Não havia nada de errado em fazer um censo, mesmo porque, diversas vezes na história nacional, já se contara as pessoas; contudo, devemos ter em mente que o recenseamento que louva os homens não glorifica a Deus.

Êxodo 30:11-16 é outro fator a ser considerado em relação a esse caso. Em conexão com o censo, estava o “dinheiro do resgate” que cada um devia dar, pois esse dinheiro era um lembrete de que o povo era a posse adquirida pelo Senhor. Êxodo 30:12 adverte que o Senhor enviaria praga se o povo deixasse de dar o dinheiro do resgate, e foi exatamente isso que aconteceu.

Deus deu quase dez meses a Davi para que mudasse sua mente e evitasse a disciplina (v. 8). O Senhor

até usou o sábio conselho de Joabe para dissuadi-lo, mas Davi não o escutou. É muito ruim quando, às vezes, os filhos do Senhor tornam-se obstinados de coração e insistem em fazer as coisas a sua própria maneira.

O pecado de Davi não resultou de uma atitude precipitada, pois ele levou-o a cabo com precisão fria e calculada. Ele estava se rebelando contra Deus! Há uma série de contrastes interessantes entre esse pecado e o que cometeu com Bate-Seba: (1) esse era um pecado do espírito (orgulho), enquanto o outro era da carne; (2) aqui ele age com persistência intencional, enquanto o pecado com Bate-Seba resultou da subjugação repentina aos desejos da carne; (3) esse pecado envolvia a nação, e 70 mil pessoas morreram por causa dele; o outro, era um assunto de família que causou a morte de quatro pessoas. Contudo, o Senhor, nos dois pecados, deu tempo a Davi para que se arrependesse, mas ele demorou demais.

Talvez achemos que o orgulho e a rebelião contra a Palavra do Senhor não sejam pecados muito sérios, mas, na vida de Davi, eles causaram tribulações e tragédias maiores que seu adultério. Devemos guardar-nos dos pecados “tanto da carne como do espírito” (2 Co 7:1).

II. Sofrimento (24:10-17)

“O salário do pecado é a morte.” Observe que Davi sentia-se culpado em seu coração antes de vir o julgamento. Com certeza, ele era honesto consigo mesmo e com o Senhor, mas sua culpa e arrependimento chegaram muito tarde. Em 12:13, Davi disse: “Pequei”, mas aqui ele diz: “*Muito pequei*” (grifo do autor). Do ponto de vista do homem, recensear o povo não parece um pecado maior que o adultério e o assassinato, mas, do ponto de vista do Senhor, recensear o povo era um pecado maior em relação à desobediência e às conseqüências dela. Jesus, quando estava na terra, era clemente com os publicanos e os pecadores, mas severo com o orgulho e a rebelião. Certamente, tanto o pecado do espírito como o da carne são maus, e a pessoa não deve se envolver em nenhum deles, mas não ousemos subestimar as horribéis conseqüências do orgulho e da desobediência obstinada.

O Senhor permitiu que Davi escolhesse o próprio castigo, e sua escolha mostrou a compaixão de seu coração. (Os “sete anos de fome”, do v. 13, deveriam ser “três anos” para fazer paralelo com os três meses e com os três dias das duas outras punições.) Davi preferiu cair nas mãos de seu Senhor misericordioso que cair nas mãos dos homens. Às 6 horas da manhã, o anjo do Senhor veio e trouxe a

praga sobre o povo. Perto da hora do sacrifício da tarde (15 horas), o anjo já matara 70 mil pessoas com aquela praga. Davi e seus anciãos viram o anjo do julgamento, e Davi imediatamente intercedeu pelo povo. “Estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim.” No entanto, lembremo-nos de que o Senhor tinha uma demanda precisa contra toda a nação (24:1) e usava o pecado de Davi como motivo para julgar o povo. Talvez o Senhor estivesse punindo a nação por sua rebelião contra Davi, pois muitos deles seguiram Absalão.

Aqui, há uma advertência prática para os que ocupam cargo de autoridade: quanto mais alto o cargo, mais alta a preponderância para o bem ou para o mal. Em Levítico 4, vimos que, se o sumo sacerdote peca, tem de trazer um boi como oferta (v. 3), o mesmo sacrifício que Deus exige se toda a congregação peca (vv. 13-14)! Dessa vez, o pecado de Davi envolveu toda a nação, da mesma forma que seu “pecado familiar” envolveu toda a sua casa.

III. Sacrifício (24:18-25)

A demora no julgamento envolveu dois fatores: a misericórdia do Senhor (v. 16) e a confissão e o sacrifício do pecador (vv. 17ss). O Senhor enviou uma mensagem para seu servo construir um altar no local em que viu o anjo, “na eira de Araúna” (ou Ornã).

Davi e seus anciãos foram imediatamente ao local e providenciaram a compra: ele pagou 600 siclos de ouro pelo lugar (a área inteira, 1 Cr 21:25) e 50 siclos de prata pelos bois e pelos trilhos (2 Sm 24:24). Ornã queria dar tudo de graça a seu rei, mas Davi não aceitou. Ele não daria ao Senhor o sacrifício de outro homem! Oferecer um sacrifício barato é pior que não oferecer nenhum sacrifício. Esse é um bom princípio para seguir em nosso caminhar cristão.

Imediatamente, Davi ofereceu os bois como oferta queimada de consagração ao Senhor, e o derramamento de sangue tratou dos pecados. Segundo Crônicas 3:1 informamos que essa exata área era o local do templo de Salomão. Deus transformou a maldição em bênção! É interessante observar que Salomão era filho de Bate-Seba, com quem Davi cometeu adultério; contudo, Salomão sucedeu a Davi e, por fim, construiu o templo sobre o pedaço de chão que estava associado ao maior pecado de Davi — o de recenseamento do povo. Esse é o incrível trabalho da graça do Senhor! É claro que não devemos fazer “males para que venham bens” (Rm 3:8), mas podemos descansar confiantemente na certeza de que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28).

Observemos algumas lições práticas desse capítulo:

A. Nunca superamos a tentação

Davi não era um jovem inexperiente quando cometeu esse pecado! Se ele estivesse “vigia[ndo] e ora[ndo]”, não teria caído em tentação nem pecado com tanta facilidade.

B. Graciosamente, Deus dá-nos tempo para o arrependimento

Ele deu mais de nove meses a Davi para lidar com seus pecados e consertar as coisas. “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar.”

C. Pecados do espírito causam grandes danos

Todo pecado é ruim e, com certeza, deve-se evitá-lo; contudo, devemos perceber que a Bíblia condena reiteradamente o orgulho obstinado. A partir do momento em que Davi entrou na rota do pecado, ele foi muito orgulhoso para mudar de atitude. O rei Saul, seu predecessor, cometeu o mesmo erro. Podemos não ser culpados de adultério e assassinato, mas o coração duro e o orgulho talvez levem a desgraças maiores.

D. Nossos pecados envolvem os outros

Setenta mil pessoas morreram porque Davi desobedeceu ao Senhor.

E. Confissão verdadeira custa caro

Nós percebemos o alto custo do pecado? A confissão verdadeira é mais que uma rápida oração e citação de

1 João 1:9! A confissão verdadeira envolve enfrentar o pecado com honestidade e obedecer à Palavra de Deus, independentemente do preço a se pagar por isso.

F. Deus perdoa e envia bênçãos

Ponhamo-nos nas mãos do Senhor, pois grande é sua misericórdia em relação a nós!

1 REIS 1-4

Agora, iniciamos o estudo da vida e do reinado de Salomão, filho e sucessor de Davi no trono de Israel. Em Davi, temos um modelo de Cristo em sua humilhação, em seu exílio e em sua rejeição, mas, em Salomão, vemos o “Príncipe da Paz” (o nome Salomão significa “pacífico”) reinando em glória e esplendor sobre seu povo. Davi realizou as conquistas que capacitaram Salomão a viver e a reinar em paz e magnífica prosperidade.

I. Salomão cumpre a Palavra de Deus (1)

Davi não era mais capaz de executar suas tarefas reais. Assim, seu filho Adonias tirou vantagem da situação e proclamou-se rei de Israel. Ele anunciou: “Eu reinarei”, embora soubesse que Deus indicara Salomão para suceder Davi (1:17 e 2:13-15). Adonias rebelava-se deliberadamente contra a vontade do Senhor. Infelizmente, alguns conselheiros da confiança de Davi concordaram com o perverso complô, mesmo Joabe (a quem, certa vez, Davi tentara reintegrar; veja 2 Sm 19:11-15 e 20:4-13) e Abiatar, o sacerdote. O traiçoeiro príncipe seguiu o exemplo de Absalão ao providenciar carros para tentar impressionar o povo (veja 2 Sm 15:1ss).

Entretanto, três servos leais tomaram a frente no assunto e informaram Bate-Seba do que acontecia. Ela, por sua vez, levou a mensagem ao rei Davi, sabendo que ele não quebraria a promessa de que Salomão, seu filho, seria o próximo rei. Todo o plano correu bem, e Davi deixou muito claro que queria que Salomão assumisse o trono de imediato. Zadoque, Natã e Bate-Seba não perderam tempo em colocar Salomão sobre a mula real e proclamá-lo o novo rei de Israel. O versículo 40 sugere que o povo recebeu a notícia com muita alegria. No entanto, a notícia deixou Adonias e sua confiante multidão de admiradores em pânico, pois agora todos sabiam de sua traição. O príncipe rebelde correu ao altar do Senhor em busca de proteção, mas Salomão prometeu não matá-lo. Com frequência, as pessoas perversas correm para Deus em busca de ajuda sem arrependimento sincero no coração.

II. Salomão executa a fúria de Deus (2)

A. Os últimos conselhos de Davi (vv. 1-11)

Veja também 1 Crônicas 22—29. Davi enfatizou o aspecto espiritual antes do político, pois queria que o filho seguisse no caminho do Senhor. Ele admoestou-o para que estudasse a Lei e obedecesse a ela (veja Dt 17:14-20 e Js 1:8). Deus fizera

promessas magníficas em relação a Salomão (2 Sm 7:8-17), mas ele não podia cumpri-las sem a fé e a obediência de Salomão. Davi lembrou-o também dos inimigos que se oporiam a ele e dos amigos que o auxiliariam.

B. O julgamento de Adonias

(vv. 12-25)

Se Adonias permanecesse em seu devido lugar, teria vivido, mas ele, com obstinação, recusou-se a ceder. Adonias, ao pedir a mão de Abisague, a última esposa de Davi (1:1-4), fazia uma reivindicação temerária, pois tudo que era de Davi agora pertencia a Salomão. Em todo esse episódio, parece que Bate-Seba foi uma intermediária inocente. Salomão percebeu as implicações traiçoeiras do pedido do irmão e também deixou claro que sabia da traição de Abiatar e Joabe (v. 22). Adonias fora longe demais; agora, ele tinha de morrer.

C. O julgamento de Abiatar e Joabe (vv. 26-35)

Salomão honrou o cargo do sacerdote ao não matá-lo, mas baniou-o do serviço. Assim, cumpre-se 1 Samuel 2:30-36. Joabe, quando soube do exílio do amigo, sabia que logo seria julgado, portanto ele, como Adonias, correu para o altar em busca de proteção. Joabe era culpado da morte de muitas pessoas e tinha de pagar por seus pecados. Benaia

tornou-se o novo general do exército, e Zadoque, o sumo sacerdote. É interessante citar que Benaia era um sacerdote (1 Cr 27:5) que se tornou general.

D. O julgamento de Simei

(vv. 36-46)

Esse foi o homem que amaldiçoou cruelmente Davi quando este fugia de Absalão (2 Sm 16:5ss). Salomão ordenou-lhe que ficasse em Jerusalém, onde seria vigiado, uma sentença muito mais misericordiosa do que ele merecia. Entretanto, Simei tentou blefar ao desobedecer às ordens do rei, e isso lhe custou a vida. Se esses muitos julgamentos de Salomão parecem cruéis, lembre-se de que essas pessoas eram inimigas do rei e, por isso, inimigas do Senhor.

III. Salomão recebe sabedoria de Deus (3)

O casamento de Salomão com uma princesa egípcia foi apenas um lance político. Mais tarde, ele casaria com outra mulher pagã (11:1ss) e afastar-se-ia da verdadeira adoração a Jeová. Contudo, no início de sua carreira, ele sentia amor sincero pelo Senhor e queria pô-lo em primeiro lugar em sua vida. Quando Deus deu a Salomão o privilégio de pedir qualquer coisa que quisesse, ele pediu sabedoria e um coração compreensivo, e Deus respondeu à sua oração. Além disso, o Senhor

também lhe deu muitas outras bênçãos (Mt 6:33). Claro que para Salomão usufruir dessas bênçãos ele tinha de caminhar em obediência à Palavra (vv. 13-14).

O relato a respeito das duas mães é apenas uma das muitas demonstrações da sabedoria de Salomão. O fato de que essas duas mães tivessem acesso ao trono do rei mostra quanto o jovem Salomão amava seu povo e queria servir-lhe. Como seria maravilhoso se todos os cristãos tivessem acesso ao trono daquele que é “maior do que Salomão” (Mt 12:42), aquele que promete dar sabedoria e satisfazer todas as necessidades. Com certeza, todos nós precisamos depender da sabedoria de Deus, não da do mundo (1 Co 1:18-31; Tg 3:13-18).

Verdade preciosa para os cristãos é Deus capacitar-nos para nosso chamado. O Senhor fez Salomão rei e supriu tudo que precisava para servir de forma satisfatória. “Pedi, e dar-se-vos-á.”

IV. Salomão desfruta das riquezas de Deus (4)

O versículo 16 fornece os nomes dos homens do gabinete de Salomão, e os versículos 7-19, os nomes dos intendentess das seções de Israel. Certamente, a advertência de Samuel em relação ao rei realizou-se: leia 1 Samuel 8:10-18 e Deuterônimo 17:14-20. Parece que

a prosperidade material da nação não se equiparava à prosperidade espiritual, pois, em poucos anos, o reino dividiu-se, e o esplendor de Salomão esvaiu-se. As pessoas “comiam, bebiam e se alegravam” (4:20), mas não há menção ao interesse delas pela Lei do Senhor. Uma pessoa pode desfrutar de prosperidade material e ainda ser espiritual, como era o caso de Abraão, mas a maioria das pessoas não consegue lidar com muita riqueza.

O reinado de Salomão foi o mais vasto na história de Israel (v. 21 e Gn 15:18). Eram dias de paz e de prosperidade (v. 25). No entanto, semeavam-se as sementes do pecado e da apostasia. Em direta desobediência à Lei (Dt 17:16), Salomão trouxe cavalos do Egito (10:26-29). Ele também tinha muitas esposas (11:1 paralelo a Dt 17:17). No fim, esses pecados trouxeram ruína para o reino. Como não podemos deixar de notar ao ler Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, Salomão era um grande estudioso da natureza. Não temos todos seus 3 mil provérbios, e temos apenas os cânticos registrados em Cântico dos Cânticos. Com certeza, aprendemos muito a respeito dos caminhos de Deus ao observar a natureza: Jesus, para ensinar-nos sobre Deus, traça paralelos com lírios, sementes, pardais e outras coisas da natureza.

Contudo, Jesus Cristo é “maior do que Salomão”. Certamente,

Cristo é maior em pessoa por ser o Filho de Deus, e é maior em sabedoria (Cl 2:3), e em riqueza (veja Cl 1:19 e 2:9). Salomão tomou esposas estrangeiras, e Jesus Cristo, um dia, casar-se-á com sua noiva, a igreja, formada com o sangue comprado de pecadores de todas as tribos e nações. Cristo é maior em seu poder e glória e, um dia, reinará para todo o sempre sobre o maior reino.

1 REIS 5-8

Esses capítulos registram o cumprimento da promessa de Deus de que Salomão construiria um templo para a glória do Senhor (2 Sm 7:12-16; 1 Rs 8:15-21). Não é difícil imaginar que esse foi um empreendimento gigantesco para um rei tão jovem, mas o Senhor deu sua garantia, e Salomão confiou no Senhor (veja 6:11-14). Encontramos passagens paralelas em 1 Crônicas 22—2 Crônicas 7.

I. Preparação (5)

Davi iniciou todo o projeto. Deus aprovou o projeto, mas deixou claro que Salomão o executaria. Davi aprontou as plantas (1 Cr 28:11-21) e providenciou os materiais dispendiosos (1 Cr 22:5,14-16). Ele encorajou o filho no trabalho e assegurou-lhe que o Senhor o ajudaria fielmente (1 Cr 28:1-21).

Hirão, rei gentio de Tiro, concordou em fornecer a madeira e homens habilidosos para fazer o trabalho. Em troca, Salomão dava-lhe 20 mil coros de trigo e 20 coros de azeite batido por ano. Veja também 1 Reis 9:10-14.

Israel forneceu a mão-de-obra por meio de recrutamento ou “sor-teio” de tempo parcial. Cento e cinquenta mil cananeus faziam o trabalho “escravo pesado” (5:15; 9:20-22), enquanto outros 30 mil israeli-

tas faziam os outros trabalhos “em períodos alternados”. Todo mês, 10 mil israelitas trabalhavam e, depois, retornavam e ficavam dois meses em casa. Esse contingente representava cerca de 1/40 dos homens disponíveis na terra, portanto o trabalho não era opressivo, e o serviço era temporário.

A construção do templo representou o trabalho cooperativo de muitas pessoas, tanto judeus como gentios. Os materiais utilizados eram os melhores: pedras grandes e caras que resistiriam ao desgaste do tempo, e metais preciosos que dariam glória à casa. Isso lembra a admoestação de Paulo em relação à igreja local que construímos com “ouro, prata, pedras preciosas”, e não com “madeira, feno, palha” (1 Co 3:9-23). Embora Deus não habite nos templos físicos de hoje (At 17:24), isso não é motivo para que o trabalho que fazemos seja inferior ou medíocre.

II. Construção (6—7)

Por favor, examine seu dicionário bíblico para a planta baixa do templo. Você verá que a área do templo incluía edificações adicionais ao próprio templo (7:1-12). Primeiro, Salomão construiu o templo, o que levou sete anos (6:38). Depois, ele construiu a casa do rei e as outras estruturas e os átrios que compunham o recinto do templo (9:10). O projeto todo levou 20 anos.

Não precisamos entrar em todos os detalhes da construção do templo. Você perceberá que a dimensão do próprio templo é o dobro da do tabernáculo, portanto o templo em si mesmo não era uma estrutura enorme. O templo foi feito com pedra cortada revestida com madeira, e esta revestida com ouro, e ele foi enfeitado com pedras preciosas. Em 6:7, vemos que as pedras eram preparadas nas pedreiras e ajustadas sem barulho no local da construção. Os talhadores das pedras seguiam as plantas de Deus, portanto tudo se encaixava. Esse é um bom exemplo a ser seguido por nós, trabalhadores cristãos de hoje, quando ajudamos na edificação do templo dele, a igreja (Ef 2:19-22; e veja 1 Pe 2:5-8).

O templo era maior e mais elaborado que o tabernáculo. Não era uma tenda temporária coberta com peles; antes, era uma construção magnífica de pedra que não podia ser movida. Havia janelas e piso no templo (6:4 e 6:15), duas coisas que o tabernáculo não tinha. Salomão acrescentou dois querubins ao Santo dos Santos (6:23-30) e colocou a arca sob eles. Em vez de um pátio exterior poeirento, o templo tinha um bonito pórtico (7:1-12) com dois pilares (vv. 13-22), e deu-lhes os nomes de "Jaquim" ("ele estabelece") e Boaz ("a força está nele"). A força e a estabilidade pertenciam ao Senhor, e agora

pertenceriam ao seu povo quando se estabelecesse em sua terra. Fizeram um grande "mar de fundição" (7:23-26), sobre o qual assentavam-se 12 bois, em vez da pequena bacia. Eles fizeram também dez pias de bronze portáteis (7:27-39) para usar em toda a área do templo. Segundo Crônicas 4:1 revela-nos que o altar de bronze era do mesmo tamanho que o do Santo dos Santos. Havia dez candeeiros, em vez de um candelabro (2 Cr 4:7-8), como também dez mesas para o pão.

O Antigo Testamento não nos dá tantas instruções em relação ao sentido do templo, como acontece em relação ao tabernáculo. Algumas pessoas vêem o tabernáculo como uma imagem da humildade de Cristo na terra, e o templo, como um tipo de seu ministério em glória atual, em que constrói o "santo templo" de pedras vivas. Ou o tabernáculo tipifica nossa vida peregrina atual, ao mesmo tempo que o templo (uma construção permanente) retrata nosso glorioso reinado com Cristo quando ele retornar. É trágico que os judeus cressem na presença do templo, em vez de na promessa do Senhor; pois, em menos de 500 anos, quando são feitos cativos por causa de seus pecados, o templo é destruído. Em 6:11-13, Deus lembra Salomão de que o importante é obedecer à sua Palavra, e não construir um templo magnífico.

III. Consagração (8)

Quando trouxeram a arca para o templo, Deus encheu-o com sua glória. Em anos posteriores, Ezequiel viu essa glória partir (Ez 8—11). Salomão discursa para o povo (vv. 12-21) e lembra-o da fidelidade de Deus no cumprimento de suas promessas. Depois, ele ora ao Senhor em benefício de sua família (vv. 22-30), dos cidadãos que pecaram (vv. 31-40), dos gentios estrangeiros (vv. 41-43) e da nação em seu futuro exílio (vv. 44-53). O pensamento-chave da oração é que Deus ouviria os clamores deles e seria misericordioso, apesar de seus pecados. Salomão, em sua oração, deixa claro que a condição do coração de Israel é mais importante que a existência do templo. Ele sabia que o pecado trazia castigo, mas o arrependimento trazia perdão e bênção. Era mais importante consagrar as pessoas que o prédio.

Com certeza, os versículos 44-53 tornaram-se realidade, pois Israel ficou cativo por causa de seus pecados, e Deus o trouxe de volta a sua terra para reconstruir o templo e servir-lhe de novo. Essa oração e promessa também serão cumpridas nos dias futuros, quando Israel, em descrença, voltar a sua terra.

Depois da oração, Salomão abençoou o povo (vv. 54-61) e exortou-o a ter o coração perfeito com o Senhor. Observe a preocupação do rei no sentido de que as outras nações

conheçam a verdade do Senhor (v. 60; e veja vv. 41-43). Infelizmente, Israel não cumpriu sua missão de levar a verdade do Senhor aos gentios. A celebração durou 14 dias (v. 65), sendo a primeira semana ocupada com sacrifícios, com celebrações e com as cerimônias de consagração oficial. Na segunda semana, o povo voltou para suas tendas para regozijar-se no Senhor. Em 9:1-9, o Senhor aparece a Salomão para lembrá-lo de que com seus privilégios também vêm grandes responsabilidades, que o Senhor confirmará o reino de Salomão para sempre se o povo seguisse Deus em obediência, mas, se pecasse, ele eliminaria a nação. Infelizmente, a nação caiu em pecado e descrença, e cumpre-se a profecia de 9:6-9. Em 586 a.C., os babilônios, quando levam o povo cativo, saqueiam e destroem o belo e caro templo.

No início, Deus habitava no tabernáculo (Êx 40:34) e, depois, no templo de Salomão. Depois, a glória do Senhor veio à terra na pessoa de Cristo (Jo 1:12-14). Hoje, todo cristão verdadeiro é templo de Deus (1 Co 6:19-20), como também a igreja coletiva (Ef 2:21) e a local (1 Co 3:16). Durante o período de tribulação, haverá um templo judeu (2 Ts 2:1-12) em que o anticristo será adorado pelo mundo descrente. E também haverá um templo glorioso durante o Reino milenar de Cristo (Ez 40—48).

1 REIS 9–11

Veja as passagens paralelas em 2 Crônicas 7—9. Esses capítulos relatam a vida de Salomão após a conclusão do grande programa de construção. Eles mostram como esse rei sábio e piedoso gradualmente entrou em declínio espiritual e trouxe divisão ao reino.

I. Admoestação divina (9:1-9)

Pouco depois de Salomão ser coroado, Deus apareceu a ele (3:5-15), e, nessa ocasião, o jovem rei pediu sabedoria divina para desempenhar suas funções. Deus também enviou uma mensagem de encorajamento para o rei durante os difíceis anos de construção do templo (6:11-13). Após a conclusão de seus grandes projetos, Salomão recebe outra mensagem do Senhor, dessa vez uma admoestação para que obedeça à Palavra do Senhor. Com frequência, enfrentamos nossas maiores tentações após um período de ministério bem-sucedido.

Deus reafirmou sua aliança com Davi e lembrou Salomão de sua responsabilidade em “guardar [...] o coração” (Pv 4:23) e caminhar em obediência à Palavra. O trono de Salomão seria afirmado, e Deus poderia abençoar Israel se ele obedecesse à Palavra do Senhor. Contudo, se Salomão e os filhos desobedecessem, Deus retiraria suas bênçãos e

eliminaría o povo da terra que lhe dera. Depois, o Senhor destruiria as grandes casas que Salomão construíra e deixaria as ruínas como um monumento à descrença de Israel. Não importa em que ponto da Bíblia você se detenha, o mesmo princípio permanece verdadeiro: a obediência traz bênção; a desobediência, castigo. Infelizmente, nesse estudo veremos que o rei Salomão não prestou atenção à admoestação e, gradualmente, afastou-se do Senhor até (perto do fim de sua vida) tentar matar um homem inocente (11:40).

II. Alianças perigosas (9:10—10:13)

A. Com Hirão (9:10-14)

Já vimos que Salomão dependia de Hirão para conseguir madeira e homens habilidosos para a construção do templo (5:1-12). Parece que em anos posteriores Salomão precisou de mais dinheiro. Assim, ele “pediu emprestado” a Hirão e deu 20 cidades da Galiléia como garantia. Essa é a “Galiléia dos gentios”, de Mateus 4:15. Quando Hirão viu as cidades, considerou-as “sem valor” (o significado da palavra Cabul). Somos informados em 2 Crônicas de que Hirão também tinha dado algumas cidades para Salomão como parte da transação. A Lei proibia, em qualquer circunstância, alianças

com nações pagãs, e essas alianças apenas levaram Salomão a afundar-se ainda mais em problemas. Veja 2 Coríntios 6:14—7:1.

B. Com o Egito (9:15-24)

O casamento de Salomão com uma princesa egípcia foi de caráter estritamente político, apenas porque estava importando cavalos e outros luxos do Egito (10:28-29). Deus não queria que os judeus voltassem ao Egito. Isaías clamou: “Ai dos que descem ao Egito em busca de socorro” (Is 31:1). Salomão, ao casar com uma mulher pagã, dava um mau exemplo para a nação e envolvia desnecessariamente o povo em assuntos dos pagãos.

C. Com outras nações (9:25—10:13)

A esquadra de Salomão velejava grandes distâncias, chegando até a Índia, a fim de garantir os luxos que seu reinado exigia. A visita da rainha de Sabá também foi mais que uma visita pessoal, pois envolveu acordos comerciais e outras alianças com o país dela. Salomão e a rainha trocaram presentes caros, e ela voltou para casa completamente impressionada pela sabedoria e pela riqueza dele. Em Mateus 12:42, Jesus menciona a visita da rainha de Sabá para advertir os judeus de sua época. Muito maior que o esforço que ela fez para ouvir a sabedoria de Salomão seria o julgamento que

cairia sobre os judeus que tinham em seu meio alguém “maior do que Salomão” e o rejeitavam!

Esses relatos mostram o perigo da fama e da fortuna. Observe que 10:7 fala em “sabedoria e prosperidade”, mas 10:23 fala em riqueza e sabedoria — a riqueza vem na frente. Sem dúvida, gradualmente Salomão, quando as coisas materiais se tornaram mais importantes, entrou em declínio na área espiritual.

III. Ambições destrutivas (10:12-49)

Primeira a Timóteo 6:9 adverte: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada”, e isso se tornou verdade na vida de Salomão. Ele não estava satisfeito com as abundantes bênçãos que Deus lhe dera e até mandava buscar longe mais coisas luxuosas para satisfazer seu coração. Sem dúvida, Eclesiastes revela os anos posteriores da vida de Salomão, e este é um livro que mostra o vazio da vida voltada para os prazeres materiais. Talvez seja relevante o fato de que Salomão recebia 666 talentos de ouro por ano (veja Ap 13:18). Ele usava apenas taças de ouro (v. 21), ao contrário de nosso Senhor que usa *qualquer* “utensílio” que seja santificado (2 Tm 2:20-21). Sim, Salomão vivia em glória e luxo, mas Jesus disse que mesmo Salomão com toda a sua glória não era tão bonito quanto um único lírio do Senhor (Mt 6:28-29).

Leia Deuteronômio 17:16-20 para conhecer as instruções do Senhor para o rei e veja como Salomão desobedece a essas instruções. Ele multiplica o número de cavalos e de carros, a quantidade de dinheiro e de esposas. Talvez Salomão pensasse que a construção do templo fora suficiente para sua vida espiritual e, agora, ele podia se dar ao luxo de navegar sobre as bênçãos passadas. Eclesiastes 2 revela o interesse de Salomão por ganhos materiais.

IV. Apostasia deliberada (11)

É inacreditável que o homem que escreveu Provérbios 5:20-23 e 6:20-24 pudesse multiplicar o número de esposas e de concubinas provenientes de nações pagãs. A poligamia, em si mesma, já era bastante ruim (isso causara problemas sem fim para seu pai, Davi), mas casar com mulheres de terras pagãs era apostasia deliberada. Veja Deuteronômio 7:1-14. Qual o motivo da repetição desse pecado? O coração de Salomão não era fiel a Deus (11:4). Deus queria "integridade de coração" (9:4), o que quer dizer um coração sincero e inteiro para a glória de Deus. Contudo, Salomão tinha o coração dividido — ele, enquanto tentava servir ao Senhor, amava o mundo. Que tragédia que o homem que construiu o templo para o único Deus verdadeiro começasse a adorar em altares pagãos! O Senhor

indignou-se com isso; portanto, mandou diversos estatutos a fim de trazer o rei errante de volta à fé.

A. A mensagem de advertência (vv. 1-13)

Deus ameaçou tirar o reino de Salomão para dá-lo a outra pessoa. Pensaríamos que essa advertência traria Salomão de volta ao bom senso, mas, aparentemente, isso não aconteceu. Se a pessoa não escuta a Palavra, então o Senhor tem de tomar medidas mais drásticas.

B. A invasão de Edom (vv. 14-22)

Agora, a guerra perturba o reino de descanso de Salomão. Tiago 4 apresenta a explicação espiritual disso. Aparentemente, as alianças de Salomão com o faraó não conseguiram muita coisa, porque o Egito torna-se aliado dos edomitas.

C. O problema com Rezom (vv. 23-25)

Durante muitos anos, esse bando de guerreiros atormentou as fronteiras de Salomão. O rei apóstata perdia terreno com rapidez.

D. A rivalidade com Jeroboão (vv. 26-43)

O próprio Salomão pôs Jeroboão em posição melhor por causa de sua valentia e capacidade. Mas Deus escolheu esse jovem obscuro para ser o rei de dez tribos. A úni-

ca tribo remanescente era Judá, mas esse reino do sul incluía a pequena tribo de Benjamim (12:21). Quando Salomão soube que tinha um rival, tentou matá-lo. O rei devia saber que o povo estava sobrecarregado por causa dos impostos pesados e do programa de trabalho forçado (veja 12:6-11). Na verdade, Adorão era superintendente “dos que trabalhavam forçados”, e o povo apedrejou-o (12:18).

Roboão, com a morte de Salomão, reinou no lugar do pai. Esses

anos posteriores, se Salomão tivesse permanecido verdadeiro com o Senhor, seriam cheios de bênção e vitória, não de castigo e derrota. Ele deixou para o filho o problema de reconquistar o amor do povo e de aumentar os pesados impostos que ajudaram Salomão a ficar tão rico. Sim, Israel parecia gozar de grande glória e esplendor, mas nem tudo ia tão bem. Era uma glória vazia que não poderia durar. Apocalipse 3:17-18 apresenta uma descrição que se ajusta bem à situação.

1 REIS 12-16

Esses capítulos relatam “o início do fim”. A glória da nação começa a esvaír-se com a morte de Salomão. Primeiro Reis cobre cerca de 125 anos de história: 40 anos do reinado de Salomão e cerca de 85 anos dos reinos divididos de Israel e de Judá. Durante esse período, apenas cinco reis reinaram em Judá, enquanto oito reis reinaram em Israel, e todos eles eram maus. Segundo Reis dedica-se ao relato do cativo de Israel (as tribos do norte) pelos assírios e o cativo de Judá (as tribos do sul) por Babilônia.

I. A divisão do reino (12:1—14:20)

A. A insensatez de Roboão (12:1-15)

O vasto programa de construção e de expansão de Salomão trouxe fama e glória para a nação, mas os impostos pesavam sobre o povo, que esperava uma diminuição nos encargos. Salomão, em seus últimos anos, mudou seus valores e estava mais interessado em riqueza material que em bênçãos espirituais (veja Ec 1:12—2:26). Se Roboão tivesse ouvido os conselhos dos anciãos, teria conquistado o coração do povo, mas ele não estava disposto a ser servo do povo. Ele ouviu os conselhos dos jovens, aos quais faltava experiência e, por isso, tomou uma decisão insensata. Ser servo, essa

é a forma correta de governar (Mc 10:42-45).

B. A rebelião de Jeroboão (12:16—13:34)

Por causa dos pecados de Salomão (11:9-13), Deus já escolhera Jeroboão para ser o rei das dez tribos (11:26-40). O pecado causa divisão e destruição. Restaram apenas as tribos de Judá e de Benjamim para o reinado de Roboão, e o Senhor permitiu que elas ficassem por causa de Davi. Infelizmente, Jeroboão fracassou em aproveitar sua oportunidade, pois levou as dez tribos à idolatria. Ele teve medo de que seu reino se revoltasse contra ele quando fosse a Jerusalém para as celebrações anuais, por isso fez uma “aliança” para que eles adorassem no próprio território deles. Ele repetiu o pecado de Arão (Êx 32:1-6) e fez dois bezerros de ouro. Pôs um em Dã e outro em Betel. Ele também fez santuários e constituiu sacerdotes. Era uma religião feita pelo homem e estabelecida para a comodidade do povo e, além disso, não tinha o poder ou a bênção de Deus. É claro que o Senhor não podia permitir a continuidade dessa apostasia, portanto ele enviou uma mensagem de admoestação e de julgamento ao rei (cap. 13). Observe que o rei agia como sacerdote, queimando incenso no altar. Um misterioso homem do Senhor anuncia o nascimento do futuro rei, Josias (13:2; veja 2 Rs 23:15-18) e também adverte

que a religião feita pelo homem seria julgada e destruída. Quando Jeroboão tentou prender o profeta, sua mão estendida secou, e o altar fendeu-se, exatamente como o profeta predissera. O rei implorou para ser curado, e o homem orou por ele. Após isso, o rei tentou enganar o homem convidando-o para ir ao palácio, mas o homem do Senhor recusou-se a cair nessa cilada. Infelizmente, o homem do Senhor ouviu as mentiras de um companheiro profeta e perdeu a vida. Se 13:11-34 ensina uma lição, é esta: não deixe que os outros determinem a vontade do Senhor para sua vida. Obedeça ao que a Palavra de Deus lhe diz, independentemente de quanto isso lhe custe.

C. O julgamento de Deus (14:1-20)

Abias era jovem quando teve uma doença fatal (seu pai reinava havia 22 anos), e é claro que o rei ficou preocupado em não ter um filho para sucedê-lo no trono. Jeroboão não podia buscar ajuda de seus falsos deuses e, portanto, voltou-se para o profeta Aías em busca de orientação. Esse profeta fora quem primeiro dissera a Jeroboão que ele seria o novo rei. O rei não ousava ir pessoalmente à procura de Aías e, assim, enviou a esposa usando um disfarce. Mas o profeta cego via mais com seus olhos espirituais que Jeroboão com seus olhos físicos. Aías expôs o disfarce da mulher e mandou uma mensa-

gem de julgamento ao rei perverso. A mensagem era verdadeira: a rainha voltou para casa e, quando entrou no palácio, seu filho morreu. Trágico foi o fato de Jeroboão desviar-se do Senhor, pois ele poderia ter conduzido as dez tribos para que recebessem glórias e bênçãos magníficas. Em vez de fazer isso, seu legado foi esse exemplo terrível para que outros reis o seguissem.

II. O declínio de Judá (14:21—15:24)

A. Roboão (14:21-31)

Esse filho perverso de Salomão conduziu, por 17 anos, o povo a pecados terríveis. Ele, em vez de seguir a Lei do Senhor, seguiu o padrão das nações pecaminosas que Israel derrotou. Deus puniu-o ao fazer o Egito derrotar a nação. O povo perdera seus valores espirituais, e os caros escudos de ouro foram substituídos por baratos escudos de bronze. Parecia que as coisas continuavam do mesmo jeito, mas o Senhor sabia que esse não era o caso.

B. Abias (15:1-8)

Tal pai, tal filho. Deus permitiu que ele reinasse apenas por rápidos três anos. Observe que sua mãe era parente de Absalão (v. 2). Ele declarou guerra a Jeroboão (veja 2 Cr 13), e o Senhor, *por causa de Davi*, deu-lhe vitória. A vitória é apenas militar, já que não houve renovação espiritual na nação.

C. Asa (15:9-24)

Leia 2 Crônicas 14—16. Asa foi um rei *bom*, uma mudança bem-vinda depois de anos de governantes perversos. Ele tentou remover os pecados introduzidos por Roboão (14:24). Sob sua liderança, houve um breve período de renovação e descanso. Ele até depôs a própria mãe porque ela fizera um poste-ídolo (2 Cr 15:16). É triste constatar que esse rei não terminou tão bem quanto começou, pois ele confiou nos homens para sua proteção, e não no Senhor. Ele usou todo o tesouro do templo a fim de pagar ao rei da Síria para lutar por ele e, assim, pagou um alto preço pessoal por essa aliança ímpia.

D. Josafá (15:24)

Veja também 22:41-50 e 2 Cr 17:1—21:3. Aqui, o escritor não narra a história desse rei bom que purgou a idolatria e tentou ensinar a Palavra de Deus ao povo. O Senhor deu-lhe muitas vitórias porque “buscou ao SENHOR de todo o coração” (2 Cr 22:9).

III. O declínio de Israel (15:25—16:34)

Aqui, enumeram-se seis reis, iniciando com Nabade e terminando com Acabe, e todos eles foram maus. Nabade manteve a idolatria perversa do pai. Durante uma das batalhas contra os filisteus, ele foi

morto por Baasa. No reinado de 24 anos de Baasa, cumpre-se a profecia de 14:14-15 de que toda semente de Jeroboão seria destruída. Jeú, o profeta, assim, traz uma mensagem para Baasa prevendo a destruição de toda a descendência deste. Seu filho, Elá, reinou por menos de dois anos e foi morto por Zinri, um de seus comandantes, enquanto o rei estava bêbado. Zinri reinou apenas por sete dias, mas, nessa semana (16:15), eliminou a família de Baasa e cumpriu a profecia de Jeú (16:1-4). O exército revoltou-se e apontou Onri como o novo rei. Em troca disso, ele marchou contra Zinri, mas este pôs fogo no palácio e cometeu suicídio ao permitir que as chamas o consumissem. Onri governou durante 12 anos (depois de acabar com uma breve revolta do povo) e levou a nação a mais pecado. Seu filho, Acabe, casou-se com Jezabel, e isso introduziu oficialmente a adoração a Baal no reino. Seu único feito que mereceu notoriedade foi a instituição de Samaria como capital do Reino do Norte. Após sua morte, seu filho Acabe subiu ao trono, e, sob sua liderança, as tribos afundaram mais em idolatria e pecado.

Observe que foi quando a nação estava afundando cada vez mais na idolatria que Deus chamou seus profetas para pregar ao povo. Encontramos um profeta anônimo no capítulo 13 e ainda encontra-

remos Elias e Eliseu. Obviamente, Jeú e Aías também devem ser mencionados. Quando o povo de Deus peca, só a proclamação da Palavra de Deus pelos servos do Senhor é que pode chamá-lo de volta ao caminho e salvá-lo.

“A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34). O Senhor abençoou o povo sob o governo de reis piedosos; mas, quando estava sob o reinado de reis ímpios, enviou julgamento e

derrota. É trágico ver o declínio nos assuntos espirituais e o afastamento da verdade dessa grande nação chamada por Deus. Sim, com freqüência, ela teve prosperidade material, mas isso não era um sinal de que o Senhor se agradasse de suas obras. Na verdade, a avidez por coisas materiais, geralmente, afasta as pessoas ainda mais de Deus. A melhor forma de construir uma nação religiosa é ter cidadãos devotos e igrejas devotas (2 Tm 2:1-6).

1 REIS 17-18

Sempre que a nação caía em pecado e idolatria, Deus enviava profetas para chamá-la de volta à verdadeira fé. O profeta não era apenas um “vaticinador”; ele era também um “prenunciador” que anunciava o julgamento do Senhor e expunha o pecado do povo. Elias, tesbita, natural de Gileade, era um “homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos” (Tg 5:17), mas de muita coragem e fé. Nesses dois capítulos, vemos Elias obedecer às duas ordens do Senhor: “Vai [...] e esconde-te”, e: “Vai, apresenta-te”.

I. O ministério privado:

“Vai [...] e esconde-te” (17)

Lucas 4:25 afirma que a seca durou três anos; contudo, em 1 Reis 18:1, vemos que o debate no monte Carmelo aconteceu “no terceiro ano”. Aparentemente, a seca começara seis meses antes de Elias aparecer de repente na corte de Acabe para proclamar que a seca duraria mais três anos. Com frequência, a falta de chuva era uma punição para os pecados do povo (Dt 11:13-17; veja 2 Cr 7:12-15). Acabe e Jezabel, sua perversa esposa, induziram o povo à adoração de Baal, uma religião tão depravada que não ousamos descrevê-la. Os três anos extras de

seca foram uma resposta à oração de Elias (Tg 5:17). O profeta, após transmitir a mensagem, retirou-se do ministério público por três anos, e, durante esse tempo, o Senhor graciosamente cuidou dele. O servo obediente pode sempre contar com o cuidado fiel de seu senhor. Observe as três ocasiões em que Elias experimentou a disciplina:

A. A torrente seca (vv. 2-7)

Deus disse, com exatidão, para onde Elias devia ir e o que devia fazer. Veja Provérbios 3:5-6 e Salmos 37:3-6. O Senhor removeu o ministério de Elias de Israel como outra punição pelos pecados do povo (Sl 74:7-9). O Senhor permitiu que Elias bebesse da torrente e providenciou para que os corvos levassem, todos os dias, pão e carne para o profeta. O corvo foi a primeira ave a quem se deu nome na Bíblia (Gn 8:7). Embora considerada uma ave imunda, o Senhor, no entanto, usou-a para ajudar seu servo. Observe que ao mesmo tempo que Elias usufruía de pão, carne e água no local designado pelo Senhor, os cem profetas escondidos na cova (18:4) passavam a pão e água. Contudo, um dia a torrente secou. Isso queria dizer que Elias pecara ou afastara-se da vontade de Deus? Não! Isso apenas queria dizer que o Senhor tinha outro lugar para ele, além de ser um lembrete para que Elias confiasse no Senhor, não na torrente.

B. A botija vazia (vv. 8-16)

Em momentos de teste, a Palavra do Senhor sempre orienta os servos de Deus. Mas que ordem estranha esta: "Vai a Sarepta [...] onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida". Veja Lucas 4:22-26. "Sarepta" significa "refinação", e, com certeza, o Senhor estava pondo seu servo diretamente na fornalha. Imagine o que Elias sentiu quando descobriu que a viúva era pobre e que estava para preparar sua última refeição. Mas as ordens do Senhor nunca são equivocadas, pois Deus, assim que a viúva o pôs em primeiro lugar (ao obedecer à ordem de Elias), providenciou para que houvesse alimento para ela, seu filho e o convidado. No versículo 14, observe como Elias honra o Senhor Deus de Israel diante dessa mulher gentia. Tudo que o Senhor nos pede é que lhe demos o que temos, e ele cuidará do resto. Ele pode alimentar milhares de pessoas apenas com poucos pães e peixes.

C. A morte do menino (vv. 17-24)

A torrente seca foi o teste de Elias; a morte do menino era o teste para a viúva. Em geral, as grandes bênçãos são seguidas de grandes testes. Infelizmente, como indica o versículo 18, a fé da viúva fracassa; para conhecer a reação correta aos desapontamentos e às provações, veja Salmos 119:75 e 1 Samuel 3:18. A

resposta de Elias foi: "Dá-me o teu filho", pois ele sabia que o Senhor traria o menino de volta à vida. Esse é o primeiro registro de uma ressurreição na Bíblia. O profeta leva o corpo do menino para o seu quarto (no andar de cima) e, lá, ora pela vida dele ao Senhor. Observe que ele luta desesperadamente pela vida do menino e até estende o próprio corpo sobre o corpo inerte dele. Que exemplo para aqueles entre nós que tentamos ressuscitar os espiritualmente "mortos"! O milagre gerou um testemunho de fé da mulher.

II. O ministério público:

"Vai, apresenta-te" (18)

O profeta, após ser treinado e testado em particular, agora está pronto para seu ministério público, portanto o Senhor ordena-lhe que enfrente o perverso rei Acabe (veja 16:33). Temos de admirar a paciência de Elias em esperar três anos para pregar um sermão.

A. Elias e Obadias (vv. 1-16)

Obadias é o retrato do crente que faz concessão, e sua vida é um contraste direto com a de Elias. Elias servia ao Senhor publicamente e sem medo; Obadias servia a Acabe (vv. 7-8) e, em segredo, tentava servir a Jeová (vv. 3-4). Elias estava "fora do arraial" (Hb 13.13); Obadias estava na corte. Elias conhecia a vontade

do Senhor; Obadias não sabia o que estava acontecendo. Ao mesmo tempo que Elias trabalhava para salvar a nação, Obadias procurava ervas para salvar os cavalos e mulos. Quando Elias confrontou Obadias, o servo amedrontado não confiou no profeta. Observe que Obadias gaba-se de seu serviço secreto na tentativa de impressionar Elias com sua devoção (v. 13). Infelizmente, hoje temos muitos Obadias e poucos Elias!

B. Elias e Baal (vv. 17-29)

O profeta não estava com medo de encontrar-se com o rei Acabe nem de dizer-lhe a verdade. Os maus sempre culpam os crentes pelos problemas do mundo; eles nunca pensam em culpar seus próprios pecados. A disputa não era entre Elias e Acabe. Era entre Deus e Baal. A nação coxeava “entre dois pensamentos”, e estava na hora de tomar uma decisão (veja Êx 32:26; Js 24:15; Mt 12:30). O povo não respondeu nada quando foi confrontado com seu pecado (v. 21). Elias pediu uma situação impossível: o Deus verdadeiro responderia com fogo. É claro que ele sabia que, em tempos passados, o Senhor respondera muitas vezes com fogo (Lv 9:24; 1 Cr 21:26). O servo do Senhor que obedece à Palavra dele e crê nela não precisa temer o fracasso. Obviamente, Baal não podia responder porque ele não

existe. Satanás poderia mandar fogo para enganar o povo (Jó 1:16; Ap 13:13), mas o Senhor não permitiria que isso acontecesse. Elias zombou dos profetas de Baal: “Ri-se aquele que habita nos céus” (Sl 2.4). É impressionante a que extremos os pagãos perversos chegam para tentar fazer com que seus deuses falsos respondam à sua oração. Veja Salmos 115. Perto da hora do sacrifício vespertino (15 horas), estava óbvio para todos que Baal era um deus falso e não poderia responder ao apelo de seus profetas.

C. Elias e Israel (vv. 30-46)

Expor a loucura e o pecado da adoração a Baal era apenas metade da tarefa que Elias tinha naquele dia. O mais importante era trazer a nação de volta à verdadeira adoração a Jeová. Elias não queria apenas corrigir o povo, mas também restaurá-lo. Primeiro, ele restaurou o altar que o povo permitira que ficasse em ruínas. Esse é o primeiro passo em direção à bênção — restaurar o altar pessoal de devoção, o altar familiar, o altar de sacrifício e a comunhão com Deus. Elias, ao usar 12 pedras, lembrava o povo da unidade dele, pois a nação ficou dividida durante muitos anos. Para certificar-se de que ninguém conseguiria acender o fogo, Elias derramou três vezes quatro cântaros de água sobre a lenha e o holo-

causto, o que quer dizer que jogou 12 cântaros de água. O profeta fez uma oração simples de fé, e o fogo do Senhor consumiu a madeira, o sacrifício, a água e o altar.

Elias, porém, ainda tinha trabalho a fazer. A começar pelos falsos profetas (850 deles, v. 9) que tinham de ser mortos; veja Deuteronômio 13:1-5. Não é suficiente reconhecermos que “o SENHOR é Deus” (v. 39); devemos também odiar tudo o que é mau e tirá-lo de nossa vida. O julgamento sempre prepara o caminho para a bênção.

A seguir, o profeta disse ao rei que voltasse para casa, pois a chuva estava a caminho. Baal era o deus da chuva, mas não pôde enviar fogo nem chuva! Quando o rei tomou seu caminho, Elias começou a orar por chuva, da mesma forma como, três anos e seis meses antes, orara

por seca (Tg 5:17). Ele sabia como vigiar e orar (Cl 4:2) e como persistir em oração até o Senhor enviar a resposta. Deus não envia chuvas de bênçãos enquanto não julga o pecado. Não demorou muito para o céu escurecer cheio de nuvens, e o vento soprar, e a chuva chegar. O Senhor deu força sobre-humana a Elias para correr adiante do carro do rei que seguia em direção a Jezreel.

O que fazemos com o Senhor em particular é muito mais importante do que o que fazemos por ele em público. Nossa vida secreta prepara-nos para nossa vida pública. A não ser que estejamos dispostos a passar pela disciplina como a da torrente seca, da botija vazia e da morte do menino, jamais alcançaremos vitórias como a do monte Carmelo. “Os que esperam no SENHOR renovam as suas forças” (Is 40:31).

1 REIS 19

Aqui temos um contraste enorme com a cena de vitória do capítulo 18! Com frequência, nossas maiores provocações seguem-se a nossas maiores bênçãos. Aqui, o homem de fé afasta os olhos do Senhor e torna-se um homem temeroso; contudo Deus, apesar do fracasso de Elias, trata com ternura seu servo.

I. Deus revigora Elias (19:1-8)

Tiago 5:17 lembra-nos de que Elias era um homem "sujeito aos mesmos sentimentos", um homem de barro sujeito às mesmas provocações e fracassos que qualquer crente. Como é estranho o fato de Elias enfrentar 850 profetas e não sentir medo e, depois, fugir por causa das ameaças de uma mulher! Com certeza, houve uma causa física para o fracasso dele: sem dúvida, o grande embate no monte Carmelo enfraqueceu Elias e esgotou-o emocionalmente. Os cristãos fariam bem em cuidar mais de seu corpo, em especial após momentos de ministério e de sacrifício intensos (cf. Mc 6:31). Contudo, a principal causa do fracasso de Elias foi espiritual: ele viu Jezabel e fracassou em ver o Senhor, ele ouviu as ameaças de Jezabel e esqueceu de esperar pelas promessas de Deus. Elias, em todos os seus passos, esperou pela ordem do Se-

nhor (17:2,8; 18:1,36), mas agora seu medo levou-o à impaciência, e a impaciência levou à desobediência (Is 28:16). Ele não estava mais arriscando a vida pela glória do Senhor; antes, apenas tentava salvar a própria vida.

O Senhor ordena os passos do homem bom (Sl 37:23), mas os passos de um profeta incrédulo e desobediente levam apenas a problemas piores. Elias fugiu para Judá, esquecendo que a filha de Acabe reinava lá com Jeorão (2 Rs 8:16-18). Ele viajou mais de 128 quilômetros com muito risco. Elias queria ficar sozinho com sua depressão, por isso deixou o servo em Berseba e continuou até o deserto. É melhor para o homem caminhar com outro, pois "não é bom que o homem esteja só". Em geral, a solidão e o desânimo andam juntos. Elias, física e emocionalmente exausto, deitou para dormir, e sua oração antes de dormir foi a seguinte: "Toma agora, ó SENHOR, a minha alma"! Moisés fez essa oração em um momento em que estava muito desencorajado (Nm 11:15), e também Jonas (Jn 4:3). Elias estava com os olhos voltados para si mesmo e para o que fizera (e o que não fizera), em vez de voltados para o Senhor.

Com benevolência, Deus revigorou seu servo. O Senhor sabia que Elias precisava de alimento e de descanso, como também de renovação

espiritual. Elias comeu o alimento e voltou a dormir. Não vemos evidência de arrependimento ou confissão de pecado, pois parece que ele queria desistir. Assim, o Senhor alimentou-o pela segunda vez, mas agora Elias levantou-se e reiniciou sua jornada. A mão do Senhor guiou-o ao monte Horebe, onde Moisés recebeu o chamado do Senhor (Êx 3) e a lei lhe foi entregue. É encorajador saber que, mesmo quando o filho de Deus desvia-se do caminho e sente-se desencorajado, o Senhor, por sua graça, cuida dele.

II. Deus repreende Elias (19:9-18)

O Senhor falou com ele na caverna (v. 9). "Que fazes aqui?", essa é uma boa pergunta para nos fazermos a qualquer momento. A resposta de Elias mostra, mais uma vez, o desânimo de seu coração, pois ele se sentia como se fosse o único em Israel que ainda permanecia fiel ao Senhor. Elias, em vez de confessar seu orgulho e desejar vindicar-se, continuou a discutir seu caso com o Senhor. Assim, o Senhor precisou usar outros recursos para ensiná-lo e levá-lo ao ponto de entregar-se.

Por que o Senhor enviou o vento, o terremoto e o fogo? Por uma única razão: ele ensinava seu perturbado profeta que tinha muitas ferramentas disponíveis para cumprir suas ordens. Deus tem servos obedientes em toda a natureza (Sl

148:1-10), contudo os homens, feitos à imagem do Senhor, não lhe obedecem. Essa deve ter sido uma repreensão e tanto para o profeta que se desviara do caminho. Além disso, quando o "cicio tranqüilo e suave" veio após a tempestade, Deus mostrou a Elias que nem sempre faz suas obras de forma grande e barulhenta. Os milagres do monte Carmelo foram maravilhosos, mas a obra espiritual duradoura na nação deve realizar-se por meio do trabalho silencioso da Palavra de Deus no coração das pessoas. Elias queria a realização de algo grande e barulhento, mas o Senhor, às vezes, prefere as coisas pequenas e tranqüilas. Não nos cabe determinar os métodos que o Senhor deve usar. Nossa única obrigação é crer e obedecer.

Depois de o profeta tentar defender-se pela segunda vez, o Senhor disse-lhe: "Vai, volta ao teu caminho" (vv. 14-15). Deus lhe daria outra oportunidade de servir quando ungissem Hazeel como o novo rei da Síria, Jeú como o novo rei de Israel e Eliseu como o novo profeta. Era como se o Senhor dissesse a Elias: "Pare de reclamar e de lamentar a respeito de seus fracassos aparentes. Volte ao trabalho". Com certeza, esse é um bom conselho.

III. Deus substitui Elias (19:19-21)

É magnífica a forma como Deus encorajou Elias assegurando-lhe que

ainda havia 7 mil crentes fiéis na terra. Perguntamo-nos onde estavam esses crentes quando Elias ficou sozinho no monte Carmelo. Nunca sabemos quanto bem nosso trabalho trouxe, mas o Senhor sabe, e é isso que importa. O ministério de Elias chegava ao fim. Ele devia escolher seu sucessor e prepará-lo para dar continuidade ao trabalho de proclamar a Palavra do Senhor. Isso também era um encorajamento para Elias, pois agora ele sabia que seu trabalho teria continuidade mesmo após sua partida. Aqui, há uma lição prática para nós: se apenas esperarmos pela mensagem da Palavra de Deus e não fugirmos, ele nos dará o encorajamento que precisamos.

A primeira atitude de Elias seria apontar Eliseu como seu sucessor. Ele fez isso ao lançar seu manto (ou capa) sobre Eliseu, enquanto este lavrava os campos. Esse ato simbolizava que agora Eliseu seria um profeta com o mesmo poder e autoridade de Elias. Eliseu queria despedir-se de seus entes queridos, e isso era permitido, embora, em muitas famílias, essas despedidas levassem muitos dias para serem completadas. Veja Lucas 9:61-62. Quando Deus nos chama, é importante que o sigamos de imediato e não ponhamos os outros na frente dele.

O fato de Eliseu matar os bois e usar os aparelhos deles para fa-

zer o fogo é uma indicação de seu rompimento definitivo com o passado. Como costumamos dizer, ele rompeu os elos com o passado. Os amigos da vizinhança e a família de Eliseu participaram da festa. Todos vieram desejar o bem dele nesse novo chamado. Mas quando a festa acabou, Eliseu levantou-se e seguiu seu mestre e serviu-lhe.

Elias não ungiu Hazael. Eliseu fez isso mais tarde (2 Rs 8:8-15). Também foi Eliseu quem ungiu Jeú (2 Rs 9:1-10). No entanto, de forma indireta, Elias ungiu os dois, já que foi ele quem ungiu Eliseu.

O fato de 11 homens (provavelmente, servos de seu pai, v. 19) ajudarem Eliseu no preparo da terra, arando-a, sugere que ele vinha de uma família próspera. Você já percebeu, na Bíblia, que geralmente Deus chama pessoas ocupadas? Moisés cuidava das ovelhas; Gideão malhava o trigo; Pedro, Tiago e João viviam ocupados no negócio de pescaria; Neemias era copeiro do rei. O Senhor não tem lugar para pessoas preguiçosas. Com certeza, o fato de Eliseu abrir mão de sua família, de sua casa e da riqueza que herdaria foi um ato de fé e de entrega. Eliseu ficou nos bastidores até a ascensão de Elias (2 Rs 2), momento em que assumiu o ministério. O ministério de Elias foi de terremotos, fogo e ventos, mas Eliseu ministrou com "cicio tranqüilo e suave". É cla-

ro que em seu ministério também houve julgamentos, já que o pecado sempre deve ser julgado.

Essa experiência que Elias vivenciou é uma boa advertência contra o desânimo e o desencorajamento. No momento em que sentimos que não conseguimos realizar nada, Deus revela que nos usou mais do que percebemos. Pensarmos que

somos os únicos que permanecemos firmes na verdade é uma coisa perigosa. Claro, seria melhor se os 7 mil "crentes escondidos" tivessem assumido sua posição ao lado do profeta. Provavelmente, a atitude amarga de Elias encurtou seu ministério. A melhor solução para o desencorajamento é seguir o conselho de Isaías 40:31 — esperar no Senhor.

1 REIS 20-22

Acabe entrou para a história como o rei mais perverso que Israel já teve (veja 1 Rs 16:29-33 e 21:25-26). Nos bastidores, Jezabel, sua esposa, governou-o e garantiu a adoração a Baal como a religião oficial da terra. Acabe “se vendeu para fazer o que era mau” (21:20,25). Nesses capítulos, veremos seus pecados e também seu julgamento final por Deus.

I. A defesa de Acabe (20)

A. O desafio (vv. 1-12)

O rei da Síria ajuntou seu vasto exército, apoiado por outros 32 reis e ameaçou Samaria. Os mensageiros dele pediram as riquezas e a família de Acabe, e ele concordou em obedecer. Contudo, Acabe recusou o pedido deles quando externaram o desejo de ter o privilégio de saquear seu palácio. Acabe tentou montar uma frente corajosa, mas sabia que o fim estava perto. Se ele caminhasse com o Senhor, poderia ter superado seus problemas, mas Baal era incapaz de libertar o rei.

B. A conquista (vv. 13-30)

O Senhor movimentou-se para salvar o rei e seu povo, não porque o rei merecesse isso (pois ele realmente não merecia), mas porque Deus tinha uma causa contra a Síria

e chegara o momento de seu julgamento. O profeta anônimo transmite a mensagem ao rei amedrontado (v. 13), e a resposta imediata de Acabe, no versículo 14, indica que ele acreditou na mensagem. Acabe não era um homem de fé, mas agarrava-se à última esperança que lhe era oferecida. Ele obedeceu de imediato à Palavra do Senhor e enviou seu pequeno exército para enfrentar o vasto exército sírio. O Senhor deu uma grande vitória aos israelitas. Depois, o próprio rei assumiu o comando da batalha e conquistou grande glória. Os sírios concluíram que o Deus de Israel vencia nos montes, mas não nas planícies e nos vales, por isso, planejaram outra invasão para o ano seguinte. Mais uma vez, o Senhor, em sua misericórdia, enviou uma mensagem de esperança ao rei perverso e deu outra vitória incrível a Israel.

C. A concessão (vv. 31-43)

O que Satanás não consegue pela força, alcança com fraude, pois levou Acabe a fazer uma perversa concessão ao inimigo. O rei inimigo e seus servos fingiram arrepender-se e humilhar-se diante do orgulhoso Acabe, e o vaidoso rei caiu na armadilha. “É meu irmão”, disse ele a respeito de Ben-Hadade, seu inimigo. Os dois reis fizeram um acordo de paz, e Acabe mandou Ben-Hadade embora vivo, em direta desobediên-

cia à Palavra do Senhor. O profeta anônimo, com a face machucada pelo amigo, esperou para ver o rei e anunciar o veredicto do julgamento do Senhor. O profeta, ao contar a história da fuga do prisioneiro, conseguiu que o rei Acabe confessasse a própria culpa e pronunciasse a própria sentença. (Natã usou a mesma abordagem com Davi, 2 Sm 12). O próprio Acabe morreria junto com muitos de seu povo porque se recusara a seguir a orientação do Senhor.

Por favor, lembre-se de que o Senhor livrou Israel de seus inimigos totalmente por causa de sua graça, pois nem o rei nem o povo mereciam isso. Deus já decretara que Acabe seria morto, não por Ben-Hadade, mas por Hazael (19:15-17), portanto não era o momento certo para Acabe morrer. O Senhor cumpre sua Palavra, mas não tem pressa em fazê-lo, pois ele, por causa de sua misericórdia, dá tempo aos homens para que se arrependam.

II. O engano de Acabe (21)

A. O pecado (vv. 1-16)

O coração do perverso cobiça coisas constantemente, e até mesmo o rei não se sentia satisfeito em sua idolatria vazia. Agora, ele desejava a vinha do vizinho e ficou “desgostoso” porque o vizinho não quis desobedecer à Palavra do Senhor e

dar-lhe a terra (veja Lv 25:23 e Nm 36:7). A rainha Jezabel resolveu o problema ao arrumar testemunhos falsos contra Nabote, falsificar cartas em nome do marido e esconder todo o arranjo sob um pretenso jejum religioso. Nabote, um homem inocente, foi apedrejado até a morte apenas para satisfazer a cobiça do rei Acabe e sua esposa adoradora de Baal. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17.9).

B. O julgamento (vv. 17-29)

Deus sabia que tudo acontecera e enviou Elias para acertar o assunto com o rei perverso. Acabe perguntou: “Já me achaste?”, o que nos traz à mente Números 32:23: “Sabei que o vosso pecado vos há de achar”. Elias anunciou a destruição da casa de Acabe, e a profecia cumpriu-se em pouco tempo (2 Rs 9—10). Acabe “se vendeu para fazer o que era mau” e, por isso, teve de aceitar o pagamento que merecia. O rei humilhou-se diante do Senhor (não sabemos se era sincero ou não), mas o Senhor adiou a punição.

III. A derrota e a morte de Acabe (22)

Acabe não derrotou a Síria quando teve a oportunidade de fazê-lo, portanto o inimigo voltou a atacá-lo e, por fim, matou-o. De forma semelhante, o rei Saul não destruiu os

amalequitas, e um jovem amalequita matou-o. A aliança de Acabe e do rei Josafá para essa batalha não é uma surpresa, já que a filha de Acabe era casada com o filho daquele (2 Cr 21:1-7). Observe que o rei Josafá queria conhecer a vontade do Senhor para essa batalha, portanto eles consultaram o profeta que ministrava para Acabe. É claro que os profetas pagãos, em sua cegueira, adequaram-se aos desejos dos dois reis e prometeram vitória. Contudo, a promessa deles soou vazia. Josafá queria ouvir um profeta do Senhor. Micaías era o único disponível (e estava preso). Assim, eles enviaram alguém a ele e pediram sua mensagem. E Micaías, com santo sarcasmo, repetiu as promessas dos profetas pagãos, mas o rei sabia que ele estava fingindo. Não é estranho que o perdido queira ouvir o Senhor, mas, apesar disso, não queira ouvir a verdade nem obedecer a ela? Micaías falou a verdade: os profetas pagãos foram usados para mentir, pois o rei Acabe morreria na batalha e Israel seria dispersado. O que o profeta fiel recebeu por seu ministério? Pão e água na prisão. Contudo, ele foi fiel ao Senhor, e é isso que conta.

Acabe tentou evitar a morte disfarçando-se, pois os soldados tentariam matar o rei primeiro. (Em Ef 6, Paulo segue essa idéia quando nos aconselha a não lutar contra a carne

e o sangue, mas contra Satanás, por meio da oração e da Palavra. Depois que você derrota o rei, o resto é fácil.) Josafá foi para a batalha com suas vestimentas reais, e o Senhor protegeu-o, mas Acabe foi morto usando seu disfarce. O versículo 34 indica que os soldados lançaram as flechas sem nem mesmo mirar, contudo o Senhor guiou-as até o alvo adequado. Nenhum artifício ou disfarce protege o pecador quando o Senhor envia seu julgamento. Israel perdeu a batalha e o rei.

Sepultaram o rei em Samaria, lavaram o carro ensangüentado no açude, e os cães lamberam o sangue, conforme Deus prometera (20:42 e 21:19). Acázias, o filho perverso de Acabe, reinou em seu lugar, e a nação continuou em seu curso pecaminoso.

O rei Acabe era um grande soldado que teria conduzido Israel à vitória se seguisse o Senhor em verdade, mas sua união à adoração de Baal e a má influência de sua esposa ímpia trouxeram-lhe derrota. Acabe vivenciou a bondade do Senhor em vitórias militares, contudo ele recusou-se a submeter-se à Lei. Ele humilhou-se exteriormente quando o julgamento foi anunciado e, até mesmo nessa ocasião, conseguiu um “adiamento da execução”, mas seu arrependimento superficial não durou muito tempo. Os três anos e seis meses de seca e a gran-

de demonstração da glória de Deus no monte Carmelo não abrandaram seu duro coração. Ele “se vendeu para fazer o que era mau” e não se arrependeu. Ele ouviu um dos maiores profetas da história do Antigo Testamento, Elias, e mesmo assim não se arrependeu. Seus 22 anos de reinado afastaram ainda mais o povo de Deus.

2 REIS 1-4

Com freqüência, contrastam-se os ministérios de Elias e Eliseu. Elias foi um profeta ardente que surgiu de repente e de forma dramática, e Eliseu foi um pastor-profeta que ministrou de forma pessoal às pessoas. Elias pertencia às montanhas escarpadas, e Eliseu, aos vales pacíficos. Elias era um servo solitário; Eliseu gostava de conviver com as pessoas. Falando de modo claro, Elias foi um profeta de julgamento que tentava fazer com que a nação voltasse para Deus; Eliseu foi um ministro da graça que chamou o remanescente antes de a nação ser destruída.

I. Eliseu substitui Elias (1—2)

A. O julgamento de fogo (cap. 1)

Os três últimos versículos de 1 Reis 22 informam que o rei Acázias era um homem perverso cujo coração não se alterou nem com os recentes julgamentos do Senhor. Vemos agora que nem a revolta de Moabe nem os machucados causados por sua queda fizeram com que Acázias se arrependesse. Na verdade, ele até consultou os deuses falsos para saber se sobreviveria ou não. O Senhor instruiu Elias para que enviasse mensageiros com a verdadeira mensagem do Senhor: o rei morreria. A seguir, Elias desaparece; para um

paralelo com o Novo Testamento, veja João 12:35-36. O rei, em vez de submeter-se ao Deus de Elias, tentou matar o profeta, mas o fogo vindo do céu destruiu seus homens. Esse julgamento foi do Senhor. Não foi um feito de Elias. O objetivo do profeta era glorificar ao Senhor; veja, em Lucas 9:51-56, o uso errôneo que os discípulos fazem desse evento. A terceira corporação de soldados humilhou-se (por medo, não por fé), e Deus aceitou-os. Destemidamente, Elias transmitiu ao rei sua mensagem de condenação — e o rei morreu.

B. O carro de fogo (cap. 2)

Em 1 Reis 19:20, Eliseu prometeu seguir Elias fielmente; e ele fez isso apesar das chances que teve para partir. Ele serviu a seu mestre durante cerca de dez anos, quando foi informado de que Elias o deixaria. Se Eliseu tivesse seguido o caminho mais fácil e ficado para trás, perderia todas as bênçãos dos versículos 9-15. Vale a pena ser fiel ao chamado do Senhor. Veja Deuteronômio 21:17 a respeito da “porção dobrada” do versículo 9. Anos antes, Elias quisera morrer no deserto. Que coisa magnífica Deus não ter atendido àquele pedido! Em vez disso, o profeta foi levado ao céu em um redemoinho. O Senhor sempre dá o melhor às pessoas que deixam a escolha por conta dele. Eliseu

recebeu uma porção dobrada do Espírito porque viu a ascensão gloriosa de seu mestre. No versículo 12, Eliseu compara Elias ao exército de Israel: ele era mais importante para a segurança da nação que os carros e os cavalos. Veja também 13:14.

Eliseu pegou o manto de Elias (veja 1 Rs 19:19) e teve coragem de crer em Deus para ter o poder de fazer o impossível. Uma coisa era atravessar o Jordão com Elias, e outra bem diferente era caminhar pela fé por si mesmo. Contudo, quando você confia no “Deus de Elias”, não precisa ter Elias junto a si. Esse primeiro milagre provou para os discípulos dos profetas que Eliseu era o verdadeiro profeta do Senhor, e eles o honraram. No entanto, eles não tinham muita certeza de que Elias realmente se fora. Os versículos 16-18 apresentam a descrença e a insensatez deles. Essa é uma imagem das pessoas de hoje que duvidam da ressurreição e ascensão corpórea de Cristo e que questionam o futuro arrebatamento dos santos. A cura das águas com o uso de sal é quase um contraste ao milagre de Elias de parar as chuvas durante três anos e meio.

Os versículos 23-25 confundem algumas pessoas. Tenha em mente que eles eram rapazes, não crianças, e, por isso, responsáveis por seus atos. Betel era o quartel-general da idolatria (1 Rs 12:28-33); esse lugar sagrado foi profanado, e

os rapazes realmente zombavam da Palavra do Senhor e de seus servos. O fato de haver 42 deles reunidos sugere um plano premeditado. Chamar o profeta de “calvo” era uma das formas mais baixas de insultos, e a palavra “sobe” era a forma de ridicularizarem a subida de Elias ao céu. As ursos despedaçaram-nos, mas não sabemos se eles foram mortos. Isso era uma repreensão divina a uma atitude irreverente de homens maus que deveriam ter um melhor conhecimento das coisas.

II. Eliseu salva a nação (3)

Josafá, de Judá, pecou ao aliar-se ao filho mau de Acabe. Os dois alinharam-se com Edom (outro inimigo) para combater os moabitas. Jorão, de Israel, uniu-se a Judá e a Edom porque os exércitos deles tinham de atravessar suas terras para atacar Moabe. Infelizmente, a jornada deles foi um fracasso e ficaram sem água. Josafá voltou-se para Eliseu e para o Senhor, e o profeta reconheceu os descendentes de Davi, mas recusou-se a reconhecer os herdeiros ímpios de Acabe (vv. 13-14). O Senhor, de forma milagrosa, encheu de água as covas que cavaram e também derrotou o inimigo diante deles. O relato encerra-se com uma nota estranha: o rei de Moabe, sem ação, ofereceu o próprio filho em holocausto, e Judá e Edom ficaram tão indignados com Israel (Jorão)

que abandonaram a batalha e voltaram para casa. Eles, desde o início, não deviam ter-se aliado a Jorão. Foi o profeta fiel de Deus que salvou a nação, não o rei perverso.

III. Eliseu serve o povo (4)

Elias, durante os “anos em que esteve escondido”, ajudou o povo, mas esse não foi seu ministério principal. Elias era principalmente um profeta ardoroso; Eliseu, um “pastor” e ministro do povo. Vemos vários milagres feitos para ajudar as pessoas necessitadas.

A. A viúva de um profeta (vv. 1-7)

Veja Levítico 25:39-46. Os judeus não estavam tendo misericórdia uns com os outros nem obedecendo às leis do Antigo Testamento em relação às dívidas. Quando cremos em Deus, ele pega o que temos para satisfazer o necessitado (Êx 4:2). “Fecha a porta” lembra Mateus 6:6; observe a frequência com que Eliseu, quando pede a ajuda do Senhor, “fecha a porta” (vv. 21 e 33). O Senhor encheu tantas vasilhas quantas a viúva teve fé para trazer, e os que lhe emprestaram vasilhas também foram beneficiados. “E o meu Deus [...] há de suprir [...] cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19).

B. A mulher sunamita (vv. 8-37)

Essa passagem registra dois milagres: o Senhor deu um filho à mulher,

apesar de o marido já estar velho, e ressuscitou o menino quando este morreu. Suném ficava a cerca de 11 quilômetros do Carmelo. Com frequência, Eliseu passava pela casa da sunamita e, por fim, foi convidado a comer pão com o casal. Vemos aqui que o profeta (ao contrário de Elias) tinha inclinação para a sociabilidade. Aqui, podemos fazer um paralelo entre João Batista e Jesus: João era como Elias, vivia sozinho; mas Cristo era como Eliseu, visitava as famílias e gostava de fazer refeições com as pessoas. A mulher tinha valores espirituais verdadeiros, pois fez um quarto especial no andar de cima de sua casa para o profeta usar em suas visitas — “o aposento do profeta”. Deus deu-lhe um filho como recompensa. Contudo, o filho foi acometido por um mal súbito no campo (insolação?) e levado morto para casa. No entanto, a mãe não se desesperou e, no mesmo momento, foi para o Carmelo à procura do profeta. Ela não tratou com Geazi, o servo do profeta, e o servo fracassa quando tenta ressuscitar o menino; isso talvez por causa da cobiça que já estava em seu coração e que se manifesta mais adiante (5:20ss). Observe que Geazi tentou até se livrar dela (v. 27; veja Mt 14:15 e 15:23). O próprio Eliseu tem de fazer a jornada para ressuscitar o menino. O versículo 34 é uma bela ilustração do esforço e do amor necessários

para se ganhar uma alma, pois Eliseu "morre" com o menino quando ora por ele. Veja 1 Reis 17:21ss.

C. A escola de profetas (vv. 38-44)

Samuel iniciou essa escola (1 Sm 10:10), e Elias deu continuidade a ela (1 Rs 20:35). Nem todos os jovens eram homens de fé, e pode ser que existissem "escolas apóstatas" rivais na terra; veja 2:23-25. A fome na terra significava falta de alimento, por isso os jovens pregadores estavam fazendo algum cozido. Um dos discípulos estava insatisfeito com o cardápio e saiu à procura de algumas ervas para melhorar o sabor. Nenhum dos outros conhecia muito a respeito de comida para rejeitar as colocintidas que ele trouxe. O sabor alertou-os do perigo, e a oração

deles fez com que Eliseu agisse: ele acrescentou farinha e curou o cozido. É triste dizer que, em muitas faculdades, "escolas de profetas", e mesmo em algumas igrejas, há "morte na panela". A única coisa que cura a dieta envenenada é a refeição pura da Palavra de Deus. Os versículos 42-44 apresentam outro problema: tinham alimento bom à mão, mas insuficiente para todos. Eliseu multiplicou o alimento a fim de satisfazer a necessidade de todos os homens. Veja João 6.

Com certeza, o profeta Eliseu era um homem de milagres. Não importava qual fosse a necessidade, o Senhor operava por intermédio dele e satisfazia a necessidade. Ele é o mesmo ontem, hoje e amanhã (Hb 13:8). Creiamos nele!

2 REIS 5

I. A cura de Naamã (5:1-19)

Esse milagre é um belo retrato da salvação por meio da fé na Palavra do Senhor. Todos os pecadores perdidos podem se ver em Naamã e também podem ver o poder da fé salvadora.

A. Ele é condenado

Ele era leproso. Seu bonito uniforme e suas importantes vitórias não podiam encobrir o fato de que Naamã era um homem condenado à morte, pois tinha uma doença que o homem não podia curar. Leia as notas de Levítico 13 e veja como a lepra simboliza o pecado.

B. Ele é um inimigo

Ele tinha uma serva judia em sua casa, uma menina que fora raptada durante um ataque. Naamã, como gentio, estava excluído da bênção de Israel; veja Efésios 2:11-22. Deus deu-nos seu Filho enquanto ainda éramos inimigos (Rm 5:6-10).

C. Ele ouve um testemunho

A pequena serva judia amava seu amo. Embora estivesse longe de

casa, ela não esquecera de seu Deus e logo testemunhou o grande poder dele. Se ela não fosse uma trabalhadora fiel, não seria uma testemunha eficaz, mas seu testemunho foi recompensado por causa de sua lealdade. Como Cristo precisa de testemunhas hoje!

D. Ele tenta salvar a si mesmo

Naamã cometeu todos os erros possíveis na tentativa de curar-se da lepra. Primeiro, foi ao rei da Síria, o qual obviamente não podia fazer nada. Depois, foi ao rei de Israel, que também não podia fazer nada. Muitos pecadores perdidos correm de um lugar a outro em busca de salvação, quando Cristo está o tempo todo esperando para suprir a necessidade deles. Observe que Naamã também não sabe nada a respeito da graça, pois leva consigo uma boa quantidade de bens (v. 5). O pecador perdido tenta comprar ou ganhar a salvação, mas isso é impossível.

E. Ele é chamado por Deus

Eliseu soube da situação de Naamã e chamou-o. Nenhum pecador merece ser salvo. É apenas por meio do chamado de graça do Espírito que qualquer pessoa vai a Cristo; veja João 6:37. Em Lucas 4:27, Jesus comenta que Naamã era um entre os muitos leprosos que havia na época, mas o Senhor escolheu-o e curou-o. Isso é graça.

F. Ele resiste ao caminho simples da salvação de Deus

Eliseu não sai para ver Naamã, o general. Por estar leproso, contaminaria o profeta. Eliseu queria que ele soubesse que era um homem rejeitado, condenado. Ele trata o orgulhoso general como pecador, e Naamã enfurece-se com esse tratamento. Ele pergunta: "Ele não sabe quem eu sou?", como também muitos pecadores hoje perguntam. Naamã pensou que o profeta faria algum ritual (v. 11) para curá-lo. Ele não podia humilhar-se e entrar no rio Jordão, o rio da morte. Ele achava que os rios próximos de sua casa eram muito superiores ao Jordão.

G. Ele cura-se por causa de sua fé obediente

No versículo 13, o servo humilde demonstra ter mais bom senso que o general. Como é irracional opor-se à forma simples do Senhor para a salvação. Quando Naamã obedece pela fé, ele "nasce de novo" e sai das águas com a pele pura como a de uma criancinha. Os sete mergulhos no Jordão não tipificam o batismo, pois ninguém é salvo ao ser batizado mesmo uma vez, quanto mais sete vezes. Naamã provou sua fé por seu trabalho; ele creu na Palavra e agiu de acordo com ela.

H. Ele teve confiança

Ele dissera: "Pensava eu" (v. 11), mas agora ele diz: "Eis que, agora,

reconheço" (v. 15). Ele deu testemunho público do poder do Senhor e de que o único Deus verdadeiro é Jeová. Ele estava tão agradecido que ofereceu bens a Eliseu, mas este, obviamente, recusou-se a aceitar o presente. Se Eliseu aceitasse o presente, acabaria com a lição a respeito da salvação pela fé e tiraria toda a glória do Senhor.

I. Ele vai para casa em paz (v. 19)

Naamã sabia que enfrentaria problemas quando voltasse para casa, já que seu rei era adorador de ídolos, mas Naamã procurou obedecer ao Senhor e dar-lhe glória total. Todos os crentes têm "paz com Deus" (Rm 5:1).

II. A cobiça de Geazi (5:20-27)

Geazi discordava da Palavra do Senhor. Assim, iniciaram-se seus problemas e pecados. Ele nunca ficaria leproso se tivesse se submetido à Palavra do Senhor e julgado a cobiça que tinha no coração. É importante que o povo de Deus julgue com honestidade os pecados que tem no coração. A atitude de Geazi era "a minha vontade", não "a sua vontade".

Observe como as pessoas são rápidas e eficientes quando desobedecem à Palavra do Senhor. Em 4:29-31, Geazi não correu para ressuscitar o menino morto, mas aqui ele corre até Naamã para conseguir

bens materiais. Como seria bom se os cristãos apenas se preocupassem tanto com as coisas espirituais quanto o fazem com as materiais. Agora temos duas mentiras:

A. Ele mente para Naamã (vv. 21-23)

Ele disse a Naamã: “Meu senhor me mandou dizer: Eis que, agora mesmo, vieram a mim dois jovens, dentre os discípulos dos profetas da região montanhosa de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas vestes festivas”. Geazi, como Judas, parecia preocupado com os pobres quando o tempo todo se preocupava consigo mesmo (Jo 12:1-7). É claro que Geazi, ao pegar o dinheiro, roubava a glória do Senhor e contradizia a palavra do profeta, além de dar a impressão de que a salvação envolvia boas obras e dinheiro. Um ato egoísta dele arruinou o quadro todo. Geazi ganhou tantos bens que dois servos de Naamã tiveram de carregar as coisas para ele.

B. Ele mente para Eliseu (vv. 25-27)

Ele entra em casa e age como se nada tivesse acontecido. Contudo, o profeta sabe a verdade e pergunta-lhe onde esteve. “Teu servo não foi a parte alguma”. Outra mentira. O versículo 26 sugere que Geazi planejava usar o dinheiro para estabelecer-se em uma pequena propriedade própria. É provável que a cobiça de Geazi estivesse em seu

coração havia muito tempo, pois no capítulo 4 vimos a incapacidade do servo para ressuscitar o menino morto. Deus julgou Geazi, porque este não julgaria a si mesmo, e a lepra de Naamã transferiu-se para Geazi e seus descendentes. Em 8:1-6, encontramos Geazi de novo, mas, dessa vez, em presença do rei. Algumas pessoas sugerem que ele se arrependeu e se curou, porém não há evidência disso nas Escrituras. Além disso, a doença devia passar também para seus descendentes. A explicação é simples: os acontecimentos registrados em 2 Reis não estão necessariamente em sua verdadeira ordem cronológica. Provavelmente, a conversa entre Geazi e o rei aconteceu no portão da cidade quando o rei ouvia as queixas do povo.

Como é triste ver um servo devotado do Senhor levado à vergonha e à rejeição por causa da cobiça. Isso não era blasfêmia (como aconteceu com Pedro) nem mesmo adultério (como sucedeu com Davi), mas o pecado secreto da cobiça. É claro que a cobiça pode ser a causa de todos os tipos de pecados. Se a pessoa cobiça algo (ou alguém), não há pecado que não seja capaz de cometer para conseguir o que quer. Eliseu, o servo do Senhor, não vivia para ganhos materiais, mas totalmente para a glória de Deus. Geazi não podia servir a dois se-

nhores — ao dinheiro e a Jeová. Colossenses 3:5 compara a cobiça à idolatria. Jesus associa a cobiça aos feios pecados da carne (Mc 7:22), e, em Romanos 1:29, Paulo enumera a cobiça entre os pecados dos gentios. Em Lucas 12:13ss, Jesus adverte claramente quanto aos perigos da avareza e, em Lucas 16:13ss, ele mostra que esse pecado levará as pessoas para o inferno. Veja também Efésios 5:3.

É interessante contrastar a serva judia (vv. 2-3) com Geazi. Ela era cativa, contudo testemunhou com alegria do Senhor; ele era um homem livre que vivia na sua terra, contudo estava interessado apenas em si mesmo. Ela levou Naamã ao lugar de salvação; ele arruinou a mensagem de graça com seu pecado. Ela não obteve ganho material, mas recebeu a bênção do Senhor; ele foi para casa com riquezas, mas perdeu tudo.

2 REIS 6-8

Nesses capítulos, temos vários milagres e ministérios de Eliseu. Alguns particulares, para as pessoas de Deus, outros públicos, para a nação. Em ambos os casos, vemos claramente que o homem do Senhor nunca deixa de saber a vontade do Senhor ou de exercer o poder dele.

I. Eliseu recupera a cabeça do machado (6:1-7)

Alegre-nos saber que uma das escolas de profetas crescia e precisava de mais espaço. Em um sentido, esses homens estavam em uma “casa missionária” sendo treinados por Eliseu para levar a Palavra até as pessoas. As escolas teológicas que treinam nossos futuros trabalhadores são importantes e merecem o apoio do povo de Deus. Observe que Eliseu não era muito ocupado nem orgulhoso demais para participar do trabalho de construção. Com certeza, a presença dele encorajava os jovens. Os estudantes eram pobres, e pelo menos um deles teve de emprestar ferramentas. O estudante apavorou-se quando a cabeça do machado caiu na água, mas Eliseu recuperou-a para ele. Não é pecado pedir emprestado, mas deve-se cuidar e devolver o que foi emprestado. Com certeza, Deus está interessado nas necessidades pessoais de seu povo, mesmo aquelas “coisas

insignificantes” que, com frequência, atormentam nosso coração.

II. Eliseu captura os invasores sírios (6:8-23)

O rei sírio enviou tropas de soldados para invadir Israel (veja 5:2), contudo o Senhor revelou todos os movimentos que o inimigo faria para Eliseu. Salmos 25:14 afirma: “O Senhor confia os seus segredos aos que o temem” (NVI). Embora Eliseu não honrasse o perverso rei Jorão (3:13-14), o profeta tinha coração voltado para o povo de Israel e queria protegê-lo. O rei foi bastante sábio e escutou o homem do Senhor, e Deus protegeu Israel. O rei da síria enviou soldados para que capturassem Eliseu quando soube que ele era o espião secreto de Israel. O servo de Eliseu (que aparentemente substituiu Geazi), quando viu o exército em volta da cidade, pensou que chegara o fim; no entanto, o Senhor abriu os olhos do servo, e ele viu que havia multidões de anjos prontos para salvar Eliseu. O versículo 16 é tão verdadeiro para os cristãos hoje quanto era para os judeus naqueles dias. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

Eliseu realizou um milagre duplo: ele abriu os olhos de seu servo, mas cegou os olhos dos invasores. Dessa forma, foi muito fácil levá-los para Samaria. Imagine a surpresa dos sírios quando seus olhos foram

abertos e viram a cidade inimiga. Eliseu proibiu que o rei de Israel matasse os soldados: o Senhor os capturara, e a glória cabia apenas a ele. Eliseu derrotou-os com bondade. Veja Romanos 12:20-21; Provérbios 25:21-22 e Mateus 5:43-45. A partir desse momento, a Síria não mandou mais “comandos” secretos para invadir as vilas de Israel. Quando o povo de Deus obedece à sua Palavra, jamais precisa temer o inimigo; veja Salmos 46.

III. Eliseu liberta a cidade

(6:24-7:20)

Não sabemos quanto tempo transcorreu entre os versículos 23 e 24. Quando Ben-Hadade decidiu combater Israel, o fez com o exército completo, não com pequenas tropas de invasores. A principal cidade ficou sitiada até haver muito pouco alimento: os piores alimentos eram vendidos por preços exorbitantes. (No versículo 25, “esterco de pombas” provavelmente refere-se a um tipo de grão muito barato. No entanto, não seria improvável que o povo faminto comesse até refugos dos animais.) Além disso, algumas pessoas estavam recorrendo ao canibalismo. O perverso rei Jorão ecoou as palavras do pai, Acabe, quando culpou Eliseu pela fome (6:31 e 1 Rs 18:17). O rei enviou um mensageiro (que Eliseu sabia que viria) para receber uma predição estranha do

homem do Senhor: no dia seguinte, Samaria seria libertada e haveria alimento em abundância. Em 7:1, Eliseu prevê que poderão comprar seis vezes mais alimento por um quinto do custo. Um capitão do rei revelou sua descrença, e Eliseu prometeu julgamento para ele. Veja 7:17-20.

Que armas o Senhor usou para derrotar o exército sírio que sitiava a cidade? O barulho e quatro leprosos! Os sírios fugiram deixando riquezas e alimento nos campos, pois pensaram que um exército alugado pelo rei de Israel avançava contra eles. Os quatro leprosos raciocinaram bem e decidiram que era melhor comer como prisioneiros (ou ter morte rápida) que passar fome em liberdade. Com certeza, o versículo 9 é um texto do Evangelho e também um excelente texto missionário. Como hoje os cristãos precisam acautelar-se com isso! Quando os cidadãos sitiados de Samaria souberam as boas-novas, saíram correndo da cidade — e pisotearam o incrédulo capitão! Ele ouviu as boas-novas e viu a prova da mensagem, mas morreu antes de poder desfrutá-la. Que advertência ao pecador que demora a receber a Cristo!

IV. Eliseu protege a mulher sunamita (8:1-6)

O versículo 1 deveria dizer: “Eliseu dissera...”; isto é, o homem de Deus advertira a sunamita a respei-

to da aproximação da fome sobre toda a terra sete anos antes; veja 4:38. Essa não é a fome, descrita no capítulo 6, que assolou a cidade de Samaria. O fato de Geazi estar conversando com o rei indica que esse evento deu-se antes da cura de Naamã (cap. 5). A mulher seguiu o conselho de Eliseu, abandonou sua propriedade e encontrou ajuda temporária na terra dos filisteus. No entanto, quando voltou para Israel, alguém confiscara sua propriedade. Imagine a surpresa dela quando encontrou Geazi conversando com o rei no exato momento em que vinha apresentar seu caso. Anos antes, Deus determinara que seu filho morreria e ressuscitaria (4:18-37), e que esse milagre possibilitaria que ela reouvesse sua propriedade. Talvez não entendamos o motivo para nossas provações atuais, mas certamente elas operam para o nosso bem (Rm 8:28). Como é magnífico que os crentes tenham uma herança que não lhes pode ser tirada (1 Pe 1:4; Ef 1:11,14).

V. Eliseu julga o rei (8:7-29)

Voltemos aos dias de Elias. O Senhor dissera ao profeta que ungesse Hazael como rei da Síria (1 Rs 19:15). Elias ungiu Eliseu seu sucessor como profeta, e coube a Eliseu ver Hazael subir ao trono. A Palavra do Senhor cumpre-se, apesar das falhas dos crentes e dos planos dos descrentes.

Ben-Hadade era inimigo de Israel: no entanto, ele se voltou para o homem de Deus em busca de ajuda quando sobreveio a crise. Exatamente como fazem hoje as pessoas do mundo! Ele enviou um presente elaborado e caro para Eliseu, mas não há registro de que este tenha aceitado o presente. Se o aceitou, com certeza, usou-o para a escola de profetas. Observe a resposta crítica que Eliseu dá a Hazael: (1) *“Vai e dize-lhe: Certamente, sararás”* (grifos do autor); (2) *“Porém o SENHOR me [a Eliseu] mostrou que ele morrerá”*. No versículo 14, Hazael transmite a primeira afirmação ao rei de forma que sua recuperação parecesse certa. A segunda afirmação, Hazael cumpriu ao matar o rei (v. 15).

Devemos estudar com atenção os versículos 11 a 13. Eliseu, após dar essa resposta estranha a Hazael, fitou o visitante por um longo tempo. Na verdade, Eliseu lia o coração perverso de Hazael e viu que o visitante pretendia matar o rei. Hazael ficou tão perturbado com o comportamento peculiar de Eliseu que se sentiu embaraçado; Eliseu, por sua vez, chorou. O visitante perverso tentou encobrir os pecados de seu coração, mas Eliseu conhecia-os muito bem. *“Sei o mal que hás de fazer aos filhos de Israel”*, disse Eliseu enquanto chorava e descreveu os crimes terríveis que ele cometeria. Hazael ficou chocado com

o anúncio; contudo ninguém deveria chocar-se com a perversidade do próprio coração, pois o coração é “desesperadamente corrupto”. As palavras de despedida de Eliseu foram: “Tu hás de ser rei da Síria”. Hazael, em vez de deixar que o Senhor executasse a tarefa, cuidou ele mesmo do assunto sufocando o rei doente na própria cama. Mais tarde, a história confirma que as palavras de Eliseu eram verdadeiras, pois Hazael foi culpado de feitos horríveis durante seu reinado; veja 10:32-33; 13:3-7; 13:22.

Os versículos restantes desse capítulo atualizam-nos em relação

a Israel e Judá. É provável que Jorão e Josafá tenham sido co-regentes durante a última parte do reinado de Josafá. É triste constatar que os reis dessas nações seguiram o mau exemplo de Jeroboão e Acabe.

Nesses dias de decadência política e de pecado nacional, Deus usava Eliseu para chamar os crentes remanescentes à obediência ao Senhor. A nação inteira não seria salva, da mesma forma que hoje o mundo inteiro não será salvo. Deus chama as pessoas para si. Nossa responsabilidade como crentes é ser verdadeiros com a Palavra e ganhar pessoas para Cristo.

2 REIS 9-10

Esses dois capítulos são repletos de violência, pois neles vemos o Senhor aplicar sua fúria sobre aqueles que havia muito o desprezavam e desobedeciam à sua Palavra. O rei Jeú foi um instrumento de vingança nas mãos do Senhor (9:7), embora devamos confessar que talvez o zelo dele pelo Senhor (10:16) fosse muito exagerado. Em Oséias 1:4, o Senhor anunciou que julgaria a casa de Jeú por causa dos assassinatos cruéis que ele cometeu. Jeú chamava suas atividades de “zelo para com o SENHOR”, contudo vemos em sua matança um motivo carnal e pecaminoso que não honra o Senhor.

I. A unção (9:1-13)

Jorão, filho de Acabe, reinava sobre Israel, e Acazias, sobre Judá. Os dois reis aliaram-se contra Hazeel, rei da Síria (2 Rs 8:25-29). Jorão feriu-se em batalha e recuperava-se em Jezreel, e Acazias foi visitá-lo. Jeú era um capitão respeitado no exército israelita, provavelmente um dos líderes-chave da guerra. Anos antes, na época em que Acabe apossou-se da vinha de Nabote (9:25-26), Jeú pertencia à guarda pessoal de Acabe.

Eliseu não ungiu Jeú, pois ele seria reconhecido e talvez atacado. Por isso, ele escolheu um dos

discípulos dos profetas para ir a Ramote-Gileade e ungir Jeú como rei de Israel. Anos antes, Deus ordenara isso (1 Rs 19:15-17). O jovem profeta obedeceu de imediato; ele apareceu repentinamente no conselho de guerra, pediu que Jeú entrasse em uma sala privada onde o ungiu rei e transmitiu-lhe a mensagem do Senhor, para depois partir tão rápido quanto chegou. Jeú conhecia sua incumbência: eliminar a família de Acabe e vingar o sangue inocente derramado por Acabe, Jezabel e seus descendentes. Compare o versículo 9 com 1 Reis 15:29 e 16:3-11.

Os soldados pensaram que o profeta fosse um louco; Jeú achava que tudo fora arranjado pelos soldados. Ele disse: “Bem conheceis esse homem e o seu falar”, pensando que tinham preparado, em segredo, uma rebelião contra o rei. No entanto, os soldados disseram que não sabiam nada a respeito do assunto, portanto Jeú contou-lhes o que dissera ao mensageiro do Senhor. A reação imediata deles foi submeterem-se a ele e proclamá-lo rei. O versículo 15 relata-nos que o novo rei arranjou as coisas com cuidado a fim de manter sua unção em segredo até que cumprisse sua importante tarefa. Se os dois reis que estavam em Jezreel tivessem conhecimento da notícia, o ataque-surpresa de Jeú fracassaria.

II. O vingador (9:14—10:28)

A. O assassinato do rei Jorão (9:14-26)

O rei doente estava em Jezreel, e Acazias visitava-o. Deus arranhou para que os dois reis estivessem juntos quando chegasse o momento do julgamento. O rei enviou mensageiros para interceptar Jeú, mas ele recusou-se a parar para eles ou dar qualquer informação. Esse soldado popular era conhecido por guiar “furiosamente” seu carro, e o atalaia reconheceu-o a distância. Os dois reis, em vez de esperar sua chegada na cidade onde teriam alguma proteção, saíram para encontrar-se com Jeú, provavelmente porque pensaram que o grande capitão trazia boas-novas do campo de batalha. Jeú concentrou-se primeiro em Jorão, mas seu anúncio fez apenas com que o perverso rei se virasse para fugir. Jeú matou-o com facilidade com uma flecha nas costas. Cumpriu-se a Palavra de Deus, pois ele morreu no pedaço de terra que Acabe roubara de Nabote uns 20 anos antes (1 Rs 21:17-24).

B. O assassinato do rei Acazias (9:27-29)

Acazias também tentou fugir, mas os homens de Jeú seguiram-no ao reino de Samaria (não à cidade), onde foi morto em Megido (veja 2 Cr 22:9). Permitiu-se que seus ser-

vos o levassem para Jerusalém a fim de que tivesse um sepultamento decente. Acazias era cunhado de Jorão (8:18) e, por isso, foi incluído no julgamento contra a casa de Acabe.

C. O assassinato de Jezabel (9:30-37)

A rainha-mãe ainda exercia muito poder em Israel, mas chegara o momento de seu julgamento e nada poderia salvá-la. Ela soube que Jeú estava vindo e, com atrevimento, embelezou-se a fim de encontrar-se com o novo rei. Ela “pintou em volta dos olhos” e enfeitou a cabeça. Ela morreria como uma rainha. No versículo 31, ela faz uma declaração que nos reporta a 1 Reis 16:9-20, em que Zinri matou o rei e governou por apenas sete dias. A perversa Jezabel tentava convencer Jeú a poupá-la e, assim, tornar seu trono mais seguro? Vários servos do palácio ajudaram Jeú ao lançá-la da janela do andar superior, e Jeú terminou o serviço pisoteando-a com seu carro. A seguir, ele assumiu o palácio e saboreou uma lauta refeição. Ele instruiu os homens para que enterrassem a rainha morta, mas os cães já tinham feito o serviço e comido o corpo dela. Veja 1 Reis 21:23.

D. O assassinato dos descendentes de Acabe (10:1-17)

Acabe tinha 70 descendentes (filhos, netos) que viviam em Samaria, e Jeú voltou sua atenção para eles. Ele es-

creveu cartas oficiais aos chefes das cidades (como Jezabel fizera, 1 Rs 21:8-14) pedindo que selecionassem os melhores da família para lutar com ele e seus homens. Os anciãos temiam a luta e imediatamente solicitaram paz. A segunda carta de Jeú sugeria que eles *apenas trouxessem a cabeça* dos 70 filhos. Na mesma tarde, os homens chegaram com as cabeças, e, na manhã seguinte, Jeú foi ao portão da cidade para ver aquele horror. No versículo 9, ele finge ser inocente pela morte deles e, no versículo 10, afirma que as mortes apenas cumpriam a Palavra do Senhor. Claro, em um sentido, Jeú dizia a verdade, mas não podemos deixar de pensar que ele estava mais ansioso em matar a família de Acabe que em glorificar ao Senhor. Nos versículos 12-14, ele mata até 42 primos de Acazias. E o versículo 17 relata que Jeú aniquilou o resto da família de Acabe, em Samaria, a principal cidade. De fato, ele tinha “zelo para com o SENHOR”.

E. O assassinato dos adoradores de Baal (10:18-28)

Na mente de Jeú, os fins justificavam os meios, portanto ele não sentiu qualquer escrúpulo em mentir deliberadamente para o povo e afirmar que era mais fervoroso na adoração a Baal do que Acabe fora. Jonadabe, um judeu dedicado que estava ansioso em libertar a terra da idolatria,

uniu-se a Jeú nesse complô. Para saber mais a respeito da família de Recabe, leia Jeremias 35. Jeú, ao chegar a Samaria, anunciou sua intenção de instituir a adoração a Baal, e o povo acreditou nele. Quando os adoradores fiéis de Baal reuniram-se na casa de Baal, ele mandou seus homens entrarem e verificarem com cuidado a multidão a fim de se certificarem de que nenhum seguidor do Senhor entrara por engano no templo pagão. O próprio Jeú não participou da adoração. Quando o culto terminou, os guardas mataram os seguidores de Baal e destruíram as imagens e o templo. O local transformou-se em lugar imundo e, por isso, corrompido para sempre.

Podemos abater-nos ao ler esses acontecimentos, mas temos de lembrar que o Senhor deu várias oportunidades à casa de Acabe para se arrepender e, assim, escapar do julgamento. Ao mesmo tempo que o zelo de Jeú talvez tenha saído de controle e que seus motivos não fossem sempre espirituais, temos de reconhecer que ele foi o instrumento da fúria do Senhor contra uma família perversa. O Senhor esperou muitos anos, e seu julgamento “descansou” enquanto ele estendia sua misericórdia a uma nação indigna dela. Que o pecador fique atento a fim de não testar a paciência de Deus e permitir que o dia da graça fique a um pecado de distância.

III. A deserção (10:29-36)

O Senhor elogiou Jeú por sua obediência e prometeu-lhe garantir o trono por quatro gerações (veja 15:1-12). No entanto, Jeú não teve o cuidado de obedecer à Palavra de Deus e voltou à idolatria, adorando bezerros de ouro. Como somos propensos a ver o pecado na vida dos outros e deixamos de ver os mesmos pecados em nossa vida! Veja Mateus 7:1-5. O Senhor tinha de disciplinar Jeú por permitir que Hazael, da Síria, tirasse *território de Israel*. *Jeú reinou por 28 anos*. O profeta Oséias (1:4) anunciou que o Senhor vingaria o sangue de Jezreel sobre a casa de Jeú, e ele fez isso. Jeú abandonou o Senhor, e agora, depois de apenas quatro gerações, o Senhor o abandonaria e à sua semente.

Nesse relato, temos algumas lições básicas: (1) Deus cumpre seu

juízo, embora sua misericórdia possa tardá-lo por longo tempo. Com freqüência, o pecador entra em um estado de falsa paz porque a espada do julgamento demora a vir, contudo podemos ter certeza de uma coisa: ela virá. (2) Muitas vezes, pais ímpios levam seus filhos ao pecado e à condenação. O casamento de Acabe com uma mulher pagã e o fato de aderir à adoração de Baal praticada por ela levaram a família e a nação às trevas e à condenação. *Muitas pessoas morreram* porque um homem levou-as ao pecado! (3) Um servo pode cumprir a Palavra de Deus e, depois, deixar de cumpri-la integralmente. O reinado de Jeú seria abençoado de forma especial, se ele tivesse continuado zeloso com o Senhor. Sua idolatria condenou não só ele, como também sua família.

2 REIS 11–16

Esses capítulos mencionam 13 reis diferentes, cinco de Judá e oito de Israel. Não é necessário examinar a vida de cada rei separadamente, portanto focaremos nossa atenção em cinco reis específicos e tentaremos aprender com a vida deles.

I. Joás, o rei menino (11—12) (2 Cr 22—24)

A. Protegido (11:1-3)

A rainha-mãe Atalia, quando seu filho Acazias foi morto, determinou a eliminação de toda a família real a fim de que nenhum rival roubasse seu trono. Pela providência do Senhor, um menino foi salvo e protegido durante sete anos e, assim, Deus cumpriu sua promessa de manter a semente de Davi no trono de Judá. Segundo Crônicas 22:11 relata que a mulher devota que salvou a vida do menino era, na verdade, sua tia, meia-irmã de Acazias e esposa do piedoso sumo sacerdote Joiada. A semente de Satanás tentou exterminar a semente do Senhor (Gn 3:15), mas o Senhor também venceu essa batalha.

B. Proclamado rei (11:4-21)

Joiada arquitetou o plano todo sem o conhecimento da rainha-mãe. Ele tinha os levitas e os guardas a pos-

tos antes que a perversa Atalia pudesse agir, e, quando ela apareceu, foi morta. Observe que os guardas usaram armas do templo que Davi capturara anos antes (v. 10). No entanto, isso era mais que uma mudança de governo; era também um reavivamento religioso. Deram o Livro do Testemunho ao jovem Joás (v. 12; e veja Dt 17:18), e o rei prometeu servir ao Senhor e ao povo. O rei, depois de garantir o trono, permitiu que Joiada “limpasse a casa” e eliminasse os adoradores de Baal e seus ídolos. O reavivamento tem esse aspecto negativo de julgamento, mas também o positivo de dedicação.

C. Abençoado por Deus (12:1-16)

O sumo sacerdote Joiada era o guia espiritual do jovem rei, e, no início de seu reinado, Joás estava disposto a segui-lo. Atalia, adoradora de Baal, permitiu que a casa do Senhor fosse dilapidada, portanto Joiada e o rei a recuperaram e a recolocaram em uso. O primeiro plano deles para financiar o programa era que os sacerdotes pedissem contribuições às pessoas que vinham pagar promessas e trazer sacrifícios (vv. 4-5). Mas, depois de muito tempo, abandonaram essa política. Era difícil pedir que os sacerdotes dessem mais dinheiro espontaneamente, já que dependiam dos sacrifícios e do dinheiro das promessas para viver. O sumo sacerdote

pôs uma caixa de ofertas na frente do altar de bronze, à direita da porta de entrada da casa do Senhor. As pessoas responderam com generosidade, e logo havia dinheiro suficiente para completar a obra. Os operários eram tão fiéis e honestos que não faziam uma contabilidade especial do gasto dos fundos.

D. Perdido pelo pecado (12:17-21)

Segundo Crônicas 24:15-27 relata que o rei, após a morte de Joiada (aos 130 anos), começou a apostatar e, na verdade, a participar de idolatria. Infelizmente, a fé desse líder ligava-se à de outro líder, não diretamente ao Senhor. Deus enviou profetas para advertirem o rei, mas ele não os escutou. Zacarias, filho de Joiada e primo de Joás (2 Cr 22:11), foi um dos profetas enviados pelo Senhor. Joás, em vez de escutá-lo, mandou apedrejá-lo no pátio do templo. Em Mateus 23:34-35, Jesus refere-se a esse assassinato. Joás, como era espiritualmente apóstata, não tinha condição de enfrentar a invasão síria, portanto tentou subornar Hazael com os tesouros da casa do Senhor. Com que frequência o povo de Deus rouba o Senhor na tentativa de resolver seus problemas, em vez de ir ao Senhor em confissão. Infelizmente, em vingança pela morte dos filhos inocentes de Joiada, o próprio Joás foi morto por alguns de seus servos.

II. Jeoás — oportunidade perdida (13)

Nos primeiros nove versículos, lemos a respeito de Jeoacaz, pai de Jeoás. Não confunda esse Jeoás (ou Joás) com o jovem rei de Judá dos capítulos 11—12. Esse Jeoás foi rei de Israel e, aos olhos do Senhor, fez o que era mau. Em 14:8-14, veremos que ele derrota o rei de Judá, Amazias. Jeoás, durante seu reinado, tem contato com o profeta Eliseu, pouco antes da morte do homem do Senhor. Eliseu deu-lhe uma chance de ouro para derrotar a Síria de uma vez por todas, mas ele não aproveitou a oportunidade. O versículo 25 relata que ele venceu apenas três vezes. Como é trágico que deixemos de aproveitar as grandes oportunidades que Deus nos dá. Com frequência, as decisões erradas de hoje são as derrotas de amanhã. O milagre incomum, dos versículos 20-21, sugere a influência poderosa que um homem devoto pode ter mesmo após sua morte.

III. Amazias — vencido pelo orgulho (14) (2 Cr 25)

Esse rei conseguiu ter um bom início ao obedecer ao Senhor e vingar a morte de seu pai, Joás (v. 5; e veja 12:20). No versículo 6, observe a obediência cuidadosa que teve em relação a Deuteronômio 24:16. Deus deu-lhe grandes vitórias em Edom, contudo 2 Crônicas 25:14-16 registra que ele levou consigo os deuses

pagãos de Edom e adorava-os. Essa combinação de idolatria e orgulho levou-o a mexer com Jeoás, o rei de Israel (veja 13:10-13), desafiando-o para uma guerra (v. 8). O rei de Israel era sábio demais para temer ameaças. Amazias, conforme indica a inteligente parábola de Jeoás dos versículos 9-10, comportava-se de forma altiva. O resultado disso? “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16:18). Judá foi totalmente destruído por Israel, Jerusalém foi parcialmente destruída, e os tesouros do Senhor esvaziados. Amazias não teria se tornado cativo de Israel se tivesse permanecido em sua terra e dado ao Senhor a glória por suas vitórias. Relata-se que ele foi morto em uma conspiração (2 Cr 25:25-28).

IV. Uzias — o grande rei de Judá (15) (2 Cr 26)

Uzias significa “forte do Senhor”. Seu outro nome, Azarias, significa “Jeová ajuda”. Ele foi coroado aos 16 anos, e, sob sua liderança idônea, a nação adquiriu nova vida e prosperidade. Zacarias era seu guia espiritual (2 Cr 26:5); esse Zacarias não é o profeta que ministrou a Joás (2 Cr 24:17-22). Deus deu a Uzias grandes vitórias contras as nações filistéias e árabes. Ele liderou grandes programas de construção, principalmente na área de suprimento de água. Seu efetivo militar era fora

do comum, e ele usava os maquinários de guerra mais modernos da época. No ano em que o rei Uzias morreu, o profeta Isaías recebeu seu chamado para o serviço (Is 6).

O orgulho levou-o à ruína (2 Cr 26:16): ele entrou no templo para queimar incenso, e o Senhor castigou-o com a lepra. Jotão, seu filho, reinou com ele durante muitos anos até a morte de Uzias. A morte de Uzias causou grande pesar a Judá. Ele governou 52 anos, e a nação desfrutou de seu período de maior segurança e prosperidade desde o reinado de Salomão.

Em 2 Reis 15:8-31 há um breve registro de cinco reis de Israel: Zacarias governou apenas seis meses e foi assassinado por Salum. Salum reinou um mês e foi morto por Menaém. Menaém reinou dez anos e fez obras perversas, nas quais superou até os pagãos. Ele foi sucedido por Pecaías, que governou dois anos, até a época do rei Acáz. Foram dias difíceis para Israel, pois a nação afastara-se do Senhor.

V. Acáz — o custo da concessão (16) (2 Cr 28)

Esse rei de Judá foi tão mau a ponto de sacrificar o filho ao deus Moloque. Ele reinou apenas 16 anos. Uma de suas realizações foi dedicar o vale do Filho de Hinom a Baal. O rei Acáz secularizou esse vale e transformou-o em depósito de lixo,

e o termo hebraico *Geh Hinnóm* (“vale de Hinom”) tornou-se *geenna*, nome grego para inferno. Deus puniu Acaz ao mandar os sírios contra ele, e Acaz, como alguns de seus predecessores, roubou a casa do Senhor a fim de subornar os assírios para lutar por ele.

Sua amizade com o rei assírio trouxe mais problemas. Acaz viu um altar pagão em Damasco e tentou copiá-lo em Jerusalém. Na verdade, seu novo altar substituiu, no templo, o altar ordenado por Deus. Como é fácil imitar o mundo. Segundo Crôni-

cas 28:20-27 relata que essa amizade com a Assíria levou Acaz à idolatria, e que o rei assírio pegou o dinheiro, mas, no fim, não ajudou Judá de maneira alguma. Os versículos 17-18 afirmam que Acaz escondeu o ouro da decoração do templo do rei assírio para evitar que ele também o pegasse. Seu filho Ezequias, após sua morte, subiu ao trono. Ele era um homem devoto que buscava a bênção do Senhor. Acaz fez concessões e tentou comprar seu caminho para a vitória, mas isso lhe trouxe apenas vergonha e derrota.

2 REIS 17

Esse extenso capítulo é o registro do último rei de Israel e de como ele levou o Reino do Norte ao cativeiro. Em 722 a.C., a Assíria, depois de conquistar a nação, capturou Samaria (capital do Reino do Norte). O que poderia ser uma grande vitória para a glória do Senhor, tornou-se uma derrota que levou a adoração do Deus verdadeiro a uma nova degradação.

I. A captura de Samaria (17:1-6)

Oséias tornou-se rei de Israel com a cooperação dos assírios, pois prometeu pagar tributo ao rei da Assíria. Para conhecer a história da conspiração de Oséias, veja 2 Reis 15:27-31. Relata-se que Oséias foi um rei mau (um dos 12 reis maus da história de Israel), mas que seus pecados não foram tão ruins como os de seus predecessores. O versículo 2 sugere que Oséias matou com o intuito de levar a nação para um caminho melhor; 2 Crônicas 30:6-11 indica que ele permitiu que seus cidadãos compartilhassem a Páscoa, conforme o chamado do devoto rei Ezequias. Contudo, o rei vendera-se à Assíria, e era muito tarde para mudar isso. É triste dizer que ele se revoltou contra a Assíria ao recusar-se a pagar o tributo anual, bem como ao fazer um pacto secreto com o Egito. Israel estava disposto a descer ao Egito em busca

de ajuda, da mesma forma que hoje o povo de Deus olha para o mundo em busca de apoio. Para conhecer a atitude dos profetas em relação às alianças com os egípcios, veja Jeremias 17:5-7 e Oséias 7:11-13.

A Assíria não encarou a revolta de Oséias com brandura. O exército dela assolou o Reino do Norte e, por fim, convergiu para a capital, a cidade de Samaria. A Assíria levou três anos para capturar Samaria, pois era uma cidade bastante fortificada. Contudo, o caso era sem esperança, a nação abandonara o Senhor, e ele decretara o cativeiro dela. A política assíria consistia em levar os melhores cidadãos à terra assíria para, depois, colonizar as terras cativas com estrangeiros de outras nações cativas. E assim aconteceu; a nação israelita (o Reino do Norte), depois de 250 anos de rebelião e pecado, foi levada cativa pelo inimigo, restando apenas um deserto estéril de vergonha e derrota. A história de Israel seria diferente se seu primeiro rei, Jeroboão, tivesse seguido os caminhos do Senhor e levado sua nação a obedecer à Lei. Mas, em vez disso, Jeroboão desobedeceu ao Senhor e afastou a nação de Deus, e seus sucessores caminharam no pecado de Jeroboão que levou Israel a pecar (veja, por exemplo, 1 Rs 16:19,26; 2 Rs 3:3). Os bezerros de ouro de Jeroboão, de Dã e Betel, desviaram Israel (1 Rs 12:25-33).

II. As causas que trouxeram o cativoiro (17:7-23)

A história nunca é apenas uma série de acontecimentos acidentais, pois, por trás de cada nação, está o plano e o propósito de Deus. Nesses versículos, o Espírito Santo explica-nos por que Samaria caiu. Hoje, faríamos bem em ficar atentos, pois Deus não é o protetor de nações, e, se ele castigou de forma tão severa seu próprio povo, Israel, o que não faria às nações de hoje que se rebelam contra ele? “A História é a história do Senhor.”

A. A nação esqueceu Deus (v. 7)

Deus libertou os israelitas da escravidão do Egito e separou-os para ser seu povo. A festa anual da Páscoa era uma forma de a nação lembrar-se da graça do Senhor. Contudo, eles esqueceram tudo que o Senhor lhes fizera. Em Deuteronômio, Moisés, muitas vezes, incitou o povo a lembrar-se do Senhor e a não se esquecer dos favores dele. Veja Deuteronômio 6:10ss e 8:1ss.

B. A nação desobedece em segredo (vv. 8-9)

O Senhor advertiu seu povo de que não deveria se misturar com as nações pagãs de Canaã (Dt 7), contudo Israel desobedeceu em segredo. Os israelitas cobiçaram no coração e, gradualmente, entregaram-se à adoração pagã que havia ao redor deles.

C. A nação rebelou-se abertamente (vv. 10-12)

No fim, o que se iniciou como um pecado secreto torna-se um pecado aberto, e a nação provocou deliberadamente Deus. Veja Êxodo 20:4 e Deuteronômio 4:16 e 5:8.

D. A nação resiste ao chamado de Deus (vv. 13-15)

O Senhor enviou profetas piedosos a fim de adverti-lo e rogar-lhe, mas o povo apenas endureceu a cerviz em rebelião obstinada (veja Êx 32:9 e 33:3; também At 7:51). Ele rejeitou a Lei, escrita pelo Senhor e dada a ele com a finalidade de abençoá-lo. O versículo 15 é aterrador: “Seguiram os ídolos, e se tornaram vãos”. Transformamos no que adoramos. Veja Salmo 115:1-8.

E. A nação vende-se para praticar o mal (vv. 16-23)

O povo tornou-se escravo do pecado. Jeroboão instituiu os bezerros de ouro, contudo nem mesmo isso foi suficiente para o coração concupiscente de Israel. Ele não apenas adorava os deuses dos cananeus, mas também importou deuses de outras nações. Deus dividiu o reino (v. 18), deixando que a família de Davi governasse Judá, mas, depois, até mesmo Judá caiu em pecado. O Senhor entregou a nação aos “despojadores” (v. 20), tanto da terra como de

fora. Seus reis os roubaram, e seus inimigos os atacaram. Por intermédio dos profetas, Deus advertiu-o de que o julgamento viria, mas o povo cego continuou de pecado em pecado.

O Antigo Testamento enumera que Israel teve 20 reis, todos maus. Levou cerca de 250 anos para o reino de Israel ruir. Eles ouviram pregadores como Elias, Eliseu, Amós, Oséias e Isaías, contudo recusaram-se a dobrar os joelhos para o Senhor. Não há cura para a apostasia. Tudo que o Senhor pode fazer é julgar e, depois, pegar os “crentes remanescentes” e começar de novo.

III. A colonização de Samaria (17:24-41)

O rei da Assíria, depois de deportar as melhores pessoas, importou cidadãos de outras nações que estavam sob seu governo, impedindo, assim, que Israel se organizasse e se rebelasse. Esses versículos descrevem a origem dos samaritanos, aquela mistura de povos a respeito da qual João 4 e Atos 8 tratam. Mais tarde, os crentes judeus “remanescentes” retornaram a Samaria, mas os judeus ortodoxos não tinham relações comerciais com esse povo de “raça misturada”. Jesus disse claramente a uma mulher samaritana que eles adoravam o que não conheciam (Jo 4:22), e que a salvação viria por intermédio dos judeus.

No início, não havia fé religiosa em Samaria, por isso Deus teve de mandar leões para incutir temor no coração do povo (veja v. 25). No entanto, os líderes resolveram o problema de uma forma muito peculiar: eles importaram um sacerdote judeu, aprenderam o caminho do Senhor e, depois, fizeram com que o povo adorasse Jeová e seus deuses nacionais. O versículo 29 afirma: “Cada nação fez ainda os seus próprios deuses”. Esse foi o movimento ecumênico do Antigo Testamento. Observe a repetição da frase “Temiam o SENHOR” (vv. 25,28,32-34,41). Eles temiam o Senhor (como o “deus da terra”, v. 27), mas adoravam e serviam aos seus próprios deuses (v. 33). A adoração que praticavam a Jeová era uma formalidade vazia, uma mera demonstração exterior de submissão. Eles adoravam, na verdade, seus deuses pagãos. Jeová era apenas outro “deus” em sua coleção de deidades.

Em outras palavras, o povo remanescente, mesmo depois de ver a pesada mão do julgamento cair sobre sua terra, ainda insistia em desobedecer ao Senhor. No fim, o câncer da idolatria espalhou-se até Judá, e, em 586 a.C., os babilônios capturaram e destruíram Jerusalém. Um remanescente retornou sob o comando de Esdras e Neemias, e a nação começou a vicejar de novo. No entanto, quando Deus enviou

seu Filho para seu povo, eles o rejeitaram e, mais uma vez, houve julgamento divino. Em 70 d.C., Jerusalém foi destruída, e a nação espalhou-se pelo mundo.

“Feliz a nação cujo Deus é o SENHOR.” Esses eventos trágicos da história de Israel devem fazer com que os cidadãos cristãos temam por seus países e orem por seus líderes. Líderes ímpios produzem gerações de cidadãos ímpios (v. 41). Sacerdotes que fazem concessões afastam os adoradores mais ainda do Senhor. Não há esperança para o futuro de

uma nação, quando ela rejeita a Palavra de Deus (vv. 34-38). Talvez o Senhor estenda sua misericórdia por mais um tempo (Deus aborreceu-se com Israel durante 250 anos), mas, no fim, o julgamento virá.

Não há cura para a apostasia. Quando o povo de Deus finalmente se afasta dele, o Senhor tem de julgar. Ele salvará para si mesmo um “remanescente” de crentes fiéis e iniciará seu testemunho de novo, mas não abençoará os que rejeitaram sua Palavra e recusaram seu chamado.

2 REIS 18—20

(Leia também Isaías 36—39 e 2 Crônicas 29—32.) Entramos agora em um dos períodos mais estimulantes da história de Judá, o reinado do piedoso rei Ezequias. Samaria (Israel) caíra em poder da Assíria, e agora o inimigo voltava-se para Judá. Anos antes, Acaz fizera uma aliança com a Assíria (16:7-9), mas Ezequias rebelou-se contra isso (18:7,13-16), e isso foi um convite para que o inimigo invadisse Judá. Na verdade, esse capítulo não registra os eventos na ordem cronológica certa, pois a doença de Ezequias aconteceu durante o sítio da cidade (veja 20:6), e a visita dos líderes babilônios após a recuperação dele. Ele reinou 29 anos (18:2). Já que reinou 15 anos após sua recuperação, e a invasão aconteceu no 14º ano de seu reinado (18:13), sua doença e a invasão, portanto, aconteceram durante sua vida. Examinaremos três inimigos que Ezequias teve de enfrentar e como lidou com eles.

I. Os invasores assírios (18—19)

A. A reforma de Ezequias (18:1-8; 2 Cr 29—32)

Esse rei devoto livrou imediatamente a terra da idolatria e do pecado. Ele reabriu e restaurou o templo, limpou o entulho que se juntara ali e *restabeleceu* os cultos. Ele estava

interessado, em especial, nos cantores e nos sacrifícios. Ele também chamou toda a nação (até Israel) para uma grande celebração de Páscoa. Era tempo de reavivamento, mas, infelizmente, isso não penetrou o coração do povo. As mudanças eram apenas superficiais. No entanto, Ezequias provou que amava o Senhor, e Deus abençoou-o por seu serviço.

B. A rebelião (18:9-37)

Durante anos, a nação pagou tributo à Assíria, mas Ezequias rebelou-se e recusou-se a pagar o tributo. Isso trouxe o exército assírio até Jerusalém, mas Ezequias, em vez de recorrer ao Senhor, temeu o inimigo e cedeu (vv. 13-16), chegando a ponto de roubar o templo para pagar os assírios. Na verdade, nessa época, havia três “partidos” em Judá: um queria render-se à Assíria; outro queria pedir ajuda ao Egito; e o terceiro grupo (liderado por Isaías) chamou a nação a confiar no Senhor para sua libertação. O rei da Assíria pegou o dinheiro, mas depois mudou de idéia e invadiu Judá. Isaías chamou essa mudança de “perfidia” (Is 33.1-8), pois a Assíria não cumpriu a promessa. Três oficiais assírios escarneceram dos judeus (v. 17 — esses são os títulos dos oficiais, não seus nomes) e tentaram minar a fé e a liderança de Ezequias. Os versículos 31-32 retratam a falsidade do

pecado. Ele promete-lhes paz e plenitude até levá-los para o cativeiro. Sempre há um limite de tempo para a desobediência.

C. O pedido (19:1-19)

O rei, incapaz de salvar a si mesmo, foi ao templo orar. Na Bíblia, o versículo 2 é o primeiro a fazer menção ao profeta Isaías. O profeta enviava uma resposta de paz ao rei: Deus libertaria Judá e derrotaria a Assíria. *Dificuldades com outras nações obrigaram a Assíria a retirar suas forças, mas Rabsaqué enviou uma carta arrogante a Ezequias para amedrontá-lo a fim de que se rendesse.* O rei levou a carta ao templo e “estendeu-a perante o SENHOR”. Como podemos observar, o versículo 19 enfatiza a glória de Deus, o verdadeiro fundamento para a oração.

D. A recompensa (19:20-37)

Que combinação magnífica — a Palavra de Deus e a oração. Ezequias orou, e o Senhor mandou a resposta por intermédio de Isaías — ele julgaria a Assíria e a ameaçaria como ela ameaçara as nações. O Senhor prometeu a Ezequias que após dois anos Judá teria colheita de novo (v. 29). (Os assírios tinham devastado a terra.) Observe que o Senhor responde à oração do rei por causa de Davi, não porque Judá ou o rei merecessem tal misericórdia (v. 34). O Senhor matou 185 mil sol-

dados em uma noite, e, mais tarde, os próprios filhos de Senaqueribe o assassinaram. O Senhor derrotou o inimigo sem a ajuda do Egito. Veja Isaías 30—31.

II. A morte (20:1-11)

Chama-se a morte de “o último inimigo” (1 Co 15:26). Provavelmente, foi uma provação para o rei estar muito doente ao mesmo tempo que a Assíria ameaçava invadir Judá. Muitas vezes, os problemas vêm aos pares, mas Deus é suficiente para resolvê-los. *Não temos certeza de por que o Senhor enviou essa doença ao rei. Talvez tenha sido por causa da descrença de Ezequias e de sua disposição de pagar o tributo (18:13-16). Ou talvez por causa de algum pecado secreto (veja Is 38:17). Certamente, o salmo de louvor do rei, em Isaías 38:9-20, indica que ele temia a morte e queria ficar vivo a fim de terminar sua reforma.* De qualquer forma, ele orou pedindo que fosse poupado, e o Senhor respondeu à sua oração. Observe os recursos que o Senhor usa para curar os seus (nesse caso, um cataplasma), portanto não é evidência de descrença ir ao médico em busca de ajuda. O Senhor deu quinze anos a mais de vida ao rei. Ele fortaleceu ainda mais a fé do rei ao “retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio”. (Talvez esse relógio solar fosse uma escada de

pedras cujos degraus marcavam as horas. O rei podia vê-lo da janela de seu palácio.)

Estudiosos bíblicos debateram por anos se a oração de Ezequias por cura e sua recuperação são resultado da vontade *perfeita* do Senhor ou de sua vontade *permissiva*. Às vezes, o Senhor responde às orações, mas a resposta não é a melhor coisa para nós (veja Sl 106:15). Os que acham que Ezequias estava errado, salientam que seus últimos 15 anos envolveram a aliança pecaminosa com os babilônios (20:12-21) e também o nascimento de Manassés, que se tornou o rei mais perverso de Judá (cap. 21). Se Ezequias tivesse morrido, Judá seria poupado das concessões aos babilônios e do perverso rei Manassés. No entanto, Manassés arrependeu-se e serviu ao Senhor (2 Cr 33:11-19).

Outros comentam que Ezequias não tinha herdeiros para o trono quando Isaías transmitiu a mensagem de condenação, portanto a oração dele não era apenas para si mesmo, mas também para a nação. As palavras do versículo 21: “Põe em ordem a tua casa”, significam literalmente: “Escolha um homem para sucedê-lo no trono”. Deus prometera que Judá sempre teria um descendente de Davi no trono, e Ezequias representava a confirmação dessa promessa do Senhor. Todos os filhos do rei nasceram nesses

15 anos finais; veja 20:18. É verdade que Manassés foi um rei ímpio (o que não honra Ezequias como pai), mas temos de admitir que Josias foi um grande homem de Deus. Se Ezequias tivesse morrido, não haveria Josias. Além disso, a Bíblia traz indicações de que Ezequias, em seus últimos 15 anos de governo, esteve ocupado com “os homens de Ezequias” (um grupo de escribas; Pv 25:1), os que copiavam as Escrituras do Antigo Testamento e as punham em ordem. Muitos estudiosos esplêndidos crêem que “Cânticos de Peregrinação” (Sl 120—134, NVI) foram agrupados especialmente para celebrar a doença e a recuperação de Ezequias. Além disso, no final de muitos dos manuscritos hebraicos dos livros do Antigo Testamento encontramos as iniciais das letras hebraicas que compõem o nome Ezequias. Talvez Ezequias tenha devotado os últimos 15 anos de sua vida ordenando as Escrituras do Antigo Testamento para o povo por gratidão a Deus e pelo que o Senhor fez. Em relação a Manassés, dizer que um homem deveria morrer a fim de não gerar um filho perverso é demais. Os filhos de Davi eram maus, mesmo Salomão, então por que o Senhor permitiu que Davi vivesse? O Senhor mata um homem por causa dos pecados futuros que um filho ainda não concebido cometerá? Ademais, a cura do rei e a

libertação de Jerusalém ocorreram ao mesmo tempo (20:5-6). Teria sido motivo de glória para o Senhor salvar a cidade e, depois, matar o rei?

III. Os visitantes babilônios (20:12-21)

O que a Assíria não realizou pela força, a Babilônia conseguiu pelo engodo. Satanás é um leão ou uma serpente. O orgulho de Ezequias após a cura e a libertação de Jerusalém levou-o a fazer uma aliança má com a Babilônia. Leia 2 Crônicas 32:25-26 e verifique que foi seu orgulho que lhe trouxe disciplina após sua cura. Com certeza, foi uma loucura o rei deixar o inimigo ver sua riqueza e suas armas, e, no fim, a nação sofreu por causa disso. No versículo 15, observe o orgulho do rei: "Minha casa [...], meus tesouros". O mesmo profeta que lhe trouxe a mensagem jubilosa de cura tem agora de

transmitir-lhe a triste mensagem de julgamento: os tesouros e os filhos do rei iriam para a Babilônia. Deus testava o coração de Ezequias (2 Cr 32:31) para ver se o rei o glorificaria e confiaria nele, não seus tesouros ou sua força pessoal. Manassés foi levado para a Babilônia e preso, mas ele humilhou-se, e o Senhor libertou-o (2 Cr 33:11-19). É triste ver Ezequias mais preocupado com seu dia que com o futuro da nação. É insensato descansar na paz temporária quando a derrota máxima está bem próxima. Contudo, Ezequias, apesar de seus pecados e erros, repousa na história judia como um grande rei. Ele fortaleceu a cidade, melhorou o sistema de água, eliminou os ídolos da terra e tentou trazer o povo de volta ao Senhor. Ele era um homem de oração que sabia como apresentá-la diante do Senhor.

2 REIS 21-23

Esses capítulos mencionam cinco reis, mas nos concentraremos principalmente em dois: Manassés e Josias. O rei Amom governou apenas dois anos (21:19-26); e Jeoacaz, apenas três meses (23:31-33). Em nosso próximo estudo, encontraremos Jeoaquim. O interessante a respeito de Manassés e Josias é que a vida espiritual deles é o oposto uma da outra. Manassés inicia seu reinado em pecado e termina-o em arrependimento humilde, enquanto Josias busca o Senhor desde cedo em sua vida, mas termina seu reinado (e sua vida) em desobediência.

I. O reinado de Manassés (21)

A. Sua rebelião (21:1-9)

Os historiadores calculam que Manassés, por pelo menos dez anos, governou em conjunto com o piedoso Ezequias. Manassés era um homem mau, o pior que qualquer outro que existiu antes ou depois dele. Como é estranho o fato de o piedoso Ezequias ter reinado apenas 29 anos, enquanto o ímpio Manassés reinou 55 anos. No entanto, Deus dava ao povo exatamente o que ele queria e merecia. Não muito depois de Ezequias sair de cena, revelou-se o verdadeiro

caráter de Manassés. Ele erigiu o que Ezequias pusera abaixo. Leia Gênesis 26:18 e faça o contraste com Isaque. Manassés, em vez de imitar o piedoso Ezequias, seguiu os passos do rei Acabe. A tradição diz que Manassés serrou Isaías ao meio; Hebreus 11:37. Manassés levou sua idolatria até os pátios do templo. Ele rebelou-se contra o exemplo de seu pai piedoso e contra a Lei do Senhor.

B. Sua renovação (21:10-15)

Aqui, para conhecermos a história toda, temos de ler 2 Crônicas 33:11-20. Deus enviou seus profetas para advertir o rei, mas o rei não ouviu. O Senhor anunciou à nação que estava para vir julgamento e cativeiro. Judá testemunhará o julgamento de Samaria, mas isso não levou o povo ao arrependimento. O Senhor prometeu tratar a casa de Davi da mesma forma que tratara a casa de Acabe (v. 13). O capitão assírio levou Manassés para a Babilônia, onde ele ficou preso.

C. Seu arrependimento (2 Cr 33:12)

Como isso é típico de muitas pessoas: "Ele, angustiado, suplicou de veras ao SENHOR". O Senhor, em sua graça, perdoou o perverso rei e permitiu que retornasse ao trono. Deus trabalha em favor dos que se humilham com sinceridade e oram.

D. Sua reforma (2 Cr 33:13-20; 2 Rs 21:17-26)

O arrependimento de Manassés não foi uma conversão superficial, pois ele, quando voltou ao trono, começou imediatamente a reparar os danos que causara. Ele fortaleceu Jerusalém contra o inimigo, removeu os ídolos e altares estranhos e tentou levar a nação de volta ao Senhor. É claro que isso era impossível em vista de todo o dano que ele causara, mas temos de elogiá-lo pelo que fez antes de morrer. Infelizmente, o Senhor deu a Manassés o reinado mais longo que qualquer outro rei hebreu teve, no entanto ele não realizou quase nada. Na verdade, nem mesmo o arrependimento dele suspendeu a mão julgadora do Senhor, pois foram os pecados de Manassés que fizeram com que o Senhor enviasse a nação ao cativeiro (23:26-27).

O rei Manassés teve todas as chances de levar uma vida piedosa e de servir ao Senhor e a seu povo com lealdade. Talvez seu pai tenha sido o melhor rei de Judá (com excessão de Davi); o profeta Isaías ministrava na época de Manassés, no entanto este apenas encontrou o Senhor no final de sua vida. Admiramos o que ele fez após sua conversão, porém não podemos deixar de sentir que ele causou mais dano em seus anos anteriores do que conseguiu consertar em seus últimos anos. Observe que ele não

foi sepultado com os outros reis, mas em seu jardim particular.

A conversão tardia de Manassés não afetou seu filho Amom, que copiou os pecados do pai, não seus atos justos. Ele durou apenas dois anos. Depois, foi morto em uma conspiração e sepultado perto do pai.

II. O reinado de Josias (22—23)

O assassinato de Amom levou Josias ao trono aos 8 anos de idade. Quatro eventos-chave resumem a breve vida e reinado desse rei devoto:

A. Salvação (22:1-2; 2 Cr 34:3)

No oitavo ano de seu reinado, Josias, aos 16 anos, começou a buscar o Senhor. Sem dúvida, Hilquias, o sumo sacerdote, ensinou a Palavra do Senhor ao rapaz. É interessante notar que o nome de sua mãe (Jedida) é igual à alcunha que o Senhor deu a Salomão (2 Sm 12:25). O nome significa “amada do Senhor” e pode indicar que sua mãe também foi uma influência de devoção em sua vida. Jeremias e Sofonias também ministraram a ele.

B. Reforma (2 Cr 34:3-7)

Agora, o rei estava com 20 anos e era maduro o bastante para iniciar a purificação da cidade e da terra livrando-a da idolatria de Manassés e de Amom. O objetivo máximo de Josias era restaurar o templo e trazer a nação de volta à adoração do

Senhor, mas ele sabia que tinha de aniquilar os pecados antigos antes de instituir uma nova obediência. Infelizmente, “o reavivamento de Josias” era superficial, nunca chegou ao coração do povo. Embora Jeremias, o profeta, tenha pranteado muito a morte de Josias (2 Cr 35:25; Jr 22:10-12), não o vemos elogiar o jovem rei por seu, assim chamado, “reavivamento”. Com certeza, o rei e seu conselho eram sinceros em sua tentativa de reforma, mas o povo não o seguiu; permanecia idólatra no coração.

C. Restauração (22:3–23:28)

Josias, depois de eliminar os ídolos, podia concentrar-se em restabelecer a verdadeira adoração a Jeová. Não adianta pormos abaixo; temos também de erigir. Ele ordenou que os sacerdotes juntassem dinheiro e restaurassem o templo. Veja 2 Crônicas 34:8—35:19. Durante a restauração do templo, o sumo sacerdote encontrou uma cópia da Lei de Moisés, havia muito descartada pela nação idólatra. Josias, quando ouviu a leitura da Lei, soube de imediato que Judá corria muito perigo e mandou que consultassem o Senhor sobre o que deviam fazer. Hulda, a profetisa, que vivia na “cidade baixa” (“bairro novo”, em 22:14, NVI), transmitiu ao ansioso rei a mensagem do Senhor: (1) Judá e Jerusalém seriam julgados por seus

pecados, mas (2) o rei Josias não veria esses julgamentos, pois se humilhara diante do Senhor. Josias compartilhou imediatamente a Palavra do Senhor com os anciãos da terra e liderou a marcha em um grande culto de consagração, reafirmando a aliança com o Senhor. Ele continuou a purgar a cidade, profanou até a “Tofete” — o vale do Filho de Hinom em que as pessoas queimavam os filhos como sacrifício a Moloque. Como já citamos, o rei transformou esse vale em um depósito de lixo e *Geh Hinnóm* tornou-se, no Novo Testamento, *geenna* — uma imagem vívida do inferno. O monte das Oliveiras era “monte da Destruição” (23:13), mas Josias restaurou-o. Durante essa purgação, Josias expôs o altar do perverso rei Jeroboão, como também a sepultura do profeta que o advertira, e, assim, Josias cumpriu a profecia de 1 Reis 13:1-5. A Palavra do Senhor nunca retorna vazia. O rei não apenas restaurou o templo e a Lei, mas também a celebração da Páscoa que a nação negligenciava havia muito tempo. O rei queria lembrar seu povo de que foram “comprados por preço”.

O que a reforma e a restauração de Josias realizaram? Nos dias de Josias, houve paz e bênção, mas Deus não revogou sua promessa original de julgamento por causa dos pecados de Manassés (23:26-27). A vida e o ministério piedosos

de Josias suspenderam a mão de julgamento do Senhor por mais alguns anos, mas o cativo viria, e nada podia impedir isso.

***D. Assassinato (23:29-37;
2 Cr 35:20-27)***

Provavelmente, o exército egípcio veio pelo mar e aportou na costa da Palestina. O faraó deixou claro que não vinha contra Judá, mas apenas fazia caminho para atacar a Assíria. Josias não buscou o Senhor; na verdade, parece que ele desobedeceu deliberadamente à vontade de Deus. Veja 2 Crônicas 35:22. Nem mesmo seu disfarce o protegeria, já que estava fora da vontade do

Senhor, e ele foi morto na batalha. Zacarias 12:11 faz referência ao grande pesar de Megido por Josias. Talvez o rei devesse ter prestado atenção à grande sabedoria de Provérbios 20:3 e 26:17. Nessa época, talvez Judá fosse aliado da Assíria, e o rei foi obrigado a agir, mas fica claro que o faraó preferiria não lutar com o rei Josias. Jeoacaz, filho de Josias, reinou apenas três meses até que o faraó o depusesse e o prendesse. O faraó escolheu outro filho de Josias, Eliaquim, e o fez rei, dando-lhe o nome de "Jeoaquim" — "aquele que Jeová levantará". Em nosso próximo estudo, examinaremos sua vida e reinado.

2 REIS 24-25

Por fim, chega o momento do julgamento, e Deus mantém sua Palavra de trazer sua fúria terrível sobre seu povo do reino de Judá. O Senhor lhe dera um trono, um templo, uma cidade e uma terra e lançou sua fúria sobre cada uma dessas coisas. Se você quiser alguma informação contrastante sobre esses capítulos, leia Jeremias 25—34 e 2 Crônicas 36. Observe os julgamentos que caem sobre Judá.

I. O rei é deposto (24:1-12,17-20)

O trono de Davi, após o reinado do piedoso Josias, foi ocupado por uma série de homens que desafiaram a Deus com seus constantes pecados. Jeoacaz reinou três meses, como também Joaquim (também chamado de Jeconias, Jr 22:24). Jeoacim governou 11 anos e, no terceiro ano de seu reinado, rebelou-se contra a Babilônia. (A Babilônia derrotou o Egito e agora era a maior nação entre os inimigos de Judá.) Em 604 a.C., Jeoacim foi subjugado pela Babilônia e, em 601 a.C., rebelou-se contra ela. Foi esse rei depravado que rasgou as profecias de Jeremias e queimou-as na fogueira (Jr 36). Em 597 a.C., Jeoacim morreu e deixou o trono para seu filho, Joaquim, que governou três meses.

Em 597 a.C., a Babilônia iniciou o cerco a Jerusalém. Claro que

imediatamente o fraco e o incrédulo Joaquim rendeu-se com sua família, e foram levados para a Babilônia. Os babilônios escolheram Matanias, tio do rei, como o novo rei e deram-lhe o nome de Zedequias. Veja Jeremias 52. Ele reinou 11 anos, de 597 a 585 a.C. No nono ano de seu reinado (588 a.C.), ele fez uma aliança secreta com o Egito e, por isso, atraiu a raiva dos babilônios. Foi essa atitude tola (à qual, por sinal, Jeremias se opôs) que levou o exército babilônico a fazer o cerco final a Jerusalém. Segundo Reis 25:27-30 informa que Joaquim, o rei banido, foi libertado da prisão, na metade do período de cativo, na Babilônia.

Agora, o trono de Davi estava praticamente desocupado. Zedequias foi o último rei de Judá. Os últimos dias de Jerusalém seriam diferentes, se Zedequias tivesse escutado a Palavra de Jeremias.

II. O povo é deportado (24:13-16)

Na verdade, houve três deportações: em 605 (em que Daniel também estava); em 597 (descrita nessa passagem); e em 587 (após os 18 horríveis meses de cerco à cidade). Na segunda deportação, Ezequiel foi levado para a Babilônia. A política babilônia era tirar o melhor do povo da terra — os príncipes, os nobres, os soldados, os artesãos e a família real — e deixar para trás a

camada mais pobre do povo para lidar com as coisas sob o comando de governadores deles. Dessa forma, a nação cativa não conseguia organizar qualquer resistência. É claro que Jeremias predisse essa deportação (cap. 25), como também Moisés, na Lei (Lv 26; Dt 28). O povo corrompera com sangue e com ídolos a terra dada pelo Senhor. Ele não estava mais qualificado para viver nela. O Senhor tinha de varrê-lo dali a fim de poder purificar a terra de novo.

III. A cidade é destruída (25:1-12)

Leia Lamentações para conhecer a descrição vívida que Jeremias fez da destruição de Jerusalém. O cerco à cidade iniciou-se em 15 de janeiro de 588 a.C. e durou 18 meses. Em 19 de julho de 586, fizeram uma abertura no muro, e os cidadãos souberam que o fim estava próximo. Zedequias e seus homens tentaram fugir (vv. 4-6), mas foram interceptados pelo exército babilônio. Jeremias 32:4-5 e 34:1-7, como também Ezequiel 12:13, previram que Zedequias não escaparia. Ele veria o rei babilônio, mas não a Babilônia. Ele viu Nabucodonosor e, a seguir, eles tiraram seus olhos e já o levaram cego para a Babilônia. Um mês depois, os babilônios incendiaram Jerusalém, derrubaram os muros e destruíram o templo.

IV. O templo é desonrado (25:13-17)

O exército babilônio despojou o templo de todas as suas riquezas. Ele quebrou em pedaços os objetos que eram muito grandes para ser carregados inteiros. Os instrumentos de cobre, de ouro e de prata foram levados para a terra pagã. Segundo Reis 24:13 afirma que incluíram no espólio o ouro de Salomão e os tesouros do palácio. Em Jeremias 7, observamos que os judeus achavam que Deus os protegeria da invasão por causa do templo. Os profetas falsos e os sacerdotes mundanos fizeram o povo acreditar em mentiras, da mesma forma que hoje as pessoas acreditam que os rituais de sua igreja ou a religião as salvarão do julgamento. Em vez de os vasos da casa do Senhor serem usados para a glória de Deus, foram levados para embelezar os templos dos ídolos babilônios (2 Cr 36:7).

O templo não poderia salvar a nação; apenas a confissão sincera e o arrependimento de coração. Mas era muito tarde. A nação zombara “dos mensageiros [...] de Deus [...] e não houve remédio algum”.

V. A terra fica devastada (25:18-30)

Um oficial babilônio reuniu os nobres que foram deixados para trás e transformou-os em escravos (vv. 18-21). Na terra, ficaram apenas as pessoas mais pobres. Nabucodonosor instituiu o sistema de governo para a

terra e nomeou Gedalias o primeiro governador. O pai dele ajudara Jeremias (Jr 26:24; 39:14), e sua família era devotada ao profeta (veja Jr 39—40). Gedalias trouxe garantia, paz e segurança razoáveis aos que ficaram na terra, mas o ciúme de Ismael (provavelmente, um parente distante do rei) levou-o a fazer um complô e assassinar o governador (Jr 40—41). Muitos judeus fugiram para o Egito em busca de segurança quando descobriram o complô.

Segundo Crônicas 36:20-21 informa que se calculam os 70 anos de cativo a partir dos anos sabáticos de Levítico 25. A cada 70 anos, os judeus deviam deixar a terra descansar, mas eles não obedeceram a essa lei durante séculos. Veja Jeremias 38:8-22. Observe também que Deus prometeu puni-los “sete vezes mais” por seus pecados (Lv 26:18,21,28), portanto o número sete tem um papel importante no cativo da nação. Os 20 reis de Judá (durante a divisão do reino) reinaram juntos por, aproximadamente, 390 anos, e Davi, Salomão e Saul reinaram ao todo 120 anos,

perfazendo o total de 510 anos de monarquia. No entanto, em alguns casos, pai e filho reinaram juntos, portanto esse número de anos se sobrepõe. Isso significa que, de Saul a Zedequias, houve menos de 500 anos de reinado em Judá, e 500 dividido por 7 (para o ano sabático) dá aproximadamente 70 anos. Da mesma forma que Israel escolheu 40 anos de peregrinação no deserto após espionar a terra durante 40 dias, a negligência em relação ao ano sabático por quase cinco séculos trouxe-lhe 70 anos de cativo.

Tudo que Deus deu aos judeus lhes foi tirado. Eles não tinham rei no trono de Davi nem têm hoje. Eles não tinham templo, pois o Templo foi queimado e os vasos sagrados, confiscados. Hoje, eles não têm templo. A cidade santa deles foi destruída e desde aquela época tem sido o foco de guerras e de inquietações no Oriente Médio. É claro que esse cerco terrível foi apenas um presságio da destruição terrível de Jerusalém, em 70 d.C. “Sabei que o vosso pecado vos há de achar.”

1–2 CRÔNICAS

Esboço

- I. Genealogia de Adão ao rei Saul (1 Cr 1—9)
- II. O reinado do rei Davi (1 Cr 10—29)
 - A. A morte do rei Saul (10)
 - B. Davi firma seu reino (11—16)
 - C. A aliança de Deus com Davi (17)
 - D. Davi expande o reino (18—20)
 - E. Davi faz o censo (21)
 - F. Davi prepara a construção do templo (22—29) (A morte de Davi)
- III. O reinado do rei Salomão (2 Cr 1—9)
 - A. Salomão recebe a bênção de Deus (1)
 - B. Salomão constrói e consagra o templo (2—7)
 - C. A fama e o esplendor de Salomão (8—9)
- IV. O reino dividido (os reis de Judá) (10—36)
 - A. O reinado de Roboão (10—12)
 - B. De Abias a Asa (13—16)
 - C. O reinado de Josafá (17—20)
 - D. De Jeorão a Amazias (21—25)
 - E. O reinado de Uzias (26)
 - F. Os reinados de Jotão e Acaz (27—28)
 - G. O reinado de Ezequias (29—32)
 - H. Os reinados de Manassés e Amom (33)
 - I. O reinado de Josias (34—35)
 - J. O último rei e a queda de Judá (36)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Samuel, Reis e Crônicas registram a história dos judeus a partir do último juiz (Samuel) e a instituição do primeiro rei (Saul) até o exílio da nação na Babilônia. Primeiro e Segundo Reis foram escritos do ponto de vista dos profetas, enquanto 1—2 Crônicas apresentam a visão sacerdotal em relação à história dos judeus. Crônicas enfatizam os levitas, a construção do templo, as alianças com Deus registradas em Deuteronômio e a cidade santa de Jerusalém. Podemos dizer que 1—2 Reis apresentam o relato político, e 1—2 Crônicas, o religioso. O segundo livro de Crônicas registra, pelo menos, cinco reavivamentos na história de Judá (caps. 15, 20, 23—24, 25 e 29—31).

Em 1 Crônicas 1—9, a cronologia é anterior a 1 Samuel 1 e é o “elo vivo” com o passado. Os judeus consideravam importante conhecer a história da família a fim de poderem afirmar sua posição na nação. Isso é especialmente verdade em relação aos sacerdotes e levitas que serviram no tabernáculo e, depois, no templo.

O escritor de 1 Crônicas recupera o relato da morte de Saul (1 Cr 10). É interessante observarmos o que ele omite do relato: o longo conflito entre Davi e Saul; a rivalidade

com Isbosete (2 Sm 2—4); o pecado de Davi com Bate-Seba; o problema da família de Davi com Amnom e Absalão; os pecados de Salomão; e muito da história dos reis de Israel (o Reino do Norte). O relato foca os reis de Judá e enfatiza a escolha de Deus, Davi e seus descendentes, para reinar de Jerusalém. Se estudar apenas os relatos de 1—2 Crônicas, você nunca saberá que Davi e Salomão pecaram! De acordo com o escritor de 2 Crônicas, não foi o pecado de Salomão que dividiu o reino, mas o esquema político de Jeroboão. As duas coisas são verdadeiras, mas é interessante ver o ponto de vista sacerdotal que quase idealiza Davi e Salomão. Afinal, Davi providenciou o dinheiro para a construção do templo, como também os cânticos e os instrumentos musicais, além de organizar os levitas; e Salomão construiu o templo.

O livro mostra que Deus abençoa seu povo quando este obedece à sua vontade e disciplina-o quando lhe desobedece. O Senhor é verdadeiro com sua aliança, mesmo que o povo prove ser falso com ele. Quando a paciência de Deus acabou, ele entregou o povo de Judá para os babilônios e permitiu que o inimigo destruísse o templo e a cidade de Jerusalém. Segundo Crônicas termina com uma cópia do decreto de Ciro, a permissão para que os judeus retornassem para sua terra e, dessa

forma, é paralelo ao início de Esdras. O escritor vê continuidade na história do povo, porque o Senhor guia-o e realiza seus propósitos por intermédio dele, apesar dos seus pecados.

Um livro útil no estudo de 1—2 Crônicas é *A Harmony of Samuel, Kings and Chronicles* [Harmonização de Samuel, Reis e Crônicas], de William D. Crockett (Baker Book House).

1 CRÔNICAS 1-9

Hoje, as genealogias tornam a leitura entediante para muitas pessoas, mas elas são essenciais para os judeus, que, por várias razões, deviam manter um registro exato de seus laços familiares. A pessoa tinha de conhecer sua tribo, seu clã e suas relações familiares porque a propriedade devia manter-se em posse da tribo. O parente resgatador, nas situações em que salvava uma pessoa pobre, precisava provar que, de fato, era um parente próximo. (Leia Rute.) O primogênito recebe duas vezes mais herança que os outros filhos. É claro que os sacerdotes e os levitas tinham de provar que eram da tribo de Levi, ou não podiam servir no tabernáculo ou no templo.

Essas centenas de nomes, alguns difíceis de pronunciar, representam pessoas que Deus usou para manter vivos os elos com as promessas e as alianças do passado. O Senhor escolheu os judeus e fez-lhes promessas que, em última instância, afetam o mundo inteiro. O Salvador não poderia nascer neste mundo se houvesse uma quebra na cadeia de elos vivos.

A maioria dessas pessoas é desconhecida enquanto outras poucas delas são muito famosas, mas o Senhor usou-as todas para alcançar seus propósitos. Quando você lê a Bíblia, lembra-se de pessoas como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Josué, Samuel e Davi, mas esses homens não entrariam em cena se não fosse por outras pessoas muito menos conhecidas que eles. Agradecemos ao Senhor pelas

“pessoas esquecidas” que ajudaram “os famosos” a chegarem lá!

Há nomes de pessoas espalhados em meio a essas genealogias a quem se deu uma identificação especial, e refletir a respeito delas pode render-nos algumas lições espirituais valiosas.

I. Ninrode, o caçador valente (1:10)

A referência é a Gênesis 10:8-10. A palavra “caçador” tem a conotação de caça a pessoas, não a animais. Ele foi um rebelde que desafiou o Senhor e iniciou o reino infame da Babilônia. Depois que os filhos de Noé começaram a repovoar a terra, não demorou muito para que seus descendentes se virassem contra o Senhor. A lição do dilúvio não criou raízes profundas em seu íntimo.

II. Er, o filho mau (2:3)

Veja Gênesis 38. Não sabemos a natureza do pecado de Er, mas era sério o suficiente para Deus matá-lo. Seu irmão, Onã, recusou casar-se com a viúva e dar continuidade ao nome e à família do irmão, e, por isso, também foi morto. Veja Deuteronômio 25:5-10. Era importante para Deus que o povo judeu continuasse a multiplicar-se, pois o Senhor tinha algumas tarefas especiais para ele realizar. Infelizmente, o nome de Onã entrou para o dicionário (“onanismo”) como sinônimo para masturbação, pois essa não foi sua ofensa. Toda a história de Judá e

Tamar é repulsiva para nós, no entanto Tamar é citada na genealogia de Jesus Cristo (Mt 1:3).

III. Acar (ou Acã), o perturbador de Israel (2:7)

Leia Josué 6—7. O pecado dele foi violar a proibição que Josué impôs em relação a todo o espólio de Jericó porque era consagrado ao Senhor. Acã pensou que tivesse escapado com o espólio roubado, mas a derrota do exército israelita em Ai levou à descoberta dele e à sua execução. Se Acã tivesse esperado alguns dias, teria todo o espólio que queria em Ai! Um pecador pode causar problemas para a nação toda.

IV. Amnom, o impuro (3:1)

Ele violou sua meia-irmã Tamar, e, no fim, foi assassinado por Absalão (2 Sm 13—14). Alguns dos filhos primogênitos apresentados nesse capítulo não são modelos de virtude. Er foi morto pelo Senhor (2:3); Amnom, pelo irmão (3:1); e Rúben perdeu a primogenitura porque violou a concubina do pai (5:1-2). Em Israel, o primogênito tinha privilégios especiais, mas esses três homens jogaram fora seus privilégios pelos “prazeres transitórios do pecado”.

V. Jabez, o destemido (4:9-10)

Em hebraico, o nome “Jabez” significa “fazer sofrer”. Com certeza,

não foi culpa de Jabez que sua mãe tivesse tanta dificuldade no parto, mas ela deu-lhe um nome que traria à lembrança dele e à dos outros sua dor. Veja Gênesis 35:18-19. O texto sugere que os irmãos o rejeitaram e não eram homens de caráter ilustre. Jabez superou seu nome e os problemas da família ao voltar-se para o Senhor em oração e pedir sua bênção.

VI. Rúben, o indomável (5:1-2)

É estranho que os pecados de um homem apareçam em uma genealogia oficial. Gênesis 35:22 registra o feito, e, em 49:3-4, Jacó torna-o público em seu leito de morte e julga Rúben pela falta de autocontrole. Este perdeu a primogenitura, que foi dada a Efraim e Manassés (Gn 48:15-22). Um ato pecaminoso pode custar caro para o pecador e sua família!

VII. Berias, o desventurado (7:20-23)

Os filhos de Efraim — Ézer e Eleade — foram mortos quando tentavam roubar algum gado, e o pai deles chorou essa perda. Efraim encontrou conforto no amor da esposa que deu à luz um filho, a quem Efraim chamou de Berias, que significa “infortúnio”. Ele, Jabez e Benjamim (Benoni) poderiam formar uma associação de homens com nomes desditosos.

1 CRÔNICAS 22-29

Como o relato de Crônicas foi escrito do ponto de vista dos sacerdotes, espera-se uma ênfase maior na construção do templo. É notável o fato de construírem o templo na propriedade que Davi comprou de Ornã, um lembrete do grande pecado de Davi ao fazer o censo (1 Cr 21). Salomão, filho de Bate-Seba, a mulher com quem Davi cometeu adultério, construiu o templo. Apenas Deus pode pegar os dois maiores pecados de um homem e construir um templo a partir deles. "Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5:20).

I. O construtor do templo (22:1-19)

O coração de Davi sempre se mostrou inclinado para a construção do templo do Senhor (veja 2 Sm 7), mas, por ter se ocupado totalmente com guerras, não pôde fazer a obra. Outra razão para isso era o fato de que era guerreiro e, por isso, derramara sangue. Davi juntou, ao longo de sua vida, tesouros para o templo e, depois, transferiu-os para seu filho Salomão. Deus deu a Davi as plantas para o templo (1 Cr 28:11-12,19), da mesma forma que deu a Moisés a planta para o tabernáculo (Êx 25:40). Certifique-se de que o plano vem do céu quando for fazer algo para o Senhor na terra. E se o

Senhor não permitir que você faça algo que realmente está em seu coração, tente ajudar outra pessoa a fazer isso.

A unção de Salomão como rei aconteceu em particular, na presença dos líderes, a fim de assegurar o trono (vv. 17-19); depois, o novo rei foi apresentado publicamente ao povo (cap. 28). Nosso Senhor Jesus foi ungido Rei, mas sua apresentação pública ainda deve acontecer. Nesse meio tempo, nós, os que cremos nele, devemos auxiliá-lo a construir seu templo, a igreja (Mt 16:18; Ef 2:19-22). Davi recrutou os "estrangeiros" (os que não eram israelitas) e forçou-os a trabalhar no templo (v. 2). Contudo, o Senhor pegou pecadores "estrangeiros e peregrinos" e transformou-os em concidadãos e em pedras vivas do seu templo (Ef 2:19-22; 1 Pe 2:5). Quanta graça!

Davi admoestou Salomão para que cresse no Senhor e lhe obedecesse; caso contrário, não poderia construir o templo para a glória do Senhor. Deus deu a Salomão e à nação descanso da guerra (em hebraico, o nome Salomão relaciona-se com a palavra hebraica *shalom*, que significa "paz"), como também lhe daria sabedoria para executar o trabalho. Não podemos nem começar a calcular o valor do tesouro que Davi juntou (v. 14).

Assim, Davi deu a Salomão a fortuna para construir o templo,

as plantas, os operários e a cooperação dos príncipes da terra (vv. 17-19). Mas o “cerne” da questão tinha de ser Salomão (v. 19). Se o coração de Salomão estivesse reto com o Senhor, então Deus abençoaria seu esforço. Não há nada automático em relação ao serviço do Senhor. Se estivermos retos com ele, ele fará nosso esforço prosperar (Js 1:8; Mt 6:33).

II. Os ministros do templo (23:1—26:32)

Segundo Crônicas 29:25 relata que o Senhor deu a Davi, por intermédio dos profetas Gade e Natã, os planos para a organização dos sacerdotes e dos levitas. O Senhor comandou não apenas a planta do próprio templo, mas também o que entraria no templo e a organização de tudo. Hoje, a igreja local precisa prestar atenção à orientação fornecida no Novo Testamento em relação à sua organização e ao seu ministério. Com muita freqüência, adotamos as idéias do mundo e rejeitamos os ideais da Palavra.

Havia 38 mil levitas disponíveis, e Davi dividiu-os em quatro grupos: 24 mil para supervisionar a obra do templo; 4 mil músicos; 4 mil porteiros, tarefa que envolvia cuidar dos tesouros do templo e da casa de depósitos; e 6 mil deviam espalhar-se por toda a nação a fim de ministrar aos judeus e aos professores da Lei.

Não basta que as pessoas venham à casa do Senhor; os servos de Deus também devem ir até as pessoas. Note que Davi providenciou os instrumentos para os adoradores usarem (23:5) e escreveu muitos dos cânticos que usavam para adorar o Senhor.

Durante os anos de errância de Israel, os descendentes de Levi foram designados para desmontar o tabernáculo, carregar as várias partes dele e remontá-lo no local em que o Senhor ordenasse que o povo acampasse (veja Nm 3—4). Agora que serviriam em um santuário permanente, os três clãs dos filhos de Levi foram designados para outras tarefas.

Os sacerdotes foram divididos em 24 turnos (cap. 24; veja Lc 1:5), o que significa que eles serviam em “turnos”, provavelmente duas semanas a cada mês. Davi fez as coisas “com decência e ordem” (1 Co 14:40). As designações específicas eram determinadas por sorteio (Lc 1.8-9).

Os porteiros (cap. 26) guardavam o templo e a casa de depósitos. Lembre-se de que Obede-Edom (26:4) foi quem guardou a arca da aliança em sua casa antes de ela ser finalmente posta na tenda (1 Cr 13:13-14). A posição dos porteiros era designada por sorteio (26:13). Tenha em mente que os judeus levavam dízimos e ofertas para o templo como parte da adoração, e todos esses bens tinham

de ser estocados, inventariados e protegidos. Acima de tudo, o tesouro do templo continha objetos de valor consagrados ao Senhor, como também materiais necessários para o culto ao Senhor (veja 1 Cr 9:27-34). Era importante impedir que as especiarias, a farinha e outros itens fossem contaminados. É uma infelicidade quando coisas que corrompem entram na casa do Senhor.

Ao examinar esses capítulos e os muitos nomes apresentados, emocionamo-nos com o fato de que Deus usa as pessoas para realizar seu trabalho, pessoas com diferentes talentos e ministérios. Alguns dos servos do templo lideravam os cânticos de louvor ao Senhor; outros tocavam os instrumentos; alguns guardavam o tesouro; outros inventariavam os presentes trazidos ao templo. Os sacerdotes ofereciam os sacrifícios ao Senhor e cuidavam do culto diário de adoração. Tudo estava organizado para haver eficiência, e todo o ministério do templo trazia glória ao Senhor. Mesmo os que trabalhavam no “turno da noite” louvavam o Senhor pelo privilégio de adorá-lo e servir-lhe (Sl 134).

III. Os protetores do templo e da terra (27:1-34)

A. O exército (vv. 1-15)

Mudamos agora da organização do templo para o governo civil, pois na

nação de Israel ambos eram ordenados por Deus e governados de acordo com sua lei divina. O exército tinha 12 unidades, e cada uma servia durante um mês por ano. É claro que, se fosse necessário, essas unidades seriam rapidamente todas convocadas ao mesmo tempo.

Se compararmos 1 Crônicas 11:10ss com os nomes dos líderes apresentados nos versículos 2-15, veremos que os “homens valentes” de Davi comandavam o exército. Ele testara esses homens em várias ocasiões e sabia que podia confiar neles.

B. Os servos civis (vv. 16-24)

Não havia apenas soldados capazes para liderar cada uma das doze unidades do exército, mas também encarregados competentes designados para as tribos de Israel (vv. 16-22). Davi tinha uma cadeia de comando na nação; dessa forma, cada tribo tinha um representante perante o rei. Na Bíblia, não há outro registro a respeito de Eliú, irmão de Davi (v. 18). Talvez essa seja uma variação do nome “Eliabe” (1 Cr 2:13). Com frequência, usava-se a palavra hebraica “irmão” para qualquer parente; contudo, imagina-se que uma lista oficial, como essa, visasse à exatidão.

É interessante que um dos filhos de Abner fosse um dos encarregados da confiança de Davi (v. 21).

Abner tentou manter a dinastia de Saul após a morte deste e criou problemas para Davi (2 Sm 1—4). Davi obedeceu à ordenança de Deuteronômio 24:16.

C. Os inspetores de Davi (vv. 25-34)

Na sociedade moderna, os líderes governamentais têm de renunciar a qualquer coisa que provoque conflito de interesses, mas isso não acontecia nas monarquias antigas. O rei era um homem muito rico, graças aos espólios de guerra, aos tributos pagos pelos governantes conquistados e ao lucro que tinham com suas terras. Para fazer justiça a Davi, temos de reconhecer que ele, como não se cobrava imposto dos cidadãos, tinha de usar boa parte dessas entradas para a administração do próprio governo. Todas as propriedades tinham de ser supervisionadas; os trabalhadores, pagos; e os lucros, guardados.

IV. O encorajamento para construir o templo (28:1—29:30)

O escritor apresenta “as últimas palavras de Davi” (1 Cr 23:27), como também as últimas obras dele: a preparação de Salomão e das pessoas para a construção do templo. É maravilhoso pensar que Davi tentava construir um templo para a glória do Senhor, e não um monumento para sua glória pessoal. Ele morreria sabendo que as gerações futuras

teriam uma bela casa de oração e louvor em que poderiam honrar o Senhor. Davi não serviu apenas “à sua própria geração” (At 13:36), o que todos os filhos de Deus devem fazer, mas também serviu às gerações por vir. Ele providenciou os materiais para a construção do templo, organizou o ministério do templo, escreveu cânticos para os cantores do templo e até projetou instrumentos musicais para os levitas tocarem.

Davi reuniu todos os líderes de Israel e exortou-os, encorajando-os a apoiar Salomão em sua administração, especialmente na construção do templo.

A. As escolhas de Deus (28:1-7)

Davi enfatiza que Deus escolheu a tribo de Judá para ser a tribo real (v. 4; Gn 49:8-10); e, na casa de Judá, escolheu a família de Davi para reinar (1 Sm 16:6-13; 2 Sm 7). A seguir, o Senhor escolheu Salomão para ser o sucessor de Davi e construir o templo. Essa era uma obrigação sagrada de Salomão, pois essas eram as pessoas escolhidas do Senhor, e o templo era para o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó.

B. Os desafios de Davi (28:8-10,20-21)

Primeiro, Davi exortou todos os que tinham posição de comando e o povo a obedecer a todas as ordens do Senhor (v. 8). Que bem traria ter

um templo bonito se o povo desobedecesse ao seu Deus? Eles, como concidadãos da congregação do Senhor, deviam ao Senhor e uns aos outros viver de acordo com a Lei que o Senhor dera graciosamente a eles. Os judeus possuíam a terra em virtude da aliança do Senhor com Abraão (Gn 12:1-3; 13:14-18), mas eles só possuiriam a terra e desfrutariam dela enquanto obedecessem à Palavra do Senhor. Veja Deuteronômio 27—30. Eles tinham de ser um povo obediente se quisessem manter a posse da terra e deixá-la para as gerações posteriores. Devemos ter em mente a obrigação solene de sermos administradores de tudo que o Senhor nos dá, sabendo que, se não formos fiéis ao Senhor, não teremos nada para deixar para nossos filhos e netos.

A seguir, Davi instruiu Salomão (28:9-10,20-21) a ser fiel no cumprimento de sua responsabilidade como rei e construtor do templo. “Sê forte e corajoso” (vv. 10,20) lembra a admoestação do Senhor a Josué (Js 1:6-7,9,18). A tragédia é que Salomão não manteve um coração perfeito diante do Senhor, mas amou mulheres estrangeiras e adorou os deuses falsos delas (1 Rs 11). Um coração perfeito não é um coração sem pecado, pois ninguém consegue viver sem pecar de alguma forma. Isso significa um coração totalmente devotado ao Senhor, um

coração sincero. Quando Salomão começou a adorar outros deuses ao mesmo tempo que adorava Jeová, ele passou a ter um coração dividido, portanto não mais verdadeiro com o Senhor. Quando Salomão abandonou a Palavra do Senhor foi que ele começou a adorar ídolos (veja Dt 17:14-20; Js 1:8).

C. As contribuições de Davi (28:11-19)

O Senhor, por intermédio de Davi, providenciou tudo que Salomão precisava para o grande projeto de construção do templo: as plantas da obra, a organização dos sacerdotes e levitas, a riqueza material e as pessoas para trabalhar nessa obra. Uma vez que não sabemos o valor exato do ouro e da prata naquela época, não podemos calcular com exatidão o valor de todo o material utilizado, mas com certeza estava na casa de dezenas de milhões de reais.

D. O desafio de Davi (29:1-9)

Davi sabia que o povo devia contribuir para a construção do templo, por isso pediu que os líderes da nação contribuíssem, e eles o fizeram de boa vontade. Primeiro, Davi deu o exemplo e contribuiu, depois lembrou-os de que davam para o Senhor (29:1). A doação deles era um ato de adoração (29:5b), e eles doaram com generosidade. A menção ao ouro, à prata e às pedras

preciosas lembra a linguagem usada para descrever a construção da igreja local na passagem de 1 Coríntios 3:10-23.

E. A consagração feita por Davi (29:10-19)

Davi orou e consagrou a oferta, o novo rei e o povo do Senhor. Ele abençoou o Senhor e exaltou-o por seus atributos magníficos. Ele expressou sua humildade diante do Senhor (29:14) e o reconhecimento de que os bens que ele e seu povo trouxeram para a construção do templo vieram do Senhor! “Tudo vem de ti, e nós apenas te demos o que vem das tuas mãos” (NVI). O fato de sermos “estranhos” e “peregrinos” neste mundo (v. 15) deve encorajar-nos a dar com generosidade ao Senhor, pois apenas o que damos a ele perdura (Mt 6:19-21). A vida é breve,

e não podemos guardar qualquer coisa para nós mesmos nem levar conosco quando nos formos (1 Tm 6:7; veja Sl 90:1-11).

Leia o capítulo 29 com atenção e observe como o povo oferta e por que oferta; a seguir, leia 2 Coríntios 8—9 e note como Paulo ensina muitas dessas mesmas verdades a respeito do doar.

F. A coroação de Salomão (29:20-30)

Davi, em um grande culto de adoração em que o Senhor foi glorificado, passa o cetro para seu filho Salomão, e o povo regozija-se com a bondade do Senhor. Deus podia engrandecer Salomão, porque ele engrandecera o Senhor (veja Fp 1:20; Js 3:7). Davi morreu, mas o trono de Israel continuou. Deus sepultou seu trabalhador, mas continuou sua obra.

2 CRÔNICAS

I. O declínio do reino (1—9)

Encontramos a maior parte das informações apresentadas nesses capítulos também em 1 Reis 1—11. Salomão inicia seu reinado em comunhão com o Senhor, mas gradualmente seu coração afasta-se do Senhor, e ele começa a adorar os deuses de suas muitas esposas estrangeiras. Deuteronômio 17:14-20 advertiu os reis judeus de não multiplicarem os cavalos e carros, as esposas ou o ouro, mas Salomão fez as três coisas (1 Rs 10:14,26,28; 11:1-8).

Ao mesmo tempo que indubitavelmente os anos do reinado de Salomão foram os melhores de Israel em termos de prosperidade, fama e poder político, também foram os piores no que se refere à devoção espiritual ao Senhor. Sim, Salomão iniciou seu reinado no altar, fazendo sacrifícios ao Senhor e pedindo-lhe sabedoria, mas não continuou dessa forma. Além disso, o rei vivia com fausto porque arrecadava alimento e taxas do povo. Salomão reorganizou as doze tri-

bos em doze distritos de taxaço, sendo cada distrito responsável por providenciar seu alimento a cada mês (1 Rs 4:7-19). Quando lemos o cardápio para cada dia, entendemos por que o povo sentiu-se onerado (1 Rs 4:22-25; 12:1-5). Sim, o reino era verdadeiramente glorioso, mas começava a declinar em todos os aspectos.

II. A divisão do reino (10—12)

Roboão, filho de Salomão, herdou o trono e teve uma chance única de trazer o povo de volta ao Senhor. Ele teria salvo a nação da divisão se tivesse escutado aos conselheiros mais velhos. Em vez de fazer isso, ele ouviu os conselhos insensatos dos mais jovens que tinham pouco conhecimento da vida e do serviço. Isso não quer dizer que os mais velhos sempre são sábios, e os jovens, insensatos, pois não é verdade. Roboão, como seu pai Salomão, foi criado no fausto e não conhecia os fardos das pessoas comuns. Faltava-lhe percepção para reconhecer um bom conselho quando o recebia.

Quando Roboão tentou guerrear com Jeroboão e unir as tribos, Deus impediu essa tentativa porque a divisão da nação era iniciativa do Senhor. Mas Roboão e Jeroboão pecaram contra Deus. Roboão “deixou a lei do SENHOR” (12:1) porque “não dispôs o coração para buscar ao SENHOR” (12:14). Deve-se creditar a Roboão o

fato de ter-se arrependido e buscado a ajuda do Senhor quando Deus mandou o exército egípcio para disciplinar a nação. Contudo, ele não levou o povo de volta ao Senhor.

Jeroboão, rei de Israel (o Reino do Norte), temia que o povo voltasse a Jerusalém para adorar a Deus. Assim, ele instituiu seu próprio sistema de adoração; idólatra, bem entendido. Israel nunca voltou para o Senhor, e, no fim, o reino foi trágico pela Assíria.

A única razão para Deus preservar o Reino do Sul, Judá, por tanto tempo como o fez foi por causa de seu amado Davi (1 Rs 11:34-39; 15:4). O povo devia muito a Davi e à longanimidade do Senhor!

A partir desse ponto (cerca de 930 a.C.), o reino dividiu-se: Judá e Benjamim, do Reino do Sul, Judá; as outras dez tribos, do Reino do Norte, Israel, ou Samaria. O registro de Reis vai e volta entre Israel e Judá, mas o registro em 2 Crônicas foca principalmente os reis de Judá.

III. A decadência do reino (13—36)

Ao mesmo tempo que os reis de Israel, em sua maioria, eram apóstatas, muitos reis de Judá foram homens de Deus e tentaram trazer o povo de volta ao Senhor. Entretanto, o pecado já infectara os dois reinos e era apenas uma questão de tempo para que desmoronassem.

A. Asa (caps. 14—16)

Asa liderou a nação em duas reformas: a remoção dos altares dos deuses estranhos e o retorno do povo ao Senhor. Deus honrou seus esforços ao dar à nação dez anos de paz, durante os quais o rei fortificou as cidades. A vitória sobre os etíopes e a mensagem do profeta Azarias fizeram com que o rei reunisse o povo a fim de reafirmar sua aliança com o Senhor (15:12). Asa até casou-se com a rainha-mãe e destruiu os ídolos dela! É muito triste que, em seus últimos anos, Asa deixou de crer no Senhor e roubou o templo para comprar a proteção de um rei pagão. O rei não se arrependeu quando foi repreendido pelo profeta Hanani e, além disso, não se voltou para o Senhor quando adoeceu. Iniciar bem não é garantia de acabar bem.

B. Josafá (caps. 17—20)

Ele foi um dos maiores reis de Judá, apesar de ter tomado algumas decisões insensatas. Ele não apenas buscou o próprio Deus, mas mandou os sacerdotes irem ao povo a fim de ensinar-lhe os caminhos do Senhor. Seu primeiro erro foi casar-se na família do rei ímpio de Israel Acabe, adorador de Baal e marido da perversa rainha Jezabel. Foi um casamento de conveniência política, e, assim, Acabe pôde aliar-se a Josafá. Salomão adotou essa abordagem para garantir pactos de direitos com outras nações

(1 Rs 3:1). Josafá, ao fazer paz com o rei de Israel, fez concessões em sua posição política e religiosa.

O segundo erro de Josafá foi unir-se a Acabe na luta contra os inimigos de Israel. Acabe disse a Josafá que usasse a indumentária real na batalha, o que o transformava em um alvo fácil, mas Deus protegeu Josafá e fez com que Acabe fosse morto. Esse evento deve encorajar-nos a não pecar, pois o Senhor não está obrigado a proteger-nos quando não seguimos a vontade dele (Sl 91:9-16).

Seu terceiro erro foi aliar-se ao perverso rei Acazias em uma tentativa de conseguir riquezas (20:35-37). Deus quebrou os navios e deu um fim ao empreendimento. É uma infelicidade que, às vezes, falte discernimento às pessoas piedosas, e estas se deixem envolver em alianças que são benéficas apenas aos inimigos e desgraçam o nome do Senhor.

Quando confrontado pela união dos exércitos dos moabitas e dos amonitas, dois antigos inimigos de Israel (Gn 19:30-38; Dt 23:3; Ne 13:1ss), Josafá pôs sua fé no Senhor, e ele deu-lhe grande vitória. A combinação de oração (20:3-13), profecia (20:14-17) e louvor (20:18-22) deu-lhe a vitória. (Perguntamo-nos como se sentiu o coro de levitas ao sair à frente do exército. Contudo, a adoração é uma arma poderosa contra o inimigo.)

C. Joás (caps. 23—24)

Joás era fruto de um milagre, pois sua perversa avó Atalia matou todos seus irmãos, e apenas ele sobreviveu. Repousava sobre o menino o futuro da linhagem de Davi e da promessa messiânica! Com frequência, na história de Israel, Satanás tentou matar os que faziam parte do plano de Deus (Gn 3:15). Joiada, o piedoso sumo sacerdote, protegeu Joás e, depois, instituiu-o rei. Ao mesmo tempo, Joiada viu o que Atalia e seus seguidores desordenaram. O rei, sob a contínua influência espiritual de Joiada, fez muitas reformas, em especial a restauração do templo. No entanto, quando o sumo sacerdote morreu, o rei cometeu o mesmo erro de Roboão e escutou os conselhos do mundo. Joás acabou matando Zacarias, filho de Joiada, em vez de prestar atenção à mensagem do Senhor que ele trazia e arrepender-se.

Joás é uma advertência a todos que professam fazer a vontade de Deus, mas, na verdade, não têm o amor pelo Senhor no coração. Se sua fé é fortalecida por alguém, o que você fará quando esse alguém se for?

D. Uzias (cap. 26)

Ele era também chamado de Azarias. Após um longo e próspero reinado, ele tentou tornar-se um sacerdote, e o Senhor castigou-o com a

lepra. “Deus o ajudou” (v. 7), e ele obteve uma vitória após outra. Ele “foi maravilhosamente ajudado, até que se tornou forte” (v. 15). Ele, dominado pelo orgulho, intrometeu-se no ministério dos sacerdotes no templo, algo proibido por Deus. Jesus Cristo é o único Rei Sacerdote que o Senhor aceita. Uzias é um aviso para que não nos tornemos orgulhosos e tentemos nos envolver em coisas que contrariam a vontade do Senhor.

E. Ezequias (caps. 29—32)

Ele foi um dos maiores reis de Judá e o líder espiritual mais devotado. Ele restaurou o templo e a verdadeira adoração a Jeová em uma escala nunca vista antes. Ele chamou toda a nação — Israel e Judá — para celebrar juntos a Páscoa e purificou a terra eliminando os ídolos. Pensaríamos que tal devoção ao Senhor o manteria afastado dos problemas, mas não foi o que aconteceu. Segundo Crônicas 32:1 declara: “Depois destas coisas e desta fidelidade, veio Senaqueribe, rei da Assíria, entrou em Judá”. Às vezes, a obediência traz grandes provações que são para o nosso bem e para a glória do Senhor. Veja as notas de 2 Reis 18—20 e leia Isaías 37—39.

F. Josias (caps. 34—35)

Ao grande rei Ezequias seguiu-se Manassés, que levou a nação a uma

pecaminosidade abominável. Ele reconstruiu tudo de mau que seu pai destruíra e destruiu as coisas boas que ele restaurara. No entanto, Manassés, em seus últimos anos, arrependeu-se, e o Senhor perdoou-o. A ele seguiu-se Amom, que reinou apenas dois anos. Depois, Josias subiu ao trono. Se Ezequias foi culpado por seu filho Manassés, com certeza deve ser louvado por seu neto Josias. Josias, aos 16 anos (34:3), começou a buscar o Senhor, e a reformar a nação, e a eliminar a idolatria. Ele restaurou o templo e o Livro da Lei. Ele também celebrou uma grande Páscoa e tentou trazer o povo de volta ao Senhor, o Deus dele. Infelizmente, o rei Josias meteu-se em uma guerra que não lhe dizia respeito, foi ferido na batalha e voltou a Jerusalém para morrer. Seu orgulho falou mais alto, e ele achou que poderia derrotar o rei do Egito.

Após a morte de Josias, os reis de Judá foram fracos, meros bonecos nas mãos dos políticos de Jerusalém ou das nações localizadas ao redor de Judá. O último rei foi Zedequias, e, em 586 a.C., a nação caiu nas mãos da Babilônia.

Por que Judá decaiu? Porque o povo afastou-se do Senhor e começou a adorar falsos deuses. De início, a adoração ímpia era feita em segredo: ele adorava o Senhor no templo, mas também adorava Baal

e outros deuses em segredo. Depois, o povo afastou-se abertamente do Senhor para adorar os deuses de seus inimigos. Quando o Senhor o disciplinava, ele se arrependia por um tempo, mas logo voltava aos caminhos maus. Sempre que o Senhor instituía um rei devoto, a influência dele não era duradoura, porque o povo corrigia-se, mas não se arrependia nem se voltava para Deus de todo o coração. Tudo que o rei fizesse tinha de ser algo popular que agradasse à maioria, portanto o povo fazia isso.

Hoje, a igreja deve prestar atenção ao mesmo tipo de decadência espiritual. Nós adoramos os deuses do inimigo? Estamos orgulhosos com nossos prédios, e orçamentos, e estatísticas? Em nossa adoração, há evidência de verdadeira santidade e

de temor ao Senhor? Dependemos dos líderes espirituais que Deus nos deu? Somos bem-sucedidos por que o Senhor está conosco ou por que cooperamos com o mundo? Acharmos que por que temos a Bíblia, e os prédios das igrejas, e ministérios bem-sucedidos Deus deixará passar nossos pecados e reterá sua mão de disciplina? "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada" (1 Pe 4:17).

A qualquer momento, durante os séculos de decadência espiritual, o povo de Judá poderia ter satisfeito as condições de 2 Crônicas 7:14, e Deus curaria a terra dele. Contudo, ele não se voltou para Deus, por isso o Senhor teve de voltar-se contra ele.

Que lição para o povo de Deus de hoje!

ESDRAS

Esboço

- I. Restauração nacional sob Zorobabel (1—6)
 - A. O retorno à terra (1—2)
 - 1. Proclamação de Ciro (1)
 - 2. Registro do povo (2)
 - B. A reconstrução do templo (3)
 - 1. Edificação do altar (3:1-6)
 - 2. Novo lançamento dos alicerces (3:7-13)
 - C. A resistência ao inimigo (4—6)
 - 1. A interrupção da construção (4)
(Nota: Esdras 4:6-23 é um parêntese que descreve a oposição que ocorrerá em uma data posterior.)
 - 2. Os profetas iniciam o ministério (5)
 - 3. A conclusão da construção (6)

- II. Reforma espiritual sob Esdras (7—10)
 - A. Esdras vai a Jerusalém (7—8)
 - B. Esdras confessa os pecados do povo (9)
 - C. Esdras purifica a nação (10)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Histórico

Esdras e Neemias juntos formam apenas um livro na Bíblia hebraica porque relatam uma história — o retorno do remanescente a Jerusalém e a reconstrução da cidade e do templo. Em 606 a.C., iniciou-se o cativeiro babilônico, e em 587 a.C., Jerusalém caiu nas mãos do inimigo. Entre 606 e 586, os babilônios deportam muitas pessoas, entre estas *Daniel* e *Ezequiel*. *Jeremias* predisse um período de 70 anos de cativeiro (Jr 25:12-14; 29:10-14). Esse período estende-se do início da invasão, em 606, ao retorno do remanescente, em 536, época em que se edificou o altar e instituiu-se de novo o sacrifício de animais. Portanto, Esdras e Neemias contam a história do retorno à terra e à cidade e da reconstrução do templo e do muro. O relato de Ester também se encaixa nesse período, assim como o dos profetas Ageu e Zacarias (veja Ed 5:1ss).

II. Cronologia

Seria assim a cronologia resumida desse período:

- 606-605 Babilônia inicia a invasão e a deportação das pessoas
- 587 Jerusalém cai nas mãos do inimigo
- 539 Babilônia cai sob Ciro, e inicia-se o Império Medo-Persa

- 538 Ciro permite que cerca de 50 mil judeus retornem
- 535 Os judeus iniciam a reconstrução do templo, mas o trabalho é interrompido
- 520 Depois de 50 anos, reinicia-se o trabalho
- 515 O templo é concluído e consagrado
- 476 Ester torna-se rainha da Pérsia
- 458 Esdras viaja para Jerusalém (veja Ed 7-10)

III. Os líderes

Esdras é apresentado como um judeu devoto e patriota que era sacerdote e escriba (Ed 7:1-6). Ele era um estudioso devotado das Escrituras e ajudou a restaurar a Lei para a nação. Ele também era um homem de oração (8:21-23) e sentia-se muito responsável pelo bem-estar do seu povo (9:3-4). “Esdras” significa “ajuda”. Vemos a fé de Esdras no Senhor em sua disposição de empreender a perigosa jornada da Babilônia a Jerusalém sem escolta militar. Por favor, note que Esdras não lidera o primeiro grupo de judeus que retornam a Jerusalém; Zorobabel e Jesua é que fizeram isso. Esdras não entra em cena até o capítulo 7 de seu livro, quando leva um segundo grupo (menor) à terra santa. Lá, Esdras permanece

no trabalho e, por fim, junta-se a Neemias (Ne 8:9; 12:26). Neemias era copeiro na corte do rei na época em que Deus o chamou para retornar à cidade de Jerusalém e reconstruir os muros. Ele era o que hoje chamamos de “leigo”, já que não tinha chamado profético nem linhagem sacerdotal. Ele foi promovido de copeiro a governador. Zorobabel era um dos líderes sob o comando de Esdras (2:2; 3:8). Ele era também chamado de Sesbazar (1:8,11; 5:16). O título oficial de Zorobabel era tirsata (2:63), que significa “governador”. Primeiro Crônicas 3:17-19 indica que Zorobabel era da linhagem real de Davi. Ele foi um líder político da nação restaurada. Nessa época, Josué era o sumo sacerdote (Ed 3:2; Ag 1:1,12,14; veja Zc 3:1-10). Como

já mencionamos, os dois profetas eram Ageu e Zacarias.

IV. As lições

Deus prometeu cativo para a nação pecadora e cumpriu a promessa. Ele também prometeu que o restante do povo retornaria à terra. (Veja Jr 25:12-14 e 29:10-14.) Daniel, enquanto estava na Babilônia, leu a profecia de Jeremias, e ela encorajou-o a orar pelo retorno do povo (Dn 9:1ss). O Senhor deixara uma “luz acesa” em Jerusalém a fim de que seu Filho pudesse nascer por intermédio da nação hebraica e vir para salvar o mundo. O cativo curou a idolatria dos judeus e deu-lhes o desejo de conhecer a Palavra e obedecer a ela. Infelizmente, o povo logo esqueceu a lição!

ESDRAS 1–5

Esses capítulos descrevem quatro eventos-chave na história do remanescente de Israel que retornou à sua terra.

I. O retorno à terra (1—2)

A. A proclamação (1:1-4)

Esses versículos são quase idênticos aos de 2 Crônicas 36:22-23. Isaías 44:28—45:3 apresenta uma profecia surpreendente a respeito de Ciro, anterior ao nascimento do grande governante. Em 539 a.C., Ciro conquistou a Babilônia e instituiu o Império Persa. A política dele em relação aos prisioneiros de guerra era oposta à dos babilônios, pois ele encorajou os judeus a retornar a sua terra, a reconstruir o templo e a orar pelo bem-estar deles. Sem dúvida, Ciro dispensava esse mesmo privilégio às outras nações refugiadas e aos deuses delas. Em 538 a.C., ele lançou seu decreto. Não confunda esse decreto com o citado em Daniel 9:25, que se referia à reconstrução da cidade e cuja data era 445 a.C. O decreto de Ciro referia-se ao retorno do povo à terra e à reconstrução do templo. Esse decreto foi um cumprimento magnífico das Escrituras.

B. As coisas preciosas (1:5-11)

O Espírito de Deus operou no coração do povo e no de seus captores. Estes devolveram os tesouros do templo aos judeus, e os gentios também deram contribuições espontâneas para o templo. Veja 2 Crônicas 36:7; Daniel 1:2. Nos versículos 8 e 11, “Sesbazar” é Zorobabel, o governador indicado. Os judeus não podiam restaurar a adoração no templo sem o mobiliário designado, e essa adoração é bem distinta de nossa adoração do Novo Testamento (Jo 4:19-24).

C. O povo (cap. 2)

Cerca de 50 mil judeus ficaram bastante preocupados em deixar a segurança e o luxo da Babilônia para retornar à sua terra. Neemias 7:6-73 fornece a mesma lista de nomes. Observe que esse registro segue grupos especiais: os líderes (vv. 1-2); algumas famílias específicas (vv. 3-19); algumas cidades específicas (vv. 20-35); os sacerdotes (vv. 36-39); os levitas (vv. 40-42); os servos do templo (vv. 43-54); os servos de Salomão (vv. 55-58); e as pessoas sem genealogia (vv. 59-63). No versículo 63, a palavra “governador” refere-se a Zorobabel. Os versículos 64-70 apresentam o número total de homens e de animais: havia 49.897 pessoas registradas e uma multidão de animais. Tem-se falado muito a respeito das chamadas “tribos perdidas de Israel”, mas o Novo Testamento deixa claro

que esse remanescente tinha representantes de *todas as doze tribos* (veja At 26:7 e Tg 1:1). Esdras 2:70 diz "todo o Israel". Esdras 6:17 relata que os sacerdotes fizeram oferta de doze cabritos pelas doze tribos; veja também 8:35. Um dia, Jesus julgará as doze tribos (Lc 22:30). A maioria dos judeus estabeleceu-se na Babilônia e não tinha vontade de voltar para a terra prometida. Eles abandonaram a terra de seus pais e ficaram com os cativos, na Babilônia, contentes com a segurança e os ganhos materiais.

II. A reconstrução do templo (3)

A. Edificação do altar (vv. 1-6)

O altar era o centro da adoração judaica, pois sem os sacrifícios não se podia aproximar do Senhor nem esperar pelas bênçãos dele. Os exilados temiam os vizinhos poderosos, mas sabiam que o Senhor os protegeria se Lhe obedecessem. Você se lembra de que Elias teve de edificar o altar de novo (1 Rs 18:30ss). Jesua e Zorobabel levaram o povo a estabelecer sacrifícios e também a guardar as festas. Isso ocorreu no sétimo mês (que corresponde ao nosso setembro-outubro), o mês da Festa dos Tabernáculos e das Trombetas (Nm 29:1-6; Lv 23:23-25).

B. Lançamento do alicerce (vv. 7-13)

Aparentemente, o povo deu ofertas em acréscimo aos presentes do rei

(1:5-11), que também forneceu o material para a reconstrução do templo. No segundo mês (abril-maio) de 535 a.C., eles iniciaram a obra. Os levitas supervisionavam a obra e ajudavam os outros trabalhadores na construção. O povo ficou tão agradecido com o lançamento do alicerce que louvou e gritou. Em uma situação daquelas, Deus estava fazendo o impossível (Jr 33:1-11). É claro que havia pessoas mais velhas que se lembravam da glória do antigo templo e podiam apenas chorar diante da simplicidade desse segundo templo (veja Ag 2:3). No entanto, não é bom viver no passado.

III. A resistência ao inimigo (4)

Nosso inimigo, Satanás, nunca quer que a obra do Senhor prospere. Cristo é o Construtor; Satanás é o destruidor. Aqui, vemos a mão do inimigo que tenta opor-se à obra e impedi-la.

A. Concessão (vv. 1-3)

O povo da terra ofereceu-se para ajudar os judeus no trabalho, mas Zorobabel e Jesua recusaram a ajuda dele. Essas pessoas eram samaritanas, uma nação com mistura de raças, judeus e gentios. Para conhecer os samaritanos e a religião falsa deles, leia 2 Reis 17. (Em Jo 4:20-24, Jesus claramente rejeita a religião samaritana.) Por fim, os samaritanos construíram o templo deles sobre o monte Gerizim e permaneceram separados dos judeus.

B. Interferência (vv. 4-5)

O povo da terra alugou homens da corte para frustrar os planos dos judeus. Esse estratagema obteve sucesso em interromper a obra; veja 4:24. O obra do templo ficou paralisada por cerca de 15 anos (534-520).

Os versículos 6-23 representam um problema para os estudiosos da Bíblia, pois não parecem estar em ordem cronológica. Os versículos 6-7 mencionam reis que governaram após o período coberto em Esdras 4. Há duas explicações possíveis para isso. Talvez os reis tenham mais de um nome. Assim, Assuero e Artaxerxes, dos versículos 6-7, são realmente os nomes dos reis que governavam nessa época. Merrill Unger acredita que "Assuero" fosse um título oficial (como faraó) e que Artaxerxes era outro nome de Cambises. Assim, esses versículos contêm o registro oficial arquivado pelo inimigo para interromper a obra dos judeus. A segunda possibilidade é a inclusão desses versículos como um exemplo de oposição que ocorreu em uma época posterior a fim de mostrar que os judeus tinham problemas constantes com seus inimigos. Em ambos os casos, a lição é clara: as pessoas do mundo usam qualquer recurso que tenham à mão para impedir a obra do Senhor. O rei ouviu as acusações e interrompeu a obra.

IV. Recomeço da obra (5)

Passam-se 15 anos entre os capítulos 4 e 5. A obra do templo não é retomada antes dos profetas Ageu e Zacarias proclamarem a Palavra de Deus. A Palavra do Senhor dera início à obra (Ed 1:1) e, agora, ela encoraja os trabalhadores e, por fim, conclui-se a obra (6:14). De 520 a 515, o povo trabalhou e terminou o templo. A pregação da Palavra do Senhor por seus servos é o segredo da vitória em qualquer obra do Senhor. A Palavra do Senhor encorajou Zorobabel e Jesua, e os olhos dele estavam sobre eles (Ed 5:5).

Em Ageu, observe as quatro mensagens distintas: (1) repreensão ao povo por construir a própria casa e negligenciar a de Deus (1:1-15); (2) encorajamento a Zorobabel ao dizer-lhe que o Senhor está com ele (2:1-9); (3) condenação aos sacerdotes que se recusaram a purificar-se da imundícia (2:10-19); e (4) promessa a Zorobabel de que, um dia, o Messias governaria em glória (2:20-23). Ageu até datou cada uma dessas mensagens.

Zacarias também trata do mesmo período de tempo, porém seu livro é mais complicado. Em Zacarias 1:1-6, o profeta chama a nação ao arrependimento. Isso aconteceu em novembro. Mais tarde, em fevereiro, ele transmite diversas visões de encorajamento ao povo (1:7—6:15). Zacarias, na última metade de seu li-

vro, retrata a rejeição a Cristo, sua segunda vinda e seu reino futuro. Claro que todas essas mensagens tinham o objetivo de encorajar o povo a voltar ao trabalho e terminar o templo.

Tatenai, o governador, estava em seu direito ao perguntar a respeito do cronograma de construção, já que o tesouro real fornecia parte do material para a obra. O capítulo 6 apresenta a carta dele para Dario e a resposta do rei. O

versículo 8 indica que o ministério dos dois profetas encorajou o povo, pois o trabalho progredia com rapidez. No versículo 16, "Sesbazar" é Zorobabel. Os judeus sabiam que estavam em seu direito e pediram que o governador examinasse os arquivos a fim de achar o decreto do rei. Não é errado que o povo de Deus reclame seus direitos como cidadãos; veja Atos 16:35-40 e 22:25.

ESDRAS 6-10

I. A conclusão do templo (6)

Em 522 a.C., Dario I, ou “o Grande”, assumiu o governo do grande Império Persa. (Dario não é o medo mencionado em Daniel 5—6 e 9.) Ele tinha uma atitude amigável com seus súditos e demonstrava uma disposição cordial em relação aos judeus. Os versículos 6:3-5 apresentam um registro detalhado do decreto original de Ciro mencionado em Esdras 1:1. Dario acrescentou a esse decreto o seu próprio decreto (6:8-12): o governador devia ajudar os judeus no trabalho para garantir que não houvesse oposição à obra e providenciar os suprimentos necessários com recursos do tesouro real. É claro que Dario tinha um bom motivo para sua gentileza: ele queria que os judeus orassem a Jeová pela saúde do rei e pelo bem-estar de sua família.

O governador apressou-se em obedecer ao decreto. Ageu e Zacarias proveram o encorajamento espiritual, o governador forneceu os materiais necessários, e, assim, concluiu-se a obra. Os judeus ce-

lebraram com alegria a dedicação da casa do Senhor, embora ela não fosse tão grande e gloriosa quanto o templo de Salomão. Eles celebraram a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos. Deus respondeu à oração e mudou o coração do rei (veja Pv 21:1); a nação tinha seu templo de novo. Entre os capítulos 6 e 7, há um período de 58 anos. O livro de Ester encaixa-se nesse período.

II. A vinda de Esdras para Jerusalém (7—8)

Esdras 7:1 refere-se a “Artaxerxes, o longímans”, que governou a Pérsia de 465 a 425. No sétimo ano de seu governo, ele permitiu que Esdras, o sacerdote-escriva, retornasse a Jerusalém para assistir o povo em suas necessidades espirituais. Os versículos 1-5 apresentam a genealogia de Esdras, a prova que ele era um sacerdote da família de Arão. Ele era também versado na Lei e escriva; veja Jeremias 8:8. Aparentemente, Esdras pediu autorização ao rei para voltar a Jerusalém ao perceber que o povo que ficara na nação restaurada precisava demais de orientação espiritual. Esdras levou quatro meses para fazer a jornada de quase 1,6 mil quilômetros da Babilônia a Jerusalém. A mão poderosa de Deus estava sobre ele, e ele prosperou; veja Neemias 1:10; 2:8;18.

O rei decretou que qualquer judeu podia retornar a sua terra com

Esdras. Esses judeus levaram consigo uma boa quantidade de ofertas espontâneas da Babilônia para ajudar na obra do Senhor. Dario também deu a Esdras uma conta de despesas (vv. 20-22) de cerca de 266 mil reais do tesouro real. A tarefa de Esdras era estabelecer a ordem e a adoração religiosa na terra (vv. 25-26). Esdras 7:27-28 apresenta a doutrina de Esdras, ao mostrar como ele estava agradecido pelo Senhor ter respondido à sua oração.

O capítulo 8 enumera o nome das famílias que acompanharam Esdras na arriscada viagem a Jerusalém. Era importante que os levitas fossem com ele, pois era tarefa deles estudar a Palavra e ensiná-la ao povo. Infelizmente, Esdras teve de recrutar alguns levitas, porque eles não se ofereceram para ir (vv. 15-20). Esdras decretou jejum porque sabia que apenas o Senhor poderia fazer a jornada deles prosperar. O que estava em jogo era o próprio testemunho da nação — pois Esdras disse ao rei que não precisavam de escolta militar, porque o Senhor cuidaria deles. O jejum e a oração deles e a resposta do Senhor deveriam encorajar-nos hoje (vv. 21-23). Esdras escolheu 22 homens devotos para carregar os tesouros (vv. 24-30) e advertiu-os de que o Senhor exigiria a prestação de contas quando chegassem a Jerusalém. Que bela imagem do servir cristão de hoje! Deus

confiou-nos tesouros espirituais, e teremos de prestar contas de nosso servir cristão diante do “tribunal de Cristo”. Em abril de 458, o grupo partiu e chegou a Jerusalém em julho, viajando uma média de 11 quilômetros por dia. O povo depositou seus tesouros, e achou-se que todos os homens foram fiéis. Eles ouviram a advertência de Esdras: “Vigiai-os e guardai-os” (8:29).

III. A confissão do pecado (9)

Nem bem o mestre da Palavra chegou, a Palavra começou a revelar o pecado (Hb 4:12). Esdras descobriu que os judeus misturaram-se com os vizinhos pagãos e casaram-se com esposas pagãs. Veja Deuteronômio 7; Êxodo 19:5-6 e Salmos 106:35. Esdras sentiu-se tão oprimido ao ouvir esse relatório que, em sofrimento e em pesar, rasgou suas vestes e o manto em público e sentou-se atônito até a hora do sacrifício da tarde. As pessoas que conheciam a Palavra de Deus começaram a tremer (v. 4; veja Is 66:1-2), temendo o que o Senhor faria com a nação fraca.

Devemos comparar a oração de confissão de Esdras com a oração de Daniel (Dn 9) e a de Neemias (Ne 9). Esdras orou: “Estou confuso e envergonhado, para levantar a ti a face”. Ele rememorou os pecados passados de Israel (v. 7) e admitiu que a nação mereceu o

cativeiro. Contudo, agora o Senhor libertara-a, por intermédio da graça dele. Ela foi restaurada, mas, apesar disso, estava pecando de novo. O futuro do reino pendia, por assim dizer, como vestimentas no prego de uma tenda, tão frágil era o remanescente restaurado de Israel. Deus dera-lhe um muro de proteção (v. 9) e graciosamente respondera às suas orações. O que mais Esdras poderia dizer? Ele disse: “Depois de tudo o que nos tem sucedido por causa das nossas más obras e da nossa grande culpa, e vendo ainda que tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecem as nossas iniquidades [...] tornaremos a violar os teus mandamentos...?”.

É interessante observar que Daniel, Esdras e Neemias têm de confessar o pecado nacional e implorar por perdão. Segundo Crônicas 7:14 refere-se a essa situação. No entanto, a oração dos líderes religiosos não era o suficiente. Toda a nação tinha de encarar seus pecados e acertar-se com o Senhor.

IV. A purificação da nação (10)

Para ver relatos paralelos de avivamentos religiosos que aconteceram em Jerusalém, leia Neemias 8—13. Deus respondeu à oração de Esdras ao tocar o coração do povo e ao condená-lo. Alguns homens vieram abertamente a ele e confessaram que se casaram com mulheres pa-

gãs e desobedeceram à Lei do Senhor. Eles ofereceram-se para fazer uma aliança com o Senhor e afastar sua esposa impura. Que grande reavivamento aconteceria em nossas igrejas hoje se todo o povo de Deus se humilhasse diante do Senhor, e confessasse seus pecados, e obedecesse à Palavra do Senhor!

O resultado foi a proclamação, em toda a terra, chamando o povo para se reunir em Jerusalém a fim de decidir essa questão importante. Quem fosse culpado e não comparecesse perderia seu lugar na terra. Em 20 de dezembro de 457, uma grande multidão reuniu-se, apesar da chuva terrível que sempre caía nessa época do ano. Contudo, o povo tremia não apenas por causa da chuva, mas pelo medo que sentia do Senhor. Esdras deu um ultimato ao povo: confessem seu pecado e despeçam suas esposas. Isso é arrependimento e restauração, e os dois têm de andar juntos. O povo concordou em obedecer, mas admitiu que o problema estava muito disseminado e seria complicado resolvê-lo em apenas um dia. O povo sugeriu que, primeiro, os governantes reerguessem suas casas (v. 14) e, depois de tornarem as coisas certas, auxiliassem Esdras no trabalho de purgar a nação do pecado. O versículo 15 informa que apenas quatro homens “se opuseram” a essa sugestão (“se puseram sobre este *negócio*”, ARC);

os outros líderes aprovaram-na. Não podemos esperar 100% de cooperação, principalmente quando se trata de disciplina.

Levou de dezembro a abril para resolver esse problema. Os versículos 18-44 indicam que 17 sacerdotes, 10 levitas e 87 outros homens eram culpados de casar-se com mulheres pagãs. É aterrador encontrar sacerdotes que desobedecem deliberadamente a Deus, pois, quando os líderes espirituais apostatam, o que podemos esperar do resto das pessoas? A investigação foi tão abrangente que mesmo as crianças pagãs foram expostas e expulsas. É claro que sabemos que

os maridos e pais judeus providenciaram o bem-estar dessas pessoas expulsas, mas eles não viveram mais com essas pessoas como pai e marido. Quanto tempo durou essa reforma? Cerca de 25 anos mais tarde, Neemias enfrentou o mesmo problema (Ne 13:23ss). Esse era um pecado constante e exigia disciplina constante. Os servos de Deus devem “vigia[r] e ora[r]” a fim de que o trabalho do Senhor prospere.

Seria tolice reconstruir o templo sem corrigir as pessoas. Esdras teve mais facilidade para reconstruir o templo do que para trazer a nação pecadora de volta para o Senhor.

NEEMIAS

Esboço

- I. A restauração dos muros (1—6)
 - A. Preparação (1—2)
 - 1. Um líder preocupado (1)
 - 2. Um rei cooperativo (2:1-8)
 - 3. Um povo desafiador (2:9-20)
 - B. Cooperação — o povo trabalha (3)
 - C. Oposição (4:1—6:19)
 - 1. Ridículo (4:1—6:19)
 - 2. Força (4:7-9)
 - 3. Desencorajamento (4:10)
 - 4. Temor (4:11-23)
 - 5. Egoísmo (5)
 - 6. Logro (6:1-4)
 - 7. Calúnia (6:5-9)
 - 8. Ameaças (6:10-19)

- II. Restauração do povo (7—13)
 - A. Registro dos cidadãos (7)
 - B. Proclamação da Palavra de Deus (8)
 - C. Confissão dos pecados da nação (9)
 - D. Ratificação da aliança santa (10—12)
 - E. Purificação dos pecados da nação (13)

NEEMIAS 1-3

Deus sempre lança mão de pessoas dispostas quando quer ver um trabalho feito. Os muros de Jerusalém foram destruídos, um pequeno remanescente retornou à terra, e havia muito trabalho a ser feito. Em 536, Zorobabel e Jesua trouxeram cerca de 50 mil judeus de volta e (por volta de 516) reconstruíram o templo. Em 457, houve um pequeno reavivamento sob o comando de Esdras, mas agora era 445 a.C., e Deus procurava alguém para ir à cidade destruída e restaurar a ordem e a segurança. Neemias tinha de ser essa pessoa. Nesses três capítulos, observe as atividades de Neemias.

I. Neemias ora pelo trabalho (1)

A. O relatório (vv. 1-3)

Neemias (um judeu), como copeiro do rei, tinha um posição alta na corte. Ele era próximo do rei e tinha a confiança deste. Contudo, Neemias não esquecera o seu povo, pois ele pediu, com ansiedade, notícias de Jerusalém a seu irmão. Leia Salmos 122 e 137:5-6. Oh, que os santos de hoje tenham o mesmo interesse por sua Jerusalém celestial! As notícias eram desoladoras: os que ficaram na terra sofriam vergonha, os muros estavam derrubados, e os portões, queimados. Veja Salmos 79:1-4. A cidade,

em vez de ser de louvor e glória, era de vergonha e desgraça.

B. A resposta (v. 4)

De imediato, Neemias sofreu por sua cidade. O fato de ele estar há mais de 1,1 mil quilômetros de distância não fazia diferença, como também não importava que ele desfrutasse de luxo e prestígio no palácio do rei. Ele não disse: "A situação em que a cidade se encontra não é minha culpa!". Imediatamente, seu coração foi tocado, e ele queria fazer alguma coisa para salvar sua cidade. Ele chorou e orou durante quatro meses (de dezembro a abril; veja 1:1 e 2:1). Veja Daniel 9 e Esdras 9.

C. O pedido (vv. 5-11)

Esse livro mostra que Neemias era um homem de oração (1:4-11; 2:4; 4:4; 4:9; 5:19; 6:9,14; 13:14,22,29,31). O livro inicia e termina com oração. O versículo 6 afirma que ele orou dia e noite de tão ansioso que estava pela cidade. Observe que Neemias confessa seus pecados e os do povo. Ele também lembra o Senhor de sua promessa graciosa (vv. 8-9) e, a seguir, oferece-se para ser o servo do Senhor que faria alguma coisa a respeito da situação de Jerusalém. "Eis-me aqui, envia-me a mim!" O versículo 11 mostra que ele tinha coragem de pedir servos ao Senhor, outros judeus que pudessem ajudá-lo na tarefa.

II. Neemias prepara-se para o trabalho (2)

Neemias esperou, durante quatro meses, o tempo de Deus para abordar o rei. Isaías 28:16 afirma: “Aquele que crer não foge”. Na verdade, a fé e a paciência andam juntas (Hb 6:12). Contudo, Neemias tinha o plano que o Senhor lhe dera em mente, e sabia exatamente o que fazer quando chegasse o momento certo. Como o Senhor Jesus Cristo (Jo 6:5-6).

A. *Neemias e o rei (vv. 1-8)*

Ninguém devia aparecer diante do rei com tristezas ou más notícias (Et 4:1-2), mas o pesar do coração de Neemias revela-se em sua face. Ele era um homem que sofria, e o rei percebeu seu sofrimento. Não fosse pela providência de Deus, essa tristeza poderia causar a morte de Neemias. Este, antes de contar seu pesar a Artaxerxes, foi rapidamente ao trono de graça em oração. Depois, contou ao rei tudo que tinha no coração. Ele sabia que Deus abriria o caminho para ele (Pv 21:1). Neemias já concebera todos os detalhes de seu plano e pôde dar ao rei uma previsão de tempo necessário (v. 6) e a lista de materiais que precisaria para realizar essa tarefa (vv. 7-8). A mão poderosa (1:10) e boa (2:8) de Deus faz o impossível!

B. *Neemias e as ruínas (vv. 9-16)*

Neemias levou três meses para chegar à cidade e chegou como gover-

nador, não como servo. Neemias, um homem de paciência, esperou três dias antes de tomar qualquer atitude. Os inimigos vigiavam, e Neemias tinha de ser sábio e cauteloso. Depois, ele descobriu que alguns nobres de Judá aliaram-se a Tobias, o inimigo dos judeus (6:17-19). De noite, ele investigou a situação, guardando sua opinião para si mesmo. Ele estava acordado, enquanto os outros dormiam, e preocupado, enquanto os outros estavam tranqüilos. À noite, ele viu mais a respeito da situação que muitos viam à luz do dia.

C. *Neemias e os judeus (vv. 17-20)*

Neemias não acreditava no ministério de um homem só. Ele desafiou os líderes dos remanescentes a trabalharem com ele (não *para* ele) na restauração dos muros. O motivo para fazer isso? “Deixemos de ser opróbrio.” Ele estava preocupado com a glória de Deus e com o bem da nação. Neemias mostrou-lhes a necessidade, delineou a tarefa e assegurou-lhes a bênção do Senhor. Imediatamente, houve oposição (como sempre acontece), mas Neemias sabia que a mão do Senhor estava sobre ele e seu trabalho.

III. Neemias prospera no trabalho (3)

A. *O padrão*

O trabalho seria organizado e dirigido, contando com a liderança dos

líderes espirituais (v. 1) e a cooperação do povo. Deus anotou o nome de cada trabalhador e pôs o nome deles no livro. Cada um era responsável por uma área específica. Ninguém podia fazer tudo, mas todos podiam fazer alguma coisa. Claro, você nunca tem 100% de cooperação; o versículo 5 mostra que alguns nobres não queriam se envolver no trabalho. Havia 42 grupos de trabalhadores.

B. O povo

Que variedade de trabalhadores — sacerdotes (v. 1), governantes (vv. 12-19), mulheres (v. 12), artesãos (vv. 8,32) e até judeus de outras cidades (vv. 2,5,7)! Observe que alguns estavam dispostos a fazer trabalho extra (vv. 11,19,21,24,27,30). Alguns faziam seu trabalho em casa (vv. 10,23,28-30), e é aí que o cristão deve iniciar seu trabalho. Alguns trabalhadores eram os únicos de sua família (v. 30), e outros eram mais cuidadosos (v. 20). Compare o versículo 11 com Esdras 10:31 e observará que até alguns que antes haviam se desviado juntaram-se ao trabalho.

C. Os lugares

Em cada um desses portões, há uma lição espiritual positiva. A *Porta das Ovelhas* (v. 1) lembra-nos do sacrifício de Cristo na cruz (Jo 10). Foi a primeira porta a ser salva, pois

sem sacrifício não há salvação. Observe que a Porta das Ovelhas não tem fechaduras nem barras, pois a porta da salvação está sempre aberta para o pecador. Essa foi a única porta consagrada, o que a separa como uma porta especial. A *Porta do Peixe* (v. 3) rememora-nos as pessoas que ganham almas como “pescadores de homens” (Mc 1:17). A *Porta Velha* (v. 6) fala das veredas antigas e das verdades da Palavra de Deus (Jr 6:16 e 18:15). As pessoas do mundo sempre procuram “as últimas novidades” (At 17:21) e recusam-se a voltar para as verdades fundamentais que realmente funcionam. A *Porta do Vale* (v. 13) lembra-nos da humildade diante do Senhor. Filipenses 2 apresenta Cristo descendo das glórias do céu para o vale da limitação humana e até da morte. Nós não gostamos do vale; no entanto, com frequência, Deus nos leva até ele com a finalidade de trazer bênçãos para nossa vida.

O versículo 14 apresenta a *Porta do Monturo*. Aparentemente, essa é a porta através da qual se retira o lixo e o refugio da cidade. Imagine como é difícil restaurar uma porta em um lugar desses! Com certeza, ela fala-nos da purificação de nossa vida (2 Co 7:1; Is 1:16-17). Mais adiante, alguns judeus queixam-se dos escombros; veja 4:10. A *Porta da Fonte* (v. 15) ilustra o ministério do Espírito San-

to; veja João 7:37-39. É interessante observar a ordem dessas portas: primeiro, há humildade (a Porta do Vale), depois a purificação (a Porta do Monturo) e, depois, o encher-se do Espírito (a Porta da Fonte). A *Porta das Águas* (v. 26) fala da Palavra do Senhor que purifica cren-te (Ef 5:26; Sl 119:9). Observe que essa é a sétima porta citada, e sete é o número bíblico para perfeição — a perfeita Palavra de Deus. Note também que essa porta não precisava de restauração! “Para sempre, ó SENHOR, está firmada a tua palavra no céu” (Sl 119:89).

A *Porta dos Cavalos* (v. 28) introduz a idéia do bem-estar. Com certeza, há batalhas na vida cristã que devemos estar prontos para enfrentar. Veja 2 Timóteo 2:1-4. A *Porta Oriental* (v. 29) faz-nos pensar na segunda vinda de Jesus Cristo (Mt

24:27). Em Ezequiel 10:16-22, o profeta vê a glória de Deus partir do templo pela porta oriental; veja também 11:22-25. Contudo, depois, ele vê a glória do Senhor retornar “do caminho do oriente” (43:1-5).

A *Porta da Guarda* (v. 31) fala do julgamento de Deus. A palavra hebraica *miphkad* significa “entrevista, prestação de contas, censo, inspeção”. Ela traz a idéia de passar tropas em revista. Certamente, um dia, o Senhor chamará todas as almas para julgamento.

Quando revemos essas portas e a ordem delas, vemos que sugerem um quadro completo da vida cristã, da Porta das Ovelhas (salvação) à final, de julgamento. Louvado seja Deus! Que o cristão nunca tenha de enfrentar julgamento por causa de seus pecados! Veja João 5:24; Romanos 8:1-2.

NEEMIAS 4-7

Sempre que o povo de Deus começa a fazer o trabalho do Senhor, há oposição. Um trabalhador de fé e de propósito fracos desiste, mas uma pessoa decidida e confiante supera a oposição e termina a tarefa. Neemias era esse tipo de pessoa. Nesses capítulos, observe a oposição que ele enfrenta (dentro e fora da cidade) e as vitórias que conquista.

I. Ridículo (4:1-6)

O povo de Deus sempre tem inimigos. Nesse caso, os inimigos eram Sambalate, funcionário do governo de Samaria; Tobias, o amonita; e Gesém, o arábio. Esses três homens perversos não eram da nação de Israel; na verdade, os amonitas eram inimigos peremptórios dos judeus (Dt 23:3-4). A primeira arma deles era o ridículo; eles zombavam abertamente dos "fracos judeus" diante dos líderes de Samaria. Satanás é um zombador (Lc 22:63; 23:35-37). O ridículo é um artifício usado por pessoas ignorantes que estão cheias de inveja. Elas zombam das pessoas ("fracos judeus"), dos planos ("Darão cabo da obra num só dia?"), e dos materiais ("montes de entulho e de pedras", NVI). Como Neemias respondeu a eles? Ele orou ao seu Deus! Ele preocupava-se apenas com a glória do Senhor e com o testemunho da nação, portanto não

veja vingança pessoal em suas orações (veja Sl 139:19-24). Observe que as pessoas continuam a trabalhar enquanto oram, pois a oração não é um substitutivo para o trabalho. Satanás amaria ver Neemias deixar o muro para discutir com Sambalate, mas ele não caía nas armadilhas de Satanás. Nunca permita que a ridicularização interfira no seu ministério; apresente a questão ao Senhor em oração e continue trabalhando.

II. Força (4:7-9)

O que Satanás não consegue com fraude, tenta conseguir pela força. Que associação de pessoas o versículo 7 apresenta! E todas conspiram contra os judeus. É surpreendente como parece não faltar energia para o demônio. O versículo 2:10 apresenta dois inimigos; 2:19, três; e 4:17, uma multidão deles. No entanto, "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Como Neemias enfrentou esse novo ataque? Ele orou e enviou um espião. O Novo Testamento repete a admoestação: "Vigiai e orai"; veja Marcos 13:33 (o mundo), Marcos 14:38 (a carne) e Efésios 6:18 (o demônio). Observe que Neemias não depende apenas da oração; ele também enviou um espião.

III. Desencorajamento (4:10)

Agora, a batalha move-se de fora para dentro da cidade. Em

Atos 5—6, Satanás seguiu a mesma tática quando usou Ananias e Safira e um grupo de viúvas queixosas na comunidade da igreja. Ele também usou Judas no grupo dos apóstolos. Os trabalhadores estavam desencorajados com todos os escombros dentro da cidade, e o perigo estava à espreita do lado de fora. Por que a tribo de Judá reclamava? Talvez porque se tivesse se aliado em segredo a Sambalate (6:17). Em 13:15, observe a desobediência de Judá à Lei do Senhor. Na verdade, quando disse: “Não podemos” (v. 10), estava concordando com o inimigo (4:2). O desencorajamento e as queixas logo se espalharam e atrapalharam o trabalho do Senhor. Não constatamos que Neemias tenha dado muita atenção às queixas deles; ele continuou a construção, a vigília e a oração.

IV. Temor (4:11-23)

A fé e o temor nunca habitam o mesmo coração. O versículo 11 relata o rumor iniciado pelos inimigos, e o exército deles invadiriam Jerusalém de súbito. Os judeus que viviam fora da cidade ouviram os boatos e os transmitiram, dez vezes, a Neemias. Como os trabalhadores de Satanás são persistentes! Por fim, Neemias pôs pessoas armadas no muro e encorajou-as a não temerem. Observe que, dos versículos 13 a 15, o trabalho parou — exatamente o que

o inimigo queria. Neemias viu a insensatez desse plano, portanto ele pôs os trabalhadores de volta à obra com a arma em uma mão e a ferramenta na outra. Ele também determinou um homem para que fosse sentinela especial com trombetas (vv. 19-20), mas não permitiu que o trabalho parasse. Esses judeus são exemplos magníficos de como deve ser o trabalhador cristão: eles devem ter a mente voltada para o trabalho (4:6), o coração voltado para a oração (4:9), um olho voltado para a vigilância (4:9) e um ouvido voltado para a escuta (4:20).

V. Egoísmo (5)

Esse é um capítulo triste, pois vemos os judeus egoisticamente pilhando uns aos outros. Nesse capítulo, não há registro de construção. Os judeus tinham muitas dificuldades econômicas, não apenas por causa da fome (Ag 1:7-11), mas também por causa das taxas e dos tributos. Os judeus eram roubados por seu próprio povo por meio de hipotecas e da servidão. Como Neemias agiu nessa crise? De início, ele se aborreceu (v. 6) porque seu povo havia se desviado tanto espiritualmente a ponto de roubarem uns dos outros. Ele viu que o problema não era econômico, mas espiritual. Ele consultou seu coração (v. 7) e, com certeza, orou ao Senhor em busca de sabedoria. A seguir, ele repreen-

deu o povo (vv. 7-11), lembrando-o da bondade do Senhor com a nação. Ele argumentou: “Nós resgatamos os judeus, nossos irmãos [...] e vós outra vez negociaríeis vossos irmãos, para que sejam vendidos a nós?”. Ele apelou para a Lei do Antigo Testamento quando ordenou que restituíssem os lucros obtidos desonestamente (Êx 22:25). Como o inimigo deleitou-se em ver os judeus roubando uns dos outros (v. 9)! Observe que Neemias apelou para o bom exemplo dele mesmo como líder (v. 10). O povo prometeu obedecer à Palavra — e assim o fez!

VI. Logro (6:1-4)

As pessoas voltaram ao trabalho, e o inimigo também. Dessa vez, Sambatate e seus homens dirigiram seus ataques a Neemias, o líder. Aqui na terra, muitas das pessoas do Senhor não percebem jamais as tentações e os testes especiais que os servos do Senhor enfrentam dia após dia. A liderança espiritual é difícil. Sambatate convidou Neemias para um encontro amigável no vale de Ono, mas Neemias recusou o convite. Os servos separados do Senhor não ousam andar “no conselho dos ímpios” (Sl 1:1). Cuidado com os sorrisos do inimigo, pois Satanás é mais perigoso quando se mostra nosso amigo que em qualquer outro momento. Houve quatro convites (v. 4), e Neemias recusou todos. “Estou

fazendo grande obra, de modo que não poderei descer.” Permaneça no serviço quando Satanás o convidar, e o Senhor o abençoará.

VII. Calúnia (6:5-9)

O mensageiro veio pela quinta vez e trouxe uma “carta aberta” cheia de acusações caluniosas contra Neemias e seu povo. Uma das principais armas do demônio é: “Entre as gentes se ouviu”. “Disseram” ou “Ouvi dizer” são frases que, em geral, dão início às fofocas e às mentiras. Quem são “eles”? Neemias detectou o estratagema e, de imediato, expôs a mentira na dita “carta aberta”. Sua vida e caráter refutavam cada mentira da carta. Nos versículos 1-4, o inimigo ofereceu-se para trabalhar com os judeus; aqui, nos versículos 5-9, o inimigo quer difamar o nome de Neemias. Observe que Neemias ora, de novo, ao Senhor a fim de prevalecer (v. 9). Os servos de Deus não podem fazer nada em relação ao que as pessoas dizem deles, mas podem determinar o tipo de caráter que têm e o testemunho que dão. Os muros não seriam construídos se Neemias parasse o trabalho para defender sua reputação.

VIII. Ameaças (6:10-14)

Semaías fechara-se em casa, aparentemente com medo do inimigo, mas, na verdade, ele estava trabalhando

com o inimigo. Por que ele não estava ajudando os judeus a construir o muro? Devemos acautelar-nos dos, assim chamados, cristãos que sempre dão conselhos, mas nunca fazem eles mesmos qualquer trabalho para Cristo. Paulo advertiu a respeito de falsos irmãos (2 Co 11:26). Semaías mentiu para Neemias e tentou ameaçá-lo para que fugisse do inimigo. Contudo, Neemias percebeu o esquema e refutou abertamente as mentiras de Semaías. Ele orou, de

novo, pela ajuda do Senhor e voltou direto ao trabalho.

Em 52 dias, concluíram os muros. E as pessoas trabalharam na época mais quente do ano. Deus foi glorificado, e o inimigo ficou desconcertado (v. 16), mas os judeus concessivos ainda tentavam fazer com que Neemias aceitasse Tobias. Que fardo esses nobres de Judá foram para Neemias. O trabalho fora concluído. Dê-se a glória ao Senhor!

NEEMIAS 8-13

No 25º dia do sexto mês (6:15), completou-se o muro. A segunda metade do livro inicia-se no primeiro dia do sétimo mês (8:2) e enfatiza as pessoas da cidade e a dedicação delas ao Senhor. Agora, acabara a construção física. Era tempo de iniciar a construção espiritual das pessoas.

I. Proclamação da Palavra (8—10)

Esdras retornou a Jerusalém a fim de ajudar Neemias na dedicação do muro e na santificação das pessoas. Não confunda essa cena com a de Esdras 3. É relevante o fato de que se reuniram na Porta das Águas, já que essa porta simboliza a Palavra do Senhor (3:26). O povo tinha fome da Palavra, pois pediu que Esdras trouxesse o Livro e o lesse. O 1º dia do sétimo mês marca a Festa das Trombetas; o 10º dia é o Dia da Expição; do 15º ao 22º dia, a Festa dos Tabernáculos (veja Lv 23:23-44). Esdras leu a Palavra e explicou-a durante muito tempo com o auxílio dos levitas. O versículo 8 descreve uma perfeita assembléia da igreja: todo o povo reunido para ouvir; a Palavra exaltada; o pregador lê e explica a Palavra para que o povo possa entendê-la. O povo chora ao ouvir a Palavra, sem dúvida dominado pelo pesar acerca de seus pecados. Contudo, esse era para ser um dia

de regozijo. Eles podiam chorar no Dia da Expição! Esdras disse-lhes que celebrassem e regozijassem; veja Eclesiastes 3:4.

No dia seguinte, os líderes encontraram-se com Esdras a fim de descobrir a lei referente à Festa dos Tabernáculos. Eles proclamaram essa lei por toda a terra, e o povo obedeceu, houve “mui grande alegria” (v. 17). Há alegria em ouvir a Palavra, mas alegria maior em obedecer a ela. Como resultado dessa conferência bíblica (todos os dias por uma semana, v. 18), no 24º dia do mês houve uma grande convocação das pessoas condenadas. Durante três horas, Esdras e os levitas ensinaram a Palavra e, depois, as pessoas confessaram e oraram por três horas e assim por diante durante todo o dia. No capítulo 9, a oração é um resumo espiritual da história dos judeus do Antigo Testamento: a criação (v. 6); o chamado de Abraão (vv. 7-8); o êxodo (vv. 9-14); a experiência da nação no deserto (vv. 15-23); a conquista da terra (vv. 24-25); o período dos juízes (vv. 26-29); o período dos profetas antes do cativo (vv. 30-31). “Agora, pois [...]” (v. 32) traz-nos aos dias de Esdras e à necessidade da nação arrepender-se e confessar o pecado. No versículo 36, observe que os judeus admitem que as profecias de libertação de Isaías e de Jeremias não se referem ao retorno deles do cati-

veiro. Referem-se a uma data futura em que Deus reunirá de novo Israel na Palestina. Dizer que essas promessas do Antigo Testamento foram cumpridas quando Israel retornou do exílio e que agora são cumpridas na igreja é distorcer as Escrituras.

O capítulo 10 fornece os nomes das pessoas corajosas e devotas que, naquele dia, fizeram aliança com o Senhor. Elas não tinham conhecimento de que seus nomes seriam inscritos na Palavra para sempre! Nos versículos 28-39, vemos a aplicação da Palavra à vida diária das pessoas. Uma coisa é orar e assinar uma aliança, outra é separar-se do mal e endireitar sua casa (vv. 28-30), honrar os mandamentos (v. 31), contribuir para a casa do Senhor (vv. 32-33) e servir ao Senhor com dízimos e ofertas (vv. 34-39). Muitas conferências bíblicas terminam com as pessoas movidas e abençoadas, mas sem a obediência ao que ouviram.

II. Dedicção dos muros (11—12)

Agora, Neemias volta à história do muro que interrompera para contar a história do trabalho espiritual sob o comando de Esdras. Tudo de 7:5 a 10:39 foi parentético. Neemias não apresenta os eventos na ordem exata. Era necessário conseguir judeus para viver na cidade, tanto para o bem da cidade quanto para a glória do Senhor. É claro que isso requeria

fé. Os líderes moravam na cidade, mas eles queriam que os cidadãos se juntassem a eles. Assim, eles sortearam e trouxeram um de cada dez para viver na cidade. O versículo 2 indica que também houve alguns voluntários. Os versículos 3-19 apresentam o número total de 3.044 homens. Se essa quantidade representar 10% da população masculina, podemos constatar como o remanescente na terra era reduzido. Observe a menção a cantores (vv. 22-23). Os judeus não cantavam em seus anos de exílio (Sl 137), mas agora eles tinham a alegria do Senhor para fortalecê-los.

Neemias 12:27-47 descreve a verdadeira dedicação dos muros. Esdras e Neemias dividiram o povo em dois grandes coros. Esdras liderava um, e Neemias, o outro (veja vv. 31,36,38). Provavelmente, eles iniciaram na Porta do Vale. Esdras liderava seu coro ao longo do lado leste da cidade e, depois, para o norte, em direção à área do templo. Neemias e seu coro foram direto para o norte e, depois, para o leste e encontraram o outro coro na área do templo. Talvez isso seja um lembrete de quando Israel marchou em volta de Jericó e obteve uma grande vitória. Também era uma oportunidade de agradecer publicamente ao Senhor conforme testemunhavam a conclusão do trabalho. O versículo 43 indica que se ouvia a alegria

da cidade a quilômetros de distância. Que dia de dedicação foi aquele! As pessoas devotadas sempre vivenciam as bênçãos do Senhor quando se reúnem com alegria para dedicar o trabalho de Deus.

III. Condenação dos perversos (13)

As passagens 13:6 e 7:2 relatam que Neemias retornou à Babilônia por um tempo, deixando o governo da cidade nas mãos de seu irmão. Quando ele retornou, descobriu que as pessoas tinham voltado aos caminhos antigos. Os versículos 1-3 falam da purificação que aconteceu no próprio dia da consagração em que despediram as esposas pagãs das famílias; veja Deuteronômio 23:1-5. Anos antes, Esdras enfrentou o mesmo problema (Ed 10). O pecado tem a característica de repetir-se. Quando Neemias retornou a Jerusalém, descobriu que os homens judeus repetiram esse pecado (vv. 23-31). Na verdade, até mesmo os sacerdotes pecaram dessa forma. Esse líder corajoso precisava enfrentar o pecado com honestidade e julgá-lo.

Ele iniciou pela casa do Senhor, onde descobriu (v. 4) que o sumo sacerdote aliara-se com o inimigo dos judeus, Tobias (veja 6:18 e 13:28; aliar-se é aparentar-se). É triste quando os servos de Deus fazem concessões aos inimigos do Senhor. O sacerdote até dera um quarto para Tobias no templo e provisões do su-

primento do templo, provisões essas que, na verdade, pertenciam aos sacerdotes e aos levitas. Neemias não perdeu tempo para expulsar Tobias e seus pertences e santificar a sala do templo para o uso devido.

Outro pecado foi o fracasso do povo em apoiar seus servos espirituais, os sacerdotes e os levitas. Malaquias tem algo a dizer a respeito disso; leia Malaquias 3. Neemias repreendeu o povo e estabeleceu um sistema seguro para os sacerdotes seguirem. Observe como em todo o seu ministério ele pede a ajuda do Senhor (v. 14).

A inobservância do sábado era outro problema. Os trabalhadores faziam serviços aos sábados (v. 15), e os mercadores vendiam aos sábados (v. 16). Ao mesmo tempo que hoje não acreditamos que o dia do Senhor é o sábado dos judeus, sabemos que o povo do Senhor deve separar o dia do Senhor e usá-lo para glorificá-lo. Nosso sistema econômico exige que algumas pessoas trabalhem aos domingos, mas é muito melhor para os trabalhadores e para a nação se honrarem o dia do Senhor. Com certeza, nenhum cristão pode usar o domingo para fazer compras ou trabalhos que podem esperar. Neemias reprovou os judeus por desonrarem o sábado e fechou as portas da cidade para os vendedores que vinham aos sábados. Em relação ao versículo 18, leia Jeremias 17:21-27.

Contudo, observe que mesmo os levitas eram culpados por profanar o sábado (v. 22). Para verificar os pecados vergonhosos que os sacerdotes cometeram, leia Malaquias 1—2. As pessoas não obedecem com facilidade ao Senhor, a menos que os líderes do povo de Deus dêem o exemplo. Talvez o fato de as pessoas não terem ajudado o

templo (vv. 10-13), tenha forçado os levitas a trabalhar aos sábados para se manterem vivos.

O livro encerra-se com três orações (vv. 22,29,31). Neemias fez seu trabalho, mas apenas Deus pode abençoá-lo e dar continuidade a ele. Neemias morreria um dia, e o povo o esqueceria. Contudo, o Senhor nunca o esquecerá!

ESTER

Esboço

- I. A escolha de Ester (1—2)
 - A. O rei perde Vasti (1)
 - B. O rei escolhe Ester (2)

- II. A prisão de Hamã (3—7)
 - A. O complô maldoso de Hamã (3)
 - B. A grande preocupação de Mordecai (4)
 - C. A interferência corajosa de Ester (5—7)

- III. A proteção de Israel (8—10)
 - A. O novo decreto do rei (8)
 - B. A nova vitória dos judeus (9)
 - C. A nova honra de Mordecai (10)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. O livro

Ester relata acontecimentos que ocorreram no período entre Esdras 6 e 7. O ano 483 a.C. foi o “terceiro ano” de Assuero. “Assuero” é o título do governante persa, como faraó é o título do governante egípcio. O livro não faz nenhuma menção ao nome de Deus; no entanto, menciona o nome do rei, pelo menos, 29 vezes! Os rabis judeus encontraram o nome “Jeová” escondido em cinco versículos diferentes no original hebraico (1:20; 5:4,13; 7:5,7). Vemos a providência poderosa de Jeová em todos os capítulos do livro, embora seu nome não seja mencionado. “Ester” significa “estrela”; “Hadasa”, seu nome judeu, significa “murta” (2:7).

II. O tema

Ester relata como a nação judia foi salva do extermínio. Isso explica um dos feriados mais importantes dos judeus, a Festa do Purim. A palavra “Purim” significa “sortes” e refere-se ao sorteio que Hamã faz para decidir o dia do massacre dos judeus (9:26-31; 3:7). Comemora-se o Purim no 14º e 15º dias do último mês do calendário judaico (fevereiro-março). Em geral, os judeus jejuam no 13º dia anterior à celebração em memória do jejum de Ester (4:16). Na noite do

Purim, lêem o livro de Ester, em público, na sinagoga. Os judeus, cada vez que é lido o nome de Hamã, batem o pé no chão, assobiam e gritam: “Que seu nome seja destruído!”. No dia seguinte, eles encontram-se de novo na sinagoga para orar e ler a Lei. O resto do dia e o dia seguinte são devotados a uma grande e alegre celebração e troca de presentes. O Antigo Testamento não traz nenhuma autorização do Senhor para essa festa, mas os judeus a guardam fielmente há séculos.

III. A lição espiritual

Em Ester, vemos mais uma vez o ódio de Satanás pelos judeus. A nação judaica teria sido exterminada se o complô de Hamã desse certo. Imagine o que isso significaria para a aliança graciosa de Deus com Abraão. Todos os homens e as nações que tentaram eliminar os judeus fracassaram, assim como Hamã. Veja Gênesis 12:1-3. Desde que Deus declarou guerra contra Satanás (Gn 3:15), Satanás e sua semente lutam contra Cristo e sua semente: Caim matou Abel; o faraó tentou suprimir os judeus; Hamã tramou para destruir Israel; Herodes tentou matar Cristo. Aqui, temos também uma ilustração do combate entre a carne e o Espírito (Gl 5:16-23). Hamã era descendente dos amalequitas, arquiinimigos dos judeus (compare Et 3:1 com

Dt 25:17-19; Êx 17:8-16; e 1 Sm 15). Amaleque simboliza a carne, e Hamã, sendo da família, retrata a hostilidade da carne contra o Espírito, como também os filhos de Satanás *versus* os filhos de Deus.

IV. A providência de Deus

O nome de Deus não aparece em lugar algum desse livro, mas sua mão está presente em todo ele! Ele está firme em algum lugar na obscuridade governando e dominando. Ao estudar o livro, observe estas evidências da obra providencial de Deus: (1) a escolha de Ester para ser rainha entre todas as outras candidatas (2:15-18); (2) a descoberta de Mordecai do complô para matar o rei (2:21-23); (3) o sorteio do dia para matar os judeus resultar em uma data bem posterior, o que deu tempo para que Mordecai e Ester agissem (3:7-15); (4) as boas-vindas do rei a Ester após ignorá-la por mais de um mês (5:2); (5) a paciência do rei com Ester ao permitir-lhe fazer outro banquete (5:8); (6) a insônia do rei que trouxe à luz o feito bondoso de Mordecai (6:1ss); (7) o aparente lapso de memória do rei que o levou a honrar um dos judeus que havia concordado em matar (6:10-14); (8) a profunda preocupação do rei com o bem-estar de Ester quando tinha um harém à disposição dele (7:5ss).

V. As datas

No relato de Ester, o rei é Xerxes, filho de Dario I ou Dario, o Grande. Ele governou o Império Persa de 486 a 465 a.C. Vasti foi destronada no terceiro ano de seu reinado (1:3), que seria o ano 483. A história relata que, naquele ano, Xerxes fez uma grande celebração para a sua princesa em preparação à invasão da Grécia. A campanha durou até 479 e foi um desastre. Provavelmente, foi a vergonha e a derrota que levaram Xerxes a desejar não estar casado com Vasti. Em 479, o sétimo ano de seu reinado, Ester tornou-se rainha (2:16). Em 474, 12º ano de seu reinado, Hamã idealizou o complô (3:7), portanto Ester era rainha havia cinco anos quando Hamã pôs mãos à obra. Xerxes foi assassinado em 465.

VI. Ester e Provérbios

Há um paralelo interessante entre alguns versículos de Provérbios e os acontecimentos de Ester. Veja estas referências: Provérbios 16:33 paralelo a Ester 3:7; Provérbios 16:18 paralelo a Ester 5:9-14; Provérbios 11:8 paralelo a Ester 7:10; Provérbios 21:2 paralelo a Ester 5:1-4.

VII. Hamã e o anticristo

Muitos estudiosos bíblicos vêem em Hamã um retrato do futuro anticristo que perseguirá os judeus e tentará eliminá-los. Em Ester 7:6, a expressão "este mau Hamã" aparece 666

vezes no original hebraico, e esse é o número da besta (Ap 13:18). Em segredo, Hamã trama os assassinatos, ao mesmo tempo que, em público, era amigável com os judeus; o anticristo fará uma aliança de sete anos com Israel, mas a quebrará na metade do prazo. O rei deu muito poder a Hamã; Satanás dará muito poder à besta. O orgulho de Hamã é patente, pois queria que todos os homens se curvassem diante dele; a besta fará com que todos os homens a adorem e à sua imagem. Hamã odiava os judeus, e o anticristo odiará os judeus. Contudo, Hamã foi condenado, embora, por um tempo, parecesse ter poder. A besta, a obra-prima de Satanás, parecerá indestrutível, porém Cristo, quando retornar, a destruirá e aos seus seguidores.

VIII. A coragem de Ester

Alguns criticaram Ester por sua aparente falta de preocupação com a situação dos judeus. É verdade que

Ester tentou mudar a mente de Mordecai quando ele começou a jejuar e a clamar (4:1-4). Contudo, devemos nos lembrar de que Ester ficava muito isolada dos verdadeiros assuntos da corte e havia um mês não via o rei. A partir do momento em que soube do perigo que rondava os judeus, ela dispôs-se a cooperar com Mordecai. Com certeza, ela punha sua vida em risco, pois Xerxes era uma pessoa de humor variável e poderia matar Ester com a mesma facilidade com que depusera Vasti! Embora Ester, no início, não demonstrasse a mesma fé na aliança de Deus que Mordecai, ela, com o correr dos acontecimentos, tornou-se uma mulher corajosa, cuja fé no Senhor era firme. É interessante observar que, enquanto Ester não tinha contato com Mordecai, as coisas corriam mal para os judeus, mas, quando ela começou a obedecer a Mordecai, tudo redun-
dou em benefício dos judeus.

ESTER 1-4

Esses quatro capítulos iniciais apresentam os quatro personagens principais do drama.

I. Assuero, o rei (1)

Como já mencionamos, Assuero era o título do governante persa. Seu nome verdadeiro era Xerxes, e ele governou de 486 a 465 a.C. A história relata que ele foi um governante impulsivo, e observamos isso no relato de Ester. Veja a rapidez com que o rei dá muita autoridade a Hamã e, depois, esquece o que seu decreto envolvia! Note também com que impulsividade ele afasta sua amada esposa e, mais tarde, arrepende-se disso.

A. O banquete (vv. 1-12)

Esse acontecimento real tinha por objetivo conferenciar com seus chefes e líderes para preparar a guerra contra a Grécia. Xerxes acabara com uma revolta no Egito e sentia-se seguro de poder conquistar a Grécia. A reunião durou 180 dias. O grande banquete aconteceu no final desse período. Isso aconteceu no terceiro ano do reinado de Xerxes ou em 483 a.C. Como Daniel profetizara (Dn 2:36ss), os medos e os persas estavam no poder. O banquete no belo

jardim real durou sete dias (v. 5). É claro que havia bebida e que cada convidado podia consumir quanto desejasse. De acordo com o costume persa, as mulheres tiveram um banquete separado. Xerxes, ansioso por agradar seus convidados, pediu que a rainha viesse ao banquete dos homens, mas Vasti recusou-se a ir. (O nome Vasti significa “linda mulher”.) Vasti sabia que o rei e seus convidados estavam sob influência do vinho e que o salão de banquete não era lugar para uma mulher, em especial uma rainha.

B. O banimento (vv. 13-22)

O rei ficou atônito com a recusa pública de Vasti em satisfazer seu capricho. Ele procurou os sábios em busca de conselho. (Veremos nesse livro que Xerxes escuta conselhos de diversas pessoas. A história diz que ele era uma marionete nas mãos de vários de seus chefes.) Os homens aconselharam-no a depor Vasti e torná-la um exemplo público para toda a nação. Talvez o “sistema postal” dos persas fosse o melhor do mundo antigo. Ele funcionava um pouco como o antigo serviço postal que utilizava cavalos, em que cavalos e cavaleiros descansados esperavam em vários pontos ao longo da rota para fazer rodízio. O rei esperava que seu decreto fortalecesse as famílias da terra. Ninguém sabe se isso aconteceu ou não. O que sabe-

mos é que, mais tarde, ele se arrependeu de sua decisão.

II. Ester, a rainha (2)

Passaram-se, pelo menos, quatro anos entre os capítulos 1 e 2, e, durante esse período, Xerxes fez sua campanha desastrosa contra a Grécia (487-479). Ele voltou um homem amargurado, e era natural que procurasse algum tipo de conforto em sua casa. Contudo, ele lembrou-se de que Vasti fora destronada e que estava sem rainha. É claro que ele tinha muitas mulheres disponíveis em seu harém, mas sentia saudade de sua bela rainha. Os sábios aconselharam-no a procurar outra rainha. (Provavelmente, Vasti puniria os conselheiros do marido se voltasse ao trono.) Assim, iniciou-se a grande busca pela rainha ideal, e é aí que entra Ester.

Ester e Mordecai eram primos, e ele a criara como filha. Mordecai era conhecido no palácio e, provavelmente, tinha um posto inferior, pois o vemos sentado ao portão. Ele aconselha Ester a participar do "torneio", mas a não permitir que soubessem que era judia. Isso significava que, provavelmente, Ester teve de comer alimento impuro e quebrar algumas regras legais do Antigo Testamento, pois, de outra forma, não poderia estar no meio das competidoras gentias. (No entanto, em Dn 1, veja a experiência de Daniel.) Isso significa

que "o fim justifica os meios"? É claro que essas prescrições eram temporárias, e não leis eternas fundamentais que envolvem salvação, mas ainda eram a Palavra do Senhor. No entanto, não estamos aqui para julgar, pois Ester provou ser uma mulher de coragem. Após um ano de preparação especial (v. 12), Ester foi levada diante do rei — e escolhida! O versículo 15 afirma que ela "nada pediu"; isto é, não quis enfeitar-se com jóias vistosas como fizeram as outras mulheres. Ela dependia de sua beleza e caráter; veja 1 Pedro 3:3-4. Em 479, ela tornou-se rainha, e houve uma grande festa em sua honra. Os versículos 21-23 relatam o que parece ser um incidente menor, mas que mais tarde assume muita importância. Talvez esses homens tentassem matar o rei, porque desaprovavam a forma como ele tratou Vasti.

III. Hamã, o inimigo (3)

Passam-se cinco anos (v. 7), e Sata-nás começa a trabalhar. A promoção de Hamã subiu-lhe à cabeça, e ele se tornou um assassino. Mordecai, judeu devoto, não podia se curvar perante Hamã, e isso deixou o orgulhoso governante com muita raiva. As pessoas do palácio sabiam que Mordecai era judeu (v. 6), mas não sabiam que Ester também tinha a mesma nacionalidade. Hamã decidiu destruir *todos* os judeus apenas por causa de sua malignidade

em relação a Mordecai. Satanás é o destruidor Apoliom (Ap 9:11). Hamã e seus adivinhos lançaram a sorte (*pur* em hebraico) para determinar o dia da execução dos judeus, e estipulou-se a data para quase um ano mais tarde! A seguir, Hamã ofereceu-se para conseguir “dez mil talentos de prata” (aproximadamente 25 milhões de dólares) para o rei se ele autorizasse a matança dos judeus. É óbvio que Hamã mentiu ao rei a respeito dos judeus, pois Satanás é mentiroso e assassino. Insensatamente, Xerxes deu a Hamã seu anel e a autoridade para agir, sem perceber que punha em risco a vida de sua rainha. Hamã não perdeu tempo. Escreveu e enviou o decreto naquele mesmo mês (vv. 7,12), em que ordenava que os persas destruíssem, matassem e saqueassem todos os judeus, em toda a extensão do reino. É difícil imaginar como o rei podia em um minuto fazer uma lei que determinava o extermínio de milhões de pessoas e, no momento seguinte, sentar-se à mesa para comer e beber (v. 15). Contudo, os ditadores da história moderna fizeram a mesma coisa. (Consulte as notas introdutórias para ter acesso a mais material a respeito de Hamã.)

IV. Mordecai, o protetor (4)

O judeu que ficava sentado ao portão do rei agora toma a dianteira. Ele é o vaso preparado por Deus para

salvar a nação. Mordecai, no mesmo momento, inicia uma lamentação pública bem na frente do portão do rei! Ele não tinha vergonha de seu povo ou de Deus, embora tivesse aconselhado Ester a esconder sua nacionalidade. Sem dúvida, ele se tornou bastante inconveniente quando se sentou ao portão e “clamou com grande e amargo clamor”. Ester enviou-lhe algumas roupas novas e sugeriu que parasse com aquilo, mas ele enviou-lhe a explicação para seus atos. No palácio, Ester provavelmente não tinha acesso a todas as políticas e politicagens em andamento e não via o rei havia um mês (v. 11). Mordecai enviou-lhe uma cópia do decreto a fim de que ela percebesse como a situação era desesperadora. Vemos aqui dois tipos de santos: os que estão alegres porque não sabem o que está acontecendo e os que sofrem porque conhecem as marcas do tempo.

No versículo 11, Ester está arrumando desculpas ou apenas explica a situação? Com certeza, ela já percebera que era a única pessoa capaz de salvar os judeus. Lembre-se de que, provavelmente, Ester não sabia nada a respeito do verdadeiro caráter de Hamã. Hamã era o favorito do rei, e ela não tinha motivo para duvidar da sinceridade dele. Mordecai lembrou-a de que ela não escaparia da morte, mesmo estando no palácio. Ele acrescentou: “Porque, se de

todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento". Mordecai conhecia a aliança de Deus com Abraão e sabia que o Senhor não permitiria nunca que a nação percesse.

Temos de admirar a reação sensível e espiritual de Ester: ela pediu oração! Ela sabia que ir à presença do rei podia significar morte, mas apresentou-se como "sacrifício vivo" para fazer a vontade de Deus. "Se perecer, pereci" não é o clamor desesperado de uma mártir, mas o testemunho de uma crente disposta a fazer tudo por seu Senhor. Veja Daniel 3:13-18. Agora, Ester era forçada a revelar seu povo. Você não pode esconder a luz por muito tempo! Ester, no Antigo Testamento, e José de Arimatéia, no Novo Testamento (Jo 19:38-42), eram ambos "crentes em

secreto", aos quais Deus levantara em circunstâncias especiais a fim de que desempenhassem um ministério especial. (Em Jo 19:38, a palavra "ocultamente" significa literalmente "secreto". O Senhor o escondera para o objetivo especial de sepultar o corpo de Jesus.)

Não podemos deixar de ver uma aplicação espiritual atual para esses capítulos. Satanás é o destruidor, e milhões de pessoas irão para o inferno, a menos que alguém as salve. Alguns cristãos são como o rei — comem, bebem e desfrutam da vida inconscientes do perigo. Outros, como Mordecai, preocupam-se muito em salvar as pessoas condenadas. E também há as mulheres como Ester que se sacrificam a fim de interceder em favor do perdido. Qual deles você é?

ESTER 5-10

Nesses capítulos, os acontecimentos centralizam-se em três celebrações.

I. Um banquete de júbilo (5—6)

Durante três dias, os judeus jejuaram e oraram com Ester. Agora, era o momento de, pela fé, apresentar-se diante do trono do rei. Lembrese que os governantes orientais são quase como deuses para o povo, e as ordens deles, certas ou erradas, são obedecidas. Ester punha sua vida em risco, mas ela já a entregara nas mãos de Deus. Nem bem ela apareceu na entrada da sala do trono, o rei levantou o cetro de ouro e mandou-a entrar! “O coração do rei na mão do SENHOR” (Pv 21:1). Ester, agindo com muita sabedoria, não fez logo a Xerxes seu verdadeiro pedido. Em vez disso, ela convidou o rei e Hamã para um banquete naquele mesmo dia. Ela conhecia a fraqueza do rei por bebida e comida e, com instinto feminino, preparou-o para o importante pedido. Além disso, ela deu a Hamã um falso sentimento de segurança ao incluí-lo no convite. Depois de vários turnos de comida, chegou o turno do vinho, em que o rei ficaria excepcionalmente alegre. Ele sabia que Ester tinha algo

no coração e, assim, perguntou a respeito disso. Mas a sábia rainha adiou mais um dia, e o rei cedeu ao desejo dela. Hamã foi para casa encantado, inchado de orgulho por poder desfrutar de um banquete tão exclusivo com a realeza. Contudo, a paz e a segurança dele não durariam muito tempo; Hamã, como o pecador perdido de hoje, já estava condenado.

Apenas uma coisa estragou o dia para Hamã: ele viu o judeu Mordecai no portão do palácio, e este se recusou a curvar-se diante dele. Hamã, em sua raiva orgulhosa, resolveu inventar alguma coisa contra Mordecai e executá-lo. Hamã, como Adão, ouviu sua esposa e seguiu o conselho dela. Ele tinha uma força de 22 metros de altura e pretendia pendurar Mordecai ali. A altura da força permitia que toda a cidade visse a vítima; na verdade, em 7:9-10, os servos do rei parecem indicar que do palácio se via a força. A alegria carnal de Hamã não duraria muito tempo, pois o capítulo 6 apresenta Mordecai sendo finalmente recompensado por salvar a vida do rei. Talvez, se Mordecai tivesse meditado a respeito de Salmos 37:1-15, saberia que, um dia, o Senhor o honraria por sua boa ação. Mas pense em como Hamã sentiu-se humilhado! Esse acontecimento deve tê-lo humilhado e forçado a mudar seus planos perversos. Na

verdade, sua esposa até advertiu-o de que agora ele não podia mais dominar os judeus. O servo foi buscar Hamã para o segundo banquete enquanto ele e a esposa discutiam o assunto.

II. Um banquete de acerto de contas (7)

O conflito entre Hamã e Mordecai e a queda final de Hamã são ilustrações perfeitas de Salmos 37. Leia esse salmo com atenção e veja como se ajusta à situação. Leia também o salmo 73. Sem dúvida, Hamã vai para o banquete com algum temor e tremor no coração. Entretanto, era muito tarde, pois seu pecado o encontraria. Veja Provérbios 16:18 e 18:12. O rei perguntou a Ester qual era seu pedido, e, dessa vez, ela abriu o coração e rogou pela salvação de seu povo. Observe que ela usa as mesmas palavras do decreto do rei, apresentado no versículo 4; veja 3:13. Sem dúvida, ela leu o decreto muitas vezes e “estendeu-[o] perante o SENHOR”. O rei não se surpreendeu ao descobrir que ela era judia. O que o surpreendeu foi o fato de que um homem tão perverso pudesse ser seu empregado! E o rei ficou ainda mais chocado ao descobrir quem era o inimigo — Hamã! Como esse rei era cego em relação ao verdadeiro caráter das pessoas que o rodeavam! Ele conservou o sábio e piedoso Mordecai do lado

de fora do portão, mas permitiu que Hamã entrasse e saísse do palácio. Não é de admirar que ele tenha sido assassinado mais tarde.

“O furor do rei são uns mensageiros de morte” (Pv 16:14). O rei ficou tão perturbado que saiu do salão de banquetes e foi para o jardim. Isso deu a oportunidade ao perverso Hamã para humilhar-se diante da rainha, implorando por sua misericórdia. Hamã foi tão ardoroso em sua súplica que caiu no sofá em que a rainha estava, e isso foi demais para o rei. Ele ordenou que o homem fosse executado, e assim foi feito — na mesma força que Hamã preparara para Mordecai! “O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar” (Pv 11:8). Os servos ficaram muito alegres em obedecer ao rei, pois Hamã fizera muitos inimigos durante sua administração egoísta e orgulhosa.

III. Um banquete de rememoração (8-10)

A paz reinou no palácio depois de Hamã sair do caminho. Mordecai recebeu a autoridade que, um dia, pertencera a Hamã, e agora todos sabiam que Ester era judia. No entanto, ainda havia um problema: o rei não podia cancelar seu decreto, e, em nove meses, os judeus seriam roubados e mortos (compare 8:8 com 3:13). Com certeza, vemos a providência de Deus no sorteio da

data (3:7), pois isso deixou tempo para que o rei enviasse um novo decreto a todo o império. Mais uma vez, Ester implorou para que o rei agisse em prol da salvação de seu povo. O rei virou-se para Mordecai e deu-lhe autoridade para agir em seu nome. O novo decreto permitia que os judeus se defendessem e destruíssem qualquer pessoa no reino que fosse inimiga dos judeus. O rei não cancelou a lei anterior; apenas fez uma nova lei que suplantava a anterior. Isso é uma verdade na vida cristã: “a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus” (Rm 8:1-12) suplantou a lei de pecado e morte.

Os versículos 10-14 são uma bela imagem da propagação do evangelho. Essa mensagem era uma questão de vida ou morte! Os escribas apressaram-se e escreveram a mensagem, e os ginetes correram a entregá-la em todos os cantos do reino. Se hoje os cristãos tivessem metade desse ímpeto para propagar a mensagem do evangelho, mais almas seriam salvas da morte eterna. Veja Provérbios 24:11-12. Observe que muitas pessoas diferentes foram usadas para espalhar a boa-nova, exatamente como hoje, em que Deus usa muitos trabalhadores. A mensagem trouxe alegria e libertação para os judeus quando eles a escutaram e creram nela. Eles sabiam que os persas não ou-

sariam lutar com eles e incorrer na ira do rei. Na verdade, muitos persas disseram que eram judeus para escapar da punição!

Quando chegou o 12º mês (cap. 9), o judeus estavam prontos para a vitória; eles tinham o decreto do rei a favor deles. Foram mortos centenas de inimigos dos judeus, mesmo os dez filhos de Hamã (9:6-10). A Bíblia hebraica apresenta uma lista com os nomes dos filhos de Hamã dispostos em uma longa coluna que parece uma força! Nenhum judeu pegou qualquer espólio (v. 10), embora o decreto permitisse (8:11). Com certeza, os inimigos deles pegariam as riquezas dos judeus como o rei ordenara (3:13), mas o povo de Deus tem de provar que é melhor que o inimigo. O versículo 16 afirma que foram mortos 75 mil inimigos dos judeus. No 14º dia do mês, os judeus descansaram e regozijaram-se pela libertação que o Senhor enviara. Mordecai sentiu-se levado a decretar o 14º e o 15º dias do 12º mês como dias santos para que os judeus comemorassem a grande libertação; e, até hoje, os judeus comemoram o “Purim”. Purim é plural de *pur*, que, em hebraico, significa “sorte” (veja 3:7). Embora não haja autorização no Antigo Testamento para essa celebração, ela tem sido guardada há séculos e é um testemunho do poder e da graça do Senhor em relação ao seu povo.

O livro encerra-se com o relato da promoção e da prosperidade de Mordecai, o homem de fé que creu nas promessas de Deus e ousou agir. Obviamente, não ousaríamos nos esquecer de Ester,

que deu tudo de si para salvar seu povo. Todo o relato de Ester é um testemunho maravilhoso do poder e da providência prevalecentes do Senhor. Esse livro ilustra Romanos 8.28.

Jó

Esboço

I. A aflição de Jó (1—3)

- A. Sua prosperidade (1:1-5)
- B. Sua adversidade (1:6—2:13)
- C. Sua perplexidade (3)

II. A defesa de Jó (4—37)

- A. O primeiro embate (4—14)
 - 1. Elifaz (4—5) — A resposta de Jó (6—7)
 - 2. Bildade (8) — A resposta de Jó (9—10)
 - 3. Zofar (11) — A resposta de Jó (12—14)
- B. O segundo embate (15—21)
 - 1. Elifaz (15) — A resposta de Jó (16—17)
 - 2. Bildade (18) — A resposta de Jó (19)
 - 3. Zofar (20) — A resposta de Jó (21)
- C. O terceiro embate (22—37)
 - 1. Elifaz (22) — A resposta de Jó (23—24)
 - 2. Bildade (25) — A resposta de Jó (26—31)
 - 3. Eliú (32—37)

III. A libertação de Jó (38—42)

- A. Deus humilha Jó (38:1—42:6) (veja 40:3-5 e 42:1-6)
- B. Deus honra Jó — 42:7-17
 - 1. Deus censura as críticas dele (42:7-10)
 - 2. Deus restaura a saúde dele (42:11-17)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Muitos leitores da Bíblia evitam estudar o relato de Jó, com exceção talvez dos primeiros dois capítulos e do último, que são bastante dramáticos. O resto do livro parece ser uma coleção de falas poéticas, e a conversa parece nunca evoluir muito. No entanto, uma leitura cuidadosa do relato de Jó revela-nos que sua mensagem é bem moderna, pois trata de problemas que os crentes enfrentam constantemente.

I. O livro

Tenha em mente estes fatos quando estudar o relato de Jó: (1) Esse é um livro oriental que está cheio de pensamentos e expressões dos povos orientais. (2) Esse é um livro poético (exceto os capítulos 1—2 e 42:7-17), e a poesia hebraica é bem distinta da ocidental. (3) Esse livro luta com um problema difícil, a presença do sofrimento em um mundo governado por Deus. Essas três características sozinhas tornam o relato de Jó difícil de ler e de interpretar, mas não devemos ignorá-lo.

II. O homem

Jó não é um personagem de ficção inventado por esse poema dramático; ele foi um homem real na história. Ezequiel cita-o (14:14-20) e também Tiago (5:11). Jó era um ho-

mem devoto, próspero, alguém que se preocupava sinceramente com as necessidades dos outros. No entanto, ele também era um homem perplexo, pois não conseguia entender por que Deus permitia que vivenciasse tantas provações.

III. O tema

A maioria das pessoas diz que o tema de Jó é a antiquíssima questão: “Por que um Deus amoroso e justo permite que uma pessoa piedosa sofra?”. Contudo, se essa questão é o tema do livro, ela não é respondida! O tema mais bem posto é: “Como o justo sofre?”. Jó, em poucos dias, perde seu negócio, seus bens, sua família (exceto sua esposa) e sua saúde. Seus três amigos imaginam que Jó seja realmente um ímpio que tem um pecado escondido em sua vida, e o Senhor, na verdade, está disciplinando-o. Jó insiste em que não conhece nenhum pecado escondido. Assim, seus amigos continuam argumentando com ele. Por favor, observe que, em 2:3, Deus deixa claro que não tem nada contra Jó. E em 42:7, o Senhor repreende os três amigos por não falarem a verdade a respeito dele. Jó não era ímpio, embora ele (como qualquer pessoa) certamente tenha o que melhorar em sua vida, e, no fim, ele admite isso (42:1-6).

É verdade que Deus disciplina seus filhos quando persistem no

pecado (Hb 12:1-13), e que essa disciplina é uma evidência de seu amor. Também é verdade que o perverso tem suas alegrias hoje, mas logo definhará (Sl 37; 73). Contudo, nenhum desses fatos satisfaz a necessidade na vida de Jó. Todavia, o Senhor tem em mente propósitos divinos ao permitir que Jó sofra. Do princípio ao fim, ele revelou Jó, a Satanás e aos anjos, como o *testemunho de um homem de fé*. (Apenas na eternidade saberemos quanto os anjos aprenderam com a vida dos santos; veja Ef 3:9-10 e 1 Pe 1:12.) A principal lição de Jó é esta: Deus é totalmente soberano no tratamento com seu povo e jamais permite que qualquer coisa venha para a vida do cristão obediente que não seja para o bem dele e para a glória do Senhor. O Senhor não tem de explicar seus caminhos para nós. Basta sabermos que ele se importa e nunca erra. Não vivemos pelas explicações, mas sim pelas promessas. O relato de Jó mostra-nos como o justo deve sofrer. “Tendes ouvido da paciência de Jó” (Tg 5:11).

IV. Os amigos de Jó

Esse drama envolve outros quatro homens, todos amigos de Jó. Lembre-se de que os acontecimentos desse livro ocorreram no espaço de diversos meses (7:3) e que os amigos e vizinhos discutiram o caso de Jó (6:15; 12:4; 16:10; 17:1-9).

Elifaz, de Temã, o primeiro orador, fundamenta todas as suas idéias em uma “experiência espiritual” que teve certa noite (4:12-16). Bildade, “tradicionalista”, que conhece alguns ditos inteligentes, tenta construir um caso fundamentado neles. Ele, como Elifaz, tem certeza de que Jó é um ímpio. Zofar, muito dogmático, tem certeza de que sabe mais a respeito de Deus *que qualquer outra pessoa*. Cada um desses homens argumenta com Jó, e ele argumenta de volta. No fim (caps. 32—37), aparece uma nova voz, a de um homem jovem que esperou até que os mais velhos falassem antes de apresentar suas idéias. Enquanto os homens mais velhos insistem em que Deus sempre abençoa o justo e julga o perverso, Eliú diz que, às vezes, o Senhor disciplina (não castiga) o justo por sua própria vontade. Ele pede que Jó se entregue ao Senhor e confie nele, mas sua atitude ainda é de julgamento e de crítica. Quando o Senhor aparece, ele não faz referência alguma à ótima fala de Eliú!

V. A bênção da paciência

O relato de Jó não dá uma resposta palatável ao problema de por que o justo sofre. Com certeza, Jó é um homem melhor depois das provações, pois o sofrimento tem efeitos purificadores se nos entregamos ao Senhor. Tiago 5:11 comenta a paci-

ência de Jó, o que literalmente significa “fidelidade sob provação”. (Aqui, a palavra “paciência” pode dar uma idéia errônea, pois, certamente, Jó ficou impaciente com seus amigos e com sua situação!) Jó manteve a fé em Deus e creu que, no fim, o Senhor o vindicaria. E o Senhor fez isso. Talvez esta seja a

grande lição do livro: Deus é totalmente soberano em nossa vida e não tem de explicar seus caminhos para nós. O Senhor realiza seus propósitos (Rm 8:28), e isso é o que importa. Não devemos perguntar: “Por que tenho de receber isso?”, quando temos provação, mas: “Senhor, o que posso tirar disso?”

Jó 1-3

Provavelmente, a terra de Uz ficava no que conhecemos como norte da Arábia. O maior homem do Oriente viveu lá; ele chamava-se Jó. Veja como ele era grande.

I. A prosperidade de Jó (1:1-5)

Jó, em todos os aspectos, era um homem rico. Ele era rico em caráter, pois era “íntegro e reto”. Ele não era sem pecado, mas sincero e obediente ao Senhor. Ele temia a Deus, não com terror, mas com confiança humilde, e afastava-se do mau. Ele também era rico em sua família, pois tinha sete filhos e três filhas. No Oriente, as famílias grandes (principalmente com muitos filhos homens) são muito desejadas. No versículo 5, observe a preocupação de Jó com seus filhos e filhas e como ele ora por eles no altar. Como esses filhos eram afortunados por terem um pai piedoso! Em relação à esposa de Jó, ela não parece ter a fé e a sabedoria de Jó (veja 2:9-10), embora compreendamos que ela preferisse ver o marido morto a vê-lo sofrer tanto. Entretanto, no fim, o Senhor provou que ela estava errada. Veja também 19:17.

Jó era rico em posses, e “era também mui numeroso o pessoal ao seu serviço”. Ele tinha milhares de animais. Com certeza, o Senhor

abençoara Jó, e este não hesitava em louvar a Deus por tudo o que Senhor tinha feito. Paulo escreveu: “Tanto sei estar humilhado como também ser honrado” (Fp 4:12). A maioria de nós não tem problema algum em virar-se para o Senhor quando nos sentimos “humilhados” e as coisas vão mal, mas como é difícil servir ao Senhor e lembrar-nos dele quando as coisas prosperam. Jó não permitia que seu dinheiro e suas posses tomassem o lugar do Senhor.

II. A adversidade de Jó (1:6—2:13)

A. A primeira acusação e ataque de Satanás (1:6-22)

Satanás tem acesso ao céu e deve fazer relatos ao Senhor. Veja Apocalipse 12:7-12. No céu, Satanás acusa os santos diante do Senhor; veja Zacarias 3. Graças ao Senhor por nosso Advogado no céu, Jesus Cristo, o Salvador (1 Jo 2:1-2)! Deus e Satanás, sem Jó saber, discutem seu caso. Se Jó soubesse dessa conversa, não teria tido nenhuma dúvida ou preocupação. Ele saberia que o Senhor usava-o como uma arma para refutar as mentiras de Satanás. Mas ele não sabia o que estava acontecendo no conselho do céu. Além disso, ele tinha de enfrentar seus desafios pela fé. Satanás admitiu que estivera rodeando a terra (veja 1 Pe 5:8-9), e Deus apontou Jó como “prova A” de como deve ser um ho-

mem piedoso. Contudo, Satanás, que *já* jamais concordará com a Palavra do Senhor, imediatamente acusou Jó de ser ímpio. “A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face.” Observe que os crentes são cercados pelo Senhor, e Satanás não pode tocá-los sem a permissão expressa do Senhor. Veja Lucas 22:31-34. Satanás não é igual a Deus nem em poder nem em sabedoria. Satanás não é todo-poderoso, pois ele é apenas um ser criado com poder limitado. Satanás não é onipresente; ele está limitado a um lugar de cada vez. E Satanás não é onisciente, pois, se soubesse como essa questão acabaria, nunca teria iniciado seu questionamento. Satanás segura o mundo no colo (1 Jo 5:19), mas “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 Jo 4:4). No momento em que tem permissão divina, Satanás ataca as posses de Jó e, logo, deixa-o pobre. Observe que Satanás usa coisas comuns para atacar Jó — exércitos inimigos, fogo e ventania forte. Os amigos de Jó pensaram que o Senhor enviara essas forças destrutivas, quando, na verdade, fora Satanás que fizera isso. Na verdade, um homem chamou o fogo (provavelmente, raio) de “fogo de Deus” (1:16). Como Jó respondeu?

Ele lamentou pela morte e adorou a Deus. “O SENHOR o deu [isso é fácil de dizer] e o SENHOR o tomou; bendito [isso é difícil de dizer] seja o nome do SENHOR”.

B. O segundo ataque e acusação de Satanás (2:1-13)

Pense em como os anjos no céu louvaram a Deus quando viram que Jó permanecia fiel. Que derrota para Satanás! O Senhor faz Satanás lembrar-se dessa verdade: “Ele conserva a sua integridade” (2:3). Contudo, Satanás tem outra mentira na língua: “Estende, porém, a mão, toca-lhe nos ossos e na carne e verás se não blasfema contra ti na tua face”. O Senhor permitiu isso, mas limitou-o de novo, pois Satanás (que, quando Deus permite, tem o poder da morte) não pode ir além do desejo do Senhor. Não sabemos o que eram os “tumores malignos” de Jó; provavelmente, ele teve uma forma de lepra ou elefantíase. De qualquer forma, ele estava cheio de dor, sua aparência era horrível (19:13-20), e parecia não haver esperança para o caso dele. Sua esposa não agüentava vê-lo sofrer e, em um momento de descrença, sugeriu que ele amaldiçoasse o Senhor e que morresse (vv. 9-10). Em 2:10, a palavra “mal” não significa “pecado”, pois Deus não é o autor do pecado. Ela significa “calamidade”, “aflição”. O Senhor permite calamidades em nossa vida.

A seguir, os três amigos de Jó combinam de confortá-lo e, durante uma semana, sentam-se em silêncio solidário depois de chorar com ele e juntar-se a ele em seus atos de humilhação. É possível até que as mãos de Satanás estivessem nos atos de sua esposa e dos três “amigos”. Satanás usou Judas e Pedro, bem como Ananias e Safira. Com certeza, poderia usar os amigos bem-intencionados de Jó.

III. A perplexidade de Jó (3)

Não entenda de forma errônea esse capítulo. Jó não amaldiçoa o Senhor como Satanás previra que faria (1:11; 2:5) ou como sua esposa sugerira que fizesse (2:9). É bom saber que Satanás não pode prever o futuro. O que Jó amaldiçoa é o fato de ter nascido; ele gostaria de nunca ter nascido. Ele sente que seria melhor ter morrido ao nascer que viver e passar por tal sofrimento. Nos versículos 13-19, a descrição que Jó faz da morte deve ser suplantada pela revelação que temos no Novo Testamento. Com certeza, Jó não sugere que todos os homens, pecadores e santos, vão a um lugar de descanso e de bênção, pois sabemos que o pecador morre e vai para um lugar de punição, enquanto os santos entram diretamente na presença do Senhor. Jó está dizendo: “Com certeza, eu nasci para algo melhor que isso!”.

Ele está perplexo, pois não sabe o que Deus pretende com esse sofrimento dele.

Nos versículos 20-24, Jó pergunta: “Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo [...]? Por que se concede luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados?”. Sim, nossa miséria realiza alguma coisa quando nos entregamos ao Senhor. O sofrimento trabalha para nós, não contra nós (veja 2 Co 3:7—5:9). Jó não conseguia ver o fim, ou o propósito, do Senhor (Tg 5:11), mas nós podemos porque tivemos um vislumbre da corte do céu.

Os versículos 25-26 indicam que Jó pensava, com freqüência, em provações e temia ter de enfrentá-las. Ele era um homem próspero e se perguntava o que faria se perdesse a fortuna e a saúde. Ele não vivia em segurança carnal ou falsa paz, pois sua fé estava no Senhor, não em suas posses. “Já me vem grande perturbação.” Não sejamos muito duros com Jó até que passemos pelo que ele passou. É fácil crer em Deus em meio à prosperidade, mas outra coisa é exercer nossa fé quando perdemos tudo e nosso sofrimento é tão intenso que queremos morrer. Por favor, lembre-se de que Jó não amaldiçoou o Senhor nem questionou sua santidade ou seu poder. Na verdade, o verdadeiro problema de

Jó era a justiça do Senhor: como um Deus santo podia permitir uma calamidade tão horrorosa?

Não nos surpreende o fato de um homem piedoso desejar morrer. Moisés pediu que Deus tirasse sua vida (Nm 11:10-15) por causa da rebelião contínua da nação; Elias orou pedindo para morrer depois que escapou de Jezabel (1 Rs 19); Jonas também queria morrer (Jn 4:3). Por favor, no capítulo 3, observe que Jó pergunta cinco vezes: "Por que...?" (vv. 11-12,23). Jó suportaria o sofrimento se apenas entendesse por que Deus o permitia. "Por que...?" é uma pergunta fácil

de fazer, mas nem sempre o Senhor responde de imediato. Jó deveria perceber que Deus estava no controle, que essas provocações eram parte de um plano de amor e que, um dia, o Senhor tornaria conhecido seu propósito.

Quando sentir-se perplexo diante das provocações da vida, lembre-se de que Deus ainda está no trono. Jó 23:10 é uma expressão da fé de Jó: "Mas ele sabe o meu caminho; se ele me provasse, sairia eu como o ouro". Jó atravessava o fogo. Contudo, quando um filho de Deus está no fogo, ele está lá com o Filho (Is 43:1-2 e Dn 3:25).

Jó 4-37

Não podemos examinar cada capítulo em detalhes, pois são muito longos e intrincados. Se você ler esses capítulos em uma versão mais moderna da Bíblia, comparando-a com uma versão mais antiga, compreenderá e seguirá melhor os argumentos dos homens.

I. Os acusadores de Jó

Os três amigos de Jó procuraram-no a fim de confortá-lo, mas acabam por criticá-lo! De uma forma ou de outra, os três usam o mesmo argumento: (1) Deus abençoa o justo e aflige o perverso; (2) o Senhor afligiu Jó; (3) portanto, Jó deve ser perverso. É claro que o pensamento deles parece lógico, mas não é espiritual. Os seres humanos, meros mortais, são muito ignorantes para compreenderem totalmente os caminhos do Senhor. Pois ajustarmos o Senhor a nossas pequenas "caixas teológicas" é o mesmo que limitá-lo, tornando-o um Deus menor. Tenhamos em mente que esses amigos de Jó não tinham a revelação total que temos no Novo Testamento, a qual mostra de forma mais completa que o sofrimento nem sempre é causado pelo pecado e que, por meio da fé em Cristo, podemos transformar o sofrimento em glória. É perigoso o crente tentar explicar os caminhos de Deus a outros crentes se eles não

entendem a Palavra nem os caminhos do Senhor.

Elifaz, em sua primeira fala, argumenta que Jó é um pecador (4:7-11). Ele fundamenta seu pensamento em uma visão especial que teve em determinada ocasião (4:12-21), portanto podemos dizer que Elifaz deduz os difíceis fatos da vida a partir de uma experiência pessoal. Em 8:1-7, Bildade apresenta seus argumentos e afirma de forma direta que Deus não faz coisas injustas. Em 8:8-10, Bildade argumenta a partir da tradição e cita uma série de ditos antigos para apoiar sua alegação. No capítulo 11, Zofar repreende Jó e diz que ele precisa se arrepender e se tornar reto com o Senhor! Os três "amigos" cometem o mesmo erro: (1) eles não conseguem penetrar no sofrimento de Jó e ser solidários com ele; (2) eles tinham um conceito rígido a respeito de Deus e suas obras, o qual não era totalmente verdadeiro; e (3) eles são muito dogmáticos e orgulhosos para escutarem Jó e examinarem com honestidade suas crenças.

O problema do sofrimento do ser humano é muito profundo e complexo para as respostas simples que os amigos fornecem. Jesus nunca pecou, contudo ele sofreu mais que qualquer outra pessoa! Nem Jó nem seus amigos tinham conhecimento da conferência celestial em que o Senhor usava Jó como "pro-

va A' diante de Satanás e dos anjos a fim de comprovar que as pessoas crêem no Senhor mesmo quando não entendem o que Deus está fazendo. Os amigos chamam Jó de "ímpio" (8:13; 15:34; 20:5; 34:30); o Senhor chama-o de "homem íntegro e reto" (1:8; 2:3). Jó não regatearia com o Senhor apenas para readquirir sua prosperidade material, pois seu maior bem era sua integridade pessoal.

Em 2:3, Deus deixa claro que não tinha motivo para afligir Jó, pois este não era ímpio nem pecador. Por isso, o Senhor rejeita a fala de Eliú (38:1-2) e a dos três homens (42:7).

Ao mesmo tempo que os três homens argumentam que o sofrimento de Jó era punição para o pecado, Eliú tinha uma idéia diferente (caps. 32—37): Deus envia sofrimento a fim de disciplinar-nos e ensinar-nos (33:9-20; 35:10-16). Eliú mostra que tem uma visão mais alta do Senhor e enfatiza belamente, em sua fala, o poder e a sabedoria do Senhor; leia, em especial, o capítulo 37. Mas ele não consegue ajudar Jó, e Deus censura Eliú por seus conselhos sombrios (38:1-2).

II. Os argumentos de Jó

Jó responde depois que cada homem fala, exceto no caso de Eliú, em que o próprio Deus lhe responde. Os argumentos de Jó são mais ou menos estes: (1) da mesma forma que você,

creio que Deus é justo e poderoso; (2) mas não sou ímpio — não sei de nenhum pecado que me separe do Senhor; (3) eu poderia argumentar a respeito de meu caso com o Senhor, mas não consigo encontrá-lo; (4) todavia eu creio que ele me vindicará nessa vida e na que está por vir. À luz das circunstâncias, Jó precisa ter muita fé para argumentar dessa forma. Não é de admirar que Tiago 5:11 enfatize a paciência de Jó.

Os três amigos argumentam que Deus sempre aflige o perverso, mas Jó menciona a eles que este parece estar prosperando! No capítulo 8, Bildade retrata a horrível punição do perverso como a luz que se apaga (vv. 5-6), a ave pega na armadilha (vv. 7-10), o criminoso caçado (vv. 11-13), a tenda que vem abaixo (vv. 14-15) e árvore que seca (vv. 16-17). No capítulo 20, Zofar argumenta que a aparente prosperidade do perverso é passageira. No capítulo 21, Jó rejeita a argumentação deles e cita a óbvia riqueza e saúde do perverso. No capítulo 24, Jó pergunta: "Por que o Todo-Poderoso não designa tempos de julgamento?". Ele enumera os pecados do perverso e, no capítulo 31, reconta sua própria vida piedosa. Os três amigos calaram-se porque sabiam que os argumentos de Jó estavam certos. A fala prolixa de Eliú acrescenta pouco à solução do problema.

III. O apelo de Jó

Os versículos mais importantes dessa seção são os que apresentam o apelo do coração de Jó a Deus e aos amigos.

A. *Ele pede solidariedade*

Seus amigos não demonstram amor e compreensão. Para eles, Jó era um problema teológico, não um santo em sofrimento (veja Jo 9:1-3). No capítulo 6, Jó afirma que perdeu o gosto pela vida (vv. 6-7) e quer morrer (vv. 8-13). Ele compara os amigos ao ribeiro que seca exatamente quando os viajantes sedentos precisam de água (vv. 14-20). O capítulo 7 apresenta várias imagens da vida com suas provações e brevidade: uma luta (vv. 1, “os seus dias” significa “luta”); uma escravidão (vv. 1-5); a rapidez da lançadeira do tecelão (v. 6); um sopro (vv. 7-8); uma nuvem (vv. 9-10; veja Tiago 4:13-17). Em 9:25, ele compara a vida com a velocidade do corredor (“correios”, veja Et 8:9-14) e, em 9:26, com barcos de junco.

B. *Ele pede uma oportunidade para confrontar Deus*

No capítulo 9, Jó reclama que não tem como apresentar seu caso diante do Senhor porque não pode encontrá-lo. No versículo 33, observe que ele pede um “árbitro” ou mediador para ficar entre ele e

Deus. “Como pode o homem ser justo para com Deus?” (9:2) significa: “Como um homem pode defender seu caso diante de Deus?”. Agradecemos ao Senhor o Mediador Jesus Cristo, que nos representa diante do Senhor. Veja 1 Timóteo 2:5; 1 João 2:1-2; e Zacarias 3. Veja Jó 16:19-22; 23:3.

C. *Ele apela para sua integridade básica*

Jó, em cada uma de suas falas, nega que seja um pecador em segredo. Ele conhece o próprio coração e confessa que os amigos foram cruéis e julgaram-no mal. No fim do livro, Jó dobra-se no pó e na cinza e confessa sua indignidade (40:3-5; 42:1-6) quando Deus se revela a ele, mas não era uma confissão de pecados. Antes, era humilhar-se diante do Senhor quando percebeu a própria ignorância e indignidade na presença do Todo-Poderoso. Deus nunca acusa Jó de pecado. Ele acusa-o de não perceber a grandiosidade do Senhor e de tentar confiná-lo em um argumento pequeno, mas não o julga pelos pecados que os amigos o acusaram de ter cometido. Para conhecer a defesa que Jó faz de sua vida piedosa, leia o capítulo 31.

D. *Ele apela para sua fé em Deus*

Isto deu início ao problema: Jó crê em Deus. O Senhor, no entanto, parece tê-lo abandonado. Se

Jó tivesse, alguma vez, negado ou amaldiçoado o Senhor não haveria problema, pois os amigos saberiam que o Senhor estava punindo Jó por sua descrença. Contudo, Jó tinha fé. “Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento” (13:15) “Estou certo de que serei justificado [vindicado, comprovado como verdadeiro]” (13:18). A fé de Jó era tão grande que ele afirma que Deus o vindicará na ressurreição na próxima vida, se não nesta vida (19:25-29; 14:1-14). Jó sabia que o Senhor tinha algum propósito em mente, mas ele pensava que o Senhor lhe diria o que estava fazendo (veja cap. 23). É claro que Jó não precisaria ter fé se soubesse a respeito da conferência celestial entre Deus e Satanás.

E. Ele pede para morrer

Desde o início de sua queixa, no capítulo 3, até o final de sua argumentação, Jó pede para morrer. Leia 6:8-12 e 7:15-21. Não seja muito crítico com Jó por que ele pede para morrer. Ele passava por grande sofrimento físico; os amigos e os vizinhos zombavam dele (cap. 30) e parecia que Deus o abandonara. Moisés, Elias e Jonas cometeram o mesmo erro.

Os caminhos de Deus estão acima e além da capacidade de homens e de mulheres mortais. Mesmo Bildade admitiu: “Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos!”, que literalmente quer dizer: “Essas são apenas as orlas dos seus caminhos, a barra de seu manto”. Deus é maior que a teologia do homem. Quando não conseguimos entender, podemos adorá-lo e crer nele.

Jó 38–42

Agora, chegamos ao ponto culminante do livro, e o próprio Deus entra em cena! Em 9:35; 13:22 e 31:35-37, Jó desafiou o Senhor a aparecer e a falar face a face com ele. Agora o Senhor faz exatamente isso. A primeira coisa que Deus faz é pôr de lado as idéias vazias de Eliú que escureceram os propósitos do Senhor e não trouxeram luz à situação de modo algum. Agora, o Senhor continua a lidar de forma pessoal com seu servo Jó.

1. Deus humilha Jó (38:1—42:6)

Deus faz uma série de perguntas simples a Jó a respeito do universo e seu funcionamento. “Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra?”. Esse parece ser o grande moto desses capítulos. “Você me desafiou; agora, eu o desafio!”

Deus inicia com a criação (38:4-11). Claro que não há “fundamentos” para o globo. Deus usa linguagem figurativa, não termos científicos. Na verdade, Jó 26:7 afirma claramente que o mundo “paira sobre o nada”, e esse texto foi escrito em uma época em que os homens estudados ensinavam que o mundo estava preso sobre tartarugas gigan-

tescas ou outras criaturas! E 26:10 apresenta a esfericidade da Terra: “Traçou um círculo à superfície das águas, até aos confins da luz e das trevas”. Esse versículo também ensina que enquanto há luz em uma parte do globo, a outra está na escuridão. Jó 38:7 refere-se ao júbilo dos anjos quando o Senhor criou o universo. Em 38:12-15, Deus pergunta a Jó a respeito do alvorecer e o espalhar da luz; em 38:16-21, ele indaga a respeito da imensidão da terra e do mar. Que insensatez pensar que um mero ser humano possa medir a criação do Senhor!

A seguir, Deus volta-se para as criaturas inanimadas — a neve e o granizo, a chuva e o gelo (38:22-30). No versículo 22, poderíamos traduzir a frase por “os tesouros da neve”, isto é, os tesouros escondidos em que o Senhor armazena a neve e o granizo. Entretanto, a neve possui tesouros em um sentido real, pois ela ajuda a extrair o nitrato do ar e depositá-lo no chão. Que homem quereria a responsabilidade de determinar onde deve chover e nevar? Apenas Deus pode governar o universo e fazer com que tudo funcione em harmonia. Em 18:31-38, o Senhor pergunta a respeito das estrelas e constelações e também das nuvens e chuvas.

A seguir, ele pergunta a respeito dos animais vivos (38:39—39:30). O homem caça a presa

para a leoa? Os corvos dependem do homem para se alimentar? Em Lucas 12:24, Jesus responde a essa pergunta. As cabras monteses, os jumentos selvagens e os bois selvagens, todos olham para Deus em busca de proteção e provisão. Mesmo o avestruz estúpido que, muitas vezes, esquece onde fez seu ninho desfruta do cuidado do Todo-Poderoso (39:13-18). O versículo 18 salienta a velocidade do avestruz. Jó 39:19-25 retrata os cavalos quando enfrenta o inimigo na guerra; e 39:26-30 menciona o falção e a águia. Sempre que Jó olha para as criaturas vivas, vê a mão de Deus em operação.

O Senhor diz: "Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argúí a Deus que responda". Jó pode dar apenas uma resposta (40:3-5): "Sou indigno; que te responderia eu? Ponho a mão na minha boca. Uma vez falei e não replicarei, aliás, duas vezes, porém não prosseguirei". Esse é mais um passo em direção à bênção, porém Jó ainda não se arrepende da forma como falou sobre Deus. Portanto, o Senhor continua com o questionamento e, dessa vez, foca em dois animais grandes — o hipopótamo (40:15-24; "beemote", ARC) e o crocodilo (cap. 41; "leviatã", ARC). Na época de Jó, esses dois animais eram muito admirados e temidos, embora ne-

nhum deles seja nativo da Palestina. A palavra hebraica para "beemote" significa apenas "animal grande", mas muitos estudiosos pensam que se refere ao hipopótamo. Com certeza, Jó não podia enfrentar tal animal, menos ainda criar um! Da mesma forma, com o crocodilo: Jó não ousaria pegá-lo com um anzol, amarrá-lo ou tomá-lo como mascote (41:1-8). Jeová pergunta: "Quem é, pois, aquele que pode erguer-se diante de mim? Pois o que está debaixo de todos os céus é meu". No versículo 18, a palavra "espirros" refere-se ao bufar do crocodilo. Alguns estudiosos sugerem que os versículos 18-21 referem-se ao esguichar da baleia. De qualquer forma, o capítulo todo pretende revelar a grandeza das criaturas do Senhor e, portanto, a grandeza de Deus.

O resultado desse questionamento? Jó humilha-se e arrepende-se (42:1-6). Deus não acusa Jó dos pecados que seus amigos o acusaram de ter cometido, mas acusa-o por não se ver à luz da grandeza e da majestade do Senhor. A experiência religiosa de Jó não é mais de segunda mão ele encontrou-se pessoalmente com Deus, e isso faz valer a pena todo o seu sofrimento.

II. Deus honra Jó (42:7-14)

Agora que Jó se humilhou, Deus pode exaltá-lo (1 Pe 5:6; Tg 4:10). Primeiro, o Senhor repreende os

amigos de Jó. Ele fala com Elifaz porque, aparentemente, ele é o mais velho e o mais responsável. O Senhor deixa claro que todos os argumentos deles são errados. Eles não entendem nem o Senhor nem Jó. O Senhor ordena que eles ofereçam holocausto e instrui Jó para orar por eles. Jó precisou de graça a fim de orar por homens que o haviam tratado com tanta severidade, mas ele era um homem de Deus e obedecia a ele. "Mudou o SENHOR a sorte de Jó" quando ele orou pelos amigos, não por si mesmo. Deus curou o corpo de Jó.

O Senhor, após repreender os amigos de Jó, devolveu a fortuna a Jó. Deus sabia que podia confiar em Jó com saúde e fortuna, pois ele era um servo humilde. Observe que, nos versículos 7-8, o Senhor refere-se quatro vezes a "meu servo Jó". O Senhor deu a Jó o dobro do que ele tinha. Compare 1:3 com 42:12. O Senhor não deu a Jó 14 filhos e seis filhas (o dobro do que tinha antes, 1:2), porque os dez filhos que morreram ainda estavam vivos no céu. Jó não os perdera. Assim, o Senhor deu sete filhos e três filhas a Jó, e, no total, ele teve o dobro de filhos que tinha antes.

Os amigos e conhecidos de Jó aproximaram-se dele a fim de confortá-lo e encorajá-lo quando sua fortuna lhe foi restituída. Sem dúvida, algumas dessas pessoas o

havam criticado e julgado no passado, mas agora tudo estava superado. Elas trouxeram presentes para Jó, talvez como uma evidência do arrependimento sincero pelo passado. Em países orientais, é costume dar presentes em ocasiões alegres.

Jó deu nomes interessantes a suas filhas: Jemima significa "pomba"; Quezia quer dizer "canela-madeira" e Quéren-Hapuque significa "potinho de pintura para os olhos" ou "caixa de cosméticos". Cada um desses nomes indicava que as moças eram atraentes e honradas. Jó até deu-lhes herança com seus sete irmãos.

Jó viveu por mais 140 anos, o que sugere (com referência ao dobro de tudo) que ele tinha 70 anos quando aconteceram esses eventos.

É claro que nem todos os santos que sofrem conforme a vontade do Senhor (1 Pe 3:17) serão tão honrados nesta vida. A principal lição do relato de Jó não é que você será rico e poderoso quando o sofrimento acabar; antes, que o Deus Todo-Poderoso tem um propósito no sofrimento que inflige ao ser humano, e que nada pode opor-se a esse propósito. Até Satanás curva-se ao controle do Senhor, pois Deus sempre escreve o último capítulo. Jó não sofreu por causa de pecados, mas ainda assim seu sofrimento tornou-o um

homem melhor. Em uma época em que não havia a Bíblia escrita para ensinar às pessoas a verdade divina, Deus deu grande honra a Jó após seu sofrimento como um testemunho. Talvez os cristãos que sofrem na presente era não sejam recompensados aqui, mas serão na vida futura. Veja Romanos 8:18-39;

2 Coríntios 4—5; e 1 Pedro 4:12-19. O segredo da vida de Jó foi a paciência (Tg 5:11). Ele creu em Deus apesar de Satanás, das circunstâncias, dos amigos e dos entes queridos. Às vezes, sua fé vacilou e, outra vez, ele acusou o Senhor, mas ele ainda “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível”.

SALMOS

Notas introdutórias

I. Nome

Salmos origina-se de uma palavra grega que significa “louvores em poemas acompanhados de música”. O nome hebreu é *tehillim*, que significa “louvores”. Nem todos os salmos são hinos de louvor, mas muitos o são. Salmos é o hinário da nação judia, e alguns salmos constam dos hinários cristãos. Lutero fundamentou o hino “Castelo forte é nosso Deus” no salmo 46, e Isaac Watts baseou-se no salmo 90 para escrever “Ó Deus, nossa ajuda em eras passadas”. A conhecida Doxologia (ou “Antigo Centésimo”) baseou-se no salmo 100.

II. Propósito

Salmos é uma coletânea muito pessoal de cânticos e poemas. Com o passar dos séculos, os judeus adaptaram seu conteúdo para o incorporar na adoração e na devoção pessoal deles. Nessa coletânea, encontramos orações de sofredores, hinos de louvor, confissões de pecado e de fé, hinos sobre a natureza e cânticos que ensinam a história dos judeus, e, em cada um deles, o ponto central é a fé no Senhor. O escritor, quer rememo-

re a história, quer levante os olhos para o céu, quer olhe para seus problemas, contempla, acima de tudo, a fé no Senhor. Os salmos ensinam-nos a ter um relacionamento pessoal com Deus à medida que lhe contamos nossas dores e necessidades e meditamos a respeito da grandeza e da glória dele.

III. Poesia hebraica

Com freqüência, a poesia ocidental baseia-se na rima, mas não a poesia oriental. Ela baseia-se basicamente no que chamamos de paralelismo, isto é, a relação entre os versos. No paralelismo sinônimo, o segundo verso reafirma o primeiro, como em Salmos 15:1: “Quem, SENHOR, habitará no teu tabernáculo? Quem há de morar no teu santo monte?”. O paralelismo antitético é exatamente o oposto disso: os versos contrastam um com o outro. Um exemplo disso é Salmos 37:9: “Porque os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no SENHOR possuirão a terra”. Salmos 19:8-9 é um exemplo de paralelismo sintético quando cada verso posterior expande o significado: “Os preceitos do SENHOR são retos e alegram o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos. O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos”.

IV. Cristo nos salmos

Jesus disse que os salmos falam dele (Lc 24:44), e podemos verificar que eles realmente falam. No salmo 22, ele é crucificado como Salvador; é o pastor do salmo 23 (veja Jo 10); o sacrifício do salmo 40:6-8 (veja Hb 10:1-10); o sumo sacerdote do salmo 110 (veja Hb 7:17-21); a pedra do salmo 118:22-23 (veja Mt 21:42) e o Rei vindouro do salmo 2 (veja At 4:25-26 e 13:33).

V. Salmos especiais

Sete salmos recebem o nome de "salmos de penitência" porque são confissões de pecados (6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143). Os salmos 120 a 134 são chamados "Cânticos de Peregrinação", e pensa-se que são uma coletânea de cânticos que os judeus cantavam a caminho das celebrações anuais que aconteciam em Jerusalém. Há muitos "salmos imprecatórios", em que o escritor pede que a ira do Senhor caia sobre seus inimigos (35, 37, 69, 79, 109, 139, 143). Não são tanto uma expressão de vingança pessoal, mas petições nacionais para que a justiça de Deus manifeste-se para seu povo esco-

lhido. Salmos 119 exalta as virtudes da Palavra do Senhor (veja também Sl 19), e os judeus usam os salmos 113—118 na celebração da Páscoa.

VI. Autores

Embora usualmente associemos o livro de Salmos a Davi (seu nome está em 73 deles), alguns salmos são anônimos, e outros são de autores diversos: Asafe (50, 73—83), Salomão (72, 127), os filhos de Corá (42—49, 84—85, 87—88), Etã (89) e Moisés (90). Alguns salmos de Davi refletem o que ele estava vivenciando no momento, como a rebelião de seu filho Absalão (3), sua vitória sobre Saul (18), seu pecado com Bate-Seba (32, 51), seu estranho comportamento em Gate (34, 56) e seus anos de exílio no deserto (57, 63, 142).

VII. Esboço

Como os salmos são unidades separadas, não há necessidade de uma análise da estrutura do livro. Ele tem cinco divisões, e cada uma delas termina com ação de graças: 1—41, 42—72, 73—89, 90—106, 107—150.

SALMO 1

O tema desse salmo é a alegria do devoto e o julgamento do ímpio. Podemos traduzir o versículo 1 desta forma: "Oh, a alegria do homem!". Em qualquer lugar da Bíblia, vemos que Deus dá alegria ao obediente (mesmo em meio à provação) e, no fim, sofrimento ao desobediente. O Senhor vê apenas duas pessoas neste mundo: a piedosa, que está "em Cristo", e a ímpia, que está "em Adão". Veja 1 Coríntios 15:22,49. Vejamos essas duas pessoas.

I. A pessoa que Deus abençoa (1:1-3)

Desde o início da criação, Deus abençoou a raça humana (Gn 1:28). Apenas depois que o pecado entrou no mundo, por intermédio da desobediência de Adão, encontramos a palavra "maldição" (Gn 3:14-19). O Senhor sempre quis que a raça humana desfrutasse de suas bênçãos. Efésios 1:3 afirma que os que crêem em Cristo são "abençoados com toda sorte de bênção espiritual". Como somos ricos nele! Infelizmente, muitos cristãos não "possuirão as suas herdades" (Ob 17) nem desfrutarão as bênçãos em Cristo. Esses versículos descrevem o tipo de cristão que Deus abençoa.

A. A pessoa separada do mundo (v. 1)

Compara-se a vida cristã a uma caminhada (veja Ef 4:1,17; 5:2,8,15).

Ela inicia-se com o passo de fé de crer em Cristo e prossegue quando damos passos de fé adicionais na obediência à sua Palavra. O caminhar envolve avanço, e os cristãos devem fazer progressos na aplicação das verdades bíblicas em sua vida diária. No entanto, o crente pode andar "nas trevas", afastado da vontade do Senhor (1 Jo 1:5-7). As pessoas que Deus abençoa são cuidadosas em seu caminhar: embora elas estejam no mundo, não são do mundo. Em contraste, não é necessária muita imaginação para pensar na pessoa que caminha perto do pecado, depois pensa a respeito dele e, por fim, senta-se para usufruir os "prazeres transitórios do pecado" (Hb 11:25). Vemos essa triste evolução na desobediência de Pedro. Jesus dissera que Pedro se afastasse (Jo 18:8), mas ele, em vez de fazer isso, caminha atrás de Jesus (18:15). A seguir, nós o vemos em meio a um grupo ao qual não deveria se unir (18:18) e logo depois estava sentado perto do fogo (Lc 22:55). Você sabe o que aconteceu: ele caminhou direto para a tentação e negou seu Senhor três vezes. Se os cristãos começam a ouvir os conselhos (avisos, planos) dos ímpios, logo adotam o caminho deles na vida e, no fim, concordam com eles.

B. A pessoa embebida na Palavra (v. 2)

As pessoas que Deus abençoa não se deleitam com o que pertence

ao pecado e ao mundo; deleitam-se na Palavra do Senhor. É o amor à Bíblia e a obediência a ela que trazem bênçãos para a nossa vida. Veja Josué 1:8. As pessoas que o Senhor abençoa não apenas lêem a Bíblia todos os dias, mas estudam-na, memorizam-na e meditam a respeito dela dia e noite. A Palavra do Senhor controla a mente delas. Por isso, são guiadas pelo Espírito e caminham nele. Para a alma, a meditação representa a mesma coisa que a digestão para o corpo. Significa entender a Palavra, pensar cuidadosamente a respeito dela e aplicá-la a nossa vida, tornando-a uma parte de nossa pessoa interior. Veja Jeremias 15:16, Ezequiel 3:3 e Apocalipse 10:9.

C. A pessoa que fica próxima à água (v. 3)

A água de beber é um símbolo do Espírito Santo de Deus (Jo 7:37-39). Esse versículo compara o cristão à árvore que obtém água das nascentes escondidas sob a areia seca. O mundo é um deserto que nunca satisfaz o crente consagrado. Devemos aprofundar nossas raízes espirituais nas coisas de Cristo, e delas tirar a água espiritual da vida. Veja Jeremias 17:7-8; Salmos 92:12-14. Não há frutos se a árvore não tiver raiz. Muitos cristãos preocupam-se mais com as folhas e os frutos que com as raízes, mas a raiz é a parte

mais importante. A menos que os cristãos, todos os dias, passem um tempo em oração e no estudo da Palavra e permitam que o Espírito os alimente, eles secarão e morrerão. O cristão que se vale da vida espiritual em Cristo será frutuoso e bem-sucedido na vida de fé. Quando os cristãos deixam de dar frutos, é porque alguma coisa aconteceu às raízes (Mc 11:12-13,20; e veja Lc 13:6-9). Que tipo de fruto devemos produzir? Veja Romanos 1:13 e 6:22; Gálatas 5:22-23; Hebreus 13:15 e Colossenses 1:10.

Nos versículos 1-3, obviamente, esse exemplo de perfeição é Jesus Cristo. Ele é o Caminho (v. 1), a Verdade (v. 2) e a Vida (v. 3); veja João 14:6.

II. A pessoa que Deus julga (1:4-6)

“Não são assim.” Isso significa que tudo que a pessoa devota usufrui e vivencia não é verdade na vida do ímpio. Compara-se o devoto a uma árvore forte, permanente, bonita, útil, produtiva. Compara-se o ímpio à palha — ele não tem raízes, o vento sopra-o, é inútil para os planos de Deus e não é bonito nem produtivo. Em Mateus 3:10-12, João Batista usa uma imagem semelhante quando descreve Deus como o segador que limpa a eira e separa o trigo da palha. Ele “queimará a palha”. Veja também Salmos 35:5 e Jó 21:18. É uma tragédia que as pessoas passem a vida na

terra como palha e, no que se refere às coisas celestiais, não atinjam nada.

Há um julgamento futuro? O versículo 5 informa que sim. É claro que o Antigo Testamento não fornece a explicação completa a respeito do julgamento futuro como o Novo Testamento faz. Para o crente em Cristo, não há julgamento do pecado (Jo 5:24; Rm 8:1), mas para o ímpio há “certa expectativa horrível de juízo” (Hb 10:27). Apocalipse 20:11-15 descreve esse julgamento do perdido. Não haverá cristãos em cena, apenas os não-salvos. No julgamento, revelar-se-á o verdadeiro caráter dos perversos; eles serão vistos como palha, almas perdidas e indignas. Quando o versículo 5 afirma que eles “não prevalecerão” no julgamento, não quer dizer que serão absolvidos; antes, significa que não resistirão ao julgamento. Esses indivíduos, quando abrirem-se os livros, se ajoelharão para confessar os pecados e a verdade da Palavra e do Filho de Deus (Fp 2:9-11). Nunca se permitirá que os ímpios entrem na congregação celestial dos justos, mesmo que na terra fossem membros de grupos religiosos. Veja Mateus 7:21-23.

Na Bíblia, a palavra “conhecer” significa muito mais que o entendimento intelectual de quando dizemos: “Conheço o nome dos 12 apóstolos”. Além disso, ela abrange a noção de escolha e cuidado. “O

Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2:19). “Conheço as minhas ovelhas [...]. Assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai” (Jo 10:14-15). A declaração de Cristo para o perdido é: “Nunca vos conheci” (Mt 7:23). O Senhor conhece o caminho do justo: ele planejou-o, marcou-o (Ef 2:10) e ele mantém os olhos no justo enquanto ele trilha esse caminho. A vida da pessoa devota é o plano eterno de Deus! O que ele diz, aonde vai, o que faz — tudo tem conseqüências eternas. Contudo, em relação ao ímpio, “cada um se desvi[ou] pelo caminho” (Is 53:6). A vereda do justo leva à glória (Pv 4:18), mas o caminho do ímpio perece.

O versículo 6 apresenta-nos o conhecido ensinamento dos “dois caminhos”. Jesus finalizou o Sermão do Monte com essa imagem (Mt 7:13ss), e ela é mencionada ao longo de Provérbios (Pv 2:20; 4:14; 4:24-27; etc.). Por que o ímpio está perdido? Porque não se entrega a Cristo e a sua Palavra. Ele prefere o conselho do ímpio ao “desígnio de Deus” que está na Palavra (At 20:27). Ele prefere a amizade do ímpio à congregação dos justos. Ele passa os dias pensando no pecado, não na Palavra do Senhor (Gn 6:5). Ele pensa que está seguro na terra — mas é apenas palha!

Como o crente pode praticar Salmos 1:1-3? Isso se inicia com a

entrega ao Senhor, a entrega de tudo que somos e temos (Rm 12:1-2). Isso envolve passar tempo com a Palavra de Deus, lendo-a e meditando a respeito dela. Isso significa ter uma vida separada do mundo

(não isolada, é claro, mas separada de suas profanações). Isso exige uma vida cujas raízes fixam-se nas riquezas do Senhor. Abençoada é a vida que traz satisfação aqui e na vida futura.

SALMO 2

Há um contraste interessante entre os dois primeiros salmos. O salmo 1 é pessoal e foca a Lei, enquanto o salmo 2 é nacional e enfatiza a profecia. No salmo 1, vemos Cristo, o Homem Perfeito; no salmo 2, ele é o Rei dos reis. O salmo 1 lida com as bênçãos dos judeus (embora indubitavelmente também se aplique ao cristão de hoje), enquanto o salmo 2 apresenta o julgamento da nação gentia. Os dois salmos usam os verbos *perecer* (1:6 aplica-o ao pecador individual; 2:12, às nações rebeldes) e *meditar* (em 2:12, traduzido por “imaginar”). Salmos 1:2 apresenta o tipo certo de meditação, e 2:1, o tipo errado. Podemos dividir os doze versos do salmo 2 em quatro seções com três versos cada, e, em cada seção, ouvimos uma voz diferente.

I. A voz da nação (2:1-3)

Essa é a voz da rebelião — a palavra “enfurecem” significa “reunir-se de forma tumultuada”. Aqui, são os gentios que estão em vista (“gentios” e “povo”, v. 1), e eles estão rebelando-se contra Deus e seu governo. Os reis levam as nações à rebelião, e todos resistem ao Senhor e a Cristo. É claro que ao longo dos séculos se ouviu essa voz, mas ela se tornou mais audível nos últimos

tempos. Há uma voz uníssona de rebelião contra o governo de Deus e de Cristo como nunca se viu antes. O que as nações querem? Livrar-se do governo do Senhor! “Rompamos os seus laços.” De acordo com Gênesis 10:5, o Senhor dividiu os povos gentios em suas terras e nações; veja também Atos 17:26 e Deuteronômio 32:8. A história mostra que as nações gentias rejeitaram o povo de Deus (Israel), a Palavra e o Cristo do Senhor. As nações não querem se submeter ao governo do Senhor. Elas, como o orgulhoso Nabucodonosor, querem seguir seu próprio caminho e não admitem o governo do Senhor nos assuntos dos homens. Veja Daniel 4:28-37. Essa rebelião gentia ganha mais força com a instituição da igreja (At 4:23-30). Contudo, nos últimos dias, ela será cumprida em sua totalidade com os “reis da terra” unidos para lutar contra Deus (veja Ap 1:5; 6:15; 16:12-16; 17:2,18; 19:11-21).

II. A voz do Pai (2:4-6)

Como Deus reage às ameaças dos homens? Ele riu! É a voz santa de zombaria, pois o Senhor é maior que o homem e não precisa temer o ataque de reis fracos e insignificantes. Hoje, o Senhor não fala em julgamento, mas na graça da cruz. Contudo, chegará o dia em que “rir-se-á dele o Senhor” (Sl 37:1-15; 59:1-8). Lembra-se de como o orgu-

lhoso Senaqueribe desafiou Deus e os judeus e, depois, foi eliminado de repente (2 Rs 19)? Isso acontecerá de novo quando o Senhor decidir julgar as nações do mundo.

Há também a voz de ira (v. 5). De novo: hoje Deus não fala com ira, mas, pela graça, por intermédio de seu Filho (Hb 1:1-2); no entanto, um dia, ele mandará sua ira sobre as nações do mundo. Aqui, a palavra "ira" significa "raiva impetuosa". Apocalipse 6—19 descreve em detalhes essa tribulação. Esse será um tempo de julgamento pavoroso sobre a terra e o mar, os céus, o mundo natural e as pessoas e as nações. Milhões de pessoas morrerão em razão de pragas e desastres enviados pelo céu. Nesse período de tribulação, a nação de Israel será purgada como preparação dos cristãos remanescentes para o retorno de Cristo, quando ele estabelecerá seu reino em Jerusalém. Durante esse tempo, multidões serão salvas, mas muitos selarão seu destino com a própria vida.

Por fim, a voz do Senhor é de declaração (v. 6). Deus constituiu ("ungiu") seu Rei sobre o seu monte santo. Esse é Cristo (Is 9:6-7; Dn 7:13-14). Embora ele ainda não esteja sentado em seu trono de glória ou no de Davi, está sentado à direita do Pai, e seu trono é tão certo como a Palavra do Pai! Hoje, Cristo é um Sacerdote-Rei como Melquisedeque

(Hb 6:20—7:17). Ele intercede pelos seus. Um dia, ele retornará em glória e se sentará no trono para julgar e governar as nações (Mt 25:31-46).

III. A voz do Filho (2:7-9)

Nesses versículos, Cristo fala para nos contar o que Deus lhe disse em seu decreto eterno. É bom saber que o Senhor decretou o cumprimento de seu plano, e que o homem não impedirá a obra do Senhor. "Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei." Quando o Pai disse isso para o Filho? Não quando ele nasceu no mundo, mas quando saiu da sepultura. Leia Atos 13:28-33 com atenção. Cristo foi "gerado" de uma sepultura virginal para uma vida gloriosa de poder ressuscitador. (Hb 1:5 e 5:5 citam de novo esse versículo.)

Cristo recebe a herança por causa de sua vitória sobre o pecado e a morte; veja Hebreus 1:4-5. Você certamente se lembra do que o Pai disse a seu Filho no batismo deste: "Este é o meu Filho amado" (Mt 3:17). Na Transfiguração, ele repete essa frase (Mt 17:5). Jesus recebe todas as nações como herança por causa de sua obra de fé na cruz. No entanto, Satanás ofereceu a ele essas mesmas nações sem que precisasse passar pela cruz; veja Mateus 4:8-10. Se Jesus tivesse se entregado ao demônio, receberia todas as nações sem so-

frimento, mas teria se afastado da vontade do Pai. (É claro que era impossível Cristo pecar, mas a tentação ainda era real.) Satanás oferecerá esses reinos ao anticristo, e ele os governará por um curto período de tempo. Veja Apocalipse 13:1-10.

Quando Cristo receberá “até aos confins da terra” como possessão sua? Quando ele retornar à terra em glória e poder; veja Apocalipse 19:11-21. As passagens de Apocalipse 12:5 e 19:15 fazem referência a Salmos 2:9, e Apocalipse 2:26-29 afirma que os cristãos reinarão com ele. Veja também Daniel 2:42-44.

IV. A voz do Espírito (2:10-12)

Os três versos finais são um apelo do Espírito para que os homens se entreguem a Jesus Cristo. O Espírito roga a todas as áreas da personalidade:

A. A mente (v. 10)

“Sede prudentes; deixai-vos advertir.” O “conselho dos ímpios” (Sl 1:1) desvia os incrédulos. A sabedoria do mundo é loucura para Deus (1 Co 1:18-31). Nosso mundo vangloria-se de seu conhecimento e parece ter mais conhecimento do que jamais teve, mas também parece ter menos sabedoria. Encontramos a sabedoria do Senhor na Palavra de Deus, contudo os reis e

governantes não querem a Palavra do Senhor.

B. O coração (v. 11)

“Servi ao SENHOR.” As pessoas, em vez de rebelar-se e resistir, deviam curvar-se perante Cristo e servir-lhe. A entrega a Cristo resultará em alegria reverente.

C. A vontade (v. 12)

“Beijai o Filho” envolve prestar homenagem a ele, mostrando entrega amorosa a ele. O beijo fala de amor e reconciliação. Deus reconciliou-se com o mundo por intermédio da cruz de Cristo (2 Co 5:14-21). Justiça e paz beijaram-se na cruz (Sl 85:10). Agora, o Senhor pode salvar o pecador perdido e ainda confirmar sua lei santa. É trágico que a maioria das pessoas do mundo diga: “Não queremos que este reine sobre nós” (Lc 19:14). Elas serão obrigadas a ajoelhar-se diante de Jesus, quando ele voltar (Fp 2:10-11), contudo já será muito tarde. Tudo que o Senhor precisa fazer é inflamar sua ira apenas um pouco — e os pecadores perecem! O que acontecerá quando sua ira inflamar-se sobre a terra em grande julgamento?

O salmo 1 inicia com uma bênção; o salmo 2 encerra com uma: “Bem-aventurados todos os que nele se refugiam”. “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (At 2:21).

SALMO 8

Escondido na descrição do lugar do homem na criação nesse belo salmo poético repousa muito ensinamento prático para hoje. Descobriremos algumas dessas lições com a ajuda das referências que o Novo Testamento faz do salmo 8.

I. O cenário histórico

Você notou que há dois tipos de lendas nos salmos: histórica e musical. Por exemplo, no início do salmo 8, lemos: “Ao regente do coro — sobre Gitile — salmo de Davi” (*Almeida Versão Revisada* ou *Melhores Textos*). *Gitile* significa “lagar” e provavelmente refere-se ao uso do salmo na estação de colheita. No entanto, alguns estudiosos da Bíblia concluíram que a instrução musical pertence ao final do salmo anterior, como em Habacuque 3. Isso significa que o *muth-laben* no início do salmo 9, na verdade, pertence ao fim do salmo 8.

O termo *muth-laben* significa “morte do filho” ou “morte do campeão”, e pode referir-se ao fato de Davi ter matado Golias (1 Sm 17). É fácil imaginar o jovem Davi sozinho com Deus naquela tarde, após matar o gigante, com os olhos voltados para o alto, maravilhado com a preocupação que o Senhor tem com os seus. Davi, comparado ao gigante, era apenas um bebê; Deus, contudo,

usou o bebê para calar o inimigo. Observe que 1 Samuel 17:4 chama Golias de “campeão” (*Almeida Versão Revisada* ou *Melhores Textos*) e relata que ele, com orgulho, desafiou os judeus temerosos durante 40 dias (17:16). Saul, quando Davi ofereceu-se para calar o inimigo, disse: “Tu és ainda moço” (17:33) — uma criança de peito. Observe outro paralelo entre 1 Samuel 17 e o salmo 8 em “às aves do céu” e “às bestas-feras do campo” (1 Sm 17:44 e Sl 8:7-8). O salmo 8 também glorifica o nome do Senhor (8:1,9), e Davi derrota Golias em “em nome do SENHOR” (17:45).

Aqui, o jovem Davi glorifica o Senhor pela grande vitória que lhe deu. “Que é o homem, que dele te lembres?” Por que Deus prestaria atenção no menino pastor? Que tipificação maravilhosa de Jesus Cristo temos em Davi: (1) os dois nasceram em Belém; (2) os dois eram pastores; (3) os irmãos rejeitaram os dois durante um tempo; (4) os dois enfrentaram o inimigo no deserto e venceram; (5) os dois foram exilados antes de se tornarem reis; (6) os dois ficaram noivos enquanto estavam no exílio; e (7) os dois eram amados — pois Davi significa “amado”.

II. O significado doutrinal

Quando o Novo Testamento cita qualquer salmo e relaciona-o com Jesus, isso transforma o salmo em

messiânico. Em várias passagens, o Novo Testamento aplica o salmo 8 a Cristo: Mateus 21:16; Hebreus 2:6-8; 1 Coríntios 15:27 e Efésios 1:22. Leia essas referências com atenção, principalmente Hebreus 2.

O principal ensinamento do salmo 8 que encontramos em Hebreus 2 e 1 Coríntios 15 é este: Cristo reconquistou tudo que Adão perdeu por causa do pecado. Cristo foi exaltado mais alto que os céus e, por isso, glorificou o nome de Deus (Ef 1:19-23; Hb 1:1-3). A glória do Senhor não está mais em uma tenda ou templo; ela está mais alta "do que os céus" em Cristo e no coração dos crentes comuns. Cristo não era louvado pelos sacerdotes e reis quando ministrava na terra, mas quem o louvava no templo eram as criancinhas.

Leia Gênesis 1:26-28 com cuidado e observe que Deus primeiro deu ao homem o domínio (governo) sobre os peixes, as aves e os animais domésticos. Na verdade, o Senhor fez o homem "por um pouco, menor do que Deus" e designou-o seu representante para dominar a terra. Contudo, quando Adão pecou, perdeu o domínio sobre a terra. Romanos 5 cita que houve uma mudança de reis: reinou a morte (5:14,17), e "o pecado reinou" (5:21), mas Adão não reinava mais. Adão tornou-se um escravo, em vez de ser rei!

Cristo, quando veio à terra, exerceu o domínio que Adão perdera. Cristo governou sobre os peixes (Lc 5:1-6; Mt 17:24-27; Jo 21:1-6), sobre as aves (Lc 22:34) e sobre os animais (Mc 1:13; 11:1-7). Hoje, ninguém na terra pode controlar a natureza da forma que ele fez. Jesus, quando veio à terra, era Deus "visitando" os homens (Sl 8:4 paralelo a Lc 1:68,78). Observe que Davi retrata uma cena noturna (v. 3) porque, com certeza, sob o aspecto espiritual, era noite quando Jesus veio à terra. Contudo, Jesus, ao humilhar-se, tornando-se um servo e morrendo na cruz, glorificou a Deus e comprou a salvação do povo e do mundo perdidos. Hebreus 2:8 enfatiza que ainda não vemos todas as coisas da natureza sujeitas ao homem. Ainda há inundações, e terremotos, e pragas. Todavia, vemos Jesus (v. 9)! E o fato de que ele morreu por nós é toda a garantia que precisamos de que um dia, quando ele retornar, seu povo reinará sobre a terra renovada.

Um pensamento final: a obra de Cristo na cruz não apenas anulou o pecado de Adão e nos trouxe de volta ao lugar em que Adão estava. Antes, ela deu-nos muito mais: tornou-nos parecidos com Jesus Cristo. Leia Romanos 5:9-21 e observe a repetição da expressão "muito mais".

III. A vida prática

A. Louvor

Se Davi tinha motivo para louvar a Deus por sua posição e vitória, devíamos louvá-lo muito mais. Quem somos nós para que Deus nos visite? Quem somos nós para que Cristo morra por nós e leve-nos, com ele, acima dos céus?

B. Posição

Esse salmo exalta a dignidade do homem. O versículo 5 afirma: "Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus". Com certeza, o homem é a maior criação do Senhor, pois foi feito "à imagem de Deus". O mundo está um caos porque o ensino moderno reduziu o homem a um animal e rejeitou a imagem do Senhor. Tiago 3:9 lembra-nos de que deveríamos tratar melhor as pessoas se apenas nos lembrássemos de que foram feitas à imagem de Deus. Não é de admirar que tenhamos tanta inquietação civil, tanta brutalidade. Nós destruímos o Senhor e rebaixamos a humanidade. Não esqueçamos nunca nossa obrigação como criaturas feitas à imagem de Deus e nosso grande dever de, como santos, nos revestirmos, por meio de Cristo, da imagem de quem nos criou (Cl 3:9-10; Rm 8:29).

C. Poder

Cristo deu-nos domínio. Isso significa que reinamos como reis. Por

intermédio de Cristo, podemos reinar na vida (Rm 5:17), obtendo vitória sobre o pecado e a tentação. E reinaremos sobre a morte (1 Co 15:54-57), pois a morte não terá mais domínio sobre nós. Devemos reinar em seu reino aqui na terra, em nosso lugar de serviço a ser determinado de acordo com nossa vida e fidelidade hoje (Mt 25:14-30; Lc 19:12-27). Por fim, devemos reinar com ele para todo o sempre.

D. Promessa

Esse salmo deixa claro que Deus está preocupado com a criação, e a interpretação de Hebreus 2:6-9 indica que, um dia, Cristo libertará a criação da escravidão do pecado. Veja Romanos 8:18-24. Essa libertação incluirá "a redenção do nosso corpo" (Rm 8:23) quando virmos Cristo e nos tornarmos semelhantes a ele (1 Jo 3:1-3; Fp 3:20-21). O fato de hoje Jesus Cristo estar no trono é uma prova de que, um dia, toda a criação será redimida. Essa é uma promessa gloriosa!

É claro que o salmo 8 aplica-se apenas aos que crêem em Jesus Cristo. O descrente pode admirar a criação de Deus, a obra dos "dedos" dele (v. 3), mas os que são salvos sentem a força dos braços dele. "Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o

braço do SENHOR?" (Is 53:1). Que coisa maravilhosa que o Senhor tenha visitado esta terra para a salvação, mas que, um dia, a vis- | tará em julgamento. Você crê em Cristo como seu Salvador? Você tem permitido que ele governe sua vida e reine nela?

SALMO 19

O tema desse salmo é a revelação de Deus para o homem. É surpreendente que o Senhor fale conosco. Somos homens e mulheres pecadores que não querem ouvir o Senhor; todavia, ele continua graciosamente a falar conosco. Deus fala conosco de três formas:

I. Ele fala nos céus (19:1-6)

Na criação, vemos a sabedoria, o poder e a glória de Deus. A ciência moderna estuda as leis naturais e deixa o Senhor de lado, mas o salmista olhou as maravilhas do céu e da terra e viu o Senhor. Veja os salmos 8 e 29 e também Isaías 40:12-31. Jesus viu a obra das mãos de seu Pai nos lírios e nas aves (Mt 6:24-34). Tanto de dia como de noite, a criação de Deus fala (v. 2), mas não ouvimos essa fala com ouvidos humanos. O versículo 3 deveria ser traduzido da seguinte forma: “Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz” (NVI). Ouvimos a voz do Senhor na criação ao vermos sua sabedoria e poder. Com certeza, uma entidade tão complexa como o nosso universo (e os outros universos além do nosso) exige um Criador e um Sustentador. É loucura pensar que o universo desenvolveu-se a partir do nada e arranjou-se dessa forma ordenada.

A criação fala em linguagem universal a todas as nações (vv. 3-4).

Em Romanos 1:18-32, Paulo usa esse fato para provar que todas as pessoas, em todos os lugares, estão sob a ira do Senhor. Repete muitas vezes perguntas similares a esta: “Porventura, não ouviram?”; e a resposta: “Sim, por certo”. No que se fundamenta o fato de estarem perdidos se nunca ouviram o evangelho? Fundamenta-se na revelação de Deus na criação. Os pagãos vêem na criação o poder e a sabedoria do Senhor, sua divindade eterna e sabem que são responsáveis diante dele. Em Romanos 10:18, Paulo usa de novo Salmos 19:4.

Todos os dias, a natureza faz milhares de sermões ao coração humano. Todo dia inicia-se com luz e caminha para a escuridão, da alvorada ao anoitecer, e, assim, temos um retrato da vida sem Deus. Cada ano move-se da primavera para o inverno, da vida para a morte. Vemos a grama secar (Is 40:6-8), a árvore ser cortada (Lc 13:6-9; Mt 3:10), o fogo destruir as sobras (Mt 13:40-42). As atividades da natureza sob as mãos do Senhor são matérias vivas de ensino para o coração do pecador, mas, infelizmente, eles não querem ver nem ouvir. O pecador perdido, em qualquer tempo em que esteja neste mundo, permanece condenado diante do trono de Deus.

II. Ele fala nas Escrituras (19:7-11)

Os céus declaram a glória do Senhor, e as Escrituras, sua graça. Veja

Hebreus 1:1-3. É claro que essa lei, esse testemunho, esses preceitos e esses mandamentos são a revelação pessoal de Deus, pois o nome usado não é “Deus”, mas “SENHOR” (“Jeová”). Esse é o nome pessoal da aliança do Senhor.

A. O que é a Bíblia

(1) A lei perfeita — não há erro na Bíblia, nem nos fatos históricos, nem na verdade espiritual. É claro que a Bíblia registra as mentiras dos homens e de Satanás, mas a mensagem completa da Bíblia é verdade. Veja Salmos 119:128 e 160.

(2) O testemunho fiel — a Palavra não muda, ela é firme e constante; Salmos 119:89. É o testemunho de Deus para o homem, seu testemunho do que é verdade e certo. Veja Mateus 5:18.

(3) O preceito reto — “preceitos” significa “determinações, regras para a vida diária”. Algumas regras são erradas; a Palavra do Senhor é certa. Obedecer à Palavra traz bênção para a vida diária.

(4) O mandamento puro — veja Salmos 12:6; 119:140; Provérbios 30:5. Os livros sagrados de algumas religiões do mundo são tudo, menos puros, mas a Palavra do Senhor é pura mesmo quando lida com o pecado. Nada que está na Bíblia, se compreendido da forma correta, pode levar a pessoa ao pecado.

(5) O límpido temor ao Senhor — a expressão “temor do SENHOR” (v. 9) é outra referência à “lei”, já que a Palavra de Deus cria reverência ao Senhor. Veja Deuteronômio 4:10; Salmos 111:10. Crer no Senhor deixa a pessoa limpa; adorar ídolos pagãos deixa a pessoa imunda.

(6) Juízos verdadeiros, justos — a avaliação que Deus faz dos homens e das coisas é verdadeira; ele conhece completamente todas as coisas. Vale a pena o cristão crer no que o Senhor diz e não depender da própria avaliação. Ló cometeu esse erro e perdeu tudo.

(7) Melhor que ouro — a Bíblia é um tesouro (Sl 119:72; Pv 8:10; 16:16).

(8) Mais doce que o mel (Sl 119:103) — o cristão espiritual não precisa das coisas deste mundo para encontrar satisfação; a Palavra satisfaz o apetite espiritual.

B. O que a Bíblia faz

(1) Converte — isso é a mesma coisa que “refrigera” em Salmos 23:3. A Palavra tira o pecador de seus próprios caminhos e refrigera o santo enquanto segue os caminhos desta vida. Ela refrigera e cura.

(2) Dá sabedoria — leia Salmos 119:97-104; Isaías 8:20; Jeremias 8:9; Colossenses 1:9; Tiago 1:5.

(3) Alegria — o crente espiritual encontra alegria na Palavra (Jr 15:16).

(4) Ilumina — “A revelação [explicação] das tuas palavras esclarece” (Sl 119:130).

(5) Permanece — outros livros desvanecem-se e são esquecidos, mas a Palavra de Deus permanece. Muitos martelos desgastaram-se na bigorna da Palavra do Senhor!

(6) Depura — é melhor que ouro ou prata (Pv 3:13-15).

(7) Satisfaz — o mel satisfaz o corpo; a Palavra satisfaz a alma.

(8) Admoesta — é melhor prevenir o pecado e evitar problemas que confessar o pecado e tentar consertar os erros. O crente, ao conhecer a Palavra e ao obedecer à sua orientação, toma o caminho seguro. Veja Provérbios 2.

(9) Recompensa — o dinheiro não pode comprar as recompensas da vida piedosa: consciência limpa, coração puro, alegria, paz e oração respondida. Observe que o versículo 11 declara que há recompensa em guardar a Palavra, não *por* guardá-la. A recompensa vem no fazer: “Esse será bem-aventurado no que realizar” (Tg 1:25).

III. Ele fala na alma (19:12-14)

Ninguém conhece o próprio coração (Jr 17:9). Precisamos que o espelho da Palavra revele nossos pecados para nós mesmos (Tg 1:22-25). O salmista encerra pedindo que Deus lhe mostre seus pecados secretos; veja Salmos 139:23-24. A lei do An-

tigo Testamento prevê o pecado por ignorância (Lv 4—5; Nm 15:22ss). Todavia, não havia sacrifício para os pecados ostensivos de desafio e rebelião; veja Números 15:30-31. Davi não pede apenas para ser absolvido de faltas secretas, mas também para não correr com ímpeto em direção ao pecado aberto. “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação.” Esse tipo de abandono pernicioso ao pecado leva à escravidão, e o pecado torna-se o dono da vida. Romanos 6 adverte que o pecado não nos deve dominar. É óbvio que, quando permitimos que a Palavra do Senhor controle nossa vida, vencemos o pecado. No versículo 13 parece que o salmista refere-se a pecado mortal ou à rebelião contínua contra o Senhor, que provoca a ira de Deus, com a expressão “grande transgressão”. Parece que o acúmulo de pequenos pecados secretos (v. 12) faz com que a pessoa caminhe gradualmente para o pecado maior. É importante que o cristão confesse seu pecado de imediato e permita que a Palavra e o sangue purifiquem seu coração.

A oração do versículo 14 deve estar em nossos lábios e coração durante o dia inteiro. A meditação do coração controla as palavras dos lábios (Mc 7:14-23). Aqui, a palavra “meditação” traz a imagem do músico tangendo as cordas da harpa. Quem controla a música de seu co-

ração, Deus ou Satanás? A meditação é para o coração o mesmo que a digestão é para o corpo, meditar é absorver a Palavra do Senhor e torná-la parte de seu ser interior. O Espírito guia nossa vida quando o coração e a mente pensam na Palavra durante todo o dia. Isso é o que

significa andar no Espírito (Gl 5:16) e ter mente espiritual (Rm 8:1-8).

A Bíblia é para você tudo que Deus quer que ela seja? Leia esse salmo de novo e peça a Deus que o capacite a amar a Palavra, a viver nela e a obedecer a ela — e ele o abençoará.

SALMOS 22, 23, 24

Esses três salmos conhecidos e amados apresentam Cristo como o Pastor. Cada um deles enfatiza um aspecto diferente da pessoa e da obra dele. O salmo 22 retrata o bom Pastor morrendo por sua ovelha (Jo 10:11); o salmo 23, o grande Pastor cuidando de sua ovelha (Hb 13:20-21); e o salmo 24, o Pastor supremo buscando a ovelha (1 Pe 5:4). Em outras palavras, Cristo morreu por nós (passado), Cristo vive por nós (presente), e Cristo virá por nós (futuro).

I. O bom Pastor (22)

Os versículos 1-21 apresentam a crucificação de Cristo, e os versículos 22-31, sua ressurreição. Já que na época de Davi os judeus não sabiam nada a respeito da crucificação, apenas por meio da inspiração do Espírito poder-se-ia escrever essa vívida descrição da morte de Cristo na cruz. É interessante comparar as duas seções desse versículo. Nos versículos 1-21, vemos o sofrimento e a crucificação de Cristo, e nos versículos 22-31, sua glória e ressurreição. A primeira passagem descreve dor e oração; a segunda, retrata louvor e promessa. A primeira mostra Cristo no meio de seus inimigos; a segunda, Cristo no meio da igreja.

Não é difícil ver o cumprimento desse capítulo na história da cruz relatada no Novo Testamento:

- Versículo 1 — Cristo fala essas palavras (Mt 27:46; Mc 15:34).
- Versículo 2 — alterna luz e trevas (Mt 27:45).
- Versículos 6-8 — a censura das pessoas (Mt 27:39-44).
- Versículos 11-12 — ninguém oferece ajuda a ele; (Mt 26:56).
- Versículo 16 — seus pés e mãos são trespassados (Mt 27:35).
- Versículo 17 — as pessoas o observam (Lc 23:35).
- Versículo 18 — sorteiam suas vestes (Jo 19:23-24).

No versículo 22, a cena muda, e vamos para a ressurreição. Para conhecer a explicação do Novo Testamento para isso, leia Hebreus 2:11-12. Cristo não está mais na cruz; ele está no meio de seus irmãos (a igreja) e declara a glória de Deus. Devemos ler o versículo 4 junto com Hebreus 5:7. Essa seção final é cheia de louvor: na igreja (v. 22), em Israel (vv. 23-26) e entre os gentios (vv. 27-31). O final do versículo 31: “Foi ele quem o fez”, faz paralelo às palavras finais de Cristo: “Está consumado!”. Completou-se a salvação, e todos que vão a Cristo pela fé são salvos por causa de sua obra na cruz.

II. O grande Pastor (23)

Hebreus 13:20-21 informa-nos que hoje Jesus é o grande Pastor que cuida das ovelhas. Nós somos suas ovelhas, e ele ministra a nosso favor quando o seguimos. Cristo não apenas morreu por nós; ele ressuscitou e vive por nós. Ele é o grande Pastor, o grande Sumo Sacerdote. “Nada me faltará”, é o tema do salmo 23. “Nada me faltará” para: repouso e descanso (v. 2); refrigerio e justiça (v. 3); proteção em meio aos problemas (v. 4); provisão abundante (v. 5); e uma casa para onde ir no fim do dia (v. 6).

Claro, esse retrato refere-se ao pastor oriental e seu rebanho. Esse pastor conhece suas ovelhas pelo nome. O pastor anda à frente das ovelhas a fim de certificar-se de que elas não andem por caminhos perigosos (Jo 10:27-28). A ovelha não precisa se preocupar se segue o pastor, pois ele a protege e provê para ela. Mesmo que ela atravessasse um vale perigoso (v. 4), o pastor está ao lado dela, e, além do vale, está a casa de repouso. No fim do dia, o pastor leva as ovelhas para o aprisco e fica ao lado da porta aberta para verificar uma a uma conforme entram. Se ele vê uma ovelha machucada ou fraca, passa o óleo refrescante que conforta e cura e dá-lhe água fresca. Como nosso Pastor é gracioso por cuidar de nós!

Esse salmo cita todos os nomes de Deus do Antigo Testamento: *Jeová Jiré*, “O SENHOR Proverá” (Gn 22:13-14); *Jeová Rafá*, “O SENHOR, que te sara” (Êx 15:26); *Jeová Shalom*, “O SENHOR é paz” (Jz 6:24); *Jeová Tsidkenu*, “SENHOR, justiça nossa” (Jr 23:6); *Jeová Shammah*, “O SENHOR está ali” (Ez 48:35); *Jeová Nissi*, “O SENHOR É minha bandeira” (Êx 17:8-15); e *Jeová Raah*, “O SENHOR é o meu pastor” (Sl 23:1). Em outras palavras, Jesus Cristo é tudo que suas ovelhas precisam. Como uma criancinha disse quando citou com suas palavras esse salmo: “O Senhor é meu pastor — o que mais posso querer?”.

III. O Pastor supremo (24)

A tradição judaica diz que Davi escreveu esse salmo em comemoração ao retorno da arca a Jerusalém (1 Cr 13—15). Provavelmente, era entoado por corais e solistas diferentes, um respondendo ao outro. Um coral entoaria os versículos 1-2, e uma voz responderia com o versículo 3, e, a seguir, outra voz responderia com o versículo 4. Depois, o coral entoaria os versículos 5-6. À medida que as pessoas atravessam o portão da cidade, o coral entoaria os versículos 8-9, e a voz responderia de novo: “Quem é o Rei da Glória?”. A seguir, todo o grupo clamaria: “O SENHOR dos Exércitos, ele é o

Rei da Glória". Deve ter sido um espetáculo maravilhoso!

No entanto, uma maravilha ainda maior aguarda Jerusalém quando o Pastor supremo, Jesus Cristo, surgir para reivindicar o trono de Davi. Esse salmo descreve o retorno do rei de Sião; veja Apocalipse 19:11-16. Esta terra está sob o domínio do pecado e de Satanás. Embora ela seja do Senhor pela criação e redenção, ainda não foi libertada da servidão. Mas, graças a Deus, um dia Jesus retornará à terra e reclamará sua herança. Nesse momento, a terra se encherá da glória do Senhor.

O versículo 3 apresenta uma questão importante: quem tem mérito para governar a terra do monte Sião? Isso nos faz lembrar de Apocalipse 5, que apresenta a pergunta: "Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?". Há apenas uma resposta: Jesus Cristo, o Filho de Deus. Salmos 24:4 descreve-o como o Homem perfeito, o Rei perfeito. Davi não tinha as mãos limpas, pois matou um homem, nem o coração puro, pois se entregou à luxúria e cometeu adultério. Ele abriu sua alma para a vaidade e o pecado quando fez o censo. Salomão não se qualificaria porque era um idólatra. Mesmo o grande rei

Ezequias cairia por causa do orgulho. Não, o único rei que se qualifica é Jesus Cristo.

Quando Jesus Cristo reclamar Jerusalém, ele virá como recém-saído da batalha (v. 8), pois derrotará as nações do mundo em Armagedom (Ap 19:19-21). Já estava prometido, antes do nascimento de Jesus, que ele ocuparia o trono de Davi (Lc 1:30-33). Hoje, ele está sentado no trono de seu Pai (Ap 3:21), mas, quando retornar à terra em julgamento e glória, reclamará o trono de Davi e reinará sobre a casa de Jacó. Claro que primeiro ele arrebatará, entre nuvens, a igreja para o céu (1 Ts 4:13-18). Depois, haverá sete anos de tremenda tribulação sobre a terra, o "tempo de angústia para Jacó". Jesus Cristo retornará para julgar e livrar o mundo do mal quando Satanás e seus associados perversos tiverem feito todas as piores perversidades que puderem. Depois, haverá uma nova terra, um Israel restaurado e um reino justo por mil anos (Ap 20:1-5).

Se Cristo é seu *Deus* Pastor, porque você o recebeu como Salvador, então deixe-o ser seu *grande* Pastor que guia e abençoa sua vida. Assim, quando ele retornar como o Pastor *supremo*, você estará pronto para se encontrar com ele.

SALMOS 32 E 51

O pano de fundo desses dois salmos é 2 Samuel 11—12. Davi cobijou a mulher de seu vizinho, cometeu adultério, embebedou o marido dela, matou-o e, depois, escondeu o assunto todo por, pelo menos, um ano. Ele não era mais um jovem quando cometeu esses pecados; era um homem maduro que governava sobre um grande reino. “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1 Co 10:12). O salmo 51 é a oração de confissão de Davi, e o 32 seu cântico de remissão. Para conhecer a purificação que Deus provê, leia 1 João 1:5—2:2.

I. A oração de confissão de Davi (51)

Essa é uma oração muito pessoal. Observe quantas vezes Davi usa “mim” e “meu pecado”. Seus olhos não estão voltados para mais ninguém, apenas para si mesmo e para o Senhor.

A. O preço do pecado

Cair em luxúria e cometer adultério parecem pecados momentâneos, mas Davi pagou um preço tremendo por eles. (No entanto, talvez seja possível que Davi tenha planejado pecar quando voltou da guerra.) Como veremos em Salmos 32:3-4, Davi pagou fisicamente por seus pecados e ficou doente. Mas o pre-

ço espiritual também foi grande. Ele perdeu a pureza de coração (vv. 1-2) e, além disso, precisou ser lavado e purificado (v. 7). Observe as palavras usadas para pecado nesse salmo: transgressão significa ato de rebeldia, desafiar Deus ao cruzar a linha que ele traçou; iniquidade significa desonestidade interior, perversidade; pecado significa errar o alvo, não satisfazer o padrão do Senhor. O versículo 17 sugere que o coração de Davi não apenas se corrompeu, mas também endureceu. Quando acolhemos o pecado, isso endurece o coração. Os olhos de Davi também foram afetados; ele só conseguia ver seus pecados (v. 3). Em geral, as pessoas com consciência pesada ficam na defensiva, só se perguntando o que os outros sabem. O pecado também afetou sua audição, pois não ouvia os sons de júbilo e de alegria (v. 8). Nada soa bem para a pessoa que deixou de ter comunhão com Deus. Até os lábios de Davi foram afetados, pois não podia mais testificar, ou testemunhar, nem mesmo entoar cânticos de louvor ao Senhor (vv. 13-15). Nada emudece a boca do cristão como o pecado não confessado. Sua mente foi afetada, pois ele implora sabedoria (v. 6). A pessoa interior (coração e espírito, v. 10) não está em comunhão com o Senhor (v. 11) e, por isso, não há alegria. O Senhor não afasta o Espírito Santo quando pecamos (Jo

14:16), mas entristecemos o Espírito e, assim, deixamos de ter sua ajuda e de comungar com ele (Ef 4:30-32). Tomara que nunca esqueçamos o alto preço do pecado!

B. O preço de confessar o pecado

A verdadeira confissão de pecado envolve arrependimento, a mudança sincera da mente. Davi pensou que poderia livrar-se durante o ano em que escondeu os pecados. Todavia, o coração de Davi, quando Natã o confrontou com seus pecados, comoveu-se, e ele se arrependeu. Há uma diferença entre admitir o pecado e confessá-lo. Literalmente, “confessar” (1 Jo 1:9) significa “dizer a mesma coisa”. Se dizemos a mesma coisa que Deus diz a respeito de nosso pecado e, realmente, temos a intenção de dizer isso, então estamos confessando o pecado. Davi vai até mais longe que isso ao admitir sua natureza pecadora, o ter nascido no pecado (v. 5). Acautele-se contra confissões baratas. Apenas orar movendo os lábios: “Senhor, eu pequei, por favor, perdoa-me!”, não é confessar. A verdadeira confissão exige algumas coisas: o espírito quebrantado e o coração compungido e contrito (v. 17). Isso não quer dizer que fazemos penitência e ganhamos o perdão, mas que estamos tão quebrantados por nossos pecados que não escondemos nada do Senhor.

C. O preço da purificação do pecado

Nem boas obras, nem obras religiosas, nem sacrifícios limpam o pecado (vv. 16-17). Apenas o sangue de Cristo lava nossos pecados (Hb 10:1-18; 1 Jo 1:7—2:2). O perdão não é uma coisa barata; ele custou a vida de Jesus Cristo. Recebemos perdão por causa do que ele fez, não por causa de nossas orações ou lágrimas. Deus está disposto a apagar os pecados (vv. 1,9; veja Is 43:25) e a purgar-nos completamente. O alto custo da purificação, apenas isso, deveria fazer-nos odiar o pecado e querer ficar afastados dele.

II. Davi louva a Deus pela purificação (32)

Em Romanos 4:7-8, Paulo cita os dois primeiros versículos do salmo, por isso certifique-se de ler a passagem. Davi entoou: “Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há dolo”. Davi era culpado de tudo isso. Ele rebelara-se contra a Lei e não satisfez o padrão de justiça do Senhor; ele deixou que sua natureza desonesta o dominasse e, de forma fraudulenta, escondeu o assunto durante um ano. Leia Provérbios 28:13 e aplique-o ao caso de Davi.

A. O silêncio que condena (vv. 3-4)

O que aconteceu com Davi quando ele se recusou a confessar seus pecados? Ele sofreu. Ele sofreu espiritual (como vimos em Sl 51) e fisicamente. Ele sentiu-se como se fosse um velho alquebrado. A mão de condenação de Deus pesava sobre ele dia e noite. Ele secou como um riacho no estio. Algumas pessoas que vão ao médico para tratar os sintomas que sentem, devem ir ao Senhor para cuidar de seus pecados. Isso não quer dizer que a causa de todas as doenças é o pecado, mas que o pecado não confessado pode causar sofrimento físico. Veja 1 Coríntios 11:29-32.

B. O soluço de confissão (v. 5)

“Confessei-te o meu pecado.” Davi confessou imediatamente que pecara quando Natã falou com ele (2 Sm 12:13), mas depois, em particular, ele permitiu que o Espírito de Deus revelasse seus pecados um a um. A oração de Davi não é uma confissão genérica; ele citou todos os seus pecados. O Senhor perdoou-o, porque ele confessou. Um escritor disse: “Quanto menos você se poupar, mais Deus o poupará”. Paulo afirmou: “Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1 Co 11:31). O Senhor não nos perdoa porque estamos arrependidos ou porque oramos, mas quando confessamos nossos pecados,

porque ele é “fiel e justo” — fiel à sua promessa e justo em relação à cruz. Deus não nos fará pagar por pecados pelos quais Cristo já pagou. Leia Romanos 8:31-39.

C. O cântico de purificação (vv. 6-7)

O cântico substituiu o soluço de Davi. Ele é cercado por “cantos de livramento”, e para onde quer que se vire vê motivos para cânticos. Antes, ele via apenas seu pecado diante de si (51:3). Ele adverte para que oremos a Deus pedindo perdão enquanto ainda é “tempo de poder encontrá-lo”. Isso tem dois significados: no momento em que descobrimos nossos pecados, e em um tempo em que o Senhor possa ser encontrado (Is 55:6-7). Deus tem de disciplinar o crente que deixa os pecados se acumularem (Hb 12). Davi não tem mais medo, pois o Senhor é seu esconderijo. Que venham os problemas, ele não tem medo.

D. O grito de confiança (vv. 8-11)

Agora, Deus fala com Davi e assegura-lhe que guiará seus passos. “Refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome” (Sl 23:3). O Senhor quer guiar-nos com seus olhos, não com um bordão pesado. O filho obediente olha para os olhos dos pais a fim de ver qual é a vontade deles. O cristão deve estar sempre sob as

vistas do Pai e viver para agradá-lo. No versículo 9, Davi fala sobre dois extremos: o cavalo que vai em frente com ímpeto, e a mula que, teimosa, fica para trás. Os cristãos devem evitar esses dois tipos de comportamento. Devemos caminhar com o Senhor, dando um passo de cada vez, em obediência amorosa. Temos de controlar as mulas e os cavalos com freios e cabresto, “caso contrário não obedecem” (NVI). Infelizmente, Deus tem de usar “freios e cabrestos” em alguns cristãos a fim de controlá-los. Entretanto, a forma normal de Deus nos guiar é com os olhos sobre nós. Animais embotados não têm compreensão, mas o povo do Senhor pode compreender qual é a vontade dele (Ef 5:15-17).

Depois que nós, cristãos, pecamos e somos restaurados, Satanás tenta minar nossa paz e nossa confiança. Começamos a nos preocupar com o passado e com as conseqüências de nossa insensatez. Sim, a desobediência produz frutos amargos (e como Davi provou deles!), porém os versículos 10-11 asseguram que Deus protege e socorre os que pertencem a ele. O ímpio passa por muitos sofrimentos, e o sofrimento também entra na vida de santos desobedientes, mas o cristão purificado vivencia a bondade e a misericórdia do Senhor. Não surpreende o fato de que Davi termine o salmo com um grito de exultação. O passado está perdoado, o presente é de alegria, e o futuro está garantido nas mãos do Senhor.

SALMO 40

Podemos chamar esse salmo de “Salmo de Natal”, porque olha em direção ao nascimento de Cristo. Hebreus 10:5-10 cita os versículos 6-8 e aplica-os a Jesus Cristo. Historicamente, o salmo surgiu como resultado de uma crise na vida de Davi. Ele estava em um “poço de perdição” e clamou ao Senhor, que o libertou. Na primeira metade do salmo (vv. 1-10), Davi testifica a misericórdia do Senhor e mostra sua gratidão ao entregar-se de novo ao Senhor. Nos versículos finais (vv. 11-17), Davi clama a Deus em busca de ajuda adicional quando novos inimigos se aproximam dele. O versículo 17 tem muita força: “O Senhor cuida de mim”. Como esse salmo é messiânico (fala de Jesus Cristo), estudaremos especificamente esse aspecto dele.

I. O nascimento de Cristo (40:6-7)

Leia com atenção Hebreus 10:1-18. O capítulo inicia com a afirmação de que Deus pôs de lado todos os sacrifícios dos hebreus que nunca puderam afastar o pecado. Nos versículos 5 a 9, o escritor argumenta que Jesus Cristo veio fazer o que esses sacrifícios nunca puderam fazer. Todavia, Jesus teve de vir à terra como homem, em um corpo de carne (sem pecado, é claro), para que

pudesse morrer por nossos pecados. Quando veio ao mundo, o Filho disse ao Pai: “Eis aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito [as profecias do Antigo Testamento]”.

Hebreus 10:5 cita o salmo 40:6 desta forma: “Um corpo me formaste”, em vez de: “Abriste os meus ouvidos”. Claro que o mesmo Espírito Santo que escreveu a Palavra pode citá-la e expandi-la, ou explicá-la, como quiser. Jesus Cristo veio em um corpo preparado para ele, nasceu da virgem Maria e foi concebido pelo Espírito Santo (Lc 1:26-38). Deus tem quatro maneiras de fazer um corpo: (1) do pó, como no caso de Adão; (2) a partir do homem, como Eva (Gn 2:21-25); (3) de uma mulher casada com um homem, como no nascimento de todos os seres humanos comuns; e (4) de uma mulher, sem a participação de um homem, como no nascimento de Cristo. Jesus nasceu em um corpo preparado que não fora maculado pelo pecado. Embora ele sentisse todas as fraquezas *não pecaminosas* da carne (fome, dor, fraqueza, morte), ele nunca compartilhou das fraquezas *pecaminosas* da carne. Jesus Cristo não poderia ser o Salvador do mundo se não tivesse uma natureza sem pecados.

Em relação à frase “Abriste os meus ouvidos”, veja Êxodo 21:1-6 e Isaías 50:5. Os judeus do Antigo Testamento furavam a orelha dos servos que queriam permanecer

para sempre com eles. Essa é uma bela imagem de dedicação. Observe também que o nascimento de Cristo “está escrito” no livro. Gênesis 3:15 apresenta a primeira promessa em que Deus anuncia que “o descendente dela” (NVI) (não do homem, por essa razão o nascimento virginal) derrotará a semente de Satanás. Depois, o Senhor anunciou a Abraão que o Salvador viria por intermédio dos judeus e, a seguir, revelou que viria pela tribo de Judá. Isaías 7:14 anuncia o nascimento virginal, e Miquéias 5:2 informa que ele virá de Belém.

II. A vida de Cristo (40:8-10)

Esses versículos resumem de uma forma bonita o que Jesus fez: ele amou a Palavra, viveu a Palavra e pregou a Palavra para as pessoas. Ninguém jamais pôde acusar Jesus de ter pecado; veja João 8:46. Os judeus tiveram de contratar mentirosos para dar falso testemunho contra ele em seu julgamento. Mesmo Judas (que devia ter boas desculpas para acusá-lo) admitiu a inocência dele (Mt 27:1-5). Jesus deliciava-se na Palavra e na vontade de Deus. Em João 8:29, ele declarou: “Eu faço sempre o que lhe agrada”. Sua vida e seus lábios exaltaram a justiça e a bondade do Senhor.

III. A morte de Cristo (40:6)

Ele veio em um corpo perfeito para ser o sacrifício perfeito pelos pe-

cados. Para verificar que nenhuma passagem do Antigo Testamento afirma que o sangue dos animais lava os pecados, leia 1 Samuel 15:22; Salmos 51:16-17; Oséias 6:6 e Miquéias 6:6-7. Muitos judeus confiavam no sacrifício em vez de olhar para o Senhor pela fé. Como muitos membros da igreja hoje confiam no batismo ou na membresia para ser salvos! O versículo 6 menciona quatro tipos de ofertas: (1) *sacrifícios*, qualquer tipo de oferta de sangue; (2) *ofertas*, ofertas que não têm sangue, como de manjares; (3) *ofertas queimadas*, ofertas que representam a consagração total a Deus; e (4) *ofertas pelo pecado*, ofertas que lidam com o pecado da pessoa.

Todas essas ofertas do Antigo Testamento (resumidas em Lv 1—5) são símbolos da obra expiatória de Jesus Cristo. O holocausto representa sua entrega total a Deus; “Agrada-me fazer a tua vontade”. A oferta de manjares (Lv 2) retrata sua natureza perfeita e lembra-nos de que nos alimentamos dele para satisfazer a alma. A oferta pacífica (Lv 3) simboliza a paz com o Senhor, a paz entre o pecador e o Salvador, a paz alcançada pelo sangue de Jesus derramado na cruz (Cl 1:20; 2 Co 5:18). A oferta pelo pecado (Lv 4) lida com o pecado que existe em nossa natureza, enquanto a oferta pela culpa (Lv 5) lida com atos de desobediência. Cristo morreu por nossos pecados, mas ele também

condenou nossa antiga natureza na cruz e, assim, deu-nos vitória sobre o pecado (Rm 6—8).

O importante é que todas essas ofertas cumpram-se em Jesus Cristo. Ele, com uma oferta, resolveu totalmente e de uma vez por todas a questão do pecado. Milhões de ovelhas e cabras não poderiam nunca fazer o que Jesus Cristo fez em suas horas de agonia na cruz. Aleluia, que Salvador!

IV. A ressurreição de Cristo (40:1-3)

Esses versículos descrevem a libertação de Davi de algum problema, mas também ilustram a ressurreição de Cristo. Jesus desceu ao poço do pecado por nós, ele se fez pecado por nós (1 Pe 2:24; 2 Co 5:21). Quando consideramos que Jesus

suportou em seu corpo sem pecado todos os pecados da humanidade ao longo de todas as eras, percebemos que, com certeza, era um “poço de perdição”. Contudo, ele não ficou no poço; Deus ressuscitou-o dos mortos. Hebreus 5:7 menciona alguns dos horrores dessa experiência no Getsêmani e no Calvário e informa que Jesus orou “a quem o podia *livrar da morte*” (não *de* morrer, pois ele veio para morrer). O Pai respondeu à oração dele e ressuscitou-o.

Hoje, Cristo está ressuscitado e não morrerá mais. A obra dele foi consumada, seus pés estão sobre a rocha. O cântico novo é de vitória e de louvor ao Senhor. Veja Salmos 22:22-25 e compare-o com Salmos 40:9-10; ele pôs todos os inimigos sob seus pés.

SALMO 90

Esse é o salmo mais antigo de todos, já que Moisés é o autor dele. Provavelmente, esse salmo foi escrito em conexão com o fracasso de Israel em Cades-Barnéia (Nm 13—14). O povo (com exceção de Josué e Calebe) recusou seguir Moisés e confiar no Senhor. Ele voltou em descrença, em vez de entrar na terra pela fé, e Deus julgou-o. O Senhor fez a nação peregrinar pelo deserto durante 40 anos, até que todas as pessoas que tinham mais de 20 anos na época do evento de Cades-Barnéia tivessem morrido. Tenha isso em mente ao ler o salmo 90 (em especial, os vv. 7-11), e ele terá um novo significado. Esse salmo retrata a reação pessoal de Moisés à crise. Ele voltou-se para o Senhor em oração e buscou habitação eterna em Deus. Anos mais tarde, ele diria a Israel: “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os braços eternos” (Dt 33:27). Foi esse tipo de fé que manteve Moisés em todos os anos de provação no deserto. Isaac Watts baseou seu magnífico hino “Ó Deus, nossa ajuda em eras passadas” no salmo 90. Leia o hino com esse salmo em mente.

I. A eternidade de Deus e a fragilidade do homem (90:1-6)

Que contraste encontramos aqui. O Deus eterno vive muito além da história. As gerações vêm e vão, mas o Senhor ainda é o mesmo. “Porque eu, o SENHOR, não mudo” (Ml 3:6). “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13:8). Há uma diferença entre ser imortal e eterno. O homem é imortal — isto é, sua alma não morre nunca; mas o Senhor é eterno — ele não tem fim nem começo. Deus existia antes dos montes (na época de Moisés, a coisa conhecida mais durável); na verdade, ele criou os montes. Nós, por meio da fé em Jesus Cristo, nos tornamos parte da eternidade e temos vida eterna.

Estas são as imagens da fragilidade do homem: pó (v. 3); a vigília na noite de cerca de três horas (v. 4); a torrente passageira que aparece depois da chuva e logo seca (v. 5); um sono breve (v. 5); a relva que floresce de repente na madrugada e murcha antes da noite (vv. 5-6). Para conhecer outras imagens a respeito da brevidade da vida, veja Jó 7—9. O versículo 3 nos leva de volta a Gênesis 3:19; veja também Eclesiastes 12:7. É uma boa colocação essa de que o homem é em parte pó e em parte divino. Fomos feitos à imagem de Deus, mas a partir do pó. Nós não morreríamos nem destruiríamos o nosso mundo se não fosse pelo pecado.

Esses versículos explicam por que o ser humano precisa de refúgio eterno. Somos frágeis, somos pó, somos criaturas do tempo e, a menos que nos relacionemos da forma correta com o Deus eterno, não somos nada. Conhecemos Deus e compartilhamos a vida eterna dele apenas por meio da fé em Cristo.

II. A santidade de Deus e o pecado do homem (90:7-12)

A rebelião de Israel em Cades-Barnéia provocou a ira do Senhor. Veja Números 44:11-25. Deus planejava ferir a nação com pestilência e deserção, mas Moisés rogou a ele fundamentado nas promessas do Senhor e na aliança que ele fizera com seu povo. Moisés pediu que o Senhor perdoasse os pecados da nação, mas Deus ainda julgou Israel fazendo com que a geração mais velha morresse no deserto nos 40 anos seguintes. Essa foi a marcha fúnebre mais longa do mundo. “O salário do pecado é a morte”.

Os seres humanos pecadores vivem sob a ira do Senhor. João 3:18 anuncia: “O que não crê já está julgado”. Deus vê os pecados ocultos (v. 8; Hb 4:13) e também os notórios. Os dias do ser humano “passam” (v. 9), da luz para a escuridão. Nossos dias são “como um breve pensamento” (v. 9) (não um conto). Eles são tão breves e vazios e passam tão depressa. Quantos anos os seres hu-

manos vivem? Bem, aquela geração dos dias de Moisés (os que tinham mais de 20 anos, Nm 14:29) viveria apenas mais 40 anos. Acrescente 20 anos aos 40, e teremos 60 anos. Moisés fala que o limite de vida é de 70 anos, a menos que Deus conceda 10 anos extras. Naquela época, as pessoas mais velhas de Israel não viveriam para chegar aos 80 anos por causa dos pecados delas. Observe que, em Cades-Barnéia, Calebe tinha 80 anos e pôde entrar em Canaã aos 85 anos (Js 14:6-15).

Os versículos 11-12 chegam a uma conclusão prática: conte seus dias e faça com que sua vida valha a pena. Quem entende realmente o poder da ira do Senhor? Se entendêssemos, não desperdiçaríamos nossa vida em esforços inúteis. Devemos temer o Senhor e honrá-lo, além de usar nossa breve vida para a glória dele. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Por sermos frágeis e pecadores, precisamos de um Salvador, e o único Salvador é Jesus Cristo.

III. A bênção de Deus e a aspiração do homem (90:13-17)

Essa seção final do salmo apresenta uma série de orações para que Deus abençoe seu povo e coroe a vida dele com glória. O homem não é apenas um animal que vive e morre. Ele é criado à imagem do Senhor e aspira a que sua vida reali-

ze alguma coisa e tenha relevância. Hoje, multidões de pessoas levam uma existência sem sentido e sem objetivos ou desafios. Como elas precisam entregar-se a Jesus Cristo e dizer com Paulo: "Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 1:21).

Moisés ora pelas boas graças do Senhor (v. 13). Deus não se "arrepente" como o homem, pois ele nunca peca. Quando o Senhor se arrepente, ele muda a forma de lidar com seu povo. Veja Êxodo 32:12 e Deuteronômio 32:36. Deus acabara de julgar Israel, e Moisés ora para que ele perdoe Israel e restitua seu povo a suas boas graças e bênçãos.

Ele ora pedindo por júbilo (vv. 14-15). Imagine enfrentar 40 anos de errância constante e morte. Imagine, dia após dia, ter de sepultar centenas de pessoas. Como pode haver qualquer júbilo ou alegria em uma situação dessas? Apenas por intermédio do Senhor. O versículo 14 capta bem o sentido: "Sacia-nos de manhã com a tua benignidade". O que os judeus deviam fazer de manhã? Sair cedinho para juntar o maná celestial. Veja Êxodo 16. Moisés está dizendo: "Senhor, satisfaze-nos todas as manhãs em que acordamos para um novo dia. Alimenta-nos com tua Palavra. Dá-nos a alegria de tua Presença". Também é importante que hoje o cristão do Novo Testamento inicie o

dia com o Senhor, lendo a Palavra e orando. No versículo 15, Moisés pede alegria na mesma proporção da adversidade. Como cristãos, temos uma promessa ainda maior em 2 Coríntios 4:16-18: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (v. 17). Veja também a declaração de Paulo em Romanos 8:18.

Moisés ora para que a obra do Senhor seja feita (v. 16). Ele anseia por ver o poder do Senhor trabalhar em favor do povo. Historicamente, é claro, isso se refere a Israel tomar posse da terra prometida; em Números 14:13-19, veja a argumentação de Moisés com o Senhor. Com certeza, a errância de Israel pelo deserto não glorificava a Deus, porém foi para a glória do Senhor que Israel atravessou o Jordão e reclamou sua herança com poder. No versículo 16, observe que Moisés está mais preocupado com a glória do Senhor que com seu próprio contentamento.

Ele ora para que a bênção de Deus se manifeste no trabalho das mãos do homem (v. 17). Há uma bonita ligação entre os versículos 16 e 17: "Tuas obras" — a obra das suas mãos; "Tua glória" — "Seja sobre nós a glória do Senhor". A palavra "glória" nos remete à beleza e à bondade do Senhor. Em Salmos 27:4, contemplamos a beleza do Senhor, mas

aqui compartilhamos a glória dele. “Seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1 Jo 3:1-2). O que Moisés pretende quando ora a respeito do trabalho das nossas mãos? Apenas isto: que nossa vida não seja desperdiçada, mas que Deus nos guie e abençoe para que o que fizermos dure para sempre. “Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Moisés acha que a vida dos judeus é muito desperdiçada e inútil quando os observa errando pelo deserto. Ele, como um homem de Deus, não quer desperdiçar sua vida; ele quer que ela glorifique ao Senhor. Além disso, ele quer que o Senhor demonstre sua

obra em seu povo e por intermédio dele. Jesus tem a mesma idéia em mente na parábola dos dois construtores (Mt 7:21-29).

A vida seria insuportável longe de Jesus Cristo. Por que suportar as provações da vida se não há Deus nem glória? Sem isso, seríamos semelhantes aos pecadores que dizem: “Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1 Co 15:32). Mas a vida não é um fardo, um pensamento, um descanso à noite. A vida, com Jesus Cristo no controle, é uma aventura, um desafio, um investimento na eternidade. “Senhor, ensina-nos a contar nossos dias e ajuda-nos, com tua sabedoria, a viver todos os dias por Jesus Cristo.”

SALMO 119

Esse salmo é especial de várias maneiras. É o salmo mais longo (176 versículos) e um salmo acróstico, pois segue as letras do alfabeto grego. Na maioria das edições da Bíblia, as 22 seções desse salmo são encabeçadas pelas sucessivas letras do alfabeto hebraico (*alef, bet, gimel, etc.*). Na Bíblia hebraica, todos os versículos da seção se iniciam com a letra hebraica. Por exemplo, todos os versículos da seção “alef” (vv. 1-8) começam com a letra hebraica “alef”. Os judeus escreveram dessa forma a fim de facilitar a memorização das Escrituras para que pudessem meditar a respeito da Palavra do Senhor.

Não sabemos quem escreveu esse salmo, apesar do escritor referir-se a si mesmo diversas vezes. Ele sofria por causa de seu amor pela Lei de Deus (vv. 22,50-53,95,98,115), porém estava determinado a obedecer à Palavra independentemente de quanto lhe custasse fazer isso. Todos os versículos, com exceção de cinco, mencionam, de uma forma ou de outra, a Palavra do Senhor. As exceções são os versículos 84, 90, 121, 122 e 132. Todos os versículos referem-se a Deus. Em todo esse salmo, identifica-se o número oito. Cada seção tem oito versículos; apresenta oito nomes especiais para a Palavra do Senhor; dá oito símbolos da Palavra; o cren-

te tem oito responsabilidades em relação à Palavra. O significado literal em hebraico da palavra “oito” é “abundância mais que suficiente”; oito é o número dos novos começos. Seria como se o escritor dissesse: “A Palavra do Senhor é suficiente. As Escrituras são tudo que você precisa para a vida e a religiosidade”. Na verdade, a Bíblia levamos a Cristo: ele é a Palavra viva de que a Palavra escrita fala. Em certo sentido, o salmo 119 é uma expansão de Salmos 19:7-11. Observe, nos nove primeiros versículos do salmo, os oito títulos básicos da Bíblia: lei do Senhor, prescrições, caminhos, mandamentos, preceitos, juízos, decretos, Palavra. Ao longo do salmo, esses nomes são repetidos diversas vezes.

I. O que é a Bíblia

A. Água para purificação (v. 9)

A seção toda (vv. 9-16) lida com a vitória sobre o pecado. Os jovens, em especial, precisam aprender a *prestar atenção e guardar* a Palavra a fim de vencerem a tentação. A Palavra, quando você a lê e medita a respeito dela, purifica seu ser interior da mesma forma que a água limpa seu corpo. Veja João 15:3 e Efésios 5:25-27.

B. Saúde e riqueza (vv. 14, 72, 127, 162)

Muitas pessoas não sabem a diferença entre preço e valor. Sua

Bíblia pode custar apenas alguns reais, porém ela é um tesouro. Como você se sentiria se perdesse a Palavra de Deus e não pudesse repô-la?

C. Amiga e conselheira (v. 24)

O escritor era um peregrino (v. 19), rejeitado pelos soberbos (v. 21) e pelos príncipes (v. 23), no entanto ele sempre tem a Palavra como conselheira. Leia Provérbios 6:20-22.

D. Cânticos para entoar (v. 54)

Imagine transformar nossos decretos — leis — em cânticos! A vida é uma peregrinação. Nós somos turistas, não-residentes. As canções do mundo não significam nada para nós, mas a Palavra de Deus é um cântico para nosso coração.

E. Mel (v. 103)

A doçura da Palavra tem sabor de mel. É triste quando o cristão precisa do “mel” deste mundo para se satisfazer. Veja Salmos 34:8 e Jó 23:12.

F. Lâmpada (vv. 105,130)

Este mundo é escuro, e a única luz segura é a Palavra de Deus (2 Pe 1:19-21). Ela guia-nos em cada passo quando caminhamos em obediência. Primeira João 1:5-10 informa-nos que andamos na luz quando obedecemos à Palavra do Senhor.

G. Grandes despojos (v. 162)

Os soldados pobres se enriqueciam com os despojos deixados pelo inimigo. Não alcançamos com facilidade as riquezas da Palavra. Primeiro temos de travar uma batalha espiritual contra Satanás e a carne. Mas ela vale a pena. Leia Lucas 11:14-23.

H. Legado (v. 111)

A Bíblia é um legado precioso! Pense nas pessoas que sofreram e que morreram para que tivéssemos esse legado.

II. O que a Bíblia faz

A. Ela abençoa (vv. 1-2)

A Bíblia é um livro de bem-aventuranças (Sl 1:1-3). Somos abençoados por ler a Palavra, por compreendê-la e por lhe obedecer. Também somos abençoados quando compartilhamos a Palavra com os outros.

B. Ela dá vida (vv. 25, 37, 40, 50, 88, 93)

“Vivificar” significa “dar vida”. A Palavra nos dá vida eterna quando cremos (1 Pe 1:23). Ela é a Palavra viva (Hb 4:12). A Palavra do Senhor também nos vivifica quando estamos fracos, desencorajados e derrotados. Há renovação quando nos entregamos à Palavra do Senhor.

C. Ela fortalece (v. 28)

Crer na Palavra encoraja-nos (Mt 4:4). A Palavra de Deus é eficaz (Hb

4:12) e capacita-nos quando cremos nela e obedecemos a ela.

D. Ela liberta (v. 45)

Uma lei que liberta — que paradoxo! A iniquidade nos domina (v. 133), mas a Palavra nos liberta (Jo 8:32). A verdadeira liberdade está na obediência à vontade de Deus. A Palavra dele é a “lei perfeita, lei da liberdade” (Tg 1:25).

E. Concede sabedoria (vv. 66,97-104)

Em outros livros, podemos adquirir conhecimento e informação, mas encontramos a verdadeira sabedoria espiritual na Bíblia. Nos versículos 97-104, observe as várias formas de descobrir a verdade — com os inimigos, com os mestres, com os idosos —, e todas elas são boas. Mas, acima de todas essas fontes, está o conhecimento da Bíblia. Os mestres podem aprender nos livros, os idosos, com a experiência (ambos merecem respeito), mas isso, sem a Bíblia, não é suficiente.

F. Ela faz amigos (v. 63)

Conhecer a Bíblia e obedecer à Palavra trará para sua vida os amigos mais excelentes. Na verdade, os que amam a Palavra de Deus são amigos. Os falsos amigos podem deslumbrá-lo com sua sabedoria mundana e suas riquezas, mas a amizade deles o desviará. Apegue-se às pessoas apegadas à Bíblia (v. 31).

G. Ela conforta (vv. 50,76,82,92)

Mais de 60 versículos desse salmo mencionam provações e perseguição (vv. 20,50-53,95,98,115, etc.). O crente que obedece à Palavra terá provações neste mundo, mas a Bíblia dá-lhe conforto duradouro. O Consolador, o Espírito de Deus, aplica a Palavra em nosso coração a fim de confortar-nos.

H. Ela orienta (v. 133)

A vida cristã é um caminhar, um dia e um passo de cada vez (vv. 1,3,45). A Palavra orienta nossos passos, tanto no caminhar quanto na corrida (v. 32). Observe as orações nos versículos 35 e 116-117. Quando oramos em busca de orientação, o Senhor responde por meio de sua Palavra.

III. O que devemos fazer com a Bíblia

A. Amá-la (vv. 97,159)

A forma como tratamos nossa Bíblia é a mesma como tratamos a Cristo. Amá-lo significa amar sua Palavra. A Palavra é um prazer (vv. 16,24,35,47,70), e não um desapontamento. Regozijamo-nos quando a lemos (vv. 14,162).

B. Valorizá-la (vv. 72,128)

O verdadeiro santo tem a Bíblia em alta estima. Ela deve ser mais valiosa para nós que qualquer tesouro terreno.

C. Estudá-la (vv. 7,12,18,26-27)

O salmista ora pelo menos doze vezes: "Ensina-me". Deus abençoa o cristão que estuda a Bíblia *diariamente*. Nem sempre o estudo da Bíblia é fácil; ele envolve "todo o coração" (vv. 2,10,34,69,145).

D. Memorizá-la (v. 11)

Campbell Morgan explica esse versículo desta maneira: "O melhor Livro, no melhor lugar, para o melhor propósito!". As pessoas de todas as idades, não apenas crianças e jovens, precisam memorizar a Palavra. Josué não era jovem quando Deus ordenou que ele memorizasse a Lei (Js 1:8). Jesus citou as Escrituras quando enfrentou Satanás no deserto (Mt 4:1-11).

E. Meditar a respeito dela (vv. 15, 23, 48, 78, 97, 99, 148)

A meditação é para a alma o que a digestão é para o corpo. Meditar significa "entregar-se" de mente e coração à Palavra de Deus, examiná-la, comparar as passagens, alimentar-se com suas verdades ma-

ravilhosas. Nesses dias agitados e confusos, é muito raro, mas muito necessário, esse tipo de meditação. A meditação é impossível sem a memorização.

F. Confiar nela (v. 42)

Confiamos em tudo na Bíblia porque ela está certa em tudo (v. 128). Ela é verdadeira, e podemos confiar totalmente nela. Discutir com a Bíblia é o mesmo que discutir com o Senhor. Testamos todos os outros pelo que Deus diz em sua Palavra.

G. Obedecer a ela (vv. 1-8)

Guardar a Palavra significa obedecer a ela, andar em seus mandamentos. Satanás conhece a Palavra, mas não pode obedecer a ela. Se conhecemos a verdade de Deus, mas não lhe obedecemos, estamos apenas nos enganando.

H. Proclamá-la (vv. 13,26)

Quando obedecemos, podemos testemunhar a respeito da Palavra para os outros e contar-lhes o que o Senhor fez por nós.

PROVÉRBIOS

Esboço

Introdução (1:1-19)

- I. Chamados à sabedoria e chamados à insensatez (1:20—9:18)
 - A. Primeiro chamado da sabedoria — à salvação (1:20-33)
 - B. Caminho da sabedoria — justiça e segurança (2—4)
 - C. Primeiro chamado da insensatez — condenação (5)
 - D. Segundo chamado da insensatez — pobreza (6)
 - E. Terceiro chamado da insensatez — morte (7)
 - F. Segundo chamado da sabedoria — à prosperidade (8)
 - G. Terceiro chamado da sabedoria — à vida (9)

- II. Contrastes da sabedoria (10—15)
 - Uma série de provérbios que contrastam sabedoria e insensatez

- III. Conselhos sábios (16—31)
 - Uma série de provérbios sobre assuntos práticos

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Título

A palavra “provérbio” origina-se de duas palavras latinas: *pro* (em vez) e *verbum* (palavra, vocábulo). Portanto, um provérbio é uma sentença que substitui muitas palavras, é uma afirmação curta que resume um princípio de sabedoria. A palavra hebraica traduzida por “provérbio” significa “comparação”. Como já vimos, muitos provérbios de Salomão são comparações e contrastes. Os judeus, como a maioria dos orientais, ensinam muito por intermédio dos provérbios. Essas pequenas sentenças cativantes são fáceis de lembrar e trazem muita sabedoria em uma breve declaração.

II. Autor

Provérbios 1:1; 10:1 e 25:1 declaram que Salomão escreveu a maioria dos provérbios desse livro. Primeiro Reis 4:32 informa que Salomão proferiu 3 mil provérbios, que, sem dúvida, foram transcritos nos registros oficiais. Os homens de Ezequias (grupo de escribas que o rei Ezequias empregou para ajudar na cópia das Escrituras) copiaram o material em Provérbios 25—29 (veja 25:1), e o próprio rei Salomão escreveu ou ditou Provérbios 1—24. Provérbios 30—31 apresentam material de ou-

tros escritores, embora muitos acreditem que o rei Lemuel, em 31:1, na verdade, seja Salomão. Certamente, Salomão ficou conhecido por sua sabedoria, embora depois tenha se voltado para a idolatria e a insensatez.

III. Tema

A palavra-chave desse livro é sabedoria. Comumente pensamos que sabedoria é a habilidade de usar o conhecimento de forma correta, e essa é a definição prática de sabedoria. Contudo, na Bíblia, sabedoria significa muito mais que isso. A verdadeira sabedoria é uma questão de coração, não apenas de mente. É um assunto espiritual. Há a “sabedoria deste século” (1 Co 2:1-8; Tg 3:13-18) e a sabedoria divina do alto. Na verdade, Provérbios retrata a sabedoria como uma mulher adorável que chama as pessoas para segui-la em uma vida de bênção e sucesso. Pinta a insensatez como uma mulher perversa que tenta o insensato a fim de levá-lo para o inferno. Claro, para o crente, Jesus Cristo é a sabedoria de Deus (1 Co 1:24,30; Cl 2:3). Em Provérbios 8:22-31, Salomão descreve a sabedoria, e não podemos deixar de ver Jesus Cristo nessa descrição. Ele descreve a sabedoria como eterna (vv. 22-26), criadora de todas as coisas (vv. 27-29) e a amada de Deus (vv. 30-31).

No mesmo momento, pensamos em João 1:1-2 e Colossenses 1:15-19. Pois a verdadeira sabedoria é entregar a vida a Cristo e obedecer a ele.

IV. O insensato

Provérbios, com freqüência, descreve três tipos de pessoas que precisam desesperadamente de sabedoria: o insensato, ou louco, o simples e o néscio (veja 1:22). O insensato é a pessoa obtusa, preguiçosa, despreocupada e satisfeita consigo mesma. Em 1 Samuel 25, Nabal é um bom exemplo: o nome "Nabal" significa "tolo". O insensato odeia o saber (1:7,22) e é autoconfiante (12:15). Ele fala sem pensar (29:11) e zomba do pecado (14:9). O simples é aquele que acredita em tudo e em todos (14:15) e não tem discernimento. Os outros o desviam com facilidade, porque lhe falta juízo (7:7). Ele não vê o que tem à frente (22:3) e, como resultado disso, tem problemas continuamente. O néscio zomba da sabedoria de Deus porque é muito alta para ele (14:6), mas não admite isso porque sabe tudo (21:24). A palavra hebraica para "néscio" significa "queixar-se", e é fácil imaginá-lo zombando e curvando os lábios com desdém. Ele não lucra com a zombaria (9:7-8; 13:1) e, por isso, será julgado um dia (19:29).

V. O sábio

Provérbios delineia o caráter do sábio: ele ouve as instruções (1:5), obedece ao coração (10:8), armazena o que aprende (10:14), ganha outras pessoas para o Senhor (11:30), desvia-se do pecado (14:16), tem cuidado com a língua, ou melhor, com o que fala (16:23) e é diligente no trabalho diário (10:5).

VI. Valor

Provérbio é um guia sobre a sabedoria prática, valioso para a vida diária. Ensina a respeito de assuntos como a língua, ou a fala, o dinheiro, a amizade, a família e os contratos de negócio. Seria bom que os crentes (principalmente os jovens) lessem um capítulo de Provérbios por dia, portanto o livro todo em um mês. O Novo Testamento cita Provérbios em: Romanos 3:15 (Pv 1:16); Hebreus 12:5-6 e Apocalipse 3:19 (Pv 3:11-12); Tiago 4:6 e 1 Pedro 5:5 (Pv 3:34); Romanos 12:20 (Pv 25:21-22); e 2 Pedro 2:22 (Pv 26:11).

VII. Interpretação

Provérbios apresenta generalizações a respeito da vida, não promessas a ser reivindicadas, embora encontremos algumas promessas excelentes em Provérbios. A condição básica para compreender e aplicar esses provérbios é o temor de Deus (1:7)

e a disposição para obedecer (3:5-6; veja Jo 7:17). O objetivo do livro é ajudar a pessoa devota no relacionamento humano e em sua labuta. Isso se inicia com a submissão ao Senhor. É perigoso ater-se a uma ou duas afirmações de Provérbios e ignorar a mensagem total do livro. Embora possamos encontrar exemplos de algumas exceções para alguns provérbios, isso não diminui as lições que o

livro transmite. Nem todas as pessoas devotas têm vida longa (3:1-2) ou ficam ricas (3:10). Em algumas partes do mundo, os crentes morrem por causa da fome e da pobreza. Mas, de maneira geral, os que obedecem a Deus não arruínam seu corpo nem desperdiçam sua essência. Provérbios intima-nos a entender e a aplicar toda sabedoria revelada de Deus a todas as áreas da vida.

PROVÉRBIOS 1-9

Nessa lição, queremos examinar a sabedoria e a insensatez, as duas mulheres que cortejam e ganham o coração das pessoas. Observe que no esboço de Provérbios há três chamados da sabedoria e três da insensatez. A sabedoria chama-nos para Deus e a vida; a insensatez chama-nos para o pecado e o julgamento. Estudaremos esses seis chamados importantes e os contrastaremos.

I. Primeiro chamado da sabedoria — à salvação (1:20-33)

Esse é um chamado aberto feito nas ruas, onde as pessoas podem ver e ouvir. O chamado de Deus aos corações não é um assunto secreto; o Espírito convida-nos abertamente a irmos a Cristo. Observe que a sabedoria convida os três tipos de pessoas: o simples, o néscio e o insensato, ou louco (1:22). A sabedoria vê a aproximação do julgamento e quer que o pecador escape dele. Ela faz uma oferta magnífica para os que a ouvem: a dádiva do Espírito e da Palavra do Senhor (v. 23).

Como os pecadores respondem a esse chamado? Parece que eles o rejeitam totalmente. Os versículos 24-25 apresentam a resposta deles: recusam-se a prestar atenção, eles não vêm a mão estendida do Senhor nem mesmo dão importân-

cia para isso. Qual é o resultado disso? A destruição. E Deus rirá deles, da mesma forma que riem da sabedoria. “Então, me invocarão, mas eu não responderei” (v. 28). Eles colheirão exatamente o que plantam (v. 31). Por que eles recusam a oferta graciosa do Senhor? O versículo 32 declara que o “desvio” dos néscios e a prosperidade do louco dão-lhes uma falsa segurança; eles acham que nunca serão julgados.

Depois de três capítulos que apresentam o caminho da sabedoria, temos o primeiro chamado da insensatez. Nesses capítulos, a palavra “caminhos” é usada 12 vezes, e “vereda”, seis vezes. A mensagem do capítulo 2 é que a sabedoria *guarda* nossas veredas (2:8); no capítulo 3, a sabedoria *endireita* nossas veredas (3:5-6); e, no capítulo 4, a sabedoria torna nossas veredas *perfeitas* (4:18).

A sabedoria oferece salvação às pessoas, mas, no capítulo 5, a insensatez oferece-lhes condenação. Sempre que Deus faz seu convite gracioso, Satanás está presente com uma oferta tentadora para os seus. O capítulo 5 apresenta a descrição da mulher perversa. Leia-a e veja como Satanás tenta fazer com que o pecado pareça sedutor. Mas não deixe de observar o versículo 5:5: “Os seus pés descem à morte; os seus passos conduzem-na ao inferno”. Deus adverte-nos de não che-

garmos nem mesmo perto da porta dela (5:7-8). O pecado sempre é uma coisa custosa: você perde sua honra (5:9), suas posses (5:10), sua saúde (5:11) e a própria vida (5:22-23). As “cordas do seu pecado” o cegam vagarosamente, mas cegam de verdade, até que um dia o pecador descobre que não pode mais escapar de suas garras.

II. Segundo chamado da sabedoria — à prosperidade (8)

A sabedoria está de volta às ruas e chama os pecadores a seguirem as veredas do Senhor. No versículo 5, chama o simples e o néscio, mas não o louco. Foi ele quem riu e zombou (1:25-26); assim, Deus ignora-o. Como é grave o coração se tornar tão duro a ponto de não ouvir mais a voz do Senhor.

O convite é para a verdadeira prosperidade. A sabedoria está muito acima da prata, do ouro e das jóias (vv. 10-11). Veja uma exortação semelhante em Provérbios 4:1-10. Na verdade, conhecer a sabedoria de Deus é o mesmo que reinar como um rei (vv. 15-16). Os versículos 18-19 reafirmam que a sabedoria e a vida piedosa têm muito mais valor que todas as riquezas mundanas. Afinal, conhecer o Senhor e lhe obedecer significa ter à sua disposição toda a riqueza do céu e da terra. Nos versículos 22-31, Salomão apresenta um retrato, do Antigo Testamento, de Jesus Cristo, a

sabedoria de Deus (1 Co 1:24,30). Ao ler essa descrição, você vê Cristo, o amado Filho do Senhor, o Criador do universo. Conhecê-lo é a verdadeira sabedoria. (Claro que Cristo não nasceu [vv. 24-25] no sentido de ser criado pelo Pai, já que o Filho sempre existiu. A linguagem é simbólica.)

A sabedoria convida-nos à prosperidade, ao mesmo tempo que, no capítulo 6, a insensatez nos convida à pobreza (6:20-35). Eis, de novo, a “mulher alheia” toda formosa, lisonjeando o jovem e tentando-o para que peque. Provérbios 6:26 mostra que o pecado leva à pobreza; veja também 6:31. É verdade que muitos descrentes hoje parecem prósperos, porém a riqueza deles não é duradoura.

III. O terceiro chamado da sabedoria — à vida (9)

O primeiro convite da sabedoria dirigiu-se ao insensato, ou louco, ao néscio e ao simple; o segundo, apenas ao simples e ao néscio (8:5); mas o terceiro dirige-se apenas ao simples (9:4). O louco resolve seguir a insensatez e, em 8:36, ele morre (veja 1:22). Infelizmente, o simples também recusa o convite gracioso da sabedoria e termina nas profundezas do inferno (9:1-18). Eis os resultados desses convites:

(1) O néscio rejeita a sabedoria e perde-se (1:24-27); ele dá ouvidos à insensatez e arruína-se (6:32).

(2) O louco despreza a sabedoria e encontra a morte (8:36); ele ouve a insensatez e morre (5:22-23).

(3) O simples rejeita a sabedoria e vai para o inferno (9:18); ele ouve a insensatez e termina no inferno (7:27).

A lição é óbvia: rejeitar a sabedoria é o mesmo que aceitar a insensatez. Não há meio-termo. Jesus afirmou: “Quem não é por mim é contra mim”. “Ninguém pode servir a dois senhores”, e ninguém pode viver sem ter nenhum senhor. Seguiremos a sabedoria ou a insensatez, a Cristo ou ao pecado.

Os versículos 1-6 retratam o belo banquete que a sabedoria prepara. Isso nos faz lembrar das várias parábolas sobre banquetes de Cristo, em especial a de Lucas 14:15-24. A salvação não é um funeral, mas uma festa. A sabedoria chama: “Deixai os insensatos e vivei!” (grifo do autor), pois receber Cristo é a única forma de receber vida (1 Jo 5:11-13). No versículo 11, a sabedoria promete: “Porque por mim se multiplicam os teus dias”.

No entanto, a insensatez está ocupada em convidar pessoas para seu banquete (cap. 7). Não é preciso muita imaginação para visualizar o jovem insensato que brinca com a tentação e, por fim, dá ouvidos à insensatez e vai à festa dela. Ele é como o boi que vai para o matadouro (7:22). Quando você cede a essa

tentação específica, se assemelha a um animal embotado e estúpido. A sabedoria oferece vida, e a insensatez, morte (7:26-27). A tentação parece fascinante e divertida; além disso, há “prazeres transitórios” no pecado (Hb 11:25), mas, no fim, ele leva à morte e ao inferno. Veja Tiago 1:13-15.

Esses são os convites que encaixamos nesta vida. Podemos escutar a sabedoria e desfrutar salvação, prosperidade verdadeira e vida, ou dar ouvidos à insensatez (tentação e pecado) e vivenciar condenação, pobreza e morte. Antes de encerrar esse estudo, há várias lições práticas que devemos observar.

A. As decisões não podem ser evitadas

“A decisão determina o destino.” Escolhemos o caminho da sabedoria ou o da insensatez, não podemos adiar nem evitar essa decisão. Escolher um caminho significa rejeitar o outro e vice-versa. Qual deles você decidiu seguir?

B. O pecado sempre é sedutor

A insensatez faz tudo que pode para tornar o pecado sedutor. Ela nunca revela sua verdadeira natureza, nunca diz que sua casa é o caminho para o inferno. A única forma de perceber a insensatez é caminhar com sabedoria; leia com atenção Provérbios 2:10-22. É difícil a insensatez enganar os que caminham

com sabedoria e obedecem à Palavra do Senhor.

C. O julgamento demora

O simples, o louco e o néscio pensam que estão seguros quando rejeitam a sabedoria, porque nada desastroso acontece de imediato. Todavia, no fim, o julgamento os alcançará. "Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará" (Gl 6:7).

D. Satanás apela para a carne

Esses capítulos deixam claro que a "vil mulher" (ou "mulher estrangeira") apela para os apetites do jovem. Ela diz-lhe que ele pode usar seu corpo como quiser e não sofrerá por causa

disso. No entanto, Provérbios 5:1-14 deixa claro que o pecado sexual tem resultados trágicos tanto para o corpo como para a alma. Nesses dias de imoralidade flagrante (em filmes, televisão, música, propaganda, etc.), é importante que as pessoas, jovens e idosas, mantenham o coração e a mente puros.

E. Deus continua a chamar

O Espírito de Deus continua a chamar pelo tempo que as pessoas escutarem. Mas os pecadores ensurdecem para a Palavra do Senhor quando se recusam a obedecer. "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração" (Hb 3:7ss).

PROVÉRBIOS 2-4

Você conhece a verdadeira sabedoria quando conhece Jesus Cristo (1 Co 1:24,30) e recebe, por meio da Palavra dele, sabedoria para a vida diária. Nesses três capítulos, Salomão exorta os jovens (repete seis vezes a expressão “Filho meu”) a agarrar-se à sabedoria divina por causa das bênçãos que ela trará para a vida deles. Claro que essa instrução aplica-se a qualquer pessoa que a escute e lhe obedeça.

I. A sabedoria protege nossos caminhos (2)

Aqui, a idéia-chave é que Deus protege os seus (vv. 7-8,11-12,16). A vida não é fácil, e, quanto mais velhos ficamos, mais perigos enfrentamos. O mundo, a carne e o diabo tentam derrotar-nos, e precisamos da sabedoria do Senhor para nos manter fora do domínio deles. Os pecadores tentam seduzir os jovens (Pv 1:10-19) e, com bastante freqüência, apresentam tentações tão sedutoras que é difícil resistir a elas. Todavia, o poder deles não alcança os cristãos que conhecem a Bíblia e tentam obedecer a ela.

A. Os mandamentos de Deus para os seus (vv. 1-9)

Observe o que devemos fazer com a Palavra de Deus: recebê-la, guar-

dá-la no coração, inclinar o coração em direção a ela, aplicá-la em nossa vida, clamar ao Senhor em busca de inteligência e examinar a Palavra a fim de conhecer a vontade do Senhor. Salomão não fala de ler um capítulo por dia e dar-se por satisfeito. Ele insiste em que vivamos na Palavra do Senhor e permitamos que a Palavra viva em nós. O versículo 4 compara o estudo bíblico com a mineração de metais preciosos. Temos de escavar as verdades da Palavra e pô-las na fornalha da experiência pessoal. Devemos cunhar moedas espirituais com elas e guardá-las no nosso tesouro para uso futuro (Mt 13:52). Além disso, a sabedoria é um escudo para nossa vida (v. 7); assim, Deus pode guardar nossos caminhos. Os cristãos põem a si mesmos (e aos outros) em perigo quando se afastam deliberadamente da sabedoria de Deus, que encontramos na Bíblia.

B. Os cuidados de Deus para com os seus (vv. 10-22)

Salomão vê dois grandes perigos no mundo: os homens maus (vv. 10-15) e a mulher estrangeira (vv. 16-22). O homem mau diz “coisas perversas” (v. 12). Ele sempre tem algum esquema para propor ao jovem. Mas ele anda pelos caminhos das trevas, e o Príncipe das Trevas, Satanás, o controla. O homem mau segue veredas tortuosas, em vez de andar

nas da retidão; você simplesmente não consegue rastreá-lo. O homem mau quer que você acredite que há atalhos para alcançar a riqueza e o sucesso e que é possível lucrar-se se desobedecer ao Senhor.

A “mulher estrangeira” usa lisonja e apela para os apetites da carne. Ela deixa o marido e esquece os votos do casamento (v. 17). Ela leva o jovem insensato à morte e ao inferno. Como os crentes, hoje (principalmente os homens e as mulheres jovens) precisam da sabedoria de Deus para proteger seus caminhos!

II. A sabedoria guia nossos caminhos (3)

Provérbios 3:5-6 apresenta promessas preciosas para os cristãos que querem conhecer a vontade de Deus e segui-la em todas as áreas da vida. O Senhor quer que conheçamos e façamos sua vontade, ele anseia por revelar sua vontade a nós (Ef 5:8-10; Jo 7:17). Antes de o Senhor guiar nossos passos, precisamos cumprir certas exigências.

A. Escutar a Palavra (vv. 1-4)

Encontramos a vontade de Deus na Palavra dele (Cl 1:9-10). O coração também deve lembrar e meditar a respeito da Palavra, não apenas a mente. Temos de pedir que o Espírito escreva a Bíblia em nosso coração (2 Co 3:1-3). Temos de receber

a Palavra em todas as oportunidades que tivermos — em aulas, nos cultos da igreja, por meio da leitura. Quanto mais conhecer a Bíblia, mais você conhecerá a vontade de Deus para sua vida.

B. Obedecer à Palavra (vv. 5-10)

Nós obedeceremos ao Senhor se acreditarmos realmente nele. Podemos achar que nossa sabedoria é suficiente, mas ela não é; precisamos da sabedoria de Deus. O versículo 5 não afirma que os cristãos não devem pensar e considerar os fatos quando tomam decisões, pois o Senhor espera que usemos nosso cérebro. Antes, o versículo afirma que não devemos *confiar* em nossas idéias ou sabedoria; devemos pedir que o Senhor nos guie (Tg 1:5). O primeiro passo em direção ao conhecimento da vontade de Deus é a disposição de obedecer (Jo 7:17). Observe que o doar contínuo faz parte da obediência.

C. Submeter-se à Palavra (vv. 11-12)

Às vezes, Deus tem de disciplinar-nos a fim de trazer-nos para sua vontade perfeita; veja Hebreus 12:5-11. Deus transformará isso em bênção se nos submetermos.

D. Entesourar a Palavra (vv. 13-26)

Mateus 6:33 resume isso com perfeição. Ponha Cristo em primeiro lugar. Nos versículos 21-26, Salomão

enumera as bênçãos que o crente que permite que a Palavra dirija seu caminho recebe. Observe como a Palavra pode controlar todas as partes do corpo (Rm 12:1-2).

III. A sabedoria melhora nosso caminho (4)

Os versículos 14-19 apresentam o contraste entre as veredas do perverso e as do justo. O caminho do perverso é escuro e torna-se cada vez mais escuro, mas o caminho do justo é claro e torna-se cada vez mais claro. A salvação começa com a "aurora" em nosso coração ("sol nascente", em Lc 1:77-79). Quando caminhamos com o Senhor, a luz fica mais brilhante até que, um dia, entremos na luz eterna de Deus, em uma terra em que não há noite.

Deus quer melhorar o caminho do crente. Ele tem um plano para cada vida e quer que esse plano seja cumprido (Ef 2:10; Fp 2:12-13; 1:6). Salomão dá diversas instruções que devemos seguir se quisermos que Deus melhore nosso caminho:

A. *Procure a sabedoria (vv. 1-13)*

Parece que Salomão está dizendo: "Lembro-me quando era jovem, e meu pai tentava ensinar-me o caminho certo. Agora que estou mais velho e sou pai de mim mesmo, sei que ele estava certo". Não adianta apenas *conseguir* sabedoria; devemos também *guardá-la* e não dei-

xe que se vá. "Retém a instrução." Ponha as mãos nela. O versículo 12 promete que o caminho da pessoa sábia não se "embaraçar[á]" (não será obstruído). O crente que obedece à Bíblia evita as armadilhas e os obstáculos que os outros encontram em seus desvios longe da vontade do Senhor.

B. *Evite a tentação e o pecado (vv. 14-19)*

Aqui, Salomão ensina que devemos nos afastar do pecado e do mal. Como cristãos, não podemos viver isolados do mundo, pois temos de conviver com as pessoas e tentar ganhá-las para Cristo, mas não podemos nos deixar contaminar por seus pecados nem seguir seus caminhos. A antiga alegoria ainda é boa: tudo bem quando o barco está na água, mas não é bom sinal quando a água está dentro do barco. O cristão pode estar no mundo, mas o mundo não pode estar no coração do cristão. Neste mundo, há pessoas más que só esperam por uma chance para tirar vantagem dos jovens insensatos que ignoram as advertências da Bíblia.

C. *Guarde sua vida (vv. 20-27)*

O versículo 23 declara: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida". O coração é a chave mestra da vida. Um coração errado sempre

gera uma vida errada. Aceitar o pecado no coração polui a vida inteira. Salomão adverte-nos também de que devemos *guardar nossos lábios* (v. 24), pois eles podem nos levar a pecar. O coração controla a língua (Lc 6:45), portanto o coração guardado resulta em lábios guardados. A boca falsa é orgulhosa e fala com desdém e arrogância. O cristão sempre deve dizer as palavras em amor (Ef 4:15,31) e temperá-las com sal (Cl 4:6). Nós devemos *guardar nossos olhos* (v. 25) a fim de assegurar que os mantemos em Jesus Cristo e nos objetivos que ele tem para nós (Hb 12:1-2; Fp 3:12-16). Eva permitiu que seus olhos vagueassem, e isso a levou ao peca-

do (Gn 3:6), e João adverte a respeito da “concupiscência dos olhos” (1 Jo 2:15-17). Sansão não olhou para a frente, mas para o mel imundo do corpo do leão morto, e isso levou-o à profanação e à desobediência (Jz 14:8ss). Por fim, Salomão incita-nos a *pensar bem sobre a vereda que seguiremos* (v. 26), examinar nossa vida, ver para onde estamos indo. Sócrates disse: “A vida sem questionamento não tem valor”. Deus sonda (examina) nossa vida (5:21), e nós também devemos examiná-la.

Viva na Palavra de Deus, e ele guardará o seu caminho, guiará seus passos e melhorará sua vereda para a glória de Jesus Cristo.

PROVÉRBIOS 12-18

Provérbios faz muitas referências à língua. Sugerimos a leitura dos capítulos 12 e 18 porque mencionam a língua com freqüência, mas talvez você prefira seguir as referências cruzadas e examinar também outros versículos. Com freqüência, tomamos por garantido o maravilhoso dom da fala e abusamos dessa habilidade que deve ser reservada e usada para a glória de Deus.

Antes de examinarmos os pecados da língua, observaremos as bênçãos da língua piedosa. (Isso exige um coração piedoso, pois a língua fala apenas do que está no coração.) A língua, quando a usamos para o bem, é tão valiosa quanto a prata (10:20), é uma bonita e frutífera árvore de vida (15:4; veja 12:14 e 18:20), é uma fonte de água fresca (18:4; 10:11) e é uma dose saudável de remédio (12:18). Veja também Tiago 3.

Devemos usar a língua para os fins certos: trazer paz (15:1,26); repreender com sabedoria o errado (25:12; 28:23); livrar a alma perdida da morte (11:9; 14:3-5,25; 12:6); ensinar às pessoas as coisas do Senhor (15:7; 16:21,23; 20:15); e compartilhar as boas-novas do evangelho (25:25).

Todavia, Satanás e a carne querem controlar a língua, e permitir que isso aconteça traz tristes resultados. Talvez a língua cause mais

dano à vida, à família e à igreja que qualquer outra coisa. É sensato perceber que a língua pode arruinar a reputação e causar problemas, quando ela deveria ser usada para louvar o Senhor, orar e testemunhar sobre Cristo. A língua é um “pequeno órgão” do corpo (Tg 3:5), mas que deve ser entregue ao Senhor como instrumento de justiça (Rm 6:12-13). Talvez nos sintamos mais encorajados a usar o dom da fala com mais cuidado se examinarmos alguns pecados da língua.

I. A mentira (12:17-22)

Deus se aborrece com a língua mentirosa (6:16-17). Às vezes, a língua mentirosa apenas oculta o pecado do coração (10:18), como vimos em Ananias e Safira (At 5) e em Judas (Jo 12:1-8). Em 12:18, Salomão sugere que a mentira é como uma ponta de espada, mas a verdade é como o remédio que traz cura. A verdade é eterna, contudo a mentira será revelada um dia, e o mentiroso, julgado (v. 19). Veja Salmos 52:4-5. O versículo 20 explica que há fraude no coração de quem mente. Afinal, os lábios podem proferir palavras verdadeiras, mas, se a intenção do coração for má, a declaração é falsa. Da mesma forma, se fizermos uma afirmação falsa por ignorância, apesar de a afirmação ser falsa, o orador não será condenado como mentiro-

so. A Bíblia testa e discerne o propósito do coração (Hb 4:12), portanto a melhor forma de certificar-se de que diz a verdade é deixar que a Palavra e o Espírito controlem a língua. A verdade livra a alma (14:25), mas a mentira traz apenas servidão e vergonha. Provérbios 17:4 declara que o mentiroso deleita-se em ouvir outro mentiroso. As pessoas que gostam de ouvir fofoca, também fofocam. O coração controla o ouvido, como também os lábios. Todos os mentirosos serão punidos (19:5,9), e, quando eles comerem as próprias palavras, elas parecerão “pedrinhas de areia” (20:17). O inferno está à espera de quem “ama e pratica a mentira” (Ap 22:15).

II. A maledicência (18:8)

Em Levítico 19:16, Moisés adverte em relação a esse pecado. O “mal-dizente” é aquele que corre de pessoa em pessoa contando coisas que deveriam permanecer em segredo, quer sejam verdades, quer não. Veja 11:13. Provérbios 10:12 afirma: “O amor cobre todas as transgressões”. Veja também 17:9; 1 Pedro 4:8 e Tiago 5:20. Quando amamos os outros, tentamos ajudá-los em particular e trazê-los de volta ao caminho certo (Mt 18:15-18). Pense em quantas pessoas o maledicente fere. As palavras podem ser tão mortais quanto as armas; em 25:18, Salomão compara as palavras falsas com

três armas diferentes: a maça (alabarda), que esmaga se usada a pequena distância; a espada, que corta; e a flecha, que perfura e pode ser atirada de longe. Afaste-se do maledicente (20:19). Ele é um acendedor de fogo (26:20) e um destruidor de amizades (17:9).

III. A fala excessiva (12:13; 18:6-7)

A idéia por trás desses versículos é a de que o insensato fala demais e prepara seu caminho abertamente para o problema. Sua boca transforma-se em uma armadilha, e ele mesmo se laça. Para ver como esse pecado envolve a pessoa em problemas, leia 6:1-5. Provérbios 10:19 adverte: “No muito falar não falta transgressão”. A língua controlada é o mesmo que vida segura (13:3); a língua solta é o mesmo que penúria (14:23 — muitas pessoas falam, em vez de trabalhar) e insensatez (15:2). A pessoa de poucas palavras é sábia (17:27-28). Infelizmente, às vezes, há muito “palavrório” mesmo na casa de Deus. Eclesiastes 5:1-7 dá alguns bons conselhos a respeito disso.

IV. A fala precipitada (18:13,17)

Tiago 1:19 ordena: “Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar”. Com muita frequência, somos tardios para escutar — nunca ouvimos realmente o assunto inteiro com paciência — e prontos no

falar, e isso nos traz problemas. É sábio “modera[r] os lábios” até ter realmente alguma coisa para dizer (10:19). A pessoa devota pensa na resposta, mas o insensato abre a boca e espalha tolices (15:28). Potifar não quis escutar a versão de José e, por isso, cometeu um grande crime. Jesus e os apóstolos não puderam contar a história deles inteira; os inimigos deles deram o veredicto antes que houvesse provas das acusações. Deus quer que pesquisemos cada assunto com cuidado (25:2) para, depois, julgar de forma justa. Provérbios 18:17 adverte-nos de não concordarmos com o primeiro “pleito” que ouvimos, mas que procuremos entender os dois lados da questão. Mesmo em situações que envolvem cristãos dedicados, há dois lados da história. Isso não acontece necessariamente porque a pessoa mentiu, mas apenas porque não há duas pessoas que ouçam e vejam o mesmo caso da mesma maneira. Davi apressou-se em tirar conclusões a respeito do inocente Mefibosete, porque não ouviu o outro lado da história (2 Sm 16:1-4; 19:24-30). Todos nós precisamos orar: “Põe guarda, SENHOR, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios” (Sl 141:3). Veja Salmos 39:1.

V. A lisonja (26:28)

Sem dúvida, a lisonja é uma forma de mentira, mas ela é tão perigosa

que merece uma atenção especial. Provérbios 26:28 adverte: “A boca lisonjeira é causa de ruína”; e 29:5 compara a lisonja com armar uma rede perigosa diante dos pés de um homem inocente. Para ter uma radiografia da boca lisonjeira, leia Salmos 5:9. A lisonja é um elogio falso feito por alguém que tem motivos egoístas. “Lisonja” e “alvorçar” pertencem à mesma família de palavras, e você percebe o lisonjeador, pois ele se alvorça em volta da sua vítima, tentando impressioná-la. Satanás usou um tipo de lisonja para tentar Eva: “Como Deus, sereis” (Gn 3:5). A mulher vil usa a lisonja para tentar o jovem (5:3; 7:5,21). “O rico tem muitos amigos”, principalmente porque eles querem adulá-lo e conseguir alguma coisa dele (14:20; 19:4-6). Somos advertidos de não nos metermos com quem adula (20:19). É triste constatar que muitas vezes o justo lisonjeia o perverso a fim de conseguir vantagens (25:26), e isso contamina a família, a igreja e a nação como uma nascente envenenada. A repreensão honesta é melhor que a lisonja (28:23). Provérbios 27:6 afirma: “Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia [como o de Judas] são enganosos”.

É claro que há um lugar para o louvor honesto na vida cristã; veja 1 Tessalonicenses 5:12-13. O louvor honesto é como um forno (Pv

27:21); ele traz à tona o ouro puro ou a impureza. Alguns cristãos são tão carnais que não podem ser louvados, pois o elogio sobe à cabeça. Pior ainda, eles não ficam para ver a outra pessoa ser louvada. Quando os judeus louvavam Davi por suas vitórias, esse louvor deixava-o humilde, porém trazia a inveja e o orgulho ao coração de Saul (1 Sm 18).

VI. A afronta (12:16,18)

Há raiva justa (Ef 4:26); contudo, com muita freqüência, a raiva pe-

caminosa leva à discussão e ao destempero. Veja 29:22. A pessoa raivosa põe lenha na fogueira apenas para piorar as coisas (26:21), e as palavras raivosas são a lenha. A melhor forma de acabar com uma discussão é com palavras brandas (15:1-2); essa é a melhor maneira de “esmaga[r] ossos” (25:15). Ser capaz de controlar o temperamento de alguém é o mesmo que comandar um exército ou um império (16:32). Veja também 14:17,29 e 17:14.

PROVÉRBIOS 23

Enfatizaremos os versículos 15 a 35, em que o pai devoto adverte o filho do pecado da embriaguez. Estudaremos também outras passagens bíblicas para mostrar que a Bíblia exalta a abstinência total. Há milhões de alcoólicos nos Estados Unidos e no mundo e mais milhões de pessoas que têm problemas com bebida. Pelo menos, 70% dos problemas dos alcoólicos começaram na adolescência. Não é de admirar que as cervejarias e as destilarias foquem a maior parte de seu orçamento anual na propaganda para o público jovem.

I. A Bíblia adverte acerca das bebidas fortes

O pai preocupado diz ao filho o que acontecerá em sua vida se ele for escravo da bebida:

A. Pobreza (vv. 20-21; 21:17)

Com frequência, a propaganda de bebida alcoólica mostra um homem distinto e dá a impressão de que o sucesso e a fortuna acompanham a bebida. No entanto, a bebida e a pobreza sempre andaram juntas. Os estadunidenses gastam bilhões de dólares por ano com bebidas alcoólicas. Muito desse dinheiro deveria destinar-se ao vestuário, aos alimentos e à instrução das famílias

dos consumidores de bebida. Os alcoólicos perdem muitos dias de trabalho por ano, o que custa às indústrias milhões de dólares em horas/homem, e tudo isso ajuda a aumentar os preços para todos os consumidores, tanto para os que bebem quanto para os que não bebem.

B. Pesares (vv. 29-32)

O álcool é enganador (veja 20:1). Promete alegria, mas traz pesar; ele finge trazer vida, mas, na verdade, traz morte. Ele nunca deixou uma casa mais alegre ou uma pessoa mais saudável. Veja as conseqüências do álcool: ais, pesares, rixas (ou brigas barulhentas), queixas, feridas, olhos vermelhos. Mais de 55% dos acidentes de carro envolvem motoristas alcoolizados. Qualquer pessoa que ache que a bebida alcoólica traz sucesso deve visitar as missões de resgate nas cidades ou ouvir os testemunhos na reunião dos Alcoólicos Anônimos local. O alcoolismo está em terceiro lugar na classificação de problemas de saúde dos Estados Unidos, depois de doenças coronárias e câncer.

C. Imoralidade (vv. 26-28,33)

Muitas mulheres perderam a pureza e o caráter por causa de bebida alcoólica, e muitos homens fizeram a mesma coisa. Com frequência, o beber anda junto com a desobediência ao sétimo mandamento. O

álcool *não* é um estimulante; é um narcótico que afeta o cérebro e faz a pessoa perder o controle. O álcool *não* é alimento; é um veneno. Quando os jovens perdem o controle, há muitas tentações que são sedutoras e levam ao pecado.

D. Instabilidade (vv. 34-35)

Que retrato vívido de um bêbado cambaleante! (E não há nada de engraçado em um bêbado, independentemente do que os comediantes mostrem na televisão.) A bebida tira a estabilidade da pessoa; ela não consegue andar nem pensar direito. Por isso é que se adverte o rei de que não beba (Pv 31:4-5).

E. Eternidade no inferno (1 Co 6:9-10)

Os bêbados vão para o inferno. Claro que os bêbados podem ser salvos; veja o versículo 11. Todavia, uma vez que o álcool lança as garras sobre a pessoa, pode se tornar muito difícil a conversão para Cristo. Pode ser que o bêbado pretenda crer em Cristo algum dia, mas ele pode morrer antes que esse dia chegue.

II. A Bíblia exalta a abstinência total

Tenha em mente que a palavra “vinho”, na Bíblia, pode referir-se a vários tipos de bebida, até o simples suco de uva. “Vinho novo” era o suco de uva que ainda não havia fermentado; veja Mateus 9:14-17. Às vezes, os judeus misturavam o

vinho com condimentos ou outras bebidas de frutas (Is 5:22; 24:9). A Bíblia, com freqüência, menciona vinho e bebidas fortes em separado (Dt 14:26; Pv 20:1). Observe como a Bíblia exalta a abstinência total ao dar muitos exemplos:

(1) No deserto, os israelitas não bebiam vinho (Dt 29:6). Não usavam vinho na Páscoa (Êx 12:8-10), pois o vinho fermentado contém fermento, e o fermento era proibido. Mais tarde, introduziram o vinho na cerimônia. Isso não foi ordenado por Deus.

(2) Os sacerdotes não podiam beber quando estavam servindo no templo (Lv 10:8-10). Será que os cristãos de hoje, os sacerdotes do Novo Testamento (1 Pe 2:5,9), deveriam ter um padrão tão baixo quando servimos ao Senhor todos os dias?

(3) Os nazireus eram proibidos de beber vinho (Nm 6:1-3). João Batista era esse tipo de pessoa (Lc 1:15), e Jesus chamou-o de o maior pregador já nascido de mulher.

(4) Daniel recusou-se a seguir a multidão (Dn 1:5,8,16 e 10:3), e Deus honrou-o e promoveu-o. Compare isso com o bêbado Belsazar, em Daniel 5, e com Herodes, em Marcos 6:21ss.

(5) Paulo adverte os cristãos de não fazerem nada que leve seus irmãos tropeçarem (Rm 14:19-21). Veja também 1 Coríntios 8:13. Os

“bebedores sociais” que pertencem à nossa igreja, como também os bêbados de rua, apóiam uma indústria perversa, porque influenciam os outros a beberem. Na verdade, o membro da igreja que consome bebidas é uma propaganda melhor que o bebedor de sarjeta. Paulo contrasta o encher-se do Espírito e o embriagar-se (Ef 5:18) e, em Gálatas 5:21, enumera a embriaguez como uma das obras da carne. Primeira a Timóteo 5:23 refere-se ao uso medicinal do vinho em uma época em que os médicos não tinham remédios modernos. Dizer que temos o direito de tomar álcool, porque é usado em alguns remédios, é tão razoável quanto dizer que podemos usar morfina, ou algum outro narcótico, porque o dentista ou o cirurgião a usa em seus pacientes.

(6) Pedro concita os cristãos a se “abster(em) das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma” (1 Pe 2:11), e, já que a embriaguez é uma concupiscência da carne (Gl 5:21), a abstinência total é a melhor maneira de obedecer a essa admoestação. Como a pessoa começa a vida de embriaguez? Ao tomar o primeiro drinque.

(7) Os profetas do Antigo Testamento vociferavam contra as bebidas fortes. Habacuque 2:15 amaldi-

çoa os que dão bebida para o companheiro; veja Isaías 5:11-22. Amós condena os judeus desocupados que bebem vinho em vasilhas porque os cálices são muito pequenos (6:3-6).

(8) Jesus Cristo é nosso exemplo mais magnífico. “Mas Jesus não transformou água em vinho?” Sim, ele fez isso. Na verdade, deve-se permitir que qualquer pessoa que consiga fazer isso hoje beba o vinho. Jesus, no final de seu ministério, afirmou: “Desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira” (Mt 26:29). Hoje, Jesus é totalmente abstêmio! Ele recusou o copo quando estava na cruz (Mc 15:23). Em geral, os que querem fazer de Jesus o “exemplo” que seguem em relação à bebida citam versículos como Mateus 11:18-19 e esquecem Mateus 26:29. E o que dizer a respeito da ceia do Senhor? Em nenhum lugar da Bíblia, associa-se a palavra “vinho”, ou “cálice”, o “fruto da videira” com a ceia do Senhor (Mt 26:27-29).

Os japoneses têm um provérbio: “Primeiro o homem toma um drinque; depois o drinque toma um drinque; a seguir, o drinque toma o homem”. Qual é o rumo certo a adotar? Recuse o primeiro drinque e continue recusando-o pelo resto da vida.

PROVÉRBIOS 25

Desde o início, devemos perceber que há uma raiva justa contra o pecado que, em si mesma, não é pecaminosa. O versículo 23 ensina que o rosto irado silencia o mexicano. Jesus “olh[ou]-os ao redor, indignado” (Mc 3:5), e Paulo aconselha: “Irai-vos e não pequeis” (Ef 4:26). Claro que devemos ficar irados com o *pecado*, não com a pessoa. Provérbios 27:4 adverte que a ira é cruel e impetuosa, ela pode levar a ferir fisicamente alguém e até a matar (Mt 5:22). Pais raivosos podem ferir o filho física e emocionalmente de forma permanente. A ira pecaminosa é da carne (Gl 5:19-21) e não realiza a vontade de Deus (Tg 1:19-20). Satanás trabalha por meio de nossas palavras e atitudes raivosas (Ef 4:26-27), por isso o Senhor adverte-nos de pôr longe de nós a ira (Ef 4:31; Cl 3:8). Uma pessoa irada é um amigo perigoso (Pv 22:24; 29:22), e uma mulher irada é uma esposa ruim (Pv 21:9,19; 25:24).

Esse capítulo ensina-nos sobre como lidar com a ira em nossa vida e na dos outros.

I. Paciência (25:8)

É muito fácil ficarmos com raiva e entrarmos direto no assunto, sem pensar nem orar, no minuto em que ouvimos alguma coisa que nos perturba. Nessa situação, a coisa certa

a fazer é pensar sobre o assunto e esperar por Deus. Isso não significa procurar uma desculpa para passar por cima de algum pecado, embora o amor cubra muitas transgressões (Pv 10:12; 12:16). Antes, significa agir com prudência e saber primeiro o que a situação ou a atitude envolve. Ser “longânimo” é uma bela dádiva de Deus (Pv 15:18); a pessoa que fica raivosa com facilidade faz loucuras (Pv 14:17). Salmos 37:8 aconselha: “Deixa a ira, abandona o furor; não te impacientes; certamente, isso acabará mal”. Portanto, antes de apressar-se, pare para orar e pensar. Tire um tempo para ler a Palavra do Senhor e deixe o Espírito de Deus dar-lhe paz interior.

II. Privacidade (25:9-10)

Nossa vontade imediata é contar para todo mundo e trazer todos para o nosso lado. No entanto, a Bíblia aconselha-nos a fazer exatamente o contrário disso: falar sozinho com a pessoa e não permitir que outros interfiram. Em Mateus 18:15-17, Jesus ordena que façamos isso. E, certamente, haveria poucas contendas e cisões nas famílias e igrejas se seguissemos essa política. É triste quando cristãos confessos contam algo para todos, menos para a pessoa envolvida. Com certeza, é preciso coragem e amor cristão para conversar sobre suas diferenças com um irmão ou irmã, mas essa é a for-

ma que traz crescimento espiritual e glorifica a Cristo. Talvez vocês dois não possam resolver o assunto, então peçam ajuda a duas ou três pessoas espirituais. Se isso não resolver, a igreja deve se envolver no assunto, e, se uma das partes se recusar a ouvir a igreja, ela deve ser disciplinada. Romanos 12:18 declara: “Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens”. Infelizmente, há pessoas com quem não conseguimos viver de forma pacífica porque não obedecem à Palavra de Deus.

III. Sabedoria (25:11-14)

As palavras não são apenas o que ouvimos; elas são realidades vivas e poderosas que podem ajudar ou ferir. Em Provérbios 25:18, Salomão compara a mentira a três armas — a maça (alabarda), a espada e a flecha. Contudo, nos versículos 11-14, ele afirma que as palavras podem ser frutos adoráveis (“maçãs de ouro” são cidras ou laranjas), ornamentos bonitos e o frescor da neve. Devemos usar as palavras certas e apresentá-las da forma correta ao tratar de um assunto. Nossas palavras devem ser “dita[s] a seu tempo” e arranjadas como frutas adoráveis em uma salva de prata. Veja Jó 6:25. Provérbios 19:11 afirma que a discricão (prudência) torna o homem longânimo. Apenas o insensato expressa tudo que

lhe vai na mente (Pv 29:11), pois a pessoa sábia pondera sobre o que dirá, como dirá e quando fará isso; veja Provérbios 15:23. Obviamente, essa sabedoria espiritual vem do Senhor (Tg 1:5).

IV. Brandura (25:15)

Que contradição: “A língua branda esmaga ossos”. Essa afirmação faz paralelo com Provérbios 15:1: “A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira”. Nossa primeira reação à mesquinha de alguém é também sermos mesquinhos, mas isso apenas acrescenta lenha à fogueira (veja 26:20-21). Veja também Tiago 3:5. Ordenamos que não paguemos o mal com o mal (Rm 12:21), e que não ultrajemos quem nos ultraja (1 Pe 2:20-23). Precisamos ter espírito brando, não uma atitude de raiva, se quisermos restaurar um crente pecador (Gl 6:1). Essa foi a forma como Paulo ministrou a seus convertidos (1 Ts 2:7), e isso é o que ele ordena que os crentes façam (2 Tm 2:24). Elias aprendeu que algumas vezes Deus usa “um cicio tranqüilo e suave”, e não o vento forte (leia 1 Rs 19:11-13). Muitas pessoas pensam que a brandura é sinal de fraqueza, mas não é: ela é o poder sob controle. É a brandura do cirurgião que o torna excelente, e apenas o Espírito Santo pode dar-nos essa dádiva preciosa (Gl 5:22-23).

V. Bondade (25:21-22)

A brandura leva à bondade; veja Romanos 12:19-21, em que Paulo cita esses versículos e aplica-os aos cristãos do Novo Testamento. Em vez de acrescentar lenha à fogueira da raiva (Pv 26:20-21), ajudamos a apagar a fogueira ao demonstrar amor e bondade. Leia a ordem de Cristo em Mateus 5:9-12. Se a pessoa precisar de disciplina, Deus cuida do assunto: "A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei". Todavia, devemos ter cuidado em fazer esse tipo de obra pelo motivo certo. Se tentarmos sujeitar a pessoa a nós ou suborná-la, Deus não nos abençoará. Mas se a amarmos com sinceridade e quisermos ajudá-la, o Senhor nos honrará e recompensará. Claro que não devemos fazer essas boas ações com o objetivo de impressionar as pessoas; Provérbios 21:14 afirma que elas devem ser secretas. Nessa passagem, Salomão não sugere suborno; antes, ele diz que a bondade é como o óleo que acalma as águas agitadas.

VI. Autocontrole (25:28)

O autocontrole é o cerne da questão: o cristão que tem autocontrole não se deixa dominar pela raiva nem destrói os outros. Comparemos esses versículos com 16:32: "Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espíri-

to, do que o que toma uma cidade". A pessoa que domina o próprio espírito, o reino interior, é melhor que a que domina o mundo. Alexandre, o Grande, foi capaz de dominar o mundo conhecido, mas não conseguiu dominar a si mesmo. Claro que a única forma de conquistarmos o autocontrole é por meio do reinado do Senhor Jesus Cristo em nossa vida. Nós "reina[mos] em vida" por meio de Cristo (Rm 5:17). O autocontrole (temperança) é um dos frutos do Espírito (Gl 5:22-23); a carne não gera autocontrole, pois está em luta com Deus.

Conforme esboçado no início desse estudo, o autocontrole dá-nos a paciência que precisamos. Se desde o início do problema exercitamos o autocontrole, isso nos livra de todos os tipos de problemas futuros. Provérbios 17:14 compara o início da contenda com uma pequena fenda no dique. Se você não tiver cuidado, a fenda aumenta e terá de lidar com uma inundação. É mais fácil estancar o vazamento no início que controlar as águas impetuosas. Provérbios 30:33 apresenta uma imagem diferente: o bater do leite e o torcer do nariz. A lição é evidente: forçar a raiva e encorajar problemas gera apenas mais problemas. O autocontrole, gerado pelo Espírito, permite que o crente lide com paciência e sabedoria com esses assuntos.

A capacidade de sentir raiva a respeito dos assuntos certos e da forma correta ajuda a construir o caráter. Com certeza, temos de nos levantar contra a injustiça e o pecado. No entanto, a raiva torna-se destrutiva quando inflama o temperamento. A raiva justa é como o poder do vapor na caldeira. Se dirigida ao assun-

to certo, produz muito benefício. A raiva injusta — perda da calma — é como o fogo na floresta que sai de controle e destrói muitas coisas boas. Salmos 19:14 é uma boa oração para nós: “As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, SENHOR, rocha minha e redentor meu!”.

PROVÉRBIOS 31

Apenas na eternidade veremos por completo as bênçãos que mulheres piedosas trouxeram a este mundo. Nos capítulos 1—9, Provérbios fala muito a respeito das mulheres vis e esposas rixosas (21:9 e 25:24); no entanto, o livro encerra com um tributo glorioso às mulheres piedosas e dedicadas que trazem honra a Deus e alegria para suas famílias. Muitos servos de Deus lhe agradecem as mães e as esposas piedosas que ele lhes concedeu. Depois da decisão por Cristo, a decisão mais importante que o cristão tem de tomar é a escolha de uma parceira para a vida. “A mulher virtuosa é a coroa do seu marido” (Pv 12:4). “O que acha uma esposa acha o bem e alcançou a benevolência do SENHOR” (Pv 18:22). “Do SENHOR [vem] a esposa prudente” (Pv 19:14). As pessoas cristãs não escolhem cônjuges incrédulos (2 Co 6:14-18). Devem se casar “no Senhor” (1 Co 7:39). A mulher cristã que se casa com um incrédulo põe sua vida em perigo na hora do parto; veja 1 Timóteo 2:12-15. Esse capítulo descreve a “mulher virtuosa” e enumera suas excelentes qualidades.

I. A espiritualidade (31:1-9)

A mãe do rei ensina-o a obedecer à Palavra de Deus. Muitos estudiosos pensam que, na verdade, o “rei Le-

muel” é o rei Salomão, mas não temos prova disso. O ministério mais importante de pais e de mães é a educação espiritual dos filhos. Veja 2 Timóteo 1:5 e 3:15. A mãe adverte Lemuel de forma clara a respeito de alguns perigos que enfrentará na vida: companhias pecaminosas, bebida forte e a tentação de desobedecer à Palavra do Senhor. Feliz é a pessoa que tem uma mãe temente a Deus e que a alerta em relação ao pecado, e mais feliz ainda é a pessoa que atende às admoestações dela.

II. A lealdade (31:10-12)

Aqui, as duas palavras-chave são coração e confiança — amor e fé. O casamento é um assunto do coração. Deve haver amor verdadeiro entre marido e esposa. Que tipo de amor um homem deve demonstrar por sua esposa? O mesmo tipo de amor que Cristo demonstra pela igreja (Ef 5:18ss): sacrificial, paciente, sofredor, terno, constante. A esposa não tem problema em submeter-se à obediência do marido que a ama e *demonstra esse amor*. O marido não pode deixar que o trabalho e as tarefas domésticas o afastem da esposa e dos filhos. Uma família feliz não acontece por acaso; é resultado de trabalho duro, da oração e do amor verdadeiro. O marido e a esposa são felizes e abençoados quando confiam no Senhor e um no outro. Os votos do casamento são

promessas que devem ser levadas a sério. A quebra desses votos é pecado diante de Deus e diante um do outro.

III. A diligência (31:13-22)

A mulher inestimável é uma trabalhadora. Ela faz com lealdade sua parte, seja costurando, seja cozinhando, seja cuidando dos filhos, seja ajudando o marido nos negócios da família. Observe que ela trabalha de bom grado (v. 13), e isso não é uma questão de compulsão, mas de compaixão. Ela ama o marido e procura agradá-lo. (Leia 1 Coríntios 7:32-34, para conhecer um princípio maravilhoso do casamento — viver para agradar a outra pessoa.) Essa mulher ideal não desperdiça a manhã toda na cama; ela levanta-se cedo para fazer suas tarefas (v. 15) e, se for necessário, fica acordada até tarde (v. 18). Em 1 Timóteo 5:14, observe as instruções de Paulo às jovens. Embora, às vezes, haja emergências e situações que exigem que a mulher trabalhe fora de casa, ela deve se lembrar de que mesmo assim sua primeira responsabilidade é com sua família.

Provérbios não diz nada de bom a respeito da indolência, quer em relação aos homens, quer em relação às mulheres. Veja 6:6-11; 10:4,26; 13:4; 15:19; 18:9; 19:15,24; 20:4,13; 21:25; 22:13; 24:30-34; 26:13-16. Mesmo nestes

dias em que se privilegia o padrão racional, ainda não há substituto para o trabalho duro e a diligência.

IV. A modéstia (31:23-26)

O marido dela é estimado entre os juízes, e ela é conhecida por sua fidelidade à família. O homem e a mulher têm um lugar no plano de Deus, e há confusão e problemas quando algum deles deixa o seu lugar. Claro que a liderança do homem não significa ditadura; antes, significa exemplo e liderança em amor. O versículo 25 sugere que a mulher piedosa não depende de trajes bonitos para ser bem-sucedida, ela veste “a força e a dignidade” em seu interior. Pedro escreve a respeito dos adornos exteriores excessivos, bem como sobre os interiores, que são o “espírito manso e tranquilo” (1 Pe 3:3-4). Paulo ordena que as mulheres usem “traje decente, se ataviem com modéstia” (1 Tm 2:9) e dependam da beleza espiritual, não da beleza artificial do mundo. O versículo 26 revela que a mulher piedosa é cuidadosa com seu falar, tanto quanto com seu trajar. É maravilhoso quando a “instrução da bondade” governa a língua.

V. A piedade (31:27-31)

“A mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada.” Este é o segredo de sua vida: ela teme a Deus e procura obedecer à sua Palavra. Sem dúvi-

da, ela levanta-se cedo para meditar sobre a Palavra e orar. Ao longo do dia, ela ora por seu marido e por sua família. Sua verdadeira beleza é interior: embora os anos mudem seu corpo, sua beleza no Senhor fica apenas mais notável. O louvor dela vem do Senhor. "Eu faço sempre o que lhe agrada."

Como Deus louva essa mulher? Abençoando seu trabalho e sua vida. Os frutos de sua vida a louvam. Com certeza, ela colherá "vida eterna", porque semeou para o Espírito, não para a carne (Gl 6:7-8).

O marido e os filhos dela também se levantam e a louvam. Hoje, precisamos muito que os maridos e filhos demonstrem constantemente o apreço pelo que a esposa e as mães fazem em casa. Hoje, uma das maiores fragilidades em muitas famílias é o fato de um considerar o outro como algo garantido. O marido precisa dar o exemplo certo para seus filhos ao louvar abertamente ao Senhor e à esposa pelas bênçãos que têm em casa. Com frequência, a esposa dedicada sacrifica-se pela felicidade da família e não recebe nem mesmo um simples agradecimento. A falta de apreço é um pecado que existe em nossa casa. Não se deve reservar esse tipo de apreço apenas para o Dia das Mães e o Natal; antes, ele deve ser demonstrado com sinceridade durante o ano todo. A gratidão é uma virtude cristã

maravilhosa. Ela deve ser cultivada em todas as casas.

Obviamente, o homem da casa também deve ter essas mesmas qualidades. É freqüente vermos uma esposa piedosa sofrer pacientemente por ter um marido carnal e mundano. A Bíblia não diz nada a respeito de um padrão para a esposa e outro para o marido. É importante que o marido seja espiritual, leal, diligente, etc. O plano gracioso de Deus determina que *ambos*, marido e esposa, são necessários na casa, e que cada um cumpra certos ministérios. Um não pode substituir o outro, embora em situações emergenciais (como a morte de um dos cônjuges), o Senhor dê graça para que uma pessoa desempenhe o papel de pai e mãe na casa.

O marido e a esposa devem estar sempre em guarda a fim de que Satanás não entre e desintegre a família. Eles têm responsabilidades espirituais, materiais e físicas um com o outro, e, se elas não são satisfeitas, Satanás ataca (1 Co 7:1-6; 1 Tm 5:8; Ef 5:21-33; 1 Pe 3:7). É especialmente importante ficar em guarda depois que os filhos saem de casa, pois esse momento é o verdadeiro teste de força para os dois. O casal não pode mais dizer: "Vamos ficar juntos por causa das crianças". Que Deus permita que todos nós encontremos o cônjuge que esteja de acordo com a vontade dele e construamos o tipo de família que glorifica o nome do Senhor.

ECLESIASTES

Esboço

Introdução (1:1-3)

I. Razões iniciais (1:4—2:26)

- A. O homem é apenas um elo da engrenagem (1:4-11)
- B. A sabedoria que o homem não pode entender (1:12-18)
- C. A riqueza e o prazer não satisfazem (2:1-11)
- D. A morte vem e acaba com tudo (2:12-23)
- E. A conclusão — desfrute das bênçãos de Deus (2:24-26)

II. Observações profundas (3—10)

- A. Deus tem um propósito nesse cansativo círculo da vida (3)
- B. A riqueza e o prazer podem glorificar a Deus (4—6)
- C. A sabedoria de Deus é melhor que uma vida extravagante (7—10)

III. Conclusões finais (11—12)

- A. Viva pela fé (11:1-6)
- B. Lembre-se de que logo a vida termina (11:7—12:7)
- C. Obedeça à Palavra de Deus e tenha temor a ele (12:8-14)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

"Eclesiastes" vem da palavra grega *ekklesia*, que o Novo Testamento traduz por "igreja" ou "congregação". Ela envolve a idéia de um pregador (ou debatedor) falando para uma assembleia de pessoas (veja 1:1-2 e 12:8-10). Nesse livro, o pregador apresenta um problema prático, discute-o e tenta chegar a uma conclusão.

II. Autor

Salomão é identificado como o autor; veja 1:1-2,12. Sem dúvida, ele era conhecido por sua sabedoria, como também por sua riqueza e gosto pelos prazeres. Nenhum rei do Antigo Testamento ajusta-se tão bem à situação descrita nesse livro.

III. Tema

Eclesiastes 1:1-3 apresenta o tema que poderia ser expresso pela pergunta: "Viver realmente vale a pena?". Salomão olha a vida com suas contradições e mistérios e se pergunta se a labuta interminável da existência vale a pena. As pessoas trabalham a vida inteira, depois morrem, e alguém menos valoroso herda suas posses e desperdiça-as. Salomão chega à conclusão de que o melhor a fazer é desfrutar a bênção de Deus, temê-lo e guardar sua Palavra hoje. Sem dúvida, com

a luz que o Novo Testamento trouxe, sabemos "que, no Senhor, o [...] [nosso] trabalho não é vão" (1 Co 15:58).

Eis algumas palavras e expressões essenciais em Eclesiastes: homem (51 vezes); trabalho (24 vezes); debaixo do sol (27 vezes); vaidade (28 vezes); sabedoria ou sábio (44 vezes); e mal (18 vezes). Lembre-se de que Salomão disserta a respeito do que ele vê e conhece "debaixo do sol". Se você lesse só Eclesiastes ficaria como que na penumbra; você tem de prosseguir até a revelação total que o Novo Testamento fornece a fim de ver o desígnio completo de Deus. Muitos cultos falsos citam versículos isolados desse livro para comprovar suas doutrinas estranhas.

IV. Problemas

Eclesiastes afirma que os homens morrem como animais e não há vida após a morte? Não, de forma alguma. Leia com atenção os versículos sobre morte: 2:14-16; 3:16-22; 6:1-6; 7:2-4; 9:1-4. Você observará que Salomão acredita em vida após a morte. Em 3:17, ele menciona que haverá um julgamento futuro, e também em 11:9 e 12:14. Se não houver vida após a morte, como poderia haver um julgamento futuro? Em 3:19-20, o "mesmo" que se refere ao que acontece tanto com o homem como com o animal é que ambos vão para o mesmo lu-

gar — o pó. No entanto, o versículo 21 afirma que o espírito do homem volta para Deus; veja também 12:7. Salomão não tem a revelação completa do Novo Testamento a respeito da vida, da morte, da ressurreição e do julgamento, mas ele não contradiz os ensinamentos do Novo Testamento.

Eclesiastes ensina que devemos apenas beber, comer e aproveitar a vida? Não. No entanto, ensina que devemos receber as bênçãos de Deus e usufruí-las enquanto podemos. Há equilíbrio entre as passagens de gozo e as de morte: compare 2:12-23 com 2:24-26; 3:16-21 com 3:12-15,22; 6:1-7 com 5:18-20; e 9:1-4 com 8:15-17. Salomão quer dizer: “Em vista da brevidade da vida e da certeza da morte, goze hoje as bênçãos de Deus e os frutos do seu trabalho. Use essas bênçãos para a glória do Senhor”. Isso está de acordo com o que Paulo diz em 1 Timóteo 6:17. Salomão não aconselha o prazer temerário ou a embriaguez. Antes, ele encoraja-nos a apreciar a

vida e suas bênçãos enquanto podemos fazer isso.

As verdades de Deus não são reveladas todas de uma vez, na Bíblia, pois a revelação da verdade é progressiva. Devemos interpretar Eclesiastes à luz do Novo Testamento. Se tudo termina com a morte, então a vida não vale a pena e, na verdade, os seres humanos são infelizes. Mas a vida torna-se uma aventura de fé emocionante quando conhecemos Cristo como nosso Salvador e Senhor. E nosso trabalho no Senhor não é vão, porque, um dia, seremos recompensados (1 Co 15:51-58). A salvação e a ressurreição em Cristo fazem com que a vida valha a pena. “Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). “As suas obras os acompanham” (Ap 14:13). Os capítulos 11—12 apresentam as conclusões de Salomão, que defende o seguinte: viva pela fé, obedeça a Deus, e o Senhor cuidará do resto. Desfrute suas bênçãos agora e invista sua vida no que realmente conta.

ECCLESIASTES

Imagine uma assembléia do povo judeu enquanto escuta o rei Salomão discutir problemas importantes. Nessa assembléia, Salomão é o “pregador” ou “debatador” (1:1-2,12; 7:27; 12:8-10), e o tópico em discussão é este: a vida vale a pena? Você pode pensar em um assunto de natureza mais prática? E em uma pessoa mais apropriada para discuti-lo? Salomão foi o mais sábio dos reis, um homem cuja sabedoria e riqueza possibilitaram-lhe ter uma vida plena. Nessa seção resumida, tocaremos apenas nos pontos principais desse interessante livro.

I. O problema declarado (1—2)

A vida vale a pena? Esta é a questão que Salomão discute. Em 1:1-3, ele afirma suas primeiras conclusões: a vida *não* vale a pena porque é cheia de vaidade (vazio). A seguir, ele apresenta seu raciocínio:

A. O homem é apenas um elo da engrenagem (1:4-11)

O que é o homem comparado à vastidão do mundo? Século após século, tudo na natureza continua existindo, mas o homem fica aqui por um breve espaço de tempo e, depois, morre. Tudo isso parece tão sem sentido. Tudo isso é vaidade. (Salomão usa a palavra “vaidade”

28 vezes nesse livro.) Por que devemos nos incomodar em viver, já que a vida é tão curta, e o homem, tão insignificante?

B. O homem não pode entender tudo (1:12-18)

Salomão era o mais sábio dos homens, contudo ficou perplexo quando tentou entender o significado da vida. Quantos sábios filósofos tentaram explicar a vida, apenas para, no fim, admitir sua total ignorância. É razoável viver quando não entendemos o sentido da vida?

C. Os prazeres não trazem satisfação (2:1-11)

Salomão tinha abundância de dinheiro, cultura, prazer e fama; mas admite que essas coisas não trazem satisfação nem são duradouras. Em Lucas 12:13-21, veja o que Jesus diz a respeito desse assunto.

D. A morte acaba com tudo (2:12-23)

“O mesmo” (morte) acontece para ambos, o estulto é o sábio, o rico e o pobre. A pessoa trabalha a vida inteira, depois morre e deixa sua riqueza para que outra pessoa desfrute. Isso é justo?

Parece que esses quatro argumentos levam a uma grande conclusão: não vale a pena o ser humano viver. Todavia, Salomão não apresenta essa conclusão. Em 2:24-26, ele afirma que devemos aceitar as

bênçãos de Deus agora, usufruí-las e beneficiar-nos delas. Em 1 Timóteo 6:17, Paulo dá um conselho que se harmonize com isso. Contudo, mesmo esse “viver o hoje” não é satisfatório porque o ser humano quer ir *além* do hoje. Assim, nos oito capítulos seguintes, Salomão retrocede (ele retorna e considera; veja 4:1,7; 9:11) e examina seus argumentos de forma mais profunda.

II. O problema discutido (3—10)

A. O propósito de Deus para nossa vida (cap. 3)

Deus equilibra a vida: nascimento—morte; dor—alegria; encontro—partida. Por que ele faz isso? Por duas razões: (1) a fim de que não pensemos que podemos explicar as obras do Senhor com facilidade (v. 11); e (2) para que aprendamos a aceitar e usufruir o que temos (vv. 12-13). O Senhor pôs a “eternidade” em nosso coração (v. 11). Isso significa que as coisas do mundo nunca poderão satisfazer-nos de verdade. Por isso, temos de descobrir a vontade de Deus para nossa vida e deixá-lo misturar os ingredientes de acordo com seu propósito.

B. As riquezas que Deus distribui de acordo com sua vontade (caps. 4—6)

Esses capítulos discutem o sentido da riqueza. Por que uma pessoa é rica e outra, pobre? Por que há in-

justiça e desigualdade no mundo? Porque Deus tem um plano para nós, a fim de que não confiemos nas riquezas incertas, mas no Senhor. Não viva para as riquezas, mas use-as de acordo com a vontade do Senhor.

C. A sabedoria de Deus pode guiarnos ao longo da vida (caps. 7—10)

Os capítulos 7—12 apresentam a palavra “sabedoria” (ou “sábio”) quase trinta vezes. É verdade que a sabedoria do homem não pode penetrar nos planos de Deus, mas ele pode dar-nos sabedoria para conhecer e fazer sua vontade. O simples fato de que não podemos entender tudo não quer dizer que devemos desistir de tudo em desespero. Cria no Senhor e faça o que ele lhe pede para fazer.

Você observou que, em todas essas seções, Salomão enfatizou o prazer das bênçãos de Deus e a realidade da morte? Leia 3:12-21; 5:18—6:7 e 8:15—9:4. Já que todos morreremos, não devíamos nos preocupar em trabalhar, ou em economizar dinheiro, ou em servir ao Senhor — isso está certo? Salomão diz que isso não está certo. Nos capítulos 11—12, ele explica o que realmente quer dizer.

III. O problema decidido (11—12)

Salomão já decidira que o homem não é um elo da engrenagem, que

não há nada de errado em usufruir das riquezas e dos prazeres para a glória de Deus, e que o fato de não entendermos tudo o que o Senhor faz não é um impedimento para vivermos felizes. Nos capítulos 11—12, Salomão resume o assunto todo com três admoestações:

A. Viva pela fé (11:1-6)

Nesta vida, as circunstâncias nunca serão as ideais, mas devemos seguir em frente, e obedecer a Deus, e confiar nele para obtermos os resultados. Se você espera pelo vento certo ou pelo dia apropriado, pode perder sua oportunidade. Você pode parecer um tolo, como alguém que lança o pão sobre as águas em movimento, mas Deus providenciará para que ele retorne para você.

B. Lembre-se de que a vida terminará (11:7—12:7)

Essa idéia é mórbida? Não, é uma realidade cristã. Um dia, você morrerá, portanto faça agora o máximo que puder com a vida que tem. Essa não é a atitude mundana: “Coma, beba e divirta-se, pois amanhã você morrerá”. Antes, essa é a atitude de Paulo, em Filipenses 1:20-21 — o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Observe aqui as três palavras-chave dirigidas especialmente aos jovens: “Alegra-te” (11:9), “remove” (11:10) e “Lembra-te” (12:1). Alegra-te nas bênçãos de Deus enquanto és jo-

vem; remove de tua vida os pecados que causam dor; e lembra-te de servir ao Senhor e temê-lo “nos dias da tua mocidade”. Eclesiastes 12:1-7 apresenta uma descrição poética da velhice e da morte. Veja se descobre a que partes do corpo humano esses termos poéticos se referem.

C. Tema a Deus e obedeça a ele (12:8-14)

Viva como os que, um dia, enfrentarão o julgamento. Será que quando o fogo de Deus testar suas obras, todas elas se queimarão (1 Co 3:9-17)? Recomendo a interpretação da conclusão de Salomão à luz de 1 Coríntios 15, o maior capítulo sobre ressurreição da Bíblia. Se tudo termina realmente com a morte, então não vale a pena viver, e tudo é, de fato, “vaidade” e vazio. No entanto, 1 Coríntios 15 deixa claro que a morte não é o fim. Porque Cristo ressuscitou da morte, nós também ressuscitaremos. E a glória e a recompensa que desfrutaremos na eternidade dependem da vida que levamos na terra. Por isso, no Senhor, nosso trabalho não é vão (v. 58).

Do ponto de vista do homem, “debaixo do sol”, parece que a vida é fútil e vazia, tudo é vaidade. Mas a vida torna-se relevante quando a vivemos no poder do Senhor e para a glória dele. A pessoa pode viver e trabalhar durante 50 anos e, depois, morrer. Isso quer dizer que a

vida dela foi desperdiçada? É claro que não. No Senhor, o trabalho dela não é vão. Ela receberá a recompensa por seu trabalho, quando Cristo retornar. "Aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente" (1 Jo 2:17). A pessoa não-salva perde tudo com a morte, assim como o cristão mundano e carnal, que "será salvo, todavia, como que através do fogo" (1 Co 3:15). Todavia, o cristão fiel

que goza as bênçãos do Senhor hoje e usa sua vida para glorificar a Cristo receberá recompensas em abundância na vida por vir.

À luz do Novo Testamento, Eclesiastes não é um livro "pessimista" que nega as alegrias da vida. Ao contrário, ele prova que, embora haja muitos mistérios na vida que não conseguimos explicar, podemos viver e desfrutar as bênçãos de Deus e glorificar o nome dele.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Esboço

- I. O rei corteja sua noiva (1:1—3:5)
 - A. O banquete de confraternização (1:2—2:7)
 - B. A visita primaveril (2:8-17)
 - C. A busca noturna (3:1-5)

- II. O rei reclama sua noiva (3:6—5:1)
 - A. A majestosa procissão de casamento (3:6-11)
 - B. A beleza da noiva (4:1—5:1)

- III. O rei comunga com sua esposa (5:2—8:14)
 - A. A separação do marido (5:2-9)
 - B. A admiração pelo marido (5:10-16)
 - C. O encontro deles no jardim (6:1-13)
 - D. A admiração pela esposa (7:1-9)
 - E. A comunhão satisfatória (7:10—8:14)

Nota: Esse é um esboço “genérico” que se aplica a todas as interpretações sugeridas no texto. Alguns intérpretes vêem três personagens principais — Salomão, um pastor amoroso e a amada deste. No entanto, é possível considerar que o livro apresenta apenas Salomão e sua amada.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

O título Cântico dos Cânticos (como “Santo dos Santos”) significa “o mais belo dos cânticos”. Salomão compôs mais de mil cânticos (1 Rs 4:32), mas esse foi classificado como o melhor de todos. Esse é um livro cheio de símbolos e imagens, o que requer maturidade e discernimento espiritual para apreciá-lo e desfrutá-lo. Com certeza, qualquer estudante que abuse da linguagem e da mensagem desse livro inestimável revela a carnalidade de sua vida. Não podemos examinar esse livro em detalhes, mas queremos entender sua mensagem a partir de quatro abordagens dessa obra.

I. O sentido literal

O livro apresenta uma preciosa história de amor. Ela envolve três personagens: uma adorável donzela que é forçada a trabalhar pela família (1:5-6; 2:15); o amado dela, que, sem dúvida, é um rapaz que mora ao seu lado e também é pastor (1:7); e o rei Salomão, conhecido por sua queda por mulheres bonitas (1 Rs 11:3). Em uma de suas viagens para vistoriar suas terras, Salomão conhece a adorável donzela e leva-a para seu palácio. Lá, ela pensa apenas em seu amado que ficou em casa (1:1—2:7). Ela diz às mulheres do harém (“filhas

de Jerusalém”, em 2:7; 3:5; 8:4) que não tentem fazê-la desistir de seu verdadeiro amor. Em 2:8—3:5, ela lembra-se de seu amado e até sonha com ele. Salomão visita-a (3:6—4:16) a fim de tentar conquistar seu amor, mas ela não consegue esquecer seu amado. O amado dela a vê em um sonho (5:1—6:3). O rei tenta de novo conquistar o amor da moça (6:4—7:9), no entanto a donzela recusa seu amor (7:10—8:3). E ela não se impressiona com a riqueza, as ervas aromáticas, as terras ou a lisonja do rei. Por fim, o verdadeiro amor vence, e a donzela é solta. Ela foge para o seu amado (8:4-14) e volta para sua família de novo.

Sem dúvida, essa interpretação não mostra Salomão sob uma luz muito boa. Contudo, ele não era fiel em assuntos de casamento e, com certeza, não há erro em vê-lo como um tipo mundano que tenta afastar a crença de seu verdadeiro amor. Isso fica mais claro à medida que examinamos as diferentes interpretações e aplicações da história.

Cântico dos Cânticos exalta e santifica o amor marital. Deus criou o homem e a mulher e “inventou” o sexo. O amor do marido e da esposa deve ser uma experiência bonita como a descrita nesse livro, no entanto o pecado pode destruir essa bela dádiva. Em Provérbios, Salomão adverte acerca do pecado se-

xual; em Cântico dos Cânticos, ele exalta a beleza e a alegria do amor marital.

II. O sentido histórico

Desde eras remotas, os judeus vêm nessa história um retrato do relacionamento do Deus Jeová e Israel. Israel ficou “noiva” do Senhor, no monte Sinai, quando a nação aceitou a Lei. Isaías 54 decifra esse casamento; veja também Jeremias 3 e todo o relato de Oséias. Infelizmente, Israel não foi fiel ao seu Marido divino e “adulterou” com nações idólatras do mundo. Deu as costas ao seu Amado. Todavia, virá o dia em que Israel, como a donzela de Cântico dos Cânticos, voltará para casa e será restaurada ao seu Amado.

III. O sentido típico

Também se usa o matrimônio para descrever o relacionamento de Cristo com a igreja. Veja Efésios 5:23-33. Isso se aplica não apenas à igreja como um todo (todos os crentes da igreja desta era), mas também à igreja local (2 Co 11:2). Paulo vê toda igreja local “casada com Cristo” e em perigo de ser induzida a pecar por Satanás e pelo mundo. Da mesma forma que marido e esposa são “um” e pertencem um ao outro, Cristo e sua igreja são um. Nós somos “osso dos [seus] ossos e carne da [sua] carne”. Ele está em nós, e nós estamos nele. Ele amou-

nos (passado) e mostrou seu amor ao morrer por nós na cruz. Ele amamos (presente) e mostra esse amor ao cuidar de nós, nutrir-nos por meio da Palavra e tentar fazer-nos os mais belos espiritualmente que for possível. No futuro, ele continuará a amar-nos e compartilhará sua glória na eternidade. As “bodas do Cordeiro” estão próximas (Ap 19:7-9). Cristo retornará em glória e levará sua noiva para o céu.

IV. O sentido prático

Esse livro apresenta um retrato vívido de amor fiel e de comunhão profunda. O uso de termos íntimos apenas ilustra o amor maravilhoso entre Cristo e o cristão. Vejamos como o amor e o casamento retratam a vida cristã:

A. Salvação

Nós somos casados com Cristo (Rm 7:4). O casamento envolve a pessoa toda — mente, coração, vontade e corpo. Um rapaz conhece uma moça e a conhece com sua mente. Talvez essa amizade se aprofunde e acabe por conquistar seu coração. No entanto, ele ainda não se casou com ela. Ele não se casa até que diga: “Aceito”. Muitas pessoas sabem a respeito de Cristo e até têm sentimentos estimulantes a respeito dele, contudo nunca dizem: “Aceito”, nem confiam nele.

B. Dedicção

Quando um homem e uma mulher casam, tudo que são e têm pertence aos dois. O corpo deles não é mais deles (1 Co 7:1-5); eles vivem para agradar um ao outro. A mesma coisa acontece com a vida cristã: nosso corpo pertence a Cristo (veja Rm 12:1-2), e vivemos para agradar ao nosso Salvador, não ao mundo. Satanás e o mundo (como Salomão em nossa história) podem tentar afastar-nos de nossa devoção a Cristo (Tg 4:4), todavia temos de permanecer leais a ele. Quando um homem e uma mulher se amam, não há sacrifício grande demais nem fardo pesado demais. Verifique a admoestação de Paulo em relação ao “adultério espiritual”, em 2 Coríntios 11:2.

C. Comunhão

Talvez esta seja a maior lição de Cântico dos Cânticos: a profunda comunhão que deve haver entre pessoas que se amam. Não importa como Salomão toca a donzela, o coração dela está sempre com seu amado. Ela fala dele, sonha com ele e, quando ficou livre, correu para ele. Será que sentimos esse tipo de amor por Cristo? Vemos a beleza dele (Sl 45)? Será que percebemos quanto ele nos ama e anseia por comungar conosco?

Cântico dos Cânticos 5 apresenta um retrato interessante da comunhão do crente com o Senhor. A

donzela dorme, mas a voz de seu amado chega-lhe através da porta. Ele quer que ela compartilhe seu amor com ele, entretanto ela está muito indolente para levantar-se. “Já despi a minha túnica [...]. Já lavei os pés [...]”. É como se ela dissesse: “Não me incomode. Eu estou tão confortável”. A seguir, ela vê as mãos dele (v. 4) e percebe seu pecado. Lembre-se — as mãos dele estão perfuradas. Ela levanta-se, mas, infelizmente, seu amado se fora. Ele deixou um aroma na porta, mas que bem há na bênção sem o Abençoador? A donzela tem problema e é disciplinada quando tenta encontrar o amado.

O Senhor, com freqüência, quer comungar conosco durante o dia, mas estamos ocupados demais. Nós, como Marta (Lc 10:38-42), estamos “ocupad[os] em muitos serviços”. Como nossa vida seria mais feliz se apenas abrissemos nosso coração ao amor inspirador dele. O cristão fiel deve pensar em seu Salvador e em comungar com ele durante todo o dia, da mesma forma que um casal amoroso pensa um no outro quando estão separados. Em 1:1-7, a donzela não vê beleza em si mesma; no entanto, em 1:14-17, seu amado descreve sua beleza com palavras sensíveis. Em 2:1, ela se vê como uma rosa comum, um lírio normal, mas o amado a vê como uma bonita macieira, um lírio entre

espinhos (2:2-3). (Em 2:1, apesar do que entoamos no conhecido cântico, é a mulher quem fala, não o Senhor.)

D. Glória

No entanto, o casamento ainda não aconteceu. Estamos noivos de nosso Senhor, e o Espírito Santo é o "anel de noivado divino" (Ef 1:13-14). Ainda não o vimos, embora o amemos

(1 Pe 1:8). Um dia, ouviremos a voz do Noivo, e Jesus voltará para sua igreja. Nesse momento, acontecerá a maravilhosa ceia de casamento (Ap 19:1-9), e ficaremos para sempre com o Senhor. Não admira que a donzela encerre o cântico com estas palavras: "Vem depressa, amado meu". Podemos apenas acrescentar: "Senhor Jesus, ainda assim vem depressa".

ISAÍAS

Esboço

- I. Condenação (1—39) (A derrota da Assíria)
 - A. Os sermões contra Judá e Israel (1—12)
 - B. O peso do julgamento nas outras nações (13—23)
 - C. Cânticos de glória futura para a nação (24—27)
 - D. A preocupação com os pecados do povo (28—35)
 - E. O intervalo histórico (36—39) (Rei Ezequias)
 - 1. A vitória sobre a Assíria (36—37)
 - 2. O pecado com a Babilônia (38—39)

- II. Conforto (40—66) (O remanescente retorna à terra)
 - A. A grandiosidade de Deus (40—48)
 - O Deus verdadeiro *versus* os deuses falsos dos pagãos
 - Ênfase sobre o Pai, Jeová Deus
 - B. A graça de Deus (49—57)
 - O servo sofredor, Jesus Cristo, morre pelos homens
 - Ênfase no Filho, Jesus Cristo
 - C. A glória de Deus (58—66)
 - A glória do reino futuro
 - Ênfase sobre o Espírito (59:19,21; 61:1; 63:10-14)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Nome

“Isaías” significa “salvação de Jeová”, e o livro repete muitas vezes a palavra “salvação”. Aparentemente, Isaías era de uma família importante, já que tinha acesso a muitos reis judeus. Ele era casado (8:3) e pai de pelo menos dois filhos (7:3 e 8:1-3). Ele iniciou seu ministério perto do fim do reinado de Uzias, ou por volta de 758 a.C. Ele pregou até a virada do século e, de acordo com a tradição judaica, foi serrado ao meio pelo perverso rei Manassés (Hb 11:37).

II. Tema

O relato de Isaías divide-se em duas seções: do capítulo 1 ao 39 e do 40 ao 66. A primeira seção adverte os judeus da invasão iminente dos assírios a Judá, e a segunda encoraja os cativos a retornarem do cativeiro na Babilônia.

O tema principal da primeira seção é a disciplina de Deus a Judá por seus pecados, enquanto a da segunda é o conforto de Deus para os cativos após o sofrimento deles.

Isaías viveu os eventos dos primeiros 39 capítulos, mas profetizou os eventos da última seção do livro. Na primeira seção, a Assíria era o principal inimigo, na última era a Babilônia.

III. Panorama histórico

Lembre-se de que a nação dividiu-se após a morte de Salomão: dez tribos, no norte, organizaram-se como Israel, e duas, no sul, como Judá. A capital de Israel era Samaria; a de Judá, Jerusalém. Contudo as mensagens diziam respeito ao Reino do Norte e ao Reino do Sul. Isaías viu Israel (o Reino do Norte) decair e, no fim, arruinar-se sob a força da Assíria.

Na época, o cenário político era ameaçador para Judá. A Assíria era uma força ameaçadora, e as outras nações queriam fazer uma coligação para combatê-la. No entanto, o rei Acaz, de Judá, não se juntou à coligação. Por isso, a Síria e Israel uniram-se para atacar Judá em uma tentativa de forçar Acaz a cooperar. Acaz, em vez de confiar no Senhor para obter ajuda, voltou-se para a Assíria em busca de ajuda e fez um pacto secreto. A Assíria ficou muito contente em pôr os pés em Judá; em 721 a.C., ela derrotou Israel. Contudo, Judá se tornou um Estado vassalo da Assíria, o preço que Acaz teve de pagar por sua segurança. Não muito depois de Israel estar fora

do caminho, a Assíria decidiu atacar Judá e escravizar toda a nação judaica. Isaías pediu que o povo cresse no Senhor para ajudá-lo, mas vários grupos aconselharam o rei a buscar ajuda no Egito. Nos capítulos 36—39, Isaías relata o que o Senhor fez para que o rei vencesse a Assíria, quando o exército invasor já estava nos muros de Jerusalém. Entretanto, Judá estava tão enfraquecido pela batalha, e suas cidades foram tão devastadas pelo inimigo, que a nação nunca se recuperou de verdade. Os egípcios venceram a Assíria; a Babilônia venceu os egípcios; e em 606-587 a.C., os babilônios escravizaram Judá. Assim, na primeira metade desse livro, Isaías aconselha a nação em relação aos assírios; na última metade, ele consola o remanescente em relação ao retorno deles da Babilônia para a terra.

IV. Cristo em Isaías

Isaías apresenta um rico retrato profético de Jesus Cristo. Vemos seu nascimento (7:14 paralelo a Mt 1:23; também Is 9:6); o ministério de João Batista (40:3-6 paralelo a Mt 3:1ss); a unção de Cristo pelo Espírito Santo (61:1-2 paralelo a Lc 4:17-19); Cristo, o servo (42:1-4 paralelo a Mt 12:17-21); Israel rejeita Cristo (6:9-11 paralelo a Jo 12:38ss; Mt 13:10-15, e referências paralelas nos evangelhos; também At 28:26-27 e Rm 11:8); a pedra de tropeço (8:14 e 28:16 para-

lelos a Rm 9:32-33; 10:11; 1 Pe 2:6); o ministério de Cristo aos gentios (49:6 paralelo a Lc 2:32; At 13:47; veja também 9:1-2 com Mt 4:15-16); o sofrimento e a morte de Cristo (52:13—53:12); a ressurreição (55:3 paralelo a At 13:34; 45:23 paralelo a Fp 2:10-11 e Rm 14:11); e o Rei vindouro (9:6-7; 11:1ss; 32:1-2; 59:20-21 paralelo a Rm 11:26-27; 63:2-3 paralelo a Ap 19:13-15).

V. O servo sofredor

Isaías faz 17 referências ao “servo de Jeová”. Em 13 dessas referências, a nação está em vista (43:10; 44:1-2, 21, 26; 45:4; 48:20; 49:3, 5-7); quatro referem-se a Jesus Cristo (42:1, 19; 52:13—53:11). Todo o relato de 52:13 a 53:12 é uma descrição vívida do sofrimento, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Israel foi o servo de Jeová, já que Deus usou-o para trazer a Palavra e o Salvador ao mundo. Todavia, Israel era um servo desobediente que teve de ser disciplinado. Jesus Cristo é o verdadeiro servo de Jeová, que morreu pelo mundo e cumpriu fielmente a vontade de seu Pai. Em 41:8-9, Ciro é o servo.

VI. Os dois filhos de Isaías

Os nomes simbólicos de seus dois filhos (7:3 e 8:1-3) ilustram as duas principais mensagens do relato de Isaías. “Sear-Jesube” significa “Um remanescente retornará” e liga-se à segunda parte da profecia, o retor-

no do remanescente da Babilônia. “Maer-Salal-Has-Baz” significa “Rápido despojo, presa segura” e liga-se aos capítulos 1—39, a derrota da Assíria.

Sugeriu-se que o relato de Isaías é uma “Bíblia em miniatura”. Seus 66 capítulos estão divididos

em duas partes: 39 capítulos na primeira divisão (como o Antigo Testamento) e 27 capítulos na segunda divisão (como o Novo Testamento). Os primeiros 39 capítulos enfatizam julgamento; os últimos 27 enfatizam a misericórdia e o conforto.

ISAÍAS 6

O rei Uzias morreu, e o trono de Judá está vazio. Isaías, como todos os homens de fé, volta-se para o Senhor em busca de ajuda e conforto e, naquela hora de derrota aparente, vivencia grande bênção espiritual. Ele viu que o trono do céu ainda era ocupado por Jeová Deus! Observe a visão tripla que Deus deu a Isaías.

I. O olhar para o alto — ele vê o Senhor (6:1-4)

Isaías, como todos os cidadãos devotos, venerava o rei Uzias. Durante 22 anos, Uzias liderou Judá em um programa de paz e prosperidade. Foi uma época de expansão e de realizações. Foi uma infelicidade o rei ter se rebelado contra o Senhor e morrer de lepra (2 Rs 15:1-7; 2 Cr 26). Isaías percebeu que a nação estava em péssima situação espiritual, embora tivesse prosperidade material. O crescimento econômico e a paz temporária eram como um verniz, efêmero, que cobria o coração perverso da nação. O que aconteceria a Judá?

Deus levantou os olhos de Isaías de si mesmo e da nação em direção ao trono do céu. Na terra, havia confusão e desassossego, contudo no céu havia a paz perfeita: Deus estava sentado em poder e glória majestosos. Na terra, as pes-

soas podiam estar rememorando a vergonha da morte de Uzias, como leproso; mas não havia vergonha ou sombra de fracasso no céu. Antes, os serafins clamavam: “Santo, santo, santo”.

João 12:38-41 informa que Isaías viu Jesus Cristo em sua glória. Ele estava no trono do céu sendo louvado pelos serafins. Suas vestes reais enchiam o templo celestial, e a casa se encheu com a fumaça de sua indignação contra o pecado (Sl 80:4). Os serafins, suas criaturas angelicais (flamejantes), louvavam-no por sua santidade e glória. “Toda a terra está cheia da sua glória”. Naquela época, Isaías não via muita glória, como nós também não vemos hoje. Melhor, parece que a terra está “cheia de violência” (Gn 6:11). Nós vemos os acontecimentos da perspectiva humana, os anjos vêem do ponto de vista de Deus. Um dia, quando Jesus reinar, toda a terra se encherá da sua glória (veja Nm 14:21; Sl 72:19; Hc 2:14). Veja também Isaías 11:9.

“Senhor dos Exércitos” é o nome de Deus preferido de Isaías; ele cita-o, pelo menos, 60 vezes. O profeta também chama o Senhor de “Santo de Israel”, pelo menos, 25 vezes. Jeová é o Deus do combate santo que se opõe ao pecado e que derrota o inimigo. Isaías precisava perceber isso em um dia em que parecia que Judá estava derrotado.

Essa é uma boa lição prática para os cristãos de hoje: quando o dia estiver sombrio, levante os olhos para o céu e veja Cristo sentado no trono. “O SENHOR está no seu santo templo”.

II. O olhar interior — ele vê a si mesmo (6:5-7)

Uma visão verdadeira de Deus e de sua santidade sempre nos faz perceber nossa pecaminosidade e falhas. Jó viu o Senhor e arrependeu-se (Jó 42:6); Pedro clamou: “Sou pecador”, quando viu o poder de Cristo (Lc 5:8). O farisaico rabi Saulo viu que sua retidão era apenas “lixo” perto da glória de Cristo (At 9 e Fp 3); assim, creu e tornou-se o apóstolo Paulo. Quando os crentes têm uma verdadeira experiência com o Senhor, isso não os torna orgulhosos; antes, deixa-os humildes e quebranta-os.

Isaías mencionou especificamente seus lábios impuros quando confessou seus pecados. Os lábios impuros são fruto do coração impuro. O profeta sabia que não podia pregar para o Senhor, a menos que se preparasse e se purificasse. Atitude bem diferente da de muitos cristãos que se apressam a servir a Cristo antes de reservar um tempo para se encontrarem com ele a fim de se purificarem. Deus satisfez as necessidades do profeta: ele enviou um serafim para purificá-lo

com uma brasa viva do altar. Seria trágico ter o trono sem o altar! Haveria condenação do pecado, mas não purificação. Observe que para o serafim era mais importante equipar Isaías para ser um ganhador de almas que louvar o Senhor. A verdadeira adoração deve levar ao testemunho e ao serviço. Muitos cristãos querem ter uma “experiência espiritual” com o Senhor, em vez de se prepararem para compartilhar Deus com os outros.

Essa passagem traz uma palavra maravilhosa de encorajamento: Deus responde de imediato à oração e purifica-nos (1 Jo 1:9). Ele anseia equipar-nos para servir-lhe.

III. O olhar exterior — ele viu a necessidade (6:8-13)

Tudo, até esse ponto, foi a preparação. Agora, Deus podia chamar Isaías e usá-lo para pregar sua Palavra. O profeta não estava mais enredado nas próprias necessidades; queria fazer a vontade do Senhor. Ele não estava mais oprimido pelo pecado; sabia que Deus estava sentado no trono. Agora, ele estava pronto para trabalhar.

O chamado é uma evidência da graça de Deus. Ele está disposto a usar os seres humanos para realizar sua vontade na terra. Com certeza, o Senhor poderia enviar um dos serafins e seria obedecido de imediato e com perfeição. No entanto,

o Senhor deve usar lábios humanos para proclamar sua Palavra. Hoje, o Senhor ainda está chamando os crentes, mas infelizmente poucos respondem a seu chamado. Na época de Isaías, apenas um “remanescente” obedecia.

“Ide e anunciai!” Essa é a ordem de Deus para nós hoje. “Sereis minhas testemunhas [...] até aos confins da terra” (At 1:8). O Senhor não deu uma ordem fácil para o profeta, pois a nação não estava disposta a ouvir suas mensagens sobre o pecado e o julgamento. No capítulo 1, o Senhor retrata a nação como um corpo doente, coberto de feridas e chagas inflamadas e, como os animais teimosos e rebeldes, muito ignorante para ouvir ao próprio dono. O capítulo 5 descreve a nação como um bela vinha que não dá uvas boas. Ao ler os capítulos 1—5, entendemos o fardo que Deus deu a Isaías. A nação era próspera, por que pregar sobre pecado? As “senhoras elegantes” não gostariam (3:16-26) nem os nobres (5:8ss). O povo não acredita na vinda do julgamento quando está rico, pleno e satisfeito.

O Novo Testamento cita seis vezes os versículos 9-10: Mateus 13:13-15; Marcos 4:12; Lucas 8:10; João 12:40; Atos 28:25-28; Romanos 11:8. Deus está dizendo que deliberadamente cegou e condenou a nação? Não, de forma alguma. O que ele diz

é que a Palavra do Senhor tem esse efeito de cegar e endurecer os pecadores que não a escutam e não se entregam. O mesmo sol que derrete o gelo endurece o barro. Observe os passos descendentes em João 12: não *creram* (v. 37); por isso, não *podiam* crer (v. 39); porque selaram a própria condenação.

O servo de Deus tem de proclamar a Palavra do Senhor independentemente de como o povo responde a ela. Isaías precisou de muita fé para obedecer a essa ordem. O profeta perguntou: “Até quando, Senhor, devo pregar e, assim, produzir esses trágicos resultados?”. O Senhor respondeu: “Até que eu termine meu julgamento sobre a terra”. As passagens 1:7-9 e 2:12-22 anunciam esse tipo de julgamento. No entanto, o Senhor salvou um remanescente, embora a nação tenha sido enviada para longe em cativeiro (vv. 12-13). Essa profecia refere-se de imediato ao cativeiro, contudo também retrata a forma como Deus lidará com Israel nos últimos dias, quando um pequeno remanescente de judeus crerá durante o período da tribulação. Isaías descreve a nação como uma árvore cortada; o toco permanece e pode dar um novo broto. Relacione isso a 11:1ss, a profecia “o Renovo — Jesus Cristo”.

Naquele dia, quando Isaías saiu do templo, não era mais um

lamentador — era um missionário. Ele não era apenas um espectador, mas participante. Deus equipara-o para fazer o trabalho: Isaías viu o Senhor, viu a si mesmo e viu o que era necessário fazer. Ele — depois

de saber que o Senhor estava no trono, que o chamara, e que o comissionara — estava pronto para pregar a Palavra e ser fiel até a morte. Esse é um exemplo que devemos seguir hoje.

ISAÍAS 7-12

Ao estudar as profecias do Antigo Testamento, há dois princípios importantes a serem levados em consideração: (1) os profetas vêem Cristo vindo em humilhação e em glória, mas não vêem o período de tempo entre esses dois eventos — a era da igreja (1 Pe 1:10-12); e (2) cada profecia brotava de um contexto histórico preciso, no entanto olhava para além da época em questão, em direção ao futuro. Nesses capítulos, veremos esses princípios. O profeta está lidando com uma crise específica na história de Judá — impedir o ataque de Israel (o Reino do Norte) e da Síria —, e ele diz à nação exatamente o que acontecerá. Nessas profecias, Isaías também anuncia a vinda do Messias. Observe as profecias que ele faz.

I. Judá será libertado dos inimigos (7:1-16)

A. A situação (vv. 1-2)

A Assíria tornava-se forte e ameaçava as outras nações, por isso Israel e Síria juntaram forças a fim de proteger-se. Queriam que Judá se alinhasse com elas, no entanto o Reino do Sul não fez isso. Na verdade, Acaz negociava em segredo para que os assírios o protegessem (2 Rs 16:1-9). A nação estava temerosa, pois Síria

e Israel estavam para atacá-la e parecia não haver escapatória.

B. A promessa (vv. 3-9)

Deus enviou Isaías e seu filho, Um-Resto-Volverá, para encontrar-se com o rei Acaz enquanto inspecionava o aqueduto de Jerusalém. Isaías transmitiu ao rei a mensagem de esperança e confiança: não tema a Síria e Israel, pois, em 65 anos, elas serão quebradas. A profecia confirmou-se: em 732, a Assíria derrotou a Síria (Damasco) e, em 721, a Israel (Efraim, Samaria), no período de tempo indicado.

C. O sinal (vv. 10-16)

Acaz agiu de forma muito piedosa ao recusar receber um sinal do Senhor. Assim, Deus afastou-se de Acaz e deu o sinal a toda a casa de Davi (v. 13). Esse sinal cumpriu-se, por fim, com o nascimento de Jesus Cristo (Mt 1:23). Ele nasceu da virgem Maria e foi concebido pelo Espírito Santo (Lc 1:31-35). No versículo 14, substituir a palavra “virgem” por “jovem” (BLH) é distorcer as Escrituras. Seu nome era “Emanuel”, que significa “Deus está conosco” (veja 8:8 e 10). Jesus Cristo é Deus em carne humana, todavia sem pecado (Jo 1:14). Ele não é apenas um “homem bom” e um ótimo mestre, mas o próprio Filho do Senhor. Negar isso é negar a Palavra do Senhor (1 Jo 4:1-6).

É possível (mas não obrigatório) que tenha havido algum tipo de cumprimento imediato da profecia como um sinal para o rei e a nação. Isso não quer dizer um nascimento virginal miraculoso, já que apenas Jesus Cristo nasceu dessa forma. Contudo, sugere que uma virgem judia casou-se e, no ano seguinte, deu à luz um filho. Antes que essa criança atingisse a idade judia de responsabilidade legal (12 anos), as nações inimigas, Israel e Síria, seriam derrotadas. Se esse sinal foi dado, como é provável, em 735 a.C., então a promessa seria cumprida por volta de 721. Como vimos, a Síria caiu em 732, e Samaria, em 721. É possível que a esposa de Isaías tenha dado à luz uma “criança que serviu como sinal”; Isaías 8:1-8 apresenta o registro do fato. Isso significaria que a primeira esposa do profeta morreu (a mãe de Um-Resto-Volverá, 7:3), e Isaías casou-se com a segunda esposa logo depois de anunciar essa profecia. Deus graciosamente livrou Judá de seus inimigos, apesar da descrença e do esquema do rei Acáz (ele roubou o templo para subornar a Assíria — 2 Cr 28:21,24-25). Todavia, Judá foi escravizado pelos assírios, e apenas a intervenção divina, na época de Ezequias, libertou a nação (veja Is 36—37).

II. Assíria derrotará Israel (7:17—10:34)

A partir do versículo 7:17, Isaías fala com o apóstata Israel e Peca, seu

rei. Ele adverte o Reino do Norte de que os assírios viriam contra ele e o destruiria completamente, deixando a terra em penúria e ruína, em vez de cheia de bênção. Foi nesse ponto que a “criança que serviu como sinal” nasceu (8:1-4) e recebeu o nome de Rápido-Despojo-Presa-Segura. O nome enfatiza a ruína que virá sobre a Samaria e a Síria (8:4). A coligação entre Israel e a Síria não protegeria o povo (8:11-15); ele precisava unir-se a Jeová e deixar que este fosse a pedra de segurança do povo. Precisava voltar para a Lei (8:20).

Em 9:1-7, Isaías faz uma segunda predição da vinda do Messias; veja Mateus 4:13-16. Isaías 9:1 menciona as áreas que mais sofreram quando os assírios vieram sobre Israel, no entanto seriam elas que veriam a luz do Messias. Nos versículos 3-5, o profeta olha através do tempo, para a época em que Israel se alegraria e em que se livraria do jugo, quando as armas de guerra seriam queimadas como lenha — o tempo em que Jesus Cristo reinaria como o Príncipe da Paz. Veja aqui a humanidade (“um menino nos nasceu”) e a deidade de Cristo (“um filho se nos deu”). A seguir, o profeta pula do nascimento humilde de Cristo para seu reinado glorioso, quando reinará sobre Jerusalém e haverá paz perfeita.

Em 9:8—10:34, Isaías continua a advertir Israel de seu julgamento iminente. Ele também adverte a Assíria de não ficar orgulhosa por causa de suas vitórias, pois é apenas uma ferramenta nas mãos do Senhor. Seu dia de derrota também chegará. Podemos ver na Assíria um símbolo do anticristo, que reunirá todas as nações contra Jerusalém na batalha de Armagedom. Da mesma forma como Deus derrotou a Assíria com seus poderes miraculosos, também derrotará Satanás e seus exércitos (Ap 19).

III. Israel e Judá se unirão no reino (11—12)

Observe Isaías 11:12 — um dia, as nações divididas se unirão e retornarão à sua terra em paz. Isaías 11:1-3 retrata Jesus Cristo como “um renovo”. Em 6:13, vimos a nação “derrivad[a]” como uma árvore e o toco remanescente; agora vemos Cristo surgindo do toco a fim de salvar as pessoas. Jesus Cristo é o descendente legal de Davi; ele tem “raízes” em Judá, já que ele mesmo é judeu. Em Isaías 4:2, ele é chamado de “o Renovo do SENHOR”; em Jeremias 23:5, de “Renovo justo”; em Zacarias 3:8, de “meu servo, o Renovo”; e em Zacarias 6:12, de “o homem cujo nome é Renovo”. A palavra hebraica *netzer* (“renovo”) liga-se ao nome dado a Jesus em Mateus 2:23 — “Nazareno”.

Os quatro Evangelhos descrevem o “Renovo” desta forma: *Mateus* — o Renovo justo de Davi (Jr 23:5); *Marcos* — meu servo, o Renovo (Zc 3:8); *Lucas* — o homem cujo nome é Renovo (Zc 6:12); e *João* — o Renovo do SENHOR (Is 4:2). Por isso, Jesus, um dia, cumprirá as promessas do Antigo Testamento que Deus fez aos judeus e reinará sobre seu reino em glória e vitória (Rm 15:8-12). Isaías 11:2 apresenta as três Pessoas da Trindade — “Repousará sobre ele [Cristo] o Espírito do SENHOR [Jeová]”. Aqui, há um ministério sétuplo do Espírito. Certamente, o Espírito Santo capacita Cristo em seu ministério terreno (Jo 3:34); e o Espírito, hoje, também capacita-nos para servir Cristo e glorificá-lo (At 1:8). Isaías 11:4 e os versículos subseqüentes descrevem o reino glorioso que Cristo instituirá quando retornar. Será uma época de julgamento honesto em que se lidará com o pecado de imediato. A natureza será restaurada (Rm 8:18-25), e não haverá mais maldição. Acabarão a guerra e a violência. “A terra se encherá do conhecimento do SENHOR” (v. 9); veja Isaías 6:3 e Habacuque 2:14. Por favor, não “espiritualize” essas promessas. Roubá-las dos judeus e aplicá-las à igreja equivale a distorcer as Escrituras. Essas são promessas literais de um reino genuíno sobre o qual Cristo reinará um dia.

Isaías 11:10 revela que Cristo chamará os judeus e os gentios. Nos últimos dias, o milagre da travessia do mar Vermelho, de Êxodo, se repetirá e, assim, Israel poderá voltar para sua terra (11:11-16). As pessoas já riram dessas promessas, mas, agora que Israel possui sua própria terra e a cidade santa, o cumprimento delas parece mais próximo. O ca-

pítulo 12 é o cântico de vitória da nação. Eles entoaram esse cântico quando foram libertos do Egito (Êx 15:2) e também quando retornaram do exílio para reconstruir o templo (Sl 118:14). Eles entoarão esse cântico de novo quando retornarem à sua terra em vitória e glória, e Jesus reinará sobre um mundo de paz e de prosperidade.

ISAÍAS 40-66

Com freqüência, os estudiosos referem-se a Isaías 40—66 como a “seção Novo Testamento” do livro. Tem 27 capítulos, semelhante aos 27 livros do Novo Testamento. Essa seção inicia-se com o ministério de João Batista (40:3-4 paralelo a Mt 3:1-3) e enfatiza Cristo e a salvação. A parte central dessa seção é o capítulo 53, a maior predição do Antigo Testamento sobre a morte de Cristo na cruz. Ao mesmo tempo que Isaías 1—39 enfatiza o julgamento de Deus sobre seu povo, Isaías 40—66 traz uma nota de conforto e de redenção. Foi escrito com a finalidade de encorajar o remanescente judeu que seria libertado dos 70 anos de cativo babilônico. Isaías escreveu essa profecia surpreendente 150 anos antes que o remanescente judeu sequer precisasse de encorajamento. Ao ler esses capítulos, destacam-se várias noções importantes. A primeira é a ênfase constante na expressão: “Não temas”. Veja 41:10,13-14; 43:1,5; 44:2,8. Do que os judeus estavam com medo? Das grandes nações gentias que faziam conquistas através do mundo. A Assíria tomou Israel; a Babilônia capturou Judá, e, agora, um novo império — os persas — entrava em cena. Todas essas nações adoravam ídolos. Alguns judeus argumentavam que, se essas nações conseguiram tantas vitórias, talvez seus deuses fossem

verdadeiros e, portanto, talvez não deveriam crer em Jeová. Isso leva à segunda noção mais importante: a grandiosidade de Deus e a falsidade dos ídolos pagãos. Leia com atenção as seguintes passagens: 40:18-20; 41:6-7,29; 42:8,17; 43:10-12; 44:9-20 (uma exposição mordaz da estupidez da adoração a ídolos); 45:16,20; 46:1-2,5-7. Por favor, observe as diversas afirmações de que Deus é verdadeiro e não há outro deus que se compare a ele (40:18,25; 43:10-11; 44:6,8; 45:5-6,14). Em cada um desses capítulos, Isaías expõe a insensatez dos ídolos e exalta a grandiosidade de Jeová. O remanescente judeu não tinha o que temer, Deus é grande o suficiente.

A terceira noção tem que ver com Ciro, rei da Pérsia, o homem que Deus levantou para conquistar Babilônia e possibilitar que os judeus voltassem para sua terra (lea 41:2-5,25; 44:28—45:4; 47:11). Esse é o mesmo Ciro mencionado em Esdras 1:1; ele reinou de, mais ou menos, 559 a 529 a.C. O fato de Isaías chamá-lo pelo nome dois séculos antes de seu nascimento é outra prova da inspiração divina da Bíblia. O rei Josias também foi citado pelo nome centenas de anos antes de nascer (1 Rs 13:2 e 2 Rs 23:15-18).

Ao ler esses capítulos, lembre-se de que eles têm um cumprimento imediato em Ciro e no retorno do remanescente da Babilônia à sua terra, e também o cumprimento máximo

em Jesus Cristo e na redenção que temos nele. A maravilhosa libertação do jugo babilônico é um retrato da redenção que Cristo comprou para nós na cruz. Nesse sentido, o rei Ciro, embora fosse um governante pagão, simboliza Cristo, nosso Redentor (45:1-4). Isaías 42:1-9 apresenta Cristo como o servo obediente de Deus, o qual traz glória para os judeus e salvação para os gentios. Compare esses versículos com Mateus 12:18-20.

Com esse pano de fundo, olharemos esses capítulos e veremos como Deus revela-se a seu povo e encoraja-o a confiar nele. O Senhor revela-lhe vários aspectos de sua grandiosidade.

I. A grandiosidade da pessoa dele (40)

Esse capítulo contrasta a grandiosidade de Deus e a fragilidade do homem (vv. 6-8) e a debilidade dos ídolos (vv. 18-20). Como esse frágil remanescente de judeus pode sequer retornar à sua terra e estabelecer a nação de novo? O Senhor irá à frente dele e abrirá o caminho (vv. 3-5). Mateus 3:3 aplica essa promessa a João Batista preparando o caminho para a chegada de Cristo. A profecia nos versículos 9-17 diz: não olhem para si mesmos; olhem para o seu Senhor. Ele é o Criador do universo. Ele pode fortalecê-los e sustentá-los. Nos versículos 28-31, observe a bênção prometida.

II. A grandiosidade de seu propósito (41)

Jeová não é apenas o Deus dos judeus; ele é o Controlador das nações. Ele levantou Ciro do "Oriente" (Pérsia), mas o trouxe do "Norte" (após ele conquistar os medos, v. 25). As nações tremaram e se voltaram para os ídolos, mas estes não as puderam livrar (vv. 3-7). Deus tem um propósito na ascensão e na queda das nações; Israel não tinha nada a temer (vv. 10,13-14), porque Deus estava com ele, trabalhando para alcançar seus divinos propósitos (Rm 8:28). Ele transformaria o "vermezinho" em "instrumento de trilhar" e removeria as montanhas! Os ídolos não têm propósitos; eles não podem planejar e controlar os eventos futuros (vv. 21-24).

III. A grandiosidade do perdão dele (42-43)

Isaías 42:1-9 apresenta Jesus Cristo (Mt 12:18-20), e vemos sua primeira vinda em humildade e graça, bem como a segunda, em poder e julgamento. Entre esses dois eventos, temos a era presente da igreja. Deus permitiu que os judeus fossem capturados e exilados a fim de discipliná-los por causa dos pecados (42:18-25); todavia, o cativo deles não seria para sempre. Ele viria em julgamento e destruiria a Babilônia (42:10-17), usando Ciro como seu instrumento. O capítulo 43, de novo, assegura a Israel: "Não temas,

[...] eu serei contigo". A libertação do seu povo o tornaria testemunha para o mundo da graça e do poder do Senhor (43:10,12). No entanto, Isaías admoesta a nação por ter se esquecido do Senhor (43:22-27); e, no entanto, Deus, em sua graça, perdoa os pecados da nação (43:25). Podemos aplicar essas promessas de perdão ao remanescente judeu futuro, no período da tribulação.

IV. A grandiosidade das promessas dele (44—45)

Nesses capítulos, observe a repetição de afirmações: "Eu farei". Aqui, Deus promete sua ajuda e bênção à nação. Em 44:1-8, ele promete restaurar a nação em sua terra, abençoar a terra e reinar como Rei dela. Claro que a nação tem de se arrepender dos pecados antes de o Senhor restaurá-la e perdoá-la (44:21-23). Em 44:9-20, o profeta expõe de novo a insensatez dos ídolos pagãos: um homem corta uma árvore, usa uma parte da madeira como lenha e outra para esculpir um deus para si mesmo. Jeová é o Deus que faz promessas e as cumpre; os ídolos não são nada além de mentiras (44:18-20). A passagem 44:24—45:8 apresenta outra promessa de libertação por intermédio de Ciro. Os sacerdotes pagãos e os adivinhos prometem vitória (44:25), mas o Senhor frus-

tra as mentiras deles e dá vitória a Ciro. Judá será povoado de novo, e Jerusalém, reconstruída. Isso foi cumprido em Esdras 1. Em 45:1-3, Isaías até conta como Ciro capturará a fortaleza invencível da Babilônia: ele esvaziará um dos rios que corre na cidade e passará por baixo das portas da cidade. A história relata essa façanha, mas a profecia anunciou-a com centenas de anos de antecedência. Alguém pode frustrar ou opor-se às promessas e aos propósitos de Deus (45:5-10)? Não. Deus levantará Ciro para construir a cidade do Senhor (45:13). Ele dará a Ciro outras nações como pagamento por servir ao Senhor (45:14). Os ídolos serão confundidos, mas o Senhor será glorificado (45:16-19). Em 45:17, observe que o histórico mistura-se ao eterno: essa salvação será eterna. Aqui, o profeta Isaías olha através dos séculos para a salvação que temos em Cristo (45:22), como também para a futura libertação de Israel e o estabelecimento do reino.

V. A grandiosidade do poder dele (46—48)

Esses capítulos descrevem a ruína total da Babilônia. Quando Isaías falou e escreveu essas palavras, a Babilônia nem era ainda uma grande potência mundial. Alguns judeus devem ter-se espantado com suas mensagens.

Mas a Babilônia ficou poderosa e conquistou Judá. Apesar disso, Deus, um dia, conquistaria a Babilônia, e seus deuses falsos seriam eles mesmos cativos. Os deuses pagãos, em vez de carregarem seu povo, são carregados por ele (46:5-7). Todavia, o Senhor carrega seu povo (46:3-4) e traz salvação para Sião. Em 46:11, claro que a “ave de rapina” é Ciro. Leia os capítulos 47—48 e veja

como o poder de Deus destruiu a grande Babilônia.

“Não temas” é a grande promessa de Deus para nós, como cristãos do Novo Testamento. Não precisamos temer, pois ele é maior que Satanás e este mundo. Ele tem um propósito para nossa vida e o cumprirá, se confiarmos nele. Ele perdoará nossos pecados e cumprirá suas promessas.

ISAÍAS 53

Esse capítulo é o cerne de Isaías 40—66 e leva-nos até a cruz. As passagens João 12:38; Mateus 8:17; Atos 8:32-35; Marcos 15:28; Lucas 22:37; Romanos 10:16 e 1 Pedro 2:24 comprovam que esses versículos aplicam-se a Jesus Cristo. O Novo Testamento cita ou refere-se a Isaías 53, pelo menos, 85 vezes.

A profecia inicia-se em 52:13-15. O versículo 13 relata a exaltação de Cristo, e o resto da seção trata da humilhação dele. Como 1 Pedro 1:10-11 nos informa, essa estranha “contradição” deixou os profetas do Antigo Testamento perplexos. Eles não percebiam que decorreria um longo período de tempo entre a vinda do Messias, como o Servo sofredor que morre, e seu retorno como Soberano exaltado que reina. O versículo 14 informa que o sofrimento físico de Cristo deixou-o tão desfigurado que os homens pasmaram ao vê-lo. Não obstante, quando ele retornar (v. 15), o mundo todo se “admirará, ficará perplexo”. Veja Zacarias 12:9-10 e Apocalipse 1:7. Em sua primeira vinda, ele deixa abismado umas poucas pessoas na Palestina; em sua próxima vinda, ele causará admiração no mundo inteiro. Bem, ao capítulo que está diante de nós. Esse capítulo traça a vida e o ministério de Cristo.

I. A rejeição (53:1-3)

Agora, anuncia-se a descrença de Israel: este o viu, o ouviu, no entanto não confiou nele (Jo 1:11; 12:37-38). Há tripla rejeição: ele rejeitou suas palavras, a “pregação”, e as obras dele, “o braço do Senhor”. Veja especificamente João 12:37-40. Em 6:9-10, o profeta fora avisado desse endurecimento do coração.

O terceiro foco de rejeição foi a pessoa de Cristo (v. 2). Ele não nasceu em um palácio, mas em um estábulo, em Belém, e cresceu na desprezada cidade de Nazaré (Jo 1:43-46). As palavras “broto tenro” (NVI) significam literalmente “arbusto pequeno”, como o que brotaria de um ramo baixo. Em outras palavras, Cristo não era uma árvore grande, mas um humilde arbusto. Veja Isaías 11:1. A nação estava estéril e seca quando ele apareceu. Eles tinham uma forma de religião, contudo não tinham vida, e, por ele trazer vida, o rejeitaram. Que Homem notável, humano (“ele brotará”), contudo divino. Isso ofendeu os judeus, que não acreditavam que Deus viria como um Servo (Mt 6:1-3). Sua aparência física era comum, não tinha beleza ou qualquer atrativo especial aos olhos humanos. Para os que o conheciam, ele era “o mais formoso dos filhos dos homens” (Sl 45:1ss). Ele foi desprezado (não querido, olhado de cima a baixo), rejeitado (abandonado por

seus discípulos, por sua nação e por seu mundo), pouco estimado (não muito valorizado, não desejado). Todavia, ele começou a fazer o bem e a ajudar o desamparado. O fato de que os homens pudessem tratar dessa forma o próprio Filho de Deus apenas mostra a perversidade do coração humano.

II. A redenção (53:4-6)

Por que um homem inocente como Jesus Cristo morreu dessa forma terrível na cruz? Esses versículos explicam a razão disso: ele tomou o lugar dos pecadores e sofreu o julgamento por eles. Veja 1 Pedro 2:24 e 2 Coríntios 5:21. Observe o preço que ele pagou: (1) traspassado ou ferido refere-se à morte dele na cruz, traspassado por pregos — João 19:37; Zacarias 12:10; (2) moído, o que significa ser “esmagado” sob um fardo, o peso do pecado que foi depositado sobre ele; (3) castigo ou punição como se ele tivesse quebrado a lei, nesse caso com o vergão do açoite.

No entanto, esses sofrimentos físicos não foram nada comparados com os sofrimentos espirituais da cruz, quando ele tomou sobre si nossas transgressões (vv. 5,8), nossa rebelião e quebra deliberada da Lei do Senhor; nossa iniquidade (vv. 5-6); a desonestidade da nossa natureza; nossas enfermidades e dores (v. 4); nossas misérias e o resultado

infeliz de nossos pecados. Somos pecadores por nascimento (“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas”) e por escolha (“cada um se desviava pelo caminho”). Veja Salmos 58:3 e Romanos 5:12ss. O versículo 6 começa com o “todos” de condenação, mas termina com o “todos” de salvação. Ele morreu por todos nós. Esses versículos são o cerne do evangelho — “Cristo morreu por *nossos* pecados”.

III. A resignação (53:7-9)

Ele não foi tratado com justiça. Foi oprimido, humilhado, tratado rudemente. Ele não reclamou nem gritou. Eles zombaram dele e o arrastaram de um lugar para outro, mas ele ficou mudo e manso como uma ovelha. Ele é o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29). O versículo 8 sugere que o tiraram com violência da prisão e não permitiram que houvesse justiça. Veja Atos 8:33 e Mateus 27:22-31. O julgamento foi “armado”, e a coisa toda foi ilegal. Todavia, sua “geração” não protestou, e os discípulos o abandonaram e fugiram. Sua morte não foi gloriosa; ele foi “descartado” da mesma forma que expulsavam da cidade o leproso imundo. Jesus Cristo, apesar desse tratamento ilegal e desumano, não protestou nem argumentou. Por quê? Ele veio morrer pelos pecados das pessoas. Trataram Barrabás, o

criminoso, com mais bondade que a Jesus, o Filho de Deus.

O versículo 9 afirma: “Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte”. Se não fosse por José de Arimatéia e Nicodemos, o corpo de Jesus seria sepultado em uma “vala comum” ou jogado em um monte de lixo (Jo 19:38-42). Deus prometeu ao Filho que ele teria uma “sepultura no jardim” e cumpriu a promessa. “[Ele] nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca”. Os homens foram injustos, porém Deus foi justo. Ao se submeter totalmente à vontade do Senhor, Cristo deu-nos um exemplo e tanto (1 Pe 2:18-25). Devemos glorificar a Cristo, entregando-nos à vontade dele quando os homens nos tratam com injustiça (como farão porque seguimos a Cristo).

VI. A recompensa (53:10-12)

Deus planejou tudo isso, e seu plano obteve sucesso total. Verifique as passagens 52:13 e 42:1-4 que relatam o sucesso da obra do Salvador. Esses versículos do capítulo 53 mostram-nos o lado da cruz focado em Deus: “Ao SENHOR agradou”. Isso quer dizer que Deus se regozijou com o sofrimento e a morte de seu Filho? Não. Agradou-lhe ver a obra da salvação concluída, o sacrifício aceito e o pecado expiado. Agora, o Deus santo, em sua graça, podia

salvar os pecadores indignos. Embora os homens perversos tenham matado Cristo, a obra deles foi anulada para cumprir o propósito de Deus (At 2:22-24). A morte de Cristo não foi um “exemplo moral”; foi uma oferta pelo pecado (v. 10). Ele morreu em nosso lugar.

Qual foi a recompensa de Cristo, além da alegria de ter feito a vontade de seu Pai? Ele foi ressuscitado dos mortos (“Prolongará os seus dias”) e ganhou uma família espiritual (“Verá a sua posteridade”). O versículo 11 traz o retrato de uma família espiritual quando descreve o “trabalho” de sua alma na cruz. Veja Salmos 22:30 e Hebreus 2:13. Isaías 9:6 chama Cristo de “Pai da Eternidade”, e esta é razão disso: sua morte e o “trabalho” na cruz tornaram possível a existência da família de Deus formada pelos pecadores salvos. Essas são as pessoas que ele justificou e declarou justas por meio de sua graça.

O versículo 12 apresenta outra recompensa do Servo fiel: uma herança do Pai. Ele conquistou Satanás e o pecado; agora, divide os despojos (Ef 4:8). Cristo foi pouco estimado quando esteve na terra, mas agora está entre os “poderosos”. Os reis se curvarão diante dele (52:13,15; Sl 72:8-11; Ap 19:14ss). Salmos 2 descreve como, um dia, Cristo reclamará sua herança.

As declarações finais levam-nos de volta à cruz. Cristo foi contado com os transgressores — foi crucificado entre dois ladrões e tratado como criminoso (Mt 27:38). Ele intercedeu pelos transgressores, orando por eles (Lc 23:34,43). Não

falou quando os homens o maltrataram com crueldade, mas falou a favor dos pecadores perdidos. E, hoje, ele intercede pelos seus (Rm 8:34). Não há julgamento sobre eles, porque ele tomou tudo sobre si mesmo. Você crê nele como *seu* Salvador?

ISAÍAS 60-66

Esses capítulos descrevem o maravilhoso reino que Jesus Cristo instituirá quando voltar para reinar sobre a terra. Nesses capítulos, encontramos 23 vezes a palavra “glória”, em suas diversas formas. Com certeza, não havia glória em Israel ou Judá quando acabou o cativeiro na Babilônia, e o fraco remanescente retornou à terra dele. Deve ter sido desencorajador voltar para uma terra devastada pela guerra, uma cidade com os muros derrubados, as portas queimadas e o templo em ruínas. No entanto, Isaías olhou através dos anos e viu uma “cidade santa” gloriosa com um templo glorioso (60:7; veja 64:11), e muros reconstruídos e portas (60:10-11). Israel era desdenhado pelas nações gentias, mas seria o centro da terra, o próprio trono de Deus; e os gentios iriam a Jerusalém, e adorariam o verdadeiro Senhor (veja 60:3,5,11,16; 61:6,9; 62:2; 66:12,19). Essas promessas de futuro glorioso seriam um grande encorajamento para os judeus quando retornassem à sua terra depois do cativeiro. Nesses capítulos, observe quatro imagens maravilhosas da nação restaurada.

I. Alvorecer glorioso (60)

A. Um novo dia amanhece

Na época de Isaías, os judeus estavam nas trevas e, durante a tribu-

lação, quando a nação sofrerá nas mãos do anticristo e das nações gentias, estarão muito mais. Não obstante, com o retorno de Cristo acabarão as trevas. O próprio Senhor aparecerá para os judeus — “olharão para aquele a quem traspassaram” (Zc 12:10; Ap 1:7). Nesse dia, em que Cristo reinar sobre o trono de Davi, e a igreja reinar com ele, Israel compartilhará a glória dele. Isaías vê as nações gentias vindo a Jerusalém em paz, não em guerra, vê Israel compartilhando a riqueza das nações (vv. 3-9). Algumas pessoas relacionam o versículo 5 com o mar Morto, pois até hoje os judeus extraem riquezas dessas águas. Hoje, as nações estão contra Jerusalém, o centro da oposição mundial. Contudo, no dia em que Cristo restaurar a glória de Israel, os gentios se curvarão em paz.

B. Bênçãos abundantes (vv. 10-22)

A nação será reconstruída, e as portas nunca se fecharão por causa do perigo. O reino milenar (mil anos; Ap 20:4-5) será um tempo de paz e de prosperidade para todo o mundo. Será um novo dia para a humanidade quando o Sol da justiça, Jesus Cristo, retornar (Ml 4:1-3). Não aplique essas promessas aos cristãos de hoje espiritualizando-as ou transformando-as em símbolos. Elas se cumprirão literalmente na terra de Israel quando Jesus vier de novo.

Nós, os cristãos do Novo Testamento, procuramos “a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22:16) que precede o alvorecer, pois Cristo retornará, nos ares, para sua igreja e nos levará para o céu antes que seu julgamento caia sobre a terra.

II. Casamento jubiloso (61—62)

Na sinagoga de Nazaré, Cristo leu Isaías 61:1-2 (Lc 4:16-21) e aplicou as palavras a si mesmo. Ele veio para satisfazer as necessidades espirituais das pessoas e para “apregoar o ano aceitável do SENHOR”. Nesse ponto, ele interrompeu a leitura, pois o “dia da vingança” não viria até a tribulação (veja 63:1-4). Hoje, vivemos no “ano aceitável” de Deus, o dia de graça. Claro que aqui Isaías fala do ministério do Senhor para Israel, quando ele retornará para converter o funeral deles em casamento jubiloso. O versículo 3 retrata os enlutados secando as lágrimas e trocando o luto por vestes de louvor. O versículo 10 descreve o regozijo da nação, como a noiva e o noivo.

No monte Sinai, Israel casou-se com Jeová, quando ele deu-lhe a Lei. No entanto, a nação infiel foi atrás dos deuses das outras nações. A nação ficou em cativeiro por causa de seu “adultério espiritual”, mas mesmo isso não a livrou do pecado. Hoje, Israel é uma “noiva desamparada”; contudo, quando Cristo retornar e a nação for purifi-

cada, ela “casará” de novo com Jeová. Isaías 62:4 promete que ela não será mais “Desamparada” ou “Desolada”; antes, será chamada “Hefzibá” (62,4, ARC), “Minha-Delícia”, e de “Beulá” (62,4, ARC), “Desposada”. No versículo 5, o Senhor regozija-se com sua esposa restaurada. Não confunda isso com a igreja, a noiva de Cristo (2 Co 11:1-2). Veja Oséias 2; Isaías 50:1 e 54:1.

III. Vitória justa (63—64)

Isaías 63:1-6 retrata Cristo como um guerreiro manchado de sangue que retorna após sua vitória sobre as nações na batalha de Armagedom (Ap 19:11-21). Faz-se uma alegoria dessa vitória com o homem que pisa a uva no lagar. O primeiro milagre de Cristo na terra foi transformar água em vinho; sua última vitória antes de estabelecer seu reino na terra será pisar o lagar da sua ira. Por que Cristo derrotará as nações que tentaram destruir os judeus? Por causa de sua graça e fidelidade (vv. 7-9). Quando Isaías medita a respeito da bondade do Deus de Israel, apesar da rebelião desse povo, ele clama em oração pela purificação da nação (63:15—64:12). Ele anseia por ver o Senhor trabalhar em poder glorioso como fez em anos passados. O templo está pisado, e a nação o possuiu apenas por um breve tempo (63:18). Isaías menciona os pecados do povo: imundícia (64:5-6), indiferen-

ça (64:7) e obstinação (64:8). Jesus entrou em Jerusalém em paz, montado sobre um jumentinho. Quando vier pela segunda vez, ele o fará em uma cavalgada majestosa sobre um cavalo branco. E as nações saberão que o Príncipe da Paz também é um homem de guerra que julga o pecado e liberta seu povo.

V. Nascimento maravilhoso (65—66)

Deus descreve o que fará quando o reino for estabelecido sobre a terra. Ele lembra a nação de seus pecados (65:1-7) e repreende-a por anunciar sua salvação aos gentios (Rm 10:19-21). O Antigo Testamento prometeu salvação para os gentios, mas não revela que crentes judeus e gentios se tornarão um corpo, a igreja. A nação merece ser destruída, no entanto Deus a preservará (65:8). O remanescente crente herdará a terra, mas os descrentes serão mortos (65:9-17). Isaías 65:18-25 descreve as bênçãos que o reino terá quando Jerusalém se tornar o centro da terra. A vida será longa (65:20); a morte não será destruída até depois do reino milenar, quando Satanás, por fim, for julgado (Ap 20:7-14; 1 Co 15:26). O povo trabalhará em paz e com alegria e verá o fruto de seu trabalho. A natureza estará em paz (65:25; veja Rm 8:18-24). Como esse dia será glorioso! Em 66:7-9, temos o nascimento milagroso da nova nação.

Em 14 de maio de 1948, nasceu o Israel “político”, no entanto essa é uma nação incrédula. O “Israel de justiça” nascerá quando Jesus Cristo voltar, e esse povo o vir e crer nele. O período da tribulação será o “tempo de angústia para Jacó” (Jr 30:7), quando a nação “trabalhará” em dor. Será o tempo em que Deus purgará Israel, e um remanescente crente será separado para estabelecer o reino. Foram necessários anos de trabalho político para que o Israel atual se tornasse uma nação, contudo a nação nascerá em um dia, quando eles virem a Cristo. Isaías 66:7-9 anuncia o nascimento, e 66:10, a alegria do nascimento. Mas, em vez de o “bebê” ser cuidado pelos outros, Israel prove-rá bênçãos para as outras nações (66:11-12). E o Deus Jeová será a “mãe” da nova nação (66:13) e fará com que ela traga alegria e bênção para toda a terra.

Em 66:7, observe que, *antes do “parto” da tribulação*, a nação dará à luz Cristo. Veja Apocalipse 12:1-6. Assim, há dois nascimentos aqui: o nascimento de Cristo, o menino (66:7), e o da nação restaurada após a tribulação (vv. 8-9). Tenha em mente a seqüência dos eventos: (1) o arrebatamento da igreja (1 Ts 4:13-18); (2) o surgimento do anticristo (2 Ts 2); (3) a quebra, depois de três anos e meio, da aliança de sete anos feita entre o anticristo e os judeus

(Dn 9:27); (4) o derramamento da ira de Deus sobre a terra (Mt 24:15-28) para julgar os gentios e purificar Israel; (5) o retorno de Cristo à terra

com a igreja para derrotar as nações (Ap 19:11-21; Armagedom); e, depois, (6) o estabelecimento do reino milenar (Ap 20:1-6).

JEREMIAS

Esboço

Introdução — O chamado do profeta (1)

I. Nacional — Mensagens para Judá (2—33)

A. Condenação (2—24)

1. A nação em geral (2—20)

2. Os líderes em particular (21—24)

B. Cativo (25—29)

C. Restauração (30—33)

II. Pessoal — O sofrimento de Jeremias (34—45)

A. O cerco de Jerusalém (34—39)

B. Após o cerco, com o remanescente (40—45)

III. Internacional — Mensagens para as nações (46—51)

A. Egito (46)

B. Filístia (47)

C. Moabe (48)

D. Amom (49:1-6)

E. Edom (49:7-22)

F. Síria, Quedar, Elão (49:23-39)

G. Babilônia (50—51) (Jeremias menciona a Babilônia 151 vezes)

Conclusão — o cativo e a libertação do profeta (52)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. O homem

O nome "Jeremias" significa "aquele a quem Jeová aponta". Sem dúvida, sem a indicação de Deus, o profeta não poderia continuar a ministrar com fidelidade. Ele era de linhagem sacerdotal e vivia em Anatote, a cidade dos sacerdotes. Aparentemente, ele tinha fortuna pessoal, pois comprou bens imóveis e até contratou um escriba. Ele foi chamado para o ministério quando era apenas "uma criança" (1:4-6); isso se deu por volta de 627 a.C.

II. A época

Jeremias ministrou durante os últimos 40 anos da história de Judá, do 13º ano de Josias (627 a.C.) até a destruição de Jerusalém e depois desse evento (587 a.C.). Ele enumerou os reis durante cujos reinados serviu (1:1-3), os últimos líderes do anteriormente próspero reino de Judá. Josias era um rei piedoso e morreu em 608 a.C. Durante seu reinado, encontrou-se a Lei e restaurou-se a adoração no templo. A seguir, veio Jeoacaz, que reinou por apenas

três meses, por isso Jeremias não o menciona. Jeoaquim foi o próximo (608-597 a.C.), um homem ímpio que perseguiu Jeremias o máximo que pôde. Em Jeremias 36, ele é quem queima o pergaminho das profecias de Jeremias. Joaquim foi o próximo rei, contudo ele também reinou apenas três meses antes de ser levado cativo para a Babilônia. O último rei foi Zedequias (597-586 a.C.), que governou até a bancarrota da nação e a captura da cidade de Jerusalém. Assim, o profeta Jeremias viveu para ver sua nação amada cair em pecado, em guerra e em julgamento, mas, mesmo em meio a tudo isso, ele foi fiel em pregar a Palavra de Deus em todas as terras.

A Assíria era a principal força do mundo quando Jeremias iniciou seu ministério, mas o Egito e a Babilônia ganhavam força com rapidez. Em 607 a.C., a Babilônia tomou Nínive e acabou com o poder da Assíria. A seguir, a Babilônia focou seu interesse em Judá, e os "políticos" de Judá aconselharam o rei a pedir ajuda ao Egito. Jeremias sempre foi contra uma aliança com os egípcios. Ele sabia que a única esperança de Judá era o Senhor, todavia o pecado da nação era tão grande que ela perdeu a bênção de Deus. No fim, a Babilônia capturou Judá e tomou Jerusalém (606-586). Jeremias escreveu Lamentações em memória da morte da cidade santa.

III. A mensagem

A tarefa de Jeremias não foi fácil, pois ele teve de ouvir o dobrar dos sinos de finados por sua nação. A primeira parte do livro registra muitos sermões que fez em Jerusalém, nos quais denunciava o povo, os sacerdotes e os príncipes por seus pecados, em especial o pecado da idolatria. No capítulo 25, ele anuncia que o povo ficará cativo durante 70 anos e, depois, retornará para restabelecer a nação. O capítulo 31 apresenta suas profecias sobre a “nova aliança” entre Jeová e seu povo, não a aliança de lei e obras, escrita na pedra, porém uma aliança de amor e fé, escrita no coração. Nos capítulos finais, Jeremias trata das nações gentias ao redor de Judá e conta os planos de Deus para elas.

Uma das palavras-chave do livro é “apostasia” (2:19; 3:6,8,11-12,14,22; 49:4). A nação vira as costas ao Senhor e segue os falsos profetas que a levam à adoração de ídolos. O profeta fala em arrependimento, pelo menos, 11 vezes, porém a nação não se arrepende. Jeremias chora pela queda da nação, por sentir o peso da queda da nação. Veja 9:1; 13:17; 14:17; 15:17-18 e Lamentações 1:2; 2:11,18. Jeremias foi chamado de traidor, e seu povo o perseguiu por ter profetizado o cativo da nação e aconselhar os reis a se renderem à Babilônia. Nenhum

outro profeta do Antigo Testamento enfrentou mais oposição de falsos profetas que Jeremias (veja 2:8,26; 4:9; 5:31; 6:14; 14:13-16; 18:18; 23:9-40; 26:8-19; 27:9-16; caps. 28 e 29). O Senhor teria libertado Judá da Babilônia, se este tivesse se voltado para ele e se arrependido. Como a nação persistiu no pecado, teve de ser disciplinada; porém, a seguir, o Senhor prometeu restaurar a nação “por causa do seu nome”.

Jeremias usou muitas imagens dramáticas para transmitir suas mensagens: mananciais e cisternas (2:13); médico (8:22); cinto ou faixa “inútil” (13:1-11); um vaso de barro (caps. 18—19); jugo (cap. 27); jogar um livro no rio (51:59-64).

IV. Jeremias e Jesus

São dignas de nota as similaridades entre Jeremias e Jesus Cristo. Nenhum deles casou (16:2), os dois foram rejeitados pelas próprias cidades (11:21 e 12:6 paralelos a Lc 4:16-30). Jeremias ministrou sob a sombra ameaçadora da Babilônia; Jesus, sob a sombra de Roma. Os dois foram considerados traidores pelo povo. Jeremias sofreu oposição perversa dos falsos profetas; Jesus, dos escribas e dos fariseus, os líderes falsos da época dele. Os dois choraram por causa de Jerusalém e predisseram a ruína dela. Jeremias reuniu poucos discípulos a sua volta; Jesus tinha poucos seguidores.

Os dois foram presos sob falsas acusações e perseguidos. Os dois enfatizavam a religião de coração, não simplesmente as formas exteriores e cerimônias. Jesus citou Jeremias 7:11 quando purificou o templo e disse aos sacerdotes que não o transformassem num “covil de salteadores”. Os dois enfatizavam a nova aliança escrita no coração (Jr 31:31-37;

Hb 8:7ss). Os dois usavam imagens e comparações contundentes na pregação. Os dois tinham coração brando e compassivo que foi esmagado pela perversidade da nação, que devia obedecer à Palavra de Deus. No fim, parecia que os dois tinham fracassado na vida e no ministério, no entanto o Senhor honrou-os e tornou a obra deles bem-sucedida!

JEREMIAS 18–19

No capítulo 18, o profeta vai à casa do oleiro e observa-o moldar o barro, enquanto no capítulo 19 ele pega uma botija de barro pronta e quebra-a no vale de Hinom. O primeiro evento retrata a graça de Deus; o segundo, o julgamento dele. Quando refletimos a respeito do oleiro e do barro, vemos uma imagem de nossa vida e relacionamento com o Senhor. Cada objeto tem um significado.

I. Deus é o oleiro

A. A pessoa

Nossa vida não está nas mãos de alguma “força” invisível ou de um “destino” secreto, pois está nas mãos de uma Pessoa — o Deus Todo-Poderoso. O Senhor não é apenas nosso Criador; ele é nosso Pai e tem uma preocupação pessoal com nossa vida. Ele é o Oleiro. Veja Isaías 64:8.

B. O poder

O barro não se molda sozinho; apenas Deus tem o poder para guiar nossa vida. Em 18:6-10, ele deixa claro sua soberania sobre todas as pessoas. Não somos abençoados se discutimos com ele ou tentamos dizer-lhe o que deve fazer; veja Romanos 9:20-24. Isso não quer dizer que Deus seja culpado pelos peca-

dos dos homens ou pelos fracassos das nações.

C. O plano

O oleiro tem um plano perfeito para o barro, em sua mente; ele vê o produto final. Deus tem um plano perfeito para nossa vida (Rm 12:1-2; Ef 2:10; Fp 1:6). Não conseguimos ver o produto final, mas ele garante-nos que é maravilhoso (1 Co 2:9).

D. A paciência

O oleiro trabalha com paciência o barro, modela-o com ternura. Deus dirige pacientemente nossa vida, procurando realizar sua vontade. Com freqüência, ele usa as mãos de outros para ajudar a modelar-nos — pais, professores, companheiros cristãos e, até mesmo, aqueles que nos perseguem. É necessário tempo para fazer um produto que valha a pena, e o Senhor está disposto a esperar o tempo necessário.

II. Nós somos o barro

Claro que na mensagem de Jeremias o povo de Judá representa o barro, porém não erramos ao aplicar isso à nossa vida pessoal. Os cristãos são os vasos que Deus modelou para conter os tesouros do evangelho (2 Tm 2:19-21; 2 Co 4:7; At 9:15). Os seres humanos são feitos de barro; barro é pó misturado com água. Nós somos pó (Sl 103:14), contudo a água do Espírito de Deus deu-nos

vida por meio da fé em Cristo. O barro em si mesmo não tem muito valor, mas torna-se valioso se moldado pelas mãos certas e pelos propósitos certos. Ninguém pode calcular o imenso potencial da vida de um indivíduo.

A qualidade mais importante do barro é que ele se entrega. Se não se entregar às mãos do oleiro, ele se estraga. O barro não pode se moldar sozinho; precisa do oleiro. Não há cristão “feito por si mesmo” dentro da vontade do Senhor. Quando dizemos que o barro não molda a si mesmo, não sugerimos que as pessoas não participam do cumprimento da vontade de Deus. Não somos inativos, ou resignados, um mero bloco de barro nas mãos do Senhor. Deus quer que cooperemos com ele quando oramos, meditamos, obedecemos à vontade dele e nos entregamos ao seu toque terno.

III. A vida é a roda

O oleiro gira a roda e apenas ele controla a velocidade dela. Como cristãos, nossa vida não é controlada pelo acaso ou pela sorte, mas por Deus. Ele determina as circunstâncias da vida que nos moldam. Foi o Senhor que fez com que José fosse para o Egito a fim de ser preparado para governar. Às vezes, questionamos as circunstâncias de nossa vida e pensamos que Deus foi injusto conosco; porém, um dia, perceberemos

a verdade de Romanos 8:28 e concordaremos que todas as coisas *cooperam* para o nosso bem. A coisa mais importante a respeito da roda não é seu tamanho (algumas vidas são mais curtas que outras), mas seu centro. Se a roda estiver “centrada”, então tudo está em equilíbrio. Cristo é o centro da vida do cristão dedicado (Mt 6:33).

IV. A desobediência é o defeito

Seria maravilhoso se o barro sempre se entregasse às mãos do oleiro, mas isso não acontece. O profeta viu o vaso defeituoso. O oleiro jogou fora o barro e reiniciou o trabalho com outro bloco de barro? Não, ele refez o vaso com o mesmo barro. Isso é um retrato da rebelião do homem e de sua restauração por meio da graça de Deus. Por que o barro estava defeituoso? Porque queria seguir seus próprios projetos (veja 18:11-12). Estragamos, muitas vezes, nossa vida ao fazer nossos planos independentemente da vontade do Senhor. Se ao menos pudéssemos ver o produto final que ele planejou, nunca lhe desobedeceríamos. Infelizmente, achamos que sabemos mais sobre a vida que ele.

Deus é gracioso em perdoar-nos e “fazer-nos de novo”. Às vezes, ele é obrigado a usar provações difíceis a fim de conseguir que nos entreguemos a ele. Ele gastou 20 anos moldando Jacó, que, no fim,

tornou-se um vaso útil. Deus deu uma segunda chance a Davi, Jonas e Pedro, depois que eles apresentaram defeitos. Primeira João 1:9 é uma bela promessa de perdão, porém não é uma desculpa para a desobediência.

V. As provações são o forno

Jeremias não menciona o forno do oleiro, porém ele tinha de estar lá. Nenhum vaso tem qualquer utilidade até passar pelo forno. O calor enrijece e embeleza o barro e aumenta sua utilidade e valor. A vida tem de ter seus fornos. Jó passou pelo forno da dor (Jó 23:10), e 1 Pedro 4:12ss fala a respeito do “fogo ardente” da perseguição. Os três rapazes hebreus fiéis entraram no forno e descobriram que o Oleiro estava com eles. O Senhor sabe exatamente quanta provação podemos suportar (1 Co 10:13). Os cristãos que levam vidas protegidas fora do forno do Senhor perdem muitas bênçãos de sua graça que os que estão dispostos a sofrer com Cristo e pôr ele recebem. Quando as provações cruzam nosso caminho, devemos entregar-nos ao Oleiro e deixar que ele trabalhe em nossa vida da sua forma.

VI. A quebra do vaso é o julgamento

Em 19:1-13, Jeremias vai ao vale dos filhos de Hinom, um lugar que os judeus reservaram para a adoração de ídolos. Nesse local, foram come-

tidos alguns dos piores pecados da história judaica; veja 7:31. Escrevia-se o nome “filho de Hinom” como *Geh Hinnóm* (“vale de Hinom”), que, por fim, no grego tornou-se *geenna*, o nome que o Novo Testamento usa para inferno. O rei Josias transformou esse lugar de idolatria no depósito de lixo de Jerusalém (2 Rs 23:10). Que imagem horrível, a do inferno — o eterno depósito de lixo do universo! Dessa vez, o profeta pega um vaso pronto e faz um sermão de julgamento quando o levanta diante dos anciãos da terra. “Porquanto me deixaram e profanaram este lugar, queimando nele incenso a outros deuses [...]. Por isso, eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que este lugar já não se chamará Tofete (queima ou sujeira), nem vale do filho de Hinom, mas o vale da Matança. [...] Eis que trarei sobre esta cidade e sobre todas as suas vilas todo o mal que pronunciei contra ela, porque endureceram a cerviz, para não ouvirem as minhas palavras.” A seguir, ele quebrou o vaso — e não havia conserto possível. Veja os versículos 10-11. A vida de um indivíduo ou de uma nação pode chegar ao “ponto sem retorno”. Se o barro endurece, não pode mais ser moldado. Como é importante que nos entreguemos logo a Cristo. Sansão recusou a entregar-se, e Deus teve de quebrar o vaso. “Há pecado para morte” (1 Jo 5:16).

Deus quer que sejamos vasos úteis. O vaso não cria nada, apenas recebe, contém e compartilha. Nós recebemos as bênçãos dele e as compartilhamos com os outros. Tudo que o Senhor pede é que estejamos disponíveis, puros e vazios. Em 2 Timóteo 2:19-21, Paulo adverte-nos de

que devemos nos afastar do pecado. Se formos muito cheios de nós mesmos, Deus não pode encher-nos, e, se não formos cheios do Espírito, não temos nada para compartilhar com os outros. Que o Senhor permita que sejamos vasos que o honram e se ajustam ao uso que o Mestre precisa.

JEREMIAS 36; 45

Jeremias já pregava há mais de 20 anos quando esses eventos aconteceram. O Egito acabara de ser derrotado pela Babilônia, o que arruinou a “política externa” do rei Jeoaquim. O profeta sabia que, um dia, a Babilônia tornaria Judá cativo, mas ele ainda ansiava ver seu povo arrependido. Isso faz com que um servo devoto continue a ministrar mesmo quando a situação parece sem esperanças.

I. A inspiração da Palavra (36:1-4)

Até esse momento, o ministério de Jeremias era oral. Ele pregou nos pátios do templo e tentou despertar a nação desobediente. Todavia, Deus queria as mensagens de Jeremias escritas de forma permanente como parte de sua Palavra. Os versículos 17-18 mostram como isso foi feito: o Senhor falava para o profeta; Jeremias ditava as palavras para seu secretário, Baruque; e este escrevia-as no livro. Baruque escreveu as revelações de Deus que nenhum ser humano poderia descobrir por si mesmo. A Bíblia é a revelação do Senhor para a humanidade. As verdades que estão nela não poderiam ser descobertas pela mente humana. A Bíblia é o livro do: “Assim diz o SENHOR”.

Inspiração é a palavra que usamos para descrever como a Bíblia

foi escrita. Segunda a Timóteo 3:16 afirma: “Toda a Escritura é inspirada por Deus”. Isso significa que a Bíblia é “soprada pelo Senhor”; ela não é produto da mente humana. “Homens *santos* falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:21). O mundo fala que os bons escritores são “inspirados”, mas não é esse o sentido de “inspiração” que a Bíblia foca. Shakespeare foi um escritor inspirado, conforme o padrão humano de magnificência. Seus escritos, no entanto, não foram inspirados por Deus, como a Bíblia o foi. O Espírito do Senhor falou por intermédio dos homens separados por ele a fim de dar-nos a Palavra de Deus. Ele não ignorou a personalidade deles, ou transformou-os em “robôs”. Assim, cada escritor da Bíblia revela sua personalidade pessoal em seus relatos. No entanto, o que escrevem é a Palavra final, completa e autorizada do Senhor. Você pode acreditar na Bíblia.

II. A proclamação da Palavra (36:5-10)

Ao comparar os versículos 1 e 9, ficamos com a impressão de que a escrita desse livro durou, no mínimo, um ano. Aparentemente, o povo, para conseguir a ajuda de Deus contra a Babilônia, pediu um dia especial de jejum. O rei concordou com esse pedido, embora os eventos posteriores mostrem que ele não tinha respeito por Deus ou pela Pa-

lavra do Senhor. Ele era como muitos líderes políticos que seguem as “práticas religiosas” nacionais, mas pessoalmente rejeitam a Cristo e a Palavra. Baruque proclamou a Palavra ao lê-la para as pessoas que jejuavam no templo. Jeremias estava preso, mas a Palavra de Deus não pode ser algemada (2 Tm 2:9; veja 2 Ts 3:1-2). Baruque precisou de coragem para fazer isso, já que Jeremias não era popular na cidade.

Deus ordenou que sua Palavra seja propagada pela pregação e pelo ensino. Com certeza, há espaço para a literatura bíblica e a distribuição de folhetos, mas é a pregação da Palavra que o Senhor abençoa de forma especial. O Senhor usa a Palavra para conscientizar as pessoas de seus pecados, trazê-las ao arrependimento honesto e, a seguir, assegurá-las da salvação (v. 3). Baruque tentava advertir Judá de buscar refúgio nos braços misericordiosos do Senhor, pois o julgamento estava próximo. Hoje, tentamos ganhar pessoas para Cristo, porque a ira de Deus já está sobre elas (Jo 3:36).

III. A preservação da Palavra (36:11-32)

É interessante ver as diferentes formas como as pessoas respondem à Palavra de Deus. Micaías ouviu Baruque ler a Palavra no templo diante da câmara do escrivão, Gemarias, seu pai. Micaías sentiu-se

incitado pela Palavra e imediatamente compartilhou-a com os outros líderes da nação. Eles mandaram chamar Baruque, que leu a Palavra pela segunda vez. Os príncipes ficaram atemorizados (v. 16). Alguém tinha de transmitir a mensagem ao rei.

O rei Jeoaquim era um homem ímpio que conseguiu o trono rendendo-se ao Egito (2 Rs 23:31—24:7). Ele já matara um profeta de Deus, Urias (Jr 26:20-24), e, com certeza, não era amigo de Jeremias. Todavia, o rei consentiu em ouvir a leitura depois de sentar-se confortavelmente em sua casa de inverno. Ele deveria estar no templo, humilhando-se diante de Deus. Como Deus foi gracioso em trazer a Palavra até ele em um momento em que precisava dela! Contudo, quando Jeudi leu o livro, o rei cortou-o em pedaços de propósito e jogou-o no fogo que havia no braseiro. Não havia temor ao Senhor em seus olhos. Três líderes protestaram (v. 25), mas o rei não lhes deu ouvidos. O rei, em vez de se entregar à Palavra, resistiu a ela e tentou prender e matar Jeremias e Baruque.

Há séculos, pessoas ímpias atacam a Bíblia, no entanto ela permanece firme. Jeremias escreveu uma nova cópia de seu livro, portanto a atitude do rei foi em vão. Ainda temos as profecias de Jeremias, mas o rei Jeoaquim virou pó há muito tem-

po. Os homens e as mulheres que amam o pecado opõem-se à Bíblia porque ela expõe os pecados deles e adverte-os da ira que virá. Em 303 d.C., o imperador Diocleciano caçou as cópias da Palavra do Senhor e queimou-as. Depois, erigiu um monumento em que mandou gravar a seguinte frase: "O nome cristão está extinto". Vinte anos depois, Constantino tornou o cristianismo a religião oficial de Roma e devolveu a Bíblia ao povo. Pessoas que odiavam a verdade perseguiram Wycliffe porque ele traduziu a Bíblia para o inglês; Tyndale foi queimado sobre um monte de palha, porém a Bíblia ainda está aqui. Deus preserva sua Palavra. "Para sempre, ó SENHOR, está firmada a tua palavra no céu" (Sl 119:89). "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Mt 24:35). A pessoa que constrói sua vida sobre a Bíblia, constrói-a sobre fundação firme.

Jeremias, em sua nova cópia, acrescenta um julgamento especial para o rei. Jeoaquim pensou que destruiria a Palavra, mas a Palavra destruiu-o. Ele teve uma morte horrível e não deixou herdeiro para o trono (v. 30). Veja Jeremias 22:18-19. Seu filho, Joaquim, subiu ao trono após a morte do pai, mas ficou no poder apenas três meses antes de ser levado cativo para Babilônia (2 Rs 24:6-12). Como Jeremias profetizou, a

Babilônia capturou Judá. O cumprimento das profecias é uma das maiores evidências da inspiração divina da Bíblia.

IV. O conforto da Palavra (45)

Esse capítulo registra a reação de Baruque aos eventos do capítulo 27. Ele participou da escrita da Palavra, porém teve de se esconder para salvar sua vida. Ele, em vez de ser honrado por sua fidelidade, foi forçado a sofrer perseguição. Que decepção!

Com certeza, alguns amigos do rei ofereceram a Baruque um "bom trabalho" na equipe do rei, já que sem dúvida alguma ele era um escriba bem-dotado. Seu irmão, Seraías, era o camareiro-mor do rei (32:12; 51:59). Por que identificar-se com um pregador odiado como Jeremias quando poderia ser um secretário benquisto do rei? Deus conhecia o coração de Baruque e falou a respeito disso com Jeremias. O Senhor perguntou a Baruque: "E procuras tu grandezas? Não as procures", pois não há futuro na terra de Judá; Babilônia virá e destruirá a cidade e a terra. Se Baruque tivesse deixado Jeremias e a Palavra por uma "posição confortável" junto ao rei, teria perdido tudo. No decorrer dos eventos, Deus protegeu a vida dele e usou-o para o seu serviço.

Em épocas de perseguição e de oposição, não é fácil manter-se fiel

à Palavra. Paulo escreveu: "Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou" (2 Tm 4:10). E o próprio Paulo, como Jeremias e Baruque, sofreu perseguição e teve problemas por causa da Palavra (2 Tm 2:8-9); todavia, no fim de sua vida, ele podia dizer: "Guardei a fé".

Como você trata a Palavra de Deus? Você a põe na estante (36:20)? Você a corta em pedaços como fazem os "críticos modernos" da Bíblia? Você tenta destruí-la? Ou você se inclina diante dela e obedece a suas verdades? "Por isso, tenho por, em tudo, retos os teus preceitos todos e aborreço todo caminho de falsidade" (Sl 119:128).

LAMENTAÇÕES

Não apresentaremos esboço para esse livro. Trata-se de uma coletânea de “poemas fúnebres” que registram a destruição de Jerusalém e do templo. Ele foi escrito na forma de acróstico: nos capítulos 1, 2, 4 e 5, cada um dos 22 versículos inicia-se com as sucessivas letras do alfabeto hebraico; no capítulo 3, a letra foi posta a cada três versículos. Nenhum outro livro da Bíblia revela, como esse, o sofrimento do coração de Deus com o pecado. Veja Jeremias 13:17 e Mateus 23:36-38.

LAMENTAÇÕES 1-5

Essa é uma coletânea de cinco “lamentações” ou “hinos fúnebres”, um memorial à queda de Jerusalém ante a Babilônia, em 586 a.C. Jeremias testemunhou esse acontecimento trágico. Seu coração partiu-se quando viu Jerusalém e o templo destruídos, as pessoas mortas, e os prisioneiros levados em cativo para a Babilônia. Ao longo do livro, vemos o pranto do profeta. Aprendemos, com esse livro, cinco lições importantes a respeito de Deus e sua vontade.

I. A terribilidade do julgamento de Deus (1:1-6)

Esses versículos comparam Jerusalém a uma princesa ou rainha que foi abandonada de repente e de quem roubaram todas as riquezas e a beleza. Ela foi plena; agora, está vazia. Ela foi honrada; agora, está desgraçada. As lágrimas substituíram sua alegria, suas grandes vitórias perderam-se na derrota. Por quê? Em vez de amar Jeová, ela teve muitos “amantes” (v. 2, NVI) e cortejou os deuses falsos das nações pagãs. Agora, as nações inimigas tornaram-se suas inimigas.

O pecado sempre traz sofrimento e tragédia. No capítulo 2, Jeremias explica que Deus não era mais amigo da nação, mas inimigo. Outrora, ele lutou as guerras do

povo, mas agora era muito tarde. Leia a triste descrição da mulher faminta comendo o próprio filho (2:20; 4:10; e veja Jr 19:9). Jerusalém perdeu não apenas sua alegria, riqueza e beleza, mas também seu testemunho. Todos os pagãos riem dela (2:15-16). Sem dúvida, isso se aplica aos cristãos de hoje: a disciplina de Deus por apostasia não é uma experiência fácil. O pecado sempre traz perda para o pecador.

II. A justiça da ira de Deus (1:18-22)

O profeta clama que o povo está colhendo o que plantou. O julgamento horrível é apenas o que a cidade e a nação merecem. “Não obedecestes à voz do SENHOR.” A rebelião sempre traz disciplina; veja Hebreus 12:1-14. Por que Deus permitiu que seu povo caísse cativo? Para ensiná-lo a crer nele e a obedecer à sua Palavra. No versículo 19, Jeremias chama os criadores de problema de “amigos”, ou seja, os deuses falsos e as nações pagãs em que Judá confiou quando teve problema; bem como os falsos profetas e sacerdotes que ensinaram mentiras e deram uma falsa confiança para a nação. Não há esperança para a nação que não ouve à verdade da Palavra do Senhor.

O que o povo pode fazer? Nada além de entregar-se à mão disciplinadora de Deus e confiar em sua misericórdia (1:22). Confessar o pe-

cado é melhor que a rebelião contínua contra o Senhor. Já era muito tarde para que Deus cancelasse a invasão; porém, com certeza, ele veria o arrependimento de seu povo e começaria a trabalhar em favor dele, até mesmo enquanto estivesse no cativeiro.

III. A exatidão da Palavra de Deus (2:17)

“Fez o SENHOR o que intentou; cumpriu a ameaça que pronunciou.” Durante 40 anos, Jeremias advertiu o povo de que seus pecados trariam julgamento, todavia a nação não deu atenção a ele. As pessoas não querem ouvir a verdade, preferem as “visões falsas e absurdas” dos falsos profetas (2:14). Jerusalém riu de Jeremias, perseguiu-o e até tentou matá-lo, mas, no fim, Deus honrou seu servo, e suas palavras tornaram-se verdade. Leia Jeremias 4:5-10 para verificar sua mensagem de advertência. A descrição da crença da nação em mentiras encontra-se em Jeremias 5:30-31. A passagem soa muito contemporânea. Jeremias 6:13-14 compara os falsos profetas com médicos que afastam os sintomas, mas não curam a doença. Veja 8:11,21-22. Em 23:9ss, Jeremias explica o que acontece quando as pessoas rejeitam a verdade da Palavra de Deus e acreditam nas mentiras dos homens. No entanto, a verdade da Palavra do Senhor

permanecerá, exatamente como aconteceu na época de Jeremias. Já chegou o tempo em que as pessoas não suportam a “sã doutrina”; ao contrário, querem pregadores que cocem seus ouvidos e entretenha-os com mensagens de afirmações falsas (2 Tm 4:1-5). Sem dúvida, Deus julgará este mundo, apesar do que digam os falsos profetas.

IV. A brandura do coração de Deus (1:12-16)

Com certeza, Jeremias revela-nos o coração partido de Jeová pelos pecados de seu povo. O julgamento é a “obra estranha” de Deus (Is 28:21); ele a faz com tristeza. Mesmo quando disciplina seu povo, ele está com ele em seu sofrimento (Is 63:9). “O SENHOR repreende a quem ama.” As lágrimas de Jeremias lembram-nos que o Senhor ama os seus, mesmo que se rebelem, e que esse amor não muda. Jeremias pergunta às pessoas que caminham pelas ruínas: “Não vos comove isto, a todos vós que passais pelo caminho?”. Nesse versículo, podemos ouvir a voz de Jesus Cristo enquanto estava pendurado na cruz pelos pecados do mundo. Você se lembra de que ele chorou por causa de Jerusalém e de seu julgamento por vir?

Deus, em amor, advertiu o povo a respeito de seus pecados e de seu julgamento iminente. Na verdade, o Senhor, desde a época de Moisés,

advertia Israel de que não seguisse deuses falsos (veja Lv 26 e Dt 28). Ele, por amor, enviou os profetas para adverti-lo (2 Cr 36:15-17), porém o povo não ouviu. Agora, o Senhor, por amor, disciplina-o a fim de ensinar-lhe as lições que não aprenderiam de outra forma.

V. A fidelidade da misericórdia de Deus (3:18-36)

Aqui, no cerne desse livro encontramos a mais excelente confissão de fé da Bíblia. Jeremias estivera voltado para o seu sofrimento e o do povo; no entanto, agora, ele levanta os olhos para o Senhor — e esse foi o ponto crítico. Em meio à ruína e ao sofrimento, ele lembra-se da misericórdia do Senhor. “Suas misericórdias não têm fim.” Nós falhamos com ele, mas ele não falha conosco. “Grande é a tua fidelidade.”

Em épocas em que o coração nos falha por causa do temor, a fidelidade do Senhor é um encorajamento imenso. Se você constrói sua vida sobre as pessoas, ou as coisas deste mundo, então não tem esperança nem segurança; porém, se a constrói sobre Cristo, o Fiel, está seguro para sempre. Ele é *fiel para disciplinar* (Sl 119:75); Lamentações também ensina essa lição. O Senhor quer trazer-nos ao arrependimento e à confissão (Lm 3:39-41). Ele é *fiel para perdoar* quando confessamos

nossos pecados (1 Jo 1:9). Ele é *fiel para nos socorrer*, quando temos fardos e problemas (Hb 2:17-18; 4:14-16). Não precisamos temer que ele esteja muito ocupado para escutar ou muito cansado para ajudar. Ele é *fiel para nos livrar* quando pedimos ajuda contra a tentação (1 Co 10:13). Ele é *fiel para nos manter* nesta vida e na eterna (1 Tm 1:15; 1 Ts 5:23-24). Podemos entregar nossa vida e alma nas mãos fiéis do Criador (1 Pe 4:19) e saber que ele fará bem todas as coisas.

Deus, em sua misericórdia, poupou um remanescente de Judá, protegeu-o e abençoou-o durante os anos de cativo e, depois, permitiu que retornasse à sua terra. Ele capacitou-o para reconstruir o templo e protegeu-o das nações pagãs que odiavam os judeus. Como Deus foi misericordioso com seu povo! Como ele é misericordioso conosco hoje!

Em épocas de turbulência, precisamos imitar Jeremias, que tirou os olhos de si mesmo e levantou-os para o Senhor e esperou nele com paciência e fé (3:24-26). Com freqüência, olhamos para nós mesmos e para os nossos problemas e ficamos tão desencorajados que desistimos. Em vez de fazer isso, devemos olhar “firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus” (Hb 12:1-2) e deixar que ele nos ajude. É difícil esperar no Se-

nhor. Nossa natureza caída anseia por atividade, e, em geral, o que fazemos apenas piora as coisas. Jeremias esperou no Senhor, confiou na misericórdia dele e dependeu da fidelidade dele. Ele conhecia a

verdade de Isaías 40:31: “Mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam”.

EZEQUIEL

Esboço

- I. A ordenação do profeta (1—3)
- II. A condenação de Judá (4—24)
 - A. A desobediência da nação (4—7)
 - B. A glória passada (8—11)
 - C. A nação é disciplinada (12—24)
- III. A condenação das nações gentias (25—32)
- IV. A restauração do povo de Deus (33—48)
 - A. Ele retorna para sua terra (33—36)
 - B. Ele vivencia vida nova e união (37)
 - C. Ele é protegido de seus inimigos (38—39)
 - D. Ele adora o Senhor de forma satisfatória (40—48)

EZEQUIEL 1—36

Em 606 a.C., a Babilônia inicia a primeira de uma série de deportações dos judeus. Daniel estava nesse grupo. No segundo grupo (597 a.C.), estava o jovem Ezequiel, na época com cerca de 25 anos. Foi levado para Tel-Abibe, perto do rio Quebar (3:15). Ele tinha uma casa própria em que vivia com sua amada esposa (8:1; 24:16ss). Após cinco anos de sua ida para Tel-Abibe (592 a.C.), o Senhor chamou Ezequiel, que estava com 30 anos, para ser seu profeta. Isso aconteceu cinco anos antes da destruição de Jerusalém, em 586. Portanto, enquanto Jeremias ministrava às pessoas que voltavam para casa, Ezequiel pregava para os judeus que estavam no cativeiro na Babilônia. Ezequiel, como Jeremias, era um sacerdote que foi chamado para ser profeta.

Podemos dividir o relato de Ezequiel em três seções, após o chamado do profeta em 1—3: (1) Deus julga Jerusalém (4—24); (2) o Senhor julga as nações vizinhas (25—32); e (3) a restauração dos judeus no reino (33—48). Os capítulos 1 a 24 são anteriores ao cerco de Jerusalém; os de 25 a 32 são do período do cerco; e os de 33 a 48, após o cerco. Embora o profeta estivesse distante, na Babilônia, podia ver o que se passava em Jerusalém por intermédio do poder do Espí-

rito de Deus. Ezequiel não apenas proclamou a mensagem de Deus para o povo, mas também teve de viver essa mensagem diante dele. O Senhor ordenou que ele fizesse uma série de atos simbólicos a fim de chamar a atenção do povo: representar uma guerra (4:1-3); deitar sobre seu lado durante certo número de dias (4:4-17); raspar o cabelo e a barba (5:1-4); agir como se estivesse fugindo da guerra (12:1-16); sentar e suspirar (21:1-7); e, a mais difícil de todas, a morte da esposa dele (24:15-27). Não era fácil ser profeta.

I. A glória revelada (1—3)

Ezequiel (“Deus é fortaleza”) era um sacerdote em cativeiro (1:1) e, por isso, estava impossibilitado de exercer o ministério, já que estava longe do templo e do altar sagrado. Contudo, Deus abriu os céus para ele e chamou-o para ser profeta. Ele estava no cativeiro havia cinco anos quando foi chamado. Os sacerdotes iniciavam o ministério aos 30 anos (Nm 4:3). Leia Salmos 137 para uma descrição do estado espiritual dos cativos. Jeremias dissera-lhes que ficariam no cativeiro por 70 anos, mas os falsos profetas disseram ao povo que o Senhor destruiria a Babilônia e o livraria (leia Jr 28—29). Coube a Ezequiel a tarefa de dizer aos judeus que o Senhor *destruiria* Jerusalém, não a Babilônia, porém

um dia o povo seria restaurado de forma gloriosa, e o templo, reconstruído.

Esse livro usa cerca de 50 vezes esta frase, ou variações dela: "Veio expressamente a palavra do SENHOR". É maravilhoso saber que a voz do Senhor nunca está longe das pessoas de Deus, se elas quiserem escutá-la. João ouviu a Palavra quando estava exilado em Patmos (Ap 1:9ss), e Paulo recebeu a Palavra quando estava na prisão. O que Ezequiel viu naquele dia?

A. O vento tempestuoso (1:4)

Isso simboliza o julgamento de Deus sobre Jerusalém; a Babilônia estava saindo do norte. A nuvem "com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela" referia-se à destruição de Jerusalém.

B. Os querubins (1:5-14)

Essas criaturas simbolizam a glória e o poder de Deus. Elas podiam olhar para todas as direções e mover-se em todas as direções sem ter de virar-se. As quatro faces falam de suas características: a inteligência do homem; a força e a coragem do leão; a fidelidade e o serviço do boi; e a divindade da águia. Algumas pessoas vêm nessas quatro faces os quatro Evangelhos: Mateus (leão — rei); Marcos (boi — servo); Lucas (homem — Filho do Homem); João (águia — Filho de Deus do céu).

As criaturas podiam mover-se com rapidez para cumprir a vontade do Senhor.

C. As rodas (1:15-21)

Cada criatura estava associada a um conjunto de rodas, duas em cada conjunto. As rodas de cada conjunto não eram paralelas uma à outra, da mesma forma que o aro e o centro da roda de uma bicicleta também não o são; antes, pareciam estar uma dentro da outra, como a ponta de giroscópio. As rodas giravam constantemente e, uma vez que estavam voltadas para as quatro direções, podiam seguir em qualquer direção sem virar-se, da mesma forma que os querubins. Elas "eram cheias de olhos ao redor" (v. 18), retratando a onisciência de Deus enquanto governa sua criação (Pv 15:3), e os movimentos das rodas e dos querubins coincidiam, "andando os seres viventes, andavam as rodas ao lado deles; elevando-se eles, também elas se elevavam". Tudo isso fala a respeito do trabalho constante do Senhor no mundo, de seu poder e glória, sua presença em todos os lugares, seu propósito para os homens e sua providência. O mundo estava cheio de terror e vicissitudes, mas Deus estava em operação.

D. O firmamento (1:22-27)

Acima das rodas e dos querubins, havia "algo semelhante ao firma-

mento”, acima do qual havia o trono de Deus. O Senhor ainda está no trono, e seu desejo se cumpre neste mundo mesmo que nem sempre percebamos isso. Os movimentos complexos das rodas e dos querubins mostram como a providência de Deus no universo é intrincada; apenas ele pode entender isso, apenas ele controla isso. Contudo, a harmonia e a ordem são perfeitas.

E. O arco-íris (1:28)

Havia um arco-íris na tempestade. Sem dúvida, isso garantiu a Ezequiel que a misericórdia e a aliança do Senhor não faltariam ao seu povo. Gênesis 9:11-17 apresenta o arco-íris como um sinal de misericórdia; veja também Apocalipse 4:3 e 10:1.

Noé viu o arco-íris após a tempestade; o apóstolo João o viu antes da tempestade, porém Ezequiel o viu na tempestade. Toda essa visão da glória do Senhor mostra Deus em operação no mundo, julgando os pecados de seu povo, contudo ainda cumprindo sua aliança de misericórdia. Ezequiel teve um colapso como resultado dessa visão (1:28). Mas Deus o pôs de pé, chamou-o para ser um atalaia, alimentou-o com a Palavra (veja Jr 15:16; Jó 23:12; Mt 4:4; Ap 10:9) e encheu-o com o Espírito. Nesse livro, encontramos 70 vezes a frase, ou variações dela: “Saberão que eu sou o

SENHOR”; e ela resume o ministério e a mensagem de Ezequiel.

II. A glória removida (8-11)

Após um ano, Deus deu outra visão a Ezequiel, dessa vez dos pecados do povo quando voltasse a Jerusalém. A glória apareceu de novo (8:2), e o Senhor, em uma visão, levou o profeta até a cidade santa. Lá ele teve uma visão quádrupla dos pecados do povo: (1) surgiu uma imagem na porta norte do templo, provavelmente de Astarte, a infame deusa babilônica, a “imagem dos ciúmes” (8:5); (2) adoração pagã secreta nos recintos secretos do templo (8:6-12); (3) mulheres judias chorando ao deus Tamuz, que supostamente morria e ressuscitava toda primavera (8:13-14); e (4) o sumo sacerdote e 24 homens adorando o sol (8:15-16). Será que é de espantar que Deus planejasse destruir a cidade?

A glória de Deus não podia permanecer em um lugar perverso como esse. A glória do Senhor foi ao templo (8:4), mas, em 9:3, ela moveu-se para a entrada do templo. Agora, o trono de glória estava vazio. Ele se tornaria um trono de julgamento. No capítulo 9, o servo de Deus faz uma marca de proteção no remanescente de crentes fiéis a fim de que não fosse morto no julgamento por vir. A seguir, em 10:4, a glória do Senhor move-se para cima da entrada da casa e para lá antes de o

juízo cair. Em 10:18, a glória moveu-se com o querubim para fora da entrada da casa e parou à entrada da porta oriental do templo (v. 19), e, por fim, em 11:22-23, a glória saiu do templo e pôs-se sobre o monte das Oliveiras. “Mas chamou ao menino Icabô, dizendo: Foi-se a glória de Israel” (1 Sm 4:21).

Por que a glória do Senhor foi removida? Porque Deus não pode dividir sua glória com outro deus. Os ídolos e os pecados do povo afastaram o Senhor. As pessoas podiam não ver seus pecados, mas Deus viu e julgou-os. Portanto, o Senhor removerá sua glória e sua bênção de nossa vida, a não ser que sirvamos a ele fielmente, com coração honesto e puro.

III. A glória restaurada (43:1-12)

Nos capítulos 40—48, o profeta vê a futura restauração e glória de Israel no reino. Ele descreve a cidade restaurada e o templo mais magnífico que qualquer coisa que Israel já viu. Ele vê a glória de Deus retornar

ao templo (43:1-6). Observe que a glória retorna pelo mesmo caminho que usou para partir. Claro, Jesus Cristo é a glória do Senhor e trará de volta à nação de Israel a glória de Deus. Sem dúvida, a Palavra profetizada nos capítulos 40—48 não se cumpriu quando os judeus retornaram à sua terra depois do cativeiro, portanto haverá um cumprimento futuro quando Jesus retornar para reinar na terra.

Deus está preocupado com sua glória. Devemos glorificar ao Senhor em nosso corpo (1 Co 6:19-20) e engrandecê-lo em tudo que fazemos (Fp 1:20-21). Nossas boas ações são para glorificar ao Senhor (Mt 5:16). Mas podemos pecar tanto até que a glória do Senhor afaste-se de nossa vida. O Espírito de Deus não nos deixará (Ef 1:12-14), contudo podemos entristecer o Espírito e perder a glória do Senhor em nosso caminhar diário (Ef 4:30). Os pecados secretos não permanecem secretos por muito tempo. Deus os vê, e logo os outros também vêem.

EZEQUIEL 37-48

Esses capítulos finais olham em direção ao futuro de Israel e de Judá, para um tempo em que Deus fará uma nova obra e sua glória retornará à terra.

I. A nova nação (37)

A. Revivida (vv. 1-14)

Nessa época, Israel e Judá estavam arruinados politicamente. A Assíria dispersou Israel, e Judá acabara de ser capturado pela Babilônia. Isaías e Jeremias predisseram o retorno do cativo, porém a visão de Ezequiel vai mais adiante no tempo. Ele vê a época em que a nação morta volta à vida. Na visão, ele vê muitos ossos, “sequíssimos”, no vale (literalmente, “campo de batalha”). Esse é o retrato da derrota absoluta, em que os ossos dos exércitos estão descorados e insepultos. Que vívida descrição do povo judeu! Pelo poder da Palavra de Deus, os ossos reúnem-se e formam homens e, por meio do poder do Espírito (“ventos”), deu-se vida a eles. Isso não se refere a uma ressurreição corajosa ou mesmo à salvação dos judeus. Antes, retrata o reavivamento futuro da nação quando os judeus se levantarão da “sepultura” das nações gentias em que estiveram dispersos. Politicamente, isso aconteceu em

14 de maio de 1948, quando a atual nação de Israel entrou novamente na família das nações. A nação está morta espiritualmente, mas, quando Cristo retornar, ela nascerá em um dia e será salva.

B. Reunida (vv. 15-28)

A divisão da nação em Reino do Norte e Reino do Sul foi o início de sua queda. Um dia, Deus reunirá todas as tribos sob o verdadeiro Davi, Jesus Cristo. Ele fará uma aliança de paz com os judeus (v. 26) e trará de novo glória para seu povo.

Israel tem futuro? Alguns estudiosos dizem: “Não, pois devemos aplicar todas essas profecias do Antigo Testamento *espiritualmente* à igreja”. Não concordamos com esse ponto de vista. Essas profecias são muito detalhadas para que sejam “espiritualizadas” e aplicadas à igreja de hoje. Jesus ensinou sobre um futuro para os judeus (Lc 22:29), assim como Paulo (Rm 11) e também João (Ap 22:1-6).

II. A nova vitória (38-39)

Esses capítulos tratam da famosa batalha de “Gogue” e “Magogue”. Não confunda essa batalha com a de Armagedom, descrita em Apocalipse 19:11-21, pois a de Armagedom acontece no final do período de sete anos de tribulação, após o arrebatamento da igreja. Essa também não é a batalha envolvendo

Gogue e Magogue, mencionada em Apocalipse 20:7-9, pois esta acontecerá depois do final do reino milenar de Cristo, em que Satanás é libertado de novo. Ezequias 38—39 relata a batalha que acontece na época em que os judeus vivem seguros em sua terra (38:8,11-12,14) “no fim dos anos” (38:8). Quando isso acontecerá? Parece que acontecerá durante a primeira metade do período da tribulação, quando Israel estará protegido dos inimigos pela aliança com o líder do Império Romano (Dn 9:26-27).

Muitos eventos importantes acontecerão no mundo após o arrebatamento da igreja. Na Europa, o antigo Império Romano se restaurará sob o comando de um governante forte que, no fim, se revelará como o anticristo. Ele concordará em proteger os judeus por sete anos (Dn 9:27), a extensão exata do período da tribulação, a 70ª semana de Daniel (9:25-27). Os primeiros três anos e meio do período da tribulação serão relativamente pacíficos, e Israel desfrutará de descanso em sua terra, guardada pelo governante romano. No entanto, Gogue quererá a grande riqueza da terra (38:12-13) e, por volta do meio do período da tribulação, invadirá Israel de surpresa. Deus intervirá e destruirá o exército invasor. A derrota será tão maciça que serão necessários sete meses para sepultar os mortos (39:12), e o

povo usará as armas abandonadas como lenha durante sete anos (39:9-10). O governante romano correrá a Israel para que mantenham a aliança e descobrirá que Gogue já não é uma força mundial e, assim, se levantará no templo judeu como o ditador mundial, quebrando, dessa forma, a aliança com os judeus (Dn 9:27). Isso representa que o povo verá “o abominável da desolação” onde não deve estar, o sinal do início da grande tribulação na terra.

III. O novo templo (40—46)

Certamente, esse templo nunca foi construído, portanto deve referir-se a um tempo futuro. Muitos estudiosos consideram que esse é o grande templo milenar que será cheio da glória de Deus durante o reino milenar de Cristo sobre a terra. O Senhor ordenou que Ezequiel revelasse esses planos ao povo a fim de que tivesse vergonha de suas iniquidades e rebelião (43:10-13). Não precisamos entrar em detalhes em nosso estudo. Observe que todos os tamanhos aumentam; assim, toda a “região sagrada” tem quase 80 quilômetros quadrados. Não se esclarece como tudo isso caberá na cidade de Jerusalém. Talvez haverá mudanças na terra.

Uma vez que Cristo satisfaz os tipos do Antigo Testamento (por exemplo, sacrifícios, sacerdócio), por que eles serão reinstituídos e pratica-

dos por mil anos? Algumas pessoas acreditam que, no reino, essas práticas serão para os judeus o que a ceia do Senhor é para a igreja hoje, um memorial da obra de Cristo. No entanto, é provável que Ezequiel use a linguagem que o povo entende para transmitir as verdades sobre a futura adoração no templo. A Páscoa fala de redenção pelo sangue (45:21-24), e a Festa dos Tabernáculos, do cuidado de Deus por seu povo e da alegria deles no reino (45:25). Não podemos acreditar que judeus salvos quererão mudar o relacionamento próximo que têm com Cristo por rituais antigos que pertencem à época da Lei.

O que acontecerá com esse templo? Quando Deus criar o novo céu e a nova terra, não haverá necessidade de um templo (Ap 21:1-5,22). A nova Jerusalém que João descreve em Apocalipse 21—22 supera em muito qualquer coisa que Ezequiel viu! A cidade santa inteira será um templo para a glória de Deus.

IV. A nova terra (47—48)

A. Renovada (cap. 47)

A terra será renovada pela cura das águas do rio que brota do altar de Deus. Todas as bênçãos do Senhor comecem com o altar. Ezequiel descreve a cura da terra, a bênção do Senhor sobre a terra que ele escolheu para Israel. Observe que a terra terá novas fronteiras (13-21). A oeste, o limite será

o mar Mediterrâneo; ao norte, a linha que corre de Tiro a Damasco; ao leste, o rio Jordão e o mar Morto; e ao sul, da parte inferior do rio Jordão ao rio do Egito. Isso significa que a herança estará toda *dentro* da terra, sem tribos do outro lado do Jordão.

Vemos nesse rio doador de vida uma bela imagem do Espírito de Deus. A fonte de água, “saindo de debaixo da soleira” (NVI) é o altar, a morte de Cristo (Jo 7:37-39). O rio fica mais profundo, de modo que o profeta pode nadar nele. Oh, que possamos sempre nos aprofundar nas coisas do Senhor e ficar fora das águas rasas! O rio traz cura e vida, assim como o Espírito cura e dá vida hoje.

B. Dividida de novo (cap. 48)

Já vimos as novas fronteiras da terra. Esse capítulo apresenta a distribuição da herança entre as tribos durante a era do reino. Todas as tribos estarão do lado oriental do Jordão, a nação não mais estará dividida. As tribos terão porções de terra através da nação, do oriente ao ocidente. Sete tribos ficarão no extremo norte da terra: Dã, Aser, Naftali, Manassés, Efraim, Rúben e Judá. A seguir, vem a grande “região sagrada” para o templo (vv. 8-20). Na região sul da terra, ficarão mais cinco tribos: Benjamim, Simeão, Issacar, Zebulom e Gade. As tribos estarão lá, e o Senhor estará lá (v. 35)! O nome da cidade será “Jeová Shammah”: “O SENHOR Está Ali”.

DANIEL

Esboço

- I. A história pessoal de Daniel (1—6)
 - A. A continuidade de seu caminhar devoto (1—6)
 - B. A interpretação do “sonho” (2)
 - C. A imagem de ouro — Daniel não está presente aqui (3)
 - D. A interpretação do sonho com a árvore (4)
 - E. A interpretação da escrita no muro (5)
 - F. A continuidade de sua devoção piedosa — a cova dos leões (6)
- II. O ministério profético de Daniel (7—12)
 - A. A visão das quatro feras (7)
 - B. A visão do carneiro e do bode (8)
 - C. A oração de confissão — as 70 semanas (9)
 - D. A última visão do futuro (10—12)

Os reinados durante o período de Daniel: devemos ter em mente que o relato de Daniel menciona seis reinos diferentes. São eles:

- | | |
|---|---|
| 1. Babilônio (606-539 a.C.)
A cabeça de ouro (2:36-38)
O leão com asas de águia (7:4) | 4. Romano (c. 150 a.C.—c. 500 d.C.)
Pernas de ferro (2:33,40)
O “animal, terrível, espantoso” (7:7) |
| 2. Medo-Persa (539-330 a.C.)
Peito e braços de prata (2:32,39)
Urso com três costelas (7:5) | 5. Reino do anticristo
Artelhos de ferro e barro (2:41-43)
Chifre pequeno (7:8) |
| 3. Grego (c. 330-150 a.C.)
Quadris de bronze (2:32,39)
Leopardo com quatro cabeças (7:6) | 6. Reino de Cristo
A pedra fere a estátua
(2:34-35,44-45)
O Ancião de Dias (7:9-14) |

Lembre-se que o Império Romano nunca foi substituído por outro império mundial. Assim, na verdade, ele continua até o surgimento do anticristo nos últimos dias. O último ditador mundial estabelecerá os “Estados Unidos da Europa” (os dez artelhos) de acordo com o padrão do antigo Império Romano. Observe que o capítulo 2 apresenta a visão do homem a respeito das nações (metais valiosos), enquanto o capítulo 7 apresenta a visão de Deus (animais perigosos).

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. O homem

Daniel destaca-se como um dos maiores homens da história judaica. Os registros de Ezequiel 14:14 e 28:3; Mateus 24:15 e Hebreus 11:33 comprovam que ele foi um homem real. Ele era adolescente em 605 a.C., quando Nabucodonosor foi a Jerusalém e iniciou a conquista de Judá. Houve diversas “deportações” de judeus para a Babilônia, e Daniel estava no primeiro grupo por causa de sua linhagem principesca. A Babilônia adotava a prática de deportar os cidadãos mais excelentes e treinava-os para serviços no governo dela. Em 539 a.C., Daniel ainda estava ativo, quando Ciro conquistou o reino; portanto, ele viveu e ministrou na Babilônia por mais de 60 anos. Na verdade, ele viveu ao longo do reino de quatro governantes (Nabucodonosor, Belsazar, Dario e Ciro) e de três reinos distintos (babilônio, medo, persa). Daniel significa “Deus é meu juiz”. Ele ocupou muitos cargos importantes e foi muito engrandecido por causa de seu caráter e sabedoria e

também porque a bênção do Senhor estava sobre ele. Nabucodonosor nomeou-o chefe supremo dos sábios e governador da terra (2:48), posição semelhante ao de primeiro-ministro da modernidade. Belsazar, neto de Nabucodonosor, pediu que Daniel deixasse a aposentadoria e tornou-o o terceiro em importância no governo da terra (5:29), porque ele desvendou a escrita na parede. Dario nomeou-o presidente sobre todo o reino (6:1-3). Por pelo menos 75 anos, Daniel foi um testemunho fiel de Deus em um reino mau e idólatra.

II. O livro

O relato de Daniel é para o Antigo Testamento o mesmo que Apocalipse é para o Novo Testamento, e, na verdade, não podemos entender totalmente um sem o outro. Profeticamente, Daniel lida com “os tempos dos gentios” (veja Lc 21:24), o período que se inicia em 606 a.C., com o cativo de Jerusalém, e terminará com o retorno de Cristo à terra para julgar as nações gentias e estabelecer seu reino. No relato de Daniel, vemos nas várias visões e sonhos o programa da história dos gentios desde a ascensão da Babilônia, passando pelas conquistas dos medos, persas, gregos e romanos e o governo do anticristo, logo antes do retorno de Jesus Cristo. Esse livro prova que “há um

Deus no céu” (2:28) e que “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” (4:25). Daniel deixa claro que o Deus Todo-Poderoso é soberano nos assuntos deste mundo: “a História é a história dele”. O Senhor pode tirar governantes do trono, pode derrotar as nações mais fortes e entregá-las a seus inimigos. Em 1:1—2:3, o relato está em hebraico, mas de 2:4 a 7:28 está em caldeu. A seção hebraica trata principalmente dos judeus.

III. A ordem histórica

O relato de Daniel não está em ordem cronológica. Na primeira metade do relato, Daniel interpreta os sonhos de outros; na última metade, ele apresenta suas visões em relação ao futuro do seu povo. A ordem histórica do livro é a seguinte:

- (1) Cativo (605-604 a.C.)
- (2) Sonho das estátuas (602 a.C.)
- (3) A imagem de Nabucodonosor
- (4) O sonho com a árvore de Nabucodonosor
- (7) A visão dos quatro animais (556 a.C.)
- (8) O carneiro e a visão do bode (554 a.C.)
- (5) O banquete de Belsazar — a queda da Babilônia (539 a.C.)
- (9) A visão das 70 semanas (538 a.C.)
- (6) A cova dos leões
- (10—12) Visões finais

Você pode ver que Daniel estava na casa dos 80 anos quando foi atirado na cova dos leões.

DANIEL 1

Vemos três momentos de dificuldade na história pessoal de Daniel (caps. 1—6): o teste dos quatro hebreus na chegada deles à Babilônia (cap. 1); a fornalha de fogo ardente (cap. 3); e a cova dos leões (cap. 6). Em cada uma dessas experiências, Daniel e seus amigos saíram vitoriosos, no entanto justamente a primeira vitória foi o fundamento para as outras vitórias. Visto que esses jovens judeus eram fiéis a Deus desde a adolescência, o Senhor foi fiel a eles nos anos seguintes.

I. A difícil provação (1:1-7)

Imagine quatro adolescentes hebreus tirados de suas casas amadas em Jerusalém e levados para a longínqua Babilônia. Desde que todos eles eram príncipes, pertenciam à família real e, provavelmente, não estavam acostumados com esse tipo de tratamento. É muito ruim quando os jovens sofrem por causa dos pecados dos pais. Os judeus recusaram-se a se arrepender e a obedecer ao Senhor. Assim, em 606-586 a.C. (como Jeremias advertira), o exército babilônico conquistou a terra. Era costume dos babilônios levar a parte melhor dos jovens para a Babilônia e treiná-los na corte do rei. No versículo 3, verificamos que esses quatro jovens eram espécimes especiais. Eles eram fisicamente fortes e

bonitos, experientes na esfera social e benquistos pelos outros, rápidos de mente, instruídos e espiritualmente devotados ao Senhor. A vida deles era equilibrada, como vemos em relação a Cristo, em Lucas 2:52 — eram exemplos perfeitos para os adolescentes!

Todavia, tiveram um desafio difícil pela frente: o rei queria forçá-los a se adequarem aos caminhos da Babilônia. Ele não estava interessado em pôr bons judeus para trabalhar; queria que esses judeus se tornassem babilônios! Hoje, os cristãos enfrentam o mesmo desafio: Satanás quer que nos conformemos “com este século” (Rm 12:1-2). É triste constatar que muitos cristãos cedem ao mundo e perdem seu poder, sua alegria e seu testemunho. Observe as mudanças que esses jovens vivenciaram:

A. Nova casa (vv. 1-2)

Eles não estavam mais rodeados pelas coisas do Senhor, em Jerusalém, e não tinham mais a influência de seus pais e professores devotos. Alguns cristãos, quando saem de casa, regozijam-se com a oportunidade de “sair da prisão e viver à larga”, no entanto Daniel e seus amigos não se sentiram dessa forma.

B. Nova sabedoria (vv. 3-4)

A antiga sabedoria judia fora-se e, a partir de agora, seria a sabedoria do

mundo, a sabedoria babilônica. Eles tinham de aprender a sabedoria e a língua de seus captos. O rei esperava que essa "lavagem cerebral" os tornasse melhores servos. Com frequência, o povo de Deus tem de estudar coisas que não estão de acordo com a Palavra do Senhor. Nós, como Daniel e seus amigos, temos de fazer o nosso melhor, mas não podemos abandonar nossa fé.

C. Nova alimentação (v. 5)

Nos três anos seguintes, os quatro jovens deviam comer a mesma dieta do rei, com certeza contrária às leis alimentares dos judeus. Sem dúvida, ofereciam também a comida aos ídolos da terra, e, para os jovens judeus, era blasfêmia comê-la.

D. Novos nomes (vv. 6-7)

O mundo não gosta de reconhecer o nome do Senhor, embora os quatro jovens tivessem o nome de Deus no próprio nome. Mudaram o nome de Daniel ("Deus é meu juiz") para Beltessazar ("Bel proteja sua vida"). Bel era o nome de um deus babilônio. O nome de Hananias ("Jeová é amor"), para Sadraque ("servo do deus Sin, o deus lua"); Misael ("Quem é igual a Deus?"), para Meseaque ("quem é como Aku?", outro deus pagão deles); e Azarias ("Jeová ajuda"), para Abede-Nego ("servo do deus Nabu", outro deus pagão). Os babilônios tinham a esperança

de que os nomes novos ajudariam os jovens a esquecerem o Deus deles e a, gradualmente, tornarem-se mais parecidos com o povo pagão, com quem viviam e estudavam.

II. O teste audacioso (1:8-16)

Os babilônios podiam mudar a casa, os livros escolares, o cardápio e o nome de Daniel, porém não podiam mudar o coração dele. Ele e os amigos tinham no coração o propósito de obedecer à Palavra do Senhor. Eles se recusaram a conformar-se ao mundo. Claro que eles podiam ter arrumado desculpas e "seguido" a multidão. Eles poderiam dizer: "Todos estão fazendo assim!", ou: "É melhor obedecermos ao rei!", ou ainda: "Obedeceremos externamente, mas manteremos nossa fé em nosso interior". Todavia, eles não fizeram concessões. Ousaram crer na Palavra e confiar no Senhor para vencer. Eles entregaram o corpo e a mente ao Senhor, como Romanos 12:1-2 instrui, e estavam dispostos a deixar que Deus fizesse o resto.

Daniel pediu dez dias de teste, o que não era muito, já que teriam três anos de treinamento pela frente; o chefe dos eunucos concordou com o plano deles. "Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos" (Pv 16:7). Veja também Mateus 6:33 e Provérbios 22:1.

O eunuco temia contrariar as ordens do rei para que não acontecesse nada de mal com os jovens e consigo mesmo, de modo que o teste proposto por Daniel foi uma boa solução para o problema. Claro, o Senhor honrou a fé deles. Os jovens alimentaram-se de legumes (grãos de leguminosas) e água durante dez dias e, dessa forma, evitaram os alimentos contaminados dos babilônios.

Foi necessário fé e obediência para dominar as tentações e as pressões do mundo. Primeira aos Coríntios 10:13 ainda não fora escrita, contudo Daniel e os amigos conheciam a verdade que ela apresenta pela experiência. Observe como Daniel era educado e agradável com os servos babilônios: ele não “exibiu” sua religião nem embaraçou o homem. Esse é um bom exemplo para seguir: podemos atermos a nossas convicções sem nos tornar excêntricos!

III. O triunfo divino (1:17-21)

Um teste de dez dias é uma coisa, mas e os três anos de curso na universidade da Babilônia? O versículo 17 responde à pergunta: “A estes quatro jovens Deus deu...” tudo de que precisavam! Ele capacitou-os para aprender mais que os outros alunos, acrescentando a esse conhecimento sua divina sabedoria espiritual. No versículo 20, os “magos e

encantadores” eram os homens do rei que estudavam as estrelas e tentavam determinar a melhor decisão para o rei tomar. Eles também afirmavam que interpretavam sonhos. Daniel e os amigos não acreditavam na religião e nas práticas insensatas dos babilônios, apesar de estudarem essas coisas, da mesma forma que hoje o estudante universitário cristão aprende “fatos” que ele sabe que se opõem à Palavra do Senhor. Daniel entendeu que o Senhor o usaria como testemunho naquela terra ímpia — e Deus fez isso pelos 75 anos seguintes!

O rei admitiu que os quatro rapazes hebreus eram dez vezes mais inteligentes que seus melhores conselheiros. Claro que isso deixou os astrólogos enciumados, e não causa espanto que tentassem afastar os judeus em anos posteriores. Se Daniel tivesse a preocupação de agradar as pessoas para tornar-se “popular”, teria cedido às pressões e abandonado ao Senhor. Contudo, como ele vivia para agradar ao Senhor, ignorou as caras e as ameaças das pessoas e fez o que Deus queria que fizesse. Hoje, precisamos de cristãos com o coração determinado a pôr Cristo na frente de tudo onde quer que estejam — na sala de jantar, na sala de aula e até na sala do trono!

“Daniel continuou...” Que testemunho! Satanás deve ter dito a Daniel: “Se você quiser ficar por

aqui, é melhor seguir a multidão". No entanto, Daniel obedeceu ao Senhor — e “ficou por perto” mais tempo que qualquer outro. Ele ministrou durante o reinado de quatro reis e, provavelmente, viveu para ver os judeus retornarem à sua terra no fim do cativeiro. “Aquele [...] que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (1 Jo 2:17). Na verdade, hoje somos abençoados e ajudados por causa da fidelidade

de Daniel. Ele não teria usufruído das vitórias e das bênçãos dos anos posteriores se tivesse se afastado de Deus quando enfrentou provocações na juventude. O Senhor chamou-o de “amado” (10:11), honra que deu a apenas outra pessoa na Bíblia — Jesus Cristo. Daniel, por ter vivido na vontade do Senhor, usufruiu do amor dele (1 Jo 2:15-17). Sua consagração deu-lhe coragem, sua fé o tornou fiel.

DANIEL 2

Esse capítulo é um esboço da história do mundo. A compreensão desse capítulo e do sétimo o ajudarão no estudo de Apocalipse e de outras profecias bíblicas. Observe o quadro nas notas introdutórias a Daniel.

I. O risco que Daniel corre (2:1-13)

Nabucodonosor ainda não era rei quando foi a Jerusalém pela primeira vez a fim de conquistar a cidade; ele agia em nome do pai, Nabopolassar. Isso acerta a aparente contradição entre os três anos de treinamento de Daniel, em 1:5, e o “segundo ano” de reinado do rei, em 2:1. Mais uma vez, a arqueologia provou a veracidade da Bíblia. O rei estava preocupado com seu futuro (veja v. 29) e com a duração de seu reinado. Deus deu-lhe um sonho em que descrevia o futuro, mas ele não conseguia compreendê-lo. Na verdade, ele esqueceu o sonho! Os cristãos têm o Espírito Santo para lembrá-los e ensiná-los tudo (Jo 14:26). Os “falsos” adivinhos e os homens sábios estavam realmente em dificuldades, pois o rei queria não apenas uma interpretação do sonho, mas também uma descrição dele! Qualquer pessoa pode “inventar” uma interpretação, porém é impossível descrever um sonho que nunca teve.

Eles tentaram “ganhar tempo” (v. 8), na esperança de que o rei mudasse de idéia (v. 9). Em vez disso, o rei mandou matar todos os homens sábios, e entre eles estavam Daniel e seus amigos. Satanás é um homicida (Jo 8:44); sem dúvida, ele ficaria contente em ver Daniel morto.

II. A oração e o louvor de Daniel (2:14-23)

Temos de admirar a coragem de Daniel em enfrentar corajosamente o chefe da guarda e até em ir direto ver o rei. “O justo é intrépido como o leão” (Pv 28:1). Deus dominou a conversa deles (Pv 21:1), e o rei deu tempo a Daniel, embora tivesse negado tempo aos outros sábios. Daniel e os três amigos sabiam o que fazer; eles passaram as horas seguintes em oração fervorosa ao Senhor. “Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus” (Tg 1:5). “Pedi, e dar-se-vos-á” (Mt 7:7). E, durante a noite, Deus revelou o sonho e sua interpretação a Daniel. Veja por que Daniel teve esse privilégio em Provérbios 3:32 e Salmos 25:14. Daniel reservou tempo para louvar ao Senhor, em vez de correr até o rei ou vangloriar-se da sabedoria recém-adquirida. E, nos versículos 25-30, observe que Daniel dá toda a glória ao Senhor, sem reservar nem um pouco para si mesmo. Não há limite para o que Deus faz pelo crente que lhe dá toda a glória.

III. A profecia de Daniel (2:24-45)

O profeta foi até o chefe da guarda e disse-lhe que não matasse os outros homens sábios. Claro que eles mereciam morrer, e, se isso acontecesse, Daniel teria mais destaque, contudo Daniel não era um homem que odiava os inimigos. Apenas a eternidade revelará quantos pecadores perdidos foram poupados de ofensa física pela presença e intercessão de um crente. A seguir, Daniel conta ao rei o conteúdo do sonho esquecido. O rei estava preocupado com o futuro do seu reino (v. 29), por isso Deus deu-lhe uma visão do reino por vir. No sonho, o rei viu uma estátua grande de um homem: a cabeça era de ouro; o peito e os braços, de prata; o ventre e os quadris, de cobre ou bronze (mas não de latão, metal ainda não conhecido na época); as pernas, de ferro; e os pés de ferro e barro. Ele também viu uma pedra cair nos pés da estátua e toda ela virar pó. A seguir, a pedra se transformou em uma grande montanha, que encheu toda a terra.

O versículo 28 afirma que o significado total do sonho refere-se aos “últimos dias”. Cada metal representava um reino: o babilônio era a cabeça de ouro (v. 38); o medo-persa, o peito e os braços de prata; o grego, o ventre e os quadris de bronze; o romano, as duas pernas de ferro (e o Império Romano dividiu-

se em Ocidental e Oriental). Os pés de ferro e barro (uma mistura frágil) representavam os reinos dos fins dos tempos, uma continuação do Império Romano dividido em dez reinos (os dez dedos ou artelhos). O último “reinado humano” sobre a terra será o do anticristo, durante a última parte do período da tribulação. Como tudo isso terminará? Cristo, a Pedra (Mt 21:44), aparecerá de repente e derrotará as nações do mundo, instituindo em todo o mundo seu reino de poder e glória.

Assim, essa estátua é um retrato da história do mundo. Há um decréscimo no *peso* dos materiais (do ouro ao barro), o que torna a estátua pesada no topo, mas fácil de ser derrubada. Os homens pensam que a civilização humana é forte e duradoura, quando, na verdade, ela se apóia sobre frágeis pés de barro. Observe que o *valor* dos metais também diminui: do ouro para a prata, da prata para o bronze, do bronze para o ferro, e do ferro para o barro. A humanidade melhora com o passar do tempo? Não! Na realidade, a civilização humana fica cada vez mais desprezível e débil. Há também um decréscimo na *beleza* e na *glória* (certamente, o ouro é mais bonito que o ferro misturado com barro), e há uma diminuição na *força* (do ouro ao barro) conforme nos aproximamos do fim da história humana. Sem dúvida, cada um desses

reinos sucessivos teve força, e Roma teve um incrível poderio militar; todavia, ao longo do tempo, a história humana se torna cada vez mais fraca. Isso explica por que o anticristo conseguirá organizar uma ditadura mundial: as nações estarão tão debilitadas que precisarão de um ditador para poder sobreviver.

Cada um desses reinos teve uma forma diferente de governo. A Babilônia era governada por um monarca absoluto, um ditador (veja 5:19). O Império Medo-Persa tinha um rei, contudo ele trabalhava por intermédio de príncipes e instituiu leis (veja 6:1-3 — e lembre-se das “leis dos persas e dos medos” em Et 1:19). A Grécia operava com um rei e um exército; e Roma, supostamente, era uma república, mas, na verdade, o exército governava por meio de leis. O ferro e o barro representam nossos governos atuais: o ferro representa a justiça e as leis; o barro, a humanidade; e os dois juntos formam a democracia. Qual é a força da democracia? A lei. Qual é sua fraqueza? A natureza humana. Hoje, estamos vendo que a ilegalidade surge quando a natureza humana se recusa a seguir a ordem e as leis de Deus.

Essa imagem não é muito otimista. Nabucodonosor viu que seu reino cairia e seria substituído pelo Império Medo-Persa. Isso aconteceu em 538 a.C. (Dn 5:30-31). Em 330

a.C., os gregos conquistaram os medos e os persas; os gregos renderam-se a Roma. Aparentemente, o Império Romano desapareceu, no entanto suas leis, filosofias e instituições existem até hoje, levando-nos até os pés “de barro”. A única esperança para este mundo é o retorno de Cristo. Ele voltará à terra a fim de conquistar as nações (Ap 19:11ss) e estabelecer seu reino glorioso.

IV. O crescimento de Daniel (2:46-49)

O rei cumpriu sua promessa (v. 6) e deu honras e presentes a Daniel, que não queria recebê-los, pois estava ansioso para que toda glória fosse dada ao Senhor. Daniel foi honrado e engrandecido porque foi fiel ao Senhor, não porque fez concessões em suas convicções. Ele sentou-se à entrada, que era o local de autoridade. Ló também se sentou à entrada da cidade (Gn 19:1), mas, porque fez concessões e afastou-se da vontade de Deus, ele perdeu tudo por causa disso! Observe que Daniel não guarda as honras para si mesmo; ele pede que os três amigos também sejam promovidos (v. 49). Quanto mais conhecemos esse homem, mais o amamos por sua humildade e abnegação.

No capítulo 7, veremos esses reinos de novo. Eles serão retratados como animais selvagens, porque é assim que Deus vê a história humana. O Senhor não se impres-

siona com o ouro, a prata e o bronze. Ele vê o coração do homem e sabe que os reinos do mundo estão cheios de violência e pecado. Do ponto de vista do homem, os reinos terrestres são como metal — durável e forte; da perspectiva do

Senhor, são animais ferozes que devem ser mortos. Daniel tinha paz e confiança perfeitas, pois conhecia os planos de Deus para o futuro. Os cristãos que conhecem a Palavra do Senhor e crêem nela também têm paz.

DANIEL 3

Essa é uma história dramática! Imagine três homens judeus que ousam desafiar o governante do mundo e ser diferentes de milhões de pessoas da Babilônia! Embora esse evento tenha ocorrido há mais de 2 mil anos na remota Babilônia, serve como uma boa lição para nós hoje.

I. A lição prática

Há um intervalo de 20 anos entre os eventos desse capítulo e os do capítulo 2. Como você constata, o coração de Nabucodonosor não mudou nem um pouco. Em 2:46-47, ele admitiu que o Deus Jeová era um grande Deus, porém essa verdade nunca alcançou realmente o seu coração. Ele louvou Daniel e o Senhor dele, mas não se arrependeu de seus pecados nem creu nele. Em consequência disso, o rei tentou forçar todo o império a adorar ídolos, o que, com o tempo, significava adorar o rei, na verdade. Afinal, ele não era a “cabeça de ouro” na estátua com que sonhara (2:38)? Então, por que não fazer uma estátua toda de ouro (provavelmente, madeira coberta com ouro) e glorificar ainda mais o rei? Essa é a forma como age o coração humano quando não glorifica a Deus: o homem glorifica a si mesmo e tenta fazer com que todos o adorem.

Naturalmente, os três funcionários judeus não podiam obedecer à ordem do rei. Romanos 13 aconselha os cristãos a obedecerem aos governantes e às leis, contudo Atos 5:29 e 4:19 deixam claro que os cristãos não podem desobedecer a Deus a fim de obedecer ao governo terreno. Quando o governo tenta controlar nossa consciência e dizer-nos como adorar, nós obedecemos a Deus em vez de aos seres humanos, sem levar em conta o preço a pagar por isso. Não foi fácil para Sadraque, Mesaque e Abede-Nego permanecerem de pé enquanto todas as outras pessoas “dançavam conforme a música”, mas eles se negaram a sair do lugar. Alguns dos outros sábios (v. 8) viram nisso uma chance para acusar os judeus, e o rei enfureceu-se quando soube que seu decreto era desobedecido. Ele deu outra chance aos três, pois sabia que eram homens bons (amigos de Daniel), no entanto eles permaneceram firmes em sua convicção. Antes serem queimados que curvar-se! Assim, eles foram lançados na fornalha amarrados com as próprias vestes. Três promessas destacam-se nessa história:

A. A promessa de perseguição

Os cristãos devem esperar a fornalha da perseguição se são totalmente dedicados a Cristo. “Não estranheis o fogo ardente que surge no meio

de vós, destinado a provar-vos” (1 Pe 4:12ss). O mundo odeia-nos, e Satanás garantiu que deixassem a fornalha sete vezes mais quente que o usual. Os três judeus podiam dar desculpas e seguir a multidão. Em vez disso, eles ficaram juntos uns dos outros e do Senhor, confiando em que Deus seria glorificado por meio da vida ou da morte deles. Os cristãos esperam perseguição; Deus promete-a (Fp 1:29; Jo 15:18-20).

B. A promessa de preservação

Deus nunca abandona os seus quando passam por provações aterradoras. Ele pode não impedir que entremos na fornalha, mas entrará conosco e nos preservará para sua glória. Isaías 43:2 apresenta a promessa de Deus para você. Quando o rei olhou dentro da fornalha, viu quatro homens — um deles era Jesus Cristo. Cristo caminhava com eles. Ele soltou-os e não deixou que fossem feridos; na verdade, eles nem mesmo cheiravam a fumaça quando saíram da fornalha (v. 27). O segredo? A fé — Hebreus 11:30-34.

C. A promessa de crescimento

Na verdade, esses homens ficaram melhores por passarem pela fornalha. Por um motivo, isso lhes deu a oportunidade de caminhar com Cristo e sofrer com ele. O perigo e a provação valem a pena porque sabemos como o Senhor fica próxi-

mo de nós. O fogo livrou-os de suas amarras, da mesma forma que sofrer por Cristo, hoje, liberta-nos jubilosamente do pecado e do mundo. A experiência deles glorificou Deus diante dos outros (1 Co 6:19-20), e o rei promoveu-os e deu-lhes honras. Primeiro, o sofrimento; depois, a glória (veja 1 Pe 5:1,10-11).

II. A lição doutrinal

Na Bíblia, “Babilônia” é mais que uma cidade ou império; ela representa um sistema. É o nome que Deus usa para o sistema de Satanás neste mundo. Gênesis 10:10 marca o início da Babilônia, obra de Ninrode, que se rebelou muitíssimo contra o Senhor. Babilônia simboliza nossa rebelião contra o Senhor e nossos substitutos para o que ele nos dá. Gênesis 11 relata a rebelião de Babel contra Deus, o esforço do homem para conquistar, mundialmente, a união política e religiosa. Era isso o que Nabucodonosor queria com sua grande estátua: unir seu reino sob um governo e uma religião. Todavia, esse esquema todo era centrado no homem, não havia espaço para Deus de forma alguma. E era centrado no ouro. Esse sistema babilônio todo era uma enganação de Satanás e opunha-se à verdade do Senhor ao tentar conquistar o coração, a mente e o corpo das pessoas. Na verdade, o nome “Babel” significa “portão de Deus”. Ela finge

ser o caminho para o céu. No entanto, é o caminho para o inferno.

Apocalipse 17—18 apresenta a evolução final desse sistema falso, o sistema material, cultural e religioso de um mundo todo unido em uma federação mundial. Deus permitirá que esse sistema de “um mundo” cresça e, depois, o destruirá de uma vez por todas. É importante que saibamos a diferença entre a verdade do Senhor e as mentiras de Satanás, entre o verdadeiro cristianismo e as “religiões” de Satanás. Os verdadeiros crentes não participam desse sistema mundano (Ap 18:4-5). Como os três jovens hebreus, devemos permanecer contra a Babilônia e testemunhar a verdade da Palavra do Senhor.

III. A lição profética

Aqui temos um retrato dos eventos nos últimos dias. Antes de tudo, observe que Daniel não estava presente quando essas três coisas aconteceram. Sem dúvida, ele estava fora tratando de negócios oficiais para o rei, e o rei aproveitou a ausência dele para fazer seu perverso ídolo. Isso ilustra o arrebatamento da igreja: quando a igreja estiver fora da terra, então Satanás poderá levar avante seus planos diabólicos a fim de escravizar a mente e o corpo das pessoas.

Segunda aos Tessalonicenses 2 e Apocalipse 13 deixam claro que, após o arrebatamento da igreja,

Satanás terá um tempo de “júbilo”. Por um motivo, ele se tornará o governante mundial, o anticristo que (como Nabucodonosor) conquistará as nações e instituirá um governo totalitário. A igreja será arrebatada, mas apenas 144 mil judeus crentes serão selados pelo Senhor e protegidos de logros de Satanás (Ap 7:1-8; 14:1-5). O anticristo fará uma estátua dele mesmo e forçará o mundo a adorá-la (veja Ap 13), no entanto os judeus fiéis não se curvarão diante dela. Como os hebreus fizeram na Babilônia, os 144 mil servirão ao Senhor, e ele os protegerá. É interessante observar que a estátua do rei Nabucodonosor identifica-se com o número seis (“sessenta côvados de altura e seis de largura”, Dn 3:1), e a estátua do anticristo identifica-se com o número dele, 666 (Ap 13:18). Em Mateus 24:15-22, Jesus chamou essa estátua de “o abominável da desolação”.

Assim, Daniel 3 é uma previsão profética de Israel durante a tribulação, após o arrebatamento da igreja. Nabucodonosor simboliza o anticristo; sua estátua representa a do anticristo que será erigida; e os três hebreus representam os crentes judeus, os 144 mil que serão protegidos durante a tribulação. É provável que esses judeus leiam Daniel 3 e saibam que o Deus deles entrará na fornalha da

tribulação com eles e os resgatará para sua glória.

Todos os dias, vemos nosso mundo caminhando em direção à unificação. Hoje, há centenas de organizações e acordos que ligam as nações. Um dia, elas serão os “Estados Unidos da Europa”, e o líder dessa organização será o último ditador

mundial, o anticristo. O cenário está armado. “A vinda do Senhor está próxima.” Nós, os cristãos, temos de atravessar a “fornalha de fogo” antes do retorno de Jesus. Mas não temos nada a temer, pois ele estará conosco. É muito melhor atravessar uma fornalha de fogo que viver em um lago de fogo por toda a eternidade.

DANIEL 4

Esse capítulo é um documento oficial babilônio, escrito pelo próprio rei. É a história da conversão dele, e que história! Lembre-se que a história foi escrita sete anos após a experiência; portanto, os versículos 1-3 e 37 são o testemunho público de Nabucodonosor a respeito do que Deus fez a ele e por ele. Trataremos desses versículos no fim de nosso estudo. Agora, o relato do sonho do rei.

I. O sonho recebido (4:4-18)

Deus enviou esse sonho ao rei em uma época de paz e de prosperidade, pois esse sonho era realmente uma admoestação divina que o alertava para o fato de que, no fim, seus pecados o alcançariam. Ele sentia-se seguro, mas era uma falsa segurança, semelhante à que Jesus cita na parábola do fazendeiro rico (Lc 12:15-21). O julgamento de Deus cairá quando este mundo perverso repousar em “paz e segurança” (1 Ts 5:3). O único descanso e a única paz verdadeira estão em Jesus Cristo.

O sonho foi este: ele viu uma árvore imensa que cobria a terra toda. Os pássaros e animais se refugiavam debaixo dela. E ele ouviu uma voz angélica dizer: “Derribai a árvore”. A árvore foi cortada, mas a

cepa foi deixada na erva úmida, atada com ferro e bronze durante “sete tempos”. É desnecessário dizer que o rei ficou muito perturbado com o sonho, ainda mais por já ter recebido outro sonho que tratava do futuro de seu reino.

O rei reuniu seus homens sábios, porém eles não foram capazes de explicar o sonho. Lembre-se do orgulho deles no capítulo 2: “Dize o sonho a teus servos, e daremos a interpretação”. Bem, o rei contou-lhes esse sonho, e eles não souberam explicá-lo. A sabedoria mundana fez com que se vangloriassem de grande sabedoria, contudo eles não podiam entender nem explicar as coisas de Deus (1 Co 2:14-15). O rei sabia que apenas um homem podia resolver o problema — Daniel, o homem do Senhor. Assim, ele chamou Daniel e contou-lhe o sonho que o deixara perplexo. Nabucodonosor tinha poder, riqueza e glória, mas era incapaz de desvendar o futuro. O cristão mais pobre é, de longe, mais rico que ele, pois na Palavra temos o projeto de Deus para o futuro.

II. O sonho revelado (4:19-27)

Deus usou Daniel para ser a “luz nas trevas”, pois o Senhor revelou o significado do sonho a ele. Mas a revelação deixou o profeta atônito por algum tempo. Talvez por causa do longo tempo de espera pela his-

tória do rei. Ficou claro para Daniel que a mensagem do sonho era séria. Ele não a considerou levemente nem a transmitiu desatentamente. O verdadeiro profeta está sempre em consonância com sua mensagem, ele sente o peso dela e transmite a Palavra de Deus com fidelidade. Muitas pessoas pensam que a sabedoria e o conhecimento espirituais sempre transmitem alegria e testemunho; no entanto, às vezes, trazem sofrimento e silêncio. Leia Daniel 10:1-3 e veja a reação do profeta em relação aos 70 anos de cativo.

Não é difícil apreender a explicação do sonho. A árvore representa Nabucodonosor e seu grande reino (vv. 20-22). Deus, com frequência, usa uma árvore para retratar um reino; por exemplo, em Ezequiel 31 e Mateus 13:31-32. A árvore é um bom símbolo de um reino terreno porque está enraizada na terra e depende dela para alimento e estabilidade. Os animais e as aves que se refugiam sob a árvore e se alimentam de seus frutos representam as outras nações que procuram a proteção da Babilônia. Com certeza, a Babilônia transformara-se em um reino grande e poderoso. Todavia, isso não era motivo para Nabucodonosor vangloriar-se, pois fora Deus quem lhe dera o trono e o reino. Essa era a lição que o rei aprenderia de forma difícil.

O “vigilante” e o “santo” é um anjo do Senhor designado para trabalhar no reino babilônio. Daniel 10:4-20 informa que os anjos são muito ativos em assuntos das nações do mundo. O anjo anunciou: “Cortai a árvore”, e isso queria dizer que o rei Nabucodonosor perderia o trono. Que experiência para o rei! Na verdade, durante sete anos, ele não viveria como homem, mas como um animal. A árvore seria cortada, e a cinta de ferro impediria seu crescimento, mas o julgamento não seria permanente. Após sete anos, Nabucodonosor seria humano de novo, voltaria a raciocinar e subiria ao seu trono em grande glória.

Por que Deus operava dessa maneira na vida do rei? Para ensinar-lhe a humildade. Lembre-se que, na estátua do sonho do rei, a cabeça dele era de ouro, e, no capítulo 3, o rei fez uma estátua toda de ouro a fim de atrair adoração e louvor para si mesmo. Deus mostraria a esse monarca orgulhoso que, de fato, em seu coração ele era um animal. Na verdade, no capítulo 7, Daniel terá uma visão que mostra que *todos* os impérios não são nada além de animais selvagens. Daniel advertiu o rei de que se arrependesse e mudasse seus caminhos. Ele implorou: “Portanto, ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e em tuas iniquidades [...] e

talvez se prolongue a tua tranqüilidade". Afinal, Deus falara com o rei em duas ocasiões distintas — pelo sonho do capítulo 2 e pelo episódio da fornalha, no capítulo 3 — e é perigoso fechar os ouvidos para Deus.

III. O sonho realizado (4:28-37)

Aconteceu como Daniel previu. Deus deu um ano para Nabucodonosor meditar a respeito da admoestação e afastar-se de seus pecados, porém o rei não prestou atenção à advertência. Na verdade, ele se orgulhava cada vez mais de suas realizações. Veja Eclesiastes 8:11 e Provérbios 29:1. Todavia, chegou o dia em que o julgamento caiu sobre ele, e a verdadeira natureza bestial do rei revelou-se para todos. Homens tiraram-no do palácio, e ele viveu por sete anos como um animal do campo, comendo ervas como os bois. Quando o Senhor quer humilhar um rei orgulhoso, ele faz isso com rapidez e de forma radical.

Isso não durou para sempre. Após sete anos, Nabucodonosor converteu-se. O primeiro passo (o rei relata) foi: "Levantei os olhos ao céu" (v. 34). Que pena que ele não tenha levantado os olhos para o céu muito antes! "Eu bendisse o Altíssimo, e louvei". Com certeza, isso soa como um homem cuja vida mudou pela fé no Senhor. O rei aprendera sua lição: ele não era nada, Deus é tudo. Os versículos 34-35 relatam as

várias doutrinas práticas que Nabucodonosor aprendeu com essa experiência de humildade. É trágico que os governantes atuais não consigam ver que não são nada e que Deus é tudo. O versículo 17 afirma essa lição com clareza: "O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens ...".

Voltemos aos versículos 1-3. Eis o poderoso ditador discursando para todas as pessoas do mundo e enviando-lhes paz. Com certeza, Nabucodonosor não era conhecido por suas atividades pacíficas, pois era um homem cruel de guerra. O versículo 1 quase parece uma epístola de Pedro, ou de Paulo, do Novo Testamento. Nos versículos 2-3, observe como ele dá toda a glória a Deus e refere-se à grandiosidade do Senhor. De novo, isso não parece coisa desse ditador pagão. Apenas sete anos antes, ele dissera: "Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?". Ele vangloriava-se de *seu* poder e de *sua* majestade, sem uma sílaba de louvor a Deus ou gratidão ao Senhor. Bem, agora tudo mudou. O rei escreve um documento oficial em que dá testemunho pessoal do que Deus fez por ele. O versículo 37 apresenta a declaração máxima do documento: "Agora, pois, eu, Nabucodonosor, louvo, exalço e glorifico ao Rei do céu" — não mais a Nabucodonosor — que "pode humilhar aos que andam na soberba". Nesse capítulo, não temos uma visão antecipada do

que acontecerá às nações nos últimos dias? No momento em que elas se vangloriarem de sua grandiosidade e glória, Deus mandará sete anos de julgamento medonho sobre elas e as humilhará. A seguir, no fim do período da tribulação, Cristo retor-

nará à terra e estabelecerá seu reino. As nações que confiaram nele entrarão no reino glorioso, as outras serão expulsas. Os crentes, como Nabucodonosor, serão convertidos do orgulho e da descrença e desfrutarão a bênção de Deus.

DANIEL 5

Entre os capítulos 4 e 5 decorre um período de cerca de 20 anos. Nabucodonosor sai de cena, um filho o sucede no trono, porém governa por apenas alguns anos e é morto pelo cunhado. Por sua vez, este governa por quatro anos, mas morre em batalha. Os dois próximos reis ocuparam o trono por um breve espaço de tempo, o segundo desses foi Nabonido. Na verdade, ele era genro de Nabucodonosor e foi casado com a viúva de um dos reis anteriores. Nessa época, Nabonido era rei do Império Babilônio, e seu filho, Belsazar, era rei da cidade da Babilônia. Isso explica por que Daniel foi designado como terceiro governante (vv. 7,29). Enquanto se desenrolam os eventos do capítulo 5, o rei Nabonido ficou cativo dos medos e persas por quatro meses. Observe as experiências de Belsazar.

I. Desfruta de seu banquete (5:1-4)

Esse banquete era em honra a um dos maiores deuses babilônios e aconteceu no outono de 539 a.C. Arqueólogos escavaram palácios babilônios com salões grandes o suficiente para comportar milhares de convivas. Eles também descobriram que as paredes eram revestidas com uma substância branca semelhante a gesso, o que explica

a inscrição na parede. Nesses versículos, a idéia principal é beber vinho. Sempre se associou o vinho à Babilônia e aos “sistemas” mundanos babilônios (Jr 51:7; Ap 14:8; 17:1-5; 18:3,13). O rei não estava satisfeito em beber vinho para seus deuses (v. 4; e veja Ap 9:20); ele também queria blasfemar o Deus dos judeus. Assim, ele mandou trazer os utensílios sagrados do templo para serem usados nesse banquete blasfemo e idólatra (veja Dn 1:2). Em 5:2, a palavra “pai” refere-se a “avô”; veja também o uso nos versículos 1 e 13. Por favor, lembre-se que os medos e os persas já estavam do lado de fora dos portões da cidade enquanto esse banquete acontecia. O rei tinha tanta certeza de que sua cidade era inexpugnável que riu dos exércitos invasores. Esse é um retrato e tanto do nosso mundo atual: o julgamento está para vir, contudo as pessoas divertem-se e adoram seus deuses falsos. “Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição” (1 Ts 5:3). A Babilônia era uma cidade forte rodeada de muros com 106 metros de altura e 26,5 metros de espessura. O rio Eufrates corria em diagonal através da cidade, e grandes portões de metal controlavam as entradas da cidade. Como algum exército invasor poderia capturar uma cidade como essa?

II. Revela seu temor (5:5-9)

Aparentemente, os convidados não viram de imediato o aparecimento da mão misteriosa, mas o rei olhou por sobre a cabeça deles e viu-a na parede oposta. Imagine como os convidados ficaram surpresos ao verem o rei trêmulo, com os joelhos batendo um no outro. Agora, o vinho não lhe podia dar coragem, ele estava face a face com uma mensagem de Deus. O versículo 7 declara: “O rei ordenou, em voz alta”. Ele tinha de saber o significado da mão e da escrita. Na verdade, ele oferecia à pessoa que decifrasse isso a posição de terceiro governante da terra. (Em poucas horas, o próprio Belsazar não estaria vivo e governando.) Como sempre, nenhum dos “especialistas” do rei conseguiu explicar a escrita na parede, e isso deixou o rei ainda mais preocupado. É estranho que ele não conhecesse Daniel, o homem que aconselhara seu avô, Nabucodonosor. Todavia, Belsazar era um jovem descuidado (nessa época, ele tinha cerca de 35 anos) que estava mais interessado em poder e prazer que em assuntos espirituais. Não é de admirar que sua cidade caísse.

III. Descubra seu futuro (5:10-29)

A rainha-mãe resolveu o problema. Talvez essa mulher sábia fosse a viúva de Nabucodonosor com quem o pai de Belsazar, Nabonido, casou-se

a fim de fortalecer seu poder no reino. De qualquer modo, ela soube da consternação no banquete por causa da escrita na parede e foi até lá para aconselhar o rei. Ela disse: “Ó rei, vive eternamente!” (v. 10) — e, antes do fim da noite, ele seria morto. A seguir, ela fala-lhe sobre Daniel e de como ele aconselhou o avô de Belsazar. Agora, Daniel era um homem velho e estava “aposentado” do serviço público. Daniel, como membro honrado da família oficial, provavelmente fora convidado para o banquete, contudo ele não se macularia nem comprometeria seu testemunho. Daniel, ao manter sua posição de separado, era honrado por Deus (2 Co 6:14-18).

O rei tentou impressionar Daniel, mas ele não seria impressionado. Ele sabia que os presentes do rei não significavam nada em comparação com a bênção do Senhor; em relação a esse assunto, Belsazar não seria rei por muito tempo. Daniel, antes de esclarecer a escrita, fez um sermão para o rei em que usou o avô do rei como ilustração. Ele advertiu o rei em relação ao seu orgulho e pecado e lembrou-o de que Deus julgara Nabucodonosor com severidade. Daniel exclamou: “Tu, Belsazar, que és seu filho, não humilhas-te o teu coração, ainda que sabias tudo isto [...]. Contou Deus o teu reino e deu cabo dele”. O Senhor deu um ano a Nabucodonosor para

arrepender-se (4:28-33), no entanto não deu um ano para Belsazar se arrepender. Ele estava condenado.

Agora, a explicação. As palavras foram escritas em caldeu. Na Babilônia, um *mene* e um *tequel* tinham pesos diferentes, e a palavra *peres* significa apenas “dividir”. Os adivinhos babilônios não conseguiram adivinhar o significado dessas palavras quando as viram na parede. Todavia, Deus deu a Daniel a interpretação: “Contado — pesado — dividido”. Os dias de Belsazar foram contados, e seu tempo acabara; ele foi pesado na balança do Senhor e achou-se em falta; agora seu reino seria tirado dele e dividido entre os medos e os persas. Lembre-se que, naquele momento, Dario estava no portão da cidade. Belsazar acreditou na mensagem do Senhor, mesmo depois de seu medo e tremor? Não. Não vemos sinal de arrependimento nem de preocupação. Ele cumpriu a promessa e fez Daniel o terceiro governante como se achasse que seu reino continuaria para sempre. O orgulho, a luxúria, a indiferença e a satisfação consigo mesmo levaram à queda do rei.

IV. Encontra seu destino (5:30-31)

Se Belsazar tivesse estudado o profeta Isaías, saberia exatamente como a cidade da Babilônia seria conquistada e por quem. Ciro, o conquistador persa, derrotaria os medos e,

a seguir, cairia sobre a Babilônia (Is 41:25; 45:1-4). Ele cavaria um canal a fim de mudar o curso do rio Eufrates e, assim, faria seu exército entrar às escondidas na cidade *por baixo* dos portões. Os babilônios viram os inimigos cavando, mas pensaram que construiriam uma barreira contra a cidade. Na verdade, eles estavam desviando o rio. Por que a cidade foi tomada sem perceber o que acontecia? Porque a maioria das pessoas estava bêbada. Era um grande dia de festa religiosa, e as pessoas estavam envolvidas demais nos prazeres para pensar em defesa. O inimigo foi direto para o salão de banquete, e o rei foi morto. Que aviso para qualquer nação! Hoje temos um mundo tão louco por prazer que é fácil algum inimigo pegarmos distraídos, e, assim, a história se repetirá.

Quem era Dario, o medo? Isaías disse que Ciro capturaria os babilônios e libertaria os judeus (Is 44:28—45:13); veja também Daniel 1:21 e 10:1. Daniel 6:6,9,25,28; 9:1; 11:1 mencionam Dario como “rei”. Em 5:31, encontramos a explicação na palavra “apoderou”; e dever-se-ia traduzi-la por “recebeu”. Dario (líder militar de Ciro) recebeu o reino de Ciro, rei da Pérsia, e governou a Babilônia para ele. Daniel 6:28 apresenta esse reinado duplo: Ciro era o rei do império, e Dario governava a Babilônia e a região circunvizini-

na. Ciro entrou na Babilônia como conquistador poderoso e lidou com sabedoria com o povo, mesmo com os judeus exilados. Foi Ciro quem baixou o decreto que permitia que os judeus retornassem à sua terra e reconstruissem seu templo (Ed 1:1-4; veja Is 44:28). Portanto, mesmo a ascensão e queda de impérios fazem parte do plano de Deus para seu povo.

A queda da Babilônia, em 539 a.C., é um retrato da futura queda de Babilônia (o sistema mundano do demônio) apresentado em Apocalipse 17—18. E os cristãos que crêm na Bíblia já podem ver “a escrita na parede”. Todavia, os governantes cegos do mundo continuam com seu orgulho e prazer sem perceber que o Senhor está chegando.

DANIEL 6

Esse capítulo relata um dia na vida do primeiro-ministro do Império Medo-Persa — o amado Daniel. Lembre-se que, nesse capítulo, Daniel não é mais um adolescente, mas um homem na casa dos 80 anos. Isso apenas comprova que a idade não é impedimento para servir a Cristo nem proteção contra tentações e provas. Daniel é fiel ao Senhor até a idade avançada, porque foi um jovem de fé e oração.

I. A devoção do alvorecer

Como o primeiro-ministro iniciava cada dia? Ele orava ao Senhor. Daniel 6:10 informa que Daniel orava três vezes por dia em um “quarto de oração” no andar de cima de sua casa. Salmos 55:17 anuncia: “À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei”. Assim, Daniel iniciava o dia com o Senhor — e isso era algo bom. O inimigo estava em ação, e Daniel enfrentaria um dos maiores testes de sua vida. Nosso Senhor aconselha: “Vigiai e orai”. A oração não era algo acidental na vida de Daniel; era a coisa mais essencial. Ele tinha um local especial e horários especiais para orar e, tenha certeza, ele conversava com o Senhor durante todo o dia. Não é de espantar que o Senhor o tenha chamado de “mui amado” (9:23; 10:11,19), expressão

que, no Novo Testamento, ele reserva para seu Filho. O caminhar fiel e a vida consistente de oração tornaram Daniel um dos “filhos amados” de Deus (leia com atenção Jo 14:21-23). Como é importante iniciar o dia com o Senhor. Abraão tinha esse hábito (Gn 19:27); assim como Davi (Sl 5:3) e nosso Senhor Jesus Cristo (Mc 1:35).

II. O logro matinal (6:1-9)

Deus honrou Daniel por sua fidelidade, de modo que ele era praticamente o segundo governante da terra. Na verdade, havia 124 pessoas envolvidas na liderança da terra: Dario, o rei, os três presidentes (sendo Daniel o primeiro) e 120 príncipes. Dario estava tão impressionado com Daniel que planejava torná-lo o segundo governante oficial. O engrandecimento de Daniel na Babilônia comprova que o crente não precisa fazer concessões para ser bem-sucedido (Mt 6:33).

Os outros 122 líderes não estavam muito satisfeitos com o sucesso de Daniel. Por um motivo: ele era estrangeiro e judeu. Satanás sempre odiou os judeus e fez de tudo para persegui-los e eliminá-los. O perverso sempre odeia o justo. Com certeza, o devoto Daniel era honesto e tomava muito cuidado com os assuntos do Estado, mas os outros líderes roubavam do rei e acobertavam seus furtos com contas falsas.

Por isso, Dario reorganizou o governo a fim de “não ter prejuízo” (perda). Os maus mentiram a respeito do povo de Deus. Eles disseram a Dario que todos os presidentes concordaram com o plano (v. 7), contudo Daniel não foi consultado. Como Dario foi insensato ao assinar um decreto sem consultar seu melhor presidente. Mas a história mostra que Dario deixava-se influenciar com facilidade pela lisonja.

III. A decisão noturna (6:10-13)

Daniel foi um dos primeiros a saber sobre o novo decreto, e ele tinha de decidir o que fazer. Sem dúvida, seu caráter piedoso e seu caminhar espiritual já tinham decidido por ele: serviria ao Senhor e oraria a Jeová como sempre fizera. Ele poderia dar desculpas e fazer concessões. Poderia pensar: *Todos estão fazendo isso*. Além disso, ele era um homem idoso que servira fielmente ao Senhor durante toda a sua vida. Uma pequena concessão no final de sua vida não faria muito estrago. Afinal, ele não seria mais útil ao Senhor vivo do que morto? Não. Daniel recusou-se a fazer concessões. Antes, ele escolheu ser comido pelos Leões a perder um momento de oração.

Os inimigos estavam vigiando quando Daniel foi para seu quarto de oração, em que as janelas ficavam sempre abertas (“Orai sem cessar.”),

e eles viram o ancião ajoelhar-se e levantar as mãos em direção a Jerusalém. Eles o tinham pego. Todavia, Daniel tinha o coração em paz. Ele estava orando, fazendo ações de graças e súplicas, e essa é a fórmula para encontrar paz (Fp 4:6-7). Essa oração não era por causa de um momento de crise. Daniel costumava orar desde adolescente. É sábio começar a formar hábitos espirituais desde jovem.

IV. O desapontamento do entardecer (6:14-17)

O rei percebeu como fora insensato, mas mesmo seu poder e riqueza não podiam mudar a lei dos medos e dos persas. Deus não queria que Dario livrasse Daniel, esse era um privilégio que ele reservava para si mesmo. Daniel também não dependia do rei (Sl 146:1-6). Havia muito tempo, ele aprendera a confiar no Deus vivo. O Senhor não queria salvar Daniel na cova dos leões; ele queria tirá-lo dela.

V. A libertação noturna (6:18-23)

Que contraste entre o rei no palácio e Daniel na cova dos leões! Dario não tinha paz, contudo Daniel estava perfeitamente em paz consigo mesmo, com o Senhor e com os leões. Daniel estava em um lugar totalmente seguro, pois o Senhor estava lá com ele. Dario poderia ser morto por algum inimigo ali em seu

quarto. Dario trabalhara nos dias anteriores para salvar Daniel do julgamento, no entanto ele não podia descumprir sua própria lei. Daniel apenas falou com o Deus do universo e recebeu todo o poder de que precisava para enfrentar a cova dos leões. De todas as maneiras, Daniel reinava como um rei, enquanto Dario era escravo.

Foi a fé de Daniel no Senhor que o libertou (6:23; Hb 11:33). É surpreendente que ele tivesse qualquer fé depois de viver em uma terra pagã e idólatra por tantos anos. O segredo disso era sua comunhão diária com o Senhor. Ele tinha fé e foi fiel. Veja Salmos 18:17-24.

Hoje, os cristãos enfrentam muitas tentações que os seduzem a fazer concessões e, com frequência, parece que o caminho mais "seguro" é seguir a multidão. Contudo, esse é o caminho mais perigoso. O único lugar realmente seguro é a vontade do Senhor. Daniel sabia que era errado adorar o rei e orar a ele porque conhecia a Palavra de Deus. Ele preferia morrer obedecendo à Palavra do Senhor a viver fora da vontade dele. Satanás vem como um leão que ruge (1 Pe 5:8-9), mas o Senhor liberta-nos se for para a glória dele. Nem sempre a vontade do Senhor é libertar seus filhos do perigo. Muitos cristãos deram a vida no lugar onde serviam. Mas que recompensa eles

receberam! Leia Apocalipse 2:10 com atenção.

VI. A destruição matinal (6:24-28)

Nossa alma revolta-se ao pensamento de famílias inteiras, mesmo crianças, serem lançadas aos leões. No entanto, essa era a lei da terra, a mesma lei que esses homens perversos tentaram usar contra Daniel. Sem dúvida, foi trágico que os filhos inocentes deles tivessem de sofrer, entretanto essas eram as medonhas penalidades para o pecado. Cremos que as crianças que ainda não pudessem prestar contas de seus atos iam para o Senhor. Deus sempre vindica os seus. "O justo é libertado da angústia, e o perverso a recebe em seu lugar" (Pv 11:8). Leia Salmos 37:1-15 se estiver sofrendo perseguição e tiver dúvidas sobre se Deus se importa com isso e creia nele da mesma forma que Daniel confiou.

Agora, sabemos por que Deus permitiu que Daniel passasse por essa experiência (vv. 25-27). Isso trouxe grande glória ao nome dele. Pedro devia ter Daniel em mente quando o Espírito levou-o a escrever 1 Pedro 3:10-17. Sempre que os cristãos vencem a tentação, eles glorificam ao Senhor, mesmo que apenas os anjos e os demônios assistam a isso. Que nós, como Paulo, desejemos que Cristo seja engrandecido em nosso corpo, "quer pela vida, quer pela morte" (Fp 1:20).

DANIEL 7-8

Até agora, Daniel interpretou os sonhos dos outros. Agora, Deus dá visões extraordinárias a ele mesmo. Os eventos desses dois capítulos são anteriores aos do capítulo 5, já que a Babilônia ainda não tinha caído ante os medos e os persas. Lembrese que o pai de Belsazar, Nabonido, era, na verdade, o rei da Babilônia (o império), e Belsazar era seu coregente na cidade de Babilônia. Em 556 a.C., Nabonido tornou-se rei. Assim, podemos datar os eventos do capítulo 7 em 556 e os do capítulo 8, em 554. Outros historiadores preferem datar o capítulo 7 em 550, quando Nabonido foi para a Arábia e pôs Belsazar oficialmente no comando da nação. Isso localizaria o capítulo 8 no ano 548. Nessas visões, Daniel vê o curso da história das nações gentias, o que nos ajuda a ver o que acontecerá aos judeus nos últimos dias.

I. A visão dos quatro animais (7)

Na Bíblia, o mar agitado simboliza as nações gentias (Ap 17:15; Is 17:12). Aqui está o mar Grande, ou o mar Mediterrâneo, e todos os impérios mencionados nessa visão fazem fronteira com esse mar. Daniel viu quatro animais, e o anjo explicou o que significavam. Cada animal representava um reino (v. 17).

A. O leão com asas (v. 4)

Aqui temos a Babilônia, representada pela cabeça de ouro no sonho de Nabucodonosor com a grande estátua (2:36-38). O leão com asas era a estátua predileta dos babilônios. Você pode ver essas figuras em qualquer museu em que haja uma exposição a respeito da Babilônia. O animal de pé como um homem, com certeza, lembra-nos a experiência humilhante de Nabucodonosor, em 4:27-37. Nessa época, a Babilônia ainda governava o mundo, mas em apenas poucos anos (como o cap. 5 explica) o império cairia. Isso leva-nos ao próximo animal.

B. O urso com as costelas (v. 5)

Aqui encontramos o Império Medo-Persa, conhecido não por sua vivacidade e destreza, mas pela força bruta, exatamente como o urso. As três costelas representam os três impérios já derrotados por eles (Egito, Babilônia, Líbia), e o fato de o urso se levantar "sobre um dos seus lados" indica que uma metade do império (a metade persa) era mais forte e mais honrável (mais alta) que a outra metade (os medos). Em 539 a.C., os medos-persas conquistaram a Babilônia, no entanto o império deles durou apenas uns 200 anos.

C. O leopardo de quatro cabeças alado (v. 6)

Esse animal certamente representa a Grécia, liderada por Alexandre, o

Grande, que conquistou rapidamente o mundo, derrotando os persas por volta de 331 a.C. Todavia, em 323 a.C., o grande general morreu, e seu império foi dividido em quatro partes (por isso, as quatro cabeças). Quatro de seus principais generais pegaram uma parte cada um e governaram-nas como monarcas.

D. O animal terrível (vv. 7-8,17-27)

Esse animal chocou Daniel porque em nenhuma das revelações anteriores vira algo similar. Parece claro que temos aqui o Império Romano, o ferro na estátua de Nabucodonosor. Entretanto, a imagem parece ir além da história e alcançar os “últimos dias”, porque o animal tem dez chifres, o que faz paralelo com os dez dedos da estátua do capítulo 2, o Império Romano revivido nos últimos dias. Os versículos 8 e 10 relatam que um “pequeno chifre” (governante) surge e arranca três dos dez reinos representados pelos dez chifres ou pelos dez dedos. Depois, esse pequeno chifre torna-se o governante mundial, o anticristo. Sua boca fala com insolência, e ele persegue os santos (crentes judeus e gentios durante o período da tribulação) durante três anos e meio (v. 25 — “um tempo, dois tempos e metade de um tempo”). Essa é a última metade do período da tribulação, a “70ª semana” que Daniel menciona no capítulo 9. De acordo com

os versículos 11-12, os três reinos anteriores (babilônio, medo-persa e grego) são “engolidos” e incluídos nesse grande império mundial; no entanto, no fim, o próprio anticristo é julgado e morto. Em Apocalipse 13:1-2, João apresenta uma descrição da besta (anticristo) e usa os mesmos animais que encontramos em Daniel 7. Contudo, observe que ele reverte a ordem. Isso acontece porque Daniel olha para o futuro, e João, para o passado.

E. O julgamento (vv. 9-14,26-28)

Ver um homem no céu deve ter chocado Daniel. Ele viu Jesus Cristo, o glorioso Filho do Homem. Deus não pode permitir que a besta controle o mundo. Ele enviará seu Filho para julgar a besta e destruir seu reino e, a seguir, estabelecer seu próprio reino glorioso, em que os santos de Deus reinarão com ele.

Essa visão complementa a do capítulo 2 e acrescenta coisas a ela. Lá, tínhamos a visão do homem em relação às nações (metais preciosos); aqui, temos a perspectiva de Deus (animais ferozes). Veja Salmos 49:12.

II. A visão do carneiro e do bode (8)

Na verdade, essa visão é uma ampliação de 7:6, a explicação de como os gregos conquistarão os medos-persas. No capítulo 8, Daniel volta à língua hebraica (até o

fim do livro; lembre-se que desde 2:4 estava em caldeu). Os eventos do capítulo 8 acontecem dois anos antes dos do capítulo 7, e nele são descritos os reinos que se seguem após a queda da Babilônia. Em uma visão, Deus levou Daniel até a capital da Pérsia, o palácio em Susã (veja Nm 1:1). Por que Susã? Porque o próximo império é o persa.

O *carneiro* (vv. 3-4) representa os medos-persas em suas vitórias (v. 20); o símbolo da Pérsia era um carneiro. No momento em que o carneiro dava "marradas" para todos os lados, surge um bode vindo do ocidente (v. 5) que corre rapidamente para onde o carneiro está. O carneiro tem dois chifres, um mais alto que o outro, simbolizando os medos e os persas, sendo os persas o chifre mais forte. O bode tem um chifre grande — Alexandre, o Grande. A seguir, o bode ataca o carneiro, quebra os dois chifres e aumenta de tamanho (vv. 7-8). Isso representa a vitória grega sobre os medos-persas. Todavia, a seguir, o grande chifre quebra-se (a morte de Alexandre), e quatro chifres tomam seu lugar (os quatro generais que dividiram o reino e passaram a governar).

No entanto, aqui surge de novo um chifre pequeno. Em 7:8, já encontramos um chifre "pequeno", e agora temos outro. Em 7:8, o "pequeno" chifre representava o anticristo, o governante mundial do im-

pério mundial final antes do retorno de Cristo à terra. No entanto, em 8:9, esse "chifre pequeno" surge de um dos quatro chifres, isto é, ele é um líder que surge de uma das quatro divisões do reino de Alexandre. Portanto, esse "chifre pequeno" não é o anticristo dos "últimos dias", embora tenha uma conexão precisa com ele. Esse "chifre pequeno" conquista nações ao sul e ao oriente (Egito e Pérsia) e, a seguir, invade a Palestina ("a terra gloriosa"). Ele não ataca os judeus apenas politicamente, mas também religiosamente, pois ele tenta destruir a fé deles (v. 10) ao interromper os sacrifícios no templo (vv. 11-12). O versículo 13 relata que ele instituirá "transgressão assoladora" no templo e corromperá o templo durante 2.300 dias.

Quem era esse homem? A história chama-o de *Antíoco Epifânio*, líder perverso que veio da Síria, uma das quatro divisões do império de Alexandre. Ele invadiu a Palestina e erigiu a estátua de Júpiter no templo. Ele chegou mesmo a sacrificar uma porca no altar judeu e a espalhar o sangue desse animal nos pátios. Imagine como os judeus ortodoxos sentiram-se em relação a isso. A história relata que o templo ficou devastado até 25 de dezembro de 265 a.C., quando um judeu patriota, Judas Macabeu, consagrou o templo de novo e purificou-o. Houve um intervalo de 2.300 dias

entre a profanação e a nova consagração.

Contudo, isso não exaure o significado da visão. Nos versículos 17-26, o anjo que transmite a explicação da visão deixa claro que ela alcança o fim dos tempos, os anos finais da história judaica. Assim, Antíoco Epifânio é apenas uma imagem antecipada do "homem da iniquidade", o anticristo, o "chifre pequeno" de 7:8. O versículo 23 descreve-o como "um rei de feroz catadura". Esse homem fará um acordo de proteger os judeus durante sete anos (9:27); no entanto, no meio desse período ele quebrará a promessa, invadirá a Palestina e se instituirá como ditador do mundo. Veja os versículos 24-25, 2 Tessalo-

nicenses 2:1-12 e Apocalipse 13. Ele acabará com os sacrifícios diários no templo, instalará uma estátua dele mesmo (esse é "o abominável da desolação" de Mt 24:15) e forçará o mundo a adorá-lo e obedecer-lhe. O versículo 25 informa que ele usará astúcia e engano para alcançar seus propósitos. Ele até se levantará contra Cristo, o Príncipe dos príncipes. No entanto, essa será uma batalha perdida. Ele será quebrado "sem auxílio de mãos" (veja 2:34), derrotado na batalha de Armagedom (Ap 19). Não foi à toa que Daniel se sentiu esmagado. E também nós devemos nos sentir da mesma forma ao meditar a respeito das incríveis profecias da Palavra de Deus.

DANIEL 9-12

Esses capítulos finais contêm algumas das profecias mais detalhadas da Bíblia, e a maior parte delas já se cumpriu. O capítulo 9 será nosso foco, porque compreender as “70 semanas de Daniel” é fundamental para as profecias bíblicas. Em relação aos judeus, esses capítulos lidam com dois períodos de tempo distintos.

I. Setenta anos de cativeiro (9:1-19)

A. A profecia (vv. 1-2)

Daniel era um estudioso das Escrituras do Antigo Testamento, especialmente das profecias relacionadas ao destino de seu povo. Agora, ele está perto dos 90 anos de idade. Enquanto lia Jeremias 25:1-14, o Senhor o fez ver que seu povo ficaria na Babilônia por 70 anos. Observe que Deus não dá “visões e sonhos” às pessoas quando pode ensiná-las por meio de sua Palavra. Hoje, o Espírito delê ensina-nos por intermédio da Palavra. Acautele-se das “novas revelações” que supostamente vêm de sonhos e visões. Daniel percebeu que os 70 anos de cativeiro estavam para acabar. Em 606 a.C., a Babilônia invadiu a Palestina e iniciou o cerco, e Daniel entendeu as profecias no ano 539-38 a.C., portanto faltavam apenas dois anos dos 70 anos prometidos

por Jeremias. Como esse dia de estudo bíblico deve ter sido animador para Daniel!

B. A oração (vv. 3-19)

A Palavra de Deus e a oração andam juntas (At 6:4). Daniel não se vangloriou de sua percepção em relação à Palavra; na verdade, ele nem fez um sermão a respeito disso. Ele ajoelhou-se em oração. Essa é a verdadeira atitude do estudioso bíblico humilde. É triste ver as “verdades proféticas” transformarem as pessoas em seres orgulhosos, em vez de em guerreiros de oração. Como as pessoas deviam achar estranho ver o primeiro-ministro vestindo pano de saco! A oração de Daniel é um dos maiores exemplos de intercessão da Bíblia. Ele confessa os próprios pecados e os do seu povo. Ele revê a história da Bíblia e confessa que a nação havia sido má, e Deus, justo em julgá-la. Ele conhece as advertências que Moisés fez (v. 13; veja Lv 26) e sabe que ele e a nação mereciam um castigo muito maior do que o que Deus enviou a eles. É maravilhoso ver Daniel identificando-se com a nação pecadora, embora ele mesmo não tenha cometido esses pecados. Após confessar seus pecados e os da nação, Daniel começa a orar por Jerusalém (vv. 16-19). Sem dúvida, ele orava com freqüência pela cidade santa; na verdade, essa é uma das razões por que o Senhor o abençoou

e o engrandeceu (Sl 122:6-9). Todavia, por que orar pela prosperidade de uma cidade devastada? Porque o Senhor prometera não apenas que o cativo terminaria, mas também mandar os judeus de volta à sua terra a fim de que reconstruíssem o templo. Veja Jeremias 29:10-14 e 30:10-24. Em Isaías 44:28, Deus prometeu que Ciro permitiria que os judeus reconstruíssem a cidade de Jerusalém. Assim, Daniel fixou-se nessas grandes promessas e transformou-as em orações de fé. Agora veremos como Deus respondeu às orações dele. (Em Dn 9, observe como a forma do profeta orar é semelhante à dos queoram em Ed 9 e Ne 9.)

II. As 70 semanas da profecia (9:20-27)

Em Jerusalém, o sacrifício da tarde não estava sendo oferecido. No entanto, Daniel oferecia a si mesmo e suas orações na hora da oferta da tarde (veja Sl 141:1-2), e o anjo Gabriel veio trazer-lhe a resposta de suas orações. Daniel estava preocupado com Jerusalém e o monte santo (v. 20). A cidade seria restaurada? O templo seria reconstruído? A nação seria redimida do pecado e haveria justiça na terra? Gabriel tinha todas as respostas, e as encontramos todas na famosa profecia das “70 semanas”.

Desde o início, o número sete foi estampado em Israel. Os israelitas tinham o sábado (Êx 23:12), em

que separavam o sétimo dia para honrar a Deus. Também tinham os anos sabáticos (Lv 25:1-7), em que deviam deixar a terra descansar a cada sete anos. Os israelitas foram para o cativo porque quebraram essa lei, um ano de cativo para cada ano sabático em que não obedeceram ao Senhor (2 Cr 36:21; Lv 26:33-34). Eles também tinham o “sábado do sábados”, em que cada 50º ano era separado como o Ano do Jubileu (Lv 25:8-17). Todavia, agora Daniel seria apresentado a uma nova série de sábados — 70 semanas (períodos de sete anos), perfazendo o total de 490 anos de tempo profético para os judeus. (No versículo 24, a palavra “semanas”, na verdade, significa “setes” — setenta setes foram determinados, o que faz 490 anos.) Por favor, observe que esse período de 490 anos refere-se a Jerusalém e aos judeus: “teu povo [...] tua santa cidade” (v. 24). E Deus tem propósitos específicos para cumprir nesse período: a remoção do pecado e a introdução da justiça. O resultado será a unção do lugar mais santo do templo, isto é, o retorno em glória de Jesus Cristo à terra para reinar de seu templo de Jerusalém.

Agora, vejamos o esboço dos 490 anos. O versículo 25 esclarece que o evento que desencadeará os 490 anos é o decreto (veja Ne 2:5), em que se permite o retorno dos judeus a Jerusalém e a reconstru-

ção da cidade. (É interessante que o evento que dará início aos últimos sete anos desse período seja o acordo, feito com o anticristo, para proteger os judeus. Há um decreto no início e no fim desse período de 490 anos.) A história relata que houve quatro decretos distintos em relação a Jerusalém: Ciro, Dario e Artaxerxes fizeram decretos a respeito da reconstrução do templo (Ed 1, 6 e 7), e Artaxerxes fez um decreto permitindo que Neemias reconstruísse os muros (Ne 2). Isso aconteceu em 445 a.C., e é o decreto a que Daniel 9:25 se refere. Tal fato ocorreu cerca de 100 anos após Daniel receber a mensagem do Senhor. Gabriel disse que haveria um período total de 69 semanas, “sete semanas e sessenta e duas semanas”, entre a emissão do decreto e a chegada do Messias, o Príncipe, a Jerusalém ($69 \times 7 = 483$ anos). Lembre-se que os “anos proféticos” bíblicos não têm 365 dias, mas 360 dias. Estudiosos calcularam que houve 483 anos proféticos entre o decreto de 445 a.C. e o dia em que Jesus entrou em cima de um jumentinho em Jerusalém, no Domingo de Ramos (cf. *The Coming Prince* [O Príncipe vindouro], de sir Robert Anderson, Kregel, 1967).

Todavia, Gabriel dividiu esses 483 anos em dois períodos: sete semanas ($7 \times 7 = 49$ anos) e 62 semanas ($62 \times 7 = 434$ anos). Por quê? Bem, a reconstrução de Jerusalém levou

49 anos, e isso foi feito “em tempos angustiosos” (como disse Gabriel). Leia Neemias e veja como foi difícil a tarefa de reconstrução da cidade. Assim, 434 anos mais tarde temos o Messias, o Príncipe, que “será morto” (na cruz) pelos pecados do mundo. O propósito apresentado no versículo 24 cumpre-se com a morte na cruz. O que acontece após a morte dele? Israel aceita-o e à sua mensagem? Não. Eles mentem a respeito dele, perseguem seus mensageiros, apedrejam Estêvão e recusam-se a reconhecer a realeza de Jesus. O que acontece? Roma destrói a cidade e o templo. A nação “mata” Jesus Cristo, e ele não deixa que sejam uma nação. Até 14 de maio de 1948, Israel não era uma nação livre.

O versículo 29 refere-se a Roma como “o povo de um príncipe que há de vir”. Quem é esse príncipe? Não é o “Messias, o Príncipe”, pois este é Cristo. O “príncipe que há de vir” é o anticristo. Ele será o líder do Império Romano restaurado. Assim, a destruição de Jerusalém, em 70 d.C., foi apenas uma ilustração da futura invasão e destruição a ser liderada pelo anticristo. Esse príncipe fará um acordo com os judeus de protegê-los das outras nações, e esse acordo terá duração de sete anos. Esses sete anos finais completam o período de 490 anos previstos no relato de Daniel. O período entre a morte de Cristo e a assinatura desse acordo refere-se a toda a era da

igreja, o “grande parêntese” no programa de Deus. Os 490 anos estão em operação apenas quando Israel está na vontade do Senhor como seu povo escolhido. Quando Israel crucificou Cristo, foi posto de lado, e o “relógio profético” parou de funcionar. No entanto, os últimos sete anos das “70 semanas” de Daniel começam a se cumprir quando o anticristo faz o acordo com Israel. Deu-se o nome de período da tribulação, ou “tempo de angústia para Jacó”, a esse intervalo de sete anos da duração do acordo. Apocalipse 6—19 descreve esse período.

Decorridos três anos e meio do acordo, Gogue e seu aliados invadirão a Palestina (veja Ez 38—39), e Deus os julgará. O anticristo invadirá a terra, quebrando seu acordo e instituindo-se como ditador mundial. Ele acabará com toda adoração no templo judeu (veja 2 Ts 2) e forçará o mundo a adorá-lo e à sua imagem. Esse é “o abominável da desolação” (veja Mt 22:15; Jo 5:43; Ap 13). Como esse período terminará? Jesus Cristo retornará à terra, defrontar-se-á com os exércitos rebeldes em Armagedom e os derrotará (Ap 19:11-21)

PROFETAS MENORES

Notas introdutórias

Os “profetas menores” não são menores no sentido de serem menos importantes que Isaías, Jeremias, Ezequiel ou Daniel. A mensagem deles é muito importante no programa de profecias de Deus. A Bíblia hebraica junta todos os 12 relatos desses profetas e chama-os apenas de “os Doze”. Os estudiosos da Bíblia chamam-nos “profetas menores”, principalmente por causa da brevidade dos relatos deles, embora Zacarias não seja um relato curto de modo algum — nem simples.

Em geral, em cada um desses relatos encontramos uma lição tripla: (1) histórica: cada um dos profetas pregava e escrevia para cuidar de uma necessidade imediata na vida do povo; (2) profética: cada profeta ilustra ou anuncia alguma coisa sobre o futuro de Israel em relação ao julgamento ou à restauração; (3) prática: temos hoje os mesmos pecados que a nação tinha naquela época e precisamos aprender as muitas lições práticas que esses livros nos fornecem. Por exemplo, Oséias relata a apostasia de Israel, a disciplina de Israel sob a Assíria e sua futura purificação e restauração. Eles também trazem lições para os crentes de hoje que desobedecem ao Senhor e cometem “adultério espiritual” ao seguir o mundo. Eis uma cronologia simples para os profetas menores (e alguns dos principais profetas) para ajudá-lo a mantê-los em seu lugar historicamente correto.

Reino do Norte

Jonas — 780-750

Isaías — 750-680

Miquéias — 740-690

Conquistado pela Assíria — 721

Reino do Sul

Joel — 835-795

Amós — 765-750

Oséias — 755-715

Naum — 630-610

Sofonias — 625-610

Jeremias — 626-586

Habacuque — 625-586

Obadias — 586

Conquistado pela Babilônia

Daniel — 606-534

Ezequiel — 593-571

Retorno do exílio — 536

Ageu — 520-516

Zacarias — 520-500

Malaquias — 450-400

(Nota: Nem sempre os historiadores chegam a um acordo sobre a data exata. Esse quadro visa apresentar a relação aproximada entre os profetas.)

OSÉIAS

O nome Oséias significa “salvação”. Ele pregava no Reino do Norte (Israel, também chamado de Efraim) durante o período de declínio nacional. Jeroboão II era o rei no início do ministério de Oséias, e essa foi uma época de muita prosperidade. No entanto, a nação deteriorava-se internamente e envolvia-se em alianças com estrangeiros em vez de confiar no Senhor para guiá-la e protegê-la. Oséias viveu o suficiente para ver Israel ser levado cativo pelos assírios, em 721 a.C. Para conhecer o pano de fundo histórico, leia 2 Reis 15—17.

A mensagem de Oséias é para a nação de Israel, pois expõe o pecado dela e adverte-a a respeito do julgamento que está vindo. Como veremos, há também uma mensagem de esperança para o futuro. Todavia, o fato singular a respeito da mensagem dele é que ele mesmo teve de vivenciá-la antes de poder pregá-la para o povo. O profeta vivenciou angústia profunda em seu casamento por causa dos pecados da esposa, contudo tudo isso fazia parte de uma lição objetiva divinamente enviada para ele e seu povo.

I. A imagem da infidelidade de Israel (1—3)

Oséias queria casar-se com uma mulher chamada Gômer, e o Senhor permitiu que ele fizesse isso, mas advertiu-o de que isso poderia partir seu coração. A advertência do Senhor tornou-se verdade: Gômer deu três filhos a Oséias e, depois, deixou-o para viver com outros homens. Imagine como o coração de Oséias partiu-se com o pecado dela. Depois, o Senhor ordenou que o profeta procurasse a esposa desobediente, e ele descobriu-a — à venda em um mercado de escravos (3:1-2)! Ele teve de comprar a própria esposa, trazê-la para casa e assegurar-lhe seu perdão e amor. Temos todos os motivos para acreditar que Gômer se arrependeu de seus pecados e tornou-se uma esposa fiel.

Tudo isso retrata a infidelidade de Israel com o Senhor. A nação estava casada com o Senhor (Êx 34:14-16; Dt 32:16; Is 62:5; Jr 3:14) e deveria manter-se fiel a ele. Todavia, Israel desejou ardentemente o pecado, especialmente com os falsos deuses das outras nações, e cometeu “adultério espiritual” ao abandonar o Deus verdadeiro e adorar os ídolos dos inimigos. Eles prometeram-lhe muitos prazeres, mas ela descobriu que também havia dores e sofrimentos. Israel, como Gômer, seria escravizada (cativeiro) por causa de seus pecados. Mas esse

não é o fim da história. Da mesma forma que Oséias procurou sua esposa e a trouxe para casa, o Senhor procuraria seu povo, o libertaria e o restauraria em sua bênção e amor.

Podemos traçar a história de Israel por meio dos nomes dos três filhos de Oséias: (1) *Jezreel* (1:4) significa “disperso”; refere-se à época em que Deus espalha Israel entre as outras nações. (2) *Lo-Ruama* (1:6) significa “desfavorecida”; quer dizer que o Senhor tira sua misericórdia da nação e permite que ela sofra por seus pecados. (3) *Lo-Ami* (1:9) significa “não meu povo”; refere-se àquela época do programa do Senhor em que Israel não comunga com ele e não é o seu povo como antes fora. (Oséias 2:1 informa que haverá um tempo em que o Senhor chamará Israel de “Meu Povo” e de “Favor”, quando Cristo retornar, restaurar a nação e estabelecer seu reino justo.) Oséias 3:3-5 apresenta um resumo da condição espiritual de Israel.

Não podemos deixar esses capítulos sem salientar que o “adultério espiritual” pode ser um pecado dos cristãos do Novo Testamento como foi dos judeus do Antigo Testamento (1 Jo 2:15-17; Ap 2:1-7; Tg 4:1-10). Os cristãos que amam o mundo e vivem para pecar são falsos com seu Salvador e partem o coração dele. Paulo advertiu os coríntios em relação a isso (2 Co 11:1-3).

II. A proclamação dos pecados de Israel (4—7)

Sem dúvida, todos os vizinhos falaram sobre os pecados de Gômer e apontaram um dedo acusador para ela. Não obstante, agora Oséias aponta o dedo para eles e expõe os pecados deles. A mensagem dele é semelhante aos jornais de hoje; leia 4:1-2 com atenção. Perjúrio, mentira, homicídio, furto, adultério, traição, idolatria, bebedeira — esses pecados e muitos outros abundam na nação. E, para deixar as coisas piores, a nação tentou esconder seus pecados em “reavivamentos religiosos” superficiais (6:1-6). Oséias foi um pregador magistral. Observe como retrata a condição espiritual do povo: (1) *a nuvem da manhã* (6:4), porque num momento está aqui e, no seguinte, já se foi, é passageira; (2) *um pão que não foi virado* (7:8), pois a religião do povo não estava enraizada na vida dele, mas era algo superficial; (3) *as cãs* (7:9), porque perde a força, mas não se dá conta disso; (4) *uma pomba enganada* (7:11), porque é instável, voa de um aliado político para outro; (5) *um arco enganoso* (7:16) com o qual não se pode contar.

III. A proclamação do julgamento de Israel (8—10)

A rebeldia sempre é punida (Pv 14:14), e Israel era isso — rebelde (4:16; veja também Jr 3:6,11). Cla-

ro, os cristãos que quebram seu voto com o Senhor não perdem a salvação, no entanto perdem a alegria, o poder e a utilidade; e devem sofrer a disciplina do Senhor. Oséias via a chegada dos assírios para punir a nação e escravizá-la. Ele retrata esse julgamento como a chegada da águia veloz (8:1), a fúria de uma tormenta (8:7) e com o fogo consumidor (8:14). A nação se dispersará (8:8; 9:17) e colherá mais que semeou (10:12-15). Os pecadores colhem o que semeiam (Gl 6:7-8), todavia eles também colhem mais, porque as poucas sementes plantadas multiplicam-se e trazem uma grande colheita. Como é terrível segar a colheita do pecado! Davi plantou uma semente de luxúria, e veja a colheita de lágrimas que conseguiu.

Por que Deus permitiu que Israel fosse julgado pela perversa Assíria? Porque ele amava seu povo. O amor sempre disciplina para melhorar o filho (Hb 12:1-13; Pv 3:11-12). A mão da disciplina é a mão do amor; é o Pai disciplinando o filho, não a punição de julgamento criminal. Devemos ser agradecidos pela disciplina amorosa de Deus — Salmos 119:71.

IV. A restauração de Israel prometida (11—14)

Oséias não termina com uma nota sombria. Ele vê a glória futura da nação. Da mesma forma que ele tirou

a esposa da escravidão e restabeleceu-a em sua casa e em seu coração, também a nação será restaurada à sua terra e ao seu Senhor. Esses capítulos finais exaltam o amor fiel de Deus em contraste com a infidelidade de seu povo.

O Senhor amou Israel no Egito (11:1) quando era uma nação cativa sem glória nem beleza. A graça dele redimiu-a da escravidão, guiou-a, proveu a todas as necessidades dela. Contudo, desde o início desse casamento de Jeová e Israel, o povo estava “inclinado a desviar-se” (11:7). Deus atraiu-o com laços de amor (11:4); no entanto, o povo tentou quebrar esses laços e seguir seu próprio caminho. Pecado não é apenas quebrar a lei do Senhor; é partir o coração dele. Leia 11:8-11 a fim de ver como o coração do Senhor, quando tentou trazer seu povo infiel de volta à sua bênção, desejava que este lhe fosse fiel. O capítulo 12 apresenta a nação “falando com grandeza” e gabando-se de sua riqueza e de suas realizações, mas Deus diz: “Efraim apascenta o vento e persegue o vento”. O rebelde pode usufruir de riqueza material e dos prazeres físicos, mas isso nunca satisfaz o coração nem glorifica o Senhor, e, por fim, o rebelde ficará pobre, desprezado, cego e nu.

O capítulo 14 é um apelo amoroso de Deus para que sua “esposa” volte para seu coração e bênção. Ele pede por sacrifícios dos lábios —

palavras de confissão —, não sacrifícios de animais. Ele promete curar a infidelidade de seu povo (14:4) e trazê-lo de volta ao seu favor. Ele retrata a nação como uma árvore frutífera ou a vide (vv. 4-7), desde que se afaste de seus ídolos e volte para o Senhor. Claro que isso acontecerá quando Jesus Cristo retornar à terra para estabelecer seu reino e cumprir as promessas feitas aos pais.

Por favor, não perca a mensagem pessoal: rebeldes podem retornar ao Senhor, vivenciar o perdão dele (1 Jo 1:9), e ser restaurados ao lugar de bênção e benefício. Os versículos finais apresentam dois caminhos: o caminho do Senhor, que é justo, e o caminho da transgressão, que é errado. Clame o versículo 4 para si mesmo e vivencie a cura do perdão dos pecados.

JOEL

A mensagem de Oséias cresce a partir de um sofrimento pessoal que ele teve na família. A mensagem de Joel cresce da calamidade nacional: a invasão da praga de gafanhotos. Junto com a praga de gafanhotos, há uma terrível seca (1:19-20), e a combinação dos dois eventos trouxe escassez absoluta para a terra. Joel tem uma mensagem para o povo de Judá, pois viu nessas calamidades a mão disciplinadora do Senhor por causa dos pecados do povo. No entanto, ele olhou para além dos gafanhotos e viu outro “exército” — um exército real de nações gentias atacando Jerusalém (3:2). Em outras palavras, Joel usou o julgamento imediato do Senhor (os gafanhotos) como uma ilustração do julgamento final, “o Dia do SENHOR”. Assim, o relato de Joel divide-se em duas partes: (1) a mensagem atual sobre a praga de gafanhotos (1:1—2:27); e (2) a mensagem futura a respeito do dia do Senhor (2:28—3:21).

Antes de nos voltarmos para essas duas mensagens, temos de compreender o que Joel quer dizer com “Dia do SENHOR”. Ele usa a expressão cinco vezes: em 1:15; 2:1,11,31 e 3:14. Outros profetas também a usam (Is 2:12; 13:6,9; 58:13; Jr 46:10, e todo o relato de Sofonias). A expressão “Dia do SENHOR” refere-se a um tempo futu-

ro em que Deus derramará sua ira sobre as nações gentias *por causa de seus pecados contra os judeus* (veja Jl 3:1-8). Isso acontecerá após o arrebatamento da igreja (veja 1 Ts 1:10 e 5:9-10 e Ap 3:10), durante o período de sete anos conhecido como tribulação. Isso é descrito de forma mais completa em Apocalipse 6—19. Esse período terminará com a batalha de Armagedom (Jl 3:9-17; Ap 19:11-21) e o retorno de Jesus Cristo para estabelecer seu reino.

I. A tipificação do dia do Senhor (1:1—2:27)

A. Proclamação (1:1-20)

Joel dirige-se a diversos grupos distintos de pessoas quando descreve a terrível praga e suas conseqüências devastadoras. Ele pergunta aos velhos (vv. 1-4) se eles se lembram de uma tragédia igual a essa em épocas passadas. Não, eles não se lembram. Na verdade, eles contarão aos seus filhos e, até mesmo, aos seus bisnetos sobre esses acontecimentos horrorosos. O versículo 4 não apresenta quatro insetos diferentes, mas o gafanhoto em quatro estágios diferentes de crescimento. Existem umas 90 variedades de gafanhotos, e todas elas são bem capazes de arruinar uma nação. A seguir, Joel volta-se para os ébrios (vv. 5-7), que choram e uivam porque as vinhas

estão destruídas e acabou o suprimento de vinho. Depois, fala com os adoradores (vv. 8-10), que têm de ir ao templo de mãos vazias, porque não há sacrifícios para ofertar. Ele dirige-se aos lavradores (vv. 11-12), que uivam porque suas colheitas estão arruinadas. Por fim, Joel vira-se para os sacerdotes (vv. 13-14) e diz-lhes que jejuem e orem. Aqui chegamos ao cerne da questão, pois Deus estava punindo a nação por causa do pecado. Contanto que o povo lhe obedeça, ele enviará a chuva e a colheita, mas, se lhe der as costas, ele fará com que os céus sejam como bronze e destruirá as colheitas. Veja Deuteronômio 11:10-17; 2 Crônicas 7:13-14.

B. Tribulação (2:1-11)

Joel toca as trombetas de alarme para avisar o povo de que o exército destruidor de gafanhotos está a caminho. Os gafanhotos assemelham-se a cavaleiros minúsculos, além de já terem provado em muitas ocasiões sua capacidade de comer tudo que encontram em seu caminho. O versículo 10 sugere um enxame tão grande a ponto de encobrir o sol e a lua.

C. Humilhação (2:12-17)

Joel toca a trombeta pela segunda vez, dessa vez para chamar a congregação ao jejum, à oração e à confissão dos pecados. Isso não é para ser um mero rasgar de rou-

pas exterior, mas, antes, um rasgar do coração. Em 1:13, Joel chamou apenas os sacerdotes à oração; em 2:16, ele convoca todos a jejuar. Sem dúvida, ele lembra-os da promessa de 2 Crônicas 7:14.

D. Restauração (2:18-27)

Tivemos o soar da trombeta e a assembléia; agora, temos a resposta do Senhor. O que a fé de Joel conseguiu —“Então o SENHOR [...] respondeu” (NTLH). Deus promete afastar o exército de gafanhotos e restaurar as pastagens. Na verdade, ele lhes dá “colheita tão abundante” que são mais que recompensados pelos anos destruídos pelos gafanhotos (2:25). Ele não faz isso porque eles merecem, mas para que eles e as nações pagãs saibam que ele é o Senhor (v. 27).

II. O dia do Senhor profetizado (2:28—3:21)

Joel vai em frente e fala de outro “dia do Senhor”, um tempo de julgamento futuro que terminará em bênção para os judeus.

A. O Espírito derrama-se antes desse dia (2:28—3:21)

No dia de Pentecostes (At 2:16-21), Pedro citou essa passagem do relato de Joel. Assim, leia com atenção a citação. No entanto, observe que Pedro *não* fala que a profecia de Joel foi cumprida. Antes, ele diz: “Mas o que ocorre é o que foi dito por in-

termédio do profeta Joel". Em outras palavras, esse é o mesmo Espírito Santo do qual Joel falou. A profecia completa de Joel, com suas demonstrações de prodígios incríveis, não se cumprirá antes dos últimos dias. Por mais que forcemos nossa imaginação, não há como ver o cumprimento literal da profecia de Joel no Pentecostes. Não, o que aconteceu no Pentecostes foi o início da bênção do Senhor sobre Israel. Se a nação tivesse recebido a Cristo, em vez de prender os apóstolos e matar Estêvão, os prometidos "tempos animadores" viriam com o retorno de Cristo e o estabelecimento do reino dele (At 3:19-26). Joel conta-nos que durante os últimos dias da história de Israel, no período da tribulação, o Espírito de Deus operará de forma poderosa na salvação dos judeus e dos gentios e haverá prodígios e sinais poderosos nos céus. Apocalipse registra esses prodígios.

B. O julgamento derramado durante esse dia (3:1-17)

O versículo 1 deixa claro que os judeus retornarão à terra deles, libertados do cativeiro nas nações gentias. No entanto, todas as nações se unirão para combater Jerusalém. Deus as reunirá no vale de Josafá, isto é, a região do vale de Megido em que acontecerá a batalha de Armagedom. Os versículos 2-8 afirmam que esse julgamento será a pu-

nição do Senhor às nações gentias pela forma como trataram a nação e a terra de Israel. A terra palestina foi pilhada, muitas nações gentias roubaram as riquezas dos judeus, que por direito são deles. Deus os recompensará no Dia do Senhor. No versículo 2, quando o Senhor promete entrar em "juízo" contra as nações, ele não quer dizer que pedirá que se arrependam. Devemos entender a expressão "entrar em juízo" como "executar julgamento"; veja Isaías 66:16 e Jeremias 25:31. O versículo 13 compara a batalha a uma safra de uvas maduras; veja, em Apocalipse 14:14-20, a descrição da batalha de Armagedom. O vale da Decisão, no versículo 14, não tem nada que ver com "o Senhor tomar uma decisão". A palavra "decisão" sugere surra; as nações serão surradas, julgadas pelo Senhor. Cristo defenderá sua terra, seu povo e sua cidade santa.

C. A bênção derramada depois desse dia (3:18-21)

Enquanto Joel pregava, o povo podia ver os campos secos, o rebanho faminto e os celeiros vazios. Ele podia ver e ouvir os gafanhotos devastando o país. Contudo, Joel retrata um tempo em que o vinho, o leite e a água jorrarão sem cessar em toda a extensão da terra. Claro que ele se refere à era do reino quando Jesus Cristo se sentará no trono de Davi,

em Jerusalém, e a terra será curada e restaurada à bênção do Senhor. A nação será purificada, e o Senhor habitará em Sião. Isso nos faz lembrar as palavras finais de Ezequiel: “E o nome da cidade desde aquele dia será: O SENHOR Está Ali”.

Não podemos perder a aplicação da mensagem de Joel aos crentes de hoje. Sem dúvida, o Senhor manda calamidades naturais quando as nações se recusam a lhe obedecer. Guerras, safras ruins, epidemias,

terremotos, vendavais — Deus pode usar todas essas coisas para fazer com que as pessoas caiam de joelhos. O Senhor até usa pequenos insetos para fazer sua vontade quando os homens e as mulheres não lhe obedecem. Nossa vida pessoal pode tornar-se seca e infrutífera se nos afastarmos da vontade do Senhor. É muito importante sentir arrependimento sincero e profundo (2:12-13), a fim de que Deus possa perdoar-nos e abençoar-nos de novo.

AMÓS

Os eventos desse relato ocorreram cerca de 25 anos antes da queda de Israel. Estamos na cidade de Betel, em que o rei Jeroboão II tem seu santuário particular, e Amazias é seu sacerdote. A nação desfruta de paz e prosperidade; na verdade, vive luxuosamente. Está para se iniciar um culto emocionante sob o comando de Amazias, quando ouvimos uma comoção popular fora do santuário. Uma voz clama: “O SENHOR rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz”, ele julgará as nações más. Corremos para fora e vemos um rústico “pregador das colinas” de Tecoa, chamado Amós (“carregador”). Ele não é um profeta, sob o aspecto profissional, pois seu pai não foi profeta, nem frequentou a escola de profetas (7:10-17). Contudo, ele é um homem de Deus que transmite a mensagem do Senhor e alerta que Israel está para ser julgado. Ele refere-se ao “cativeiro” diversas vezes (5:5,27; 6:7; 7:17). Façamos uma pausa e tentemos entender a mensagem que esse pastor transmite.

I. Ele olha em volta (1—2)

Amós inicia sua mensagem olhando as nações em volta e anunciando oito julgamentos. O versículo 2 deixa claro que o Senhor rugirá de fúria, como o leão que pula sobre

sua presa (3:8). Amós inicia com a *Síria* (1:3-5) e acusa-a da prática de crueldades terríveis na guerra. A seguir, volta-se para a *Filístia* (Gaza, 1:6-8) e condena-a pelo pecado da escravidão. Os *fenícios* são os próximos (Tiro, 1:9-10) e também são julgados por causa da escravidão cruel. *Edom*, o antigo inimigo de Israel, é acusado de não mostrar misericórdia e de manter uma ira incessante (1:11-12). *Amom* é julgado por amarga crueldade e ganância egoísta (1:13-15); *Moabe*, por crueldade com Edom (2:1-3); e *Judá*, por rejeitar a Lei do Senhor (2:4-5).

Provavelmente, os israelitas, de Betel, sentiram prazer em ouvir Amós condenar seus vizinhos; no entanto, Amós não parou aí. O oitavo julgamento estava reservado a Israel. Em 2:6-16, o profeta enumera os pecados do povo: suborno, ganância, adultério, imoralidade, egoísmo, ingratidão, bebedeira (até forcem os nazireus a beber) e rejeição da revelação do Senhor. Amós clama por estar pressionado pelo peso do pecado. (O nome “Amós” significa “carregador”.) Como Deus pode perdoar uma nação tão pecadora? Antes de condenarmos essas nações do passado, faríamos bem em examinar nossa nação e nosso coração, pois podemos ser culpados dos mesmos pecados.

II. Ele olha para o interior (3—6)

Após anunciar o julgamento das nações, Amós agora olha para o coração das pessoas e explica o porquê desse julgamento. Lembre-se que Israel desfrutava de paz, de prosperidade e de “reavivamento religioso”. As pessoas participavam dos cultos religiosos e traziam ofertas generosas. Contudo, o verdadeiro servo de Deus não se apega à exteriorização; ele olha o coração. Nesses capítulos, Amós faz três sermões. Eles se iniciam com: “Ouvi a palavra”, ou: “Ouvi esta palavra” (3:1; 4:1; 5:1).

A. A mensagem de explicação

(3:1-15)

O povo perguntava-se: “Como Deus pode mandar julgamento sobre nós? Não somos seu povo escolhido?”. No entanto, essa era justamente a razão para o julgamento. Onde há privilégios, também deve haver responsabilidades. Os versículos 1-2 deixam isso claro. Amós usa o argumento de causa e efeito. Se duas pessoas andam juntas, devem ter feito um acordo entre elas (v. 3). Se o leão ruge é porque tem uma presa (v. 4). Se a ave cai na armadilha, é porque alguém montou a armadilha (v. 5). Se a trombeta soa, é porque alguma calamidade se aproxima (v. 6). Se o profeta prega, Deus deve tê-lo enviado para fazer isso (v. 7). A seguir,

Amós anuncia que os assírios estão a caminho para destruir a cidade (vv. 9-15), e os cultos atraentes em Betel não os deterão. Infelizmente, serão destruídas as casas de verão e de inverno (quanto luxo!).

B. A mensagem de acusação

(4:1-13)

Agora, o destemido profeta “começa a interferir” e cita os pecados. Ele chama as mulheres que vivem luxuosamente, despreocupadas com os outros, de “vacas de Basã”. Visualize-as pedindo ao marido que traga mais um drinque para elas. Amós não está impressionado com a religiosidade de Betel; para ele, isso é apenas mais um pecado no relatório do povo. Deus enviou suas admoestações a ele (vv. 6-11), mas não foi ouvido. O Senhor mandou os melhores jovens da nação para morrer na guerra (4:10), contudo nem assim se arrependeu. Deus não usaria mais as calamidades naturais. Agora, ele mesmo viria (v. 12). “Prepara-te, ó Israel, para te encontrares com o teu Deus”.

C. A mensagem de lamento

(5:1—6:14)

Amós lamenta quando vê o julgamento vindo para a sua nação. O versículo 3 sugere que 90% das pessoas morreriam. Observe o uso repetido do verbo “buscar” (5:4,6,14). “Buscai ao SENHOR e vivei.” Algumas pessoas

da nação pensavam que, quando o dia do Senhor viesse, Deus daria libertação ao povo (5:18-20). Elas não percebiam que o dia do Senhor seria um tempo de julgamento para *elas* e para os seus inimigos. Eles são como os cristãos de hoje que “anseiam” pelo retorno de Cristo, mas não estão preparados para encontrar-se com o Senhor. Amós 5:24 revela a essência do livro. Amós anseia por ver a nação obedecendo a Deus e executando a justiça dele na terra. No capítulo 6, Amós continua a lamentar o pecado do povo: indiferença e indulgência (vv. 1-6); injustiça, imoralidade e idolatria (vv. 7-14). “Ai dos que andam à vontade em Sião” — que descrição de alguns crentes de hoje!

III. Ele olha adiante (7—9)

Nessa parte final de sua mensagem, Amós tem cinco visões e descobre nelas o que Deus fará com as nações. (1) *Visão dos gafanhotos* (7:1-3) — os gafanhotos estão para destruir a safra, mas Amós intercede, e o Senhor os detém. (2) *Visão do fogo* (7:4-6) — uma terrível aridez dominou a terra, o profeta orou, e o Senhor libertou a terra. (3) *Visão do prumo* (7:7-9) — o Senhor estava ao lado de um muro (não “sobre” ele) e testa-o com o prumo para ver se é reto. Deus mede Israel, e este não está de acordo com sua Palavra, por isso o julgamento está a caminho. Nesse ponto da mensagem de

Amós, Amazias, o “sacerdote oficial”, não pôde mais ficar calado e interrompeu-o com as seguintes palavras: “Vai-te, ó vidente, fuge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza”. Em outras palavras: “Você não é patriota! Pegue seu caixote de pregar e vá pregar nas colinas”. Amós não ficou com medo. Ele disse ao falso sacerdote: “O SENHOR me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel. [...] [e você, Amazias, pagará por suas concessões e pecados, pois] sua mulher se prostituirá na cidade, e teus filhos e tuas filhas cairão à espada”.

(4) *cesto de frutos de verão* (8:1-14) — para entender essa visão, devemos fazer um breve estudo de hebraico. A palavra hebraica para “frutos de verão” é *hayitz* e, no versículo 2, a palavra para “fim” é *hatz*. Essas palavras têm grafia e som semelhantes, e Amós usou uma para levar à outra. “Chegou o fim, pois Israel, como os frutos de verão, está maduro para o julgamento.” Nos versículos 4-14, mais uma vez o profeta enumera os pecados do povo: roubar os necessitados (8:4); reclamar porque os dias santos interferem nos negócios (8:5); estabelecer preços abusivos que lesam o pobre (8:6). Deus adverte que enviará sua fúria sobre o povo não apenas por meio de calamidades naturais, mas também na forma de fome pela Palavra do Senhor. Eles não ouviram

a Palavra quando tinham a oportunidade para isso, por essa razão, ele afastará sua Palavra deles. Nesse dia, os ídolos de Dã e Berseba não farão bem a eles (8:14).

(5) *Visão no altar* (9:1-10) — aqui, Amós vê o próprio Senhor, e não algum símbolo. Por que Deus está junto ao altar? Porque o julgamento inicia-se na casa do Senhor (1 Pe 4:17). As pessoas têm devoção exterior, mas não a sincera, de coração. Deus ordena que os umbrais se rompam — e o teto caia. Os versículos 8-9 apresentam o que o Senhor planeja fazer. Ele compara o julgamento que está a

caminho com o peneirar do trigo (Lc 22:31-34). Os grãos bons (os crentes verdadeiros, o remanescente crente) serão salvos, mas o joio será queimado.

Amós encerra com uma nota de vitória, pois 9:11-15 traz a promessa da restauração futura. Atos 15:14-18 cita os versículos 11-12 no primeiro concílio da igreja. Hoje, Deus chama das nações um povo para seu nome, a igreja, e, quando a igreja estiver completa, ele retornará, restaurará o tabernáculo (casa) de Davi e estabelecerá o reino judeu. A terra se tornará produtiva de novo, e o povo será abençoado para sempre.

OBADIAS

O período: 586 a.C.; o lugar: Jerusalém; o evento: a destruição de Jerusalém pelo exército babilônio. Percebemos a fúria dos soldados quando destroem os muros, matam as pessoas e queimam a cidade. Mas também vemos mais uma coisa. Um grupo de cidadãos da nação vizinha — os edomitas — quando se levanta do outro lado e encoraja o exército babilônio: “Arrasai, arrasai-a. [...] Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra” (Sl 137:7-9). Quem são essas pessoas que desejam que essas coisas terríveis aconteçam com seus vizinhos? Eles são irmãos dos judeus. Os edomitas eram descendentes de Esaú, irmão mais velho de Jacó (Gn 25:21-26). No exterior, Esaú parecia um homem muito melhor que Jacó, cheio de esquemas; no entanto, Deus escolheu Jacó e rejeitou Esaú. Esaú mudou-se para as montanhas, do sul, e estabeleceu o reino edomita (Iduméia), contudo seus descendentes permanecem inimigos.

Esse pequeno relato de Obadias (o menor do Antigo Testamento) lida com esses dois irmãos: Esaú e Jacó — Edom e Israel. O profeta apresenta uma mensagem dupla:

I. A vingança de Deus sobre Esaú (vv. 1-16)

Jeremias 49:7-22 já anunciara a destruição de Edom; na verdade, Obadias apresenta algumas citações de Jeremias. Esse é o “rumor” ou “relato” que Obadias ouviu. Deus vingaria Israel e destruiria Edom. Por quê? Por causa de seus pecados. Quais eram esses pecados?

A. Orgulho (vv. 3-4)

Edom era uma nação pequena que se gabava de suas realizações. Na verdade, Edom foi entalhada na rocha, realmente o povo estava “aninhado” na rocha (v. 4). A principal cidade de Edom, Petra, foi escavada nos lados das montanhas, e a fortaleza parece inexpugnável. Compare com Isaías 14:12-15.

B. Alianças (v. 7)

Os edomitas aliaram-se com as nações circunvizinhas para oprimir Jerusalém, em vez de compartilhar o fardo de seus irmãos de Israel.

C. Violência (v. 10)

Os edomitas ajudaram na destruição de Jerusalém. Como? Ao não fazer nada para impedi-la e ao encorajar os que, de fato, fizeram o estrago. Eles estavam presentes (v. 11) e não ficaram do lado dos judeus. Isso nos faz lembrar do sacerdote e do levita na parábola que Cristo contou sobre o bom samaritano (Lc 10:31-33).

Podemos não levantar realmente a mão para ferir alguém, mas ao assistir e não fazer nada somos cúmplices do crime.

D. Alegria (v. 12)

Edom deveria chorar pela calamidade que aconteceu com seu irmão; contudo, em vez disso, alegrou-se e sentiu prazer. Veja Provérbios 24:17-18.

E. Saque (v. 13)

Eles tiraram vantagem da situação dos judeus e roubaram as riquezas do povo e da cidade. Deus viu essa pilhagem, embora os ladrões tenham escapado.

F. Obstrução da fuga de judeus (v. 14)

Alguns judeus tentaram fugir e proteger suas famílias, todavia os edomitas bloquearam o caminho deles. Eles até ajudaram a capturar os que fugiram e os levaram para os babilônios.

G. Celebrações com bebida (v. 16)

Os edomitas pegaram os suprimentos de vinho e fizeram uma grande celebração. Por fim, o inimigo deles fora derrotado.

Observe que o versículo 15, no entanto, informa que Deus os tratará da mesma forma que trataram os judeus. Veja também Salmos 137:8-9. Eles traíram os judeus, por isso seus aliados também os traíram (v. 7).

Eles pilharam e saquearam; assim, a nação deles também seria roubada (vv. 5-6). Edom foi violenta e seria totalmente exterminada (vv. 9-10). Edom queria a destruição dos judeus, no entanto foi destruída pelos babilônios (v. 10,18). Edom colheu o que plantou. Veja também Isaías 34:5-15; Ezequiel 25:12-14; 35:1-15; Amós 1:11-12.

II. Deus dá vitória a Jacó (vv. 17-21)

“Mas”, essa pequena partícula que inicia o versículo 17 marca o ponto de virada. Deus promete livramento e purificação para o monte Sião. Sim, Israel pecou, e o templo foi destruído por causa do pecado dele, todavia o Senhor restaura e purifica “a casa de Jacó”, mas não a de Esau (os edomitas). No versículo 18, observe que há reunião e restauração, pois a casa de José (as tribos do sul) e a casa de Jacó são como fogo contra Edom. Chegará o dia em que os judeus “possuirão as suas herdades” — sua terra, seu templo, sua cidade e seu reino. Nos versículos 17-20, a palavra-chave é “possuir”. Sem dúvida, a terra pertence a Israel por causa da promessa do Senhor a Abraão. Ele também possui sua cidade. Contudo, não tem a posse total dessas coisas, pois as nações gentias têm dominado sua terra há séculos. Todavia, aproxima-se o dia em que Jesus Cristo retornará para devolver a Israel suas posses a fim

de que as usufrua e use-as para a glória de Deus.

“E o reino será do SENHOR.” Que forma maravilhosa de terminar esse breve livro! Hoje, o Rei é rejeitado, e o trono de Davi está vazio, em Jerusalém. Os judeus estão na triste situação descrita em Oséias 3:4-5 — sem rei, sem sacerdote, sem sacrifício e sem sacerdócio. No entanto, quando Cristo retornar, a nação levantará os olhos para o Traspassado e será purificada e perdoada, e o reino será estabelecido. Daniel viu Cristo, a Pedra, descer e esmagar todos os reinos do mundo (Dn 2:44-45). Não importa o que aconteça com os interesses de Israel enquanto as nações gentias tentam controlá-lo ou capturá-lo, tenha certeza de que Deus cuida de seu povo e, um dia, lhe dará o reino prometido.

Todavia, devemos nos aprofundar se quisermos apreender toda a mensagem espiritual que esse livro transmite, pois “Esaú” e “Jacó” representam mais que dois irmãos e duas nações. Eles representam duas forças que se opõem — a carne e o Espírito. Esaú era um homem bem-apegoado, ativo, saudável, sociável, atlético; Jacó era caseiro e cheio de truques e de planos egoístas. Se tivéssemos de escolher entre esses dois jovens, sem dúvida, escolheríamos Esaú. Deus, porém, escolheu Jacó. Ao longo da Bíblia, o Senhor é conhecido como

“o Deus de Jacó”. Isso é a graça do Senhor. A salvação é mérito, é graça, e graça apenas. Deus usou Jacó como pai das tribos de Israel. O Senhor deu suas alianças e promessas a Jacó, não a Esaú.

Assim, Jacó representa o filho de Deus, escolhido pela graça do Senhor, aquele que muitas vezes peca e fracassa, porém, no fim, ganha sua herança. Ele representa a luta entre a carne e o Espírito (Gl 5:16-26). Esaú representa a carne — atraente, poderoso, orgulhoso, ávido e rebelde, além de sempre parecer estar do lado vencedor. Entretanto, Deus pronunciou o julgamento sobre a carne, e, um dia, esse julgamento virá. Edom era orgulhoso e rebelde e riu quando Jerusalém caiu. Contudo, depois de cinco anos, Edom também caiu ante os babilônios — e onde está Edom hoje? Este mundo vangloria-se da carne, do que ela realiza, de como ela é forte, contudo chegará o dia em que toda a carne cairá diante da vitória de Cristo. Leia Apocalipse 19:11-21 e observe com cuidado os versículos 17-18 que mencionam a “carne” repetidas vezes.

A batalha entre Esaú e Jacó, carne e Espírito, acontece ao longo de toda a Bíblia. Os Herodes do Novo Testamento eram edomitas. Um deles matou os bebês judeus na esperança de destruir a Cristo (Mt 2:16-18). Outro Herodes matou João Ba-

tista; outro, ainda, matou Tiago, o irmão de João (At 12). Hoje, a luta entre árabes e judeus é uma continuação dessa mesma batalha que se iniciou em Gênesis 25:21-26. Carne *versus* Espírito, orgulho *versus* submissão, os caminhos do homem *versus* os de Deus: a batalha continuará até o retorno de Cristo e o estabelecimento do reino.

A história tem uma lei de retribuição: as nações recebem das outras exatamente o que lhes deram (v. 15). Veja Jeremias 50:29. As nações gentias, especificamente, serão chamadas a prestar contas pela forma como trataram os judeus. Pode levar muito tempo, mas o julgamento de Deus cairá sobre todos os que se recusaram a fazer a vontade dele.

JONAS

A profecia de Jonas, em 2 Reis 14: 25, de que Jeroboão II expandiria seu reino, comprova que ele foi uma pessoa real da história. Com certeza, essa mensagem tornou-o um pregador popular. No entanto, o profeta rebelou-se quando Deus chamou-o a fim de pregar para a cidade de Nínive, capital do Império Assírio. A história relata que os assírios eram um povo cruel e desumano que não via problema algum em enterrar vivo o inimigo, em esfolá-lo vivo ou espetá-lo em estaca sob o sol quente. Jonas disse que, se fosse para Nínive ser destruída, que fosse, pois ele preferia desobedecer ao Senhor a ver os inimigos salvos do julgamento. Nos quatro capítulos de seu relato, Jonas apresenta as experiências por que passou e as lições que aprendeu.

I. Resignação — a lição da paciência de Deus (1)

Jonas, em vez de ir para Nínive, correu na direção oposta. Ele fugiu “da presença do SENHOR”, o que significa que deixou sua função de profeta. Ele sabia que não poderia fugir da presença do Senhor (Sl 139:7ss), porém podia renunciar ao seu chamado e parar de pregar. Ele tornou-se um profeta desobediente.

A. Sua desobediência originou-se de muitas causas

Primeiro, ele tinha a atitude errada em relação à vontade de Deus e pensava que esse chamado era algo difícil e perigoso. Ele teve a atitude errada em relação ao testemunho, pois achou que podia “ligar e desligar” seu testemunho quando quisesse e não percebeu que, independentemente de onde estivesse, ele testemunhava a favor do Senhor, ou contra ele. Jonas também tinha a postura errada em relação aos seus inimigos: ele *queria* vê-los arruinados.

B. Sua desobediência seguiu um caminho descendente

Desceu até Jope, embarcou em um navio, foi lançado no mar e foi tragado por um grande peixe. A desobediência sempre leva ao declínio. Todavia, observe que, com frequência, as coisas parecem trabalhar a favor do crente desobediente, pois o navio estava esperando por ele, e ele tinha o dinheiro para comprar a passagem. Ele estava tão em paz que conseguiu até dormir em meio à tempestade!

C. Sua desobediência teve conseqüências trágicas

Ele perde a voz de Deus, pois agora o Senhor tem de falar com ele por intermédio de uma tempestade. Ele perdeu sua energia espiritual e

adormeceu no porão do navio. Ele perdeu o poder na oração e até a vontade de orar. Os pagãos oravam, mas Jonas dormia. Ele perdeu, para sempre, seu testemunho e sua influência para os homens do navio, porque foi a causa da tempestade. Ele também quase perdeu a vida. O Senhor foi muito paciente e longânimo com ele.

II. Arrependimento — a lição com o perdão de Deus (2)

Primeiro, Jonas recebe disciplina da mão amorosa de Deus. Ele reconhece que foi a mão do Senhor que o lançou no mar, não a dos marinheiros (v. 3). É importante que reconhecemos o trabalho do Senhor quando passamos por provação ou angústia por causa do nosso pecado (Sl 119:67). Para conhecer o significado da disciplina divina, leia Hebreus 12:5-11. A seguir, Jonas arrepende-se de seus pecados, e, afinal de contas, esse é o objetivo da disciplina — trazer-nos ao lugar de arrependimento e de confissão. Ele perde a presença do Senhor (2:4; veja Sl 51:11), admite que acreditou nas mentiras do demônio (v. 8) e mostra arrependimento verdadeiro por seus pecados (v. 9). Em fé, ele pede perdão a Deus por seus pecados, olhando em direção ao templo (v. 4), como os judeus do Antigo Testamento tinham de fazer (2 Cr 6:36-39). Essa passagem equivale a

1 João 1:9 para nós. Deus purificou Jonas e deu-lhe outra chance.

De acordo com Hebreus 12:5-11, há varias maneiras de o cristão responder à disciplina do Senhor: podemos menosprezá-la, como Jonas fez durante três dias, e recusar-nos a confessar; podemos desanimar e desistir; ou podemos sofrer a disciplina do Senhor, confessar os pecados e crer nele para fazer com que tudo redunde para o nosso bem e para a glória dele. Rebelar-se contra a mão de Deus é procurar problema. Jonas submeteu-se, orou e confiou, e o Senhor perdoou-o.

III. Reavivamento — a lição com o poder de Deus (3)

A palavra-chave desse capítulo é “grande”. Jonas vai à grande cidade a fim de pregar a mensagem do Senhor. Em Nínive e em suas redondezas, viviam cerca de um milhão de pessoas, e a própria cidade tinha muros e torres grandes. Ela era o centro do ascendente Império Assírio. Todavia, era uma cidade de pecado (leia Na 3), porque os assírios eram um povo desumano e cruel que não tinha misericórdia com seus inimigos. A “violência” era o principal pecado deles (v. 8). Deus dera uma grande incumbência a Jonas: pregar a esses gentios a fim de que pudessem escapar da ira do Senhor e ser perdoados. Que mensagem! Jonas tinha de vencer seu precon-

ceito para pregar essa mensagem. Depois, o Senhor efetuou uma grande mudança na cidade, pois houve expressão de temor e arrependimento desde o rei até o mais humilde cidadão. Dois coisas contribuíram para isso: a mensagem de Jonas e o milagre de sua libertação da barriga do grande peixe. Sem dúvida, a notícia desse feito chegara à cidade. Eram necessários três dias para atravessar a cidade, mas o reavivamento iniciou-se no primeiro dia do ministério de Jonas. “Os ninivitas creram em Deus” (v. 5) e provaram sua fé por meio dos atos de contrição. E o Senhor perdoou-os. Sem dúvida, essa foi uma das maiores colheitas evangélicas da história. Isso mostra o que o Senhor pode fazer com um frágil instrumento humano disposto a pregar sua mensagem.

Jesus usou Nínive para ilustrar um ponto importante (Mt 12:38-41). Durante três anos, ele pregou para aquela geração e reforçou sua mensagem com milagres, contudo eles não se arrependiam nem criam. Os ninivitas ouviram um sermão de um pregador, e aquele sermão enfatizava a ira, não o amor. Eles, porém, arreponderam-se e foram perdoados. Os judeus ouviram o Filho de Deus durante três anos, ouviram a mensagem de perdão do Senhor, contudo recusavam a se arrepender. Com certeza, a condenação deles será a maior.

IV. Rebelião — a lição com a misericórdia de Deus (4)

Se você tivesse escrito esse último capítulo, provavelmente mostraria Jonas, na cidade de Nínive, ensinando com zelo às pessoas e ajudando-as em suas decisões espirituais. Mas Deus não o escreveu dessa forma. Em vez de encontrarmos um jubiloso pregador, vemos um pregador desobediente, raivoso com as pessoas e com Deus. Vemos um adulto agindo como criança, um crente se comportando como um ímpio. Vemos Jonas sentado do lado de fora da cidade, tentando sentir-se confortável e, na verdade, esperando que o julgamento de Deus caísse sobre o povo. Eis uma coisa surpreendente: o Senhor manda um grande avivamento como resultado da pregação de um homem que nem mesmo ama as almas para quem prega!

Esta é a lição-chave do livro: o amor e a misericórdia de Deus pelas almas perdidas. Jonas sentia pena de si mesmo e até mágoa pela planta que o abrigou e, depois, morreu, mas ele não sentia amor sincero nem misericórdia pelas multidões da cidade de Nínive. É possível servir ao Senhor mesmo sem amar as pessoas. Esse profeta, conforme retratado nesse capítulo, não se assemelha a Jesus Cristo, pois Jesus olhou do alto uma cidade de almas perdidas e chorou. No capítulo 1, Deus controla o vento e

as águas; no capítulo 2, o peixe; e, no capítulo 4, a planta, o verme e o vento. Mas ele não podia controlar Jonas sem que o profeta se entregasse a ele. Tudo na natureza obedece à Palavra do Senhor, exceto os seres humanos; e os homens são os que têm as melhores razões para lhe obedecer. Pensaríamos que Jonas se endireitaria com o Senhor, confessaria seus pecados e continuaria seu ministério. E Deus poupou Nínive por mais um século e meio.

Claro, Jonas é um símbolo de Jesus Cristo (Mt 12:39-41) em sua

morte, sepultamento e ressurreição. Cristo era maior que Jonas como pessoa (ele é o Filho de Deus), na extensão de sua obra (ele salvou o mundo todo, não apenas uma cidade), em seu sacrifício (ele morreu para salvar os outros) e em seu amor por aqueles que não o mereciam. Algumas pessoas também vêem em Jonas um retrato da nação judia: desobediente, expulsa da terra; "engolida" pelo mar de gentios; preservada, apesar da oposição ao Senhor; essa nação foi trazida de volta e teve uma nova chance.

MIQUÉIAS

Em Miquéias 1:1, os nomes dos reis mostram que o profeta pregou na mesma época da história em que Isaías ministrou (Is 1:1). Não é difícil imaginar esses dois homens ministrando em Judá, encorajando um ao outro e tentando espalhar a Palavra do Senhor. Em relação aos governantes, Jotão e Ezequias foram reis bons que ajudaram a nação, mas Acáz foi um homem perverso que vendeu a nação para a idolatria.

Esse pequeno relato compõe-se de três sermões que Miquéias fez para o povo, e cada um deles iniciase com: “Ouvi”. Ele trata de três temas muito práticos e importantes:

I. O julgamento está próximo (1—2)

Miquéias não perde tempo para chegar à sua mensagem. Deus falou com ele e advertiu-o de que os pecados do povo eram muito grandes e, portanto, este enfrentaria o julgamento do Senhor. No versículo 1, ele cita as principais cidades — Jerusalém (capital de Judá, o Reino do Sul) e Samaria (capital de Israel, o Reino do Norte). Na verdade, Miquéias, em sua primeira mensagem, enumera 12 cidades e cita seus pecados. Os pecados das cidades corrompem a nação inteira. Isso soa muito atual.

Quais eram alguns dos pecados que Deus julgaria? A idolatria (“os altos”, em 1:5) era o principal pecado. O povo insistia em adorar a “obra de

suas mãos” (5:13, NVI). E as pessoas fazem isso hoje. Podemos não esculpir nossas estátuas nem nos curvamos diante delas, mas, sem dúvida, vivemos para as coisas que fazemos — carros, vestimentas, casas, dinheiro. O objeto de adoração é aquele a quem servimos e por quem nos sacrificamos. Miquéias advertiu que chegaria o dia em que o Senhor destruiria os ídolos do povo e os transformaria em pó (1:6-7).

Miquéias 2:1 fala sobre o pecado da cobiça: as pessoas ficam acordadas à noite pensando em novas formas de conseguir “coisas” e, depois, levantam-se cedo para levar a cabo seus planos. De acordo com Colossenses 3:5, a cobiça é idolatria. Hoje, muitas pessoas têm um apetite insaciável de adquirir mais coisas. Jesus advertiu: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avarizia; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12:15). As pessoas não cobiçavam apenas, mas usavam meios ilegais para conseguir o que queriam — roubo, ameaças, violência (2:2). O rico tirava vantagem do pobre, os governantes não obedeciam à Lei do Senhor.

Como Miquéias reagiu a essa horrível mensagem de julgamento? Ele lamentou e uivou (1:8-9). A seguir, enviou uma mensagem pessoal para cada uma das cidades pecadoras avisando-as de que o dia da ira do Se-

nhor se aproximava. Em 1:10-16, ele usa um pouco de ironia ao relacionar cada mensagem com o nome da cidade a que foi enviada. Em Bete-Leafra (“Leafra” significa “pó”), seus cidadãos se “revolveriam” no pó. Safir significa “beleza”, mas o povo ficaria nu. Zaanã quer dizer “sair”, mas os cidadãos ficariam com muito medo de sair.

Como o povo reagiu à pregação de Miquéias? Eles tentaram pará-lo. Em 2:6, o povo diz: “Não babujeis tais coisas, porque a desgraça não cairá sobre nós. Tais coisas anunciadas não alcançarão a casa de Jacó”. No entanto, Miquéias responde que tem de pregar porque o Espírito de Deus o incita a fazer isso. Miquéias sabe que o povo não quer uma pregação honesta; prefere seus falsos profetas bêbados que vivem de modo tão perverso quanto o do povo (2:10-11).

II. A libertação está próxima (3—5)

Miquéias não fica desencorajado com os caluniadores e parte para sua segunda mensagem, a de esperança. Primeiro, ele condena os líderes maus da terra — os governantes, os falsos profetas e os sacerdotes (3:1-7). Eles devoravam as pessoas, em vez de ajudá-las e se recusavam a servir, a menos que fossem pagos para isso. De novo, o pecado da cobiça. Os profetas pregavam o que as pessoas queriam ouvir: “Nenhum mal nos

sobrevirá”. Todavia, Miquéias sabia que Israel cairia diante da Assíria (isso aconteceu em 721) e que a Babilônia levaria Judá para o cativeiro (isso aconteceu em 606-586).

No entanto, o capítulo 4 levamos a um novo tema magnífico: um dia haverá paz na terra, e a justiça reinará. O monte Sião se tornará a capital do mundo, todos os exércitos serão dispensados, e as armas, destruídas. Como isso acontecerá? Por meio da promessa do capítulo 5: o Libertador virá. Miquéias mencionara 12 cidades, mas agora ele menciona mais uma — Belém, o local de nascimento de Jesus (5:2-3; Mt 2:6). Foi essa profecia que levou os magos até Jesus. Claro que os judeus rejeitaram seu Príncipe da Paz, por isso não tem havido paz no mundo. Mas quando Cristo retornar à terra, ele estabelecerá seu reino de paz, e não haverá mais guerra.

Nesse meio-tempo, homens e mulheres têm paz no coração ao crer em Cristo como seu Salvador (Rm 5:1). E esse é o tema da mensagem final de Miquéias, pois ele chama o povo a crer no Senhor e a lhe obedecer.

III. Creia no Senhor hoje (6—7)

Aqui, o cenário é um tribunal, e Deus chamou seu povo para ser julgado. O Senhor diz: “Levanta-te, defende a tua causa. [...] Porque o SENHOR tem controvérsia com o seu povo. [...] Povo meu, que te tenho feito? E

com que te enfadei? Responde-me! Pois te fiz sair da terra do Egito e da casa da servidão te remi”.

Em 6:6-8, o povo responde: “Com que me apresentarei ao SENHOR e me inclinarei ante o Deus excelso? Virei perante ele com holocaustos, com bezerras de um ano? Agradar-se-á o SENHOR de milhares de carneiros, de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu corpo, pelo pecado da minha alma? Ele te declarou, ó homem, o que é bom e que é o que o SENHOR pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”. Como isso é verdadeiro! Deus não quer presentes extravagantes nem sacrifícios; ele quer nosso coração (Sl 51:16-17; 1 Sm 15:22; Is 1:10-18).

Em 6:9-16, o Senhor fala de novo: “Assim, também passarei eu a ferir-te e te deixarei desolada por causa dos teus pecados. Comerás e não te fartarás; a fome estará nas tuas entranhas; removerás os teus bens, mas não os livrarás; e aquilo que livrares, eu o entregarei à espada. Semearás; contudo, não segará”. Que imagem trágica! Imagine ver tudo que faz dar em nada, apenas porque você está afastado da vontade do Senhor.

Em 7:1-10, Miquéias, o profeta, é quem fala. Ele lamenta o fato de que a nação seja tão perversa, a ponto de não ser possível encontrar sequer

um homem honesto. O suborno, a injustiça, a desonestidade e a cobiça governam a terra. Todavia, Miquéias tem fé no Senhor (7:7-10). Se Deus punirá, tudo que Miquéias tem a fazer é esperar com paciência pela obra do Senhor. Se Deus disciplina seu povo por seus pecados, sem dúvida também disciplinará os inimigos dele pelos pecados que cometeram.

A passagem de 7:11-17 apresenta a promessa de Deus para seu povo, ou seja, a de que o restaurará no futuro. As cidades pecadoras serão restauradas e purificadas, e a nação será assentada em glória. Mas, primeiro, os judeus têm de passar por um período de tribulação. Claro, eles já têm sofrido há séculos, mas haverá um período especial de provação depois de Cristo arrebatá-la igreja. Esse é o período da tribulação ou o “tempo de angústia para Jacó”.

Os versículos finais (7:18-20) são uma magnífica confissão de fé, transmitem todo o propósito da mensagem de Miquéias. Ele quer levar as pessoas à fé no Senhor. Deus é o único que pode perdoar os pecados (Mc 2:7; Sl 32:5). Apenas ele demonstra misericórdia e amor pelos pecadores. Ele lança os pecados deles nas profundezas do mar. Cristo morreu por isso, para que os pecadores sejam perdoados. Você crê nele e pede-lhe que perdoe seus pecados? Este é o tema da última mensagem de Miquéias: creia no Senhor hoje!

NAUM

Imagine como o povo de Judá ficou feliz ao ouvir: “O destruidor sobe contra ti, ó Nínive! (O Império Assírio não existe mais!)” (cf. 1:15). A Assíria era um inimigo desumano que fazia brutalidades com homens, mulheres e crianças. Seus exércitos destruíam e saqueavam, eles sepultavam vivos os inimigos e até os esfolavam vivos. Eles espetavam as pessoas em estacas e as deixavam queimar ao sol. Deus usou a Assíria para disciplinar o Reino do Norte, Israel, o que aconteceu em 721 a.C. Em 701 a.C., tentou conquistar Judá, mas o Senhor interveio e destruiu o exército dela (Is 36—37). Contudo, a Assíria sempre foi o flagelo das nações. Todas as nações a temiam e tentavam conseguir sua aprovação. Por fim, em 612 a.C., Nínive foi destruída pelos medos e babilônios, e a destruição foi tão completa que as ruínas da cidade só foram descobertas em 1842.

Naum escreve a respeito da futura destruição de Nínive. Ele escreveu esse pequeno relato em uma época em que Nínive estava no auge de seu poderio. Ninguém poderia sonhar que Nínive cairia, mas Deus conhece o futuro e deu a mensagem a Naum para que a transmitisse ao amedrontado povo de Judá. Essa não era uma mensagem de advertência para Nínive; ela já ouvira a admoestação do Senhor havia 150

anos por intermédio de Jonas. Não, não havia esperança para Nínive, a paciência do Senhor se esgotara, e seu julgamento cairia sobre a cidade. Antes, essa era uma mensagem de esperança para Judá a fim de encorajá-lo a confiar no Senhor em momentos de muito perigo. Cada capítulo conta-nos alguma coisa a respeito do Senhor e também sobre a queda da cidade.

I. Deus é zeloso: Nínive cairá (1)

A palavra “zeloso” (ou “ciumento”) aplicada a Deus não sugere inveja nem egoísmo. Ela tem o sentido de ser cuidadoso com sua glória e santidade. Ele arde com fúria contra o pecado, embora ame o pecador. Da mesma forma que um marido é zeloso com sua esposa e, por isso, a protege, Deus é zeloso com seu povo e sua lei e, por essa razão, age com santidade e justiça. Ele tarda em irar-se; na verdade, concedeu 150 anos de misericórdia a Nínive. Todavia, os assírios foram muito longe em sua brutalidade e violência, e o Senhor tinha de julgá-los.

Deus tem poder para julgar? É claro que sim. Veja o poder dele na natureza (vv. 3-6), nos ventos e nas tempestades, em chuvas e estiagens, sobre a terra e o mar. Quem pode se manter de pé diante do poder dele? Hoje, parece que as nações se esquecem do poder do Deus Todo-Poderoso. Elas agem como se

o Senhor não existisse. Mas tenha certeza de que o dia do julgamento virá, e, nesse dia, nenhuma nação escapará.

Nos versículos 8-13, Naum descreve a queda da cidade com duas imagens: uma grande inundação que varre tudo; e o fogo que a consumirá como palha seca. É interessante observar que Nínive, de fato, caiu por causa de uma inundação. Os medos e os babilônios cercaram a cidade por muitos meses e fizeram pequenas escavações. Depois, a estação de chuvas chegou, e os dois rios próximos de Nínive começaram a encher. Um historiador afirma que os medos romperam um dos diques sobre o rio. De qualquer maneira, as águas mais volumosas bateram contra os muros de Nínive e os puseram abaixo. A cidade foi literalmente destruída pela inundação; veja também Naum 2:6. Deus não precisa de exércitos, ele pode usar as gotas minúsculas da chuva!

Nesse capítulo, Deus faz duas promessas magníficas a seu povo. Em 1:7, ele assegura-lhe sua bondade e diz-lhe que ele estará seguro desde que confie nele. Em 1:12, ele afirma que não o afligirá mais com o exército assírio como fez antes. Não importa a dificuldade que tenhamos, podemos confiar em Deus para cuidar de nós e nos ajudar.

II. Deus é Juiz: a queda de Nínive é grande (2)

Na verdade, Naum 1:15, no texto hebraico, é o início do capítulo 2. É o anúncio jubiloso da queda de Nínive. Leia também Isaías 52:7, que apresenta um anúncio semelhante referente à queda da Babilônia, e, em Romanos 10:15, veja como Paulo aplica isso aos nossos dias. A pessoa que traz a notícia de esperança e de vitória tem pés bonitos. Nós, os cristãos, devemos ter pés bonitos ao levar a mensagem do evangelho ao perdido.

O capítulo 2 é um retrato vívido da invasão da cidade e de sua queda final. Em 721, a Assíria removeu Israel. Agora, o Senhor restaurava seu povo ao punir o inimigo (vv. 1-2). Os medos usavam uniformes escarlates e escudos vermelhos (v. 3). O exército, com suas lanças, parecia uma floresta de abetos. Por favor, não considere 2:4 como uma profecia referente aos automóveis modernos. Ele retrata apenas os carros nas ruas da cidade. No versículo 7, é provável que *Huzabe* (ARC) refira-se à rainha sendo levada embora em grande humilhação.

Nos versículos 11-13, observe as diversas referências a leões. O leão era o símbolo do Império Assírio, como constatamos nas fotografias dos livros de história ou de arqueologia. Os assírios faziam estátuas imensas de leões com cabeça

de homem. Naum pergunta: "Onde está, agora, o covil dos leões?". Ou seja, sua pergunta quer dizer: "Onde estão seus governantes, seus campeões?".

"Eis que eu estou contra ti" (v. 13). Deus levantou os medos e os babilônios contra Nínive e permitiu-lhes saquear a cidade e pegar suas riquezas. Durante 150 anos, ele esperou que a Assíria se voltasse para ele, mas ela recusou-se a fazer isso. O Senhor é o Juiz entre as nações, e ele tem de agir.

III. Deus é justo:

Nínive merece cair (3)

Aqui, Naum fala a respeito da justiça desse ato. Algumas pessoas podem alegar: "Mas Deus usou a Assíria para punir o Reino do Norte, Israel. Por que punir Nínive, se ele já a usou como seu instrumento?". Ou podem argumentar: "Observe o reino de Judá. Ele também está cheio de pecado. Por que não puni-lo?". Bem, o Senhor pune Judá poucos anos depois (606-586). Ele permite que os babilônios destruam Jerusalém e levem o povo cativo. No entanto, o propósito dele com Judá é diferente do que tem reservado para Nínive. Deus disciplina Judá com amor a fim de dar-lhe uma lição, mas julga a Assíria em fúria e a destrói por causa de seus pecados.

Em 3:1, o profeta enumera os grandes pecados da Assíria: mor-

tes, mentiras e cobiça. Os assírios mataram milhares de pessoas inocentes. Agora seu povo seria morto, e os corpos seriam amontoados pelas ruas como lixo. Nínive mantinha um comércio lucrativo com outras nações e ficou rica por meio de mentiras e violência. Contudo, agora toda a sua riqueza se desvaneceria nas mãos dos saqueadores. Essa é a justiça do Senhor. E, nesse dia de julgamento, os soldados assírios (em geral, tão valentes) agirão como mulheres amedrontadas. Todas as formas de fortificação fracassam.

Nos versículos 15-17, Naum compara a batalha com uma praga de gafanhotos. Da mesma forma que o gafanhoto come as plantações, o inimigo comerá a cidade. Os soldados assírios serão tão fortes quanto a locusta. A seguir, no versículo 18, Naum vê os assírios como um rebanho massacrado de ovelhas. Os pastores (governantes) são assolados pelo sono da morte.

A expressão "ouvirem a tua fama", no versículo 19, significa "notícia, relato". Quando as nações ouvirem o relato da destruição da Assíria, baterão palmas e rirão de alegria. O Senhor julga os pecados das nações e das pessoas. Ignorar as advertências dele e persistir no pecado traz resultados trágicos. "Sabei que o vosso pecado vos há de achar."

HABACUQUE

Você já observou a injustiça e a violência deste mundo e perguntou-se: “Por que Deus não faz alguma coisa a respeito de tudo isso?”. Parece que o perverso prospera, e o justo, sofre. As pessoas devotas oram, mas parece que as orações delas não fazem nenhum bem. O relato de Habacuque encara esse problema e esclarece-o. Observe os três atos desse drama pessoal em que o profeta enfrenta suas dúvidas e encontra certeza em sua fé.

I. O profeta questiona (1)

A. Por que Deus está em silêncio e inativo? (vv. 1-4)

Esse é o primeiro problema que confunde o profeta. Ele olhou para o mundo e viu violência (1:2-3,9; 2:8,17), iniquidade, opressão, contenda e litígio. A lei não era imposta, não havia proteção legal para o inocente que era sentenciado como culpado. As cortes eram manipuladas por advogados egoístas e juízes cruéis. Toda a nação sofria por causa da perversidade do governo. No entanto, parecia que Deus não fazia nada a respeito disso. Ao lado desses problemas internos, havia a ameaça do Império Babilônio que assolava o cenário político.

Nos versículos 5-11, Deus responde ao profeta: “Realizo, em vossos dias, obra tal, que vós não cre-

reis, quando vos for contada. Pois eis que suscito os caldeus [...] para apoderar-se de moradas que não são suas [para conquistar as nações e ser meu instrumento de disciplina para o povo]”. Como é verdadeiro que Deus opera em nosso mundo, e nós não percebemos isso (Rm 8:28; 2 Co 4:17). Em Atos 13:41, Paulo cita o versículo 1:5 e aplica-o à propagação do evangelho entre os gentios. Nesses versículos, o Senhor descreve o exército caldeu, e a imagem não é das mais bonitas. Eles são amargos e impetuosos, pavorosos e terríveis, “voam como águia que se precipita a devorar”. Não é necessário contar a Habacuque como os caldeus são terríveis, pois ele já sabia como eles eram perversos.

B. Como Deus pode usar uma nação tão pecadora para uma causa santa? (vv. 12-17)

A resposta que Deus fornece, nos versículos 5-11, apenas cria novos problemas para Habacuque. Ele não entendia como o Senhor podia usar uma nação tão perversa para disciplinar seu povo escolhido, os judeus. Habacuque afirma algo em que quer dizer isto: “É verdade que nós pecamos e merecemos o castigo, mas os caldeus são muito mais perversos que nós. Se alguém merece disciplina, estes são os caldeus”. Um Deus santo pode sentar e assistir a seu povo ser pego como peixe ou pisado

como inseto (vv. 14-15)? Os caldeus poderiam se vangloriar desta forma: “Nossos deuses deram-nos vitória. Jeová não é o Deus verdadeiro”.

Não há nada de errado com o fato de o crente lutar com os problemas da vida e tentar resolvê-los. Às vezes, parece que Deus não se importa com seu povo, que abandonou os seus e ajuda os pagãos. Muitos milhões de crentes foram martirizados por causa de sua fé. Podemos adorar, crer e servir com honestidade a um Senhor cujos caminhos são aparentemente tão contraditórios?

II. O profeta vigia e espera (2)

Habacuque foi para sua torre de vigia para orar, meditar e esperar no Senhor, em vez de se tornar ateu ou agnóstico. Ele sabia que Deus ouvira sua queixa e logo responderia a ele. O Senhor respondeu: “[Eu tenho um plano que] ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (v. 3). A seguir, o Senhor deu três garantias magníficas a Habacuque a fim de encorajá-lo e fortalecê-lo naqueles dias difíceis.

A. “O justo viverá pela sua fé” (v. 4)

Esse é um dos versículos mais importantes de toda a Bíblia. Ele fundamenta o texto de três livros do Novo Testamento: Romanos (1:17 — com ênfase em *o justo*); Gálatas (3:11 —

com ênfase em *viverá*); e Hebreus (10:38 — com ênfase em *pela fé*). O versículo 4 descreve dois tipos de pessoas: o “soberbo”, porque crê em si mesmo, e o que é salvo e é humilde porque crê no Senhor. Em Lucas 18:9-14, veja o fariseu e o publicano. Os caldeus eram orgulhosos por causa de suas vitórias e não percebiam que era o Senhor que os capacitava para vencer.

B. “A terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR” (v. 14)

Com certeza, na época de Habacuque, assim como hoje, a terra não está muito cheia de glória. Observe os cinco “ais” desse capítulo e verá os pecados que Deus odeia: ganância e cobiça desenfreada (vv. 5-11); matar para obter ganho (v. 12); bebedeira (vv. 15-16) e idolatria (v. 19). Esses são exatamente os pecados que maculam as nações hoje. E o Senhor odeia esses pecados hoje da mesma forma que os odiava na época de Habacuque. Contudo, permanece ainda a promessa de que, um dia, a glória do Senhor encherá a terra, pois Jesus Cristo retornará, derrubará todo pecado e estabelecerá seu reino de justiça.

C. “O SENHOR, porém, está no seu santo templo” (v. 20)

Deus ainda está no trono (Is 6). Não precisamos reclamar nem duvidar,

pois ele governa e domina os assuntos das nações. Habacuque achava que o Senhor não estava interessado nos problemas da vida, mas descobriu que o Senhor estava muito preocupado e trabalhava para alcançar seu propósito, em seu próprio tempo. Por isso, o justo vive *pela fé*. “Visto que andamos por fé e não pelo que vemos” (2 Co 5:7; 4:18). Se olharmos para nós mesmos, ou para as circunstâncias, ficaremos desencorajados e desejaremos desistir; mas se, pela fé, levantarmos o olhar para o Senhor e para o glorioso retorno de Cristo no futuro, então nos sentiremos encorajados e capacitados para prosseguir em vitória.

III. A adoração do profeta (3)

Habacuque é um homem transformado! Agora, ele louva o Senhor, em vez de reclamar. Deus transformará o suspiro em cântico, se nós (como Habacuque) reservarmos um tempo para esperar diante dele em oração e ouvirmos a sua Palavra.

Primeiro, o profeta ora (v. 2). Em relação ao texto de 1:5, o profeta diz: “Tenho ouvido, ó SENHOR, as tuas declarações”, ou seja, ele sabe que o Senhor está trabalhando neste mundo. “Aviva a tua obra, ó SENHOR, no decorrer dos anos, e, no decurso dos anos, faze-a conhecida.” Aqui, a palavra “aviva” não tem nada que ver com as “reuniões de avivamento” modernas. Habacuque apenas

pede que o Senhor continue seu trabalho. Ele sabe que haverá ira e julgamento, mas pede que o Senhor também se lembre da misericórdia.

A seguir, o profeta medita (vv. 3-16). Ele revê a história de Israel e as obras magníficas do Senhor. Parece que essa descrição poética do imenso poder de Deus não segue qualquer padrão especial nem abrange todos os eventos principais da história judaica. No entanto, Habacuque sabe que o Senhor operou no passado e, por isso, pode confiar em que ele trabalha no presente e o fará no futuro. A terra treme diante do Senhor — como também tremeriam os caldeus. “O SENHOR é homem de guerra” (Êx 15.3). Israel é seu povo. Ele cuidaria dele.

Por fim, o profeta louva o Senhor (vv. 17-19). Esses versículos representam uma das maiores confissões de fé que encontramos na Bíblia. “Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas sejam arrebatadas do aprisco, e nos currais não haja gado, todavia, eu me alegro no SENHOR.” Essa é a versão do Antigo Testamento de Filipenses 4:11-13. Habacuque sabia que ele mesmo não tinha força, mas que Deus lhe daria a força necessária para passar pelas provações que tinha à frente. “O SENHOR [...] faz os meus pés como os da corça, e me faz andar altaneiramente.”

Isso deve significar muito mais para nós. Habacuque olhou através da névoa e da bruma e maravilhou-se com o plano de Deus, e em Cristo nós *conhecemos* o plano do Senhor para esta era (Ef 1:8-10, e cap. 3). Nós temos a Bíblia inteira para estudar, e Habacuque não a tinha. Nós temos o registro da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, como também a promessa de seu retorno. Se alguém deve caminhar pela fé e regozijar-se no Senhor, esse alguém é a igreja cristã de hoje. Todavia, com muita freqüência duvidamos,

reclamamos, passamos à frente do Senhor e até criticamos o que ele está fazendo.

Habacuque mostra-nos como lidar com os problemas da vida: (1) admiti-los com honestidade; (2) conversar com o Senhor a respeito deles; (3) esperar calmamente diante dele em oração e meditar a respeito da Palavra; (4) escutar e obedecer quando ele falar. Nunca fuja das dificuldades da vida, porque Deus quer usar essas dificuldades para fortalecer sua fé. "Nunca duvides às escuras do que ouviu em plena luz." O justo viverá pela fé.

SOFONIAS

Esse homem não foi um pregador comum. Ele era tetraneto do rei Ezequias, um dos governantes mais famosos de Judá. O sangue real corria em suas veias, mas, mais importante ainda, ele tinha a mensagem de Deus nos lábios. Sofonias pregou durante o reinado do rei Josias, um período de “avivamento” religioso (veja 2 Rs 22—23). Josias foi coroado aos 8 anos, e aos 16 anos entregou-se ao Senhor. Aos 20 anos, ele iniciou uma grande reforma na terra, derrubou os ídolos e julgou os falsos sacerdotes e profetas. Depois, ele iniciou a reconstrução do templo e convocou a nação para a celebração da Páscoa. Ao que tudo indica, foi um período de preocupação e de consagração religiosas.

Contudo, Sofonias viu além da superfície. Ele viu o coração das pessoas e soube que o fervor religioso delas não era sincero. As reformas foram superficiais. O povo livrou-se dos ídolos que tinha em casa, mas não dos que tinha no coração. Os governantes da terra ainda eram gananciosos e desobedientes, e a cidade de Jerusalém era a fonte de todas as perversidades da terra. Mesmo hoje, falta discernimento a muitos crentes que pensam que todos os “movimentos religiosos” são uma obra genuína do Senhor. Às vezes, a reforma apenas aparente prepara

o caminho para a obra do demônio (Mt 12:43-45).

Podemos dividir a mensagem de Sofonias em três partes: duas tratam do julgamento, e uma, da misericórdia.

I. Deus julgará Judá (1:1—2:3)

Que declaração: “De fato, consumirei todas as coisas sobre a face da terra”! O julgamento está próximo, e nada escapará dele. Nem mesmo as aves, os animais e os peixes serão poupados, e isso afeta em especial os ídolos (“pedra de tropeço”) dos perversos; e, assim, esse julgamento exterminará toda a população da terra. No versículo 4, o Senhor menciona o nome dos pontos problemáticos: Judá e Jerusalém. O quê? O povo de Deus em julgamento? Sim. A cidade do Senhor, o lugar em que está o templo? Sim! Como o Senhor pode destruir seu povo santo e sua cidade santa? Ele faz isso por causa dos pecados dele, em particular o pecado de idolatria (vv. 4-6). Nesses versículos, o profeta descreve três tipos de pecadores: os que abandonam Jeová e adoram apenas ídolos (vv. 4-5a); os que adoram Jeová e os ídolos (v. 5b); e os que abandonam o Senhor abertamente e não querem nada com ele (v. 6). Hoje, vemos essas mesmas atitudes.

Os versículos 7-18 descrevem o julgamento por vir. Ele chama o julgamento de “o Dia do SENHOR”,

expressão utilizada por diversos escritores do Antigo Testamento, especialmente Joel. O “Dia do SENHOR” tem significado duplo: (1) pontual: os julgamentos do Senhor sobre Israel e Judá no passado; (2) profético: o tempo futuro de julgamento em que Deus derramará sua ira (Ap 6—19). Nesse caso, o “Dia do SENHOR” é a invasão babilônia de 606 a.C., bem como a destruição da cidade e do templo em 586 a.C. Sofonias vê essa invasão como um grande “sacrifício”; veja também Apocalipse 19:17-18. O barulho da invasão terá início na porta mais distante da cidade e, depois, irá direto para o topo do monte Sião. Mas esse barulho não é dos soldados estrangeiros em operação; é do Senhor esquadrinhando a cidade com uma lanterna, expondo o pecado e castigando os maus. Os versículos 14-16 usam 11 palavras diferentes para descrever a chegada do dia do Senhor. O rico e o pobre sofrerão, e a prata e o ouro não podem salvar ninguém.

Em 2:1-3, o profeta volta-se para Jerusalém e Judá e roga ao povo que se volte para o Senhor e arrependasse de seus pecados. “Antes que saia o decreto [...] antes que venha sobre ti o furor da ira do SENHOR [...]. Buscai o SENHOR.” Infelizmente, a nação estava satisfeita em ser “religiosa”; ela não se afastara de seus pecados.

II. Deus julgará as nações (2:4—3:7)

O profeta cita várias nações circunvizinhas de Judá e anuncia que Deus também as julgará por seus pecados. Ele iniciou com a Filístia (vv. 4-7) e prediz que os populosos litorais se transformarão em pastagens para os rebanhos. A seguir, ele cita Moabe e Amom (vv. 8-11). Os dois originaram-se do desobediente Ló (Gn 19:33-38). Eles escarneceram do povo do Senhor e “se gabaram”, por isso Deus os humilhará. Ele destruirá as terras desses povos e, assim, ficará provado que seus ídolos não têm poder.

A próxima nação da lista é o Egito (v. 12), e ele promete matar seus jovens na guerra. A Assíria e sua capital, Nínive, serão destruídas tão completamente que a terra delas se tornará um deserto (vv. 13-15). Os animais e as aves selvagens repousarão lá. Seus bonitos prédios serão soterrados pela areia. Naum também profetizou a queda de Nínive e sua destruição total.

Mais uma vez, Sofonias encerra essa mensagem com um apelo ao seu povo (3:1-7). Se o Senhor julga os pecados dos pagãos, com quanto mais rigor julgaria os pecados de Judá, a “nação santa do Senhor”? Ele disse que Jerusalém era “rebelde e manchada” — no entanto, Josias removera todos os ídolos. Deus via o coração de seu povo, e nele havia rebelião. Ele não tinha fé verdadeira

no Senhor. Seus príncipes e juízes eram como animais de tocaia à espera de algo para devorar. Os profetas eram “levianos”. Faltava-lhes seriedade, no pensar e no preocupar-se. Eles também eram “pérfidos”, porque desviavam as pessoas. Os sacerdotes profanavam tudo que tocavam, até o santuário. Dia após dia, eles viam o juízo do Senhor, mas não o levavam a sério. Eles viram o Senhor punir outras nações, mas pensavam: *Isso nunca acontecerá aqui.*

Bem, isso aconteceu lá também. Em 606 a.C., os babilônios destruíram a nação, a cidade e o templo. “O pecado é o opróbrio dos povos” — principalmente do povo de Deus.

III. Deus restaurará seu povo (3:8-20)

Sofonias encerra sua mensagem com uma grande promessa: um dia, o Senhor ajuntará seu povo, punirá as nações gentias e restaurará Israel e Judá em sua terra. Sem dúvida, o versículo 8 prediz a batalha de Armagedom, em que todas as nações se unirão contra Jerusalém nos últimos dias (Ap 19:11-21). Entretanto, Jesus Cristo retornará e julgará essas nações e, a seguir, estabelecerá seu reino. Ele ajuntará os judeus dispersos, os purificará de seus pecados e estabelecerá seu reino justo sentado no trono de Davi, em Jerusalém. Veja Zacarias 12—13.

Você observou a ênfase de Sofonias sobre “os restantes” (2:7,9; 3:13)? Na época dele, havia um remanescente crente, um pequeno grupo de pessoas fiéis ao Senhor, assim como hoje há um remanescente crente. Nos últimos dias, nem todos os judeus seguirão o Senhor, mas o remanescente seguirá.

O que os judeus crentes deviam fazer em relação à mensagem de Sofonias? Uma coisa, esperar (3:8) e deixar Deus realizar seus propósitos. Depois, eles deviam cantar (3:14ss) e regozijar-se na bondade do Senhor. A nação tinha de passar por um período de provação e de teste, mas o Senhor estaria com ela (3:17), e ela não tinha o que temer mesmo em tempo de julgamento. Deus a ama e cuida dela. A seguir, quando sua ira terminar, ele restaurará a nação e se regozijará com ela. Ele agirá contra os que afligiram os judeus (3:19) e trará os judeus de volta à sua terra. Isso aconteceu antes do término dos 70 anos de cativo.

De acordo com o versículo 20, no entanto, haverá um ajuntamento e restauração futuros de Israel, quando este será um louvor para toda a terra. Isso ainda não aconteceu. Hoje, Israel é uma fonte de controvérsia internacional. Todavia, quando Jesus retornar, ele será fonte de alegria e de glória para a terra, e o mundo terá paz.

AGEU

Temos de rever a história dos judeus a fim de entender o trabalho desses três últimos profetas (Ageu, Zacarias e Malaquias). Em 536, Esdras voltou à terra santa com cerca de 50 mil judeus. Eles reconstruíram o altar e recomeçaram a oferecer sacrifícios. Em 535, estava pronta a fundação do templo. Contudo, houve muita oposição, e o trabalho foi interrompido. Apenas em 520, o povo retomou o trabalho, e, em 515, finalmente, o templo foi concluído. A finalização da obra aconteceu graças ao trabalho de quatro homens devotos: Zorobabel, o governador; Jesua, o sumo sacerdote; Ageu e Zacarias, os profetas. Veja Esdras 5:1 e 6:14.

O ministério de Ageu tinha o objetivo de acordar o povo preguiçoso e encorajá-lo a terminar o templo de Deus. Foi fácil iniciar o trabalho quando o povo voltou para a terra santa, porque todos estavam entusiasmados e dedicados. Todavia, após meses de oposição e de dificuldades, o trabalho foi retardado e, por fim, parou. Esse pequeno relato apresenta quatro sermões de Ageu, devidamente datados. Em cada mensagem, Ageu salienta um pecado específico que impede o cumprimento da vontade do Senhor e a finalização da obra dele.

I. Pôr a si mesmo à frente do Senhor (1:1-5)

Em 1º de setembro de 520, Ageu transmitiu essa mensagem. Havia 60 anos que a fundação do templo fora feita, e a obra ainda não havia terminado. Essa mensagem dirigia-se aos dois líderes da nação, Zorobabel e Josué, o governante civil e o líder religioso. Ageu não perde tempo, vai direto ao cerne da mensagem: o povo arruma desculpas e negligencia a casa do Senhor, mas é tempo de voltar ao trabalho e terminar a casa de Deus.

Ele menciona o egoísmo do povo: este construíra suas casas, mas alegava não ter tempo para construir a do Senhor. Em outras palavras, punha a si mesmo à frente do Senhor. Alguns judeus tinham até “casas apaineladas”, o que era um luxo naquela época. Hoje também cometemos o pecado de pôr nosso desejo à frente da vontade do Senhor. Como é fácil arrumar desculpas para não fazer o trabalho que Deus determinou! O tempo está muito ruim para fazer visitas ou ir à igreja; todavia, não está ruim demais para uma viagem de caça ou para fazer compras. As pessoas sentam para assistir a uma rodada dupla de jogo de futebol e não reclamam; no entanto, começam a se remexer se o culto dura cinco minutos a mais que o previsto.

Ageu adverte-nos de que realmente nos perdemos se pomos a nós

mesmos à frente do Senhor. Em 1:6, ele afirma que nossos ganhos se desvanecem e nossas posses não duram quando deixamos Deus fora de nossa vida. O Senhor retém a chuva (v. 10), e, por isso, a estação de safra fracassa (v. 11). Afinal, os judeus conheciam a promessa do Senhor de que abençoaria a terra deles se o honrassem (veja Dt 28), porém eles não creram na Palavra dele e perderam a bênção. Mateus 6:33 e Filipenses 4:19 apresentam promessas magníficas que devemos reivindicar.

Os líderes receberam a mensagem com convicção verdadeira (vv. 12-15) e sentiram-se incitados a fazer a vontade do Senhor. O Senhor prometeu: “Eu sou convosco” e serei glorificado. Observe que todo o empreendimento era uma aventura espiritual, não apenas uma obra da carne. O povo de Deus levantou-se e pôs o Senhor em primeiro lugar em sua vida.

II. Olhar para trás, em vez de olhar adiante (2:1-9)

Em 21 de outubro, o último dia da Festa dos Tabernáculos (Lv 23:34), o povo já trabalhava havia, mais ou menos, sete semanas, quando Ageu fez seu segundo sermão. Esse deveria ser um dia de muita alegria e louvor, no entanto foi um dia de desencorajamento e murmuração. Por quê? Porque o povo olhava para trás, em vez de olhar adiante. Dezesseis

anos antes, quando lançaram a fundação do templo, um velho chorou porque se lembrou do templo de Salomão (Ed 3:12), e agora algumas pessoas sentiam-se desanimadas porque o templo novo não tinha o mesmo esplendor e glória.

Claro, a condição do povo era conseqüência de seus pecados, mas isso ainda não era motivo para olhar para trás. No trabalho de Deus, devemos, pela fé, olhar adiante. O Senhor disse aos líderes desencorajados: “Sê forte [...] não temais. Farei abalar o céu, a terra [...] e encherei de glória esta casa”. Veja Hebreus 12:26-29. Deus promete que a glória da última casa (o templo do reino do milênio) superará em muito a glória da casa antiga (o templo de Salomão). “E, neste lugar, darei a paz.” O melhor ainda está por vir.

III. Fracassar em confessar os pecados (2:10-19)

As pessoas esperavam bênçãos materiais no mesmo dia em que começaram a trabalhar no templo, contudo já era 24 de dezembro, e as coisas continuavam difíceis. Ageu explica por que o Senhor ainda não as abençoou: elas ainda estão imundas, não confessaram seus pecados. O profeta explicou: você não pode dar a alguém sua santidade e saúde, mas pode dar sua imundícia e doença. Como o povo estava imundo, a obra dele era imunda (v. 14). Leia

Zacarias 3 em relação a essa mensagem. Zacarias pregou sua mensagem no oitavo mês do mesmo ano (Zc 1:1), apenas um mês antes de Ageu 2:10-19. Deus podia lavar os pecados do povo apenas se ele se arrependesse.

Deus promete abençoar a nação quando ela estiver purificada (v. 10). Não basta apenas fazermos o trabalho de Deus; é necessário que o façamos com mãos limpas e coração puro. Um dos maiores obstáculos na realização do trabalho do Senhor é o pecado não confessado.

IV. Ser descrente (2:20-23)

Essa mensagem final foi transmitida no mesmo dia da terceira mensagem e dirigia-se ao governador. Sem dúvida, Zorobabel precisou de um encorajamento especial quando dirigiu o trabalho do Senhor. Satanás sempre ataca os líderes espirituais, e temos a obrigação de orar por eles e de trabalhar com eles. Talvez Zorobabel visse os grandes impérios inimigos à volta deles e temesse pelo futuro desse pequeno remanescente de judeus. As circunstâncias encontram um jeito de nos desanimar quando temos de fazer o trabalho do Senhor.

Todavia, Deus encorajou a fé do governador. A descrença sempre nos rouba as bênçãos do Senhor. O Senhor afirmou: "Farei abalar o céu

e a terra; derribarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações [...]. Ó Zorobabel [...] te farei como um anel de selar, porque te escolhi". Como essa mensagem deve ter encorajado o governador e fortalecido sua fé!

Zorobabel era ancestral de Jesus Cristo. Seu nome consta das genealogias de nosso Salvador no NT (veja Mt 1:12 e Lc 3:27). No Antigo Testamento, Zorobabel é um tipo, ou retrato, de Cristo. Essa passagem mostra Cristo como o anel escolhido, seu selo precioso. O anel fala de autoridade e honra. Deus deu autoridade a Zorobabel para terminar o templo; o Senhor deu também autoridade a seu Filho para salvar o perdido e construir seu templo, a igreja (Jo 17:1-3).

Que trabalho Deus o chamou para fazer antes do retorno de Cristo? Você já o iniciou, mas ainda não o concluiu? Você sente-se desencorajado? Então, atente para estes pecados que retardam o trabalho do Senhor: pôr a si mesmo à frente do Senhor; olhar para trás, em vez de olhar para adiante; esconder os pecados e ser descrente. Mas observe a promessa magnífica que Deus nos faz: "Eu sou convosco" (1:13); "Não temais" (2:5); "... vos abençoarei" (2:19); "... te escolhi" (2:23). Reivindique a promessa de Filipenses 1:6, levante-se e faça o serviço do Senhor!

ZACARIAS

Esboço

Introdução: Um chamado ao arrependimento — 1:1-6
(novembro de 520 a.C.)

- I. Oito visões de encorajamento (1:7—6:15) (24 de fevereiro de 520)
 - A. O cavaleiro (1:7-17) — Deus não esqueceu Jerusalém
 - B. Os artesãos (1:18-21) — Deus destruirá os inimigos da nação
 - C. O agrimensor (2:1-13) — Jerusalém será restaurada
 - D. Josué, o sumo sacerdote (3:1-10) — a nação purificada
 - E. O candelabro (4:1-14) — o poder de Deus capacita-os
 - F. O rolo voante (5:1-4) — o pecado da terra será julgado
 - G. A mulher (5:5-11) — a perversidade levada à Babilônia
 - H. Os carros de guerra (6:1-8) — Deus controla as nações

A coroação do Sacerdote-Rei (6:9-15) — o ponto culminante do plano de Deus é a coroação de Jesus Cristo como Sacerdote-Rei. Israel nunca teve um sacerdote-rei, apenas reis e sacerdotes. Essa só pode ser uma imagem de Jesus Cristo.

Interlúdio: perguntas a respeito dos jejuns (7—8)
(4 de dezembro de 518)

- II. Duas sentenças de esclarecimento (9—14)
 - A. A primeira sentença (9—11)
 - 1. A conquista de Alexandre, o Grande (9:1-8)
A vinda do Messias (9:9)
 - 2. As vitórias dos macabeus (9:11-17)
A vinda do Messias (10)
 - 3. A conquista de Roma (11:1-9)
A vinda do Messias (11:10-14)
A vinda do anticristo (11:15-17)
 - B. A segunda sentença (12—14)
 - 1. A tribulação de Israel (12:1-9)
O retorno de Cristo (12:10—13:9)
 - 2. A batalha de Armagedom (14:1-3)
O retorno de Cristo (14:4-7)
 - 3. O estabelecimento do reino (14:8-21)

NOTAS INTRODUTÓRIAS

I. Autor

Zacarias ministrou com Ageu durante aquele período difícil em que os 50 mil judeus retornaram à Palestina a fim de restabelecer a cidade e a adoração no templo. Em 536 a.C., o remanescente voltou e, em 535, preparou a fundação do templo, mas houve oposição, e a obra foi interrompida. Em 520, o Senhor levantou Ageu e Zacarias para animar os líderes e o povo, e, em 525, eles terminaram a obra. Zacarias era sacerdote e profeta (veja Ne 12:4,16) e, de acordo com a passagem 2:4 do seu relato, era jovem. O nome dele significa "Jeová se lembra". O nome do pai dele significa "Jeová abençoa", e o de seu avô, "no tempo dele". Juntando o nome dos três, temos: "Jeová lembra de abençoar no tempo dele".

II. Tema

Esse livro alinha-se ao lado do de Daniel como uma revelação do Antigo Testamento do plano de Deus para os judeus. Zacarias menciona a cidade de Jerusalém mais de 40

vezes. Zacarias 1:14-17 apresenta os versículos-chave do livro: Deus é zeloso com Jerusalém, ele pune as nações pagãs pelo que fizer com sua cidade e, um dia, restaurará a cidade em glória e paz. O livro menciona diversas vezes o fato do Senhor, em sua graça, ter escolhido Jerusalém (1:17; 2:12; 3:2). Ele tem misericórdia pela cidade (1:12) e, um dia, habitará nela (8:3,8).

III. Interpretação

Como na maioria dos profetas do Antigo Testamento, temos de distinguir, em tudo que Zacarias escreve, entre o sentido próximo e o distante. Em um versículo, ele descreve a tomada de Jerusalém pelos romanos e, no seguinte, retrata a vinda do Messias para reinar na terra. O nome de Deus que Zacarias mais usa é Senhor dos Exércitos. Ele vê a vinda do Senhor para derrotar os inimigos de Israel e assentar Jerusalém em glória e paz. Interpretar essas profecias magníficas como relacionadas à igreja de hoje rouba o poder e a importância do livro. Sem dúvida, há aplicações espirituais para todas as eras; contudo, a interpretação fundamental tem de ser focada na nação judaica e em Jerusalém.

IV. O livro

Como vemos no esboço sugerido, o livro divide-se em três partes. Nos capítulos 1 a 6, o profeta descre-

ve oito visões, as quais resumem a mensagem do livro: Jerusalém será libertada, purificada e restabelecida em paz e prosperidade. Sem dúvida, as seções finais que apresentam a coroação de Josué como sacerdote-rei são um retrato de Jesus Cristo.

Os capítulos 7-8 são o registro da visita de alguns judeus que perguntam a respeito do jejum em memória à queda de Jerusalém. Esse jejum acontecia no quinto mês (2 Rs 25:8; Jr 52:12). Faz-se uma pergunta: se Jerusalém será reconstruída, por que continuar com o jejum? Zacarias responde que o jejum deve vir do coração, não do calendário, e promete que, na cidade glorificada, o jejum será de celebração.

A seção final (9—14) descreve a vitória de Jerusalém e do Senhor sobre as nações gentias. Os capítulos 9—11 apresentam o primeiro

“fardo”, e 12—14, o segundo. Como vemos no esboço, Zacarias trata da invasão de Alexandre, o Grande, na época dos macabeus (judeus patrióticos que libertaram Israel da servidão por um curto espaço de tempo), até a tomada de Jerusalém pelos romanos. Zacarias também pula para os “últimos dias” a fim de mostrar-nos a batalha de Armagedom, o retorno de Cristo à terra e o estabelecimento do reino.

IV. Cristo

Em muitos aspectos de seu ministério, Zacarias apresenta Jesus Cristo: o Rei (9:9; Mt 21:4-5); a pedra (3:9; 10:4; Rm 9:31-33); o escravo vendido por 30 moedas de prata (11:12; Mt 27:3-10); o pastor ferido (13:7; Mt 26:31); o Renovo (3:8; 6:12; veja Is 4:2; 11:1; Jr 23:5; 33:15); o Governante glorioso (14:1-4,9,16-17).

ZACARIAS

Hoje, a cidade de Jerusalém aparece com frequência nos noticiários, e as pessoas perguntam: “Qual é o futuro da cidade santa? Os judeus conseguem manter Jerusalém? Ela será atacada de novo?”. O relato de Zacarias fornece a resposta a essas perguntas e a muitas outras. Esse relato menciona 42 vezes a cidade de Jerusalém. Em 1:12-17, Deus deixa claro que está no controle do destino da cidade: “Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada [...]. O SENHOR ainda consolará a Sião e ainda escolherá a Jerusalém”.

Na época em que Zacarias profetizou, Jerusalém ainda estava em ruínas. Em 586, os babilônios destruíram a cidade e levaram o povo em cativeiro para a Babilônia. Em 536, após a queda da Babilônia, Ciro permitiu que o remanescente de judeus retornasse à sua terra, e, em 535, os judeus que retornaram fizeram a fundação do templo. Todavia, a obra foi suspensa, e apenas em 520 os judeus reiniciaram a construção da casa do Senhor. Isso aconteceu durante o ministério de Ageu e Zacarias. No entanto, Zacarias não viu uma nação fraca em uma cidade arruinada; ele olhou através dos séculos e viu o futuro da cidade e a vinda do Rei de Jerusalém,

o Messias. Ele sabia que o templo seria reconstruído (1:16; 4:9; 6:12-14; 8:9). Investigue em Zacarias os grandes eventos relacionados com a cidade de Jerusalém.

I. Protegida pelo Senhor (9:8)

Em 9:1-8, o profeta descreve a conquista de Alexandre, o Grande, general grego. A história relata que Alexandre destruiu muitas cidades, mas não Jerusalém. Ele ameaçou a cidade, mas nunca cumpriu suas ameaças. Antes da chegada do general, o sumo sacerdote judeu teve um sonho que sentiu ser enviado por Deus, e no sonho foi-lhe dito que vestisse seu manto e se encontrasse com Alexandre do lado de fora da porta da cidade. Os sacerdotes, em seus mantos brancos, acompanharam-no nesse encontro. A cena fascinou Alexandre. Na verdade, ele disse que também sonhara com a mesma cena. Alexandre entrou em Jerusalém de forma pacífica e não feriu o povo nem a cidade.

II. Visitada pelo Messias (9:9)

Talvez Zacarias, na visita de Alexandre, tenha tido um pequeno vislumbre da vinda de Jesus Cristo para a cidade santa, porque, no versículo seguinte (9:9), ele prediz a chegada de Cristo a Jerusalém. Essa visão cumpriu-se no “Domingo de Ramos”, quando Jesus entra na cidade montado em um jumentinho

(Mt 21:4-5; Jo 12:12-16). Alexandre veio para a guerra; Jesus veio em paz. Como eles o trataram? Zacarias 13:7 relata que ele é preso (Mt 26:31) e ferido. Ele é vendido pelo preço de um escravo (Zc 11:12; Mt 27:3-10). O resultado disso: ele foi ferido na casa dos amigos (Zc 13:6) e traspassado na cruz (Zc 12:10). Que tragédia a “cidade de paz” rejeitar o “Príncipe da Paz” e crucificá-lo.

III. Destruída por Roma (11:1-14)

A seção inteira é um retrato vívido dos últimos dias de Jerusalém e sua destruição pelo exército romano, anunciada com 600 anos de antecedência. Zacarias vê a cidade destruída, ele ouve o uivo do povo. O que causou essa tragédia? A infidelidade dos governantes (pastores). Os líderes religiosos da nação rejeitam a verdade e permitem que seu Messias seja crucificado. “[Eles eram] o seu povo e rebanho do seu pastoreio” (Sl 100.3), mas agora eram “ovelhas destinadas para a matança” (vv. 4, 7), mortas por Roma. No versículo 7, Zacarias, quando menciona as “duas varas” de pastor (Sl 23:4), uma chamada *Graça* (bordão) e outra, *União* (cajado), retrata o Messias. O dia de graça do Senhor está prestes a terminar para Israel quando este vende seu Messias (v. 12). Ele não está mais unido ao Senhor. A nação terá de ser quebrada. Em 70 d.C., Roma inva-

diu Israel e destruiu Jerusalém. Veja Mateus 23:37-39.

IV. Protegida pelo anticristo (11:15-17)

O rebanho de Israel rejeitou seu verdadeiro Pastor e feriu-o (13:7, todavia ele aceita o pastor falso, o “ídolo pastor” — o anticristo. Em João 5:43, Jesus predisse isso. Daniel 9:27 relata que, depois do arrebatamento da igreja, o líder da Federação Européia (os dez reinos de Dn 7:7-8) fará uma aliança com os judeus em que se compromete a protegê-los por sete anos. Jerusalém terá três anos e meio de paz, uma falsa paz que é o prelúdio dos três anos e meio da grande tribulação. Durante esses três anos e meio iniciais, as duas testemunhas (Apocalipse 11:1ss), transmitirão a mensagem de Deus. Apocalipse 11:4 relaciona as testemunhas com as duas oliveiras de Zacarias 4. Na época de Zacarias, as duas oliveiras representavam Josué, o sumo sacerdote, e Zorobabel, o governador, por intermédio de quem o Espírito estava operando. Contudo, a aplicação final é para as duas testemunhas dos últimos dias.

V. Atacada pelos gentios (12:1-8; 14:1-3)

Jerusalém passou por muitos ataques e destruições, mas ainda falta uma. No período da tribulação (os últimos três anos e meio), apenas um terço

da nação sobreviverá para entrar no reino (Zc 13:8-9). Em Zacarias 12—14, observe que o profeta utiliza, pelo menos, 13 vezes a expressão “Naquele dia”, referindo-se ao “Dia do SENHOR”. As passagens 12:1-8 e 14:1-2 relatam que todas as nações gentias unem-se contra Jerusalém. O anticristo quebra sua aliança com os judeus, entra em Jerusalém e faz do templo seu quartel-general para o culto de adoração mundial. Veja 2 Tessalonicenses 2 e Apocalipse 13. Durante a última metade do período da tribulação, os reis de todas as nações da terra começarão a se reunir para a batalha de Armagedom (Ap 16:12-16; 19:19;21). Em Zacarias 14:1-2, observe que Jerusalém sofre terrivelmente nessa batalha, antes que o Senhor retorne para libertá-la. Alguns professores referem-se a essa batalha como a de Gogue e Magogue (Ez 38—39), mas isso não parece ter consistência. A de Gogue e Magogue é no meio da tribulação. Essa batalha de Zacarias 14, como a de Armagedom, envolve todas as nações gentias. Além disso, Cristo não retorna depois da batalha de Gogue e Magogue para libertar Jerusalém, como faz aqui em Zacarias 14:4ss.

VI. Libertada por Jesus Cristo (12:9—14:11)

Jesus retornará no monte das Oliveiras (14:4) exatamente quando a

batalha estiver mais acirrada. Isso cumprirá a promessa de Atos 1:11-12. A glória partirá do monte das Oliveiras (Ez 11:22-23) e voltará de lá (Ez 43:2). Um terremoto modificará a topografia da região. Veja Miquéias 1:4; Naum 1:5 e observe Apocalipse 16:18-19. Sem dúvida, essa mudança topográfica torna possível o cenário necessário para o magnífico templo de Ezequiel (Ez 40—48), já que a topografia atual não permitiria uma estrutura tão grande. O vale recém-formado também servirá como caminho de fuga para o povo de Jerusalém, mas a vitória final será de Cristo (Ap 19:11-21).

VII. Purificada e glorificada pelo Senhor (12:10—13:1; 14:9-21)

A nação levantará os olhos para o Traspassado (12:10; Jo 19:37; Ap 1:7), e se arrependerá de seus pecados, e pranteará. Deus abrirá sua graciosa fonte e lavará os pecados do seu povo. Observe os grupos de pessoas específicos que se arrependerão (12:12-14): Davi (realeza), Natã (os profetas) e Levi (os sacerdotes). Ao longo da história de Israel, foram os profetas, os sacerdotes e os reis que, com freqüência, desviaram o povo.

O Renovo (6:12-13) estabelecerá o templo glorioso, e Cristo, o Rei-Sacerdote, reinará em majestade e paz. Pela primeira vez na história, “Jerusalém habitará segura” (14:11). A água

viva gloriosa fluirá para curar a terra (14:8 e Ez 47:1ss). As nações gentias adorarão em Jerusalém (14:16ss), e a santidade caracterizará a cidade que Sofonias 3:1 chama de “manchada”. A purificação de Zacarias 3 será uma realidade e haverá paz no mundo. “Orai pela paz de Jerusalém!” (Sl 122:6). Pois quando Jerusalém tiver paz, haverá paz entre todas as nações.

MALAQUIAS

Sabemos muito pouco a respeito desse penúltimo profeta do Antigo Testamento (João Batista foi o último — Mt 3:1 e 4:5-6 paralelo a Mt 11:10-15; Mc 1:2 e Lc 1:17). Ele ministrou para a nação judaica restaurada cerca de 400 anos antes de Cristo. Neemias 13:10-30 apresenta os pecados que encontramos nesse relato. Malaquias dirige sua primeira mensagem aos sacerdotes e, a seguir, volta-se para o povo como um todo — “como é o povo, assim é o sacerdote” (Os 4.9). Quando o profeta prega a Palavra de Deus, o povo responde com argumentação. Observe a repetição da expressão “Em que...?” (1:2,6-7; 2:17; 3:7-8,13). É perigoso quando as pessoas tentam argumentar com o Senhor e defender seus caminhos pecaminosos.

Malaquias destaca os pecados terríveis do povo e dos sacerdotes.

I. Eles duvidam do amor do Senhor (1:1-5)

O Senhor disse a seu povo: “Eu vos tenho amado”. Ele responde: “Em que nos tens amado?”, e pede provas disso. Duvidar do amor do Senhor é o início da descrença e da desobediência. Eva duvidou do amor do Senhor e comeu o fruto da árvore proibida; ela achava que Deus lhe recusava algo. Satanás quer que

nos sintamos negligenciados pelo Senhor. Ele diz ao remanescente judeu: “Veja a situação difícil de vocês. Onde estão as safras? Por que Deus não cuida de vocês?”.

O Senhor prova seu amor por seu povo de duas formas: (1) ele graciosamente escolheu Jacó para ser pai dele e rejeitou Esaú, que, de muitas formas, era um homem muito melhor que Jacó; e (2) ele julgou os edomitas (descendentes de Esaú) e deu a Israel a terra melhor. Ele prometeu a Israel uma terra que “mana leite e mel”; no entanto, infelizmente, o pecado dele sujou a terra. Mesmo assim, Deus graciosamente restaurou a terra para o seu povo e livrou-o do cativeiro.

II. Eles desprezaram no nome do Senhor (1:6-14)

Agora, Deus volta-se para os sacerdotes, que deveriam ser os líderes espirituais da terra. Os sacerdotes não honram o nome do Senhor; eles pegam a melhor parte das ofertas para si mesmos. Não valorizam os privilégios espirituais que o Senhor lhes deu: servir no altar, queimar o incenso e comer os pães da proposição. E eles não trazem o melhor que têm para o sacrifício: trazem animais com defeitos (cf. Dt 15:21). Deus dá-lhes o melhor que tem e, em troca, pede o melhor deles, porém eles não lhe obedecem.

No versículo 10, o Senhor afirma: “Tomara houvesse entre vós quem feche as portas, para que não acendêsseis, de balde, o fogo do meu altar. Eu não tenho prazer em vós. [...] nem aceitarei da vossa mão a oferta”. Deus prefere ter o templo fechado a ver o povo e os sacerdotes “brincando com a religião” e guardando o melhor para eles mesmos. Os sacerdotes nem mesmo aceitavam um sacrifício sem antes pegar a parte deles. Na época de Eli, foi esse tipo de pecado que trouxe derrota para Israel (1 Sm 2:12-17 e 4:1-18). O versículo 11 afirma que as nações gentias oferecem sacrifícios melhores ao Senhor que seu próprio povo. É muito ruim quando pessoas não-salvas sacrificam mais por sua religião que aqueles que realmente conhecem o Senhor.

Somos sacerdotes por intermédio de Cristo e devemos oferecer “sacrifícios espirituais” a ele (1 Pe 2:5). Que sacrifícios são esses? Nosso corpo (Rm 12:1-2); nossos donativos (Fp 4:14-18); nosso louvor (Hb 13:15); a prática do bem (Hb 13:16); as almas que ganhamos para Cristo (Rm 15:16). Temos trazido nosso melhor para ele ou apenas o que nos é conveniente?

III. Eles violaram a aliança dele (2:1-17)

Não era fácil ser sacerdote, pois isso era uma dádiva graciosa do Senhor

concedida por meio da aliança com Levi. Os versículos 5-7 descrevem o sacerdote ideal: que teme ao Senhor e lhe obedece, que recebe a Palavra e a ensina; que vive o que ensina; que afasta os outros do pecado. No entanto, os sacerdotes da época de Malaquias, na verdade, faziam as pessoas tropeçarem (2:8) e violavam a santa aliança.

O que Deus faria com eles? “Amaldiçoarei as vossas bênçãos.” Isso se liga a 3:9 e à falta de dízimos e de ofertas. Deus amaldiçoou as colheitas. O povo estava pobre, não trazia ofertas para os sacerdotes, e, por isso, os sacerdotes passavam fome. Eles feriram a si mesmos ao violarem a aliança com o Senhor. No entanto, os versículos 10-16 apontam outro pecado terrível que os sacerdotes cometeram: eles divorciaram-se de suas esposas judias e casaram-se com mulheres pagãs. Foram desleais com a esposa e com a família deles; veja Êxodo 34:10-17; Esdras 9:1-4; Neemias 13:23-31. Todo o choro deles diante do altar (2:13) não podia mudar as coisas; eles tinham de se afastar dos pecados. Leia o versículo 15 desta forma: “O Senhor não fez a esposa e o marido para serem um só? Por quê? Para que você gere uma família devota”. Na verdade, a frouxidão das nações em relação ao divórcio põe em risco a promessa da Semente, Cristo. Deus odeia o divórcio,

pois ele é a quebra da aliança entre marido e esposa, e entre eles e o Senhor.

IV. Eles desobedeceram à sua Palavra (3:1-15)

Em 2:17, o povo fala com zombaria: “Em que o enfadamos? Nisto, que pensais: Qualquer que faz o mal passa por bom aos olhos do SENHOR, e desses é que ele se agrada”. Deus responde-lhe ao prometer que enviará seu mensageiro (João Batista), aquele que anunciará o Anjo da Aliança (Jesus Cristo). Jesus vai ao templo, expõe os pecados e purifica os pátios. Em seu ministério, ele revelou os pecados dos líderes religiosos, tanto que eles, por fim, o crucificaram. Há uma aplicação futura aqui, quando o Dia do Senhor purifica Israel e separa os verdadeiros dos falsos. Por que o Senhor não se desfaz apenas desse povo rebelde? O versículo 6 responde: ele não muda e tem de ser fiel à sua promessa (Lm 3:22).

O povo desobedeceu ao Senhor ao roubar seus dízimos e ofertas. Na verdade, quando o povo de Deus não é fiel em seu doar, não apenas rouba ao Senhor, mas também a si mesmo. O Senhor adiou a chuva e estragou a colheita por causa do egoísmo deles. É claro que dar o dízimo não é “barganhar” com o Senhor; todavia, Deus promete abençoar e cuidar dos que são fiéis

em seu serviço cristão (Fp 4:10-19). Sem dúvida, o Senhor não é destituído; ele quer nosso dízimo e ofertas como uma expressão de nossa fé e amor. Quando o amor do crente por Cristo esfria, em geral nota-se isso na área do servir cristão. Se todo membro da igreja desse ao Senhor o que lhe é devido (10% de sua renda, o dízimo) e, a isso, acrescentasse as ofertas (como uma expressão de gratidão), nossas igrejas locais teriam mais que o suficiente para seus ministros. E eles poderiam compartilhar generosamente com todos os outros ministros bons que merecem receber ajuda.

Malaquias encerra sua mensagem com algumas promessas magníficas ao fiel (3:16—4:6). Naquela época, havia um remanescente fiel que não se afastou da casa do Senhor e se reunia a fim de se abençoar mutuamente (3:16-18; veja Hb 10:25). O Senhor afirmou: “Eles serão para mim particular tesouro”. Que bela imagem do crente fiel! Para ele, nós somos preciosos. Ele comprou-nos com seu sangue. Ele está nos polindo com provações e testes, e, um dia, em glória, brilharemos com beleza e esplendor.

Cristo é retratado como o “sol da justiça”. Para a igreja, ele é a “brilhante Estrela da manhã” (Ap 22:16; 2:28), pois aparecerá no momento em que as trevas estarão mais densas a fim de arrebatá-

a igreja e levá-la para casa. Todavia, para Israel, ele é o sol trazendo o Dia do Senhor, o dia que trará fogo para o perdido, mas cura para os judeus e os gentios salvos. Em 4:5-6, "Elias" refere-se a João Batista (Mt 17:10-13; Mc 9:11-13), mas também é uma referência às duas

testemunhas citadas em Apocalipse 11. A última palavra do Antigo Testamento, na língua portuguesa, é "maldição". Contudo, no último capítulo do Novo Testamento lemos: "Nunca mais haverá qualquer maldição" (Ap 22:3). Qual a diferença? Jesus.



Geográfica
editora

ISBN 978-85-89966-63-5



9 788589 956635